

DANIEL MASTRAL
ISABELA MASTRAL

SÉRIE
FILHO DE FOGO
VOLUME III

GUERREIROS
DA LUZ



DANIEL MASTRAL
ISABELA MASTRAL

SÉRIE
FILHO DO FOGO

VOLUME III

GUERREIROS
DA LUZ



SÃO PAULO, 2018

Série Filho do Fogo – Volume III – Guerreiros da Luz
Copyright © 2018 by Daniel Mastral e Isabela Mastral
Copyright © 2018 by Editora Ágape Ltda.

CAPA: Augusto Camargo
DIAGRAMAÇÃO: Equipe Ágape
REVISÃO: Julio Talhari

EDITORIAL

Jacob Paes • João Paulo Putini • Nair Ferraz • Rebeca Lacerda • Renata de Mello do Vale • Vitor Donofrio

DESENVOLVIMENTO DE EBOOK

Loope – design e publicações digitais | www.loope.com.br

Texto de acordo com as normas do Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa (1990), em vigor desde 1º de janeiro de 2009.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Mastral, Daniel
Guerreiros da Luz / Daniel Mastral, Isabela Mastral. -- Barueri, SP
Ágape, 2018. (Série Filho do Fogo – Volume 3)

ISBN: 978-85-8216-212-5

1. Ficção religiosa Ficção 3. Literatura brasileira I. Título II. Mastral, Isabela

18-0453 CDD-B869.3

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção religiosa: Literatura brasileira B869.3



EDITORA ÁGAPE LTDA.

Alameda Araguaia, 2190 – Bloco A – 11º andar – Conjunto 1112

CEP 06455-000 – Alphaville Industrial, Barueri – SP – Brasil

Tel.: (11) 3699-7107 | Fax: (11) 3699-7323

www.editoraagape.com.br | atendimento@agape.com.br

Para M.

Esta é uma história baseada em fatos reais.

Nomes de: pessoas, empresas, escolas e cidades foram modificadas.

O autor assina suas obras como Eduardo Daniel Mastral ou Daniel Mastral.
Assim como a grafia do nome do personagem poderá sofrer variações entre o nome Eduardo e Daniel.

PRÓLOGO (EDUARDO)

Houve um tempo na minha vida em que estive sentado diante de uma mesa farta, um verdadeiro banquete! O deleite já começava pelos olhos... o que eles contemplavam era algo lindo: uma mesa magnificamente adornada, taças de cristal com bordas e bases de ouro, bandejas de prata, louças das mais finas, arranjos florais belíssimos! Ao estender as mãos sentia na pele a maciez da toalha de seda.

Logo o jantar estaria servido, um sublime aroma subia pelos ares invadindo minhas narinas. Soberbo! O aroma prenunciava o restante... era difícil conter a expectativa, a vontade quase incontrolável de saborear o quanto antes aquelas iguarias exóticas, bem preparadas, de sabor certamente tão inigualável quanto o seu cheiro!

A única coisa capaz de conter a ansiedade era reclinar-me nas confortáveis poltronas que circundavam a grande mesa, revestidas de veludo vermelho. E escutar... ao fundo... uma melodia agradável... suave... que me fazia experimentar uma tranquilidade na alma, uma sensação de acolhimento, e me punha viajando nos seus acordes diferentes, inumanos.

Enfim, o jantar!

Quando provei a primeira iguaria senti um sabor nunca antes experimentado!... Eu gostaria de continuar vivendo apenas para estar ali, naquele lugar, provando daquelas coisas.

Porém... muito tempo depois... soube que aquele banquete estava envenenado... nada visível aos olhos, muito menos detectável por qualquer sentido humano. Mas lentamente me matava, com veneno letal, fazendo-me sofrer cada dia mais... vagorosamente roubava a vida... sugava-a inexoravelmente... e com *muita* dor. Tudo aquilo pelo que vivi não me trouxe vida, mas morte.

Isso é o que o inimigo das nossas almas faz. Engana nossos sentidos. Nos faz crer que desfrutamos o melhor... quando na verdade estamos sendo contaminados por um veneno malévolo que nos levará à Morte Eterna.

Quando saí da Irmandade, e as perseguições iniciais cessaram, acreditei que eles haviam desistido. Mas, depois, numa análise mais cautelosa, imaginei que, por algum motivo, eles *realmente* tinham acreditado na minha morte. Ou porque Deus me encobriu... ou porque os demônios mentiram lá dentro... não saberia dizer. Fato é que nunca tinha visto, ou ouvido falar, de pessoas que tivessem conseguido escapar daquele Inferno e sobreviveram!

Não há perdão. O preço da traição é a morte!

Imaginei se, porventura, não haveria outros assim como eu... que escaparam também... e de alguma forma as Entidades foram enganadas, e foram levadas a acreditar que seus desertores estavam aniquilados!

Nada disso importava. Não naquele momento. O que importava então era apenas uma coisa, que eu era um *sobrevivente*! Deus estava me guardando!

Nunca mais consegui falar com o Pastor Brintti, ou saber dele, até então o outro “único sobrevivente” que eu conhecia. O único que não caíra diante dos Encantamentos da Irmandade!

Ele sumiu... mas isso é outra história.

Passei a frequentar uma Igreja próxima de minha casa, em Perdizes. Era excelente para mim! Tinha vários amigos, a Palavra era boa, havia muito convívio entre nós! Me sentia como que fazendo parte de uma nova família!

E o que era melhor: ali nunca falavam do diabo! Era como se ele nem existisse! Afinal, a Bíblia fala de tantas outras coisas, por que falar *justo* do diabo? Eu gostava daquilo! Me fez achar, ao meu modo, que ali era um lugar seguro para mim! Uma Igreja que nunca, *jámais*, a Irmandade pensaria em infiltrar. Consequentemente... nunca me encontrariam novamente!

A Igreja era, sem dúvida, um apoio e um refúgio para mim. Comecei a conhecer cada vez mais Aquele que me resgatou do Inferno na Terra, Jesus Cristo!

E me senti protegido.

Mesmo assim... nunca saía sem meu 38 preso à cintura. Era minha “segurança extra”.

Fui levando minha vida como qualquer outro, mas ainda com muitas sequelas das contaminações a que fui submetido... tinha ocasionalmente pesadelos horríveis... certas noites e datas, quando eu sabia o que eles estariam fazendo... me apavorava só de pensar... às vezes era invadido por uma forte angústia...

Nesse sentido estava só, terrivelmente só!

Decidi nunca contar para ninguém o que tinha visto e vivido. Levaria aquele segredo para o túmulo comigo... se eu não falasse nada... não me localizariam... e

poderia viver minha vida em paz. Finalmente em paz!

Meu pai faleceu... no mês nove... e em meio a esse turbilhão... a certeza de que eu seria o próximo! Mas então conheci uma mulher! Uma mulher que Deus estava mandando para ficar ao meu lado!

Pela primeira vez, nem sei explicar o porquê, decidi confiar a alguém minha história. Talvez me pesasse demais e eu nem tivesse me dado conta; ou talvez tivesse simplesmente chegado a hora. Ao menos alguém mais iria saber... eu não seria mais o único! Aquela solidão terminaria.

Desabafei... chorei... contei minha história a ela, a Isabela! A história de um ex-Filho do Fogo!

Essa mulher futuramente tornar-se-ia minha Auxiliadora, minha companheira, uma guerreira ao meu lado.

Mas, então, um dia... fui localizado! Não sei como... mas eles deixaram bem claro que haviam me achado. Fiquei apavorado! Senti muito medo, sabia exatamente qual era o destino dos traidores... teria uma morte horrível e lenta... em breve viriam me buscar... tinha pouco tempo... diante deles meu revólver seria tão letal quanto uma arma de brinquedo... aquilo de nada valeria para me defender! E, mesmo que valesse... eles não têm medo de morrer pela “causa”.

Nada poderia me livrar do meu terrível destino...

Deus... Deus meu, *ajude-me!* Mas naquele momento parecia que o céu era de bronze... não conseguia crer que Deus pudesse me ouvir!

Essa é a história que conta não apenas como Ele me ouviu, mas agiu...!

Isabela foi a primeira pessoa que foi colocada ao meu lado. E como tudo tem que começar por algum lugar... é muito importante apresentá-la a vocês! Para que entendam o propósito de Deus em nos aproximar.

Gostaria que ela mesma fizesse isso.

Leiam com atenção essas linhas, pois a história dessa vida foi escrita por Deus!

INTRODUÇÃO (ISABELA)

Meu nome é Isabela.
Ou melhor, Isabela é o nome pelo qual vocês irão me conhecer porque, da mesma maneira que todos os demais, esse também é fictício. Antes de falar sobre mim mesma, começando pelo começo, quero que todos tenham um pequeno vislumbre dos estranhos dias que estamos vivendo como parte do nosso aprendizado, como consequência do destino que nos foi proposto.

Não foi fácil, certamente que não foi... quando conheci Eduardo jamais poderia supor a trajetória que deveria ser percorrida.

Hoje, no entanto... não escolheria outro caminho. Porque este, embora muito árduo, nos revelou o Senhor dos Exércitos.

* * *

Eu estava ali parada, pensando. Com a cabeça apoiada nos braços olhava para a lua que estava quase cheia e aparecia bem à minha frente no céu repleto de nuvens escuras. Em pouco mais de uma semana, Eduardo e eu completariíamos nosso primeiro aniversário de casamento.

Parecia até um milagre termos conseguido concretizar – enfim – aquele nosso sonho.

Realmente, uma parte dele tinha sido alcançada, não restava dúvida quanto a isso. Estávamos casados!

Mas... aquele primeiro ano tinha sido completamente atípico, além de tudo quanto eu pudesse imaginar. Muito diferente do que eu tinha sonhado para mim! Bem, talvez “diferente” não seja exatamente a palavra certa, é antes um pequeno eufemismo, uma tentativa de deixar a coisa um pouco mais leve. A verdade é que vivemos um período muito duro, o que por certo não traduz o desejo do coração

da maioria das moças. Perdemos muito de um lado... ainda que lucrássemos de outro!

Mas, sinceramente falando... já nem parecia que estávamos vivendo no mundo real. Quero dizer, nossa vida não parecia real, parecia um conto de ficção alucinado, onde contracenávamos com personagens estranhíssimos!

E onde a realidade parecia mais assustadora do que qualquer tipo de fantasia.

Foi com a cabeça repleta desses pensamentos que me sentei ali fora, na varanda, naquela noite de vento fresco. Olhei para o reflexo tênue e ligeiramente prateado da luz da lua que caía sobre o jardim. As noites de lua cheia eram muito bonitas naquele lugar, por causa da luminosidade que causavam. Pena que agora houvesse nuvens demais no céu! O vento fazia com que deslizassem rapidamente, escuras e esfiapadas, e não se via quase estrela alguma.

Fiquei olhando o vaguear das nuvens no céu, e as ideias deslizaram pela minha mente quase tão rápido quanto elas. Sem me dar conta de que estava novamente refletindo naquilo, aquela cascata mental continuou rolando à medida que meus olhos pulavam de um ponto a outro do jardim.

“Deus é fiel!... Ele não fez o que fez até agora para que, no último instante, *eles* sejam vencedores”.

Aquela sensação leve de expectativa vinha me acompanhando de forma mais intensa naqueles dias. Difícil traduzi-la em palavras. Não era temor propriamente dito, nem dúvida. Apenas aquela sensação estranha, incontida, totalmente nova, que nos cobria como um manto. E cuja palavra mais próxima para defini-la era aquela: expectativa.

Uma expectativa acompanhada da latejante pergunta: “*O que vai acontecer, afinal de contas?*”.

Porque, ao que parecia, diante de tudo o que foi vivido principalmente nos últimos três a quatro anos ... a bem da verdade *qualquer coisa* poderia acontecer!

Certamente que Deus vinha provando o Seu Poder e, principalmente, a Sua Fidelidade dia após dia... mas parecia que, a partir daquele mês, e especialmente no desenrolar dos próximos dias... qualquer artimanha terrível do inimigo não seria por demais estranha. Isso quer dizer que *nada* seria sobrenatural demais... ou irreal demais para ser verdade.

Nossa parte era confiar. E vigiar. Mas as emoções por vezes ficavam um pouco mais alvoroçadas. E eu tinha a sensação de que algo de medonho estava por vir.

Eu e Eduardo nos sentíamos como que dentro de um barco. Há muito tempo que nós tínhamos entrado nele ao aceitar um chamado muito especial do Senhor.

Fomos navegando ao sabor da correnteza dada pelo Espírito de Deus.

Mas à medida que começaram as chuvas e as tormentas daquele mar cada vez mais bravio, tivemos que ceder ao Senhor todas as coisas. Inclusive os nossos remos, por assim dizer. Deus estava no comando do barco, e já não havia como desembarcar dele. Não havia como voltar atrás. A desistência – o desembarque – significava a morte, tão somente. Não havia outra opção. Ou continuávamos descendo a correnteza naquele barco, nas Mãos do Senhor... ou desistíamos, dando espaço para a morte. O que estava feito, estava feito.

Agora – nos próximos dias – sobreviria a mais terrível de todas as tempestades. E a nós cabia a fé, tão somente. Nada havia para ser feito, apenas crer. Crer que o nosso Capitão seria mais do que suficiente para nos livrar daquela horrível situação, trazendo-nos a vitória e levando-nos ao almejado porto seguro.

Ergui os olhos para a mancha escura à minha frente, elevada um pouco acima do horizonte. Durante o dia nós podíamos contemplar uma parte dos montes verdes que circundavam todo o Vale. Mas à noite estes nada mais eram do que manchas escuras com um ou outro ponto de luz.

“Elevo os olhos para os montes, de onde me virá o socorro? O meu socorro vem do Senhor, que fez os Céus e a Terra”!

Aquele versículo Bíblico tinha se tornado uma espécie de *Rhema* para mim e ecoava dia após dia, momento após momento desde que nos havíamos mudado para aquela casa. Pouco menos de um mês antes. Ele aparecia dentro de mim num sussurrar; antes mesmo que eu pudesse tomar tento, lá estava ele:

“Elevo os olhos para os montes, de onde me virá o socorro? O meu socorro vem do Senhor, que fez os Céus e a Terra”!

Era engraçado como Deus parecia falar através daquele texto, particularmente ali, naquele lugar. Rodeado de montes. E aquela promessa era o meu consolo, a minha esperança. De que o socorro viria, estaria presente. O Senhor dos Céus e da Terra traria o socorro no momento exato!

Me acomodei melhor na cadeira de balanço puxando o capuz para bem perto do rosto. O ventinho estava frio. Lembranças e mais lembranças foram vagueando diante dos meus olhos. E lembrei-me da cidade de São Paulo, onde nasci e cresci, onde não se veem os montes que o Criador formou, antes somente montes de pedra e concreto. Quanta diferença...

Desde que Deus confirmara Sua Vontade em nos trazer àquele local não muito distante da capital, eu não cessava de olhar à volta contemplando a natureza. Era tudo tão bonito, tão, tão bonito!

Verde, verde por todos os lados, flores, árvores, terra, cheiro perfumado de mato. E aquele sol todo que fazia tudo brilhar e ficar ainda mais lindo. Logo nos primeiros dias comentei com Eduardo que Deus estava ali cumprindo um antigo desejo do meu coração. O campo sempre me fascinou!

Em São Paulo, sol e calor em demasia só tornam o dia a dia mais duro e sofrido. Cedo ou tarde as pessoas acabam tendo que sair da frente do ar-condicionado para enfrentar a vida. E que dizer da chuva? Ela só deixava o trânsito horivelmente congestionado, os bairros periféricos alagados, e só tragédia atrás de tragédia restava daquele belo espetáculo da natureza.

Não que eu não gostasse de São Paulo, mesmo com todas as suas agruras. Longe de mim! Gostava, é verdade. A grande metrópole também tinha seus encantos.

Mas em nossa nova casa era diferente. Até os temporais, tão comuns naquela época do ano, eram maravilhosos. As nuvens densas e cinzentas fechavam o horizonte e podia-se perceber a chuva caindo ao longe. E logo o vento mudava, soprava forte, trazendo a água que respingava na varanda, mas que mesmo assim não me fazia ficar dentro de casa.

A chuva era bela, o sol era belo, a vista era bela. Deus tinha sido bom em nos levar àquele lugar, mesmo contrariando todas as nossas probabilidades e possibilidades imediatas.

A decisão de nos mudarmos foi tomada completamente do dia para a noite.

Não estávamos satisfeitos com o apartamento que alugamos para iniciar nossa vida de casados e apesar de, humanamente falando, não estarmos em condições de fazer a mudança, o Senhor havia providenciado tudo de uma forma rápida e perfeita. Pedimos um sinal claro da parte Dele antes de efetivarmos o contrato. E, frente à resposta positiva, realmente nos aventuramos a abandonar a cidade.

“Abandonar” também é modo de dizer: nossa vida continuava lá, pelo menos três vezes por semana íamos a São Paulo. Mas agora tínhamos um novo refúgio para chamar de lar. Aliás, esse é um termo que nunca se encaixou muito bem no antigo apartamento.

Enfim... tudo estava bom, estava ótimo! Aquela casa era tudo o que estávamos precisando e querendo.

Sorri involuntariamente e lembrei-me do dia da mudança: eu estava tão exausta que quando o caminhão terminou de despejar as nossas coisas e ameaçava uma garoinha leve, senti um nó entupindo a garganta ao ver toda aquela bagunça espalhada nos quatro cantos da enorme casa. Não pude reter algumas lágrimas.

Minha vontade, naquele momento, era voltar ao *Shopping* e a tudo o que eu conhecia.

Como explicar aquele sentimento estranho e contraditório? Eu queria sair de São Paulo... mas agora parecia tão estranho estar ali. Tão vazio! Tão cheio de inseguranças! No fundo eu já não conseguia *reconhecer* a minha vida, e isso nada tinha a ver com o fato de estar casada. Nem era culpa de Eduardo. Se ao menos nossa realidade pudesse ser classificada como “normal”.

Mas nossos dias eram tudo, menos “normais”.

Eduardo foi compreensivo e carinhoso diante das minhas lágrimas de desabafo e temor. Me abraçou e riu um pouco, procurando descontraír a tensão, fazendo-me perceber que estávamos em nosso lar e tudo iria ficar bem. Não sou de chorar, realmente não sou. É preciso uma boa dose de mal-estar para me derrubar, mas aquela mudança tão radical parecia ser apenas uma gotinha a mais de água naquele copo já prestes a transbordar.

No entanto, aquele estado de ânimo não durou muito. Senti-me melhor logo, e tratamos de arrumar o mínimo de coisas para que pudéssemos passar a noite. Ela chegou devagar por causa do horário de verão. E, já noite fechada, depois de tomarmos um lanche, sentados na sala nos quedamos a escutar o silêncio. Era bom demais! Nem televisão nós tínhamos ainda por falta de verba para comprar uma antena parabólica.

A sala era enorme, do chão de ardósia verde. Nas paredes brancas havia dois janelões e uma porta de vidro de correr bem no meio, que dava para o jardim. De onde eu estava sentada, de costas para um dos janelões, podia ver parte da cozinha ampla, clara. Era gostosa aquela sensação de espaço, os poucos móveis que tínhamos ficavam espalhados aqui e ali. Observei o meu piano encostado na parede perto da porta. Tinha sido presente do meu pai. Era quase estranho vê-lo ali, como se não fizesse parte daquele lugar.

Ficamos conversando e escutando o barulhinho dos grilos. Que barulhinho delicioso!

– Realmente... este lugar não tem um pinga de segurança! – comentamos um com o outro lá pelas tantas.

De fato. Não havia grade alguma nas janelas!

– Melhor a gente não encucar com isso...

Apesar disso, antes de irmos deitar, Eduardo percorreu cada cômodo trancando portas e passando cadeados nas janelas. Também não parecia seguro deixar a porta de vidro que dava para o jardim aberta à noite. Olhei pela janela da sala e

contemplei a alameda de terra batida e as casas silenciosas da vizinhança banhadas pela fraca luz da rua. Era um pouco assustador.

Nunca fui apavorada. Mas também nunca fui perseguida como acontecia agora. Agora era diferente. Havia pesadas ameaças que pairavam sobre as nossas cabeças.

O dia seguinte espantou os fantasmas, com seu sol forte e luminoso. E o desconforto durou apenas mais uma ou duas noites. Eu continuava sorrindo sem querer ao recordar-me daqueles primeiros dias.

Então começamos a notar que o vizinho ao lado sequer trancava o portão, fosse dia ou fosse noite. Assim, aos poucos, Eduardo foi largando mão de passar cadeado em tudo, e eu aproveitava o ar fresco da noite enrolada no meu blusão azul, apelidado de “carneiro” porque era todo felpudo. Sentada no chão da varanda (ainda não tínhamos a cadeira de balanço), eu apenas deixava o tempo passar, olhando a noite, olhando o céu, sentindo o cheiro perfumado daquele lugar, escutando os barulhinhos que só a noite no campo produz. Ficava ali durante muito tempo... só pensando... orando um pouco. Vigiano nossos gatinhos até que se acostumassem bem com o novo local.

Eu precisava de paz. Procurava por ela. Foi ali que comecei a experimentar um pouco daquilo que eu tanto ansiava.

Havia paz... e ainda que fosse aquela paz estranha no meio da tribulação, no meio da guerra, no meio do confronto... era paz. Paz no meio daquela sensação de expectativa.

O clímax estava próximo. O dia marcado. Dia nove de março. O aniversário de 33 anos de Eduardo estava às portas. Menos de vinte dias depois do nosso primeiro aniversário de casamento.

Haveria um confronto de vida ou morte. A honra do príncipe das Trevas estava em jogo. Ele haveria de fazer tudo o que fosse possível para cumprir o seu decreto e a sua maldição sobre as nossas vidas.

A lua foi encoberta quase completamente pelas nuvens, e eu olhava para ela fixamente, sempre refletindo:

“Deus nos preparou para estes dias, tenho certeza disso... Ele nos forjou ao longo dos anos para que estivéssemos prontos justamente para este tempo de agora. Prontos para a tempestade! Seja lá o que for que vá acontecer... vai acontecer porque *Deus* permitirá. E porque estamos preparados. É isso. Deus conta conosco! *Temos* que estar firmes”.

E embora não nos sentíssemos tão preparados assim, o esforço maior estava em nos apegarmos às promessas do Senhor.

Haveria confronto. Mas o Senhor dos Exércitos iria adiante de nós!

* * *

Esta história começou bem antes. Mais de cinco anos distanciavam essa noite de lua cheia repleta de lembranças do dia em que conheci Eduardo.

Esta é a história que vamos contar agora.

Ela fala sobre como Deus trabalhou para transformar duas pessoas. Um rapaz saído das profundezas do Satanismo e uma moça perfeitamente comum. Ele nos chamou, e fez com que atravessássemos um longo deserto. Nessa travessia, o inimigo chegou muito perto, com toda sorte de artimanhas, seduzindo algumas vezes, com muito furor em outras. Foi também nesse deserto que o caráter do Criador foi sendo revelado, dia a dia, num longo período de treinamento, que ainda não terminou.

Mas hoje podemos dizer, como o Salmista: “Foi-me bom ter passado pela aflição, porque antes andava errado. Mas agora guardo os Teus preceitos”.

Deus está recrutando muitos. Da mesma forma como Ele nos recrutou, outros tantos estão sendo chamados. Haverá um remanescente. Um grupo de soldados valentes, capazes de enfrentar a Guerra dos últimos dias. Guerra contra Principados e Potestades, contra os verdadeiros adoradores do diabo.

Os Filhos do Fogo.

Sim, será uma guerra sangrenta, sem tréguas, sem clemência. Para isso, o Senhor está levantando o Seu Exército!

Um Exército de homens e mulheres que conhecem verdadeiramente o Poderoso *El-Shaddai*, o Grande Eu Sou, o Deus acima de todos os Deuses; e O obedecem.

Que estão dispostos a pagar o preço que lhes for proposto. E que serão chamados *Guerreiros da Luz!*

* * *

Mas voltemos ao princípio de nossa história. Seria natural que eu quisesse adiantar o mais depressa possível este relato, contar logo o que aconteceu depois que conheci Eduardo. Mas não seria o mais sábio no momento. É preciso que uma pequena parte do meu perfil humano seja colocado antes, um pouquinho da minha história de vida. As raízes da personalidade são tão longínquas, não é mesmo? O modo de ser e agir vem das mais remotas fases da existência.

Portanto, rapidamente eu terei de recuar ainda um pouco mais no calendário, voltar anos e anos, dar uma olhadinha neles, observar alguns detalhes, tirar algumas conclusões. O bom personagem de uma história não é aquele que aparece e simplesmente *acontece!* Mas aquele cujas nuances da alma tornam-se tão desnudas, tão transparentes, e cujos pensamentos e sentimentos são descortinados de tal modo que aqueles que leem quase podem adivinhar as suas ações e reações. Porque essa alma tornou-se conhecida, quase explícita aos olhos de quem vê.

Se tal descrição de caráter tem valor num personagem de verdade, muito mais importante num ser humano que está fazendo as vezes de “personagem”. Pois assim é que é. Isabela acabou sendo uma pessoa que virou personagem desta história, assim como Eduardo. Mas Isabela sente, como qualquer pessoa sente, alegria e dor. Ela gostaria de poder explicar o porquê da alegria e da dor. Explicar *quem* ela é. E isso leva um pouco de tempo.

Vamos a isso, portanto! Embora seja difícil para mim falar *sobre mim...* não há outra saída!

O desenrolar da minha vida foi muito diferente da vida de Eduardo. Mas acho que nós começamos mais ou menos da mesma maneira. Ou seja: brincando. E, ao brincar, fomos descobrindo quem nós éramos e do que gostávamos.

Minha infância foi muito boa, pelo que me recordo dela. Durante a semana meus pais trabalhavam, minha mãe era bióloga, meu pai um funcionário público, que atuou em diversas áreas dentro da Educação e do Esporte. Eu e meu irmão Marco ficávamos na escolinha pré-primária meio período. No outro período era hora de brincar em casa. A gente fazia praticamente tudo o que se podia fazer num quintal espaçoso de uma casa de classe média paulistana. Correr, gritar, saracotear. Quase tudo era permitido. Em casa. Jamais na rua.

Geralmente nós nos dávamos muito bem. Eu era mais velha quase dois anos. Talvez por isso, vez por outra eu acabasse “judiando” um pouco dele, como quase todos os irmãos mais velhos. Marco costumava acreditar que eu era muito boazinha. Sempre.

Mas nem sempre eu era tão boazinha assim e vivia inventando um jeito qualquer de me impor e levar vantagem sobre ele, que era mais plácido e mais inocente. Mas não fazia muitas maldades! No restante do tempo, nós aproveitávamos a companhia um do outro e brincávamos juntos. Sempre supervisionados por uma babá, que fazia de tudo para pôr ordem no pedaço.

Nos finais de semana, íamos brincar no Parque do Ibirapuera. Todos os domingos a gente saía para passear na companhia dos meus pais, que

consideravam sagrado aquele tempo em família. Depois nós almoçávamos fora. Eu e meu irmão Marco dávamos palpite sobre qual restaurante seria melhor. Churrasco, comida chinesa, comida italiana, comida árabe eram as sugestões de sempre.

Nas férias recordo-me de longas viagens por todo o Brasil, de Gramado a Manaus e Ilha do Marajó, de Recife a Brasília. Muitos são os *slides* e fotografias dessa época, que, para mim, são a recordação de um tempo perfeito.

Crescemos um pouco. Mudamos da “casa velha” para outra não tão querida, mas também boa e espaçosa. E comecei o primeiro ano da escola primária.

Quem me levou à escola no primeiro dia de aula foi meu pai, depois que minha mãe me fez entender por que eu não podia mais continuar na escolinha antiga. Ela só ia até o pré-primário.

Cheguei um pouco tarde e os alunos que faziam parte da minha classe já estavam todos sentados nas suas carteiras. E não havia nenhuma para mim.

Então meu pai foi, ele mesmo, buscar uma carteira em outra sala. Recordo-me como se fosse hoje, ele entrou com a pequena mesa nos braços e me ajeitou na primeira fila. Claro, aquele era meu pai! O meu herói, o meu ídolo, o meu maior referencial. A pessoa mais importante.

Quando ele acenou, se despedindo, fiquei ali sozinha sem medo. Algumas crianças choravam todos os dias, mas eu sabia que iria ficar só apenas por um tempo. Fiz amizades com as meninas, me enturmei. Eu gostava da escola.

Quando eu estava na terceira série, o Marco entrou na primeira. A partir daí eu sempre procurava cuidar dele ao meu modo. E o defendia em eventuais brigas com os meninos, sempre muito fiel neste aspecto: ninguém encostava a mão no meu irmãozinho na minha frente.

Certa ocasião, não muito depois dessa época, uma vez meu pai falou-me algo que guardei comigo pelo resto da vida:

– Fique sempre do lado do seu irmão. Ele é da sua família, o seu único irmão. Mesmo que ele esteja errado, fique do lado dele. Em casa vocês acertam os erros.

Sim, certamente eu faria isso. Fosse a situação que fosse. Aprendi desde cedo que família é família, e o laço que une os membros de uma mesma casa é diferente de qualquer outra ligação. É uma aliança que deve, pelo menos em tese, ser indissolúvel. Eu gostaria que fosse sempre assim...

Sei que meus pais primaram para que nosso lar fosse um refúgio, no sentido literal da palavra. Procuraram criar ali um recanto de aconchego, compreensão, incentivo, amor. Assim foi durante a nossa infância!

Como já disse, cresci dentro dos quadrantes da nossa casa, não nos era permitido brincar na rua. Mas as crianças da vizinhança podiam vir brincar no nosso quintal. O que aconteceu bastante nessa época. Nós tínhamos bastante espaço e muita alegria. Eram brincadeiras de todos os tipos: correrias de bicicleta, patins, bolas de vôlei e futebol, uma balança para balançar, uma casinha de boneca para entrar. E uma gritaria...

– Elefante colorido! – Que cor?! – Azul!!

– ÊÊÊÊÊÊHHHHH!!!!!!!

Correria. Gritos. Risadas. Haja ouvidos!

Quando criança, eu era irrequieta, inventadora de moda, arteira, cheia de energia, de ideias, de criatividade. A alegria era minha maior marca. E o mais importante de tudo... inventar, inventar, inventar!

Sempre muito moleca, meus passatempos preferidos eram as brincadeiras de correr. Pega-pega, esconde-esconde, polícia e ladrão, elefante colorido. Não gostava de trocar roupinhas de bonecas, brincar de faz-de-conta e de fazer comidinha. Eu gostava de subir em muros... em árvores... em lajes... no telhado... e de desmontar as grandes almofadas do sofá para construir casinhas e entrar.

Não raro meus pais chegavam e davam com a sala de pernas para o ar, os sofás depenados, e nós dois embaixo de uma enorme casinha de almofadões. Uma vez fizemos uma casinha com uma mesa empilhada sobre quatro banquetas, no quintal, e as paredes foram feitas de tábuas e toalhas presas em cima por tijolos mal posicionados. Se tudo aquilo desabasse sobre as nossas cabeças talvez não sobrasse muita coisa!

Em suma, estava sempre aprontando alguma, correndo, descabelada, descalça, rindo, importunando, amolando, assobiando, gritando. Marco não ficava atrás, nessa idade ele queria me imitar em tudo. Eu era um referencial para ele.

Realmente minha infância foi feliz. E acho que meus pais foram até que muito condescendentes conosco porque, afinal... estávamos em São Paulo e não é fácil criar filhos numa grande metrópole. E, apesar de não sair na rua, nunca me senti presa nem tolhida. Meu pai dizia que a rua não ensinava nada de bom. No que ele estava coberto de razão. Ou a gente brincava em casa, ou ia brincar na casa de alguém.

Na verdade, nunca nos faltou companhia.

Meu pai tinha montado uma pequena escolinha de xadrez, por puro *hobby*, e dava aulas em casa, à noite, para as crianças do pedaço. As mesmas que vinham brincar de tarde voltavam à noite, de banho tomado e cabelinhos assentados. Nos

idos de antigamente, meu pai tinha sido responsável pela implantação do ensino de xadrez nas escolas públicas de uma cidade do interior.

De resto, à medida que crescíamos, eram muitas as oportunidades oferecidas a nós. Afinal, era preciso direcionar melhor a nossa energia de uma forma criativa, visando resultados mais proveitosos do que apenas uma casa de pernas para o ar. Foi aberto um leque de opções, e fiz de tudo um pouco, desde artes plásticas até diversos tipos de esportes. Mas tanto eu quanto Marco revelaríamos em breve uma forte inclinação para a música. Meus pais investiriam muito tempo e dinheiro nesse assunto.

Eu costumava escutar dos meus pais uma sincera explicação para tais investimentos. Eles diziam não ter grandes coisas para nos deixar de herança. Por esse motivo, nossa herança seria a melhor educação que fosse possível a eles nos dar. Fomos muito estimulados em diversas áreas, até que as habilidades natas começaram a aparecer. Nós dois éramos um tanto precoces, gostávamos de assuntos que normalmente as crianças não têm interesse. O fato de sermos caseiros ajudava. *Aprendemos* a ser caseiros, nossa vida era ali mesmo, e certamente que não era ruim estar em casa.

Alguns percalços familiares dessa época, problemas de relacionamento entre meus pais, aparentemente, acabaram sendo contornados, e a vida continuou como dantes.

A adolescência não me tirou a paixão pelas invencionices, pela brincadeira, pelo riso... ainda que tudo isso desse lugar, pouco a pouco, por outros aspectos do comportamento. Normalmente esse é um processo natural, a gente vai crescendo, amadurecendo, e se descobrindo. A personalidade vai sendo delineada. Às vezes há alguns acidentes de percurso, que transtornam um pouco a formação do caráter. Quer dizer, nem tudo que é puramente genético sobrevive e se manifesta. O meio externo também tem sua participação.

Comigo não foi diferente...

Alguns problemas na escola, quando eu tinha 12 para 13 anos, me impactaram bastante negativamente pela primeira vez. Eu costumava ser muito faladeira e espevitada, engraçada, e isso acabava arrebanhando sempre comigo um grupinho disposto a perturbar a aula. Foi assim durante todo o primário, foi assim na quinta série, na sexta...

Então, quando iríamos começar a sétima série fui arrancada sem dó da minha turma e colocada sozinha na outra classe. Aquilo foi terrível! Todas as minhas inseparáveis amigas ficaram longe de mim. E as inseparáveis “Mosqueteiras”

perderam uma grande aliada. Os professores e a direção da escola tinham achado por bem cortar o mal pela raiz e, segundo eles, separar a líder do motim sem dúvida traria paz e sossego a todos.

Oh! Mas aquilo não me caiu bem! Fosse apenas a separação e talvez as consequências não fossem tão ruins, mas acontece que a outra turma era também o reduto dos repetentes. E um grupo desses moleques achou de pegar no meu pé. Foi muito difícil. Creio que aqueles meninos me queriam lambendo os seus pés, exatamente como a maioria das meninas de 13 anos. Mas eu não ia com a cara deles, eram o que se poderia chamar de “barra meio pesada”. E penso que, talvez até mesmo inconscientemente, eles tenham achado que deviam me dobrar.

Até hoje penso porque tanta implicância, e porque tanta maldade da parte deles. Eu nunca tinha feito nada contra ninguém, por que não me deixavam em paz?

Juntando tudo, e o fato de estar em fase muito crítica do crescimento, foi a receita certa para me afetar bastante. O processo de introspecção durou dois anos. Foi lento e gradativo, ninguém percebeu de pronto, nem eu mesma. Mas ao final do primeiro grau eu já estava bem diferente, e tinha também perdido boa parte de minha espontaneidade. Um dos traços de caráter mais interessantes da minha pessoa. Nunca mais fui a mesma.

Quando meus pais começaram a dar pelo ocorrido, ainda no final da sétima série, algumas transformações já tinham tido lugar. Naturalmente não posso atribuir toda a mudança aos problemas na escola, mas também fica muito difícil estabelecer a linha limite. E algumas vezes me ponho a pensar:

“E se *nada daquilo* tivesse acontecido? E se eu tivesse começado a minha adolescência normalmente, sentindo-me plenamente aceita como tinha sido até então? E se eu não tivesse cruzado com aqueles meninos que diziam coisas horríveis, por vezes até obscenas, me incomodavam o tempo todo... será que as raízes da minha autoestima teriam sido outras? Será que eu olharia para o espelho e veria ali uma outra Isabela?!”

Eu me espantava porque agora conseguia passar a manhã toda de boca fechada na sala de aula. Se aparecesse pouco, pensava eu, aquela turma repararia menos em mim e me deixaria em paz. Mas apesar daquele ostracismo autoinfligido, até mesmo meu pai teve que intervir, a seu modo, para pôr ordem na situação. Uma vez que a Diretora da escola não tinha pulso muito firme.

Fui deixada quieta depois que a situação foi colocada em pratos limpos pelo método mais eficaz de todos. Pelo medo. Algumas famílias daqueles meninos, os piores, foram procuradas pelo meu pai. Ele era muito enérgico e firme. E, diante

de ameaças muito sérias e bem claras, os pais deles acharam por bem manter seus filhos afastados de mim. E foram transferidos de escola. Aquilo de certa forma serviu de exemplo aos demais, e ninguém se atreveu a passar novamente de pato a ganso comigo.

Meu pai me defendeu. Mas eu já não era a mesma Isabela de antes. Fiz outras amigas, deixei as antigas. Adaptei-me novamente. Um pouco da espontaneidade antiga voltou, mas aquela marca de rejeição ficou fincada muito fundo na minha alma. Não me dei conta tão cedo do quanto tinha sido ferida no coração, do quanto tinha olhado para mim mesma e me achado diferente, inadequada... e muito pior do que os demais.

Muito menos eu poderia supor que não tinha sido por acaso, como veria muito, muito tempo depois.

Apesar disso, boa parte do que seria a minha personalidade no futuro estava formada. Eu era naturalmente estudiosa, por vezes pesquisava sozinha assuntos que me interessavam. Na escola, era quase sempre responsável, mesmo sem muita cobrança. Observadora, mas dinâmica na hora de pôr a mão na massa. Firme, sem ser arrogante. Sonhadora, sim, mas sem tirar demais os pés no chão. Meu temperamento era fácil de lidar, mas sempre fui muito certa dos meus gostos pessoais. Aos poucos eu me tornaria alguém de temperamento bastante forte. Forte até demais, e isso me atrapalharia algumas vezes.

Problemas à parte, nessa época minha família tinha recém adquirido uma casa na praia, um sonho muito antigo. Nos primeiros anos foi muito bom, um paraíso, íamos para lá quase todos os finais de semana, todas as férias; nas férias alguns primos e tios iam também.

E tudo continuava sendo, sempre, muito familiar. Os adultos descansavam. Nós, os adolescentes, fazíamos longas jornadas de bicicleta, caçávamos siris com o picaré, pegávamos mariscos, aproveitávamos o sol e a praia, as noites iluminadas pela lua, os sorvetes (a única sorveteria do Balneário era ótima!), a mesa de pingue-pongue, os passeios com a jangada... e eu adorava comprar tranqueiras na feirinha de artesanato. Pintar a cerca e caiar de branco os pés dos coqueiros era também um entretenimento no qual eu e Marco nos esmerávamos.

E a Flicka! Que não parava de rebolar na areia, sempre latindo para todo mundo, correndo para pegar a nossa bola de tênis! E mergulhava no meio das ondas para trazer de volta seu bastão de madeira. Quando a gente a deixava sozinha em casa era batata que não demorava muito e lá vinha ela, correndo a milhão com as orelhinhas para trás, louca para nos encontrar. Ela era muito

esperta, só faltava falar, sabia exatamente onde nós estávamos na praia, por mais gente que tivesse à volta. Ela adorava entrar na água e brincar com a gente... ah! Dá saudades desse tempo tão bom!

Meu pai estava sempre por ali capinando o jardim, com o seu chapelão de palha enfiado na careca, e no finalzinho da tarde às vezes ia à praia, quando o sol estava mais fraco. Ou então, muito de manhãzinha. Ele tinha a pele e os olhos muito claros e não podia de jeito nenhum com o sol. Aliás, ele nem curti muito essa história de praia, mas a aquisição da casa foi para satisfazer a família. Antes do almoço tinha uma caipirinha de vez em quando, a casquinha de siri feita pela mamãe, ou mariscos bem temperados.

Era assim que era: sem arruaça, sem bagunça, sem exageros. Apenas gostoso, divertido, ameno. Verdade que a vizinha incomodava bastante com a sua música alta. Esse foi um dos motivos que fizeram com que meu pai, almejando um lugar de descanso, se desencantasse com a casa. Outro problema foram os assaltos, tão frequentes naquele lugar, que só ficava cheio em época de temporada. Aos poucos fomos deixando de ir tanto para lá.

Mudei de Colégio após um seletivo “Vestibulinho” e comecei o primeiro ano do Colegial em escola particular. Era um dos melhores Colégios de São Paulo. Larguei a antiga rotina da escola que frequentei durante oito anos, todo o primeiro grau, e que tanto mal me tinha feito nos últimos dois anos.

A mudança me fez bem. Agora era muito diferente, as pessoas eram diferentes e o estudo exigia muito mais. Meu dia a dia era a escola, as provas, o estudo de piano, o esporte, as amigas. Nos finais de semana normalmente não saía muito, estudava, lia, escrevia, desenhava. Ou então a gente ia à praia. Nessa época já não havia muita disposição dos meus pais em sair todos os finais de semana, nem era necessário. A semana de todos já era corrida o suficiente.

Mas a adolescência é uma fase difícil e cheia de contradições. Por mais que eu amasse meus pais, uma hora a gente começa a mudar. Começa a divergir, a defender ideais, a querer ver a vida pelo próprio prisma e não somente pelo prisma deles. Até então eu tinha aceitado que a vida era o que era porque meus pais diziam que assim era. Mas comecei a ver com meus próprios olhos, comecei a enxergar simplesmente... diferente! Não necessariamente pior ou melhor, apenas *diferente*. Comecei a ver o mundo com a lente dos meus olhos, e com a minha intuição, e com a minha personalidade, e através dos meus pensamentos.

Se por um lado eu era uma pessoa única, criada de uma forma particular, por outro não era diferente de ninguém: queria poder sair às vezes, chegar mais tarde,

estar em turma, conhecer gente. Ter um namorado. E aí começaram os problemas.

Quando saía, saía chateada, ou preocupada. Preocupada se iria haver, ou não, bronca depois. Por mais que avisasse, pedisse com antecedência e procurasse aceitar as imposições de horários, nem sempre havia muita boa vontade. Compreendo que era uma questão de proteção e cuidado. Mas... parece que não estava havendo meio-termo.

Enfim, esse meu início de “rebeldia” – que nem chegou a ser uma *rebeldia* propriamente dita – acabou logo. Primeiro porque normalmente eu acabava concordando com meus pais, não queria magoar ninguém. Nunca foi minha intenção magoar ninguém. E depois porque logo, aos 16 anos, conheci Jesus. Daí, minha nova vida com Deus ajudou, de certa forma, a coibir alguns tipos de comportamentos. Dentre eles aquela pseudorebeldia.

Embora meus pais tivessem aceitado Jesus na mesma época, por causa de um mal-entendido logo no primeiro Culto, nunca mais pisaram dentro de Igreja Protestante. Como novos convertidos que eram, compreendo que ficava difícil digerir certas coisas.

Então eu ia sozinha, com Marco.

E eles estavam satisfeitos que tivéssemos encontrado um caminho novo e, certamente, bom. Por isso permitiam que fôssemos aos Cultos e acampamentos evangélicos sem problemas. Além do que, os programas da Igreja sempre terminavam cedo mesmo. Então tudo se acertou e para mim estava bem.

Começou um período ao qual novamente eu me adaptei, ainda que minha essência alegre e criativa continuasse a mesma.

Todos os dias de manhã meu pai me levava cedinho para o Colégio, eu tinha novas amigas inseparáveis, e outros interesses. Estava de olho em um lindo menino da classe, curti um amor platônico e infantil. Eu era muito romântica, sonhadora, sensível, não via maldade nem imperfeições no amor, que era sincero e cheio de idealismos.

Fiquei de olho no menino. Mas só. Nunca deu em nada. Embora durante o terceiro ano do Colegial eu tivesse armado mil e uma “armadilhas” para fisgá-lo, ele não caiu em nenhuma. Ou melhor, *quase* nenhuma! Ele dançou comigo no Baile de Formatura. *Só* comigo! Minhas amigas achavam-me supercorajosa por tentar tão ardentemente conquistar o inconquistável. Realmente eu era muito fiel àquele sentimento! Meus olhos e meu coração só tinham espaço para ele.

Até apareceram outros pretendentes, mas eles não despertaram o meu coração, embora fossem Cristãos também. Mais de um pretendente, por sinal. Mas eu

queria o menino da escola, não havia jeito.

“Que pena que não deu certo...”, pensei comigo mesma por muito tempo.

Mas, corações apaixonados à parte, a essa altura havia muito mais em que pensar. Já tinha feito um pouco de várias coisas: ginástica olímpica, natação e saltos ornamentais. Agora, com 16 anos, estava na fase do *tae-kwon-do*. Continuava levando o piano a sério e o Vestibular estava chegando. Isso quer dizer que eu *tinha que estudar*, de fato.

Meus 17 anos me pegaram em cheio levando uma vida bastante regrada. Mas não bitolada. Eu estudava o suficiente, sem exageros, sem achar que a vida era somente aquilo. Sempre detestei gente bitolada.

No entanto, as pressões para fazer a escolha de uma futura carreira profissional começaram a perturbar minha alma. E comecei a impacientar-me em relação ao que prestaria no Vestibular. Eu tinha feito um “Teste de Interesses” no Colégio, e o resultado não me surpreendeu. Estourou lá em cima na área de Música, Artes e Literatura. A seguir, com pontuação não tão surpreendente, veio a área de Ciências Biológicas.

Bem... interesse é interesse, e a gente até pode ter! Mas qual carreira poderia encaixar-se dentro daquele perfil? Conversei com meus pais, procurei pensar bastante, orientar-me o melhor possível. Por sinal era o que *todos* estavam fazendo no Colégio. Era um momento delicado e importantíssimo das nossas vidas.

Até uma certa altura de minha vida eu tivera pretensões de seguir a carreira de Música. Mas um estudo deficiente do instrumento nos primeiros anos fez com que eu perdesse um tempo precioso na minha vida de musicista. E embora alguns professores garantissem que eu era talentosa, quando se fala em carreira *profissional* de Música Erudita a coisa não é assim tão simples. E o tempo da infância é fundamental. Uma vez pouco aproveitado, isso pode custar caro. E, para mim, custou mesmo. Em se tratando de música não profissional, cheguei mesmo a tocar bem. Mas isso nunca me serviu para nada.

Eu sabia que não estava apta a prestar um Vestibular imediatamente na área de piano. Também não era vantajoso esperar. Aliás, eu já não estava tão certa assim que esse era o meu caminho.

Que me restava?

Bem, eu amava as Artes em geral! Além da música, fascinava-me especialmente a parte de Teatro e tudo o que se referia às Artes Cênicas. Eu gostaria muito de ter estudado algo nessa área, não necessariamente eu me tornaria uma atriz a mais nessa vida... mas, quem sabe... roteirista, diretora, sei lá...! Deveria haver algum

campo para atuar! Bom... mas isso estava absolutamente fora de cogitação. Meu pai já me tinha feito perceber que essa tara teatral não era do seu agrado, em hipótese alguma. Não adiantava querer bater de frente com ele outra vez e insistir naquilo.

A primeira vez em que nos pegamos nessa divergência eu tinha 14 anos e fazia Teatro na escola. Embora a princípio ele tivesse deixado, depois começou a não gostar e foi uma época de *muita* confusão em casa. Não adianta querer discutir hoje quem tinha razão. Mas eu nunca fiz nada demais, nunca fiz nada tão terrível... não me drogava, não era leviana... dentro do possível procurava ser o mais obediente que podia. Ele também poderia ter sido mais flexível!

Ser adolescente não é fácil. Também não é fácil ser pai de adolescente! Mas o que se poderia depreender disso tudo?

Em suma: eu sabia que aquela paixão tinha que ser sufocada. Meu pai tinha trabalhado um tempo em contato com grupos de Teatro quando estava mais ligado ao ensino do xadrez nas redes de ensino. E era categórico em afirmar que tudo de ruim vinha de dentro desses grupos. Ele preferia estar morto a me ver envolvida com algo assim, tinha verdadeira ojeriza pelo fato de que eu pudesse ser atriz.

Certamente não poderia ir em frente, ainda que houvesse muito a ser feito na área das Artes Cênicas. Eu teria adorado ser, não atriz, mas diretora! Já imaginou? Desde criança que eu montava peças em casa, tinha até escrito uma peça na época em que participava do grupo de Teatro na escola. Mas, enfim... nem pensar! Nem sequer cogitei aquilo por mais do que alguns minutos. Não seria aceita de qualquer forma.

Então continuei pensando que rumo tomar na vida.

De resto... e a Literatura? Também ela não me oferecia grandes oportunidades em termos de profissão, pelo que concluí logo. Engraçado pensar nisso, mas a primeira coisa que eu desejei “ser quando crescer” foi isso: escritora. Desde que a caneta me caiu nas mãos, logo depois de alfabetizada, não parei mais de escrever. O mais interessante é que eu me empenhava naquilo de uma forma totalmente natural, sem pensar por que o fazia. Apenas escrevia. Por pura diversão! Para mim escrever era isso: diversão. Ainda criança ganhei um concurso de Literatura na escola e recebi junto uma menção honrosa porque a minha história – A Floresta Encantada – ficou encaixada dentro da categoria de “Livro”, e não apenas “Conto”.

Depois, ao longo dos anos, acabei por escrever mais três livros – três romances – mas nunca os mostrei a ninguém. Não sabia se aquilo poderia ter ou não algum

valor literário de fato, mas a verdade é que aqueles montes e montes de folhas rabiscadas terminaram empurradas cuidadosamente para o fundo da gaveta. Além desses, os vários volumes de diários ficavam guardados sigilosamente na escrivaninha. Era a história da minha vida. Isto também contribuiu para aumentar o gosto e a destreza pela escrita, mas dentro daquele mundo certamente ninguém teria entrada.

E a chavinha da gaveta jazia pendurada atrás do quadro de gatinhos, ano após ano.

Ao longo da minha vida acadêmica, os professores costumavam elogiar minhas redações, especialmente durante o Cursinho. Eu estava acostumada com os elogios, mas o que eu poderia fazer com isso, afinal? Escrever bem me serviria para alguma coisa? Quem sabe, talvez... Jornalismo??? Ora, ora... acho que meu problema era gostar de muitas coisas ao mesmo tempo. E, pior do que isso, gostar de coisas que não me garantiriam nenhuma carreira promissora!!

Percebi logo que interesse é interesse, vocação é vocação... e profissão é profissão. Eu tinha que optar por algo que me garantisse a independência e o sossego profissional depois. Meu pai vivia dizendo que seria muito bom se eu pudesse abraçar uma carreira liberal, autônoma. Ele tinha razão, eu sabia. E estava falando com conhecimento de causa porque ele mesmo não era subalterno de ninguém, antes aquele que dava as ordens, que tinha poder para resolver as coisas a seu modo.

Se eu fosse levar em conta apenas minha alegria e facilidade em criar coisas novas, o ideal teria sido mesmo partir para a área de Propaganda e Marketing, Publicidade... mas naquela época, tanto Jornalismo como Propaganda simplesmente caíram no esquecimento. Nem me pergunte por quê. Talvez tenha sido por falta de informação. Talvez tenha sido um percalço do destino.

“Mas como?”, vocês hão de me perguntar. “Se você estava justamente procurando por isso?”.

Sim, eu estava. Se fosse hoje, não teria dúvidas quanto a seguir esse rumo. Mas as informações não chegaram de maneira imparcial naquela época. Elas já vieram “viciadas”, por assim dizer, porque eu fiz um terceiro ano voltado para Ciências Biológicas em decorrência do teste de interesses. E ali, 80% dos alunos iriam fazer Medicina. Quase não havia informação desprestigiada e interessante sobre outros cursos, informação *real*. Durante o ano todo eu ouvi falar sobre a área de Saúde como sendo o único caminho possível.

Naquele ano havia apenas uma única turma voltada para a área de Humanas. Mas ela era visivelmente discriminada pelos demais, tanto os que faziam curso de Exatas e Biológicas, quanto os das classes Unificadas. Eles eram apelidados nos bastidores de “Elite do Lixo”, uma maldosa menção ao fato de pertencerem a um Colégio de elite, mas estarem dispostos a se dedicar a carreiras “pouco nobres”.

Tinha sido criado um rótulo, um estereótipo... um preconceito! Hoje percebo que isso pesou muito mal na minha própria escolha.

Por outro lado, a opinião do meu pai contava muito. Por sinal, não tinha mais nada nesta vida que contasse tanto. A aprovação dele era *tudo*. Comecei a ver como iria resolver aquela parada. O que deveria escolher???

Eu poderia escolher qualquer coisa... desde que estivesse dentro da área Biológica. Nunca ninguém me disse isso, nem impôs isso. Mas acho que eu entendia assim, entendi que esse era o caminho correto a seguir. Deveria deixar de lado essa história de Música... Artes... Literatura... bobagens semelhantes.

Eu adorava animais, adorava e respeitava a natureza acima de tudo. Então, num voto de misericórdia, pensei que poderia tentar unir o útil ao agradável. Veterinária, nem pensar. Eu gostava de animais *saudáveis*. Mas então, quem sabe, Oceanografia? Ou talvez... Agronomia?

O melhor Instituto para estudo da Oceanografia ficava, naquela época, no Rio Grande do Sul. Não me animei muito, ou sei lá o que me fez vacilar. Também procurei informar-me melhor sobre Agronomia, até fui assistir a uma palestra sobre isso no Colégio. Mas me pareceu, depois do entusiasmo inicial, que aquilo também não era exatamente o que eu estava querendo.

Como meu perfil era completamente voltado para a área de Humanas, mas eu não podia dar vazão a isso, foi um passo tentar fazer uma mistura das Ciências Biológicas com as Humanas.

A primeira delas, e a que me pareceu mais interessante e promissora, foi Psicologia. Eu gostava muito das nuances da mente humana, dos desvarios do *id*, tudo que dissesse respeito à psique. Desde adolescente, tinha andado às voltas com a prática científica da hipnose e leituras como a “Psicanálise dos Contos de Fadas”. Sim, agora parece que eu estava chegando perto!

Satisfeita, cheguei a anunciar o fato praticamente como uma decisão já tomada. Em casa, conversa vai, conversa vem, meus pais procuraram balizar da melhor forma. E acabamos chegando à conclusão de que talvez fosse melhor prestar um Vestibular de Medicina. Eu poderia ser Médica Psiquiatra.

E quando uma das minhas amigas de infância, muito apreciada pelos meus pais, revelou sua decisão categórica pela área Médica, notei a clara apreciação deles em relação a isso. Sem querer, demonstraram por ela o orgulho que eu queria que sentissem por mim. E mesmo gostando do mar profundo que era a alma humana, acabei vítima de um golpe do meu próprio inconsciente: em pouco tempo acabei optando também por seguir aquele caminho que desde o início parecia ser um único.

Engraçado como a coisa acontece e a gente não se dá conta. Se eu fosse parar para pensar, Medicina foi a única opção que, em criança, recusei.

“Eu? Passar a minha vida toda dentro de um *Hospital*? Deus me livre!”

No fim, tudo aquilo que tocava fundo o meu ser, que vinha de dentro e me despertava, e para o que eu sentia uma inclinação natural... deixei de lado, abandonei...

Naturalmente isso também não aconteceu por puro e mero acaso. Mas, fato é que assim aconteceu.

* * *

Definido o meu objetivo, fui atrás dele. Fiz o melhor Cursinho da época. E com 18 anos ingressei em uma das mais cobiçadas Faculdades de Medicina do Brasil, após um ano inteiro de muito, muito estudo. A época das provas me pegou cansada e um pouco estressada, o primeiro dia de exame foi difícil. Passei o tempo todo com uma terrível dor de estômago, mas mesmo assim me saí bem. Depois me acalmei para as próximas provas. O resultado foi que entrei em todas as Faculdades que prestei.

Claro que aquilo foi motivo de muita festa! E o início do ano letivo tinha um sabor de conquista. Eu iria estudar exatamente onde tinha me proposto.

Os anos na Faculdade terminariam por lapidar o meu ser. A experiência seria benéfica em alguns sentidos. Nem tão benéfica em outros. A vida transforma a gente, não há dúvida. Alguns se adaptam mais facilmente, outros são donos de personalidades incomuns e, por isso, sofrem mais. Mas a verdade é que todos são marcados! Mais uma vez... eu não fui diferente. Posso dizer que àquela altura minha personalidade já estava praticamente formada. Descobri-me mais determinada do que antes, dona de uma mente racional e lógica. Em contrapartida, a sensibilidade, a intuição, uma certa introspecção melancólica. Precisava estar sozinha um pouco para manter o equilíbrio. Mas adorava longos

“papos-cabeça” com alguma cabeça interessante e mantinha o interesse por aquilo que traz sabor à vida, ainda que não sirva para mais nada: a beleza da música, das palavras, a alegria de uma boa gargalhada, o amor pela natureza.

E ali estava eu: uma das calouras da Medicina! Não posso dizer que não estava gostando do curso, pelo contrário. O estudo do corpo humano é fascinante! Conhecer seus processos bioquímicos e biofísicos, a fisiologia dos diversos sistemas, a intimidade de cada célula, a Anatomia... era tudo muito bonito! Futuramente, ser capaz de entender como funcionam os processos patológicos e o que fazer para diagnosticá-los não deixava de ser um estimulante exercício mental.

Logo nas primeiras semanas eu ficava pensando em como se faria aquele milagre: aprendermos tudo aquilo, nos prepararmos para a vida de Médicos.

Parecia realmente um milagre. Eu e os demais calouros escutávamos de orelhada a conversa dos veteranos no centro acadêmico ou no nosso clube exclusivo, e eles falavam naturalmente tantos termos técnicos misturados com a conversa do dia a dia que havia entre nós uma incomensurável distância!

– Será que nós também vamos ficar assim? – indagávamos uns aos outros. – Será que nós também vamos falar *desse jeito* quando estivermos no mesmo estágio que eles?!

Era esperar para ver. O tempo e o esforço de cada um fariam o resto.

A Anatomia – matéria que foi dada logo de cara no primeiro ano – não causou em nenhum de nós os seus tão comentados efeitos. Aquelas histórias que ouvíamos contar antes de ingressar efetivamente na Faculdade: mal-estar, gente vomitando e desmaiando dentro do laboratório repleto de cadáveres. Acho que isso era mais comum nos idos de antigamente, quando as pessoas não estavam tão acostumadas a um dia a dia recheado de sangue e violência, coisas que a mídia faz questão de trazer para bem perto.

A bem da verdade, foi realmente muito divertido comprar nossos *kits* de bisturi e pinças e colocar mãos à obra! Ou melhor, mãos ao cadáver.

A mim me coube, como primeira tarefa, dissecar uma perna com mais duas moças. O primeiro bloco era de “Sistema Locomotor”. Ensinaaram-nos como separar a pele e a gordura da musculatura, e lá fomos nós. O Atlas de Anatomia ficava apoiado na mesa e volta e meia um pingo de algum material orgânico caía ali acidentalmente. Ossos do ofício! Sujar um Atlas lindo daqueles era até um crime...

Mas o fato é que depois de um tempo a gente podia até mesmo comer lanche no laboratório, bem em cima das peças recém dissecadas, sem nenhum pudor. O

único incômodo real era mesmo aquele forte cheiro de formol. Ninguém ligava muito para o que estava ali, na nossa frente, em cima das mesas.

Somente uma vez, já no final do primeiro ano, quando passávamos pelo bloco de “Cabeça e Pescoço”, foi que parei para pensar um pouco mais no aspecto mórbido da situação.

Certa noite, após as aulas, eu e mais dois colegas estávamos estudando para a prova final. A prova prática consistia em identificar as estruturas nas próprias peças. Isto é... nos cadáveres. Então nós tínhamos que passar horas e horas debruçados sobre eles, estudando cada fiozinho de nervo, veia e artéria, cada músculo, cada pedacinho. Era necessário ter tudo na ponta da língua porque a prova prática tinha bastante peso e muito pouco tempo para ser feita.

Antes do estudo propriamente dito eu e o Anderson não resistimos à tentação de assustar a Mariana. Apagamos todas as luzes do laboratório e ficamos escondidos debaixo de uma das mesas, rindo baixinho. Mas ela não entrava nunca, então cansamos de esperar. Fomos ver e Mariana estava emburrada lá fora, cheia do nosso sumiço. Deixamos de lado as brincadeiras e fomos estudar.

E lá estavam elas, montes e montes de cabeças humanas dentro de uma caixa d'água repleta de formol. O formol fazia a gente lacrimejar e dava um pouco de alergia, mas não havia outra solução senão rebuscar no recipiente à cata das melhores.

- O que vocês acham desta? – perguntou o Anderson.
- Não está boa, olha só, o nervo facial está arrebitado!
- Mas esta aqui tá legal para estudar os vasos do pescoço. Depois a gente pega outra melhor para ver o facial!

Fui procurando também, era melhor já deixar todas as cabeças separadas sobre a mesa para depois começar o estudo. E quando eu pesquei uma delas pela orelha, não pude conter um riso nervoso. E comentei com meus amigos:

- Poxa vida, o que é que nós estamos fazendo *aqui*, hein, pessoal?! Que coisa mais macabra!

A Faculdade estava mergulhada em silêncio sepulcral, não havia ninguém pelos corredores. Então continuamos rindo e rindo para dissipar aquela sensação de estranheza. Realmente não era a coisa mais divertida e linda do mundo olhar para aqueles rostos.

Era muito diferente de ver um braço, um pé, ou mesmo vísceras espalhadas. Um rosto era sempre um rosto! Era pessoal. E me fazia pensar um pouco. Onde estava

o espírito daquelas pessoas naquele momento? O que restou dos seus corpos estava ali, naquele laboratório... mas... e a vida que saiu do corpo?...

“Como é bom ser filha de Deus e saber para onde vai o meu espírito depois da minha morte!”.

Aliás, em relação a esse aspecto, eu não fiz qualquer segredo diante da turma. Logo todos sabiam que eu era Cristã. Já nas primeiras semanas de aula cheguei inovando e fazendo uma pesquisa com os colegas sobre questões religiosas. O que pensavam sobre Deus, sobre alguns temas Bíblicos, se acreditavam no diabo. Era engraçado! Em Deus todo mundo dizia acreditar. Mas poucos pareciam preocupados com o diabo; antes, deixavam esse tipo de assunto para os ignorantes e supersticiosos. Confesso que não foi muito sábio da minha parte expor-me tanto logo de cara. Eu deveria ter me aberto mais devagar. Mas de qualquer forma aquilo serviu para identificar os Cristãos da turma. Só havia um: o rapaz japonês que estranhou um pouco a abertura fácil da minha fé. O Carlos. E até me disse para tomar cuidado:

– Você pode ser julgada.

Não liguei muito, mas ele tinha razão.

A maioria não estava nem aí para esse tipo de coisa, e minha atitude gerou um certo afastamento de algumas pessoas, ostensivamente. Havia quem detestava taras religiosas. Ao longo dos anos eu teria que pagar um preço por isso. Desprezo de alguns, críticas... especialmente quando minha crença me impulsionava a agir de modo diferente da maioria.

Por exemplo: eu não colava nas provas nem passava cola. Durante toda a minha vida acadêmica, sentei-me nas barbas do professor, sempre na segunda ou terceira fileira, justamente para evitar esse tipo de coisa. Não era questão de ser chata. Achava que isso desagradava a Deus, então não fazia. E dizia *por que* não fazia. E pronto.

Uma vez conseguiram roubar uma prova em branco de Biofísica, uma matéria que reprovava bastante. A avaliação seria dali a alguns dias, e diversas resoluções circularam pela classe, apavorada com as muitas notas baixas no primeiro teste. O próprio Carlos veio me oferecer uma das correções. Foi realmente uma *tentação*, mas fiz força para não aceitar, não quis. Não dei nem uma olhadinha, apesar de estar morrendo de medo da Biofísica! Fui a única aluna da classe que fez isso.

Mas acabaram descobrindo depois, alguém denunciou. Foi pior para todos e meio mundo ficou em recuperação. Eu também. E paguei o pato de ter que resolver uma prova muito mais difícil. Mas eu costumava confiar que Deus me daria a

sabedoria necessária, a memória necessária. Me ajudaria a estudar as coisas que de fato iriam cair. Porque geralmente era *impossível* estudar tudo. A quantidade de matéria era absurda, eram calhamaços e calhamaços de leituras e informações, tinha que ser um estudo direcionado.

Houve vezes em que minutos antes das provas lia ainda um ponto ou outro, e aquele era exatamente o que caía na avaliação. Às vezes eu orava e pedia a Deus que me fizesse estudar o mais importante, o que iria ser cobrado.

Muitas vezes não coleí e fui melhor do que os que colavam. Outras vezes, fui pior do que os que resolviam as provas em duplas. Mas estava com a consciência limpa. Não queria *me* enganar. E não tinha medo de ser diferente da maioria. Meus amigos mais próximos respeitavam. Cada um na sua.

Outro aspecto que acabou me separando um pouco da maneira de pensar do resto da turma foram as festas. Eu fui nas primeiras. Mas não ficava bêbada. Nem “ficava” com ninguém. Logo deixei de ir, porque para mim não trazia nenhum prazer. Deixou de me interessar. Porque não combinava com meu estilo de vida. O clima das festas era meio de baixaria, e eu não curtia esse tipo de coisa.

Também havia a questão do esporte. Desde o Colégio eu estava acostumada a participar das competições, gostava bastante. Quando entrei na Faculdade, era minha intenção continuar com aquela prática. Entrei no time de vôlei das calouras. Em relação ao jogo até que teria me dado bem, mas, que azar! Não era mais como no Colégio, o pessoal ligado ao Centro Esportivo da Faculdade era terrível. E todas as músicas de torcida eram cheias de palavrões, simplesmente não dava para cantar aquilo! Eu era Cristã! Não dava mesmo! Me senti um peixe fora d'água.

As grandes e famosas competições que reuniam as Escolas de Medicina de São Paulo eram, no meu entender, impossíveis de frequentar. Acostumada com os acampamentos evangélicos... para mim era demais!! O pessoal bebia, aprontava e aproveitava para extravasar o lado mais obscuro da alma de uma forma ruim. A rivalidade entre as Escolas chegava às raias do exagero, não era saudável. Os mais novos sofriam mais, coitado do calouro que não caísse no gosto dos veteranos. As brincadeiras eram de mau gosto. Eu queria distância daquilo.

Naturalmente que posturas assim, um tanto “extremas”, criavam um desconforto de alguns em relação à minha pessoa. Eu não era “como eles”. O simples fato de não estar à vontade, por mais que nada dissesse, soava como uma afronta. Tinha que pagar o preço também por isso. Mas tinha aprendido a fazer as minhas escolhas. Todo mundo já era praticamente adulto, todo mundo tem que aprender

a tomar suas decisões baseadas naquilo em que acredita. Eu fiz as minhas, nem por isso fui uma “excluída” da turma. Tinha quem pensasse como eu, mesmo não sendo Cristão; tinha também quem *não* pensasse como eu, mas ainda assim me respeitasse. E vice-versa. Como já falei, também respeitava os outros, não tinha nada a ver com o que eles escolhiam para eles mesmos.

Meus principais amigos eram todos diferentes da maioria. Tinha a Mariana, que também adorava Música e Arte, era firme no seu jeito de ser, diferente. E foi uma das minhas alunas de piano. Tinha a Cíntia, que veio comigo do Colegial, a gente já tinha história juntas.

Tinha o Anderson, pianista e romântico como eu, e que também queria ser Psiquiatra. A gente vivia competindo no piano, tocando um para o outro, vendo quem tocava melhor. Provando um ao outro porque os compositores Românticos eram melhores do que os Clássicos e Barrocos... ou *não*. Ele tocava Schubert, eu também. Ele tocava Chopin, eu também. Ele tocava Beethoven, eu também. Ele tocava Bach... mas não gostava muito de Bach. Às vezes, eu também. Anderson caçoava de mim quando me via ensaiando trechos da Rapsódia Húngara de Liszt:

– Isso não é música pra mulher tocar... precisa de muita *força*!

– Ah, sim? Essa é uma música para *bons* pianistas, sabe? – eu dava risada de volta. – Você, por acaso, toca a Rapsódia Húngara?

– Meu estilo é mais ortodoxo!

As pessoas passavam e às vezes paravam para escutar. A gente não ligava, continuávamos nas nossas acaloradas discussões. Mariana reclamava.

– Que tal vocês tocarem, hein?

Tinha também o Philippe, que gostava de Artes Marciais, era muito inteligente, mas com umas ideias filosóficas meio fora de frequência. Tinha até mesmo feito um pouco de Filosofia antes de partir para a Medicina. Mas queria ser Psiquiatra. E eu lhe dei um dos filhotes da Flicka.

E tinha também o Abreu, revoltadíssimo com Religião e fundador de uma doutrina própria batizada de Abreuísmo. Uma aberração! Vê se pode! Pura infantilidade, no fundo, e vontade de chamar a atenção. Para variar... Psiquiatria era seu lema! Os futuros Psiquiatras da turma eram, que a modéstia me perdoe, muito mais interessantes e versáteis do que o resto!

Eu tinha evangelizado todos os meus amigos, do meu jeito. Costumavam, a princípio, fazer muitas perguntas. E depois argumentavam, questionavam, retrucavam, filosofavam. Eu sempre rebatia numa boa, disposta a ouvir e a convencê-los de que *eu* estava certa. Sempre gostei de uma discussão produtiva.

Eu não iria desprezá-los por pensarem diferente de mim, muito pelo contrário, eram mentes inteligentes, que precisavam de Jesus. Mas, mesmo que não tenham querido se envolver com Cristianismo, o fato é que a amizade ficou. Era gente boa, legal, e com quem convivi bastante.

Eles sempre acharam estranho que Deus pudesse fazer parte da minha vida daquela maneira. Era uma coisa nova. Mariana se incomodava menos, mas os outros cutucavam, volta e meia vinham com seus questionamentos. O Anderson era o mais incomodado: quase todos os dias dava um jeito de me espetar, fazer deflagrar alguma discussão envolvendo o Cristianismo.

Eu percebia o quanto a sua alma estava árida...

Mas os meus amigos *de verdade*, aqueles que me foram realmente caros durante a Faculdade, eram os que frequentavam o grupinho evangélico, a ABU. Não que a gente tenha sido acompanhado pela ABU de verdade, não foi isso. Era uma coisa meio independente, mas nós adotamos o nome. Reuníamos-nos duas vezes por semana, houve períodos em que até três vezes. Para estudar a Palavra, louvar, orar juntos. Mais até do que isso, *caminhar* juntos!

Ali eu encontrei identidade, claro, como não poderia deixar de ser.

Quando cheguei, fui bem recebida, apesar de que o grupo estava quase em fase de extinção. Só tinha umas quatro pessoas. Tomei para mim a tarefa de mudar aquela realidade, comecei a inventar coisas novas, e não sei como foram aparecendo outros Cristãos. Mais tarde ganhei o apelido de “Motorzinho” da ABU por causa da minha vontade e facilidade em animar todo mundo.

Esse primeiro núcleo seria formado por pessoas especiais. Logo havia alunos de todos os anos e ali eu iria conhecer aqueles que seriam companheiros durante todos os anos que passaria na Faculdade. A empatia entre nós era total. Meus principais amigos eram a Mayra, a Daisy Liu, a Maria Alice, a Andreza, o Edílson, o Fabiano, a Lara, o Wilson e o Shin. Mas havia outros participantes. Dentre eles, o Carlos. Excetuando ele e eu, todos estavam mais adiantados. A Mayra e o Shin eram os mais velhos, estavam já no quinto ano!

Ah! Era um verdadeiro oásis no meio daquele deserto.

Muito diferente dos amigos da classe, porque nós falávamos a mesma linguagem! E desde o início fomos aprendendo os princípios básicos do Cristianismo da melhor maneira: convivendo uns com os outros e procurando colocar em prática o que a Bíblia dizia.

Um incentivava e lapidava o outro. Um ensinava e aprendia com o outro. Apesar de cada um ter uma denominação diferente, e quase metade ser de orientais,

principalmente chineses, vivíamos em completa paz porque havia *respeito*. E porque o nosso denominador comum era Cristo.

Quarta-feira era dia de estudo na hora do almoço. Divididos em duplas, montávamos estudos muito bons para compartilhar com os demais. Quarta-feira era também dia de Evangelismo, ou seja, o dia em que estávamos preparados para receber visitas. Era praxe todos os estudos terminarem sempre com uma mensagem sobre a cruz, sobre a salvação, independente do tema.

Sexta-feira à noite era dia de Louvor e Oração. A gente se reunia às seis horas e sempre louvávamos o Senhor durante quase uma hora. Era um momento incrivelmente especial, um momento de restauração, de refrigério, de paz. Normalmente, o Shin ou o Wilson tocavam violão, às vezes o Carlos, e a gente ia pedindo essa ou aquela canção. Montamos até várias pastas com as letras das músicas. Na hora da reunião, era só distribuir as pastas para todo mundo poder cantar acompanhando a letra.

Depois do Louvor, a gente compartilhava: a Faculdade, os problemas, a família, coisas que Deus estava falando, mostrando... pedindo, ensinando... desafios, expectativas... derrotas, vitórias... etc.

Aí a gente se dividia em grupinhos de três ou quatro pessoas para orar pelos pedidos que tinham sido colocados. Era assim mês após mês, ano após ano.

A reunião de sexta-feira terminava lá pelas nove horas da noite. A gente não tinha pressa de terminar porque aquele era um momento especial. E era especial porque não era fingido, não era hipócrita, ninguém precisava “fazer de conta”. Isso era o melhor de tudo!

Quando a gente entrava ali, podia ser a gente mesmo. As fraquezas, as dificuldades, os problemas, tudo isso que era natural do ser humano... não era desprezado, nem muito menos julgado. Nós não tratávamos nossa *própria humanidade* como defeito. Não era preciso esconder, o melhor era expor tudo isso e, juntos, com a ajuda de Cristo, tentar ser pessoas melhores!

Procurávamos realmente nos tratar um ao outro. As conquistas individuais eram motivo de alegria e não faltavam elogios quando alguém conseguia superar uma barreira. Reinava entre nós uma interessante sinceridade, algo de fato diferente. Nunca mais experimentei isso em nenhum outro lugar. A gente se sentia mesmo fazendo parte de uma pequena família, se sentia aceito, se sentia cuidado. Deus cuidava de nós tendo como instrumento os amigos que estavam ali mesmo.

Pode até parecer uma visão poética, mas era assim mesmo. Foi assim. Foi real! Hoje me parecem tempos tão, tão distantes... como se outra pessoa os tivesse

vivido. Mas ainda guardo na memória o *bem* que me acrescentou.

Claro que havia uma parte da ABU que era “flutuante”. Gente que vinha às vezes, gente que vinha de fora. Mas aquele miolo, aquele núcleo do qual eu fazia parte, esse era de fato muito unido. Talvez fôssemos cerca de dez a doze pessoas que se tornaram muito amigas durante alguns anos.

Mas não somente ficávamos trancados dentro da nossa sala, dentro do “cirquinho” da Patologia. Os que já tinham mais visão nessa área incentivavam aqueles que não tinham: “O sal não pode ficar dentro do saleiro se quiser salgar.”

Então, às vezes, a gente organizava cruzadas evangelísticas pelo Hospital.

Outras vezes, queríamos alcançar os nossos próprios colegas de turma: daí montamos um jornalzinho Cristão para circular na Faculdade, pena que só deu para lançar duas edições. Falta de verba. Mas valeu a tentativa! Algum barulho bem que a gente fez.

Outras ocasiões favorecíamos o convívio entre as várias células de que existiam em outros cursos da Universidade. Acabamos conhecendo muita gente, e eles também nos conheceram. Todo entrosamento entre os Cristãos era válido! Eu gostava muito de estar no meio deles.

Doutra feita, montamos uma peça de Teatro evangelística. Foi coisa da Andreza. Iria haver uma Semana Cultural na Faculdade e todo mundo podia participar com qualquer tipo de coisa. Sem mais essa nem aquela, Andreza *primeiro* inscreveu a ABU e *depois* nos comunicou. Tínhamos menos de um mês para inventar algo e participar. Todo mundo deu duro, ajudando de uma forma ou de outra. Eu estava empolgada com a peça, não poupei esforços.

No dia da nossa apresentação o anfiteatro da Faculdade estava cheio. Até meus pais foram também! E meu pai gostou muito da peça.

Com o passar do tempo, com o aumento das atividades acadêmicas e a proximidade da Formatura, algumas pessoas deixavam de vir às reuniões. Mas chegavam calouros e, dentre eles, sempre havia um Cristão.

No entanto, algumas dessas amizades transcenderam as reuniões. Tornaram-se mais sólidas. Seria assim comigo e com Mayra durante um bom tempo. Nós duas, com Edílson e Cristiane, uma colega que fazia Terapia Ocupacional, encaramos seriamente o Evangelismo no Hospital. Uma vez por semana nós levávamos a Palavra aos doentes, e foi assim durante muito tempo. Até depois da minha Formatura!

A ABU tornou a Faculdade mais leve, sem sombra de dúvida.

Mas, voltemos ao curso de Medicina!! Já deu para explicar bem o que era a ABU!

O primeiro e o segundo ano foram bastante teóricos, uma carga imensa de teoria. Mas na segunda metade do terceiro ano começamos a entrar em contato maior com os pacientes. E tivemos uma matéria chamada Propedêutica Médica, ou seja, grosso modo, trata-se da arte de “colher uma história clínica e examinar um paciente”.

Pode parecer fácil, mas no começo não era muito fácil. E os próprios doentes chegavam a esquecer-se um pouco das agruras da internação e divertiam-se em observar-nos, a nós, os alunos, cheios de cuidados e gentilezas, fazendo vez após vez várias perguntas semelhantes. Normalmente os pacientes eram realmente *pacientes* e não se importavam em gastar muito tempo conversando conosco. Aquilo que um Médico experiente consegue em meia hora, nós levávamos mais ou menos uma hora e meia.

Era *imprescindível* não deixar escapar nenhum detalhe importante! Mas, mesmo assim, eles escapavam. É porque, no começo, nós não sabíamos perguntar exatamente o que era importante, nem o que fazer para conduzir uma entrevista que nos levasse o mais perto possível de algo que pudesse assemelhar-se a um diagnóstico.

Mas errando, a gente aprendia. O normal era “tirar a história” em duplas, ou trios, e depois as discutíamos com os Assistentes. No início, ao chegarmos com elas, os Médicos Assistentes nos faziam perceber quantos dados fundamentais tinham sido esquecidos.

- A paciente teve dor? Ótimo, e o que mais?
- Bom, começou com a dor abdominal...
- Mas como foi essa dor? Quer dizer, era uma dor de que *tipo*? Era em cólica, por exemplo, ou era constante?
- Bom, pelo que ela falou, parece que era em cólica.
- Mas era, ou não era? Vocês não podem ter dúvidas quanto a isso. Depois voltem lá para perguntar. E como quantificar a intensidade dessa dor? Era de fato algo importante? Dor é algo muito subjetivo. É importante saber se a paciente suava frio ou tinha taquicardia durante as crises de dor, ou se não conseguia dormir, por exemplo. Via de regra, qualquer dor que não impeça o sono não é muito significativa, por mais que o paciente insista em dizer que “doía muito”. Percebem? E em que região do abdome?
- Ah! Na parte de cima!

- Tem fatores de melhora, ou piora? Houve algum fator desencadeante?
- ?
- Quer dizer, piora com alimentos, por exemplo? Ou melhorou com algum tipo de medicação? Há quanto tempo ela está tendo dor? Tem algum outro fator associado?
- Ela teve vômitos.
- Somente vômitos? Você sabe se ela teve febre no mesmo período?
- Hum... não perguntamos.
- Ela teve diarreia?
- Ah, sim, comentou sobre isso também.
- E o aspecto dessa diarreia?
- Poxa, não perguntamos.
- É fundamental saber se tinha sangue, ou resíduos, ou pus, e também a intensidade dela. Quantas vezes por dia ela ia mesmo ao banheiro? Voltem lá e melhorem a história. Daí vamos discutir o exame físico!

E assim por diante. Dia a dia aprendíamos como pode ser cheia de detalhes uma dor de barriga, ou uma dor de cabeça. Pelo menos teoricamente. Não havia muita prática realmente falando, a gente ainda não conseguia juntar todas as informações muito bem. O exame físico era outro problema. No início, examinar era muito difícil.

Mas chegou o quarto ano, e ele vinha cheio de desafios porque era o momento em que de fato entraríamos em contato com *Medicina*. Pelo menos a pontinha dela!

Os primeiros três anos deveriam ter dado base suficiente e nos preparado para compreender como a Patologia acontece e que passos seguir para diagnosticá-la. Até o final do quarto ano não se espera que o aluno tenha em mente a terapêutica, ou seja, o tratamento. Apenas uma boa avaliação clínica do paciente, indicação de exames laboratoriais e, se possível, uma aproximação o mais fidedigna possível da doença em questão.

No quarto ano a gente começa a perder o medo de entrar em contato com os doentes, de conversar com eles, examiná-los. Os erros muito crassos também deixam de acontecer. Aos poucos começamos a ganhar segurança.

Mas também nos deparamos com algumas matérias meio cabeludas, cheias de exigências, e que tinham a fama de reprovar. Por exemplo, a Cadeira de Moléstias Infecciosas, ou MI, como nós a chamávamos.

As provas teóricas eram bastante duras, muito específicas. Em seis semanas, por três vezes fomos submetidos a quatro horas de escrita ininterrupta e apressada, o dedo terminava machucado pela caneta, mas somente assim tínhamos chance de responder a prova toda.

A quantidade de matéria é muita, vai além do que é possível assimilar de fato. Como os professores não estão muito preocupados em pegar na mãozinha de ninguém, eles querem mesmo é o resultado, cada aluno tem que acertar o seu ritmo, o seu jeito de estudar.

Cada final de semestre era sempre a mesma coisa: uma turma extenuada e cheia de gente com gripe. Excesso de trabalho e falta de sono fazem com que a imunidade caia um pouco.

Certa ocasião, na época das provas práticas da Cadeira de Clínica Médica do quarto ano, após muitas aulas e estudo, estávamos reunidos para o grande desafio: a avaliação final daquele curso. E o pior: era individual! Quem não passasse perdia a chance de começar o Internato (período do quinto e sexto anos) com a turma. Durante o Internato a turma toda seria dividida em grupos fixos de 14 a 16 alunos e, durante os dois próximos anos, rodaríamos juntos por todas as clínicas do Hospital. A reprovação fazia com que o estudante que “caísse de turma” perdesse o seu grupo. A sua Panela. E isso era uma horrorosa e medonha possibilidade, um fantasma terrível, algo realmente *inominável!!!*

Veja bem, o clima dentro da Faculdade era de muita competitividade. Na verdade, as amizades leais e sinceras eram poucas. Por isso, cair de turma significava deixar de lado os amigos e colegas com os quais você já conviveu durante quatro anos e se adaptou, para ser obrigado a passar os dois próximos anos com pessoas que, a princípio, são desconhecidas... bem, certamente esse não era o prato predileto de ninguém! Aquelas provas, ao lado do curso de Moléstias Infecciosas, eram as grandes barreiras para o início do Internato.

Eu gostava de Clínica, e MI também era muito interessante. Estudei muito. Não queria correr riscos! Fechei minha nota antes da última prova em quase todas as disciplinas da MI e saí-me bem – Graças a Deus! – nas provas de Clínica.

Na última delas peguei um doente de bom nível, que informava bem, e ele contou-me uma história clara. Examinei-o depois e ele não tinha nenhuma alteração de exame físico no momento. Não era bem o que eu estava esperando daquela prova, porque os Professores garantiram que iriam cair, principalmente, casos de cardiologia, pneumologia e nefrologia. Matérias que tinham sido mais vistas durante o curso teórico.

Mas como eram muitos os alunos, não foi possível que todos recebessem um caso desses. Eu não fui uma das privilegiadas, como logo notei ao tirar a história do meu paciente. Me veio uma batadeira no peito, mas procurei me controlar.

“O que será que esse cara teve??”, indaguei de mim para mim assim que ouvi as queixas de febre e convulsões.

Procurei fazer uma boa história e um bom exame. Sabia que não me exigiriam o diagnóstico porque o caso não era cardíaco, nem pulmonar, nem nefrológico. Então, sindromizei bem o quadro neurológico e apresentei bem o caso. Depois, durante a discussão, quase bati o martelo na meningite. Fui aprovada, bem como os meus colegas de Panela. E fechamos bem o quarto ano!

À medida que avançávamos na nossa carreira Médica, as férias também progressivamente diminuía assustadoramente. Enquanto todos os demais cursos da Universidade contavam com mais de três meses de férias por ano, depois do quarto ano, nós, da Medicina, tínhamos apenas um. Dividido entre as férias de julho e dezembro. Não precisa nem dizer que não dava para descansar muito! Era só um *coffee break*.

E lá estávamos, prontos para dar início ao Internato. Mês após mês eu iria conviver apenas com aquelas mesmas pessoas que faziam parte do meu grupo.

As rivalidades dentro desses grupos – as “Panelas” – existiam, e por vezes podiam chegar às raias do insuportável. Nossos colegas de Panela seriam mais próximos do que membros da família. Passaríamos dia e noite juntos.

O entrosamento, portanto, era condição fundamental para se conseguir sobreviver àquele período. Nós já não éramos responsáveis apenas por nós mesmos, como tinha sido até então, mas tínhamos que aprender a trabalhar em grupo *de verdade*. A Panela deveria mover-se de forma sincronizada, sendo uns pelos outros em toda divisão de trabalho. E Plantões. Porque, agora, nós não nos livraríamos mais deles. A partir dali, trabalho árduo não iria faltar. Por isso a sincronia entre nós faria o dia a dia mais harmonioso e enfrentaríamos mais facilmente as dificuldades do Hospital. As Panelas também recebiam nota pelo entrosamento e trabalho em equipe. Gente problemática influenciava todo o resto.

Há basicamente dois tipos de pessoas com quem trabalhar: aqueles que aprendem a conviver bem com a pressão emocional e física, a lidar com o seu próprio estresse; que sabem que não estão sozinhos no mundo e que um dia vem sempre após o outro... e os que só pensam em si mesmos, em como levar vantagem, em como sair na frente, em como bajular melhor esse ou aquele

“poderoso”. Sempre interesseiros. Egoístas. Neurotizados. Robotizados. Nunca facilitam nada para ninguém.

Poxa vida, nem sempre era fácil! Trabalhar dentro de uma Panela problemática poderia ser uma tarefa hercúlea e infeliz. Eu sabia que minha Panela reunia gente muito diferente, e alguns eram, decididamente, difíceis de lidar. Mas somente o correr dos dias revelaria de fato quem era quem. No Internato fica muito difícil esconder a verdadeira cara. Cedo ou tarde tudo fica patente aos olhos de todos, porque o tempo de convivência é maior, muito maior do que com qualquer outra pessoa. Inclusive, como já falei, a família. Podia-se dizer que nossa família era a Panela para os próximos dois anos!

Eu aprendi que é melhor dividir o trabalho, ser uns pelos outros em tudo o que for possível, facilitar as trocas de plantões, ser flexível, prestar favores com generosidade. Porque, no outro estágio, eu é que poderia estar precisando de uma cobertura. O mais triste é quando se faz um favor várias vezes e, quando se precisa, aquele que recebeu não tem boa vontade para retribuir.

Realmente enfrenta-se todo tipo de pressão dentro do Hospital. Toda pressão é naturalmente maior quando o cansaço físico é grande, e esse era o feijão com arroz. Aí é tempo de aprender – ou não – a lidar com isso! Com a exaustão, com o estresse, com o excesso de trabalho, com condições de trabalho inóspitas.

No mês de janeiro daquele ano começamos pela Obstetrícia, a primeira Clínica do Internato. Foi o primeiro dia em que pudemos vestir roupas brancas de verdade, em vez de apenas o avental sobre a roupa comum! Era um grande privilégio, um lugar conquistado! Finalmente tínhamos também o direito de pendurar o estetoscópio no pescoço, agora um verdadeiro instrumento de trabalho.

Ninguém se atreveria a fazer tais coisas antes do quinto ano. Seria motivo de chacotas infundáveis porque todo mundo sabe que, até então, é ridículo querer “parecer Médico”. Somos bem zero à esquerda, conhecendo a coisa meio teórica, meio prática, mas muito aquém do necessário para estarmos integrados à rotina do Hospital.

Mas, detalhes à parte, o Internato é um período importantíssimo, que reserva um sem-número de experiências que, finalmente, nos capacitarão a receber o título de Doutores.

Não há como contar muito sobre isso, traduzir em poucas linhas. Só quem esteve dentro de um Hospital, estudou Medicina, sabe do que eu falo. Para esses certamente eu não precisaria contar como é passar a noite numa UTI, onde tudo

pode virar de pernas para o ar em pouco tempo porque pacientes graves são instáveis... ou na porta do Pronto-Socorro Cirúrgico, onde a gente percebe que politraumatizados gravíssimos existem, e aparecem toda hora, de todo jeito: motoqueiros arrebetados, atropelados, baleados, esfaqueados. Às vezes a polícia vem junto e fica por ali. Um dia, na hora do almoço, um jovem bem barbeado e bem vestido chegou com um tiro direto no coração. Não deu para fazer nada. Estragou o plantão de muita gente.

Eu também não precisaria contar como é o dia a dia numa enfermaria infantil, ou numa enfermaria de pacientes terminais, ou numa enfermaria de pacientes psiquiátricos. Ou naquela onde estão os pacientes que, embora não morram, nunca mais andarão pelas próprias pernas.

Particularmente estressante é a rotina nos boxes do Pronto-Socorro da Clínica Médica, onde tem tanta AIDS, tantos pacientes encacados ao mesmo tempo, tantos e tantos casos raros ou estranhos que não conseguem internação, e acabam morrendo ali mesmo.

É difícil olhar pela primeira vez nos olhos da família que acaba de perder um ente querido, ou acompanhar de perto o processo de morte daquele mesmo paciente. Ver os seus exames lentamente piorando à medida que o corpo também deteriora e o estado de consciência rebaixa.

Por outro lado, é especial a emoção de acompanhar de perto um trabalho de parto e receber nos braços um recém-nascido saudável. Ou *não*. Da mesma maneira, faltam palavras precisas para descrever aquela sensação de alegria sutil que nos sobrevém quando aquele doente que passou semanas sendo tratado finalmente recebe alta. E se despede com lágrimas nos olhos e agradece.

Nessas horas a gente olha e acha que vale a pena...

Mas há também os momentos duros, quando percebemos que a Panela está com problemas, que as brigas estão se avolumando, que não há tempo suficiente para estudar tudo, que os Médicos Assistentes não têm educação para tratar conosco, nem o pessoal de enfermagem, e até mesmo os pacientes exigem além da conta. Quando o cansaço é tanto que parece que nada mais existe além dele. Quando o sofá duro do PSC é o único lugar de “descanso” numa noite de trabalho infernal e interminável, alternando entre o Centro Cirúrgico e o atendimento das fichas. Poxa, não é justo ter que viver assim...

Nessas horas a gente olha e acha que *não vale* a pena!

O desânimo dura um dia, ou dois... ou até mesmo três ou quatro. Mas aí a gente olha para frente e continua caminhando, continua lutando, continua aprendendo.

Fazendo a nossa parte.

Durante o Internato, seja qual for a educação que tenhamos recebido, sejamos duros na queda ou sensíveis, a verdade é que um vírus acaba nos contaminando com quase cem por cento de certeza. É muito difícil escapar de ser infectado por ele, o processo é quase natural. É o vírus da frieza, da indiferença.

Difícil dizer se é uma forma inconsciente de autoproteção diante da dor e do sofrimento humano, ou se simplesmente o contato frequente com a doença e a morte nos deixa com a mente cauterizada.

Normalmente deixamos de nos importar muito com o *paciente em si*, com o ser humano. E pensamos somente na *doença*. Não raro, embora os professores procurem manter acesa no mínimo a chama da misericórdia, durante as visitas os pacientes são tratados como “o linfoma do leito 12”, ou aquele “estranho lúpus”, ou “o aneurisma de aorta abdominal”. Às vezes escapava, mesmo sem querer. Algumas vezes na frente do pobre doente.

Era preciso tomar cuidado.

O ano letivo foi caminhando e poucos meses depois do início do Internato, ainda no primeiro semestre, uma coisa estranha passou a acontecer comigo. Pela primeira vez comecei a pensar algo totalmente absurdo: parar um pouco os estudos, trancar a matrícula. Nem eu sei bem o que desencadeou aquela torrente de sentimentos estranhos. E inexplicáveis!

Mas a verdade é que, de repente, eu me via pensando nisso.

Procurei entender o que estava acontecendo. Talvez houvesse *explicações lógicas*. Tinha que ter uma explicação para aquele desejo que começou a me perseguir.

Bom, é verdade que eu vinha cansada demais, saturada demais! Minha Panela estava passando por conflitos bem sérios, todo mundo brigava com todo mundo, o ambiente de trabalho estava *péssimo*! E isso é um eufemismo!

Mas não era desculpa, até a gente se adaptar levava um tempo mesmo. Eu não poderia simplesmente culpar as circunstâncias externas, claro que elas tinham o seu valor, mas não era esse o verdadeiro motivo...

Levei um tempo para conseguir formular uma opinião que me parecesse fidedigna, que realmente traduzisse aquilo que eu sentia no coração. O que mais me pesava era aquela sensação indistinta, latente, meio sem forma, bem lá no fundo... e que dizia... ou melhor, *berrava*... lá dentro... e eu não tinha querido ouvir até então:

“*A Medicina está me roubando!!!*”

Sim, era isso, *era fato!* Como continuar fazendo vistas grossas, deixar que ela continuasse *dominando* toda a minha vida?! Tudo o que eu tinha de melhor ela acabou tirando de mim, aos poucos, é verdade, mas sem um pinga de compaixão, de trégua!

A Medicina é exclusivista, não aceita concorrentes. Eu havia parado de estudar piano há quase dois anos, e também a natação que fazia à noite. Já não escrevia, não pintava quadros, não lia muito (a não ser livros de Medicina), não tinha tempo para mais nada que não se referisse ao Hospital, aos doentes, aos Plantões, à profissão. Não tinha outros programas, não tinha amigos que não fossem Médicos. Não tinha tempo, não tinha tempo, não tinha tempo *para nada!!!*

Muito bem. Nada mais justo, não é? Afinal, era “assim mesmo”.

Mas tinha um pequeno detalhe: acontece que eu não estava satisfeita! E, quando dei por mim, ali estava eu com aquele lamentoso queixume, com aquela triste constatação:

“*Puxa vida!* Quando escolhi estudar Medicina era para isso me *acrescentar algo!* Não escolhi desfazer-me de todo o resto da minha vida em função dela, jogar *tudo* fora!”.

Então contemplei a realidade da minha escolha, observei aterrorizada o que aquilo significava de fato. Não haveria outra alternativa, esse era o destino de todo Médico: dedicar-se e render-se exclusivamente à “Deusa”! E nada mais. *Nada* escapava ao domínio da Medicina. Ela era a prioridade absoluta na nossa vida, tudo que não se encaixasse com ela tinha que ser simplesmente banido.

Dia após dia, semana após semana, mês após mês aquela certeza me consumia, me perseguia. E eu começava a fazer comparações, claro, com exemplo que estava mais próximo de mim. Meu irmão.

Havia um ano, Marco tinha ido estudar música no exterior. Aquilo me doía um pouco no coração. Não pelo fato de ele *estar lá*, mas pelo fato de eu não ter conseguido a mesma felicidade em relação ao meu futuro. Ele estava seguindo o instinto do seu coração, dando vazão a si mesmo... e eu... ainda que gostasse do que fazia... aquilo nunca tinha queimado no meu coração como *outras coisas* queimaram!

Eu sempre morri de vontade de estudar fora, sair um pouco do País. Marco, não. Mas agora ele estava fora, e eu presa no Hospital! Literalmente presa, cada vez mais!

O futuro se anunciava sombrio. Se quisesse levar uma vida “normal”, fazendo tudo o que tinha vontade, no mínimo teria que me desdobrar em duas ou três.

Impossível. Mas uma vida *apenas* como Médica não seria gratificante, nem mesmo suportável, não me faria feliz! Por essa perspectiva, o futuro me entristecia e assustava ao mesmo tempo.

“Quem corre por gosto não cansa”, não é assim que diz o ditado popular? Está aí uma grande verdade. Comecei a perceber, embora fizesse força para empurrar aquilo de volta para dentro, que talvez eu não estivesse “correndo por gosto”.

Mas o que eu poderia fazer, meu Deus?!! Estava no quinto ano! Aquilo me corroía por dentro, aquela insatisfação. Eu estava com 22 anos e tinha investido todo o meu esforço para percorrer aquele caminho. Me desfiz de tudo o mais que pudesse atrapalhar, inclusive sonhos de infância, talentos naturais e outros projetos de vida. Como *poderia ser* que agora eu não estava encontrando alegria na minha carreira?! Não, não, não!!! Eu não poderia me dar ao luxo de desistir.

Durante alguns meses, até mais ou menos o final do quinto ano, fiz força para deglutir, esquecer, amarrar, sublimar, *destruir* aqueles sentimentos indiscretos e incoerentes. Eu não iria jogar fora aqueles suados cinco anos de Faculdade e começar tudo de novo. Era impensável!

Mas algo não estava bem, decididamente não estava bem. E estava sendo mais forte do que eu...

Associado a isso, havia um outro problema. Dessa vez relacionado à questão familiar. Eu comia, dormia, tomava banho e tinha minha vida quase toda centralizada no Hospital. Quando estava em casa, estava podre de cansada, sem paciência com ninguém. A convivência familiar agora era muito pouca. Com certeza não era mais como na infância, ou mesmo na adolescência. Ou até mesmo nos primeiros anos da Faculdade. Eu tinha perdido também aquela parte.

Hoje vejo isso com maior clareza, mas na época aquela sensação de amargura simplesmente me dominava. Eu vinha agressiva, irritada, angustiada. E minha personalidade muito forte, *igualzinha* à do meu pai, começou, a certa altura, a fazer com que nós dois entrássemos em sérias divergências.

Começou... *quando* teria começado? Hoje é muito difícil saber. Havia coisas tão antigas e tão incrustadas no nosso relacionamento que já não sabíamos encontrar os verdadeiros porquês de cada problema. Divergências eu tive com ele desde a adolescência, apesar do meu chamego, mas foi mais fácil contornar. Havia mais válvulas de escape!

Meu pai era bom, muito bom, vivia para a família. Era generoso, interessado nos filhos, incentivador. Mas compreendo melhor agora que uma coisa ele nunca incentivou: o diálogo franco. Sei que certamente isso foi resquício da sua própria

educação, vinda de uma família italiana e de um pai bastante duro e austero. Então cresci vendo que problemas maiores nunca eram solucionados de fato; antes, eram abafados em nome de algo maior: o amor e a paz em família.

Esse era um bom motivo. A gente acabava por esquecer, deixava para lá.

Mas a *alma* não esquece, aí é que está! Achar que problemas resolvem-se por si mesmos, passam, são simplesmente *esquecidos*... belo equívoco! Na verdade, não se resolvem... acabam acumulados, constroem imensas muralhas no inconsciente...e voltam à tona com força multiplicada. Muitas vezes de formas incompreensíveis.

Não vi como foi que aconteceu, *não sei como aconteceu*, mas de repente me deparei com o fato consumado: as coisas estavam mudadas entre nós. Especialmente entre mim e meu pai. Torno a dizer, não sei quando foi que mudou.

Simplesmente percebi um abismo, um afastamento. Eu não me sentia compreendida de forma alguma. Parecia que tinha sido esquecida, deixada de lado em prol do Marco, a estrela da família desde que foi para o exterior.

Em contrapartida, talvez eles possam refutar o que digo afirmando que fui eu que me afastei, fui eu que me tornei intratável, indiferente, irritável, sempre com uma boa resposta na ponta da língua para desacatar a todos.

Nisso terão razão. Toda história tem dois lados, certamente eles também têm o seu ponto de vista. De fato, não estava sendo boazinha muitas vezes. Mas ninguém poderia supor o que me ia alma a dentro... e esse é o meu ponto de vista!

Acho que o que eu sentia, no fundo, era falta dos meus pais; principalmente do meu pai, em quem fui sempre tão ligada. Sempre tive adoração por ele!

No entanto, afastado do serviço por licença Médica, agora ele passara a cuidar exclusivamente das coisas do Marco, dos seus concertos e recitais, da temporada nas férias.

E eu estava sempre distante de tudo e todos. Era apenas um reflexo de algo maior.

Não foi intencional por parte de ninguém, antes puramente circunstancial. E como eu já disse: quase nunca estava em casa, passava o dia todo fora, às vezes algumas noites, outras vezes boa parte do final de semana, as férias eram muito curtas... além disso, minha angústia interna me fazia intratável. Pode parecer infantil, mas também não consegui lidar com o fato de ter sido deixada de lado. Não que isso fosse real de fato... mas foi *real para mim*.

E foi uma somatória.

Acho que a coisa começou a degringolar mais ou menos por aí. Estava tudo aparentemente equilibrado até então, mas a estrutura do castelo de cartas era frágil. Aquele equilíbrio não era real.

Em certo momento, mesmo sem perceber, acho que comecei a culpar os meus pais por causa da minha decisão pela Medicina. Mais ainda, culpei-os por ter sido tolhida na minha liberdade de escolher *outra coisa*. Foi um processo inconsciente naquele momento. As fichas só começaram a cair muito tempo depois.

Então eu percebi aquilo que era obscuro anos atrás: no fundo, o que queria a todo custo era a *aprovação* deles. Queria que tivessem orgulho por mim e pelo que eu fazia. Quando criança eu tinha sido a Princesa “folheada a ouro” (por causa das sardas), sem dúvida a queridinha do papai. Mas o Marco tomou o meu lugar, desviava para si todas as atenções, o tempo todo.

Comecei a ver que o esforço que eu estava fazendo para continuar sendo a “queridinha” não estava mais dando em nada. Estava pagando um alto preço, muito alto *mesmo*, que era estudar Medicina! E não tinha o que mais queria. Atenção. Aprovação.

Não era culpa deles! Eu sei disso. Nem dos meus pais, nem do Marco. Algumas vezes me disseram que meu problema era justamente esse, inveja do meu irmão. Grande erro: eu tinha, sim, muito *orgulho* da conquista dele, de coração! Era sempre a primeira a sair batendo palmas nos recitais. Mas queria ter conseguido conquistar algo semelhante. Isto é, a alegria de fazer o que se gosta... e ainda ser *aplaudido* por isso! Eu não estava fazendo o que realmente gostava, e muito menos era aplaudida. Triste sina... se pelo menos eu não fosse aplaudida, mas tivesse me tornado uma alegre Publicitária...

Mas ali estava eu: irrevogavelmente destituída do meu lugar de Princesa. E sem opções na manga.

Não pretendo achar culpados porque, a bem da verdade, não creio que existam. Mas agora estava presa numa gaiolinha dourada. Ou melhor, *superdourada* porque os de fora sempre ficavam muito admirados da minha capacidade em enfrentar a Faculdade de Medicina. Era uma massagem no ego, apesar de que nunca liguei para isso.

Não obstante, todo o esforço que tinha feito até então não mantivera o meu posto, e as brigas e divergências já faziam com que eu e meu pai não tivéssemos muitas coisas em comum.

O quinto ano terminou, mas eu estava infeliz com tudo.

Apesar de que volta e meia meu pai prometia labutar por uma bolsa no exterior para a minha Residência Médica, exatamente como tinha feito com o Marco, eu não conseguia me entusiasmar com aquilo.

– Você só precisa dizer que especialidade quer seguir – falava ele.

– Poxa! É que eu ainda não decidi.

“Como se eu soubesse!”, pensava depois com meus botões.

A verdade é que eu *não queria* ir para o exterior estudar Medicina, aquilo simplesmente me trancaria mais ainda dentro de uma existência que eu já não estava certa de querer. Estava perdendo anos da minha vida que não voltariam mais, desperdiçando a chance de mudar de rumo. Se é que essa possibilidade ainda existia.

“Mas mudar de rumo *como!* Como posso mudar a ordem das coisas? Como ter de volta uma vida que me agrade?!”

Houve uma sutil manipulação velada na época do Vestibular. Claro que eles queriam o melhor! Mas erramos. E eu estava colhendo os frutos de toda aquela confusão! E, de quebra... eles também!

Eu tinha escolhido ser Médica por causa deles, mas agora era obrigada a carregar aquela cruz... por que eles não poderiam ter carregado a cruz de me deixar escolher livremente? O que pelo menos me daria uma chance maior de ser feliz depois?

Decidi trancar a matrícula.

Não foi uma decisão fácil, oh! Não, de modo algum! Eu me via entre a cruz e a caldeirinha, completamente dividida.

De repente, me bateu a louca e não quis pensar mais. Se pensasse muito, não fazia. Então tranquei a matrícula pouco menos de 11 meses antes da Formatura. Foi uma verdadeira loucura parar o ritmo alucinante em que vivia, em pleno início de sexto ano!

Aquela era uma tentativa quase desesperada de coordenar um pouco as emoções, pensar, buscar orientação de Deus. Eu precisava parar um pouco, colocar a cabeça no lugar, me aconselhar. Para *depois* conseguir terminar, e *terminar bem*, o meu curso.

Os primeiros dias foram difíceis. Viajei correndo para um Congresso Evangélico que duraria uma semana. Se eu faltasse durante uma semana, nem que quisesse poderia voltar atrás na minha decisão.

Quando voltei, e me vi em casa, senti-me entre aliviada e apavorada ao mesmo tempo. Era muito estranho ter todo o tempo livre.

Ninguém entendeu nada. Mas meus pais procuraram respeitar minha decisão, pelo menos de início. Mas, decididamente, eles não entenderam. Comentei que desejava fazer um pouco de Terapia, conversar, buscar entender melhor o momento que estava vivendo.

Procuramos uma psicóloga Cristã. Já nem me recordo quem deu a indicação. Mas fui ao encontro dela. Numa das primeiras sessões lembro-me de que ela comentou comigo as palavras do meu pai:

– Queremos que você possa ajudar a nossa filha! – tinha dito ele.

Aquele “nossa filha” me tocou muito, muito. Nem posso dizer quanto!...

Que bom que meu pai estava querendo que eu melhorasse e procurava respeitar minhas dificuldades, mesmo que minha atitude extrema fosse literalmente incompreensível para ele. Sei que eles procuraram fazer o melhor por mim. Mas o problema é que, tempo demais em casa, confusão armada. Por mais que nos esforçássemos. Pelas menores coisas.

Aquele foi um ano muito difícil. Não gosto de recordar-me dele. Mais para a frente o Senhor revelaria o cerne disso tudo, o quanto boa parte do meu caminho tinha sido traçado pelo inimigo das nossas almas. Graças a Deus, o Senhor em tudo era Soberano desde aquela época, mas isso não me isentou de passar por um contexto espiritual muito forte. E que não vem ao caso agora.

Aquele ano foi triste em todos os aspectos. Foram muitas incertezas, decepções, amarguras, desapontamentos e frustrações. Além disso, algumas circunstâncias fugiram do meu controle, o meu lado emocional suplantou o racional e acabei por bater completamente de frente com o meu pai. Dessa vez foi de frente mesmo. Como meu pai costumava ser inflexível quando confrontado na sua maneira de ser, não havia meio-termo possível para o nosso impasse. Foi pior ter parado a Faculdade do que ter continuado.

Embora continuasse orando, indo à Igreja, procurando acertar, procurando ajuda... foi mais forte do que pude suportar!

Só vim a entender anos mais tarde. Pena que certas coisas não podem voltar atrás, e ser simplesmente apagadas. Um rastro maligno ficaria na minha vida. Essa época foi marcada por traumas profundos, um revestimento ruim e amargo cobriu a minha vida. Eu me sentia pior, muito pior. Devastada por dentro. Com a alma à beira de um colapso.

Posso resumir tudo numa linha: mesmo sem querer, as circunstâncias naquele ano colaboraram para que eu fizesse muito mal ao meu pai; e ele fez muito mal a mim.

O meu coração acreditava naquilo: que eu era a causadora de todos os males, a destruidora da família, o pomo da discórdia, a ovelha negra, a ingrata e todos os demais adjetivos pejorativos que pudesse encontrar. Realmente comecei a acreditar que era ruim. Ruim de fato! E que nada de bom poderia me acontecer; eu teria, de alguma forma, que pagar por todo o mal que tinha feito.

Foi basicamente nessa época que passei a não confiar muito nas pessoas, especialmente nos Cristãos. Aqueles de quem sempre tive vontade de estar perto já me pareciam diferentes. Não o pessoal da ABU, que já tinha se formado e cuidava da vida, mas aqueles que conheci melhor na Igreja que passei a frequentar. Parecia tudo uma grande falsidade!

De fato, o ser humano é difícil de lidar. Especialmente aqueles que se julgam grandes detentores da Verdade. O melhor a fazer era estar sempre precavida, *bem precavida*. Até prova em contrário, todos têm um enorme potencial de magoar. Decepções sucessivas com a Igreja, com os líderes que supostamente poderiam me ajudar... mas não o fizeram... os irmãos com quem eu poderia ter contado... mas não pude... tudo isso terminou resultando numa briga com o próprio Deus. Eu me sentia magoada até mesmo com Ele.

Em suma, não queria saber de mais nada. Foi um período longo, difícil e muito solitário. Todos os dias assaltava-me aquela terrível sensação de que era melhor estar morta. A sensação de morte me perseguia dia após dia.

Retomei os estudos no ano seguinte.

Mas o problema principal, o familiar, não tinha sido resolvido. Tentei me ajustar com minha família. Tentei. Mas não consegui. Agora era mais comum do que antes meu pai estar totalmente fechado para mim. Podia passar dias, até semanas sem me olhar, mesmo que eu falasse com ele. A indiferença era dez vezes mais insuportável do que gritos e discussões! Nada tinha o poder de me arruinar mais do que aquilo. Imagino que ele também sofresse com esse estado de coisa, mas não demonstrava. A impressão que me dava é que poderia estar morta, e isso não faria diferença alguma. Como me anular mais ainda? O que eu deveria fazer? Até quando iria pagar pelos meus erros?!

A melhor coisa era mesmo retomar os estudos, já chegava mesmo o tempo. Estava cansada de viver aos trambolhões, sem objetivo. A Terapia não estava acrescentando nada, eu não tinha nenhuma perspectiva de fazer algum outro curso, ou mesmo viajar, ficar fora um pouco. Tudo isso somado me fez olhar com novos olhos para a Faculdade. Fiquei com vontade de retornar, talvez antes eu estivesse apenas cansada, e o cansaço me fez ver as coisas distorcidas.

Agora era “vai ou racha”. Terminaria o sexto ano.

Tive a grande sorte de pegar uma Panela muito boa, entrosada, responsável. Maravilhosa. A adaptação foi quase imediata, sem dúvida muito melhor do que com a anterior. Felizmente, agora tinha um bom grupo de trabalho e algumas pessoas que, como eu, eram bastante adeptas do riso. Não importava o que carregava na alma. Ainda existia um pouco de criança em mim. Estar perto deles fez-me lembrar um pouco dos meus antigos tempos de menina. Eu adorava uma baguncinha, uma palhaçada, uma brincadeira. Quem me *conhece*, sabe disso. Se me deixassem à vontade, meu natural era ser alegre.

Na hora do almoço nós nunca falávamos dos doentes, mas sempre de outras coisas. E ríamos, ríamos a mais não poder. Era até um riso nervoso, puramente para espantar o estresse, liberar as profundezas contidas do ser (e também algumas endorfinas).

Uma vez, no meio do riso, comecei a chorar, não sabia nem por quê. E depois voltei a rir, no meio do choro.

Uma das minhas colegas, rindo também, comentou:

– Acho que você não está muito bem, hein?!

Mas como rir era uma verdadeira Terapia... vivas ao riso!

Em abril daquele ano tive uma perda importante, o falecimento de um amigo que tinha AIDS e que eu vinha acompanhando espiritualmente há um bom tempo. Grande parte dos meus problemas em casa foi por sua causa, mas quando ele finalmente morreu foi praticamente impossível que eu me conformasse com aquilo.

Eu estava começando o estágio mais puxado do sexto ano, o Pronto-Socorro Cirúrgico. Durante três semanas podíamos esquecer o que era descanso, no sentido literal da palavra. Ali naquele lugar só havia cama para os Médicos mais graduados. Para os internos – nós – não havia nem sequer uma cadeira. Sinal que, nós caçoávamos, espera-se que no PSC você nem sequer *pense* em sentar! Aliás, de madrugada, quando a exaustão era demais... tinha o sofá...

E me afundei no serviço para anestesiar os sentimentos ruins. No entanto, fiz um bom sexto ano.

Uma vez, quando eu estava de plantão na chamada “Retaguarda” do Pronto-Socorro da Clínica Médica, uma espécie de semi-intensiva, em que variava o número de leitos de acordo com o próprio movimento do PS, recebi sincero elogio de um dos Assistentes que foi passar a visita comigo.

Na verdade, quem passava a visita era eu, isto é, falava sobre todos os pacientes internados e discutia com ele as diretrizes para conduzi-los o resto do período. Eu estava sinceramente ligada aos pacientes, interessada em aprender e, ao final da visita, diante dos comentários que eu mesma fazia dos doentes e das condutas, ele disse:

– Muito bem. Você está com uma boa visão de Clínica!

Passei feliz o resto do plantão por causa daquilo. Era bom ser reconhecida nos meus conhecimentos. Fui dormir tarde, embalada pelo som dos dois “Birds” que insuflavam ar nos pulmões dos meus doentes. Se o som mudasse, acordava imediatamente.

Em outras duas ou três ocasiões, pessoas diferentes comentaram sobre a facilidade que eu tinha com os procedimentos cirúrgicos.

– Você tem mão boa, firme! – comentou uma vez um Residente que me ensinava a passar um tipo de cateter endovenoso: o *intracath*. – Você deveria fazer Cirurgia!

E isso não era cantada.

Uma Assistente da Obstetrícia falou mais de uma vez a mesma coisa, que eu tinha uma mão privilegiada. E que os meus pontos ficavam bonitos!

Talvez fosse por causa do piano, a gente aprende a ter um bom controle dos dedos, acho que era isso! Mas uma outra coisa que ajudava era o fato de eu ser muito calma para fazer esse tipo de coisa. Normalmente, ouvia antes as instruções e fazia sem medo de errar porque, se errasse, o erro também faz parte. E normalmente me dava bem.

Até mesmo Mayra, que já era Residente, uma ou outra vez elogiou, ao me ver com o livro de Clínica Médica debaixo do braço:

– Você gosta de estudar, né? Tá sempre com esse livro!

Ela foi sempre minha amiga. Na verdade, uma das minhas melhores amigas, alguém de quem nunca tinha me distanciado. Nessa época eu compartilhava praticamente tudo com a Mayra, com o Edílson. Não me afastei deles mesmo durante o tempo em que estive com a matrícula trancada. Não fosse essa válvula de escape, a presença desses amigos, nem sei...

Embora parecesse que eu tinha conseguido dar a volta por cima, afinal retomara os estudos e, mais do que isso, estava indo bem, às vezes tinha uma recaída. Eram momentos de profunda tristeza, e desânimo, e dor, e solidão. Um profundo desejo de morrer me assaltava... mas eu jamais teria coragem de fazer algo contra mim mesma.

No entanto poderia sumir por um tempo, esquecer, apagar... quando tudo parecia insuportável demais e eu nem sabia por que, quando estar perto daqueles que sorriam parecia ser indescritivelmente doloroso...

No segundo semestre daquele ano o Brasil ganhou a Copa do Mundo. Não assisti ao jogo. Estava no meu quarto, dormindo, depois de uma boa dose de vinho e comprimidos para dormir. Naquele dia tinha visita em casa, nem sei se ficaram sabendo, muito menos o que pensaram. No mínimo, que eu era uma desequilibrada. Perdi um dia de Faculdade, nem consegui acordar, e isso me rendeu um plantão extra. E só. A vida continuava. Meu pai não me falou nada, acho que ele levava aquilo como uma afronta pessoal.

Eu queria deixar de sentir aquela dor. Aquele desconforto. Aquele decepção. Aquele solidão tão intensa. Aquele sentimento horrível de desvalia! Que aparecia do nada... e também ia embora sem motivo aparente.

Eu achava que a maior parte das vezes tais sentimentos ruins eram fruto das brigas que iam e vinham dentro de casa, vez após outra, por motivos que já nem entendia. Meu amigo tinha morrido... ele já não era causa de desavenças, então... que estava acontecendo? Que motivo poderia ser tão forte assim?! Eu tinha retomado os estudos. Mas não era perfeita! Nunca poderia ser perfeita, será que não poderiam me dar um desconto?

Eu sei que errei em muita coisa, briguei, desrespeitei, bati o pé. Mas... eu também não compensava tudo isso, de uma certa forma? Não virava as noites na rua, não aparecia grávida em casa, não usava drogas, não bebia, não namorava, quase nunca chegava tarde, e quando chegava, avisava. Além disso, era um motivo de orgulho aparente, não era? Afinal... estava prestes a formar-me Doutora por uma das melhores Faculdades.

O que mais? Quanta perda...! Não valeu a pena tanta desavença. Quanta vida perdida. Quanta mágoa. Mas não era só isso... qual seria a causa maior de tanta angústia?

O resultado disso: quer fosse verdade, ou não, eu me sentia excluída, julgada e, pior do que tudo: condenada. Nada que eu fizesse poderia me redimir.

Sentia muita culpa. Culpa por tudo. Por querer, por não querer; por falar, por não falar; por agir, por reagir; por ser... por não ser. Nada parecia estar bom.

Que pena. Nós tínhamos tudo para dar certo. Para ir bem, de vento em popa. Eu amava meus pais. Eles me amavam. Mas alguma coisa saiu errada. Muito errada. E já não havia como descobrir o que tinha dado errado.

* * *

Esta história é muito mais comprida, muito mais cheia de detalhes e muito mais profunda do que pude narrar até aqui. Mas isto é o suficiente.

Eu não sabia que algumas das facetas da minha personalidade estavam sendo marcadas. De um lado, elas foram marcadas por Deus. No futuro eu teria capacidade de viver sob grande pressão, conseguiria caminhar e ir adiante com perseverança, mesmo a despeito das circunstâncias, das dificuldades, da dor e da tristeza. Esse traço de caráter precisaria existir.

De outro lado, embora nem sequer suspeitasse, minha vida estava sendo também marcada pelo inimigo. O motivo? Levaria ainda um bom par de anos para que ele me fosse revelado.

E foi exatamente assim que cheguei àquela Igreja lá para os lados de Perdizes.

CAPÍTULO 1

Mayra, que já estava formada há quatro anos, vinha frequentando aquela Igreja em Perdizes há algum tempo e garantiu-me que valia a pena conhecer. Quem sabe não dava certo de frequentarmos juntas?

Fui. Estava na hora de fazer as pazes com Deus, e não queria mais frequentar a antiga. Num domingo, apareci. Era um lugar grande, frequentado por gente, na maioria, de classe média, bem apessoada. O Louvor foi bom. Não me recordo da pregação, mas o fato de a minha amiga estar ali do lado era o que realmente contava.

Mas naquela primeira vez as pessoas não me pareceram interessantes, nem eu queria conhecer ninguém. No entanto, havia a possibilidade de começar um aconselhamento com um dos Pastores. Mayra tinha falado muito bem dele. E eu nunca fugi disso, ao contrário. Sempre busquei muito aconselhamento, sempre busquei estar perto daqueles que poderiam ajudar-me a balizar a vida. Pena que não era sempre que pessoas estivessem à disposição.

Ela apresentou-me o Pastor William logo naquele primeiro domingo, e ele percebeu, pela minha cara, que o negócio deveria ser sério. Mayra já tinha dito que iria trazer uma amiga que estava precisando de ajuda. E ele disse logo:

– Vamos começar o quanto antes. Não vamos deixar passar mais tempo. Nós estamos aqui para te ajudar – a voz dele soou bondosa, até paternal.

Quase abri as lágrimas ali mesmo, mas me contive a tempo. Marcamos então o horário, e eu realmente fui nas datas marcadas. O Pastor William costumava atender com um outro colega na sala, o Pastor Ronaldo. Era prudente essa atitude, por isso não me incomodei, ainda que aquele outro fosse um pouco seco. Meu discurso era sempre o mesmo. O grande nó na minha vida era um só! E não se tratava exatamente do problema com a Medicina, pois, no momento, a alegria pela proximidade da Formatura me mantinha sob controle.

A questão era aquela mesmo: eu só queria conseguir resolver o conflito familiar e viver em paz! Aliás, “paz” era uma palavra que não fazia parte do meu vocabulário havia muito tempo, embora em tudo procurasse fazer o meu melhor.

Era difícil entender por que Deus não me atendia, por que não me ajudava, por que aquela situação *não mudava*, ano após ano.

Passei a frequentar os Cultos e esforcei-me em dar a volta por cima. Essa foi sempre uma característica minha. Eu dificilmente me deixaria sucumbir. Meu coração poderia estar arrasado por dentro, mas por fora eu continuava levando a vida. Tinha meus amigos e meus afazeres. Uma hora tudo iria se acertar. Pelo menos eu assim esperava. Fosse como fosse a tempestade, eu me esforçava para sair dela!

Fui conhecendo pessoas na Igreja, enturmando-me na medida do possível. Aí começou a ficar gostoso, porque os relacionamentos é que deixam tudo mais colorido. Um dia fomos todos ao Teatro assistir “Carmen”. Isso foi pouco depois que Mayra começou a namorar um moço da Igreja. Ela veio me contar a novidade certa tarde, ali mesmo na rua, na calçada em frente à Igreja. Eu estava encostada em um dos carros estacionados na guia. Cruzei os braços e fui sincera:

– Puxa, fico contente por você, Mayra... mas muito chateada por mim – disse sem muitos rodeios. – Você sabe, né?

Ela sabia, melhor do que ninguém. Entendeu. Eu estava com 25 anos recém-completados e já duvidava no meu íntimo de que Deus tivesse realmente um companheiro separado para mim. Mas quis saber os detalhes, curiosa:

– E aí? Quando é que vocês começaram?

Mayra foi contando, e eu fiquei feliz por ela. Muitas vezes nós duas batíamos papo falando sobre os nossos sonhos de namorados, casamento, filhos.

– E quando é que eu vou conhecer o dito cujo, hein?

– Ah, hoje! Hoje ele vai estar aí!

Era meados do mês de agosto, e o tempo logo começaria a esquentar. Ficamos conversando ali na porta na Igreja até a hora do Louvor. Então entramos e participamos do Culto.

Naquele dia, depois que fui devidamente apresentada ao namorado da Mayra, nós estávamos por ali mesmo conversando com outros amigos, fazendo parte do burburinho e do passa-passa de gente no final da pregação. Então chegou o Alberto. Ele era uma das pessoas que me ciceroneavam na Igreja, com a Mayra, para me ajudar na integração com os outros. Não fazia muito tempo nós tínhamos ido juntos a uma festa na casa de um casal de diáconos. Ele era muito simpático comigo, mas veio com um pedido impossível de atender:

– Sabe o que é? – e comunicou-me que estava tentando ajudar um rapaz da Igreja cujo pai vinha doente, internado numa das UTIs de minha Faculdade.

– Ele não está aqui hoje, senão te apresentava. Será que dava para você passar lá de vez em quando? Fazer uma visita para o pai dele?

Era impossível. Não era corpo mole, não. Era de fato impossível. Humanamente falando, eu estava completamente sem tempo. Principalmente porque o lugar onde estava internado o pai dele ficava tremendamente distante de onde eu passava os meus dias e noites.

– Poxa... sem chance! Se isso tivesse sido há dois meses, até que teria tempo. Mas agora estou diametralmente oposta! Me desculpa, Alberto...

Eu não queria recusar, mas tinha pela frente os blocos de “pior” fama na Faculdade. Isto é, aqueles que “arrancavam o couro” dos pobres sextoanistas que já estavam com um pé para fora da Graduação e com o outro dentro da Residência Médica.

– Ah! Tudo bem, então. Eu pensei que ficava fácil.

– Ficaria... se eu estivesse mais perto. Mas estou mesmo muito longe. Não tenho tempo para sair. Não me custaria nada, estou até acostumada a visitar os doentes com o pessoal do grupinho de evangelismo, mas...

Ele me tranquilizou.

– Não esquentar, não. Tem gente que está indo!

Depois disso o tempo voou, nem pude estar todos os domingos no Culto por causa dos plantões. Deu para ir só uns dois domingos naquele mês de agosto. Então entrou o mês de setembro. Eu já tinha até esquecido do tal rapaz com o pai doente.

Mas num dos domingos de setembro, um dos Pastores avisou todo mundo, antes do início do Culto:

– Antes de começarmos a nossa pregação de hoje quero dar oportunidade para que o Eduardo venha até aqui. Nosso irmão me pediu que abrisse este espaço porque ele queria agradecer publicamente à Igreja pelos préstimos que recebeu durante a enfermidade do seu pai – e o Pastor fez um gesto amigável com a mão.

– Pode vir aqui, Eduardo!

Estiquei o pescoço do lugar onde eu estava sentada ao lado de Mayra e mais alguns conhecidos.

– Ah! Esse era aquele que o Alberto falou, né?

– É ele sim. Você não o conhecia?

– Não, não houve oportunidade, eu não podia ir visitar o pai dele. Parece que ele faleceu, não foi?

– É, faz uns dias, avisaram a Igreja... Eu estava um tanto condoída com a situação. “Coitado”, pensei eu.

Então vi uma cabeça que deslizou ali na frente, ao longe, pelo lado direito. Ele subiu ao púlpito aceitando o microfone que lhe estenderam e falou com voz firme, sem muitas delongas, mas em tom que revelava de fato um sentimento de gratidão:

– Realmente eu queria estar agradecendo pela dedicação de alguns irmãos, por toda a colaboração que deram à minha família. Deus levou o meu pai, mas estamos em paz, com o coração tranquilo, sabendo que ele foi liberto das suas dores. E agradeço também a todos vocês, pelas suas orações, pelas palavras de incentivo, pelo carinho da Igreja.

Enquanto Eduardo falava, eu fiquei olhando longamente para ele. Observei-o atentamente quando entregou de volta o microfone e desceu. Eu o segui com os olhos até que se sentasse, desaparecendo da minha vista.

Alguma coisa nele mexeu comigo.

“Puxa, que rapaz simpático esse... realmente foi uma pena que não pude fazer nada para ajudar. Cá para nós: teria tido a oportunidade de conhecer o *bambino*! E bem simpático, bonito! Realmente, realmente... é uma pena!”

Acabou o Culto. Quando ia saindo ao lado de Mayra, depois de um bate-papo rápido com o pessoal, vi Eduardo outra vez, cercado por várias pessoas numa roda. Olhei de longe, e fui embora.

Mas dali para frente eu estava sempre de olho nele. E comentava com Mayra, entre risos:

– Esse Eduardo é uma graça!

Mas não houve nenhum ensejo para qualquer aproximação.

Foi assim até uma certa tarde de sábado, quando eu estava na Igreja participando do ensaio do coral. Cantar em corais sempre foi um dos meus fracos, por isso quando avisaram da Cantata de Natal, achei um espaço para vir participar também. Troquei meus plantões, ajeitei meu horário de forma a ter a maior parte dos sábados livre. Não resisti mesmo, eu gostava muito de cantar. Haja vista que eu, Mayra, Edílson e Cris continuávamos cantando no Hospital.

Outro motivo para participar era o fato de que aquilo me ajudaria mais ainda a entrosar-me depressa com o pessoal.

E bem que a gente se divertia! Eu era contralto. Não havia muitas contraltos, nem todas realmente tinham vocação para o negócio. Mas todo mundo estava se esmerando, iria realmente ficar lindo! Até porque aquele tenor, que destoava dos

demais, cantando muito alto, já parecia ter sido enfim domesticado. E a gente já não ouvia a voz dele sobressaindo por cima das outras. Que legal!

Estávamos orgulhosos da nossa Cantata! Aquele foi um dos primeiros ensaios em que realmente nossa voz ressoou bonita nos ares do grande salão vazio da Igreja. Como o chão era de cimento, sem carpetes, e as paredes estavam nuas, isso ajudava mais ainda a fazer o som ressoar.

Quando estávamos quase no fim do ensaio, quem é que eu vejo entrar no enorme salão? Uma figura já conhecida. Bem, conhecida *de vista*. Era Eduardo, que vinha chegando, sozinho, e sentou-se lá no fundo, numa das últimas cadeiras. E ficou quietinho escutando.

Não demorou muito e fomos dispensados pelo Pastor William (que também estava dando uma de maestro). Logo o som de canto foi substituído pelo barulho de vozes e risadas do pessoal, em grupos, animado.

Conversa vai e vem, eu estava numa rodinha com o Alberto, a Alicinha e a Carô, que usava um enorme brinco com uma pena de arara. E mais um ou dois. Mayra não participava do coral, portanto, nesse dia, ela não estava. Alicinha tinha me convidado para ir até sua casa após o ensaio, iria reunir um pequeno grupo para jogar conversa fora e comer *pizza*. Eu já havia aceitado, de bom grado, disposta a aproveitar um pouco com o pessoal.

Vi que Eduardo rodava no meio das pessoas com aparente bom humor, rindo e sorrindo abertamente. Eu olhava de vez em quando, mas não fiz nenhuma menção de forçar um encontro. Já sabia por experiência própria que esse tipo de coisa não dá muito certo. Nada de arrumar confusão!

Mas, de repente, sem mais essa nem aquela, Eduardo rodopiou tanto que acabou chegando bem ali no grupo em que eu estava.

– E aí, Betão? – veio ele falando e batendo no ombro do Alberto.

– Fala, Edu... tudo em cima?

Ele não precisou de convite para chegar, muito menos para ficar conversando na nossa roda. Era extrovertido e muito dado.

“É bonito esse moço!”, eu continuava admirando, mas totalmente na minha. Poupei-me de fazer uma entrada triunfal e exagerada, de demonstrar interesse de graça. Continuei conversando como se nada fosse.

Depois de alguns minutos, o Alberto virou para a Alicinha e comentou: – Precisamos ir, não?

– Pois é! Vê pra mim se vai mais alguém?! Eu só preciso falar com a Alessandra um minutinho!

– Nossa! Cadê o Pastor William? – exclamou a Carô balançando a pena de arara – Tenho que falar com ele também.

Nem sei como o pessoal debandou tão rápido, em segundos todo mundo tinha mais o que fazer e saíram deixando-me frente a frente com Eduardo. Parecia até combinado, mas foi totalmente espontâneo. E tão rápido que nem eu nem ele soubemos o que fazer, visivelmente “abandonados”.

Antes que pudéssemos dizer qualquer coisa, o Alberto, num gesto casual, voltou o corpo na nossa direção como quem se esqueceu de algo. Logo após ter dado alguns poucos passos, olhou para trás e perguntou cortesmente:

– Vocês já se conhecem?

Sorri ao mesmo tempo que Eduardo. E respondemos em coro:

– Não! Não nos conhecemos.

– Boa hora pra se conhecerem, então!

E fez as honras da casa. Alberto continuava no papel de bom anfitrião. Mesmo depois da festa na casa dos diáconos, sempre que podia, continuava a apresentar-me devidamente a todo mundo. Pois ele era do tipo que “conhecia todo mundo”. Agora, para minha alegria, ele dava uma totalmente dentro mesmo sem saber!

Pediu licença e disse que já voltava. Ele também iria à casa da Alicinha.

“Que deixa, hein?!!!”, refleti, ao mesmo tempo em que me voltava para o jovem à minha frente.

Começamos a conversar e, para ser sincera, recordo-me muito pouco do que dissemos um ao outro logo de cara. Mas certamente que não me esqueci da sensação diferente, muito rápida e sutil, que invadiu meu coração como um sopro de afirmação e logo dissipou:

“Mais tarde eu vou dizer que foi o Espírito de Deus que nos colocou frente a frente nessa Igreja...”.

Lembro-me dessa frase que me brotou na mente ainda antes que eu pudesse armar o melhor sorriso e uma boa frase de início. Não sou de ter esse tipo de coisa, foi até esquisito. Mas não dei bola.

Trocamos algumas amenidades. Ele perguntou há quanto tempo eu estava na Igreja, se estava gostando, coisa e tal. Eduardo já não era tão novato quanto eu, frequentava ali já havia mais ou menos um ano. Depois ele perguntou algo sobre se eu trabalhava, ou estudava, e ficou sabendo que eu estava para me formar na Faculdade de Medicina. Eu já sabia que esse tipo de informação às vezes assustava um pouco os rapazes que não eram do meu círculo. Não queria ter dito logo de cara, mas ele perguntou... então tive que responder.

Eduardo não pareceu espantado nem coagido diante daquilo, achou muito legal e perguntou logo em qual Faculdade eu estudava.

Eu expliquei, e uma vez tocado no assunto Medicina, foi um passo para ele falar do pai que tinha estado internado no Hospital. Eu comentei que já sabia, dei minhas condolências da melhor forma.

– Mas eu estou bem agora – reiterou Eduardo. – Ele estava sofrendo muito, e foi melhor assim. Tenho um amigo que é Médico, ele está no primeiro ano da Residência e estava estagiando na UTI nesse período. Nos ajudou muito! Será que você não conhece ele?

– Ah! Bom... a Faculdade é grande. É difícil conhecer as pessoas pelo nome, a não ser que sejam da nossa própria turma. Qual é o nome dele?

– Aloísio Aretti.

– Nossa, mas que mundo pequeno! Ele se formou no ano passado, não foi? Eu conheço, sim, foi da minha turma... é que eu tranquei a matrícula, sabe? Então fiquei um ano atrasada. Não é ele que namora uma chinesa?

– Isso mesmo! A Yi! Poxa, que coincidência. Ele é meu amigo há muito tempo, foi meu aluno de Arte Marcial.

– Arte Marcial? Você tem alguma coisa a ver com isso? Você pratica?

– Pratico *Kung Fu*.

– Mas que legal! Sério que você faz isso mesmo?

– Lógico que é sério!

Continuamos conversando um pouco sobre aquilo. Mas depois ele acabou por tocar num assunto pouco interessante. Para mim, é claro! Pois comentou da noiva. Alguma coisa sobre comprar, ou ter comprado um coelho para ela, que morava em Ribeirão Preto. O coelho era o que menos importava, mas aquela história de noiva...!

– Ah, que joia! – comentei, toda sorridente e me fazendo de tola. Não deixei transparecer minha decepção em hipótese alguma.

“Poxa... eu que estava sendo muito inocente em pensar que um pãozinho desses iria estar dando sopa por aí até agora!”.

E fiquei frustrada.

Não demorou muito e Alberto voltou para avisar-me que um casal que iria à casa da Alicinha não poderia mais nos acompanhar no programa e que, portanto, poderíamos nos aviar. – Ok! Aí ele se voltou para Eduardo:

– Você não faz parte do coral e apareceu aqui de gaiato, agora bem que poderia vir com a gente, não quer?

– Ah! Alberto, não sei, não... eu precisava ficar em casa um pouco, descansar...
– Que é isso? Não vai ficar em casa sozinho, não! Em pleno sábado? Conta aí que programão que você descolou pra hoje! Ver o “Sabadão Sertanejo”? Vamos com a gente! Espairece um pouco a cabeça, vai! Nada de ficar sozinho curtindo fossa.

Ele não demorou muito pensando, e concordou.

– Tá bom, fui convencido. Só vou até em casa, então, e já volto.
– Vai até em *casa*?! – estranhei.
– É que eu moro aqui em cima mesmo, só algumas casas pra cima, ali na esquina da rua.

– Então vai lá, avisa sua mãe que nós estamos te esperando. – retrucou o Alberto meio afoito. E já sumiu de novo.

Eduardo despediu-se de mim com educação e falou:

– Isabela é o seu nome, né? Até mais, então, a gente se vê. Você vai também, né?
– Vou. Vou!

Naquele momento realmente eu acreditei que ele estava indo dar satisfações à sua mãe. Mal sabia eu que há muito Eduardo não tinha desses hábitos, mais ou menos uns 75 *anos*! Muito mais tarde fiquei sabendo a sua verdadeira intenção: pentear o cabelo, escovar os dentes... estar apresentável para o caso de “pintar uma oportunidade”.

Olha só se pode! Mesmo convertido, Eduardo ainda guardava aquela maneira antiga de pensar e agir. Como diziam seus amigos, “é melhor estar sempre prevenido”. Ele subiu a rua pensando:

“Minha primeira impressão? Bom... é uma moça bonita. É Médica, é crente! Pode ser um bom partido”.

E acrescentaria, anos mais tarde:

– É verdade que não reparei *demaís*, estava chateado por causa do meu pai. Mas estava vivo, né?!

E eu nem desconfiei. Também, desconfiar do quê? Ele era *noivo*, não era?

Justamente por isso tratei de ir saindo logo. Combinei com Alberto que seguiria o carro da Alicinha, ela estava lhe dando carona, e imaginei que Eduardo também iria com eles. Nem fiquei esperando na porta da Igreja porque não queria forçar a barra para que Eduardo viesse comigo. Afinal, aquela história de noiva era fria! Eu não queria nenhum tipo de *encrenca* para o meu lado.

– Tá bom, esperamos você ali na esquina, segue o Escort preto!
– Falou!

Fui pegar o meu carro: um fusquinha vermelho, que era uma verdadeira relíquia de família, com quase 30 anos de uso, e que estava parado na descida lá embaixo.

Quando eu estava descendo a rua após ter me despedido de algumas pessoas, reparei que Eduardo tinha surgido nem sei de onde, e vinha atrás de mim, todo lampeiro. E convidou-se sem cerimônia. Na verdade, nem se convidou; antes afirmou, sorridente:

– Vou com você.

Não me dei por achada. Respondi sem pestanejar:

– Tudo bem vir comigo, mas não sei se você vai achar o meu carro muito confortável. Você pode ir com eles! – e refleti: “Por que é que ele não vai com os outros?”.

– Não – disse Eduardo. – Senão você vai sozinha.

– Tá bom. Vamos lá. Ele está ali embaixo, na esquina!

A partir daí começaria uma sucessão de fatos que, certamente, não fosse a intervenção Divina... não teriam resultado em coisa alguma! Bem mais uma sucessão de desencontros do que de encontros.

Era o início de uma noite quente, na boca da Primavera.

No caminho a conversa continuou, e acabamos de novo mencionando o Aloísio, único elo entre nós. Mas eu não estava a fim de falar de Aloísio, então perguntei do *Kung Fu*. E Eduardo foi falando e falando do que parecia ser uma grande paixão. Contou que praticava havia muitos anos, contou dos títulos conquistados. E que seu sonho era ter uma Academia.

– Poxa! Muito joia você ter ganhado esses campeonatos! Então você deve ser bom mesmo, hein? – perguntei com curiosidade.

– Agora estou um pouco fora de forma. Tive que largar durante um tempo por causa do serviço, mas estou retomando.

Eu, sinceramente, achei mesmo muito joia tudo aquilo. E não foi para fazer média. Eu apreciava a beleza do *Kung Fu*, conhecia dos mesmos filmes de TV que Eduardo já tinha cansado de ver. Eu também tinha praticado *tae-kwon-do*. Daí foi a vez dele quase não acreditar. Fez a pergunta visivelmente espantado:

– Então você gosta *mesmo* disso? Está mesmo falando *sério*!

– Ué! Por que a surpresa?

– Xiii, é porque em casa todos detestam! Até mesmo a minha noiva. Depois que ganhei os títulos, estava classificado pra disputar o Mundial em Taiwan, não deixa de ser uma conquista, né? Mas eles nem ligam pra isso. Logo que comecei, tive que quebrar algumas lanças pra levar adiante o *Kung Fu*.

– Poxa... mas que coisa... era pra todos eles terem orgulho de você. – Achei superesquisito, mas não me cabia fazer qualquer comentário. – Mas e aí? Você foi a Taiwan?

– Não tive patrocínio – ele respondeu meio jururu. E mudou de assunto.

Mais tarde eu viria saber por que lhe faltara o patrocínio.

Só então reparei melhor na calça de moletom surrada e nas sapatilhas *design* chinês. Dei uma risadinha significativa.

– Pelo visto você estava praticando antes de chegar à Igreja hoje...

– Pois é, costume treinar bastante aos sábados. Mas hoje quando cheguei escutei o coral cantando. Estava bem bonito, sabia?

– É mesmo, é? Dava pra escutar lá da sua casa?!

– Direitinho! Daí perdi a vontade de ficar em casa, resolvi subir até aqui. Às vezes eu faço isso, sabe? Sempre sei o que está rolando na Igreja porque escuto tudo lá de casa! – e riu.

Eduardo estava sempre rindo, sorrindo. Era simpático. O que será que ele fazia? Então perguntei:

– Você trabalha com quê?

– Sou Analista Financeiro numa Multinacional – respondeu ele. Eu nem sabia o que era aquilo. Minha cultura fora do âmbito da Medicina não era das melhores.

– E que Faculdade você fez? – a pergunta era óbvia.

Ele me explicou da melhor maneira que pôde porque não tinha curso superior. Àquela altura não me convenceu muito, ainda que Eduardo procurasse ser muito convincente. Pelo menos foi sincero.

– Eu até entrei na Faculdade, sabe? Queria muito fazer Administração de Empresas, mas eu iria me casar na época... e minha noiva não me incentivou a levar adiante essa história.

Outra vez me custou compreender aquela postura. Até franzi as sobrancelhas.

– Poxa, mas o que uma coisa tem a ver com outra? Desde quando estudo é uma coisa supérflua? Que pena!...

– Pois é! Mas não me faz muita falta...

No futuro eu veria que realmente ele estava falando a verdade. Não lhe fazia muita falta mesmo. Eduardo tivera uma maneira muito peculiar de aprender tudo que era necessário para desempenhar bem sua função. Como eu mesma viria a constatar.

– E você não pensa em voltar a estudar?

– Hoje já fica mais difícil, né?... Quando passa o tempo da gente fazer alguma coisa, ele não volta mais. Mas eu já aprendi o que precisava aprender.

A conversa continuou rolando sem paradas até a casa da nossa amiga.

Ela morava num lugar legal, uma casa bonita, espaçosa, de bom gosto. Tinha até uma piscina, no meio de um pequeno jardim cheio de plantas. Foi exatamente naquele lugar que nós nos acomodamos, depois de sermos recebidos alegremente pelo pai dela. Na varanda, sentados em cadeiras à volta de uma mesa, aquele foi um encontro extremamente agradável.

Alicinha estava recebendo em casa um rapaz que tinha vindo da França, uma espécie de intercâmbio. O objetivo de reunir o grupinho era justamente para que o francês pudesse conhecer melhor alguns brasileiros. O pai dela zanzou um pouco por ali, conversando amistosamente e fazendo as honras da casa. Ele me fez lembrar do meu pai, que também gostava de receber gente em casa, de oferecer uma bebidinha, fazer todo mundo se sentir bem recebido, à vontade.

Sinceramente falando... aquela noite teve um colorido todo especial! O clima estava diferente, gostoso, informal, acolhedor. As pessoas eram agradáveis, a conversa foi agradável, nos entrosamos muito bem, tudo estava muito bom. Conversamos, demos risada, falamos de tudo um pouco ao som suave de MPB, depois do Louvor.

Fazia calor, mesmo ali no quintal cheio de plantas. Quando chegaram as nossas *pizzas* comemos ao ar livre. A tônica da noite, durante todo o tempo, era confraternizar e estar juntos.

Foi gostoso demais! Mais tarde a conversa mudou de rumo e cada um acabou falando um pouco de si mesmo, do trabalho, dos estudos, dos planos para o futuro. Todos eles eram um pouco mais velhos do que eu, e cada um tinha uma vida bem peculiar, bem diferente da minha.

Alicinha dava aulas particulares de línguas: inglês, francês e italiano. Fazia traduções também. O Alberto era psicomotricista. O tal francês tentava enrolar um português bem falho e não conseguia terminar as frases, então Alicinha ajudava. Parece que, assim como ela, ele também era professor.

Mas Eduardo, sem dúvida, pelo menos para mim, era o *mais* interessante.

Lembro-me de que enquanto ele falava de si mesmo, primeiro do serviço e depois dos Mestres de *Kung Fu*, eu admirava o seu rosto e me convencia definitivamente de que ele era uma pessoa muito interessante!

Educado, bonito, desenvolvido, simpático... *mas que coisa!* Ele tinha uma noiva, então nada de ficar animada! Só de pensar em arrumar um interesse qualquer por

alguém compromissado já me fazia estremecer. Por isso, eu o tratei normalmente, da mesma maneira que os demais, nem me sentei ao lado dele. Fiquei perto da Alicinha.

Eduardo falava com tanto entusiasmo e com tanto conhecimento do *Kung Fu* que, mesmo se de antemão eu não gostasse daquilo, sairia gostando, só pela maneira como ele falava.

Depois alguém falou alguma coisa sobre a sua namorada. (Perdão, a noiva)! Eles já a conheciam porque mais de uma vez ela tinha vindo visitar a Igreja com Eduardo. Daí procurei prestar bastante atenção quando o Alberto perguntou, ingenuamente, quando é que ele casava. Eduardo falou, explicou, mas não ficou bem claro.

Em suma: ela estava em Ribeirão, ele estava aqui... havia uma longa distância... portanto... e Eduardo logo mudava de assunto.

Sempre fui muito sensível, de pescar as coisas no ar. A verdade é que na minha mente ficou uma estranha dúvida, uma sensação leve...

“Que esquisito esse jeito de falar... nem parece que ele gosta dela...”.

Quem ama e está noivo e pretende casar-se deveria, pelo menos em tese, falar sobre a noiva com certo gosto. E ele nem mencionava a moça para nada. Parecia não ter prazer naquele assunto.

Mas, fosse como fosse... ele era noivo! E ponto final!

Tocava um CD bem gostoso, músicas do Caetano, da Gal, da Betânia. Depois que terminamos a sobremesa, Alicinha acabou tocando um pouquinho de piano. Eu fui obrigada a enrolar também, apesar de que estava parada havia mais de dois anos.

– Você toca bem, hein, menina?! – elogiou Eduardo.

– É só impressão. Não está mais tão bom quanto antes!

– Imagine se não está bom! – fez o Alberto com o jeitão dele. – Se *eu* sentasse nesse piano, então você iria ver só que coisa!

– Quer dizer que você parou de estudar? Mas está tão bom!

– Bom!! Você também não acha que seu *Kung Fu* não é mais como antes, como você mesmo disse? Não falou que está destreinado?

– E estou mesmo!

– Pois comigo é a mesma coisa.

– É verdade, os outros até podem se derreter, né? Mas a gente é que sabe se está legal ou não o que fazemos.

Fiquei quieta, mas ele continuou puxando conversa enquanto a Alicinha voltava ao piano. Eu não queria dar muita trela. “Noivo, noivo, noivo, *noivo!*”. Mas ele parecia gostar de conversar comigo. Então continuou:

– É que pra estar em forma, as coisas vão muito além do que a maioria pensa, não é?

– Concordei.

– Acho que em se tratando do atleta deve ser até mais difícil, porque o corpo tem que acompanhar o ritmo. Eu não preciso treinar muita aeróbica pra tocar!

– Isso lá é mesmo! Na época das competições até a dieta é fundamental. Pra mim era um sufoco ficar sem Coca-Cola, por exemplo! Mas tem umas outras coisinhas que ajudavam um pouco quando eu roubava na dieta.

– Ah, é? Como o quê, por exemplo?

– Pó! – e Eduardo sorriu com ar maroto. – Pó?... – não entendi.

– É. Umas droguinhas.

Olhei bem para ele. Não parecia ter pinta de quem fizesse tal coisa, fiquei até admirada.

– Você usou *isso!*

– Ah! Antes! Faz muito tempo. Agora eu sou convertido, né?

– Pois é – retruquei. – Faz muito bem.

O pessoal começou a cantar um Louvor enquanto a Alicinha acompanhava no piano. Cantamos também, um após o outro. Depois veio mais uma rodada de refrigerante, e o pai da Alicinha ofereceu um licorzinho a todo mundo. Então escutei o cachorro latindo no quintal. Saí para dar uma espiada nele.

Era um Pastorão que estava preso atrás de um portãozinho. O portão parecia pequeno demais para conter aquele cachorro enorme e cheio de maus bofes. Eu adorava animais, mas não cheguei muito perto. Logo Eduardo veio atrás e começou a comentar algo sobre o cachorro. Fez algumas brincadeiras, e comecei a rir. Ele era engraçado!

Novamente, muito mais tarde, eu acabaria por saber também o rumo dos seus pensamentos:

“Caramba... essa moça é até interessante. Tem o próprio carro, sinal que é independente. Gosto disso! Toca piano... é talentosa! Mas como é difícil de dar bola! Qualquer outra já estaria demonstrando um pingo de interesse, trocando uns olhares. Mas ela não me dá bola. Que coisa!!”

Logo o pessoal estava de volta, vieram atrás da gente:

– Ah, vocês estão aí!

Apesar de estar uma delícia aquele convívio com o pessoal, começou a ficar tarde e achei que era melhor ir me despedindo.

– Ah, é cedo! – falou a Alicinha.

– Também acho, mas não dá. Tenho mesmo que ir. Senão acaba dando confusão em casa!

Como o francês não tinha que ir para casa, e o Alberto tinha vindo de carona com a Alicinha, e Eduardo comigo... estavam os dois a pé. Restava a possibilidade de voltarem comigo aproveitando a carona até uma parte do caminho.

– Então nós vamos contigo, Isabela! – falou logo o Alberto. – Você pode nos deixar lá por perto da Igreja?

– Claro! – respondi. – Vamos lá!

Fomos todos descendo as escadas juntos. Na frente da casa, ao lado do pai, Alicinha explicou como fazíamos para sair dali. – Entendi, é fácil!

– Tchau!

– Tchau, tchau! E eu pisei no acelerador. Normalmente eu costumava correr um pouco, mesmo sem perceber, e Alberto logo se rebelou:

– *Isabela*, vai mais devagar, que eu quero chegar vivo! – ele chacoalhava no banco de trás depois que passei rápido sobre uma lombada meio encoberta. – Acho que é por isso que o Senhor não te dá outro carro, sabia? Já imaginou? Era capaz de você não sobreviver!

Dei risada com gosto. Alberto também, Eduardo também. E fomos o resto do caminho conversando e rindo na maior alegria.

Tinha sido realmente uma noite como há tempos não acontecia. Deu mesmo para descontrair! Só o tanto de risada que demos... e nisso todo mundo se conheceu melhor. Mas o melhor de tudo é que não tinha sido nada premeditado!

Especialmente no que se referia a Eduardo, fiquei com a consciência supertranquila. Aconteceu porque aconteceu.

Comentei o quanto antes com Mayra.

– Ah, sabia da última, Mayra? Conheci aquele Eduardo tão gracinha que eu já tinha te falado! Mas, puxa vida, que droga, ele tem uma noiva, que pena...

– Acho que eu até sei quem é. Vi a tal uma vez com ele!

– Mas foi tão estranho! Ele fala muito pouco da coitada, fala sem sentimento, parece uma coisa tão fria! Será que é só coisa da minha cabeça? Parece que ele nem gosta dela, sabe? Alguém que está em vias de se casar deveria falar da própria noiva com mais alegria.

– Sabe que você está falando... como eu disse, lembro-me dessa moça, um dia desses ela estava aí na Igreja. Perguntaram do casamento, pra quando que era. Ela ainda tentou brincar um pouco, falou alguma coisa do tipo: “Olha aí, Eduardo. Tá vendo?”. Alguma coisa nesse sentido. Mas ele nem respondeu, ficou roxo, superconstrangido, e não fez comentários. Parece mesmo uma coisa estranha.

Dei de ombros. Mas não resisti:

– E como é que ela é? Muito bonitona?

– Ah, eu não diria “bonitona”... ela é normal!

– Também, eu não tenho nada com isso! Pra todos os efeitos, ele está noivo, e eu não vou atrás de ninguém.

Mayra concordou.

– Acho mesmo muito sábio da sua parte! – exclamou, sorridente, com conhecimento de causa.

Ela conhecia o meu lado romântico impulsivo-inusitado-incontrolado. Algumas vezes ela tivera o privilégio de ver-me embevecida por alguém, e sabia que eu não media muito as consequências quando o coração estava em jogo. Era meio maluquinha nesse sentido.

E eu me esforcei para não ficar pensando.

* * *

No final de semana seguinte, na Igreja, para variar, eu estava conversando com Mayra e Carô na porta, esperando o Culto começar, quando vi Eduardo descendo a rua. Logo estava ali pertinho. Ele cumprimentava as pessoas, aí me viu de longe e acenou. Veio direto para o nosso lado.

– Oi, Isabela, tudo bem? Como foi a semana?

– A minha tudo bem. E a sua?

– Tudo bem também.

– Você já conhece a Mayra?

Os dois sorriram rapidamente um para o outro. E Eduardo falou:

– Acho que de vista!

Então, eu apresentei minha amiga devidamente. Ficamos conversando um pouquinho até que ele pediu licença para ir falar com outras pessoas. Nos próximos dois domingos ele agiria assim: chegava todo sorridente, solícito. Nunca me ignorava. Mas não dava tempo de a gente trocar mais do que meia dúzia de frases porque logo ele explicava:

– Dá uma licencinha, amiga? Eu preciso falar com aquela pessoa.
– Fica à vontade! – eu respondia, sem deixar de sorrir, e sem aparentar nenhum desconforto.

Por que deveria me importar?

“Ele é noivo. Não corro atrás de noivo. Pois ele que vá falar com quem quiser, e eu com isso? Quem veio me cumprimentar foi ele!”.

Apesar disso, aquela atitude me magoava ligeiramente. Eu era, para ele, aquilo mesmo: uma amiga, nada mais.

No futuro os pensamentos de Eduardo seriam desnudados:

“É isso que eu tenho que fazer para ela vir atrás de mim. Dou uma trelinha, uma corda! E saio de cena. Tenho certeza que ela vem correndo atrás para puxar conversa!”.

Era assim que ele pensava. Eu, ao contrário, nem sequer cogitava isso. O seu tiro saiu pela culatra, ele caiu do cavalo porque *não fui* puxar conversa. Pela primeira vez, a sua “técnica” não parecia funcionar.

Ele estava jogando. Eu não.

Então iria sentar-me, prestar atenção ao Louvor que estava quase começando. Acomodava-me no lugar de sempre, perto de Mayra. Nunca sequer mudei de lugar, procurando um mais estratégico.

Num certo dia, não muito depois do encontro na casa da Alicinha, Eduardo me largou sozinha depois de ter sido supersimpático, como sempre. Foi falar com não sei quem. E eu não pensei mais em nada, sentei, fechei os olhos, comecei a cantar, a participar do Louvor. Mas então senti alguém encostar no meu ombro. Era Eduardo, que apareceu de repente com seu eterno sorriso. Eu estava sentada na ponta da fileira, mas Mayra rapidamente pulou uma cadeira e deixou propositadamente espaço para que ele sentasse ao meu lado.

Depois de um tempo, ela cochichou:

– Ele estava ali pertinho, na outra fileira, e estava olhando pra cá. Então fiz sinal pra que ele viesse sentar com a gente.

– Você! Sua espertinha.

Assim começou meu relacionamento com Eduardo, de maneira bem natural, sem forçar nada. Ninguém planejou aquilo! Como Alberto já fazia parte do meu círculo de amizades, e Eduardo tinha ficado muito amigo dele por causa do seu pai, foi um passo para que todos nós nos enturmássemos. Alicinha também fazia parte do meu grupo de amigos mais próximos, assim como a Carô e mais alguns colegas do coral.

Eduardo acabou sendo aceito naturalmente na nossa turma, pois se entrosava fácil. O fato de ser muito extrovertido ajudava. Aliás, reparei que ele conhecia muita gente. Aliás... gente até demais, para o meu gosto! Com isso quero dizer: *mulheres* até demais! Tinha em especial um trio de amigas que não desgrudava dele, e elas não me pareciam lá muito confiáveis. Entendam o que eu quero dizer sem que eu tenha que dizer. Não eram confiáveis. Era só dar uma olhadinha e sacar.

Um dia Eduardo apresentou-me uma delas. A Babi. Que estava treinando *Kung Fu* com ele no parque. Uma vez por semana.

– Ah. É mesmo?! – indaguei.

E minha vontade imediata foi convidar-me para ir também. Mas resisti em tempo, antes de dar mancada.

“Que bobagem é essa que você está fazendo, dona Isabela? *Esse rapaz é noivo!!!* Enfia isso na sua cabeça!”.

A outra me observava. Deu para notar que ela não bateu muito bem comigo, mas procurou não demonstrar. Sei lá o que pensava. Vai ver achou que eu iria ser sua rival! Porque estava na cara que ela queria curtir um pouco com ele. Fiquei na minha.

E Eduardo pensava consigo mesmo, desapontado:

“Tudo bem, a Babi sempre flertou comigo, mas provocar ciúmes parece que também não é o caminho com essa garota...”.

Sinceramente... em momento algum achei que ele estivesse tentando despertar algum tipo de ciúmes em mim. Por que em mim? Não era difícil perceber o quanto Eduardo era perseguido na Igreja. Descaradamente. E não somente as moças mais velhas iam atrás. Até mesmo algumas adolescentes ficavam de cochichos e risadinhas quando ele estava por perto.

Eu cochichava com Mayra, observando de longe:

– Parecem borboletinhas esvoaçando ao redor dele! – ela meneava a cabeça, concordando.

– São umas menininhas bobinhas, né? – bobinhas, sim! Hum!

Aquelas que treinavam *Kung Fu* com ele, ali mesmo na Igreja, eram especialmente as mais risonhas. A Igreja tinha um programa esportivo, uma espécie de escolinha de esportes. E convidaram Eduardo para dar aula. E – mas que estranha “coincidência” – o grupo dele só tinha *alunas*!

Num futuro bem próximo eu viria a tirar um baratinho dele por causa disso.

“Onde já se viu? Nenhum varão da Igreja estava interessado na Arte da Guerra? Somente as doces menininhas?”.

Por causa dessas e outras é que eu procurava me abster ao máximo e manter meu relacionamento nos padrões puros da amizade. O jogo de gato e rato ficou naquilo. Eu pensava que *eu* era o gato (e, aliás, fazia força para não seguir os instintos felinos). Mas estava enganada, *ele* era o gato.

Só que eu não percebi.

Foi assim durante um mês e pouco, talvez.

Até que eu e Mayra resolvemos montar ali na Igreja, para o final do ano que se aproximava, a mesma peça que havíamos encenado na Faculdade durante a Semana Cultural com a ABU, havia uns três anos. Tinha ficado muito bonita, legal mesmo. E era uma maneira de fazermos alguma coisa diferente para a Igreja, além de nos divertirmos um pouco.

A peça precisava de oito participantes. Eu, Mayra, e mais seis. A Alicinha, claro. Alberto, embora convidado, não quis participar da peça. Achava que não era o seu metiê. Mas indicou outros colegas, o Heliton e o Sálvio. Pedimos autorização ao Pastor William, que foi simples e categórico na resposta depois que explicamos do que se tratava.

– Eu confio no que vocês fizerem. O que fizerem, certamente será bem feito. Podem montar a peça.

– Oba, oba, oba!!! – nós duas saímos radiantes.

Talvez não fosse o melhor momento para aquilo. Mayra já trabalhava, mas eu estava quase no final do sexto ano. Só que alguma coisa para ajudar a refrescar a cuca viria bem, sem dúvida. Eu estava necessitada daquele refrigerio! De fato, estava me adaptando bem à nova Igreja.

Então nós nos reunimos. Eu, Mayra, Alicinha, Heliton e Sálvio. E pensamos que pessoas poderiam ser convidadas para fazer os outros personagens. Nessa ocasião nós estávamos passando o dia todo na Igreja, era um sábado e estava havendo uma conferência evangélica. No intervalo, nós nos reunimos.

– Precisamos de alguém pra ser o personagem principal. Outro faz o papel de Deus, outro é o diabo. As outras cinco pessoas, que somos nós, terão cada uma a sua própria cena – expliquei com entusiasmo. – Quem vocês sugerem? Quem gosta de Teatro?

E fomos atrás dos outros participantes, conforme sugerido: o Márcio e o Walter. Faltava um. Já nem sei quem sugeriu. Mas acho que foi a Alicinha quem falou:

– Essa cena do esportista... quem sabe não pode ser algum outro esporte? Vocês estavam acostumados a fazer com um jogador de basquete, mas poderia ser um artista marcial, por exemplo. Daí poderíamos convidar o Eduardo!

Fiquei quieta e deixei o pessoal decidir. Nem pus a colher torta no meio.

– E será que ele é chegado nessas coisas? – conjecturou o Sálvio. – Não sei se ele tem jeito de quem gosta de Teatro!

– Mas não custa tentar! – reiterou a Mayra, sem perder a deixa.

Era a hora do almoço. À tarde haveria uma parte especial do curso na qual seríamos divididos em grupos. Alicinha, Mayra e eu combinamos, então, que, acabando o curso, iríamos juntas bater na casa de Eduardo. Não me culpei por aquilo, não tinha sido ideia minha.

Meu grupo foi um dos primeiros a terminar, e fiquei esperando pelas duas. Mas não acabava, não acabava... e o tempo estava fechando, já começava a garoar. Eu não queria ir sozinha até lá, mas, diante do mau tempo, não resisti e resolvi adiantar o expediente. Saí caminhando apressada os poucos metros que separavam a Igreja da casa de Eduardo.

Toquei a campainha um tantinho tensa. A garoinha estava fina e ventava um pouco. Foi ele mesmo quem abriu a janela da sala para receber-me com um sorriso:

– Olá, amiga! Que traz você aqui?

– Oi, Eduardo! Tudo bem? Na verdade é rapidinho, essa chuvinha atrapalha e já estou indo. Vou direto ao assunto: tenho um convite pra te fazer.

– Espera aí que eu vou abrir a porta pra você entrar.

– Não, não! – recusei polidamente. – Está tendo um curso na Igreja e não vou demorar. Sabe o que é? Nós estamos pretendendo montar uma peça muito joia, e está faltando uma pessoa pra fazer o papel do esportista. Se você estiver a fim... poderia fazer uma coreografia de *Kung Fu*, eu acho que iria ficar muito bom!

Expliquei em rápidas palavras do que se tratava e vi que ele concordou sinceramente de bom grado. Ficou até que bem animado.

– Ah! Eu quero participar, sim! Que bom que vocês se lembraram de mim.

– Então ficamos combinados. Vamos marcar um dia pra todo o grupo se reunir e começamos os ensaios. Nós avisamos você, tá?

– Tá ótimo. Fico aguardando. Você não quer mesmo entrar?

– Não, hoje não dá mesmo. Já tenho que voltar à Igreja. Obrigada!

– Eu é que agradeço! Tchau, hein? – Tchau! E voltei. Supercontente!

Quanto a ele... Eduardo voltaria para dentro de casa com a sensação meio turva de que Deus talvez estivesse respondendo às suas orações. Eu não sabia a quantas andava o relacionamento dele com a noiva, mas naquele exato momento em que toquei a campainha, interrompi suas orações.

Orações que pediam ao Pai por uma companheira de verdade, uma mulher que fosse escolhida e trazida por Deus. O seu antigo relacionamento estava falido havia muito tempo. Muitas vezes ele comentaria isso comigo mais tarde: que eu interrompi a sua oração com a campainha!

“Puxa, Deus... será que é ela?”

Mesmo sem perceber ele acabou fazendo uma comparação involuntária com... bem... com Thalya. Embora a essa altura eu nem soubesse quem era Thalya. Ela também era independente, tocava piano, pintava quadros, era inteligente.

Aconteceu no início, mas logo Eduardo iria perceber que havia gritantes diferenças. E essas diferenças, fariam *a diferença*. Thalya seria esquecida de uma vez por todas!

Nós não tínhamos como saber naquele dia, mas estávamos marcados um para o outro. Desde o primeiro instante ficou a marca. Invisível, sim... mas indelével.

CAPÍTULO 2

Já nem sei como fiquei sabendo. No entanto, logo escutei o boato. Que não era bem boato, era verdade, segundo Eduardo mesmo confirmou. Eu nunca perguntava nada diretamente a ele, era melhor deixar que os outros fizessem perguntas. Não achava prudente entrar com questionamentos demais. Mas sempre tinha um dito cujo por perto que acabava fazendo as perguntas que eu não fazia e que tinha tanta vontade de ver respondidas.

– Quer dizer que você terminou mesmo o seu noivado, Eduardo?

Foi no ensaio da peça mesmo, o Alberto que acabou trazendo o assunto à baila.

Eduardo não fez segredos. Respondeu alto e claro enquanto todos desviavam para ele os olhos. Eu inclusive.

– Meu noivado era virtual, estava falido há anos – explicou Eduardo sem traumas. – Desta vez o ponto final é de verdade. Já estávamos afastados há um bom tempo, eu ia a Ribeirão só de vez em quando. Pra cumprir um protocolo. A gente tinha se acostumado com essa situação. Mas agora é definitivo.

Vi que Mayra deu-me uma discreta olhadinha, e eu fiz cara de quem não está nem aí, mas por dentro achando que era demais para ser verdade.

Depois daquele dia eu me sentia mais à vontade com ele. O caminho estava livre.

Certamente que o problema agora eram aquelas “borboletas” todas. Especialmente agora elas esvoaçavam mais, afinal ele estava “free” outra vez! Realmente Eduardo atraía atenções femininas. Quando vim a questionar, muito depois, ele explicou-me sinceramente e sem divagações:

– Eu estava com a guarda aberta. Estava procurando!

– Não precisava estar *tão* aberto assim! – eu retrucava. Para mim, era fato. E irritava-me! Que bando de mulherada!

Certa ocasião, depois do término do Culto, algumas pessoas iriam a uma pizzeria, e eu também tinha sido convidada. Fiquei sabendo que Eduardo recusara o convite dizendo que já tinha combinado antes um outro programa. Quando entrei no carro, vi pelo espelho retrovisor ele subindo a rua com aquele trio de moças que moravam juntas e faziam *Kung Fu* no parque. Ele vivia lá na casa delas.

Senti o sangue me subir à cabeça e decidi que Eduardo era *mulherengo demais* para o meu gosto. E era melhor deixar ele para lá!!!

Numa outra ocasião, toda a mocidade da Igreja estava animada para ir a um barzinho porque um dos caras do Louvor tocava ali de vez em quando. Fui com Mayra e Alicinha. Quando chegamos, assim que terminei de subir as escadas e rumei para a mesa onde estava o pessoal da Igreja, dei de cara com Eduardo. Estava sentado logo na ponta, perto de Elaine, uma das moças daquele trio, uma moreninha de cabelo encaracolado. Eles estavam num papo só deles, muito íntimo, pareceu-me. E ela estava com uma cara meio séria.

Fiz questão de sentar bem longe. Ele olhou para mim, eu acenei de volta apenas para ser educada. Fui me acomodar na outra extremidade da mesa, perto do palco. Era bom cortar aquela história de vez, e pela raiz!

Eu estava brava, e um tanto frustrada. Eduardo contou-me depois a sua própria reação:

– Quando vi você entrar, tive tanta vontade de ir sentar lá na frente com você...! Ficava só olhando você de costas, ao lado da Mayra.

– Mas não foi. Por que não foi???

Ele estava tentando desvencilhar-se da Elaine. Como era ela uma amiga mais antiga, teve mais tempo para sentir esperanças em relação ao Eduardo. De fato, durante algumas semanas ele havia dado um pouco de corda, se aberto um pouco mais para ela. Ficaram no banho-maria, mas Elaine estava cansada de esperar pelos finalmente. E literalmente “atacou” Eduardo dentro da sua casa. O ataque não surtiu o efeito desejado, e ela estava muito brava pelas suas constantes recusas. De modo que naquele dia Eduardo estava pondo os “pingos nos is” de forma definitiva.

Mas a verdade é que eu não tinha bola de cristal e, na minha visão, achei que ele estava era paquerando a moça. Quantos desencontros!

Quando acabou o *show* e todo mundo foi descendo, saindo na rua para pegar os carros, nem vi mais Eduardo. Ou melhor: depois que fiz o contorno com meu próprio carro e ia voltando sozinha pela avenida, para pegar o rumo de casa, eu o vi caminhando com mais quatro pessoas, dentre elas a moreninha. Olhei de novo pelo retrovisor e só vi quando ele passou o braço pelos ombros dela. Confesso que fiquei arrasada:

“Será que ele já está namorando de novo??”.

Eduardo daria muita risada das minhas interpretações:

– Que nada. Aquele abraço foi o prêmio de consolação! Eu estava dizendo: continuamos amigos, e só amigos, tá?

Mas eu fui para casa na fossa. Que pena! Que pena! Depois, nem quis saber se ele estava mesmo namorando, ou não. Que me importava?

* * *

Nossos ensaios continuaram normalmente. Eu coordenava a peça de forma incansável, ensinava o melhor possível como cada um deveria fazer o seu papel. Nunca era difícil ficar até mais tarde ou marcar ensaios extra, às vezes para uma ou duas pessoas apenas, aqueles que estavam encontrando mais dificuldade no papel. O importante era termos um bom resultado.

Acho que todo o grupo me via mais ou menos como diretora porque: tudo o que tinha que ser resolvido, e as sugestões que apareciam, vinham parar direto nas minhas mãos. E perguntavam o que eu achava. Namorando ou não, Eduardo não desgrudava muito. Se tivesse marcado ensaiou extra com um ou dois, logo ele aparecia, vindo do nada. Quase sempre. Eis aí uma súmula dos seus pensamentos, totalmente desconhecidos para mim: “Via o fusca chegando na Igreja e logo ia tomar banho, me perfumar para chegar lá... por acaso... deixei rolar... estava bom!”.

Naquela tarde fomos subindo alegremente as escadas que nos levavam ao andar superior, para a sala onde estávamos acostumados a ensaiar. Tinha mais gente na Igreja, cuidando de outras coisas, mas nós não permitíamos que ninguém viesse assistir aos ensaios. Queríamos que fosse uma completa surpresa!

Alicinha carregava nos braços o rádio-gravador, item totalmente indispensável por causa da importante trilha sonora.

– Olha só, Isabela, pensei nisso aqui pra incrementar a roupa da roqueira! – falou ela.

Mayra era a roqueira, e estava literalmente adorando o papel.

Assim como eu, ela adorava esse tipo de atividade. Nós duas tínhamos muito em comum, a mesma vontade de bagunçar, de agitar uma coisa diferente.

– O que foi que você trouxe?

Mayra foi correndo espiar enquanto eu ajudava Walter a tirar as cadeiras no meio do caminho e abrir espaço. Ele e Alicinha iriam fazer papel de Médico e enfermeira. Para Alicinha era algo novo, mas Walter também era Médico, Residente de Cirurgia da nossa Faculdade.

Enquanto a gente esperava pelos outros, não faltavam risadas e todo tipo de brincadeira. Um falava mais alto que o outro, todo mundo estava entusiasmado com o progresso da peça e fazíamos planos para melhorar este ou aquele detalhe.

Não demorou muito e o Heliton foi chegando. Estava com um sorriso de orelha a orelha, e trazia consigo uma sacola.

– Gente! Agora que vocês vão ver como a minha fantasia tá legal! Arrumei um negócio joia!

Ele iria fazer o papel de diabo e levava mesmo muito jeito. Era o melhor ator! Todo mundo chegou perto dele para ver. Cada vez mais o grupo se unia, se divertia, se ajudava mutuamente em prol de um objetivo comum. Para muitos de nós, aquele era o melhor momento da semana!

Em seguida foi a vez de Sálvio chegar com o Márcio. Sálvio fazia o papel de Jesus. E Márcio ficou com o papel principal. No começo ele não estava se saindo muito bem porque tinha de participar de todas as cenas, mas agora já estava mais à vontade. Todo mundo tinha incentivado, todo mundo tinha ajudado, todo mundo tinha orado para que ele conseguisse dar de si o melhor.

Dessa vez Eduardo chegou por último. No meio do trança-trança e do fala-fala e do mexe-mexe do pessoal, eu estava muito ocupada para dar-lhe qualquer atenção exclusiva. Todo mundo falava comigo de todos os lados. E então uma voz decretou que talvez já fosse hora de começar.

– Já tá todo mundo aqui! Vamos começar?

– É isso aí! Vamos!

Era uma coisa bonita aquela peça! Não tinha diálogos, somente música o tempo todo, havia uma maneira toda peculiar da gente comunicar o enredo sem precisar falar nada. Alguns recursos especiais como *slides* e luzes ajudavam em momentos especiais; por exemplo, durante a criação do mundo. Dava até arrepio de tão lindo!

Sem dúvida que não foi difícil logo todos estarem apaixonados pela peça. E davam sangue, suor, lágrimas – e *tempo*! – para montar aqueles pouco mais de 25 minutos de apresentação. Eu adorava estar envolvida com aquilo. A expressão da arte, da docilidade, da beleza. Um pouco da alma de cada um se expressava através daquele trabalho. Cada vez que meus pés pisavam em um palco eu sentia como se fosse um momento mágico, incrivelmente especial.

Mas antes que efetivamente a gente começasse a ensaiar, Eduardo fez questão de mostrar-me a coreografia que estava preparando.

– Isabela, queria que você desse uma olhada... – ele se afastou um pouco mais para o canto da sala. E mostrou rapidamente o que sabia fazer.

Observei sinceramente admirada.

– Uau! Está superlindo, Eduardo! – falei ainda antes de ele terminar, sem me conter. Até esqueci da Elaine.

E não era demagogia. Não é que ele sabia *mesmo* aquela coisa de *Kung Fu* e tinha uma invejável performance?! Eduardo deu um chute alto de giro no fim.

– Está superlegal! Superlegal, de verdade! Vai incrementar pra caramba a apresentação!

– Eu posso colocar também uma coreografia com alguma arma, se você quiser. O que você acha? Que tal espada? Ou *nunchaku*?

– Eu acho que não precisa mudar nada, mas se você achar que vale a pena, ótimo, vai ficar melhor ainda. Prepare isso pra a próxima vez!

Na outra vez ele trouxe o *nunchaku*. Todo mundo reuniu-se em volta para ver como é que ele “mexia aquela coisa”. Eu conhecia um pouco por causa dos filmes. Mas quando Eduardo começou, todo o pessoal saiu correndo e foi ficar a uma distância segura. Ficaram encolhidinhos, fingindo-se de muito assustados só para mexer com ele.

Eduardo parou e fez uma cara engraçada:

– Não precisa fugir, gente!

– Caramba! – falou o Heliton. – Se arrebentar essa corrente aí alguém está morto! Com a velocidade desses pauzinhos...

– Não tem perigo! Pelo visto só a Isabela confia em mim, foi a única que não correu para longe!

– Ok! Ok! Vamos orar pra começar o ensaio! – eu falei logo. – Temos que ver se essa sequência vai encaixar com a música, Edu! Não sei se não vai ficar fora do ritmo. Você tentou treinar com a música?

Durante o ensaio tratamos de experimentar. Todo mundo opinou e palpitou. O *nunchaku* só tem graça se for veloz e não ornou bem com o tipo de melodia. Mas quando Eduardo mostrou uma outra sequência de movimentos, dessa vez feitos com espada... ficou demais! Todo mundo bateu palmas com entusiasmo.

– Tá dez, cara! – exclamou o Marcio. – Só não sei como é que eu vou te acompanhar, nem adianta querer que eu faça qualquer um desses movimentos.

Uma das necessidades da peça era que Márcio de certa forma imitasse, ou acompanhasse, cada um dos outros personagens.

– Não tem problema! – sugeriu a Mayra. – Você poderia ensinar alguns movimentos de corpo bem fáceis pra ele, Eduardo!

Todo mundo achou que essa era a solução. Os dois marcaram de se encontrar durante a semana para ensaiarem juntos e, no próximo ensaio, tudo já estaria pronto.

Aliás, havia muita coisa para correr atrás, dentre elas a trilha sonora, que precisava ser adaptada. No final do ensaio eu estava combinando como faria para gravar as músicas, porque elas tinham que ser cuidadosamente encaixadas com as cenas. Muita coisa tinha sido mudada, especialmente na cena do Eduardo e do Walter, na minha também. Eu fazia o papel da “menina bonita” da peça. Essa minha cena tinha sido bem incrementada com uma dança, acabamos criando em conjunto, todo mundo foi dando opiniões e no fim estava tudo bem diferente do que no começo. Estava superlegal!

De forma que era necessário gravar uma outra fita. Dava muito trabalho, poxa, como dava! Eu já tinha confeccionado a primeira trilha sonora há três anos, para a apresentação da Faculdade com o pessoal da ABU, e sabia muito bem disso. Eu e o Edilson levamos quase o dia todo para gravar vinte minutos de fita. Além do quê era preciso uma aparelhagem especial, não serviam gravadores caseiros.

Fomos atrás dos recursos e um dos rapazes do Louvor tinha a aparelhagem necessária em sua casa. A qual ofereceu gentilmente. Enquanto eu acertava os detalhes, combinando dias e horários, Eduardo ofereceu-se para ir comigo.

– Não é justo você fazer todo o trabalho sozinha. Vou junto para te ajudar. – Fiquei espantada com tanta boa vontade. Mas realmente não seria necessário.

– Eu faço tudo sozinha numa boa, eu adoro lidar com isso. Pra mim não é trabalho nenhum!

– Mas eu tenho tempo pra te acompanhar, você não quer companhia? – “Bom... fazer o quê, né? Vou recusar esse *gentil* oferecimento?!”. Então aceitei de bom grado e marcamos uma data comum.

Muito tempo depois Eduardo me contaria a verdade:

– Eu me ofereci antes que outro fizesse. Especialmente o Walter! Não queria você muito perto daquele Médico!

Muito esperto. Muito esperto.

Então eu levei aquela pilha de discos e passamos uma tarde inteira no estúdio do jovem do Louvor. Trabalhamos bastante, cronometrando tempos, juntando pedaços e mais pedaços de músicas diferentes, tornando as junções entre elas

praticamente imperceptíveis. Até que a trilha sonora da peça ficou um luxo! Joia, muito joia!

Só quando o trabalho já estava muito bem encaminhado foi que, lá pelas tantas, lembrei-me de tirar da bolsa um chocolate de 200 gramas que fez Eduardo arregalar os olhos. E fizemos uma pequena pausa para esfriar a cabeça.

– Poxa vida, você é precavida!

Foi uma tarde ótima, demos muita risada, conversamos bastante. À noite o rapaz e sua jovem esposa encomendaram uma *pizza* e comemos todos juntos. Para variar, perguntaram pela noiva de Eduardo. E ele explicou novamente que não estava mais comprometido.

Quando cheguei em casa, estava um pouco preocupada. Era a primeira vez que nós dois tínhamos tido tanto tempo juntos. Eduardo era muito legal, um cara interessantíssimo, simpático, bonito, inteligente... mas... e se aquilo não nos levasse a nada? No meu coração, amizade não bastava.

Dei um suspiro e continuei sentindo um leve mal-estar diante das possibilidades. Eu não poderia correr o risco de me envolver demais e ficar de cabeça virada logo às portas do final do ano, às portas da prova de Residência. Que loucura! Eu me conhecia.

Era tão difícil crer que fosse dar certo...

* * *

Já estávamos no início de novembro e em poucos dias terminaria o último estágio do sexto ano. Obstetrícia.

Uau, eu estava cansada! Em poucas semanas viria a primeira fase da prova de Residência. Mas, pelo menos os compromissos no Hospital estavam terminando, e aí era só estudar.

Na Igreja, tudo continuou como antes. Ou melhor... *quase* como antes. Algumas coisas aos pouquinhos estavam mudando. Estariam mesmo? Eu não poderia afirmar que sim com 100% de certeza. No domingo seguinte, depois do Culto, eu conversava com Eduardo sobre algumas necessidades da peça, e então ele comentou. Finalmente!

– Poxa, mas a gente só conversa de “trabalho”, né, Isabela? Bem que a gente poderia sair um dia desses pra conversar de outras coisas, o que você acha?

O convite foi plenamente casual. Poderia não ser nada demais, simplesmente um amigo convidando uma amiga. Eu tinha vários amigos com quem saí mais de uma

vez. Eu acreditava que poderia existir *amizade* entre homem e mulher, talvez realmente fosse apenas isso. Mas no íntimo senti acender uma luzinha. Será?... Não tinha porque recusar. Apesar de tudo, fiz questão de aceitar com uma evasiva:

– É, quem sabe... um dia desses pode até ser mesmo. Questão de a gente combinar. – também não podia ser evasiva demais.

Eduardo não perdeu a deixa e continuou, naturalmente:

– Sábado, então, depois do ensaio da peça. Tudo bem pra você?

– Hum... preciso dar uma olhadinha na minha escala de plantões. Se estiver de “pré-plantão” não é muito bom, mas se estiver livre pode ser!

Ele esperou que eu consultasse a agenda. Eu sabia que não tinha nenhum plantão. Sempre muito falador e bem-humorado, Eduardo despediu-se de mim e foi conversar com outras pessoas depois que nos acertamos.

Esperei pelo sábado com certa expectativa. Despedimo-nos do pessoal e fomos comer no Viena do Shopping Paulista. Agora a gente já se conhecia bem melhor, e o tempo passou ultra rápido.

Foi muito, muito bom. Pedimos a “cestinha aperitivo”, que vinha com diversos tipos de salgadinhos e refrigerantes. Aproveitei para saber mais sobre ele, sobre o *Kung Fu*, sobre o noivado terminado. Sobre o trabalho.

– Acabei de sair da Empresa em que trabalhava. Meu contrato era temporário!

– Ah, é? O que é isso?

– Eu fui contratado porque a Empresa estava desenvolvendo um trabalho específico. Fui contratado por seis meses, e agora esse trabalho já acabou. Agora me ponho em campo pra arrumar outra coisa!

– Poxa, que pena...

– Mas não tem problema, não! Isso é assim mesmo.

Quis saber um pouco mais sobre o que era ser Analista Econômico-Financeiro. Eduardo foi falando, eu escutava com interesse e atenção. Era gostoso conversar com ele. Para ser sincera, nem vi quem estava sentado ao nosso lado. Não podia mais negar que estava ficando a fim de verdade.

Dei um jeito de perguntar sutilmente se ele estava namorando Elaine, ainda que tal questionamento me parecesse dispensável... afinal, o que estaria ele fazendo comigo em plena noite de sábado se *tivesse* namorada?

Mas eu queria ter certeza. Eduardo não sabia que eu tinha visto aquela sua saída triunfal do barzinho, abraçado com ela, duas semanas antes. Sempre é bom saber em que terreno se está pisando.

Ele riu um pouco.

– Por que você acha que eu estou namorando?

Procurei não dar bandeira. Eu tinha ficado louca da vida por causa daquele dia, mas não poderia admitir isso. Não queria admitir que tinha reparado neles.

– Bom... só me *pareceu* que vocês estavam namorando – mas Eduardo entendeu.

– De fato a gente procurou se conhecer melhor, e por ela estaríamos juntos agora. Mas não deu muito certo pra mim. Achei melhor me afastar um pouco.

Eu assenti com a cabeça, meio sorridente. Já sabia o que queria. E mudamos de rumo. Eduardo deu a deixa:

– Mas me fala um pouco de você, Isabela. Eu não sei nada, e você já sabe bastante sobre mim.

– Hum... não tem muito o que falar de mim, Eduardo! E depois, você já sabe, sim! Estou quase me formando, estou na dúvida se presto Psiquiatria ou MI na Residência. Deveria estar estudando mais, mas não estou. Estudei piano e larguei... que mais?!?

– Poxa, como se isso não fosse nada, hein? É difícil conhecer alguém como você! Você é uma pessoa diferente.

– Você acha?

– Eu acho, sim. Normalmente as pessoas são tão... *previsíveis!*

– E eu não sou?

– Nem um pouco.

Ele quis saber um pouco da Faculdade. Fui falando. Depois pulei para a Prova de Residência, meu atual motivo de preocupação.

– Depois de terminar a Residência ganhamos o título de especialista na área. Mas estou muito na dúvida. Se prestar Psiquiatria, que gosto bastante, isso significa abandonar a Clínica pra sempre. Quando entrei na Faculdade, entrei pra fazer Psiquiatria. Mas agora já não sei se é exatamente isso que eu quero. Também gosto de Clínica. Por outro lado, posso prestar MI porque estarei em contato com Clínica por mais tempo.

– Você tem que decidir logo, né?

– E como! Tenho dois amigos próximos que estão também na Infectologia. Talvez eu encare também! De certa forma, eu já estou bastante familiarizada com ela por causa do nosso trabalho de evangelismo no Hospital.

– Vocês evangelizam no Hospital?

Me empolguei e comecei a explicar:

– Desde o primeiro ano da Faculdade que faço parte de um grupinho de Cristãos, um grupinho de ABU. Conheci a Mayra lá, quando estava no primeiro

ano. Quase toda a minha experiência Cristã vem dali. Desde que eu estava no segundo ano que procuramos fazer aquilo que Deus diz: “Pregar o Evangelho a toda criatura”. Fizemos o possível pra ser bênção ali. Eu, a Mayra, o Edílson e a Cris formamos um grupinho pra levar a Palavra até os doentes. Uma vez por semana.

– É mesmo, Isabela? – Eduardo parecia achar interessante de verdade. – Esse é um trabalho diferente!

– E hoje é um trabalho até mais consciente do que antes. À medida que começamos a ficar mais tempo dentro do Hospital e menos tempo na Faculdade, é natural que algumas coisas acabem mudando. Aquela gente precisa disso, o que é uma noite por semana? Nós costumamos visitar os pacientes da MI, quase sempre os doentes com AIDS. Convivemos muito com eles, acho que Deus colocou um peso todo especial no nosso coração. Não é todo mundo que consegue estar ali. Temos visto Deus fazer muita coisa!

– Eles se convertem mesmo? Você já viu isso?

– Muita gente se converte, sim! A gente usa um jeito meio diferente pra evangelizar, sabe? Com música! O Edílson toca violão e nós três cantamos, usamos as canções como veículo pra as nossas mensagens. Sempre que você começa com música o caminho é mais fácil! É diferente de você chegar e simplesmente ir falando. A música prepara os corações, a mensagem depois parte da própria letra. Eu, a Mayra e a Cris temos um tom de voz bem parecido, fácil de a gente se entrosar, e o Edílson faz uma boa segunda voz. Nem precisa muito ensaio. Os doentes gostam bastante! Aqueles que ficam muito tempo internados esperam a gente semana após semana. Deus tem tempo de trabalhar, os mais duros têm tempo pra quebrantar-se. Se bem que, olha, por outro lado... quando a pessoa não quer, pode estar morrendo que não muda de ideia, não se abre pra Deus.

– É?

– Já vi acontecer. Certa ocasião... nessa época a gente ainda evangelizava na Enfermaria do Pronto-Socorro... tinha uma mulher internada ali que era meio esquisita. Ela veio de dentro da Igreja Protestante, veio de família evangélica. Mas estava tão cauterizada, tão amarga e tão cheia de doutrinas paralelas superestranhas que não escutava o que a gente dizia. Chegava a ser rude com a gente!

Desacatava, atrapalhava as visitas, respondia torto. E não queria orar nem receber orações. Um dia, a Andreza ficou um tempão com ela enquanto a gente cantava, explicou o plano da salvação, quis orar... mas não adiantou! Depois

soubemos que ela morreu na noite seguinte. E não se reconciliou com Deus, por mais que a gente tivesse falado...

– Isso é uma coisa que acontece...

– Em compensação, outros estão superabertos. Parece que estão ali apenas pra se converter... e morrer! Uma vez oramos numa noite com um paciente que estava muito mal. Mas Deus permitiu que ele tivesse lucidez suficiente pra entender. No dia seguinte, tinha ido. Uma outra paciente, eu lembro bem, ela tinha síndrome hepato-renal e estava confusa, faz parte do quadro... gastei um tempo enorme pra fazê-la compreender o plano da salvação e confessar Jesus. Pouco tempo depois ela também entrou em coma e morreu. Uma outra paciente dessa mesma época era arredia no começo e costumava atrapalhar a gente quando íamos até lá. Eu já estava até irritada com ela, todas as semanas era a mesma coisa. Só que um dia entrei no quarto, e ela estava sozinha. Não poderia virar as costas, simplesmente, então me aproximei e comecei a conversar. Em pouco tempo ela estava tão quebrantada que chorava, e repetia a toda hora: “Poxa, mas isso que você está falando está me ajudando tanto!”. E se converteu. Depois adorava a gente.

– Poxa... quantas experiências você tem!

– Ah! Nem digo que tenho “experiência”... mas a gente até que tem algumas histórias pra contar desses pacientes. É interessante ver como Deus prepara as pessoas e as situações. Uma vez eu estava dando acompanhamento pra um paciente aidético recém-convertido. Ele já iria ter alta. Uns dias antes da alta transferiram um rapaz de outro quarto e puseram bem ali ao lado dele. À medida que eu tentava passar um pouco das bases do Amor de Deus, o tal do recém-chegado não conseguia nem disfarçar o interesse! Incrível, Eduardo! Ele quase caía da cama de tanto se inclinar pro nosso lado! – até dei risada me lembrando. – Ele só faltava me pedir: “fala comigo também!”. Então fui conversando com ele, perguntei seu nome, há quanto tempo estava internado... e se já conhecia Jesus! Quase não precisou mais nada, o rapaz se derreteu todo, de verdade, tão sedento estava! Deu até dó. Quis orar, aceitar Jesus. Depois, os dois oravam juntos no quarto. Um dia fui visitá-lo, depois que o outro teve alta. O leito estava vazio. Fiquei sabendo que ele tinha complicado durante a noite, foi pra UTI e morreu! Você vê, né? Deus o levou àquele quarto só pra ouvir a Palavra e se converter.

– Que legal... conta mais alguma história!

– Você acha isso legal? Já não cansou de escutar?

– Não, estou achando bacana, é uma coisa diferente pra mim.

– Teve uma outra paciente... essa foi a primeira pessoa que eu levei a Cristo! Estava ainda no segundo ano da Faculdade. Foi lá no Pronto-Socorro. Iria ter aula mais tarde naquela manhã e então aproveitei pra ir ao Hospital falar de Jesus. Falei a manhã toda e ninguém se converteu. Quando já estava pra ir embora, com o horário estourando, evangelizei só mais uma paciente. Mas, Edu, sério! Se eu soubesse de antemão o que a mulher tinha, nem teria chegado perto, naquelas alturas. Não estava acostumada com as doenças graves, com a morte... e ela sofria de uma doença rara e muito séria. É difícil isso, né? Só mesmo por Deus pra gente ter o que dizer pra esses pacientes. Afinal... que coisa boa você pode dizer pra alguém que vai morrer? Mas a mulher se converteu genuinamente, e eu passei quase 40 dias acompanhando, levando a Palavra duas ou três vezes por semana.

Eduardo escutava e eu estava falando:

– Especialmente esses pacientes com AIDS, eles sofrem muito. AIDS é uma doença daquelas! Aliás, um desses pacientes ficou muito meu amigo, e... infelizmente acabei tendo uns problemas. Meu pai não me perdoou até hoje.

– Por quê?

– Ele não gostava que eu tivesse muito contato com eles.

– Poxa, mas você trabalha no Hospital!

– Sim, mas fora do horário de serviço, a título de evangelismo... ele não estava lá muito satisfeito. Acabei desobedecendo muito à minha família por causa desse amigo, com quem convivi muito. Ele morreu há seis meses... não foi um pedaço fácil. Eu gostava muito dele.

E achei melhor encurtar aquela conversa.

– Mas... é gratificante esse negócio de evangelismo. Já evangelizei em favela, em praça pública, no meio da rua, em praia também. Faz quase um ano que participei de um trabalho com aquela Missão JOCUM, como voluntária. Fui em dois “Impactos”, como ele dizem! Por sinal o último foi no Carnaval. Passamos quatro dias no sambódromo. E o primeiro dia foi debaixo de chuva!

Eduardo me olhava compenetrado. Pelo visto ele nunca tinha conhecido ninguém que fizesse isso. Será que achava algum tipo de fanatismo?

– Você já ouviu falar da JOCUM, não? – ele balançou a cabeça negativamente.

– Nunca fui muito ligado nessas coisas...

– Aliás... sabe que eu entreguei minha vida pra isso mesmo? – falei meio sem pensar, numa atitude de confiança.

– Como assim?

– Desde que eu me converti que todo apelo missionário me toca muito. É até engraçado, mas sempre que escutava alguém desafiando e falando pra gente entregar a vida para Missões... lá estava eu, indo à frente. Lembro que fiz isso muitas vezes. Inclusive... – e parei um pouco, lembrando –... eu não estava ainda na Faculdade, já faz bastante tempo. Uma vez participei de um acampamento pra jovens na primeira Igreja que frequentei, onde fui batizada. No último dia teve um Culto da fogueira. Estava um frio danado! A pessoa que dirigiu o Culto convidou todo mundo a fazer um ato profético no final. Quem quisesse participar, que pegasse um graveto do chão e jogasse na fogueira. Simbolizando uma entrega total da sua vida a Cristo. Mesmo que a fornalha fosse quente, muito quente! Aquele ato queria dizer que estávamos dispostos a enfrentar essa fornalha. Lembro que fiz isso com o coração sincero!

Fiquei um pouco quieta, até que ele perguntou:

– E então?

– Bem... às vezes fico pensando... talvez Deus não tenha aceitado a minha entrega, porque, afinal de contas, não sou nem vou ser Missionária. Eu fiz Medicina. Não é isso?!

Já se tinham passado muitos anos. Os sonhos antigos tinham passado.

– Enfim... Deus é quem sabe, não? – acabei sorrindo de novo, recordando-me. – Acho que meus pais tinham um pouco de medo dessa minha tara! Eu às vezes dizia que iria ser Missionária. Aí, depois que viajei com a JOCUM conheci vários Missionários. Teve um de quem me aproximei, um cara muito joia, ficamos bem amigos. Uma vez ele até veio assistir comigo um concerto de violinistas que meu pai organizou. Mas meu pai não foi muito com ele e fez um pouco de birra, tratou o coitado meio mal. Acho que de puro medo! Vai saber, né? De repente, se algo mais acontecesse entre a gente eu acabava concretizando o meu sonho de ser Missionária antes do que todo mundo pensava. Porque se eu não tinha estudado pra ser Missionária... casando com um deles... tudo se resolvia! Eduardo sorria de leve enquanto observava melhor o meu rosto.

– E não deu certo?

– Não! Uma das minhas sinas é ser meio desencontrada nesse aspecto. Se eu gosto, ele não gosta... se ele gosta... eu não gosto! Mais ou menos por aí.

– E quantos namorados você já teve?

– Já te respondi. Nunca namorei.

– Vá!

– Sério, pô! Você não acredita?

Ele ficou quieto e eu procurava imaginar no que estaria pensando.

Vai ver pensando que eu era alguma extraterrestre!

– Você acha que eu sou uma extraterrestre? – brinquei. – Pra ficar com o cara errado, melhor não ficar, você não acha? Oportunidade todo mundo sempre tem! Eu também tive.

Aí Eduardo concordou:

– Bom... nisso você tem toda razão. Eu também não gosto dessa coisa de “ficar por ficar”. Legal que você também pense assim! Depois... nunca ter namorado não é nenhum motivo de vergonha – respondeu ele com sinceridade. – É bem melhor assim do que o contrário.

– Conheci um moço que me disse exatamente isso. Ele achava isso uma virtude!

Quase rolou. Ficou no quase!

– Tá na hora de sair do quase, hein?

Encostei a mão na cabeça, meio sem jeito.

– Quem é que sabe? Ou melhor, Deus sabe! – passei a peteca pra ele. – E você? Quantas dúzias já namorou? – lembrei-me do quanto eu o achava mulherengo.

– Dúzias?! Um pouquinho menos do que isso. Não muitas. De verdade umas três ou quatro.

Continuei cutucando-o e rindo. Como se ele me enganasse!

– E de mentirinha? Quantas?

Eduardo riu um pouco também.

– Algumas. Mas veja, essa minha noiva, a Camila... ex-noiva! Ficamos juntos quase doze anos.

Quase caí da cadeira.

– *Doze*?!!! Tá brincando, hein? E por que vocês não casaram? Ele começou a contar um pouco sobre o relacionamento com ela e explicou melhor por que tinha terminado. Voltou a repetir:

– Já tinha acabado há muito tempo. Terminei de uma vez por todas agora!

– Poxa, que barra pra essa menina também, né, Eduardo? Não deve ter sido fácil pra ela... já que gostava de você ainda.

– Mas não dava mais, Isabela! Eu estava orando, pedindo a Deus pra me ajudar nisso. Quanto mais eu continuasse, pior iria ficar. Nosso relacionamento não tinha mais futuro.

Nem toquei mais no assunto. Que coisa mais complicada! E a conversa mudou de rumo de novo, mais centrada nele do que em mim. Eu gostava de escutar, mas

por fim já estava tarde, e eu disse que era melhor irmos andando. Não queria me atrasar muito para chegar em casa.

Sáímos lado a lado, satisfeitos, ainda rindo, tornando aquele momento muito agradável. Na verdade eu não conseguia parar de sorrir perto de Eduardo.

Pegamos o carro no estacionamento, eu ofereci carona. Era caminho mesmo.

A Avenida Paulista foi curta demais naquela noite. O vento entrava quente pelas janelas escancaradas, e eu queria poder continuar conversando até o dia seguinte. Mas logo parei o carro em frente à casa de Eduardo. Ele não tinha carro, mas já estava até meio acostumado com o meu fusquinha. Ao despedir-se, comentou casualmente:

– Hoje foi muito legal. Mas não deu tempo de você me contar tudo sobre você. Contou só do Hospital, do Evangelismo. Isso é muito pouco! Precisamos repetir, e aí você vai falar de você mesma desde o início. Que tal no outro final de semana?

Abri o sorriso e dessa vez não me fiz de rogada. Ele não estava mesmo namorando com Elaine.

– Tá bom! Qualquer coisa você me liga, mas se a gente não se falar mais, fica combinado assim: sexta-feira, no mesmo horário e no mesmo lugar! Boa sorte na sua procura de emprego!

Fui para casa pensando, tinha sido tudo tão legal...

* * *

Da segunda vez que voltamos ao Viena, jantamos de verdade. Enquanto eu passava manteiga no pãozinho *ciabatta*, Eduardo fez questão que eu comesse logo a falar de mim mesma. Fui falando, compartilhando, totalmente à vontade, sendo eu mesma. Dificilmente eu fazia “tipo”, nunca fui do tipo que “faz tipo”. Uma das minhas principais características era ser transparente, verdadeiramente transparente.

Assim foi naquela noite. Estávamos vivendo uma fase muito gostosa, a de descobrir um ao outro!

Falei sobre como tinha sido e como era a minha vida, meus desejos para o futuro, meus planos, meus sentimentos. Ele falava dele, vez por outra. Aos poucos foi comentando um pouco do seu passado e contou algumas das suas peripécias na “29”.

Aquele dia foi o dia das risadas! Rimos muito das histórias de Eduardo! Era tão difícil de acreditar! Olhando para aquele simpático moço de 27 anos parado ali

na minha frente, quem poderia dizer o quanto tinha *aprontado*1!!

– Edu, você era terrível! Como sua família suportou?

– Eles não suportaram. Chegou uma hora que eles largaram mão!

Às vezes eu ria. Às vezes ficava condoída. Às vezes espantada.

Comecei a conhecer o verdadeiro Eduardo. O Eduardo que tinha usado drogas, roubado... o Eduardo explosivo, violento, incontido...

Mas também o Eduardo engraçado, bem-humorado, de bom coração... especial! O lado rebelde e inconsequente dele, no fundo, me punha animada e me lavava a alma. Porque, *sem dúvida alguma*, eu gostaria de ter feito algo semelhante. Não me entendam mal, não estou falando necessariamente de roubar, espancar os outros ou algo assim. Mas a minha alma bem que teve vontade, mais de uma vez, de chutar para o alto os protocolos.

Como seria ter coragem de não estar nem aí para o sistema?

– Eu te entendo, pode crer...! – falei. E entendia mesmo.

A diferença entre nós dois é que eu tinha ficado *quieta*. E ele tinha gritado bem alto! Para quem olhava de fora, poderia parecer que nós não tínhamos muita coisa em comum: o “rebelde” e a “certinha”. Mas não era bem assim. No fundo do meu sangue corria, vez por outra, a mesma insatisfação, a mesma revolta, uma certa porção de ira, de tormento, de furor. Para mim tinha faltado apenas a *coragem* de gritar, de explodir... não a *vontade*!

Por incrível que pareça eu podia compreender em parte as razões que levaram Eduardo a fazer o que fez na época da “29”. E não o culpava! Quem era eu para isso?!

Mas eu constatava algo que se tornava cada vez mais claro.

Nossas vidas tinham seguido por trilhas diferentes, mas em muitos aspectos acabaram por produzir o mesmo tipo de sentimento. Para dizer a verdade, o conhecimento mútuo nos fazia bem mais próximos do que distantes. Eu percebia que as diferenças não eram tantas assim. Creio que ele também!

E voltava a pensar, enquanto observava Eduardo falando. Ele era inteligente, carismático, educado, muito cavalheiro. Mas o que será que estava pretendendo em relação a mim???

A certa altura ele me olhou e falou em tom sincero, mas custei a acreditar. Seria mesmo verdade ou só brincadeira?

– Quanto mais eu te conheço mais vejo o seu valor, sabe, Isabela? É como se eu tivesse achado uma arca de tesouro. E quanto mais rebuscasse lá dentro, mais coisas preciosas descobrisse.

– Nossa, que exagero, Edu! Até parece, vai!

– Não duvide. Estou falando sério.

Balancei várias vezes a cabeça, meio desconfiada.

– Bem... ok, então... obrigada! – e não soube o que mais dizer.

Meu problema estava em ser precavida demais. Eduardo estava *mesmo* falando sério. Por mais que naquela hora eu não pudesse sondar perfeitamente seu coração, era assim que ele estava pensando:

“Convidei-a para sair, mas não estava botando fé... achava que preferisse o outro, o Walter, o Médico. Mas ela está aqui comigo... eu falo, e ela entende. *Entendei!* E também entendeu quando falei da teoria da relatividade! Ela aceitou sair comigo... tudo bem, isso é bom e trágico ao mesmo tempo. Bom porque aceitou... trágico porque não tenho muito dinheiro... nem tenho carro... nem emprego... sou pobre! A dama que vai me levar para casa! Vou ter que procurar minha honra durante semanas! Embora tenha outras opções para escolher, só tenho olhos para ela. Não tem ninguém decente à minha volta... as outras meninas da Igreja são fúteis, vulgares, fáceis. Isabela, não. Ela é *direita*, não parece volúvel, seu vocabulário é polido, tem modos! E... é imprevisível como a Thalya, não? Um pouco louquinha... como Thalya também era. Mas é muito mais inteligente! Depois... Isabela não é aquela crente bitoladona... no fundo, no fundo parece que não dá muito valor para as regras. Parece querer conhecer outras coisas, não se prende numa caixinha... está aberta! Desde que seja lícito. Gosto disso! Quanto mais conheço ela, mais descubro um conjunto de valores especiais... valores raros... preciosos... que, poxa vida, eu nunca encontrei em uma única pessoa! Tem senso de lealdade, é esforçada, não se conforma com os erros, procura acertar... é Cristã, toma atitudes que me agradam! É bem-humorada, meiga, sincera. Não é orgulhosa, não vive andando o tempo todo de branco, com estetoscópio no pescoço, falando que é Médica. Metida! Gosta de esportes! E tem uma carinha de boneca...”

Pode parecer bastante, mas é ele quem está dizendo.

Nosso encontro terminou mais uma vez com gosto de pouco. Parecia haver muita coisa a ser dita, muito a ser dividido, muito a ser percebido. Mas muito pouco tempo para isso.

Em casa, durante a noite, fiquei meio inquieta, incomodada. À medida que meu interesse crescia, eu ficava ansiosa em saber o que estaria se passando com ele. Seria correspondida... ou não? Eu não sabia exatamente o que ele estava

pensando. Hesitava em ser dada demais, mas não podia dizer que não estava envolvida.

Desabafei com Mayra no dia seguinte:

– O que será que ele quer comigo? Cheguei no ponto sem retorno, Mayra... agora estou interessada *mesmo*! E ele, que será que vai dar, hein?

Mayra balizava:

– Ihh, Chopi! (às vezes ela me chamava assim). – Vê se vai com calma! Ponha a cabeça no lugar.

Eu dava risada e me remexia.

– Mas está difícil! Agora a coisa pegou! – e dava mais risada de puro nervosismo. – Que hora pra tudo isso acontecer, tenho que estudar! Ai, meu Deus!

Mayra também dava risada.

– Se acalma!

– É isso! Mas e se eu perder a cabeça, Mayra?

– Nããão... não vai perder, não. – Mayra conhecia esse meu lado. Já tinha visto algumas vezes. – Chopi, trata de ficar boazinha.

– Tá! Vou fazer o possível.

Nesse dia, sábado, estava havendo ensaio do coral na Igreja. Eduardo estava zanzando por lá desde o início, e havia muito mais gente porque logo depois já era o horário do Culto dos Jovens.

Qual não foi minha surpresa quando vi Eduardo sentado a distância, lá no fundo do salão, no maior papo com uma moça da Igreja!! Eu sabia muito bem que ela estava “à procura” do seu futuro marido e não gostei nada, nada.

Quase não conseguia mais cantar, só olhava de esguelha, procurando não dar a menor importância. E sem deixá-lo perceber, é lógico!!! Mas intimamente furiosa com tanta desfaçatez.

“Eu sabia! Esse cara não é diferente de *nenhum outro*!! Passa horas conversando comigo num dia e no dia seguinte já está todo derretido com outra. Ele deve fazer isso com *todas*, eu não sou nada de especial para ele. Que *safado*... E ainda bem debaixo do meu nariz! Arca de tesouro, hein? Pois sim.

Nem bem terminou o ensaio e eu sabia que ele deveria vir falar comigo, como sempre. E veio, o salafrário, acompanhado justamente da dita cuja. Ele estava particularmente animado e sorria muito. Mas não me cativou! Procurei me conter ao máximo para não deixar passar nenhuma impressão do meu descontentamento. Não iria lhe dar todo este *ponto*!!

Eu me convencia a mim mesma:

“Isabela, não banque a troglodita. Mas deixe-o aí falando sozinho! Que fique de conversinha com essa fulana, pouco me importa. Ele que não me merece!”

E alto:

– Oi, Eduardo! Oi, Luana! Tudo bem?

Eduardo ria e me abraçou carinhosamente. Foi a primeira vez que ele fez isso. Mas não fiquei muito tempo no abraço e já pedi licença:

– Tenho que falar com a Mayra!

No banheiro, com ela, explodi de raiva.

– E pode isso? Ontem ficou comigo até tarde e hoje passou o ensaio inteiro de conversa com essa Luana?

– Calma! Não vai perder a cabeça! – Mayra deu conselho certo.

– Está tudo indo tão bem! Não coloca tudo a perder, né? – continuou ela.

Fiquei quieta. Mas nem procurei Eduardo depois. Sorte que não precisei esperar muito. Logo ele estava ali na minha frente, acompanhado do Alberto.

Algo ele deve ter lido no meu semblante. Tão logo Alberto desviou sua atenção para falar com outra pessoa, Eduardo declarou com sinceridade:

– Eu gostei muito mais de conversar com você... – e deu-me um bombom! Com um sorriso maravilhoso.

Bom observador. Ele tinha percebido a bobagem.

Quem resiste? Não consegui conter um sorriso meio encabulado, meio aliviado, meio denunciador dos meus sentimentos.

– Hum.

E tudo voltou a ficar às boas.

O que eu não sabia é que tinha sido de propósito. Eduardo também estava tentando dar a cartada final, só que na certeza. Depois que realmente começamos a namorar ele me contou sua verdadeira intenção:

– Eu queria ter certeza que você tinha algum interesse *real* em mim! – disse-me Eduardo. – Era difícil afirmar ao certo porque o seu jeito de agir era muito, muito diferente do costumeiro. Mesmo dentro da Igreja nunca vi ninguém agir com tanta integridade, tanta discrição. Eu sei perceber quando uma mulher está dando bola! Mas você não era clara em momento algum, que coisa! Que raio de mulher difícil!! E eu não queria quebrar a cara. Não queria arriscar sem ter certeza. Afinal... – e nesse momento Eduardo assumia o seu olhar maroto. – Eu nunca levei um “não”! Claro que não queria que justamente agora, com você, fosse a

primeira vez. Porque estava mesmo gostando de você! Nada melhor do que uns ciúmes bem feitos pra ver se te desestabilizava *um pouco*, pelo menos!

– Te garanto que você usou o método errado! Quase que deu o efeito contrário!

– Mas eu tinha que usar algum método. Nada parecia funcionar, eu já estava querendo dar o “bote”! – brincou ele.

Foram muitos os nossos “desencontros”. Nem dá para contar tudo! Mas o tempo todo foi assim: ele fazendo alguma coisa, e eu entendendo outra, eu achando que estava demonstrando interesse, e ele não percebendo!

Um dia saímos todos com uma galera da Igreja para comer *pizza*. Tudo termina em *pizza* no Brasil, né? Eu e Eduardo nos sentamos na ponta da mesa e conversamos tanto que o pessoal começou a pegar no nosso pé. Elaine estava numa diagonal, de frente para Eduardo, e só faltava nos fuzilar. É que o trio de amigas tinha oferecido carona a Eduardo para ir à pizzaria, mas ele dispensou porque iria comigo. Elaine não se conformou, depois desse dia nem olhava na minha cara.

Nosso interesse *parecia* mútuo, mas ninguém dava o primeiro passo! Durante todo esse período eu orava a Deus pedindo que Ele não deixasse eu me enganar, não me deixasse ficar sofrendo à toa. E se realmente Eduardo e eu tínhamos alguma coisa em comum, que pudéssemos nos acertar de uma vez por todas.

Finalmente... ninguém aguenta mais tanta novela...

A definição só veio no começo de dezembro. Um dia, ele *quase* falou!

A gente estava conversando na porta da Igreja, depois do Culto. E conversamos tanto que só ficamos nós dois ali, junto ao porteiro. Quando finalmente nos despedimos, Eduardo disse alguma coisa sobre ter sido flechado.

– Flechado? Tem alguma flecha voando por aí? – perguntei, entendendo.

– Tem, sim. E dessa vez foi um “ataque apache”!... Sorri abertamente, mas não disse nada.

Nem dormi direito.

CAPÍTULO 3

Depois daquele plantão terrível na UTI da Clínica Médica eu estava literalmente exausta. Durante o dia os pacientes ficaram compensados, bonzinhos... mas à noite, justo no meu horário, todos resolveram complicar e foi impossível pregar olho. passei a noite toda só correndo para cima e para baixo, “buchando” (gíria que quer dizer, literalmente, “descascar o abacaxi”).

Saí do Hospital depois de 36 horas, minha cabeça latejava levemente, e a visão parecia um pouco turva. Uma sensação que eu já estava acostumada. Quando eu estava cansada demais, levava mais tempo para conseguir relaxar. Pelo menos comigo acontecia assim, apesar da exaustão eu não conseguia *desligar*, e era difícil conciliar o sono. Normalmente só nos recuperamos bem de um plantão desses depois de dois dias.

Antes de deitar, Eduardo ligou e acabamos ficando bastante tempo no telefone. A desculpa dele era falar algo sobre a coreografia de *Kung Fu* na peça, mas depois enveredamos para outros assuntos. Foi nesse dia que, pela primeira vez, acabei perguntando algo sobre a sua conversão.

– Desde quando você é convertido, Eduardo?

– Há uns três anos, por aí – e não disse mais nada. Pelo que perguntei novamente:

– Mas... e antes de você se converter? Você seguia alguma outra religião, acreditava em alguma coisa? Ou era só como a maioria, um católico não praticante?

Pergunta-chave. Mas eu não sabia. Eduardo foi sincero, tão sincero que nem ele mesmo entendeu. E acabou respondendo em tom de voz até corriqueiro.

– Ah... antes de me converter eu andei dando uma olhada em tudo quanto é coisa, sabe? Conheci mesmo um pouco de tudo: mórmons, espíritas, umbandistas, testemunha de Jeová, Rosa Cruz... Budismo também, claro! Por causa do *Kung Fu*! Sempre fui meio andarilho!

– É mesmo? Poxa...

Mas ele não tinha acabado. E sem que eu perguntasse, acrescentou algo, aparentemente o dado mais importante:

– Mas eu não me identifiquei com nada disso, por incrível que pareça... aquilo: que mais mexeu comigo foi mesmo o Satanismo.

Pausa. De ambos os lados.

Procurei não mudar meu tom de voz, mas aquela declaração me soou completamente estranha, esdrúxula. Até mesmo inusitada.

– Ah. Satanismo?! – eu tinha que dizer alguma coisa. – Caramba... mas... você também foi atrás disso, Eduardo?

Minha cabeça não tinha uma ideia formada sobre aquilo, nenhuma mesmo.

“Deve ser alguma espécie de seita, que coisa mais louca!”. Imediatamente formei uma imagem mental sombria e imaginei um lugar onde pessoas que gostam de *hard rock* deveriam adorar. *Flashes* de conjuntos de *rock* brotaram diante dos meus olhos, muita gritaria, máscaras horríveis e músicas horríveis, algumas orgias... essa foi a ideia mais Satânica que pude conceber naquela hora.

– Mas... e *então*?! – inquiri à guisa de resposta.

– Bom... – Eduardo foi categórico: – Deixa pra falar sobre isso numa outra ocasião. Hoje já está tarde, e você está cansada do plantão.

Suspirei. Ele tinha razão. Deixei pra lá aquela história de Satanismo. Eduardo tinha sido tão malquinho, pelo que eu já conhecia dele, que aquilo só poderia ser mais uma das suas peripécias sem maiores consequências.

Antes de me despedir para valer, anunciei:

– Eu deixei uma música aqui à mão, gravada no toca-fitas. Vou colocar pra você escutar um pouco, pra dormir que nem um anjo. É superlinda, quer ouvir um pouco?

– Claro...

Apoiei o telefone sobre a caixa de som e coloquei a música. Era tão, tão linda, ficamos os dois ouvindo, um de cada lado da linha.

Eu gostava de todo tipo de música, desde que fosse agradável de ouvir. Sendo assim, qualquer coisa servia: erudita de todos os tipos, especialmente os românticos e barrocos; ópera; MPB; músicas típicas de outros países; canções nostálgicas de outras décadas... fossem românticas ou agitadas, ou esquisitas, chiques ou bregas... até aquilo que ninguém ouvia... se eu gostasse, *eu* ouvia. Mas não curtia sertanejo nem *rock* pesado.

Quando acabou já estava bem sonolenta. Peguei o fone de volta:

– E aí? Gostou? Gravei pra você!

A voz dele estava diferente, sensibilizada. Emocionada.

– Poxa, se gostei... nunca ninguém fez isso pra mim, colocar uma música pra ouvir no telefone! Gostei mesmo, Gata!

Acho que foi a primeira vez que ele me chamou assim dessa forma.

– Tchau, um beijo!

Fui dormir satisfeita pensando se ele costumava chamar todas as moças de *gata*.

* * *

Hoje sei que Eduardo tentou um pouco de tudo para abrir caminho até o meu coração. Sem perceber que já era dele desde o primeiro momento!

Apelou para ciúmes, indiferença. Tentou pegar pelo lado “materno”, daí brincava com as crianças da Igreja na minha frente. Tentou ser “bonzinho”, e então começou a participar de um dos programas de assistência social que a Igreja desenvolvia. E ver se isso surtia algum tipo de resultado positivo da minha parte. Logo que via o meu fusquinha estacionado por perto, saía de casa e voava para lá.

Usou de todos os meios. Eu não conhecia Eduardo tão bem assim, não sabia que nunca ele tinha gasto tanto tempo para conquistar alguém.

Para encurtar a história: finalmente foi dado o xequê-mate. Quase três meses de caça!

Nós já éramos amigos, e certo final de tarde iríamos ao cinema. Eduardo estava novamente trabalhando, portanto muito mais abonado. E foi encontrar-se comigo após o serviço no Shopping Paulista. Infelizmente peguei um trânsito monstruoso, atrasei-me muito. O coitado estava lá, todo lindo de terno e gravata, com uma sacolinha na mão. Mas a carinha, que vi de longe, revelava o quanto estava cheio de esperar.

Cheguei apressada.

– Oi, me desculpe, Eduardo! O trânsito estava um horror – a carinha passou de enfadada para satisfeita.

– Tudo bem, não faz mal. Você quer jantar antes do cinema? Vamos comer no Viena? Estou morto de fome.

– Vamos indo. E como foi o seu dia? – fomos tagarelando até lá. Fizemos os pedidos, comemos muito bem, o tempo foi passando.

Eu observava Eduardo encher o seu prato de *ketchup*, foi com ele que aprendi a comer *ketchup*. Antes eu só gostava de mostarda.

Meu suco de abacaxi com hortelã já estava no fim, e eu estava ansiosa em me acertar com ele. Já estava cansada de tanta enrolação!

O suco acabou, bem no momento em que Eduardo fazia uma longa pregação astronômica, falando sobre seus conhecimentos da órbita dos planetas e seus satélites. Eu olhava para ele tentando adivinhar onde ele queria chegar com aquela lenga toda. Eu sabia que volta e meia Eduardo engrenava nesse tipo de assunto, ele ficava encantado porque eu entendia o que ele falava.

Mas naquele dia... *realmente*... bom, deixa para lá!

Pedimos a sobremesa: pudim de leite condensado. Lá no fundo da alma eu orava ao Senhor.

“Deus, se o Senhor preparou alguma coisa entre a gente, que essa situação de indecisão *chegue logo ao fim*! Não estou mais aguentando...”

Pedimos nosso cafezinho, e aí Eduardo finalmente disse alguma coisa com segundas intenções.

– Você sabe que a Lua gira ao redor da Terra, né? E nunca se afasta dela, o tempo pode passar, mas a Lua sempre vai continuar girando em torno da Terra – compreendi perfeitamente o que ele queria dizer. Ele estava dando voltas para chegar justamente ali.

Nem parei para pensar e impulsivamente reclamei, sorrindo:

– Tudo bem essa conversa toda, Eduardo, que nunca se afasta! Mas também nunca se *aproxima*, não é, fica o tempo todo só rodando sem chegar a lugar nenhum!!

TUM! Pela expressão do rosto dele, imediatamente vi que tinha falado demais. E fiquei quieta, talvez tivesse dado a deixa fora de hora. Tratei de terminar meu café rapidamente para disfarçar um pouco. Eduardo também ficou mudo durante alguns segundos, os quais me pareceram intermináveis. Mas não deixou passar a oportunidade. Dessa vez ele tinha certeza.

E então falou logo:

– Eu ainda não estava certo se era recíproco...

– Você acha que eu iria ficar saindo sempre com você, e tudo o mais, se não tivesse nada em mente? O que você acha que estou fazendo aqui com você? – tive que sorrir. Era incontrolável.

– Mas, Isabela, você não demonstrou muito. Eu ainda estava na dúvida, e eu não queria fazer nada na dúvida. Você é uma pessoa importante pra mim, não queria tomar nenhuma atitude que pudesse estragar o que a gente construiu até agora.

Ele pegou de leve na minha mão e completou, sorrindo, mas ao mesmo tempo com seriedade:

– E... mas de hoje não iria passar, não! Eu já tinha decidido que iria pôr tudo a limpo – e sorriu mais abertamente, com aquele ar maroto. – Você sabe o que é *isso*?!

Olhei para a sacola que ele puxou da cadeira. Estendeu-a para mim.

– É pra você!

– Caramba, obrigada! – e eu estava sem jeito. Não achava que fosse para mim.

Dentro dela estava um embrulho grande e muito bonito, meio fofo. Acompanhado de um cartão do *Garfield*, que li meio sem graça. Então abri o pacote e era um enorme bicho de pelúcia, um porquinho cor de salmão vestido com jaquetinha e boné de couro preto.

– Nossa, mas que graça, Eduardo! Superlindo! Adorei!

– Eu não queria dar ursinho, é tudo a mesma coisa. Queria te dar alguma coisa diferente. Quando vi esse porco, não resisti. Como você pode notar... de hoje não passava!

Eu continuava olhando para o porquinho, apertando-o, e meu rosto certamente demonstrava uma parte da alegria que estava por dentro.

– Tem um pouco a ver com você, não? – perguntei a ele. – Essa jaqueta de couro... esse bonezinho... acho que ele é um porquinho meio malandro, né? Um porquinho rebelde!

– Acho que tem um pouco a ver comigo, sim! Mas agora eu não sou mais um malandro, um rebelde! – e ele ria. – Agora eu sou *convertido*! Esse porquinho é um rebelde bonzinho.

Eduardo segurava na minha mão e eu fiquei olhando para ele com uma mistura de sentimentos. Alegria, segurança e insegurança ao mesmo tempo, certeza... incredulidade!... É isso! Nem parecia que a gente estava mesmo ali, que a gente estava *namorando*. Eu tinha esperado muito por esse dia. Finalmente os desencontros tinham chegado ao fim.

Depois do jantar fomos ao cinema, e o filme foi um verdadeiro abacaxi. Já não aguentava mais. Não demoraria muito a perceber que Eduardo tinha uma enorme capacidade de optar por filmes horríveis. Eu detestava ficção científica! Comigo ele aprenderia a gostar de filmes melhores, filmes de vida, com alguma mensagem boa.

Voltamos juntos, ele despediu-se e me convidou para ir ao aniversário da sua prima no dia seguinte. Aceitei de bom grado e Eduardo deu-me um beijinho de leve.

Na volta para casa, dirigi quase sem ver o caminho. Fui dormir literalmente nas nuvens. Ou melhor... nem dormi! Passei a noite toda pensando que *tinha dado certo!*

“Eu orei. Deus atendeu! Então é porque ele deve ser... *aquele!*”

Aquele... de quem o Senhor já havia falado, tantos anos antes. Nove anos antes, para ser exata, no dia da minha conversão.

– Deus está guardando o seu namorado – tinham me dito.

Fiquei quieta. Isso era coisa para se dizer? Mas naquele mesmo ano, eu não sabia... Eduardo tinha passado pelo Rito de Iniciação.

Ao longo dos anos, Deus repetiria mais duas vezes sobre o homem que estava guardando para mim. Como eu nunca tinha namorado... no meu íntimo ficava claro... Eduardo era ele!

* * *

Naquela semana deveriam começar as nossas apresentações do Coral. Além de cantar na Igreja duas vezes, o Pastor William tinha agendado algumas apresentações em alguns *shoppings* de São Paulo. A primeira iria ser no Shopping Eldorado.

Embora eu houvesse comentado com Mayra sobre o início do namoro com Eduardo, ainda não era do conhecimento da Igreja. Eu sabia que Eduardo tinha terminado com Camila oficialmente há quase dois meses, mas acho que pouca gente da nossa Igreja estava a par disso. O pessoal do grupo de Teatro sabia, e mais algum que tinha conhecido Camila pessoalmente. Eu mesma nunca a tinha visto.

Naquele dia depois do serviço, Eduardo acompanhou-me à apresentação no Shopping Eldorado. Iria ser lá pelas sete e meia, oito horas da noite, e como a Cantata inteira durava uns 45 minutos, podíamos até mesmo passear um pouco no Shopping mais tarde.

Chegamos de mãos dadas para assumir publicamente o relacionamento. Para mim era realmente diferente estar junto a alguém e perceber que as pessoas à nossa volta percebiam isso. E tiravam, lógico, suas conclusões.

Era ainda um pouco estranho, eu me sentia observada e analisada. Mas procurei não me incomodar porque, afinal de contas, era algo natural. Nós éramos um novo casal chegando no pedaço!

Começamos a conversar com o pessoal do Coral, todo mundo circulava por ali, uniformizado, rindo, confraternizando. Muitos membros da Igreja também

estavam presentes somente para assistir à estreia. Mas somente alguns colegas do grupo de Teatro é que vieram nos dar os parabéns pelo namoro.

E aí aconteceu algo muito desagradável. Para minha surpresa, assim que as pessoas começaram a tomar posição em seus lugares, o Pastor Luís, muito chegado do Pastor William, chamou-me de lado.

– Isabela, por favor, não leve a mal o que eu vou dizer... mas eu preciso te transmitir um recado dos Pastores. Hoje nós gostaríamos de pedir que você não cantasse na apresentação.

Ele procurou falar brandamente. Mas não entendi de pronto.

– Por quê? – indaguei.

– Bem, acontece que vocês dois apareceram aqui de mãos dadas... e isso infelizmente está gerando um pouco de questionamentos. Vamos conversar melhor depois, mas pelo que eu tinha entendido do Eduardo...

Eduardo adiantou-se e nem o deixou continuar, ainda que procurasse manter-se controlado:

– Sim, imagino o que vocês devem estar pensando, mas gostaria de deixar claro que isso está sendo um engano. A Isabela começou a namorar comigo há dias, e eu já terminei com Camila há quase dois meses.

– Mas veja bem, Eduardo, em momento algum você nos comunicou isso. Para todos os efeitos Camila continua sendo sua noiva – tornou o Pastor Luís.

Aquilo foi como uma ducha de água fria. Eduardo iria continuar questionando, mas procurei interromper logo.

“Para bom entendedor, meia palavra basta”. Não é o que diz o ditado? Então me adiantei:

– Tudo bem, Pastor. Pode ficar despreocupado porque não vou cantar.

Ele ainda me pediu desculpas e afastou-se. Fiquei muito passada. Justo eu, que procurava ser irrepreensível nesse aspecto. Eu não tinha feito nada errado!... Eduardo estava muito irritado.

– Mas que afronta! Poxa, que espécie de comportamento é esse? Desde quando eu preciso comunicar à Igreja que terminei um noivado e comecei um outro namoro?! Nunca soube que precisava dar esse tipo de satisfação. Mesmo porque, não era segredo pra ninguém, tinha muita gente que já sabia! Que falta de consideração com você! Foi a todos os ensaios e agora não pode cantar?!

Eu nunca tinha visto Eduardo tão irritado até então. Procurei acalmá-lo, apesar de que estava muito entristecida. Nem entendi muito bem o porquê daquela postura.

– Tudo bem, olha, não tem problema...
– Vamos embora! Não vamos mais ficar aqui! – reclamou ele categoricamente, impulsivo.

– Não, não, não! Não podemos fazer isso, vai soar como uma afronta. Nós não temos nada a temer, não estamos fazendo nada errado. Olha, veja de outra maneira... tente entender por outro lado... afinal, eles não podem adivinhar, né?

– Mas isso é uma *injustiça* com você! Você não precisa passar por esse constrangimento todo de graça. O melhor é a gente ir embora!

– Mas, Eduardo, eles são Líderes, são os responsáveis pela Igreja, pelo Coral. Se por acaso eles viram alguma coisa que levantou poeira, a obrigação é averiguar. Isso pesa sobre a Liderança, entenda que se eles veem algo “estranho” e não fazem nada... Deus vai cobrar deles depois! Isso é muito sério.

Eduardo não estava para muita conversa, injuriado com aquela desfeita. Mas procurei conversar e balizar a situação dos Pastores, evitar que ele se exaltasse. Eu ainda não conhecia aquele lado da Igreja, do povo evangélico. Conhecia, sim, a indiferença, a hipocrisia. Mas no futuro eu iria ver muito dessa outra coisa: para julgar, “enxergar pelo em ovo”, todo mundo está sempre pronto.

– Entende isso? – continuei. – Eles têm que tomar cuidado com todas as coisas.

– Mas é muito injusto com você! – insistia Eduardo. – Por mim a gente iria embora.

– Mas eu quero ver o Coral cantar. Afinal, eu vim aqui pra isso!

E ficamos ali. Assisti meus colegas se apresentarem. Olhando de longe para mim, estranhavam que eu tivesse participado dos ensaios e agora não estivesse ali no meio deles. Ficou um burburinho meio chato, uns olhares aqui e ali. Aguentei o constrangimento, chateada. No final da Cantata o pessoal nos cumprimentou, mas dava para sentir um certo arzinho de julgamento no ar. Eu cumprimentei de volta, sorrindo. Mas fiquei magoada. E Eduardo ficou indignado.

Realmente nenhum de nós tinha julgado necessário informar nada, se soubéssemos teríamos feito. Nem meus pais conheciam Eduardo ainda! Fomos pegos de surpresa.

No meio do tumulto, depois da apresentação, o Pastor Neliton e a esposa chegaram perto de nós para tentar remediar a situação. Mas saí dali sentindo-me mal, com uma sensação de estar fazendo algo errado. Uma sensação de culpa.

– Poxa, ficou uma impressão tão ruim... parece até que eu estou fazendo uma coisa ilícita.

– Fica tranquila! Vou conversar com eles e esclarecer tudo.

Eduardo conversou com os Pastores durante a semana. No domingo, no final do Culto, o Pastor William veio até mim. E pediu perdão em nome de todos com luvas de pelica. Eu só escutei, mas depois deixei bem claro, numa boa:

– Tudo bem... eu não sou *a outra* de ninguém, não, viu, Pastor?

– Foi necessário. Mas você está liberada pra voltar ao Coral.

Esse foi o primeiro de muitos percalços que ainda teria por causa do nosso namoro. Somente muito mais tarde fomos perceber – e entender – que já havia um contexto espiritual maligno pairando sobre nós. Desde aquela época. Desde o primeiro momento. Nenhum de nós dois sabia o que ainda teríamos que enfrentar.

Mas, por ora, graças a Deus, tudo parecia resolvido.

O pessoal do Teatro tinha percebido o problema. No outro ensaio tivemos que explicar tudo em poucas palavras. O pessoal até se absteve de comentar muito, ficaram meio chocados porque eram nossos amigos. E acharam, muito *in off*, que tinha sido “excesso de zelo Pastoral”.

Enfim... deixamos para lá.

Agora era tratar de me acostumar com aquela nova condição: a de namorada! Claro que era preciso eu me acostumar, nunca tinha passado por aquilo que antes.

Mas aí começou o segundo capítulo. Foi durante a semana mesmo, e só fiquei sabendo depois, pelo Eduardo.

Camila tinha telefonado casualmente para a casa dele e, falando com dona Odete, comentou que Eduardo estava demorando muito em voltar a Ribeirão para vê-la. E queria saber quando é que ele iria.

– Mas, Eduardo, você não tinha terminado o namoro? – perguntei meio indignada e querendo saber muito bem daquela história.

– Terminei, Gatinha, *terminei*! Poxa vida! Lembra aquele dia em que teve um *show* de música na Igreja? Com aquele cantor que veio de fora, lembra?.

– Ah! Lembro bem! Lembro mesmo. “E como não lembrar??”

Continuei falando:

– No final eu a chamei pra ir com o pessoal comer uma comida italiana, todo mundo iria... mas você disse que tinha compromisso. Até estavam com você uns amigos que não eram convertidos. Lembro que um deles era bem cabeludão!

– Foi isso mesmo! Eu tinha chamado os meus amigos pra assistir ao *show* justamente na intenção de evangelizar. Sabe como é, né? Eles não viriam à Igreja escutar uma *pregação*, mas pro *show* bem que vieram! Como o cara iria cantar músicas evangélicas junto a música popular, achei uma boa oportunidade. Mas a

Camila apareceu do nada nessa ocasião, veio pra São Paulo atrás de mim sem me avisar. Eu tinha terminado com ela já naquela época. Mas esse era o jeito dela mesmo, ela nunca aceitava o fim do namoro. Deixava passar um tempo e vinha atrás de novo. Então tive que deixar meus amigos depois do *show* e resolver aquela parada. A última vez que estive em Ribeirão tinha deixado bem claro que não iria mais voltar, que estava acabado..., mas Camila não escuta, não entende! E agora, mesmo assim ela ainda veio me procurar de novo...

– Mas você deixou claro *mesmo*?!

Ele sorriu e tentou explicar:

– Eu já não te disse como é que foi o nosso relacionamento? Nós terminamos o namoro um *truzilhão* de vezes! Na cabeça dela, era só mais um piripaque meu. Mas naquela noite, no *show*, nós saímos, fomos tomar um café. E pus fim de novo! Terminei! Acabei! Isso já faz uns dois meses, exatamente como te falei. Mas agora ela achou de ligar pra minha mãe como se *nada* tivesse acontecido, como se eu nunca tivesse dito *nada*! Foi perguntando se ela sabia quando eu iria pra lá, pediu o telefone do meu novo serviço, assim, desse jeito!

– E o que foi que sua mãe disse?

– Ela explicou que eu estava namorando.

– E aí?

Eduardo tinha um ar de enfado. Sacudiu a cabeça, um pouco contrariado.

– Camila ficou enfurecida e imediatamente mandou uma carta pro Pastor Neliton. Ele é um conhecido antigo da família, do Pastor Sérgio, irmão dela. Em suma: o Pastor Neliton marcou um encontro comigo, pra “conversarmos”. Isso foi ontem à noite. Mostrou a carta. Só aí que fiquei sabendo da carta.

– Ok, e o que ela dizia nessa carta?

– Bem, o que você acha? Foi aquela ladainha! Que nós ficamos juntos durante quase 12 anos, que somos praticamente *casados*, vê só se pode! E que terminar um noivado assim não tinha cabimento, afinal de contas, ela não tinha dito “não”! Só eu que falei “não”!...

– Ué, ela acha que precisa de um advogado pra vocês se separarem? Ser *praticamente* casada não é ser casada de fato.

– Pois é, na carta Camila explica o que ela acha. Que a nossa separação é mais ou menos como um divórcio, e se ela não disse “não”, então eu tenho que continuar atrelado. – Eduardo suspirou. – Olha só a que ponto chegou... eu expliquei como dava. Fiz o Pastor entender que esse noivado estava terminado há meses, mas Camila ainda não entendeu e nem aceitou a situação. O questionamento dele é

outro... o tempo todo ele me perguntava se eu tinha mesmo certeza do que estava fazendo, se valia a pena jogar fora aqueles 12 anos... pra pensar melhor, essas coisas.

Escutei, mas nem fiz questão de especular muito. A única coisa que me interessava saber no momento foi aquilo que perguntei:

– E você...? Pretende voltar pra ela, como das outras vezes?

Eduardo sorriu e me abraçou com carinho. Como sempre.

– É claro que não, Gatinha! De jeito nenhum. Agora eu encontrei a mulher certa.

Aquilo era o que me bastava. Eu compreendia que um namoro de tantos anos deveria realmente causar um baque emocional muito grande. Eu compreendia que ela deveria estar sofrendo. Mas... o que poderia fazer? Apenas esperar que o tempo consertasse tudo.

– Você explicou tudo pra o Pastor Neliton? Senão, vamos acabar tendo problema...

– Eu expliquei. Conteí como era o nosso relacionamento, que não dava mais, que nós nunca seríamos felizes. Mas não sei se ele entendeu... ele conhece Camila há muito tempo, já tem uma opinião pré-formada. Até o final ele continuava dizendo pra eu orar a respeito, pensar melhor, conversar com ela... – Eduardo sacudiu a cabeça. – Mas eu não tenho mais nada pra conversar com Camila. Quanto mais mexer nessa situação, pior!

Mas, mesmo sem mexer, a situação piorou ainda mais. Até aquele momento eu não sabia que dona Odete punha lenha na fogueira. Em vez de desestimular Camila, ela a incentivava a continuar tentando.

Alguns dias depois deixei Eduardo em casa antes de voltar para a minha. Somente no dia seguinte é que fiquei sabendo. Eduardo nem pôde ficar ali. Camila tinha vindo de Ribeirão novamente e estava acampada na casa da “sogra”, exatamente como tinha se acostumado a fazer. Como se o relacionamento dos dois continuasse em pé.

Quando Eduardo entrou, ela estava sentada na sala toda sorridente, e já foi pedindo para sair. Ele ficou bravo e recusou-se a conversar outra vez.

– Tudo o que eu tinha pra te dizer eu já disse, Camila! – e foi dormir na casa da avó.

Custei a acreditar no que ouvia, mas não me intrometi. Não era da minha alçada.

“Mas que coisa”, pensei comigo mesma.

Como sua primeira estratégia não tinha dado certo, então Camila foi pessoalmente falar com o Pastor Neliton. Que, para todos os efeitos, estava do lado dela. Chorou, chorou as pitangas... e continuava cercando Eduardo por todos os lados, inclusive no serviço. Mas como ele continuasse se recusando a encontrá-la, Camila teve que voltar para Ribeirão.

Então telefonava, mas Eduardo desligava dizendo mais uma vez que eles já tinham conversado o necessário. Aí Camila passou a mandar cartas, as quais Eduardo me mostrava.

Eu sentia uma ponta de pena. Tentei sugerir:

– Não seria melhor você ir até Ribeirão e conversar de novo com ela?

– Não. Eu já conversei. Não tem mais o que conversar. Eu conheço Camila. Agora ela tem é que *entender*!

E não arredou pé.

Mas na Igreja ficou uma situação delicada por causa do bafafá que ela criou diante do Pastor Neliton. E as fofocas começaram logo. O problema é que em momento algum as pessoas vieram falar comigo, nem mesmo os Pastores. Para todos os efeitos, eu estava sendo a pedra de tropeço.

Ficava sabendo de tudo o que falavam, todos os comentários maldosos, todos os julgamentos, todas as opiniões... porque dona Odete gentilmente incumbia-se de repassar tudo ao Eduardo. Ela também frequentava a Igreja, embora não fosse convertida, e discutir o nosso relacionamento tornou-se assunto de primeira linha.

Fui ficando extremamente chateada. Escutei de tudo um pouco. Quase sempre de pessoas que conheciam muito pouco do contexto de Eduardo e Camila. E – pior! – menos ainda do meu com ele.

– Ah! Mas o seu filho é um louco de jogar fora um namoro tão longo, tão antigo! Que absurdo! Esse tipo de coisa com a outra não tem a menor chance de dar certo – especulavam com dona Odete.

Ou então:

– A Camila é uma moça tão boa, o que está acontecendo com Eduardo?

Mas o pior de tudo eram as comparações. Camila era uma pessoa, eu era outra. Ela gostava de um tipo de coisa, eu gostava de outra.

Por exemplo, para Camila roupa tinha que ser “certinha”. O meu estilo já era mais despojado. Pois até da minha roupa falaram! Do meu jeito de ser, de tudo! Tudo foi colocado em xeque. Tudo foi comparado. E, claro... naturalmente Camila era melhor em tudo.

Pelo menos era assim que dona Odete repassava ao Eduardo. Só que ela repassava apenas o que convinha.

Aliás, o aspecto familiar foi outro capítulo. E esse eu nunca consegui entender direito...! Na casa de Eduardo fui tratada de uma forma, no mínimo, muito estranha.

Nem bem comecei o namoro e procurei fazer o melhor possível, usei das boas maneiras que aprendi em casa. Da boa educação que todo ser humano deve ter. Como estivesse perto do Natal, presenteei a mãe dele e a avó com uma lembrancinha, como manda o protocolo da boa etiqueta.

Sempre gostei da avó de Eduardo; e procurava conversar bastante com dona Odete, no começo eu a achava simpática. Mas na primeira reunião de família, um aniversário, percebi que ninguém perdeu muito tempo comigo. Afinal, eu era somente “mais uma”. Os irmãos dele não fizeram nenhuma questão de que eu me sentisse à vontade, e uma das primas, que sempre foi apaixonada por Eduardo, fez questão de jogar seu charminho na minha frente.

Achei um comportamento meio esquisito, mas realmente não liguei, outra vez. Para mim era suficiente o desejo de Eduardo em querer permanecer comigo. Tudo aquilo iria passar. Pelo menos foi assim que pensei.

Os comentários logo começaram também ali dentro.

“Ela é estranha... é *estranho* ver Eduardo com ela. Camila já fazia parte da família.”

Eduardo não teve muita sabedoria na sua sinceridade. Ao querer manter-me inteirada daquele bombardeio a que ele também estava sendo submetido logo de cara, sem querer envolveu-me naquela delicada e desagradável situação.

Não imaginei que iria encontrar tanta resistência por parte das pessoas no nosso namoro. Para mim aquele deveria ter sido um período especial, gostoso... eu tinha imaginado tudo diferente! Sempre pensei como seria ter cunhados, cunhadas, sogra, sogro... como seria pertencer também a outra família! Ser recebida por outra família.

Mas aquele estado de coisa foi criando dentro de mim um sentimento de desalento e desconforto. Havia no ar uma rejeição gratuita, um julgamento precipitado... eles nem se deram ao trabalho de me conhecer, de saber quem eu era, *como* eu era.

E se não era realmente “estranha” antes, acabei ficando depois, é claro. Nunca eu sabia que espécie de comentários fariam assim que eu virasse as costas.

Por um lado, eu compreendo que a substituição era difícil para todos eles. Especialmente depois de 12 anos. Por outro, era injusto comigo porque eu estava acabando de chegar, completamente alheia a esse contexto, e era tão gente quanto Camila.

Se era difícil para eles, muito mais para mim! Que estava entrando em contato pela primeira vez com a família de um namorado.

Mas, problemas à parte... nosso relacionamento estava indo de vento em popa! As atitudes sinceras de Eduardo me faziam sentir segura e tranquila da sua escolha.

* * *

Mexericos à parte... a vida continuava e eu tinha mais com o que me preocupar. Ainda bem que agora já não tinha mais aula e nem plantões.

Finalmente acabou o sexto ano, e agora toda a correria e esforço eram por causa da prova de Residência.

Estava havendo uma série de aulas-dica, como nós as chamávamos, uma espécie de revisão rápida das principais Clínicas. No entanto, a grande verdade era simples: o que a gente sabia, sabia. O que não sabia, era melhor nem estressar muito. O tempo era curtíssimo para rever e relembrar os pontos mais importantes.

Levantava-me pela manhã e já tratava de me pôr em campo para estudar. Logo chegaria a primeira fase. Era imprescindível que eu me concentrasse.

Mas como estava sendo difícil!!! Esforcei-me bastante naqueles dias, mas não foi exatamente como deveria. Somando-se ao cansaço natural do fim do ano, eu estava toda hora a me pegar com a cabeça nas nuvens, só pensando em Eduardo.

A primeira fase era uma prova de cem questões de múltipla escolha que englobava *tudo de tudo*.

Estudei o que deu. Principalmente Obstetrícia e Ginecologia, que tinha menos matéria, mas caíria a mesma quantidade de questões a respeito. Estudei bastante Cirurgia, principalmente Geral, Urgências e Gástrica. Um pouco de Pediatria. Relembrei algumas fórmulas para calcular os soros de hidratação infantil, pontos quentes. Clínica nem peguei, iria confiar naquilo que tinha aprendido na prática durante a Faculdade e as provas. Medicina Preventiva também nem olhei. Dei uma relembração em coisas importantes de Otorrino e Oftalmo, que por vezes

caíam uma ou outra questão. Dermatologia também precisava dar uma vista-d'olhos.

Durante esses dias costumava ficar em casa estudando o dia inteiro, só saía para as aulas de revisão. No final do dia encontrava com Eduardo, afinal precisava manter minha sanidade mental, era importante estar bem descansada na prova. Mas não consegui estudar o quanto gostaria, infelizmente. Minha mente estava cansada, meu corpo estava cansado.

Não era privilégio meu. Meus amigos da Panela e os colegas de turma não estavam menos exaustos. A maioria ia levando no piloto automático, sem parar muito para pensar. Era melhor não pensar, não respirar, não fazer nada a não ser estudar para a primeira fase.

E chegou o dia! Não sou estressada, nem nervosa, nem desesperada. Mas a responsabilidade era muita e não dormi bem à noite, acabei indo bem mal dormida, isso sim! Minha vista pesava e eu sentia aquela leve dor de cabeça logo cedo, fruto do cansaço.

Fiz a prova. Não saí lá muito satisfeita, mas agora estava feito. O resultado viria em duas semanas, logo depois da Colação de Grau. Os aprovados deveriam então preparar-se para a segunda fase, específica da área que cada um estava prestando. Eu tinha me decidido pela MI, e deveria fazer uma prova que duraria dois dias no início de janeiro. Isto é, *se* fosse aprovada na primeira fase, a prova de conhecimentos gerais.

Descansei um ou dois dias e já comecei a estudar para a outra etapa. Não dava para esperar sair o resultado. Agora era menos matéria, apenas MI. No entanto, a prova era bem mais específica.

* * *

Estava quase chegando o dia da Colação de Grau. Mas eu não me sentia completamente feliz porque, para variar, eu e meu pai estávamos brigados. Nem me pergunte o motivo, eu já não sabia. Até mesmo durante aquele período de provas importantes ele não estava falando comigo.

Eu tinha ficado muito triste porque depois do meu último dia de aula, quando efetivamente terminei o sexto ano, minha mãe fez surpresa comprando um lindo bolo da “Brunella” e um champanhe *rosé* (que eu adoro) para comemorar. Mas ele nem falou comigo! Não quis participar. Não me deu os parabéns!...

Cortamos o bolo sozinhas, apenas eu e ela, e tudo aquilo não teve gosto de celebração. Meu coração também tinha sido cortado. A atitude dele me fazia questionar todo aquele meu esforço, a vitória de ter terminado a Faculdade... como se aquilo não significasse nada. Embora devesse significar algo, afinal... ele também queria aquilo, não era?

Lembrei-me da época do Vestibular, quando eu tinha escolhido fazer aquele curso também para dar alegria a eles. O mais incrível é que durante as provas do Vestibular meu pai também estava brigado comigo! Que estranha coincidência!

Durante quase todo o período de exame nós nem nos falamos... ele nem me olhava... no íntimo torcia pela minha aprovação mas, por fora... me ignorava!

Eu estava esgotada daquilo. O ano todo tinha sido arrastado pelas brigas. Vez por outra, minha mãe o acompanhava no silêncio. Uma hora resolvia, depois piorava de novo. Aí resolvia... piorava... Poxa vida! Eu realmente não sabia mais o que fazer, não queria magoar meu pai. Eu já havia conversado com ele uma ou duas vezes, procurava me explicar, me desculpar, entendê-lo e me fazer entender. Mas logo a situação voltava à estaca zero. Não sei *porque* a gente vivia assim. Onde estavam os motivos *reais*? Sim, porque *tudo bem*, eu não era perfeita... mas quem é? Quem é?!

Comentei com Eduardo minha preocupação:

– Minha Formatura não vai ter o menor sentido se meu pai estiver mudo comigo... já não sei o que fazer sobre isso. Meu irmão também não vai estar, só vai conseguir vir do exterior na boca do Natal! Que grande significado isso pode ter assim *desse jeito*?!!

– Você não pode conversar com ele sobre isso?

– Eu já conversei! Não sei mais o que dizer!

Mas depois fiquei pensando e resolvi tentar mais uma vez.

Um dia eu estava na cozinha de casa estudando à tarde, aproveitando o sol gostoso que batia ali naquela hora. Aí ele abriu a porta e entrou, em silêncio.

O incômodo silêncio se manteve por alguns instantes, enquanto ele enchia um copo de água. Criei coragem e comecei:

– Pai... eu queria te dizer que a Formatura é na semana que vem. Mas se você estiver brigado comigo não vai ter significado pra mim, vai estar tudo estragado. Eu... não quero estar brigada com você... – e já nem conseguia falar direito, com a voz embargada. Como aquela situação me fazia mal! – Se eu estou magoando você por algum motivo, quero te pedir desculpas... porque eu não quero magoar

ninguém. Seja o que for que eu tenha feito, não estou fazendo *de propósito*. Você pode pensar que é de propósito, mas não é!

E continuei ainda, até que ele disse que tudo bem, que estava tudo bem.

Eu realmente creio que meu pai se esforçava para me perdoar.

Pelo menos, parecia ser assim. Mas como era grande a sua dificuldade em dialogar, por mais que sofresse com a situação ele também não dava o braço a torcer.

Às vezes me ponho tentando explicar o inexplicável, fico pensando... e tiro minhas conclusões.

De um lado, tinha a frustração dele: constatar que nem sempre eu era exatamente aquilo com que ele tinha sonhado. Talvez meu pai olhasse para mim e percebesse *outras* coisas, coisas com as quais ele não sabia lidar. Outras maneiras de pensar, de agir, de ver o mundo. Acho que ele não aceitou as minhas diferenças, não conseguiu abdicar do seu próprio sonho de ter uma filha perfeita.

Eu não era perfeita, eu era *apenas eu*, apenas Isabela!

Em nenhum momento da minha vida meu pai realmente *conversou* comigo, procurou me *conhecer*, saber quem eu *era*. Ele precisaria ter olhado para dentro daquela menininha que ele viu nascer, a “Princesa folheada a ouro”, e em quem depositou tantas expectativas... *querendo* enxergar o que de fato estava ali, a pessoa que eu realmente era.

Era necessário meu pai ter visto a realidade, e aceitado essa realidade mesmo sabendo que nem sempre a realidade é como se gostaria! Creio que todas as vezes que ele esperou algo de mim, sonhou com algo, e no fim isso não se concretizou, acabou havendo uma decepção. Essa decepção aconteceu não porque eu fosse uma filha *má*, mas porque era uma expectativa irreal dele, uma expectativa falsa. A esperança de alguém que não chegou a me conhecer bem, mas sonhou muitas coisas para mim... e *acreditou* no sonho!

Ele acabava se decepcionando e creio que, até mesmo, me culpando por não ser a Isabela que ele queria. Como sei que fui uma filha muito esperada, muito desejada... parece que nas minhas mãos ficou indiretamente a missão de fazê-lo feliz. Mas eu não fui capaz. Não totalmente. Não retinha nas mãos todo esse poder!

E aí vinha a minha parte, o meu lado da questão. Eu me frustrava por isso, por decepcioná-lo. E, decepcionando-o, pagava o preço por isso. Era roubada do lugar de “princesa”, dos sorrisos, dos aplausos, do incentivo. Ficava frustrada por ser privada da totalidade do seu amor!

Meu pai era tudo para mim... a pessoa mais importante da minha vida... por isso era tão difícil. Mas depois daquela breve conversa na cozinha as coisas melhoraram novamente, e ele voltou a falar comigo.

No dia da Formatura todo mundo estava chique e animado. E embora o Marco não pudesse vir, alguns parentes do interior de São Paulo deveriam estar presentes.

Sáímos no começo da noite, eu, meu pai e minha mãe. No local da Formatura os fotógrafos não paravam de nos iluminar com seus *flashes* desde a hora em que descíamos do carro. Durante todo o tempo eles nos fotografavam no saguão, dando dicas, fazendo seu trabalho com esmero para, depois, termos muitas opções para montar o Álbum de Formatura. Havia luzes por todos os lados, pessoas bem vestidas, sorridentes, de peito estufado por fazerem parte da família de algum formando. Beijos, *mil* beijos; e abraços, abraços e mais abraços, e festejos de todas as formas!

Nossa beca era muito bonita, elegante, de boa qualidade, ornada com aqueles babados brancos e a faixa verde da Medicina. Sei que sou suspeita para falar, mas nós estávamos muito *bonitos*! Isso!

É muito difícil expressar em palavras a alegria e orgulho daquele momento, o sabor daquela conquista. *Agora* eu estava feliz, *agora* minha satisfação era completa e eu podia experimentar com gosto aquela sensação: eu era Médica!

Mais feliz ainda eu estava porque haveria ali mais uma pessoa que já me era cara ao coração. Eduardo.

Nesse dia iria apresentá-lo à minha família. Dá para imaginar como tudo estava sendo realmente especial para mim!

Eduardo viria com o Sálvio, do nosso grupo de Teatro, para aproveitar a carona. Eu não o vi antes de entrar no salão imenso onde efetivamente se daria a Colação de Grau. Tudo que eu sabia era que ele estaria ali, em algum lugar no meio daquela multidão, meu namorado estaria ali para participar comigo daquela data!

O pessoal da turma estava particularmente efusivo naquela noite, particularmente radiante. Todo mundo sabia que preço tinha sido pago para ocupar um lugar naquele grupo.

Quando fomos entrando por uma das laterais levemente iluminadas, tentando nos manter em fila, indo em direção aos nossos lugares, ao me voltar para a direita dei de cara com meu pai. Ele estava na ponta da passarela bem ali ao lado, xeretando em tudo, observando, como era de seu costume.

Todo mundo estava mais solto nesse dia, eu também. Por isso gritei para chamar a atenção dele. Foi espontâneo, quase um ato reflexo, completamente impensado:

– Pai!!! – e acenei para ele.

Ele retribuiu o aceno de forma espontânea também, natural... quase um ato reflexo. E naquele momento tão desprevenido de encontro, de repente pareceu que tudo estava como antes: eu era a filhota, e ele era meu *orgulhoso* Papai, sempre satisfeito com tudo o que eu fazia.

Fiquei pensando, depois, na expressão dos nossos rostos durante o instante que durou aquele gesto tão simples, tão sincero! Um aceno... mas que tirou de nós dois uma breve expressão daquele amor de antigamente.

A figura do meu pai era sempre fundamental. Nada poderia sobrepujá-lo, encobri-lo, ofuscá-lo. Quer me aprovasse, quer me desaprovasse. Quer para o bem, quer para o mal.

Em alguns momentos ele determinava, de certa forma, boa parte do meu estado de espírito. Podia determinar a minha felicidade ou a minha tristeza... a minha vitória... ou minha derrota!

* * *

Durou um tempo enorme a Colação. Naturalmente foi bem nos conformes, exatamente como deve ser: infundável e cheia de discursos dos Doutores, dos Mestres, dos Figurões da Universidade.

Quando fui chamada para ir à frente, recebi meu diploma e o anel foi colocado simbolicamente no meu dedo.

– E conferimos a você, Isabela Rolti, o Grau de Médico! Que coisa!!

Depois que encerrou a Formatura, Eduardo acabou me achando no meio da minha parentela; no meio da confusão, dos apertos de mão, dos beijos, dos abraços e dos sorrisos de orelha a orelha. Agora eu era a “Doutora Isabela”, e todos pareciam satisfeitos.

– Oi, Eduardo, que bom que você apareceu!

No meio de mais fotos com a família, tirei com ele também, com a Mayra, o irmão dela e o Sálvio. Mas como a confusão estivesse muita naquele momento, ainda não era hora de apresentar Eduardo aos meus pais.

– Aliás, onde será que estão os meus pais? Já me perdi deles!

– Não, olha ali, eles estão ali conversando! – falou a Mayra.

– Ah, é mesmo!

Meus pais conversavam com os parentes que não viam já há algum tempo.

Eles ainda não sabiam quem era Eduardo, eu estava cercada de pessoas e Eduardo era apenas mais um.

Então finalmente era hora de ir embora. Eduardo estava lá um pouco apreensivo quando despediu-se do Sálvio, eu percebi. Mas procurava manter o tom descontraído de sempre, fez uma brincadeirinha, procurou relaxar.

– Vá orando por mim no caminho de volta porque vou conhecer o pai dela, a família *toda*! – brincou ele para o Sálvio.

– Vai tranquilo, bonitão desse jeito que você está todo mundo vai te adorar! – Sálvio também não perdeu a oportunidade de retribuir a brincadeira.

Era verdade que Eduardo iria mesmo ser apresentado na melhor hora, até para os parentes do interior, tudo de uma vez.

Eu já tinha conhecido a família dele no tal aniversário, mas Eduardo sempre teve uma namorada a tiracolo desde que saiu das fraldas. Quando não era Camila, tinha sempre alguma outra! Portanto, para eles não era nenhuma novidade Eduardo estar namorando!

Muito diferente era o meu caso, nós sabíamos. Claro que todos estavam na expectativa de quem seria *o tal pretendente*!

Dias antes, quando meu pai indagou-me querendo saber o que Eduardo fazia profissionalmente, eu não consegui explicar muito bem. Não me lembrava direito daquele termo “Analista Econômico Financeiro”. Meu pai talvez não tenha entendido muito bem, mas deixou passar e esperou pela hora oportuna. Que era agora!

Depois de muito bem despedidos de todos, eu e Eduardo nos encaramos sorridentes e com uma leve sensação de expectativa. Era tocar para a segunda parte, irmos atrás de minha família.

Saí de braço dado com ele para encontrar todo mundo lá fora. Eles estavam parados numa roda, conversando enquanto esperavam por mim. Eu senti os olhares a distância, até que foi engraçado. Acho que talvez meus pais já tivessem comentado algo com os outros, e todos logo olharam na nossa direção. Na cabeça deles estava a questão:

“Então... *esse* que é o cara!”

Eduardo estava muito elegante no seu terno e gravata, e percebi uma certa admiração misturada com curiosidade por parte de alguns parentes. Meu pai estava muito à vontade. Veio ao nosso encontro, sorrindo, junto à minha mãe. E apertaram cordialmente a mão de Eduardo.

– Pai... Mãe... este é o Eduardo! – apresentei. As medidas foram trocadas adequadamente. Então meu pai perguntou:

– Vamos indo? Você janta com a gente, né? – Eduardo assentiu.

Eu e ele caminhamos de mãos dadas até o carro, trocando olhares significativos vez por outra. Embora eu nada dissesse, sabia que Eduardo tinha causado boa impressão.

Não houve muito tempo nem oportunidade, mas foi isso mesmo: ele agradou à primeira vista. O jantar transcorreu normalmente apesar de que ficamos sentados perto de minhas primas, longe dos meus pais. Como meu pai fosse um exímio observador, dotado de uma “antena” extremamente sensível e aguçada, certamente estava radiografando tudo!

Eduardo fez questão de mostrar-se sensível e solícito comigo. Até na hora em que comecei a sentir frio, ele foi o primeiro a oferecer-me o seu *blazer*.

No final da noite, meu pai o deixou em casa. Naquela hora eu não falei nada, mas no dia seguinte sorratamente perguntei o que ele tinha achado do Eduardo. E meu pai respondeu:

– Parece ser um moço simpático!

Suspirei de alívio. Embora não acrescentasse maiores comentários eu sabia que aquilo, partindo dele, era bom sinal.

Quando me lembrava daquele missionário da JOCUM ficava até com pena...

CAPÍTULO 4

No dia em que saía o resultado da primeira fase da prova de Residência eu estava numa *tremenda* expectativa! A coisa mais terrível que poderia acontecer a um sextoanista era não conseguir vaga no curso escolhido.

Tive que sair com minha mãe pela manhã para resolver algumas coisas. Depois aproveitamos para passar na Faculdade porque o resultado estaria afixado ali a partir das 11 horas. Ela estacionou em frente, ficou me esperando no carro, e eu entrei sozinha. Sentia o coração batendo na garganta. Aquilo significava tanta coisa!

Vi logo um burburinho diferente ali na entrada, tinha um bom número de pessoas aglomeradas, empilhando-se próximas umas das outras, procurando nas várias listas os seus números. De fato a parede inteira estava repleta de papéis cheios de listagens de números. Vi que não seriam colocados os nomes dos alunos, apenas os nossos números de inscrição.

Dei uma olhada no meu número, que era bem comprido, com uns seis ou sete dígitos, e passei a procurá-lo na listagem. Enfiei a cabeça no meio de outras cabeças igualmente ansiosas e percorri os olhos apressadamente. Minhas mãos já estavam frias e a boca, meio seca. Os que já tinham passado zanzavam ainda por ali, com largos sorrisos, comentando a vitória uns com os outros e atrapalhando quem queria ver o seu próprio resultado.

Finalmente enxerguei uma numeração próxima daquela que eu tinha em mãos. Mas, para minha surpresa e infelicidade, a listagem pulava o meu número e continuava adiante. Olhei e olhei, diversas vezes, sentindo de imediato uma tristeza incalculável.

Como realmente não encontrasse o meu número, afastei-me das listas ainda completamente baratinada, com a cabeça rodando. Eu procurava entender o que tinha acontecido. A nota de corte estava publicada... poxa, o que teria acontecido? Será que eu não tinha conseguido atingir nem aquela pontuação?

Uma colega de classe veio toda sorridente para mim, mostrando no ar alegre que tinha sido aprovada, e perguntou:

– E aí, Isabela, foi bem? Eu não soube o que responder:

– Ah... mais ou menos...

Ela compreendeu imediatamente o que aquela resposta significava e nem conseguiu dizer mais nada, afastou-se sem maiores comentários. Eu me sentia péssima.

Tive que sair o quanto antes dali e voltei para o carro. Minha mãe me aguardava cheia de ansiedade.

– E então? – perguntou-me ela.

Com a cara um tanto apreensiva, respondi:

– Não deu. Não passei.

Ela ficou visivelmente chateada. E não sabia o que dizer.

– Não me diga uma coisa dessas...

– Pois é. Por essa eu também não esperava – e fiquei muda.

Ninguém esperava por isso. Eu nunca tinha sido reprovada em prova alguma de importância. Tinha que acontecer isso justamente agora, num ponto tão crítico da minha existência?!

Mas não entrei em crise. Cheguei em casa e procurei não pensar no assunto. Não fiquei chorando nem arrancando os cabelos, como eu sabia que muitos faziam. Mais tarde comunicamos ao meu pai, que ficou muito chateado também. Mas ninguém me culpou, nem me acusou de nada. Foi somente um momento de profunda tristeza.

Agora eu só precisaria descansar um pouco, pôr a cabeça no lugar. Resfriar a tensão. Nem parei para pensar no que aquilo significava e o que eu faria no ano seguinte.

À noite fiquei um tempão no telefone. Eu não tinha vontade de ligar para ninguém e dar uma notícia daquela. Mas as pessoas me ligaram.

Primeiro falei com Eduardo, que procurou animar-me o melhor possível e me fazer ver que não era o fim do mundo. Ele sempre tinha uma visão otimista das coisas, e conseguiu levantar um pouco meu astral. Me consolou, me animou, e fiquei melhorzinha. Mayra ligou depois e tive que contar que não tinha dado certo. Edilson, que já era Residente, ligou também. E ficou decepcionado.

Que droga!!!

Em três dias era véspera de Natal. Marco chegou bem de viagem, e todos nós procuramos esquecer aquele mau pedaço.

Foi aí que aconteceu uma reviravolta pela qual eu não esperava! Deus que salvou a situação, porque eu nem estava mais pensando naquilo, já estava conformada.

Mas precisava pegar uns documentos na Faculdade antes de dar o ano por encerrado.

Fui logo depois do Natal. Enquanto eu esperava que providenciassem o que precisava, fiquei ali mesmo ao lado da listagem dos aprovados para a segunda fase da Residência. Meus olhos vagueavam à toa, eu olhava distraída ora para os quadros na parede, ora para as próprias paredes, ora para as janelas, ora para o chão. Ora para quem passava por ali.

Então olhei para a listagem... à toa... e então... simplesmente meus olhos deram bem em cima do *meu número!!!* Isso mesmo, nada mais, nada menos do que ele mesmo, bem ali no meio de um sem-número de outros pequenos números. Só mesmo Deus para fazer desviar meu olhar e bater bem ali em cima!

Voei para lá sem acreditar! E só então percebi o que tinha acontecido de errado. Havia duas listagens, só que não estava escrito isso em nenhum lugar, pelo menos que eu tivesse visto. Uma das listagens tinha como referência dois zeros antes do início da sequência numérica. A outra tinha três zeros de referência. E eu estava inserida nessa segunda classificação. Ali estava o meu número! Tinha sido aprovada!

Saí de lá esfuziante, superalegre, e fui correndo contar a todo mundo que tinha ficado decepcionado antes. Estudei com mais afinco do que se tivesse sabido antes do Natal! Aliás, se perdesse mais alguns dias estaria ferrada do mesmo jeito, porque não haveria tempo hábil para estudar toda a matéria da segunda fase. Todo mundo ficou satisfeito.

Deu tudo certo! Fui para as provas confiante após ter estudado bastante e estar bem preparada. Saí-me bem, o meu caso clínico foi o segundo melhor discutido, caiu uma Endocardite Bacteriana cheia de rococós; e também respondi bem às questões escritas. Logo o resultado saiu. Eu era um dos oito Residentes escolhidos para começar a trabalhar no início de fevereiro.

De alma lavada, aproveitei o resto do mês de janeiro – três semanas – para recuperar-me daquele ano atribulado e cheio de percalços. Que tinha, graças a Deus, terminado muito bem! Pois agora eu não estava mais sozinha, tinha Eduardo ao meu lado; e fechara com chave de ouro a minha Faculdade.

Naquele mês de janeiro Eduardo conheceu meu irmão Marco, que, além de descansar, preparava-se para uma temporada de concertos pelo interior de São Paulo. Ele veio em companhia de uma moça estrangeira, uma juvenzinha loira e magricela, bem bonitinha, também estudante de música, e que iria acompanhá-lo nos concertos.

Nós nos conhecemos no Playcenter. Marco iria levar sua amiga, e então eu e Eduardo combinamos de encontrá-los lá. Marco e Eduardo se conheceram naquele dia. Acho que meu irmão estava ainda desconfiado com meu namorado. Mas, diferente do meu pai, a sua primeira pergunta em relação a ele foi “se era Cristão”.

“Sim”, eu tinha respondido, “ele é Cristão”.

Virada essa página, a partir daí acho que o maior interesse de Marco era ouvir sobre o *Kung Fu* pessoalmente. Eu já havia comentado sobre isso, pois ele também gostava.

Marco era muito espontâneo, então, logo após as apresentações, na fila de um dos brinquedos, lançou a sua primeira pergunta:

- Você fala chinês?
- Não, só arranho umas palavras.
- Você sabe como se diz *idiota* em chinês? Eduardo até achou graça e riu.
- Por quê? Você tá me chamando de *idiota*?!

Aí foi a vez de Marco rir, e o ambiente se descontraiu.

Embora Eduardo não comentasse nada comigo, ele estava curioso para conhecer o Músico de quem já tinha tanto ouvido falar em minha casa. Como falavam muito, imaginou que Marco se achasse o “tal”. Aos poucos os dois se conheceriam melhor e a primeira impressão seria balizada. Eduardo percebeu que Marco tinha hábitos diferentes, é verdade, mas um bom coração, e era simples como pessoa.

Aliás, naquele primeiro encontro, falando em “hábitos diferentes”, Eduardo só estranhou a roupa: Marco estava usando uma bermuda estampada com uma camiseta de gola polo fechada até em cima (naquele sol de rachar), e meias sociais pretas com *tênis*! Realmente, às vezes Marco não prestava muita atenção nas roupas que escolhia.

Eduardo pensou no fundo:

“Bom... é Músico, né? Músico é assim...”.

Ainda naquele mês de janeiro Eduardo e eu fomos assistir a um dos concertos. A convite do meu pai. Viajamos de ônibus para encontrar minha família numa cidade do interior. Passamos o final de semana na companhia deles. Não era possível ficar mais porque Eduardo trabalhava na segunda-feira, mas ele voltou muito entusiasmado e satisfeito por ter sido tão bem tratado pelos meus pais. Comemos bem, passeamos, aproveitamos a piscina do Hotel.

O restante daquelas férias serviu para consolidar o início do nosso namoro, e também foi tempo suficiente para que Eduardo acabasse plenamente aceito por

minha família. Logo, ele tinha opinião formada:

O Seu Orpheu é uma pessoa distinta, me tratou superbem, foi amável e acessível... me surpreendeu, pensei que fosse me deparar com uma pessoa dura... convidou-me para ir à churrascaria duas vezes, não me julgou nem me encheu de perguntas, não fez da nossa convivência um interrogatório. Não ficou forçando situações para ver como eu reagiria... tudo isso me deixou lisonjeado. Na churrascaria, até cantou com o dueto que tocava música nas mesas. Foi muito simpático. Dona Márcia também me pareceu uma pessoa distinta. Ela apenas me olhava bastante, sem falar muito. Observava... devia gostar muito de plantas porque uma vez, em casa de Isabela, Marco me pediu para mostrar como se mexia o *nunchaku*. Fiz alguns movimentos e acertei de leve algumas folhas da samambaia. Marco ficou em pânico, me avisou para tomar cuidado. Eu achei estranho... não eram só umas folhinhas??? Depois o Marco também mostrou o que sabia fazer. Tocar. Eu fingi que adorei! Mas era muito distante do meu mundo. Percebi que eles não falavam muito de Isabela, e a melhor maneira de agradar a família era falar sobre as coisas do Marco. Toda família tem dessas coisas. Em termos gerais, fiquei bastante satisfeito!”

Passou o mês de janeiro.

Voltei para o Hospital, comecei a Residência. Eduardo estava trabalhando como Analista Econômico-Financeiro num lugar bom, de fácil acesso, e já com a promessa de, em um ano, substituir seu chefe (que esperava completar o tempo para aposentadoria) na área de Supervisão. Meu salário aumentou como Residente, ainda que fosse uma quantia simbólica, e Eduardo também já tinha recebido seu primeiro pagamento na nova Empresa.

Logo fiquei sabendo a sequência dos meus estágios e como ficariam os plantões. Que não eram muitos no primeiro ano. Por isso, eu e Eduardo normalmente nos víamos quase todo dia. Em suma: tudo estava muito bem!

Pouco antes do carnaval, Marco foi embora de novo. Eduardo veio conhecer nosso trabalho de Evangelismo no Hospital, visitou alguns doentes conosco, viu de perto que campo enorme era aquele. Ele gostou bastante, conheceu melhor o Edilson e a Cris, conviveu mais com a Mayra. Nessa época ela estava namorando com Walter, pois aquele antigo namoro não tinha dado certo.

Edilson foi muito simpático com os nossos namorados, que não sabiam cantar, eram superdesafinados e estragavam a harmonia do nosso conjunto. Ele procurou ensaiar bastante com Eduardo e Walter. Mas realmente não surtiu muito efeito, apesar da paciência do Edilson, os dois não tinham nascido para ser cantores.

Edílson até brincava:

– Acho que é melhor a gente arrumar um chocalho e um triângulo pra eles tocarem!

Todo mundo ria e concordava. Mas algumas músicas bem que eles aprenderam e nos ajudaram.

Apesar de que volta e meia meu pai implicava que eu estava vendo demais o Eduardo, e que isso não era bom, tudo estava sob controle. Mas, à medida que correu o mês de fevereiro, eu e meu pai voltamos a nos desentender.

Quase tudo era motivo para um campo de batalha... mas o principal motivo continuava sendo meu horário de chegada. Ele continuava implicante em relação a isso, mesmo quando eu avisava. O que sempre fazia. Nem era sempre que chegava mais tarde. E mais tarde era pouco depois da meia-noite!

Poxa, não era muito para uma paulistana de 25 anos, Médica, adulta, Cristã, com a cabeça no lugar. Que trabalhava o dia inteiro. Aquilo realmente me revoltava! Ele poderia me deixar viver sem tanta pressão...

Nos finais de semana eu e Eduardo saíamos um pouco, íamos a algum lugar diferente, jantávamos fora. Durante a semana a gente se acostumou a comer no *Shopping*, bater papo, olhar umas vitrinas... nada de mais! Aí eu o deixava em casa e ia para a minha.

Mas meu pai me queria em casa às dez e pouco no *máximo*, e não dava! Era um horário meio impraticável de cumprir, no melhor da conversa, no melhor do programa, tinha que interromper tudo e voltar correndo. Então procurava telefonar, dizer onde estava, e que iria atrasar um pouquinho.

Talvez eu pudesse ter cedido um pouco mais..., mas no meu coração achava que já tinha cedido muito. E aquela implicância, para mim, era gratuita. Então meu pai ora falava comigo, ora não falava... ah, meu Deus!...

Um outro pequeno percalço aconteceu mais ou menos na mesma época. Eduardo tinha me contado sobre uma certa moça. Thalya. Com quem tivera um relacionamento há algum tempo e que frequentara a “Seita”.

Impressionou-me saber que ela ainda frequentava tal lugar, mesmo que eu não soubesse exatamente que lugar era aquele. Ainda. Eduardo nunca entrou em muitos detalhes no início do nosso namoro sobre aquela história de Satanismo. Falou só um pouco. Mas certamente a tal Thalya deve ter sido importante de alguma forma. Senão Eduardo não teria com ele um *xérox* grande de uma foto dela.

Logo no começo do namoro ele mostrou-me a gravura. Não me enciumei, não havia motivo para isso. O percalço mesmo veio depois.

– Ela é bonita! – eu havia dito. – Por que você não tem a foto de verdade?

– Eu joguei fora todas elas já faz tempo. Guardei esse *xérox* nem sei porque. Mas agora vou jogar também!

E um dia, no finalzinho de fevereiro, Eduardo saiu do serviço com uma história e tanto para me contar. Naquela tarde eu tinha saído mais cedo do Hospital e fui buscá-lo. Ele foi falando logo de cara:

– Sabe quem esteve aqui? Apareceu do nada, e veio me ver?

Não dava para adivinhar, então esperei.

– Thalya – declarou ele.

– Sério?! Mas o que ela veio fazer aqui? Ou melhor... como ela *descobriu* que você trabalhava aqui?

Eu viria a saber que Satanistas não precisam que ninguém lhes forneça nenhum tipo de endereço. Mas Eduardo desconversou.

– Deve ter sido a minha mãe.

– E então? Qual foi a dela? – eu não entendia o significado daquilo, muito menos consegui perceber as consequências. Estas últimas eu iria entender somente anos mais tarde.

Eduardo contou mais ou menos. Muita coisa ele omitiu, contou o que era possível contar naquelas alturas.

– Bem, ela apareceu com um carro importado e vestida de um jeito que parou a Empresa. O segurança da portaria nem questionou nada, simplesmente deixou ela entrar... quando dei por mim, já estava na porta da minha sala! O segurança tinha acabado de interfonar. Disse que minha namorada estava subindo, então pensei que fosse você.

Dei de ombros, um pouco indignada. Mais até com o segurança do que com ela.

– O porteiro sabe muito bem *quem é* sua namorada! Que cara de pau, hein?

– Pois é. Mas sabe como é que é, né? “Homem é tudo igual”, não é o que dizem? Pois ele não achou nada de mais eu ter várias namoradas. Depois, ela também não fez nenhuma questão de passar despercebida. E... em suma, me convidou pra voltar.

– Ah, sim, voltar pra ela. Que graça!

– Eu não quis dar trela, na verdade nem deixei ela entrar na minha sala, não deixei nem sentar! Foi uma conversa rápida, curta e grossa, em outra sala. E

definitiva – então Eduardo afirmou categoricamente: – Não se preocupe... ela não vai mais me procurar!

Percebi que ele estava um tanto irado, com o semblante fechado, carrancudo.

– Bom, mas foi só isso, assim, sem mais nem menos? O que mais que ela te disse?

– Foi muita desfaçatez! Disse que eu não precisava de nada daquilo, de empreguinho idiota, chefe, salarinho no fim do mês. Que poderia sair dali com ela naquele instante e mudar a minha vida. Voltar a ter o que eu tinha. Voltar pra família que eu tinha. Ao lado dela nada iria me faltar. De fato, Thalya está podre de rica! Falou do meu aniversário. Que eu poderia pedir a ela o que quisesse, coisas que faz muito tempo que não tenho... que ela era a mulher certa pra mim, que me queria outra vez, que eu tinha sido o melhor dos amantes etc., etc.

...! Estou falando só porque você perguntou! Agora diz que não pode viver sem mim. Mas isso é só *o jogo* dela. Já veio se insinuando, mas não aceitei esses golpes sujos! Por sinal, está viúva, imagine só!

– Mas ela tinha casado?

– Tinha. Há uns dois anos, mais ou menos. Mas foi arranjado. Era estratégico. Eu não entendia bem o que ele estava dizendo.

– Estratégico?

– É. O cara era um europeu, alguém de muita posição. Ela precisava estar perto dele. Entende? Mas agora ele morreu. Estrategicamente.

Fiquei quieta, tentando absorver as informações.

– Você quer dizer que... mataram o tal cara?

Eduardo não se fez de rogado.

– Isso é muito comum.

– Meu Deus do céu! Mas que espécie de “seita” é essa? E agora ela está atrás de você de novo?!

– Mas não se preocupe, já disse. Ela entendeu *bem* dessa vez! Eu soube machucar um pouco, eu a conheço. Disse aquilo que sabia que iria ferir. Ela já sabia que estou com outra pessoa. Ofendeu muito você. Tem muita raiva. Não gostei do que ela disse, da atitude dela! Devolvi à altura.

Eduardo estava amenizando bastante. Mas até então eu não podia saber, não conhecia o contexto, não conhecia o passado. Pensei que era apenas um “ciúme recolhido”, algo como Camila estava tendo.

Por isso achei que aquela raiva de Thalya era puramente crise de ciúmes. Algo humano. Compreensível. Mas como eu estava enganada! Não era uma raiva

humana, de forma alguma, como eu viria saber. Era uma ira demoníaca!

Eduardo sabia com o que estava lidando e o que significava a ida dela até ele. Depois de tanto tempo. Então sua postura foi o mais firme possível. Mas, por dentro, ele se sentiu abalado. Porque tinha sido encontrado.

Eduardo terminou de contar o ocorrido:

– Ela quase chorou com o que eu te disse. E não foi fingimento, não, realmente eu consegui atingir no lugar certo.

– E daí?

– Levei-a pra porta, até lá embaixo, pra fora da Empresa.

– Hum, vai dizer que você não deu nem um beijinho, nem pra cumprimentar?

– Claro que não! Ela bem que tentou ir além, mas não deixei – e Eduardo estava sendo muito sincero. Seu semblante continuava irritado.

– Só encostei nela pra apertar bem o seu braço, com força mesmo, pra levá-la à rua. Me irritou muito!! Nunca tinha sentido raiva dela, até hoje! Ficou até a marca no seu braço. E todos viram isso.

– E não entenderam porque você dispensava assim uma mulher tão magnífica – falei com ar significativo.

– Mas isso é assim mesmo. É o esperado. Até fizeram comentários na Empresa.

Não fiquei enciumada. Acreditava nele. E não liguei muito, apenas perguntei meio curiosa:

– E como é que ela está hoje, hein, Edu? Continua como antes? Ele não me enganou:

– Mais bonita ainda do que antes. Mas é uma beleza que já não me atrai. Ela é feia por dentro! Não tem nada no coração, é uma pessoa ruim. E ela acelerou o seu carro importado e saiu cantando o pneu. Disse que não voltaria mais, que eu não a veria mais.

– Acho isso ótimo! Que grude que certas pessoas têm com você.

Aquilo passou, e não dei mais importância. Porém, eu fiquei na ignorância de uma parte dos fatos que, naturalmente, Eduardo não contou. Ou melhor, contou de forma amenizada. Ele omitiu que Thalya saiu cega de ódio, ameaçando, fazendo Eduardo lembrar-se de certos textos da Bíblia Satânica.

“Poder à força, morte aos fracos”, tinha dito a moça. *“Ela é fraca! E vai experimentar o Poder da nossa força!”*

Naquele completo descontrole, Thalya vomitou todo o seu ódio contra mim.

“Ela vai pagar por isso!! Ela está *pensando* que vai tomar o meu lugar! Ninguém fica com o lugar que é *meu*. Essa (...) vai ser completamente destruída. Ela e *tudo* o

que é dela. *Nós* vamos nos empenhar nisso!”

Thalya voltaria a ligar para Eduardo alguns dias depois. Disse que estava de partida para a Europa novamente. E que não pretendia voltar. Novamente ele guardou consigo o resto:

“Mas aguarda para ver o que acontece... vocês dois vão se arrepender!”

* * *

Depois daquilo, cutuquei um pouco o Eduardo sobre aquela história de Satanismo. Ele era sempre um pouco reticente em abrir aquele quarto escuro do seu passado, mesmo para mim, mas respondia às minhas perguntas.

– Eduardo, alguma vez você já contou pra alguém sobre essas coisas? – Muito pouco. Eu até tentei, sabe? Comentei de leve com o Pastor Neliton. Mas ele não parece acreditar muito, não parece entender. Não parece disposto a me escutar. Talvez seja até melhor! Até agora tinha imaginado que se não falasse sobre isso... posso fazer de conta que *não* aconteceu. Tudo o que eu quero é não me lembrar disso! Passei muito tempo tentando esquecer... esquecer de tudo.

– Mas esquecer por quê? Não é bom ficar guardando assim esse tipo de coisa. Não era melhor tentar conversar sobre isso? Você não acha?

– Não gosto de falar nesse assunto. É que não foi um tempo bom na minha vida, sabe?

Eu cutucava um pouco mais. Estava longe de ser uma mera questão de curiosidade da minha parte, mas no meu íntimo eu parecia perceber, *sentir...* que Eduardo carregava uma espécie de cruz, algo que lhe fazia mal. Parecia guardar com ele alguma coisa terrível.

Muito aos pouquinhos, à medida que eu perguntava com delicadeza, com jeito, ele foi contando algumas coisas sobre a Irmandade. Mas não falou que era a “Irmandade”. Nunca usava esse nome, dizia apenas “a Seita”. E me explicava devagar um aspecto ou outro. Se abria muito aos poucos.

Aos poucos, sim, Eduardo era evasivo, arredio. Mesmo assim, eu percebia que aquela era uma necessidade premente, ele precisava falar, mas não tinha ainda encontrado um ouvido fiel para ouvir. Então eu escutei. Porque queria ajudá-lo. Eduardo precisava dessa ajuda, compreendi a necessidade e a importância de que ele pusesse tudo para fora.

E ele pensava lá com seus botões, pesando a situação:

“Isabela é muito leal e muito honesta. São os pilares do seu caráter. Seu senso de lealdade é fantástico, acima até dos Satanistas. Sob esse aspecto poderia compará-la a uma Satanista, que engraçado! Isso me dá confiança para falar... sinto que não vou ser julgado, ou condenado. Não vou ser tratado com preconceito. Preciso de alguém para me abrir... acho que ela é pessoa certa, sempre me tratou diferente, com respeito”.

Quanto a mim, quanto ao que escutei... é difícil dizer o que pensei sobre aquilo. Para ser sincera, imaginava que algumas daquelas coisas estivessem fora de moda desde a Idade Média. Nunca me passou pela cabeça que algo assim pudesse acontecer no nosso tempo, muito menos... no nosso *País*!

Era uma realidade assustadora, mas eu ainda estava entrando em contato com a periferia daquela história. Nem dormi bem por alguns dias, pensando no pouco que ele me contara. Naqueles primórdios eu estava longe de compreender o que era de fato a Irmandade. O conhecimento viria aos poucos, muito aos poucos.

Um dia ele me falou sobre o Rito de Iniciação. E enquanto falava, de repente mordeu a língua tão forte que depois não parava mais de sangrar. Nós dois ficamos quietos, como se aquilo fosse uma espécie de aviso. De que ele estava falando demais.

Entreolhamo-nos com ar sério depois que Eduardo voltou do banheiro. Aquilo tudo parecia muito estranho. Eu não tinha uma *ideia real* do Reino Espiritual, pelo menos não a ideia que eu viria ter mais tarde. Sabia o que a maioria dos Cristãos costuma saber, acreditava no que a maioria costuma acreditar. Por isso, não imaginei que demônios pudessem realmente estar ali à nossa volta, espionando, monitorando nossos passos, ouvindo, interferindo. Levando informações!

Sim, hoje sei que todos os nossos passos estavam sendo observados.

Eduardo conhecia esse lado muito bem, e desde o encontro com Thalya tinha certeza que seus antigos amigos – agora inimigos? – estavam bem perto. Não obstante, ele não tinha a *menor ideia* do que fazer para se defender...

Naqueles dias nasceu a ideia. Não era ainda o momento certo, ainda não era a hora de pôr mãos à obra... mas a ideia vinha em primeiro lugar do coração de Deus! Nós é que não sabíamos disso ainda.

E comentei com Eduardo:

– Talvez você devesse escrever um livro sobre a sua vida. Acho que seria de muita valia para muita gente...

– Quem sabe? – e Eduardo não achava que isso fosse realmente acontecer algum dia.

– Estou falando sério! O que você acha? Eu posso escrever! Você me conta, e eu escrevo.

Não deixava de ser uma ideia. Mas, mesmo parecendo boa, no fundo do meu coração não acreditei realmente naquilo. Que um dia esse livro chegasse mesmo à existência. Na verdade, nem sei porque falei, nem sei porque sugeri. E um dia decidimos começar.

– Vamos começar pelo começo! – disse eu. – Pelo começo mesmo! Quer dizer... pela sua infância. Vamos conversar um pouco sobre isso? Me conta aí, vai! Me fala de você mesmo.

E Eduardo começou. Percebi de imediato que não tinha me enganado, parecia fazer-lhe bem falar sobre si mesmo. Ele nunca tinha parado para fazer isso, não daquele jeito. Nós dois gostávamos daqueles momentos de viagem ao passado.

Eu não sabia exatamente o que iria encontrar. A gente foi simplesmente falando: muita coisa ele dizia e eu anotava o que era importante. Eduardo me contou histórias da infância, da adolescência... eu fazia perguntas... minhas perguntas faziam com que ele pensasse... e reavaliasse muita coisa.

Juntos nós descobrimos algumas raízes ocultas da personalidade, algumas lembranças já quase esquecidas, alguns detalhes que se revelariam importantes. Nem tudo o que ele falou virou livro. Mas serviu para que a gente se conhecesse bem melhor.

E finalmente demos o pontapé inicial. Começamos a pôr tudo no papel. À medida que desenvolvíamos os temas, eu ia descobrindo outras coisas por mim mesma, sem querer analisava intuitivamente tudo o que ele tinha me contado.

– Sabe o que eu penso disso? Me corrija se eu estiver errada... – voltava eu depois para ele. – Será que isso aqui que aconteceu lá atrás não serviu para gerar outras coisas em você?

E percebia aqueles aspectos do comportamento que Eduardo nunca tinha mencionado. Coisas que ele não tinha falado *diretamente*. Que nem ele mesmo tinha percebido.

– Sabe que eu acho que você tem razão? Nunca tinha parado pra pensar nisso! Mas acho que é por aí.

E fomos como que montando um quebra-cabeça, remexendo em coisas antigas, procurando pedaços daquela história.

Se ajudá-lo a escrever um livro e conhecer melhor Eduardo não fossem motivo suficiente para as nossas conversas, havia ainda um último motivo: eu *adorava* ouvir ele falar! Nunca encontrei alguém com tanta coisa pra contar! Gostava mesmo de ficar na escuta.

Ele tinha experiências e mais experiências, casos e mais casos para dividir comigo, tantas e tantas coisas. Eu queria rebuscar mesmo no meio daquilo tudo.

Foi um tempo muito gostoso aquele em que Eduardo me contou pela primeira vez da sua infância e adolescência, seu *Kung Fu*, suas namoradas, Camila, a “29”, as brigas, as bagunças... era tanta coisa que não caberia num livro só!

Eduardo tinha em mim uma ouvinte incansável. E raro era o dia em que a gente sentava para jantar ou tomar um sorvete que eu não pedisse:

– Ah, Nenê! Me conta alguma história? Me conta uma história engraçada. Vamos morrer de dar risada? Conta da “29”!

Nenê era o apelido que eu tinha dado a ele. Porque Eduardo, para mim, tinha carinha de nenê. E ficou Nenê!

Aí a gente conversava, conversava, conversava. Para ele também foi bom, uma verdadeira terapia. Ele precisava falar. Eu tinha o tempo e a vontade de ouvir.

* * *

No princípio de março Eduardo completou 28 anos, e eu procurei paparicá-lo bastante. Fui comprar uma camisa nova e perfume francês, também escrevi um cartãozinho todo especial que eu mesma confeccionei. Estava muito feliz com nosso namoro! Ele era especial!

Um dia, tomando sorvete no *Shopping*, ele me disse algo diferente num lampejo de sinceridade:

– Sabe, Gatinha... a gente se conhece há pouco tempo, mas eu acho que estou começando a te amar.

Eu não conhecia Eduardo o suficiente para alcançar melhor o significado de tal declaração. Ele nunca tinha sido fiel a ninguém, nunca tinha se importado com ninguém de verdade. Nunca tinha amado ninguém. Certamente aquele era um sentimento novo para ele. Um sentimento ainda não experimentado, e que ele pôde perceber como sendo amor.

Mas eu não sabia disso ainda!

E aquela frase meio de supetão, apesar de me agradar, assustou um pouco também. De modo que retruquei, meio rápida:

– Ah, Edu... acho que você não sabe bem o que está dizendo. Afinal, o que é o amor? O amor *de verdade*! É cedo para dizer isso, acreditar nisso. Você nem me conhece direito ainda.

– Mas você é diferente. Você pode até não saber, mas *eu* sei!

– Se daqui a um ano, ou dois, você continuar sentindo a mesma coisa, é porque é verdadeiro. Mas tudo o que sentimos hoje... pode não ser! Só o tempo faz a gente saber se ama ou não alguém.

Mesmo porque, eu não tinha outros parâmetros, Eduardo era o primeiro. Ficava difícil saber ao certo se aquilo era o verdadeiro amor.

Ele ficou calado um pouco, mas não deu mostras de chatear-se, apenas mudou de assunto e não repetiu aquelas palavras. Pelo menos, não de imediato.

Eu não queria me iludir, nem iludi-lo. A extrema sinceridade do meu coração me fazia tomar muito cuidado com as palavras. Palavras tocam o coração dos outros. Por isso precisam ser *verdadeiras*, ser bem escolhidas! Eu não queria brincar com coração de ninguém. Gostava, sim, de Eduardo, bastante! Estava muito satisfeita com o namoro, com tudo o que representava para mim. Não tinha dúvidas do nosso relacionamento. E confiava bastante em Eduardo.

No entanto, o amor verdadeiro precisa ser provado. Se ele fosse provado... e subsistisse... então é porque era amor de fato!

E nós não tínhamos passado ainda por isso, estávamos na fase doce do relacionamento, em que tudo são flores, e sorrisos e amenidades. Em que a paixão deixa tudo cor-de-rosa!

O nosso amor seria provado no futuro. Extremamente provado! E isso nos faria perceber quanto amor havia entre nós. Somente o amor, e a Mão Protetora do Altíssimo nos permitiria atravessar tudo aquilo.

Mas, naquele momento, me faltavam realmente os parâmetros, eu não tinha experiência nenhuma. Por isso contava com o tempo. E torcia, intimamente, que aquele amor fosse de fato verdadeiro.

Naquela tarde, Eduardo não disse, mas, depois, eu viria saber o que ele estava sentindo. A princípio, não tinha querido se envolver de novo com alguém, não tão cedo. Eduardo imaginava um relacionamento como algo que já nasce morto e só piora com tempo. Não tinha sido boa a experiência anterior. Ele preferia não repetir mais isso e aproveitar sua vida de solteiro.

Mas...

– Passei a experimentar um sentimento novo... – diria ele, muito tempo depois
– e gostei do que estava descobrindo. Com as outras, eu queria apenas o

momento, não tinha a expectativa do próximo encontro. Com a Thalya, por exemplo... não ficava ansiando pela presença dela. Tanto fazia... se tivesse um bom momento num dia, não ficava na expectativa de que no próximo dia aquilo fosse se repetir... era como ir a um parque, ou um cinema... naquele momento era bom, me divertia... mas depois esquecia, não ficava pensando em como o filme tinha sido legal, logo tudo se esvaía da minha mente. Com Isabela, senti um pouco de medo... pois percebi que estava ansiando pela presença dela... e eu não queria isso pra mim, via meus amigos sofrendo por causa de mulheres, não queria ficar assim! Não ter controle sobre os sentimentos faz com que a gente se torne escravo deles. Mas com Isabela... eu ficava na expectativa... não tinha outro jeito.

No entanto, minha ingenuidade atrapalhou um pouco no início. E um certo padrão de comportamento meu veio incomodar muito Eduardo. Depois que a onda perigosa passou, acabei sabendo ao certo o que tinha acarretado. Isto é: que Eduardo quase mudou de ideia em relação a mim.

Começou assim: não tinha com quem conversar sobre aquele meu amigo que tinha morrido de AIDS.

Por muito tempo, a imagem dele ainda ficou presente, e presente a dor da perda! E eu acabava falando demais no assunto, mas porque confiava tanto em Eduardo que não via motivo para esconder meus sentimentos e pensamentos. Eu só queria compartilhar, desafogar, vomitar aquilo tudo. Era terapêutico, hoje percebo isso. Ia me fazendo arrancar a lembrança do coração... o sofrimento, a tristeza, a angústia de ver alguém querido morrendo diante dos seus olhos. Porque ele era muito querido para mim, até demais... demais a ponto de parte do meu coração ser dele.

Nunca escondi isso. Foi isso também o que meu pai viu, e ficou horrorizado. Por isso, ele queria me impedir de continuar a ver meu amigo, mas eu não consegui obedecer, não pude concordar. Nunca entramos em acordo.

Acima de tudo, me perseguia um senso de dever. Meu amigo tinha se convertido verdadeiramente, e pelas minhas mãos... mas não havia ninguém para acompanhá-lo. Eu o tinha levado à Igreja, tinha tentado dividir aquela responsabilidade com alguém. Mas não havia ninguém. Ninguém gosta de trabalhos assim.

Como eu poderia isentar-me também? Viraria as costas como todo mundo? Fecharia os olhos para não ter que ver algo tão terrível?! Eu não podia me comportar dessa maneira... fui adiante. Vivi um período gratificante por um lado, mas tenebroso por outro.

E o pior é que agora Eduardo estava interpretando tudo muito mal! Via as fotos do Renato no quarto, alguns pertences, presentes... e ficava achando que ele mesmo não passava de um mero substituto, alguém que eu estava usando para esquecer aquele que não iria mais voltar.

O “amor da minha vida”, segundo Eduardo.

Quando ouvi isso fiquei até indignada. Quanto engano! Que bobagem!

Um dia conversamos sobre isso, e Eduardo disse que não queria mais falar sobre aquilo, explicou como enxergava a situação. Fiquei muito magoada, ele estava vendo tudo *distorcido*.

Era difícil compreender porque eu tinha que apagar pedaços da minha vida por causa do namoro. Tinha sido uma coisa passageira, exatamente como outras tantas vezes.

Era um ciúme tolo, e se eu fosse dar de me implicar em relação à Camila e todas as outras? Ou com a tal da Thalya?!

– Mas eu não falo de Camila o tempo todo – falou Eduardo. – Não tenho mais nada com Thalya também!

– Eu também não falo dele o tempo todo, é puro exagero seu, né?! Na verdade, falar sobre ele é um voto de confiança que dou a você. A quem mais posso contar uma história *louca* dessas?! A quantas pessoas você pensa que eu contei isso? Não pensei que precisasse ter segredos com você, nem esconder nada. Isso foi uma coisa séria na minha vida, foi por isso que briguei tanto com meu pai no ano em que tranquei a matrícula! Como você pode ter ciúmes de alguém que não existe mais?!?

– É difícil competir com essas coisas idealizadas. Eu terminei com Camila, mas você escolheria *quem* se Deus tivesse curado o seu amigo? – retrucava Eduardo. – Você ficava comigo ou com ele?

– Você não entende. São coisas diferentes! É claro que eu iria ficar com você, você e ele são coisas que não se comparam. O que eu sinto por você é totalmente diferente!

Foi a nossa primeira divergência. Mas tratei de compreender, de respeitar aquilo. Desculpei-me e procurei fazer diferente. Eduardo tinha entendido mal aquele *meu momento*, era a sua limitação.

Então fui deixando de falar, enterrando a lembrança. Saindo do luto. Nunca mais fui ao cemitério levar flores no túmulo dele. Aos poucos, retirei as fotos, me desfiz dos objetos. *Aos poucos*.

À medida que foi deixando de ter importância.

Mas aquilo balançou o relacionamento recém-iniciado. Se Eduardo soubesse... entendesse...! Ele sempre seria o escolhido!

* * *

Mas ninguém poderia prever que uma sombra muito grande viria sobre a minha família pouco antes do término daquele mês de março. Não gosto de falar sobre isso, portanto, vou ser bem breve.

Naquela semana, meu pai viajou alguns dias com minha mãe, estavam no interior, na casa de uma das suas irmãs. Ele não passou muito bem, já tinha alguns problemas de saúde, tomava medicação, mas aparentemente foi algo isolado.

Mesmo assim, logo na outra semana, voltou ao Médico, ao cardiologista que o acompanhava ali mesmo num departamento do Hospital da Faculdade. Não pude estar presente na consulta por causa do meu horário, mas dei uma passada lá, disse um “oi” para eles e adiantei os exames tanto quanto consegui. Meu pai tinha esquecido a chave trancada dentro do carro. Tive pena deles por causa daquele transtorno e dei um jeito de, eu mesma, arrumar um arame e abrir o vidro por fora. Tinha uma frestinha, e consegui sem demora.

Daí corri lá de volta, entreguei a chave e fui cuidar dos meus afazeres. Um dos exames ficou marcado para aquela sexta-feira, então, nesse dia, eu acompanhei os dois, meu pai e minha mãe. Papai fez um ultrassom de aorta abdominal. Não deu nada de errado, conversei depois com o Médico que fez o exame. Também aproveitei aquele tempo para acertar com outro cardiologista, um Professor, para que o acompanhasse de perto. Ficou tudo combinado.

Sáimos de lá no horário de almoço. Estava garoando fininho, e tive que voltar logo para a UTI sem almoçar, nem nada. Tinha usado o período do almoço para correr atrás daqueles exames e daqueles Médicos.

Passei o resto do dia ocupada e saí tarde, apareceu internação de última hora. Como era sexta-feira, Eduardo estava à minha espera na porta do prédio principal. Eram quase sete horas da noite.

Fomos direto refrescar a cabeça, jantamos, e eu telefonei para casa dizendo que iria atrasar um pouco. Cheguei um pouco além do que meu pai gostaria.

Abri a porta, cumprimentei. Mas ele não me respondeu. Eu estava muito cansada e fui logo deitar. No dia seguinte, acordei tarde, minha mãe estava na cozinha e me pediu que fosse até o quarto ver por que meu pai estava demorando. Ele sempre tinha sido madrugador.

Entrei. Chamei-o. Mas já não se poderia fazer mais nada. Ele tinha falecido no começo da manhã. Tive que providenciar tudo sozinha, junto com Eduardo. Mayra ajudou fornecendo o atestado de óbito e ficando conosco a maior parte do tempo.

* * *

Os sentimentos ficam amortecidos por causa do impacto. Não existem palavras para explicar o que se passa por dentro.

Mas depois aquilo tudo começa a borbulhar, sobe à tona, se derrama numa torrente de sentimentos profusos e terríveis.

Marco quase teve uma comoção nervosa do outro lado do mundo, e não havia o que pudesse ser feito. Ele só pôde vir uma semana depois.

Nada parecia ser capaz de consolá-lo. Minha mãe também não estava bem, e eu tentei ser a mais forte de todos. Não ficar chorando pelos cantos da casa e, em vez disso, procurar ser um esteio para eles.

Mas longe deles, sozinha com Eduardo, ficava chorando sem saber direito o que sentia.

Passei alguns dias afastada do Hospital. Eduardo visitou-nos diariamente. Meu pai era o sustentáculo da família, e não esperávamos um falecimento tão súbito. Todos estavam completamente sem chão. Como seria dali para frente?

Voltei ao Hospital depois daqueles dias de reclusão e trabalhei mais uma semana na UTI.

Mas não conseguia me concentrar em nada, nada, nada. Sempre com boa memória, agora eu tinha que anotar tudo num papel e passava o dia inteiro relembrando quem era quem, qual exame era de qual paciente e que medicação cada um tomava. Não conseguia guardar, não conseguia saber direito o que estava fazendo, era impossível. Estava além das minhas forças.

Fora isso, o Residente do terceiro ano que estava passando pelo estágio comigo não era dos mais compreensivos. Sem paciência, só me enchia o dia todo, pegava no pé de todo mundo, criando um péssimo ambiente de trabalho. Conversei com a outra Residente e acabei optando por conversar com o Preceptor da UTI. E pedi um afastamento mais prolongado.

Passei talvez umas duas semanas em casa, talvez três. Até que encerrasse aquele estágio que eu já tinha perdido. Então, num ápice de esforço, retomei o trabalho.

Passei pela enfermaria da MI, mas não conseguia estudar, tudo parecia tedioso, pesado, insuportável.

Mesmo assim, terminei o estágio. Só que, para azar da minha sorte, a escala levou-me ao bloco mais puxado do primeiro ano, a UTI da Pneumologia. Fui levando como deu, usei de todas as minhas forças e determinação. Finquei pé e dei todos os plantões.

* * *

Não foi nada fácil. Quando me lembro daquele período sinto até um mal-estar.

Às vezes, tinha plantão de 12 horas no sábado e no domingo. Não saía para nada, ficava das sete da manhã às sete da noite no Hospital, para emendar direto com outra semana. Durante a semana, todos os dias eram iguais, das sete da manhã até sete da noite. Quando tinha plantão no meio da semana, emendava 24 horas.

Algumas vezes, quando eu estava de plantão à noite e ia dormir no Hospital, Eduardo dava um jeito de vir visitar-me. Um dia chegou lá pelas nove da noite, na companhia de um primo. Eu tinha deixado com ele um avental, então Eduardo entrou decidido pelo PS, dizendo ao segurança:

– Ele está comigo! – referindo-se ao primo.

Assim pensavam que o primo era paciente do “Doutor” Eduardo. Naquela noite, ele me trouxe pães de queijo e Coca-Cola! Os dois foram muito bem-vindos: Eduardo e o lanche!

Era tão bom que ele aparecesse, quebrava um pouco a minha rotina, me ajudava a levantar a cabeça. E lembrar que existiam outras coisas além daquela UTI. Mas nunca dava tempo de ficar no blá-blá-blá, tinham que ser visitinhas rápidas. Pois, não poderia me atrasar com os pacientes, no mais tardar umas dez horas da noite passava com o Médico Assistente a última visita.

Daí a gente torcia para que os pacientes não complicassem.

Mas, de noite, quase sempre era impossível dormir. Os Médicos Assistentes dormiam em outro lugar, mas, nós, os Residentes, tínhamos um único quarto. E o único quarto era dividido com o Residente da UTI ao lado, a da Clínica Médica. Isso queria dizer que o sono girava também em função disso, se *qualquer um* dos pacientes complicasse, *ninguém* dormia.

Claro que esse era exatamente o esperado, oito pacientes graves sempre têm muita chance de perturbar à noite. Se a minha UTI estivesse calma, era quase

certo que a UTI da Clínica complicava, e vice-versa. E então a enfermagem não parava de entrar no nosso quarto para nos chamar.

Como eu vinha *cansada*...! Às vezes, não me julgava capaz de dar andamento na minha vida, no meu trabalho, por mais que me esforçasse. Eu simplesmente estava em outro mundo.

Mesmo as visitas de Eduardo não eram suficientes para me ajudar completamente. E havia vezes em que ele perdia a viagem.

Um dia Eduardo combinou de visitar-me à noite e tudo estava lindamente calmo por ali, sem nada de especial para fazer. Daria tempo para a gente ficar conversando bastante tempo ali na salinha ao lado. Isso certamente tornaria aquele plantão mais leve.

Mas, pouco antes de ele chegar, uma paciente que estava em choque séptico precisou de um Swan-Ganz, e o Residente do terceiro ano ficaria ali comigo até que déssemos o trabalho por encerrado. Iria demorar um bom tempo, o Swan-Ganz é um tipo bastante complicado de cateter. E então eu disse para Eduardo nem esperar.

Outra vez, ele chegou, e eu estava com um dos ventiladores artificiais pifados, bombeando ar manualmente para os pulmões de um paciente. A enfermeira avisou que iria demorar para arrumar outro aparelho. Novamente, não valia a pena ele ficar ali esperando.

De vez em quando, Eduardo cruzava com outros Médicos ali na salinha. Eles cumprimentavam e acabavam perguntando:

– Você também é Médico?

– Não sou, não... he he he! – respondia Eduardo, meio sem graça. E para mim, cochichando, mais tarde:

– Essa história de me disfarçar de Médico! Quando perguntam, dá vontade de responder que “sou pai de santo”!

Eu tinha que rir com suas piadinhas. Sei lá o que os outros pensavam ao vê-lo daquele jeito.

Apesar de tudo, foi um estágio muito bom, daqueles em que dá para aprender bastante. Estudava, é fato, mas estava sem muita vontade, sem paciência com nada nem com ninguém. Não parecia haver *sentido* naquela existência que estava levando! Fazia por fazer; estudava por estudar.

Quando terminei aquele mês de UTI, percebi que aquela ideia não me saía da cabeça, e mais ainda... tinha ganhado corpo: eu estava novamente pensando em jogar tudo para o alto. Não conseguia me livrar daquela sensação ruim,

desgastante... já não via motivo em continuar indo ao Hospital todos os dias. Um peso de toneladas me esmagava os ombros.

Então, uma tarde, conversando com Eduardo, acabei tomando a decisão: queria largar a Residência.

Até hoje não sei o que me deu, nem porque ele concordou comigo. Não consegui entender porque concretizei minhas intenções de fato.

Algum tempo depois, eu me perguntaria se tinha sido uma espécie de punição inconsciente...

“Meu pai morreu, eu era Médica e não pude fazer nada, não pude mudar esse destino... meu pai morreu, e morreu entristecido comigo... ele não está mais aqui, e eu não posso me restaurar...”.

Mesmo que nem tudo fosse verdade, naquele momento de instabilidade emocional, meu inconsciente armazenou essas informações. A perda do meu pai fez com que eu mesma introjetasse em mim estas sensações, essas ideias, essas afirmações, essas conclusões... e depois mais um monte delas... desvairadas... cortantes... completamente indigestas. Engolir tudo aquilo foi como beber veneno!

O veneno iria começar a circular pelo meu corpo. Eu faria coisas estranhas em função dele. A primeira delas foi abandonar a Residência. Uma consequência de estar envenenada.

Então fui conversar com os professores e, apesar de que ainda foram condescendentes e quiseram novamente dar-me licença, recusei. Tornei definitiva a minha decisão. Abandonei a MI.

Não sei se foi o certo. Mas não consegui tomar outra atitude, nem escolher outro caminho.

Tempos depois, fiquei pensando em uma segunda possibilidade, uma outra forma de explicar para mim mesma porque fiz aquilo.

“A ausência do meu pai talvez tenha me libertado dessa vida de Médica de uma vez por todas. Se ele estivesse vivo, eu jamais largaria a Residência. Sei disso.”

Então entendi que minha decisão era fruto dessas duas coisas. Era fruto dessa somatória.

No entanto, havia algo mais. Faltavam dados para mim.

Aquele era também o início da destruição prometida. Só que eu não sabia...

Eduardo não me falou... mas sabia que algo iria acontecer. Tentou achar o Pastor Brintti novamente, sem sucesso. Sabia que qualquer pessoa lhe daria uma resposta padrão: “Deus é maior!”.

Ele torceu para que não acontecesse nada. Mas sentia como se viesse um meteoro em nossas direções, e nada havia para impedi-lo.

Como se defender?

CAPÍTULO 5

A partir daí, começaria um dos períodos mais difíceis da minha vida. Pouco a pouco veria tudo desmoronar, tudo em que eu tinha investido tempo e dedicação. Eduardo era a peça chave que me ajudou a permanecer em pé.

Ele continuava trabalhando normalmente, de forma que eu passava os dias sozinha até o horário de saída dele. Arrumei então um emprego de meio período que pagava bem, em relação à Residência.

Aquele emprego não me desgastaria como o trabalho no Hospital e ainda me garantiria sustento pessoal que, naquela hora, era a única coisa que importava. Não houve nenhuma dificuldade em empregar-me, bastou uma curta conversa com o responsável, e logo assumi o lugar.

Trabalhava dezoito horas semanais divididas em três vezes num “Serviço de Remoção”. Ou seja, eu somente tinha que transportar pacientes de um lado para o outro, de ambulância. Meu papel era exclusivamente não deixar que nada acontecesse durante o trajeto.

Mas como o tal emprego era *chatíssimo*!

Não aguentei por muito tempo. Normalmente eles faziam a gente ficar além do horário e não pagavam hora extra. O tempo que eu passava lá esperando as remoções era insuportável, nem tinha uma sala confortável para ficar. O mais interessante mesmo era empoleirar na mureta de entrada para ver o movimento da rua, ver passar os transeuntes. Isso me distraía e fazia com que o tempo passasse mais rápido. Às vezes, eu comprava um picolé e ficava ali no solzinho da manhã.

Saí logo dali e fui fazer um outro “bico”. Trabalhei então numa rede de Ambulatórios escolares, que era coordenada por um Médico Pediatra. Meu serviço era atender aos estudantes. Que normalmente não tinham nada e estavam só a fim de sair da aula para um passeiozinho! Eram só dores de cabeça, cólicas, crises de asma, bobagens assim... e eu tinha que ter toda a paciência do mundo. Confesso que paciência não estava sendo o meu forte naqueles dias!

Claro que também não suportei aquele serviço infame!

Então acabei trabalhando numa Academia, que me pagava até que bastante bem. Fazia exames Médicos. Era supertranquilo, sem estresse nenhum... e tão

repetitivo e tedioso que... enfim, o inevitável... acabei largando!

E dessa vez foi de verdade. Nem eu me reconhecia! Não conseguia mais levar adiante a minha vida e muito menos aqueles empregos *tolos e aborrecidos*. Precisava parar. Era preciso atender às gritantes solicitações da minha alma. Dificilmente abandono as coisas sem *tentar muito antes*. Aquele era o meu limite.

Embora não percebesse claramente, minhas atitudes e incapacidade de avançar de forma coerente revelavam o quanto estava desestruturada. A melhor opção foi o refúgio da minha casa. Então foi o que fiz: larguei tudo o que dizia respeito à prática clínica. E simplesmente fiquei em casa.

No início, foi bem difícil. Era estranhíssimo não ter nada para fazer. Bom... mas eu não conseguiria mesmo fazer nada, nem que quisesse. Me sentia extremamente cansada de tudo. Continuava sem conseguir me concentrar em nada, me entreter com nada. Não conseguia querer nada. Essa era a verdade. *Eu não queria nada!* Só que o tempo passasse e, passando, me trouxesse paz de alguma forma.

Todo esse processo que acontecia comigo não era consciente. Não era algo que eu tivesse parado para pensar e decidisse por mim mesma. A realidade é que não *escolhi* as coisas dessa maneira, apenas *aconteceu* assim. Foi o curso natural. E eu me vi numa espécie de deserto, um tempo de reclusão, de fuga, de um desespero silencioso. Interno. Só meu.

Não se exteriorizou muito. A primeira e principal consequência daquela agonia interna foi a incapacidade de desenvolver qualquer atividade útil. Mas não creio que eu me desse conta dessa agonia, desse sofrimento. Estava ali. Mas não tinha passado plenamente para a consciência. Estava guardado. Escondido. Amortecido. Eu não me dava conta plenamente. Estava muito abaixo da superfície.

Tudo o que consegui perceber foram os seus *efeitos*... eu vivia em função deles... porque eram mais fortes do que eu. Por fora, aparentemente, estava bem. Uma boa parte do tempo. Em outros momentos, estava mal. Passava do riso ao mau humor, tinha as emoções instáveis.

Estar com Eduardo era a única válvula de escape, a única saída possível. Não creio que conseguisse suportar aquela fase sozinha, quanto mais *superar*.

Ele foi tão importante naquele tempo que, para mim, o dia só começava na hora em que eu o encontrava, depois do serviço. Quando a gente saía para comer, conversar, dar um pouco de risada, e ele me contava coisas do serviço, do dia a dia.

Eduardo foi muito presente em todos os sentidos. Foi paciente e amoroso, nunca economizava esforços para me agradar, tudo o que eu precisasse e estivesse

ao seu alcance ele procurava dar e fazer. Eduardo não economizou em atenção, em carinho, em compreensão.

Agora já me conhecia melhor. Gostava de mim por mim mesma, e já não fazia nenhuma comparação inconsciente com Thalya. Eu a havia suplantado.

Naquele período, Eduardo também foi muito solícito para com minha mãe. Começou a frequentar minha casa mais assiduamente porque sentia intimamente ser necessária a sua presença. Agora éramos apenas nós duas, e a casa parecia muito vazia. Marco estava novamente fora e só voltaria no meio do ano.

Minha mãe desdobrou-se como pôde para continuar dando andamento na agenda de concertos de meu irmão, coisa que antes era função do meu pai. Aos poucos, aquilo começou a minguar, e, realmente, os últimos concertos agendados foram naquele mês de julho. Depois, parece que as portas se fecharam completamente. Todo o esforço de minha mãe em continuar aquele trabalho foi cada vez mais dando em nada. Iria começar um período muito difícil para minha família, certamente o mais difícil de todos. E era apenas o começo.

Mas Mamãe apegou-se à Igreja. O que nunca tinha acontecido, aconteceu então. E, como recém-convertida, ela teve assistência durante um tempo da minha antiga Igreja.

E que mais...?

Eu tinha começado uma Terapia com uma Psicóloga Cristã havia alguns meses. Ela foi indicada por alguns irmãos da nossa Igreja que também faziam análise. As referências que recebi foram ótimas, ela parecia ser uma pessoa de muita confiança. A própria esposa do Pastor William, que também era Psicóloga, tinha me aconselhado a fazer aquele tipo de trabalho.

Então, em vez de continuar conversando com o Pastor William e o Pastor Ronaldo, passei a pagar pelas consultas com a Psicóloga. Nossa Igreja julgava muito importante e benéfico aquele tratamento da alma.

Eu estava gostando bastante da Terapia, era melhor do que aquela que tinha começado na época em que tranquei a matrícula. Agora, parecia ser uma coisa mais profunda, o que era bom, porque aos poucos a gente vai aprendendo a se conhecer melhor.

Foi importante especialmente naquele momento difícil. No final de junho, comentei com Eduardo:

– Meu irmão vem para as férias com uma amiga de novo, uma pianista. Apesar de haver poucos concertos. Mas não era bem quem ele queria, a amiga dele não

poderá vir, não sei por que. Ele vem com essa outra moça meio que de última hora.

De fato, a tal da moça veio. Mas era tão estranha, tão esquisita... e acabou ficando quase três meses em casa! Só deu confusão. O clima foi mesmo daqueles, porque tudo estava horrível, nós também estávamos horríveis com os recentes acontecimentos. Ter alguém estranho dentro de casa era pesado, pelo menos para mim. A moça não falava inglês fluente, nem nós. Foi difícil ter que conviver com alguém que não falava a minha língua e o tempo todo estava ali. Porque agora eu também *estava ali o tempo todo!* E aquilo me incomodava bastante. Não gostava de sentir-me observada, tirava minha liberdade.

Sei que para minha mãe também não deveria ser fácil!

Depois de dois meses, quando finalmente ela iria embora, um ou dois dias antes do embarque, tudo acertado... e de repente apareceram aquelas lesões de catapora no seu corpo. E não pôde embarcar. Aquilo custou mais um mês no Brasil, e o restante das férias do Marco.

Confesso que eu não aguentava mais! Três meses é muito tempo. Por mais boa vontade que se possa ter... todo mundo é humano, tem limitações.

Bastava estar sentada à mesa e saía alguma confusão, normalmente eu acabava sendo acusada de alguma coisa, porque o normal era que eu fosse a errada. Marco era o filho que estava fora, o filho esperado. O bom filho. Já eu era a que tinha jogado tudo fora. A filha má!

Mesmo sem perceber, minha família acabava me pondo na tribuna dos réus. Por causa disso, eu estava sempre envolvida em uma cena de constrangimento atrás da outra. Em quase todas as confusões, lá estava eu, a destruidora de lares. Agora, imaginem só os olhares daquela menina estranha, as caras de julgamento. É fácil fazer ar de santo e apenas observar o circo pegar fogo! Isso era o que mais me exasperava...

Minha mãe não se conformava que eu estivesse em casa sem fazer nada, e mais de uma vez ela me mandou arrumar um emprego e trabalhar. Eu não tinha dinheiro para nada. Aquilo era uma coisa constrangedora porque dependia de minha mãe para tudo. Quem pagava agora minha Terapia era ela. E não era barato. Eduardo supria uma boa parte das minhas necessidades de bom grado. Comprava roupas, cosméticos, objetos de uso pessoal.

Engordei, o que era terrível, o pior de todos os castigos.

Eu me sentia um lixo, um verdadeiro lixo, nada mais do que um lixo! Minha depressão foi tão grande que a Psicóloga achou por bem mandar-me a um colega

Psiquiatra para uma avaliação. Ela achava que eu deveria tomar medicação, mas somente o Médico poderia receitá-la.

No dia da entrevista, fui sozinha até o consultório dele. Lá pelas tantas não resisti e perguntei:

– Quanto disso que eu estou vivendo hoje pode ser... digamos assim... “espiritual”? Pergunto isso porque sei que o senhor também é Cristão e entende que nem tudo é apenas problema da alma...

Ele parou de escrever durante um tempo, mas não hesitou na resposta.

– Olha, não acho que isso tenha alguma coisa a ver com demônios, se é isso que você está dizendo. Minha opinião sobre isso está formada, na verdade, essa história de demônios é fruto principalmente da cultura afro, que está impregnada no nosso povo. Jesus já venceu na cruz, e a batalha já terminou. O Amor de Deus permeia tudo.

Entendi bem o que ele quis dizer, para bom entendedor meia palavra basta. Que opinião mais estranha!... Completamente fora de tudo o que eu já tinha ouvido. Como que ele poderia acreditar em algo assim?!

Em outras palavras:

– Demônios não existem. São fruto de imaginações férteis, de pessoas ignorantes, de culturas místicas... – continuou ele.

– Ah! – procurei dar um tom de voz normal à interjeição. Fiquei quieta e deixei de lado.

“Nesse aspecto, acho que ele não está muito apto para opinar, não...”

Mas o que eu vinha sentindo não parecia ser só uma depressão. Mesmo sem saber das ameaças de Thalya, *tinha que haver* uma influência espiritual maligna em algum lugar. Não era possível... eu conhecia os sinais clínicos da depressão; e, mesmo que não fosse só isso, compreendia que estava também passando pelo luto. Mas parecia ir além. Além disso!

Só eu sei como me senti. Caindo num poço que não tinha fundo, sem conseguir contemplar nada. Mas, mesmo que houvesse um fundo espiritual no meu caso, eu não tinha nenhuma ideia de como lidar com isso. Aliás... não tinha *condições* de fazer nada; orar, jejuar, buscar ajuda.

Saí do consultório Médico com a receita, eu tomaria remédios durante mais de um ano. Não foi somente aquele remédio que eu tomei naquele período. Ao todo, eram sete tipos diferentes: para emagrecer, para dormir, para tratar distúrbios hormonais...

Esses distúrbios hormonais apareceram e demoraram muito a resolver. Já em se tratando de distúrbios do sono, isso era coisa antiga. Eu nunca tinha sido mesmo uma pessoa de dormir bem, exatamente como meu pai.

Mas então o problema cresceu vertiginosamente, e as situações de desconforto potencializaram assombrosamente. Todo tipo de alteração eu consegui ter: ou não conseguia pegar no sono... ou acordava muito tempo antes do horário, e não voltava a dormir... ou acordava vezes sem conta durante a noite. Essa foi a pior de todas, eu chegava a acordar seis, sete vezes durante a noite. Não dormia mais do que uma hora, uma hora e meia seguidas. E essa mutilação de sono durou meses. Dá para imaginar o quanto eu estava cansada? Mais ainda do que antes, porque agora o fato de ficar em casa estava muito longe de ser sinônimo de descanso.

As pessoas olhavam de fora e talvez pensassem que eu era mais uma daquelas vagabundas que encostam o corpo e são parasitas da família. Mas só eu sei o que passei. Uma coisa é certa: sempre fui ativa e dinâmica. Aquele marasmo não combinava comigo. Quem me conhecia melhor, sabia que alguma coisa estava errada.

Bem... mas se por um lado eu vivia isso, era no meu íntimo que vivia. Comentava com a terapeuta todas as coisas, desabafava, contava como estava me sentindo. Quanto a Eduardo, encontrei nele um companheiro fiel e um coração disposto a ajudar. Ele ajudava na medida em que, ao seu lado, eu encontrava sossego, descontraía e, principalmente, *podia ser eu mesma!*

Podia brincar, rir, falar sobre qualquer coisa... e também chorar se fosse preciso. Ele conheceu todas as facetas da minha personalidade, ele viu o que mais ninguém viu. Eduardo viu a verdadeira Isabela. O bom e o ruim.

Na verdade, ele foi, antes de tudo, um grande amigo. Era isso o que eu mais precisava. Porque os namorados primeiro têm que ser grandes e indispensáveis amigos. Se assim não for, acho que o relacionamento não tem o menor futuro.

* * *

Passaram-se os meses. Agora já se podia dizer que o nosso relacionamento tinha futuro. A gente se via com muita frequência. Isto quer dizer: todos os dias. Todos os dias eu o esperava na saída do serviço. A gente jantava no *Shopping* nos dias em que ele não dava aula de *Kung Fu*. Há alguns meses, Eduardo retomara a prática do *Kung Fu*. E dava aulas numa pequena academia de ginástica perto do trabalho. E, *pasmem!* Eu era sua aluna!

Adorei, foi bem legal. Primeiro, porque achava o máximo ver Eduardo dar aula, meu namorado era um chuchu! Depois, porque tinha vantagens em ser a “primeira-dama das Artes Marciais”: Eduardo tinha desconto na minha mensalidade.

Ele reclamava que eu era indisciplinada pacas, numa boa, e não tinha um pinga de respeito por ele como Professor. No que sou obrigada a discordar! Eduardo queria que eu pedisse licença para sair e entrar na sala, como qualquer aluno. Não me importava de fazer isso, mas às vezes ficava parada na porta esperando, e ele nem olhava para mim. Então, fazer o quê...? Entrava e saía ao meu bel-prazer.

– Isabela, você é aluna, tem que se comportar como aluna! Como fica minha moral na frente dos outros alunos? – Eduardo pegava no meu pé.

– Então olha pra mim! Além de ser aluna, em primeiro lugar sou namorada, tá? Não me deixa parada na porta!

Ele não ligava muito, nem eu. Mas procurei fazer como ele queria. Eduardo procurou também olhar com mais rapidez na minha direção. Fora isso, ele costumava elogiar:

– Você é uma boa aluna, com facilidade em aprender e que não tem medo de jogar o corpo no chão. Como você gosta de dar mortal, hein?

– Pois é, Nenê, eu adoro! Pena que não sai muito bom, você tem que me segurar...

– Mas vê se não fica dando muito palpite no meu esquema de aula, você gosta de sugerir que eu dê aquilo que você gosta de fazer.

– Até parece!

– Você tem que parar de ser indisciplinada, não gosta de fazer flexão de braço, eu vejo muito bem, sempre fica fazendo abdominal nessa hora.

– Não gosto de flexão de braço. Mas como estão as minhas sequências, hein? Hein? Os *Tòy Cha*? Vou poder fazer exame? Eu aprendi tudo, tudinho, estou sabendo tudo!

– Sem flexão de braço você não passa – dizia Eduardo com ar irônico. Eu fazia bico. Aí ele voltava a dar uma opinião sincera:

– Os *Tòy Cha* estão bons, sua postura está boa e você tem boa coordenação motora. Aprende fácil! Mas vai cair flexão de braço...

Treinei flexão de braço.

Eu também adorava organizar os “eventos” de Eduardo. Iria ter uma apresentação de todas as modalidades da academia, e ele iria participar fazendo uma demonstração. Me empolguei com o assunto, ajudei em tudo, insisti que

Eduardo contasse toda a história da Arte Marcial para contextualizar a apresentação. E isso em perfeita sincronia com a música. Eu organizei tanto o texto quanto a música.

Eduardo reclamava:

– Mal chego na sua casa... e tome ensaio do texto, com musiquinha de fundo... aiiiii!

Só queria ajudar.

Fora isso, eu também podia fazer outras aulas além do *Kung Fu*. Costumava sumir de propósito só para mexer com Eduardo, que, quando assustava, já não sabia mais onde eu estava. Poderia estar fazendo flamenco, ou cárdiofunk. As donas da academia já estavam meio implicadas comigo. E questionavam com Eduardo:

– Sua namorada está fazendo todas as aulas de todas as modalidades que temos aqui... nós oferecemos apenas uma aula de demonstração em uma modalidade... ela fez um monte de aulas!

Eduardo ria, e eu também. Ele não me dava bronca.

– Basta ter uma regrinha pra você desrespeitar, Isabela!

– Eu não sabia, eu pedi aos professores, como eles deixaram... não foi de propósito!

Logo depois, Eduardo recebia outra reclamação sobre a namorada:

– Ela está monopolizando a única esteira da academia... ela não pode usar os aparelhos de musculação...

Como eu tinha muita resistência, ficava às vezes uma hora na esteira. E realmente experimentei um pouquinho da musculação.

Novamente, Eduardo dava risada, nos bastidores, é claro. E me pedia para usar a esteira em horários que tivessem poucos alunos. E explicava:

– A musculação é só mesmo pra quem faz matrícula. – Obedeci.

Falando em alunos, fizemos amizade com alguns daqueles que faziam *Kung Fu*. Dentre eles, uma menina que era minha companheira.

Uma vez, todos nós saímos para comer *pizza* e tomar sangria. A gente dava tanta risada que não conseguia nem comer!

Realmente, Eduardo e eu éramos muito amigos, não existiam segredos um com o outro. Brigas aconteciam às vezes, mas eram por motivos pouco consistentes. E pouco frequentes.

Novamente, chegou dezembro e a época das festas de fim de ano. Eduardo e eu completamos um ano de namoro. Estávamos animados para comemorar a data.

Havia seis meses tínhamos comprado alianças de prata. A aliança de compromisso. Bonita, e com o nome gravado dentro, era gostoso tê-la no dedo. Agora, no início do segundo ano de relacionamento, começamos a pensar realmente no noivado. Nós nos conhecíamos melhor e sabíamos que valia a pena investir um no outro. Por incrível que pareça... Eduardo era fiel a mim!

Claro, eu achava isso muito natural. Nem poderia ser diferente. Ele era extremamente sincero e devotado a mim, e vice-versa. Mas antes ele nunca tinha sido desse jeito. “Fidelidade” era uma palavra que não existia no seu vocabulário. No entanto, agora que eu conhecia bem Eduardo, percebia o quanto ele estava mudado nesse aspecto. O quanto ele tinha sido transformado!

Obviamente que ele continuava levando as suas cantadas, as moças continuavam atrás dele. Mas Eduardo já não queria se envolver, não dava a mínima abertura. Era engraçado ver – e ouvir contar – as cortadas que ele dava de vez em quando na mulherada mais ousada. Não dava espaço mesmo, não brincava. Era sério de verdade! E eu estava satisfeita.

Então, por tudo isso, e por muito mais... a gente estava superfeliz em comemorar um ano!! Combinamos direitinho onde a gente iria, um barzinho supergostoso, aconchegante, com mesinhas ao ar livre, lá nos Jardins.

Nessa época, eu e Eduardo ainda gostávamos dessa onda de barzinho, de vez em quando bem que a gente ia. Hoje já não tem mais graça, a gente cresce e muda a cabeça. Mas naquelas alturas...

A transformação de caráter, essa coisa de deixar o mundo e abraçar mais e mais a vida Cristã acontece à medida que vemos *necessidade* de fazer isso. O ser humano nunca vê essa necessidade sem ser confrontado antes, sem ser colocado em xeque. Sem perceber as consequências funestas dos seus atos.

Nós dois éramos Cristãos e queríamos levar o Cristianismo a sério. Isso era fato. Mas ainda havia em nós um monte de coisas a serem lapidadas. Coisas que a gente não enxergava. Tudo isso foi um processo. Essa transformação. Não aconteceu do dia para a noite!

Por sinal, os barzinhos acabaram sendo outra fonte de “desabafo” para mim. Porque, apesar do período crítico ter passado, eu ainda sentia a minha vida em ruínas e, vez por outra, um certo mal-estar me pegava. Mas eu tinha aprendido, sem querer, que beber um pouco além da conta dava uma *tremenda* aliviada na tensão!

Foi sem querer mesmo! Até aquela época da minha vida eu nunca tinha bebido de verdade, não via graça. Mas um dia a gente estava fazendo um pouco de hora

no SESC, depois do serviço de Eduardo, e resolvemos ir comer alguma coisa ali na choperia. Olhando para o cardápio, vi aqueles todos, com nomes pitorescos, e a descrição bem embaixo.

Eu gostava de bebidas doces, então resolvi provar um deles. Escolhi um tal de “Ondas Tropicais”, preparado com curaçu *blue* e tequila. Eduardo não fez caso que eu pedisse o meu *drink*. Então pedi mesmo!

Tinha realmente uma cor bonita, azulado de verdade, cheio de gelo e enfeitado com um chapeuzinho colorido. O gosto era melhor ainda, nem parecia forte! Por isso, fui tomando sem cuidado nenhum. Desceu liso, maravilhoso...

“Mas como essas bebidas enganam... eu não sabia disso... acho que está subindo um pouquinho. Só um *pouquinho*!”

Continuamos conversando, comendo uma tábua de frios para acompanhar. Os frios não serviram para atenuar o efeito, e então eu senti aquela sensação pela primeira vez: tudo estava meio diferente, estava mais colorido, mais engraçado... a cabeça parecia um pouco leve, me sentia animada...

Quando fui pegar não sei o quê na bolsa, ela pareceu mais pesada do que o normal e caiu no chão.

E aquilo foi a coisa literalmente mais engraçada, *mais engraçada* do mundo!

Comecei a rir. Tanto que não conseguia mais parar. E ria, ria, ria, apoiava a cabeça na mão, na mesa, e era só quá-quá-quá!

– Ah, ah, ah, ah, ah, ah, ah, ah!!! Ai... que graça!

Já estava passando mal de tanto rir, as lágrimas já pulavam dos olhos.

Eduardo achou graça, e até mesmo o garçom que estava nos servindo também parecia se divertir porque eu já tinha passado da conta.

Realmente...! Mas como aquela sensação era divertida! Como tirava dos ombros um peso incrível, como fazia a vida parecer bem melhor... como aliviava!!!

Eduardo pagou a conta depois que rimos muito, e quando saímos para a rua eu ainda estava alegre, cantarolando e pulando, feliz da vida. Ia saltitante pela calçada.

Depois disso, volta e meia eu queria experimentar de novo a mesma sensação. E bebia mesmo!

Naquela época, Eduardo não via mal. Já tinha visto coisa pior na “29”, já tinha ele mesmo bebido muito. Então deixava eu aproveitar porque não achava que fosse nada demais. Desde que ele estivesse sóbrio.

– Alguém tem que estar sóbrio! – ele dizia sem pruridos.

Eduardo sabia que eu não estava num dos dez melhores momentos da minha existência. Se aquilo me deixava mais aliviada, ele concordava também.

Hoje vejo quão perto eu andei do precipício...!

De repente, eu poderia desenvolver de fato alguma dependência química, ficar dependente do álcool *de verdade!* No fundo, no fundo, aquilo era uma literal *explosão* da minha alma. Essa explosão se manifestou de várias formas: o abandono do trabalho, os problemas de saúde, de sono, de depressão, as brigas familiares... e, agora, a última delas. Encher a lata!

Em última análise, todo o meu comportamento poderia ser traduzido em uma só palavra. Um grito agudo. Um desabafo de quem passou muito tempo com a válvula da panela de pressão entupida.

A morte do meu pai foi o estopim da explosão.

E a explosão, ruidosa, não é bonita de se ver. Faz o maior estrago, a maior sujeira, a maior mixórdia. E pode machucar quem está por perto.

Mas nem eu nem Eduardo queríamos perder tempo filosofando sobre isso. A gente queria só poder curtir um pouco! Naquela comemoração de um ano não foi diferente. Ou melhor, em certo sentido *foi* diferente. Eu não imaginava que iria acontecer como aconteceu.

Sáímos os dois da minha casa no começo da noite, embonecados, bem-vestidos, e fomos para o tal barzinho nos Jardins. Havia alguns dias, Eduardo tinha me dado o seu presente, não conseguia esperar pelo dia. Ele nunca conseguia fazer surpresa, sempre estragava antes.

Deu-me um lindo bicho de pelúcia, um macaco que eu tinha achado uma graça, e uma linda corrente de ouro com um pingente muito delicado, de ouro com esmeralda. Tudo acompanhado de cartão, uma belezinha!

Naquele ano, não tinha dinheiro próprio para comprar presente para Eduardo, então comprei duas camisas com o dinheiro dele mesmo. Eu gostava muito de dar-lhe presentes, nem precisava ser uma data especial. Mas... naquele dia não dava!

A noite estava quente. Descemos do carro, caminhamos de mãos dadas até aquele lugarzinho gostoso, bem frequentado, sem bagunça, com uma música agradável.

Fizemos planos para o noivado. Para o ano que estava vindo. E decidimos que nos casaríamos o quanto antes. Ficamos sonhando e fazendo castelos no ar durante um tempo, embalados pelo vento e pela música.

Mas Eduardo voltou à realidade, comentando novamente o quanto estava insatisfeito na Empresa em que trabalhava. Apesar de já ter sido promovido a Supervisor de Produto, o salário não compensava tanto. Mas o pior mesmo é que o seu antigo chefe não estava querendo se aposentar de verdade. O cargo era oficial na carteira de trabalho de Eduardo, mas não na prática. Por isso ele estava enviando currículos para outras Empresas.

– Poxa, se eu ganhasse numa Empresa na mesma proporção que ganho dando aulas de *Kung Fu*... – suspirou Eduardo.

Ele estava coberto de razão.

– Isso lá é verdade, Nenê! Proporcionalmente falando, o *Kung Fu* compensa bem mais. Se você tivesse muitos alunos e se dedicasse em tempo integral... já imaginou como não seria?!

Eduardo ficou meio quieto, pensativo.

– Mas não é uma coisa muito convencional, você sabe, né?

– Ah! Mas e daí? Por que precisa ser convencional? Por que você não tenta mandar o seu currículo de *Kung Fu* para grandes Academias, Eduardo? Você tem que pensar grande, já parou pra pensar que o seu perfil é perfeito pra isso? Você tem um currículo invejável, conquistou títulos, tem anos de experiência. O que mais poderão querer? Além disso, Nenê é *gato*, é lindo! – passei a mão de leve no seu rosto. – A boa aparência conta quando se trata de público classe A! – Comecei a me animar. – Então?... Por que você não tenta?

Eduardo parou um pouco para pensar. Seu semblante se iluminava aos poucos:

– Será mesmo que daria certo? Nunca parei pra pensar nas grandes redes de Academias, essas Academias de elite... será que daria certo?

– Não custa nada você tentar, manda o currículo, Nenê. O máximo que pode acontecer é não te aceitarem. Mas não vejo por que não aceitariam. Já imaginou?! Seria tão joia pra gente...

– É tão bom fazer algo de que se gosta muito!

– Eu sei. Você foi legal comigo naquele impasse de Medicina. Eu quero que você tenha também a chance de dar um outro rumo na sua vida. Quem sabe não é por aí? Olha só... já imaginou se você desse aulas na Mega Athletic Center, por exemplo? Ou na Thriatlon? Ou na Coliseum? Hein, hein?!

– É! Essas Academias funcionam mesmo como uma grande Empresa, sabia? Os Professores têm todos os benefícios trabalhistas, todas as garantias.

– Vamos fazer assim... eu estou com mais tempo que você. Vou organizar o seu currículo de Artes Marciais, tá bom? Faço um currículo bem legal, e começamos a

distribuir. Aguardamos pra ver no que dá!

– Poxa, Gatinha, Legal! É isso aí!

– E, olha, Eduardo! Vou te dar um conselho construtivo... eu assisti à sua aula teórica lá na Academia. É bom, sem dúvida, ter umas aulas teóricas. É um superdiferencial! Mas deixa um pouco a desejar em didática. Você tem conteúdo, mas precisa aprender a passar bem esse conteúdo. Por que a gente não tenta desenvolver um curso teórico *mesmo*? Um curso de verdade?

Minha cabeça deu voltas diante da ideia inusitada, mas que pareceu tremenda de boa. Eduardo também se entusiasmou logo de cara. Continuamos matraqueando enquanto comíamos, nos contagiando mutuamente com as ideias.

Até aí, nada de mais. Eram sonhos lícitos, planos plausíveis. A gente procurava dar um rumo ao nosso futuro com as ferramentas que tínhamos nas mãos. Se desse certo, eu não precisaria mais voltar à Medicina, e Eduardo faria algo totalmente aprazível. Parecia um caminho lógico a seguir.

– Você poderia desenvolver uma apostila direcionada ao curso de *Kung Fu* – continuei. – De tempos em tempos, os alunos teriam as aulas. Continua valendo aquela pequena avaliação teórica pra mudar de estágio, como você já está acostumado. Mas eles teriam um bom material de estudo! Podemos também diversificar um pouco, ensinar não somente a história do *Kung Fu* e das armas, mas também um pouco de fisiologia do esporte, noções de Anatomia e nutrição, coisas práticas voltadas pra prática esportiva. Uma coisa bacana de verdade. O que você acha?!!

Diante da nova proposta, Eduardo pareceu animado.

– Sabe que você tem razão? Isso vai dar todo um diferencial para o meu curso, é algo difícil de encontrar. Aliás, quem deveria dar essas aulas de fisiologia, Anatomia, noções básicas do esporte, dentro do contexto Médico... deveria ser você! Inclusive, se eu disser que o curso é supervisionado por uma Médica...

– Aí já não sei, Nenê – interrompi. – Não gosto muito de me expor na frente. A gente até pode pensar nisso depois, só que vai ser você que vai dar as aulas, a princípio! Mas não tenho nada contra organizar tudo no papel. Quer dizer, montar a apostila. Me passa o material que eu vou organizar as aulas de *Kung Fu*, tá? Também monto as outras, monto o curso todo e te ensino a parte Médica... vai ser legal! Assim arrumo uma boa coisa pra fazer! Ficar olhando pra as paredes é que não dá!

– Tudo bem. Eu tenho um monte de textos, *xérox* de pedaços de livros, é daí que eu tiro as informações.

– Sim, ótimo que você tem o material. Mas isso tem que ser mastigado, não adianta passar os textos integrais aos alunos. Eu vou montar as aulas de forma que elas sejam, na verdade, uma espécie de “aula resumida”, esquematizada apenas. Nada que dispense a *sua* aula, entendeu? E vou montar umas coisas legais de Medicina também. Coisas práticas. Acho que vai ficar muito bom! E quando você oferecer o trabalho nas grandes Academias, já pode dizer que você também dá uma parte teórica. Vai fazer *a* diferença! Pode crer!

Ficamos ainda um bom tempo nos deleitando com aquela ideia que tinha nascido ali, do nada. Poderia mesmo ser algo bom. Eduardo era um ótimo professor, paciente, interessado... e um ótimo atleta. Tinha tudo para dar certo. Eu iria ajudá-lo no que pudesse para dar mais certo ainda!

– Quem sabe no futuro nós não teremos a nossa *própria* Academia? – exclamei.

– Esse sempre foi o meu sonho! – exclamou Eduardo de volta, realmente animado.

– Mas não é uma ideia impossível! Já parou pra pensar nisso? Você tem tudo o que precisa. E eu sou Médica, sem dúvida ajuda. A gente pode conseguir!

– É. Acho que podemos, sim!

– Mas tem que ser uma Academia diferente, Eduardo! Em outros moldes, com padrões diferentes. Sabe? Um lugar onde as pessoas aprendessem a cuidar da saúde em primeiro lugar, onde fossem informadas de verdade, onde existissem outros cursos paralelos. Até mesmo uma Biblioteca!

Nos deleitamos naquela ideia. Aquele seria um sonho que caminharia conosco durante um bom tempo. Mas era preciso começar do começo. Eu montaria a apostila.

A noite estava sendo agradável, mas lá pelas tantas cansamos de ficar ali. Pagamos a conta e saímos novamente em direção ao carro, abraçados, curtindo a nossa comemoração. Mas ainda estava cedo, e eu tinha permissão para ficar fora mais tempo naquele dia. Aquele negócio de horário continuava me irritando. Tinha a sensação de que nunca podia fazer nada!

– Poxa, está muito cedo pra gente voltar, Nenê! Vamos fazer alguma outra coisa... temos que aproveitar esse dia, não é?

Eduardo estava no volante e olhou para mim, condescendente:

– E o que você quer fazer, “Mô”?

– Ah, sei lá! E se a gente fosse em outro barzinho? Vamos fazer um “tour” de barzinho?

– Você quer? – Eduardo ria.

– Hum... e por que não? – Ele concordou de pronto.

– Se Gatinha quer.

– Então ganha! – completei. – Oba! Oba!

– É isso aí! E vamos onde?

– Que tal ali na Praça Panamericana? No Senzala?

Volta e meia a gente ia lá. Os preços eram acessíveis, e o lugar, gostosinho se estivesse calor. As mesinhas eram ao ar livre. Fomos. Estava cheio de gente, faltava até vaga para estacionar perto. Já estava mais tarde então era a hora do “point” mesmo. Caminhamos um pouco, eu estava animadíssima com a perspectiva da Academia e queria comemorar.

– Eduardo, vamos comemorar a nossa ideia!

Entramos, conseguimos uma mesa. Pegamos os cardápios. Eu também estava alegíssima por fazer algo diferente. E rebelde! Para os *meus* padrões. Estava cansada de fazer tudo certo. Ninguém parecia dar muito valor quando eu fazia tudo certo! Agora poderiam falar com vontade, me crucificar à vontade... iria fazer errado *mesmo*! E pronto!

– O que vai ser? – perguntou o garçom.

– Uma porção de fritas e coquetel de morango.

Eu já tinha bebido um pouquinho no outro barzinho. Mas não estava nem aí. Bebi o meu coquetel rapidinho, depois bebi até o de Eduardo. Aquela sensação hilariante começou a me invadir de novo. E comecei a perder a noção do aceitável. Por isso, não ficamos lá muito tempo:

– Vamos continuar! – falei, decidida.

– Ao “tour” de barzinho!

Antes de sairmos, Eduardo comprou um terceiro coquetel para viagem. De coco. Não demorou nada, nada e enxuguei o terceiro coquetel sem dó nenhuma. Quase duma vez.

– Me dá um gole? – pediu Eduardo na direção do carro.

– Muito tarde! – e aspirei o canudinho ruidosamente.
SSHHRRRRUUUPPP!!!

– Você já bebeu *tudo*, Isabela? Meu Deus, mas que rapidez!

– Ok, Edu! Vamos pra outro barzinho! Vamos lá no Pantanal!

– Olha... tem certeza?

– É isso aí! Vamos encher a cara! – eu já estava travada.

Exatamente aquela sensação que era boa! Queria prolongá-la ao máximo. Tinha que continuar bebendo!

Como eu disse, Eduardo achava que eu precisava extravasar de vez em quando, então nem sequer hesitou. Não fui capaz de descer no Pantanal, um outro lugar que íamos às vezes, na verdade nem fazia diferença. Eu já estava tão grogue que fiquei sozinha dentro do carro enquanto ele foi comprar a bebida para mim. E me diverti muito bem, sozinha, colocando a mão no teto do carro e me debruçando sobre o vidro da frente, e achando aquilo tudo muito legal.

Ele entrou no carro, e eu comentei com ele:

- Fiquei aqui cantando e pus a mão no teto!
- Poxa, que legal, hein? Você quer mesmo tomar um porre, né?
- Quero!! É isso aí! O que é que você me trouxe, Nenê?! Dá aí!
- Uma caipirinha de vodca!

Enxuguei em instantes a tal caipirinha. Então Eduardo achou que eu já tinha bebido bastante e decretou:

- Bom, vamos indo pra casa, tá? Até lá você já vai estar boa.

Quanta ilusão... no meio do caminho a graça acabou. E comecei a sentir um terrível mal-estar. Minha vista estava turva, e eu não me sentia bem. Na porta da casa de Eduardo, a coisa piorou. Eu sentia muita vontade de ir ao banheiro, mas não conseguia descer para ir até lá. Minhas lembranças ficaram um pouco turvas nesse pedaço, mas Eduardo contou que eu chorava e pedia que ele não fosse embora.

– Tá tudo assim, ó...! – e eu mostrava com as duas mãos que estava tudo girando.

E eu travei mesmo, falava mole, enrolava a língua. O pior é que comecei a sentir enjoo de estômago. Daí a coisa apagava, minha noção de tempo foi para o espaço. Eduardo já estava sem entender. Eu já tinha bebido outras vezes na mesma proporção sem ter tido aquele reverterio. Eu capotava, dormia, acordava, falava bobagens, voltava a dormir. Reclamava do estômago.

E assim passou uma hora. Nem me dei conta.

Então Eduardo resolveu que tinha que me levar em casa. Mas aí ficava difícil para ele voltar, estava tarde, e não haveria mais ônibus. Então pediu ao Roberto, seu irmão, que o acompanhasse até minha casa. Para trazê-lo de volta depois.

Lembro-me pouco da viagem. Apenas percebi que, volta e meia, minha cabeça sacolejava pendurada pela janela.

– Eu abri a janela pra você respirar melhor. Achei que iria fazer bem – comentou Eduardo depois. – Você estava travada demais, não achei que fosse acontecer isso. Pensei que iria ser como das outras vezes, que logo você já estava bem de novo.

Mas a verdade é que nem eu nem ele lembramos que eu vinha tomando uma medicação forte para dormir naqueles dias. Acho que deu uma potencializada daquelas. Eu não tinha bebido *tanto assim*!

Na porta de minha casa, foi outro drama. Eduardo queria que eu descesse, mas era impossível.

– Eu não consigo, Nenê, não consigo! Não consigo... – eu me desesperava sempre com aquela voz pastosa. – Não dá pra levantar. Quero ir ao banheiro!

Nisso, passou quase uma hora, segundo contou Eduardo no dia seguinte. Então ele resolveu me carregar até lá dentro. O Roberto já estava dormindo no seu carro, estacionado em frente. Eduardo teve realmente que me carregar, eu não conseguia dar um passo. Meu corpo parecia feito de chumbo. Minha mãe estava deitada e não apareceu quando entramos na sala e ele me pôs no sofá.

– Você precisa de um café bem forte! – lembro-me de que ouvi Eduardo comentar. Escutei vagamente os barulhos na cozinha, o “plim” do micro-ondas quando o Nescafé fortíssimo ficou pronto. Eduardo trouxe e me ajudou a beber uns goles.

Estava *intragável*!!

O efeito foi imediato, em segundos vomitei tudo ali mesmo, no sofá e no tapete. O alívio foi instantâneo também, senti-me bem melhor. Mas não deu tempo de mais nada, minha mãe entrou na sala.

– Meu Deus, mas o que aconteceu? – escutei-a dizer. Eduardo tentou explicar, eu tentei explicar.

– Acho que comi algo que me fez mal – tentei parecer o mais normal possível. Missão impossível.

Eduardo fez coro ao meu argumento, e ela deixou por menos naquele instante. Embora fosse perfeitamente capaz de adivinhar o que estava acontecendo, a julgar pelo adorável cheiro que inundou a sala. Vômito de bebida é realmente adorável!!!

Eduardo tratou de limpar tudo, eu capotei no sofá. Não conseguia abrir os olhos. De vez em quando, a consciência aparecia; no meio de uma névoa, conseguia vislumbrar Eduardo com um balde... com um pano...

Ninguém tentou me colocar na cama, e embora eu estivesse a ponto de estourar de vontade de ir ao banheiro, nem pensei em tentar também. Sentia-me incapaz de mexer um músculo.

Dormi ali mesmo até quase o amanhecer. Acordei desesperada de vontade de fazer xixi. Fui. Depois, deitei no quartinho dos fundos, meu atual lugar de

recolhimento. Havia alguns meses a dona da casa ao lado da minha, que estava para alugar, colocou ali uma caseira. Ela tinha uma filha e um cachorro e berrava com ambos o dia todo. Começava às sete da manhã, de domingo a domingo.

E se havia algo que me deixava muitíssimo irritada era ser acordada por ela todos os dias. Como meu sono vinha extremamente mutilado, tive que me mudar para o quartinho de despejo, no fundo do quintal, numa desesperada tentativa de ter sossego.

Realmente, dali eu não escutava nada, pena que o local não era nada aconchegante. Tinha uma cama, mas muita bagunça em volta. Fiquei por ali até que minha mãe investiu pesado e comprou uma janela e uma porta antirruído. Foi a minha sorte! E eu também dormia com rolhas nos ouvidos.

No dia seguinte, eu estava cansada e com o estômago ruim, o intestino também. Mas como minha mãe deixou por menos, eu também não liguei muito. Mas fiquei espantada com o acontecido. Eu tinha tomado um porre daqueles! Nunca imaginei que pudesse acontecer comigo...

CAPÍTULO 6

A pesar de que a nossa ideia de montar um curso diferenciado de *Kung Fu* fosse boa, naquela época do ano era bobagem ir atrás. Logo viria o Natal e a passagem do ano. Ninguém faz nada nessa época, portanto, deixamos para o outro ano.

Aliás, falando do ano que chegava, prefiro até dispensar comentários sobre as comemorações. Marco não pôde vir, de forma que a família de meu pai, que morava no interior, convidou-nos para as festas. Foi muito gentil da parte deles, mas sem meu pai aquilo tudo perdia boa parte do brilho. Minha mãe estava triste, e eu mesma me recordo muito pouco de tudo.

Eduardo foi conosco, o que ajudou um pouco a diluir a sensação de desconforto. Mas eu queria mais era que tudo passasse logo e a vida voltasse ao normal, no início de janeiro.

A entrada do novo ano me pôs bem mais aflita em relação ao que eu iria fazer de minha vida. Não havia uma cobrança plenamente aberta, mas tudo o que é velado causa mais tormento. Sei que minha mãe deveria estar tão aflita quanto eu, pois de vez em quando ela perguntava algo, ou dava umas indiretas.

Mas eu própria me cobrava bastante! Era extremamente difícil para alguém que *nunca parou na vida* ficar sem saber que rumo dar às coisas. Não sabia em que direção apontar o leme. Estava – é óbvio – muito pouco satisfeita com a situação presente, mas também completamente sem saber o que fazer.

Sentia-me à deriva, perdida, confusa. Eu queria fazer *algo...* era preciso fazer algo, dar um sentido maior para os meus dias. Mas *o quê!* Era uma grande, uma enorme dificuldade... tinha perdido a capacidade de saber o que me daria prazer. Profissionalmente falando, quero dizer.

Porque o prazer pelo prazer não poderia ser. A profissão tem que ter uma faceta útil, porque senão também deixa de ser prazerosa. Pelo menos eu pensava assim. Mas estava incerta quanto ao meu futuro como Médica e não conseguia nem sequer pensar em arrumar um emprego nas mesmas bases daqueles que tinha acabado de experimentar.

Então fui à Faculdade informar-me sobre alguns cursos. A Andreza, minha amiga da ABU, a essa altura também Residente, me dera ótimas referências sobre um curso de Acupuntura. Seria uma maneira de diversificar os meus conhecimentos e, quem sabe, no futuro, aquilo não me seria uma outra fonte de trabalho?

Fiz a inscrição, por sorte, no último dia. E também interessei-me por um curso de Medicina Esportiva. Seria ótimo, porque, se nós realmente investíssemos naquela coisa da Academia, eu estaria com a minha vida profissional feita. Não havia curso melhor do que aquele para dar continuidade aos meus conhecimentos. Parecia realmente uma direção vinda de Deus! A solução!!!

Ambos os cursos tinham duração de um ano, mas a carga horária da Acupuntura era três vezes menor do que a do outro curso.

Em fevereiro, comecei as aulas, animada.

À medida que o curso de Acupuntura avançava, comecei a pensar um pouco mais sobre aquilo. Embora tivesse lá meus questionamentos sobre aquela prática, porque já tinha “ouvido falar”, fiquei pensando se aquilo teria alguma influência subliminar ou não. Procurei conversar com os Cristãos, informar-me melhor. Mas ninguém parecia querer saber, ou importar-se com aquilo.

Apenas Andreza, que já tinha até mesmo se formado naquele curso e agora era instrutora, falou sobre sua opinião pessoal:

– Alguns pontos eu prefiro não agulhar.

Mayra e Lara também participavam comigo das aulas. Mas não chegamos a nenhuma conclusão.

Um dia perguntei a Eduardo:

– Você algum dia ouviu algo sobre a Acupuntura, na Seita?

Ele me explicou um pouco sobre o conceito dos chackras e dos Portais, coisas até então pouco familiares para mim.

– Caramba, mas por que você não disse isso antes? Me deixa ir fazer um curso assim?

– O problema não é a Acupuntura em si, entende? Na verdade, a ciência é milenar, e as bases científicas de fato existem. Mas você sabe que o diabo pode se *aproveitar* de coisas que lhe interessam, especialmente se for de fácil manipulação. E onde há o desconhecimento de Deus, é fácil pro diabo agir. Lógico que se a manipulação for feita por Cristãos, não creio que haja problema!

– Nossa... mas então... que coisa!

Na verdade, estava procurando uma desculpinha. Eu não estava gostando daquele curso, sem dúvida o de Medicina Esportiva era muito mais interessante. Acabei largando a Acupuntura e fiquei só com o outro. Estava aprendendo coisas legais, coisas úteis, e quando tivéssemos a Academia, eu iria poder fazer muito bom uso daquele conhecimento.

O ano continuou correndo sem grandes novidades no primeiro semestre. Acabei montando a tal da apostila para Eduardo, o curso de Medicina Esportiva ajudou-me muito com conceitos e informações utilíssimas. Montei também um belo currículo para ele.

Pouco antes que tudo ficasse pronto, Eduardo resolveu voltar a treinar firme. Se pretendia investir num futuro que levasse em conta a Arte Marcial, tinha que estar em forma plenamente. E isso ele não iria conseguir apenas se desse aulas. Precisava treinar, e treinar para valer. Eu dei todo o incentivo, realmente orgulhava-me dele e queria vê-lo novamente no ápice da forma.

– Vou atrás de um antigo Mestre, o Mestre Zhy! – comentou comigo certo dia.
– Depois que terminei o *Ton Long*, comecei um terceiro estilo, e treinei com ele. É conceituadíssimo!

– Poxa, Nenê, vai mesmo! Legal!... Ué? Você fez outro estilo?

– Fiz. Mas não me formei. Agora ele precisa me aceitar de *volta*, e isso não é tão fácil. Tem sempre uma fila de espera. Ele não aceita alunos principiantes. Vou ter que conversar... antigamente ele gostava muito de mim!

– Como foi que você começou a treinar esse estilo? Faz tempo?

– Eu não era ainda convertido. Estava na Seita. Na época, eu era Professor da ADINK e dava o meu curso de armas, aquele que eu te falei. Isso fazia com que eu fosse um dos Professores mais respeitados e requisitados naquela academia. Era uma academia de porte mesmo, com mais de 2000 alunos! Mas aí nosso Mestre regional teve um problema com seus superiores, os responsáveis pela rede de academias da ADINK. E foi afastado. Muitos Professores da ADINK acabaram saindo de lá por causa disso. A administração da academia viu-se obrigada a permitir que alguns Professores assumissem mais horários. Eu fui um dos selecionados pra dar mais aulas, o que foi ótimo pra mim! Nesse ínterim, foi requisitado um novo Mestre pra assumir a academia, que foi desligada da rede ADINK e tornou-se independente. Mestre Zhyang aceitou o posto. Ele era Mestre do estilo Serpente e logo tratou de agendar uma reunião com todos os Professores. Lembro bem que era um sábado. Camila foi terminantemente contra

que eu fosse. Ela já ficava sozinha a maior parte da semana e era muito justa sua recusa. Mas eu precisava estar lá!

– Você, hein? Coitada...

– Pela manhã eu havia dado cobertura a um Professor amigo meu, e aí a mãe dela ligou, aflita, dizendo que Camila tinha se machucado. A raiva dela era tanta com minha reunião que, ao bater uma porta com toda a força, prendeu o dedo do pé e ficou sem a unha. Assim que conseguiu se acalmar e cuidar da primeira dor, cismou que um vaso estava esteticamente mal posicionado. Resolveu mudar de lugar. Deu um mau jeito nas costas e travou a coluna. Estava imóvel, estirada no chão da sala, com muita dor e explodindo de raiva! Eu conseguia escutá-la falando: “Se ele estivesse aqui, eu não precisava ter mudado o vaso de lugar, agora eu que me ferro, enquanto ele dá aulas para as galinhas da academia. Aquilo não é academia é uma ‘granja’”. Tive que ir embora por causa disso. Depois fiquei sabendo que, naquela reunião, o Mestre Zhy, dentre outras coisas, *criticou* meu curso de armas. Como o curso despertava ciúmes na maioria, ninguém me defendeu. A alegação dele era que as armas são características de estilos próprios. O que eu ensinava, embora fosse de fato um estilo “livre”, estava embasado na filosofia do tradicional *Shaolin*. *Shaolin* quer dizer “jovem floresta”. Assim como acontece na natureza, que é livre, o estilo *Shaolin* também é. Assim eu via e entendia. Mas Mestre Zhy ficou com uma má impressão a meu respeito, só que não pôde extinguir meu curso.

– Poxa... foi uma implicância meio de graça!

– Depois que ele pichou injustamente o meu curso, eu também fiquei de ovo virado pra ele! E esperei a primeira oportunidade pra termos uma conversa “casual”. Claro que eu não queria ter que ir atrás dele! Apesar de conhecer seu renome e respeitá-lo pela sua Arte Marcial, de puro orgulho não fui ter aula de imediato com ele. Mas estava frustrado! Mestre Zhy tinha aberto uma classe especial só pra alunos de elite, pra começarem o estilo da Serpente. Queria muito participar daquelas aulas, mas também não queria dar o braço a torcer. Então, tentei fazer com que ele percebesse em mim potencial a ponto de me querer como discípulo. Eu sabia a que horas ele costumava chegar na academia, daí chegava um pouco antes, me aquecia e ficava perto do *Mudjong*. Esperando. Assim que percebia que ele estava chegando, começava minha performance com todo o ímpeto. Eu era bom naquilo. No *nunchaku* também, podia usar os dois para chamar sua atenção. Vi que ele dava umas olhadinhas e logo virava de costas. Não falava nada. Neca do Mestre Zhy abrir a boca. Nem ligava...

Eu já estava rindo. Eduardo continuou:

– Ele não olhava muito na minha cara, nem eu na dele. Depois que viu minhas habilidades com o *nunchaku*, achei que *pelo menos* viria falar comigo. Nada! Eu detestava ser ignorado! Como nada aconteceu, chamei meu amigo Frank pra uma luta amistosa bem diante dos olhos do Mestre Zhy. Ele era seu aluno predileto. Eu não machucaria Frank, nem ele a mim, mas seria ótima oportunidade pra demonstrar tudo o que eu sabia. Nesse dia, ainda fiquei falando alto e mostrando a medalha que tinha ganhado em outros campeonatos, brincando com Frank e dizendo: “Você vai ter a honra de lutar com um campeão”. Tinha que chamar a atenção do Mestre a todo custo. Fiz poses, desferi meus golpes mais bonitos, pulei, voei, saltei, chutei, quase distendi a perna, mas estava dando o máximo! Mas ele simplesmente olhou com desprezo e *foi embora...* que raiva senti dele!

– Quero só ver como vai terminar essa história.

– Um dia, no meio de uma aula dele, pedi licença pra atravessar o salão. Ele deve ter pensado que eu só iria até o vestiário ali atrás, e permitiu. Qual não foi sua surpresa quando comecei a chutar compulsivamente o saco de pancada.

– Eduardo! Que absurdo! No meio da aula do cara!

– Eu estava ficando nervoso... pô! Ele olhou pra mim com um ar frio. Ah! Parecia que enfim iria me dar atenção. Só que se limitou a dizer que eu não poderia usar o saco de pancada durante sua aula. Que droga! Já estava ficando alucinado! Não havia outro jeito, eu teria mesmo que falar com ele! Então fui chegando como quem não quer nada, mas com todo respeito. E disse: “Mestre! Posso te fazer uma pergunta?”. Ele não respondeu, só fez que sim com a cabeça, sério. Fui adiante: “Você acha que a lança pode vencer o *nunchaku*? Porque com o *nunchaku* nas mãos eu sou muito bom e acho muito difícil existir uma arma capaz de me vencer se eu estiver com o *nunchaku* nas mãos”.

– Pouco arrogante, hein? Como você era... modesto!

– Mas escuta só... ele estava vestindo uma jaqueta sobre a camisa. Tirou e respondeu: “Pois eu não preciso de mais nada além disso aqui”. E me mostrou a jaqueta. Claro que eu tive que dar risada! “Quer dizer que você pode me vencer com uma *jaqueta*! A mim? E armado com o *nunchaku*? Ah, ah, ah, ah, ah, ah!”.

Eu também ri, Eduardo tinha umas histórias engraçadas. E foi adiante:

– “Pegue seu *nunchaku*”, foi tudo o que ele disse. “Não, não... Mestre... eu não quero machucá-lo!”, fui respondendo. Eu sabia que um só golpe racharia um crânio em dois. Um osso humano se rompe com o impacto de seis libras. O *nunchaku* pode chegar a ter um impacto de mais de 800 libras quando usado em

alta velocidade! Aí brinquei: “Vou pegar o *nunchaku* de espuma, tá?” E ele: “Não. Pegue o seu *nunchaku*”. “Mestre! É melhor eu pegar o de espuma. Não preciso machucá-lo”. O Mestre Zhy ficou apenas parado, olhando pra mim, com a jaqueta apoiada nas costas. “Quando quiser”, falou de novo. Eu tinha certeza de que iria machucá-lo. Não era bem mais fácil apenas me responder à pergunta: *nunchaku versus* lança... quem vence?

– E aí?

– Ainda insisti mais um pouquinho: “Bom... Mestre... então pelo menos tira o óculos, né?!”. Ele nem sequer se alterou. E ainda falou grosso: “Para com isso. Você vai ou não usar logo o que sabe?”. Faltava amabilidade naquela atitude. Bom... estava pedindo. Se se machucasse, o problema era dele. O máximo que poderia acontecer era eu ficar no lugar dele como Mestre da academia. “É isso que você quer? Você pediu!”. Me senti seguro, afinal tinha gente olhando. *Ele* era o Mestre, não iria me machucar. Pra todos os efeitos, eu era o “discípulo”. Só que *eu* poderia machucá-lo... e pensei: “Vou com tudo em cima. Quando correr a notícia de que eu destruí o Mestre Zhy... quebrei uma costela... ou um braço... ou o joelho... claro, não vou atacar na cabeça, mas quem sabe se eu tirar os óculos dele com uma *chakada*...”. Então saquei meu *nunchaku* e fiz várias manobras diante dele, rasgando o ar. Eu queria impressionar e à minha volta todos cochichavam. Só o Mestre Zhy continuava quieto, esperando. Parti para cima dele com toda a agressividade, e... nem vi o que aconteceu! Até hoje não sei direito como ele fez aquilo, nem percebi... mas o fato é que, quando dei por mim, eu já estava sem o *nunchaku*... caído no chão... e enforcado com a manga da jaqueta!!!

– Ah, ah, ah, ah, ah! Levou a pior!

– Quando bati nele, tive a impressão de bater numa espuma; o *nunchaku* perdeu a força e a velocidade, algo o puxou das minhas mãos com força... em milésimos de segundo já me senti voando pro chão... a consciência plena só me voltou quando Mestre Zhy educadamente desenrolou a jaqueta do meu pescoço. E com calma, virou de costas, *foi embora*. Não falou nada! A humilhação do dia... da semana... do mês... não, não, não!!! Todos olharam, mas eu corri atrás dele. E gritei, um pouco irritado: “Mestre!!! Espere! Mais uma vez! Eu usei a estratégia errada!”. Ele me ignorou e continuou indo embora. “Mestre! Me dá mais uma chance, mais uma chance só. Ou você tá com *medo*?!”

– Eduardo, que teimosia! Ah, ah, ah, ah, ah, ah!

– Pois é... mas fiquei inconformado. Então ele voltou o rosto pra mim, deu uma risadinha e falou, dessa vez em outro tom: “Mas você é teimoso, né?”.

– Não falei?

– Aquilo não era possível!!! Nem liguei. Já fui falando de novo: “Então? Tá pronto?! Tá?”. Mestre Zhy pegou sua jaqueta e jogou no ombro do mesmo jeito. Eu pensei comigo: “Desta vez vou envergonhá-lo. Uso uma finta, finjo que vou atacar no rosto e ataco embaixo! É impossível ele não cair nessa, isso sempre funciona”. E fiz. Ataquei ferozmente e com toda minha força. Como ele conseguiu, só ele mesmo é que sabe, Isabela! Fiz que iria desferir um golpe no seu rosto e chutei violentamente o joelho, mas Mestre Zhy ergueu a perna de uma maneira que não pude ver... e chutou meu rosto! Isto é, só *encostou*, deu um tapinha leve. De efeito moral. Eu me assustei e perdi o reboado, e ele, sem esperar mais nada, me deu um *rodo* por trás que me pôs espatifado no chão. PLOFT! E *de novo* virou as costas e foi embora! Eu fiquei completamente aturdido, indignado. Então Frank bateu no meu ombro, falando com aquela voz resignada: “Eduardo... o Zhy é formado na *China*. Ele é um Mestre *chinês*. Não viaja”. Levantei-me impressionado.

– E o que você fez?

– Deixei passar dois dias... *só* dois. Mestre Zhy nem olhava pra mim. Então fui atrás dele de novo: “Mestre! Olha... luta comigo. Só no braço! Usando as pernas pode ser que você seja melhor, mas com os braços... você me viu treinando no *Mudjong*, não viu? Duvido que você tenha a coragem de treinar comigo. *Luta* comigo... usando só os punhos!”.

– Lá vai!

– Mestre Zhy deu risada, bem-humorado. Talvez estivesse começando a ir com a minha cara. Realmente, eu era teimoso mesmo! Lutamos. Eu me esfalfando com golpes e mais golpes, e ele na maior tranquilidade. E me provocava: “Isso é tudo que você sabe? Acabou?”. Fiquei furioso e atacava mais ainda, com mais ferocidade. Mas não consegui vencê-lo! E toda hora voltava à carga, dando risada: “Isso é o máximo que você pode fazer? É?”. E TUM! Me acertou um único golpe. Fiquei sem respirar de dor. Mestre Zhy nem bateu com força... só tocou. Que coisa absurda. Fiquei irritadíssimo. Assim que me recuperei, estava mais enfezado: “Não é possível! Valendo *perna*, então!”. – Eduardo até gesticulava, revivendo a indignação do momento. – Daí ele disse que pra mim poderia estar valendo, mas *ele* não iria usar as pernas. Parece que gostava daquilo, da minha insistência. Não esperei segunda ordem, fui pra cima dele *babando*. Eu tinha que conseguir acertar um golpe, *um golpe só!!!* Mas quem me dera! Foi ele que me acertou mais um tranco no braço, no nervo. Não doeu, mas fiquei com o braço dormente,

paralisado. Travou. Pra Mestre Zhy, foi o que bastou. Então ele falou comigo pela primeira vez: “Você quer aprender *Kung Fu*?”. Dei um muxoxo, vencido. E disse que sim, perguntei humildemente se ele poderia me ensinar. Então me chamou pra participar do treino de elite. Foi o que fiz. No sábado, lá estava eu pra participar. Desfilando com meu novo uniforme colorido, que alguns ainda debochavam chamando de “Capitão América”. Qual não foi minha surpresa... lá vem ele: “Muito bem, sente e assista”. “Não. Eu vim treinar!”; “Hoje você assiste”. Fiquei assistindo à aula por *um mês*, ele não me deixava participar. Depois, minha forma de participar foi guardando as coisas usadas em aula. Dando uma varridinha na sala. Já fazia dois meses que eu estava esperando pra iniciar meu aprendizado no estilo da Serpente. Mas, finalmente, chegou a hora, e comecei. Na Irmandade, já tinham me avisado que o conhecimento adquirido nas técnicas do estilo da Serpente seria muito benéfico pra mim, seria um *Kung Fu* do qual Lucifer se agradaria mais do que os outros anteriores. No entanto, Mestre Zhy acabou não ficando muito tempo na ADINK. Passou a dar aulas no bairro da Liberdade, pra um grupo extremamente seletivo. Fui aceito nesse grupo. O estilo da Serpente tem seis estágios. Eu cheguei ao quarto estágio, um grau bastante avançado. Aqui no Brasil, naquela época, o aluno mais antigo do Mestre Zhy estava no quinto estágio. Até mesmo Frank ficou pra trás, estava no terceiro estágio quando eu já tinha passado pro quarto.

– Que legal, Nenê!

– Mas aí, o pior... um pouco antes da minha conversão ao Cristianismo, Mestre Zhy expulsou-me da academia.

– Nossa! Mas por quê?

– Aquele meu amigo Frank tinha me mostrado um movimento lindo com a lança, mas não me ensinou como fazer. Disse que não poderia me ensinar, que era o Zhy que iria fazer isso, um aluno não poderia ensinar a outro aluno, senão era problema na certa. Além disso... já por várias vezes Mestre Zhy tinha me advertido pra *não* usar a lança! Mas, juro, eu nem dormia mais pensando em como fazer aquele lindo movimento. Daí, numa hora em que ele não estava olhando, peguei a lança pra tentar imitar. Toda hora dava um jeitinho de chegar antes do Zhy na academia, só pra pegar aquela arma. No começo, ele só me dava umas olhadas tortas, mas como eu insistisse, então me advertiu verbalmente. Reclamei: “Poxa, eu só estou querendo *treinar* esse movimento!”.

– Que teimoso...

– Pois é. Mestre Zhy deixou claro que não queria ser contestado. Mas eu continuei treinando escondido dele, daí consegui a proeza e aprendi sozinho aquele movimento! Um dia, tão feliz estava porque havia conseguido, que rodava a lança pra cima e pra baixo, sozinho no salão, depois que os alunos tinham saído e a academia estava vazia. De repente... oh, azar! Na minha empolgação, acabei deixando a lança voar bem em cima do altar, e derrubei a fotografia do venerável pai do Mestre Zhy! O porta-retratos quebrou, e aquilo era algo inominável! Senti meu sangue gelar e corri para recolher os cacos antes que alguém aparecesse. Mas não deu tempo, enquanto tentava encobrir a bagunça, ouvi os passos do Mestre Zhy. Levantei-me com a lança debaixo do braço e os cacos na mão. Na pressa da agitação, ainda tropecei e acabei caindo pra trás, um vexame! A ponta da lança espetou e furou o saco de pancada, outro acidente que não poderia ter acontecido em hipótese nenhuma!

– Ah, ah, ah, ah, ah, ah, ah, ah, ah!!!!

– Em suma... Mestre Zhy perdeu a compostura ao ver a foto do seu pai no chão e o altar desarrumado. Expulsou-me aos berros, acusando-me de ter desonrado a memória do seu pai. Saí de lá chocado, sem ter tempo de dizer nem uma palavra, explicar nada, muito menos implorar clemência. Acabei ficando uns meses sem treinar, mais logo eu me converti. Então esse acabou sendo um detalhe de menor importância.

– Que história! Será que ele vai te aceitar de novo agora?

– Vou tentar, né?

Eduardo foi atrás e acabou sendo aceito facilmente, pulou uma fila de espera enorme, passou na frente de todos. Depois de ter feito um teste prático. Acho que o tal Mestre Zhy realmente gostava dele!

Era hora de entrar em forma de novo! Eduardo estava felicíssimo; e eu, também. Estávamos caminhando no rumo certo!

A única chatice é que eu nunca podia ver os treinos, como gostaria. A Academia não era aberta ao público. Apenas uma vez por mês, *se* fosse avisado antes e recebêssemos permissão, algumas pessoas poderiam entrar para ver. Mas, nesses dias, conforme Eduardo comentou, nunca se treinava nada de importante. Nada de técnicas avançadas. Nada de muitas acrobacias.

Fui assistir umas duas vezes, louca de curiosidade. O lugar era muito diferente, tinha sempre uma musiquinha chinesa de pano de fundo, a luminosidade não era das melhores. Havia instrumentos engraçados espalhados por todo o recinto,

coisas que os guerreiros usavam para treinar desde os primórdios da Arte Marcial. Havia um altar que ficava lá na frente, cheio de coisas.

E eu mantinha os olhos bem abertos para não perder nada.

Havia duas ou três moças apenas, mas que eram boas atletas, pelo que pude perceber. E para falar a verdade, todo mundo ali era bom no que fazia. Parecia um mundo à parte. Para mim, foi bem divertido, e o tempo passou logo.

Num desses dias, eles treinaram um pouco da técnica de *Chikow*, achei esquisitíssimo! Uma ou outra pessoa parecia estar em transe, pareciam manipular uma energia qualquer. Ela parecia estar ali, no ar, em volta deles, plenamente palpável!

Esquisito!...

E embora algo muito no íntimo nos alertasse sobre aquilo, não foi nada que déssemos muito ouvido. Deus já estava nos sinalizando alguma coisa. Uma espécie de sinal vermelho. Mas não paramos para ouvir, muito menos para obedecer. Se Eduardo largasse o *Kung Fu*, que seria dos nossos sonhos?!? Deus não poderia querer isso...

* * *

Embora Eduardo continuasse praticando *Kung Fu* com seriedade, levando em conta nossos planos futuros... dá para acreditar que eu não consegui levar adiante o curso de Medicina Esportiva, apesar do entusiasmo com a possibilidade da Academia? Nem eu mesma me reconhecia! Da Acupuntura já tinha desistido. E mais ou menos no meio do ano, o de Medicina Esportiva, mesmo sendo muito legal, também me desinteressou.

Hoje compreendo perfeitamente o que aconteceu. O curso era dividido em vários módulos, cada módulo acontecia em um departamento diferente da Faculdade. Um dos blocos, durante um mês, aconteceria justamente num departamento do Hospital que eu não conseguia entrar. Pelo menos, não naquele momento.

Naquele lugar, meu pai tinha passado os seus últimos dias, tinha feito os seus últimos exames. Ali ele tinha estado na véspera da sua morte. Eu não tinha forças em mim mesma para entrar naquele local, quanto mais durante um mês inteiro.

Na época, inventei mil desculpas para mim mesma; no fundo, eu sabia qual era o verdadeiro motivo. Mas não importava, eu não queria entrar lá. Não queria, não conseguiria! Aquilo me travou completamente.

Logo depois do falecimento do meu pai, eu sonhava todas as noites com o Médico que o atendera naquela semana. Que não fizera um diagnóstico preciso, *sei lá!*

Aquilo foi um tormento tão grande para mim, e os sonhos se repetiram tanto, que minha Psicóloga orientou-me a ir até o Hospital. Falar com ele. Esse episódio tinha acontecido alguns meses antes do começo do curso, quase um ano depois da morte dele.

Hesitei, hesitei. Mas fui. Primeiro, atrás do prontuário. Encontrei, mas não a informação que eu queria. Achei até estranho, porque mais de uma vez eu tinha visto o prontuário do meu pai. Finalmente, criei coragem para procurar o tal do Médico. Fui até meio rude, chorei, perguntei por que ele não tinha pedido pelo menos um Raio X de tórax diante daquele quadro.

Foi um mau pedaço... a explicação dele é o que menos importa, não mudaria as coisas... mas depois disso pelo menos eu deixei de sonhar com o Médico.

Por causa de tudo isso, eu *não queria* entrar naquele prédio. A possibilidade de ver aquele Médico, de ver pacientes com problemas semelhantes... *impossível!*

E larguei o curso.

Na primeira semana, o Coordenador me procurou, pediu que eu fosse conversar com ele. Eu praticamente não tinha faltas, certamente ele me convenceria a continuar. Por isso, não fui, ignorei completamente. Larguei tudo outra vez, pouco depois do meio do ano.

As coisas somente pioraram. Eu estava de novo na estaca zero!!! Todo o meu esforço dava em nada. Novamente, vieram as cobranças, porque agora estava novamente em casa, sem fazer nada. Eu ainda não estava bem, não estava bem mesmo! Continuava com meus tratamentos de saúde, tomando medicação, dormindo muito mal.

Nunca sonhava nada bom. Frequentemente, meu pai estava nos meus sonhos, mas sempre brigando, ele estava sempre contrariado comigo. Acordava com uma sensação horrível no peito. Esses sonhos foram assim durante muito tempo. Muito tempo.

Naquele ano, meu aniversário passou em brancas nuvens, com todos preocupados com o concerto do Marco que seria no mesmo dia. Minha mãe saiu logo cedo, e estava também brigada comigo, para variar. Eu fiquei fechada no meu quarto a maior parte do dia, até que Eduardo chegou do serviço.

Me encontrou chorando e muito deprimida, naquele dia de muita descompensação. Ele foi o meu consolo, o único que conseguiu me animar. E à

noite, quando fomos todos para o concerto, eu já estava um pouco melhor. No fim da apresentação, Marco dedicou-me a última música.

Haveria um coquetel depois. Era um clube muito chique de São Paulo, e aqueles concertos haviam chegado em boa hora. Duas moças estrangeiras tinham vindo com Marco para acompanhá-lo nos concertos. Eu me esforçava muito para conviver, mas não era fácil para mim. Mesmo porque, durante todo aquele ano, uma de minhas primas do interior morou em casa também. Estava fazendo um curso e precisava ficar em São Paulo.

Isso queria dizer que a casa estava *cheia*.

Qualquer problema, qualquer situação desagradável em família e quase sempre eu tinha que estar envolvida. Ou melhor: tinha que ficar *exposta*! Eu estava chata, ninguém tinha obrigação de ser paciente comigo. Por isso, só queria ficar sozinha. Era melhor assim, eu não me sentia compreendida; antes, me sentia julgada.

Apesar de não querer me expor, não tinha onde ficar! O que mais me incomodava era o fato de que todo mundo estava ali, presenciando aquela situação ruim. O período em que larguei o curso coincidiu exatamente com o momento em que a casa estava mais lotada. Era horrível esbarrar com pessoas estranhas o tempo todo!

Foram períodos de muita dor e solidão naquele ano. Excetuando o companheirismo de Eduardo e os encontros com Mayra, não suportaria aquele período tão sombrio e tão incerto, de tantas cobranças e tantas desavenças. A Terapia também ajudava. Mas não fazia milagres, claro!

Naquele dia do meu 27º aniversário, aproveitei para tomar outro belíssimo porre. No coquetel, depois do concerto, imprudentemente eles serviram excesso de bebidas alcoólicas com muito pouco alimento sólido. Eu fui bebendo, misturei champanhe com vinho branco e com uísque. Nunca tinha tomado uísque, mas rindo e rindo com Eduardo e minha prima (que também enxugava), nem me dei conta de que era melhor reduzir a dose.

Aquela risada compulsiva tinha um indescritível poder relaxante!!

Quase que o vexame foi ali mesmo. Até a hora de sairmos não tínhamos feito nada grave, embora minha prima bebesse bastante também. Mas quando entramos no carro, capotei no banco de trás e comecei logo a sentir aquele forte enjoo.

Tentei por toda lei controlar-me ao máximo. Entrei em casa sentindo o estômago virar, nem deu para chegar até o meu destino: o banheiro. Vomitei ali

mesmo, na sala, e Eduardo e minha mãe tiveram que cuidar da sujeira enquanto eu caía que nem morta na cama.

Tinha virado hábito. Sempre que eu podia, exagerava mesmo. Na semana seguinte, Mayra tinha acertado de fazer uma festinha dançante no salão de festas da casa dela.

Mayra inaugurou aquele moda na Igreja, e fizemos vários bailinhos gostosos em sua casa com o pessoal da Mocidade. Mayra era louca para dançar, assim como eu e mais alguns colegas. Dentre esses, a maioria dos nossos colegas do grupo de Teatro.

Eu tinha feito dança de salão durante um ano, antes de conhecer Eduardo, mas depois tive que parar, por motivo de força maior. Eduardo não gostava! Mas ali, nas nossas festinhas, ele não se incomodava, inclusive participava.

Nossas festas eram super-relaxantes! A gente dançava sem parar, o ambiente era familiar e acolhedor, todo mundo conhecia todo mundo. Cada um trazia um prato de qualquer coisa, alguns refrigerantes e água, e pronto! A noite estava completa! Ali eu poderia até mesmo dançar com alguns amigos do Teatro, sozinha, em grupo.

E era uma excelente válvula de escape para todo mundo. Todo mundo concordava que não tinha nada melhor do que gastar energia dançando! Lá pelas tantas, tinha quem acabasse tirando o sapato para poder dançar até não ter mais perna para dançar. Eu era uma das adeptas desse método.

Combinamos de fazer mais uma, com a desculpa do meu aniversário, apesar de já ter passado. Mas a verdade é que, nesse dia, cada um acabou trazendo mais alguém. Acabou tendo mais gente de fora do que de dentro. Minha prima, que estava morando em casa e não era crente, foi junto na festa. Levou sua irmã com o namorado também. Eles trouxeram escondido algumas bebidas. Foi o suficiente para beber bastante!

Nem me importava muito. Desde que me ajudasse a sair da realidade por algumas horas.

* * *

No segundo semestre, nosso plano de ir atrás das grandes Academias tinha que se concretizar. Não estava no nosso destino... mas a gente não sabia disso. Mandamos os currículos esperançosos. Não levou muito tempo, e logo começaram a chegar as respostas.

No começo, nem acreditamos que aquilo poderia ser verdade!

Os resultados estavam sendo muito positivos, os coordenadores de Esportes Marciais das Academias logo entravam em contato com Eduardo, interessados em marcar entrevistas. Ele vinha cheio de notícias:

- Olha só, Gatinha, adivinhe com quem falei hoje? Boas notícias!

- Conta aí, conta aí!

- Me ligaram daquela enorme Academia, a Mega Athletic Center, e marcaram uma entrevista. Estão bastante interessados.

- Oba! Não te disse que você tem tudo pra dar certo nessa área?! Fomos juntos à entrevista. Era dentro de um *Shopping*. Enquanto ele conversava, eu fiquei xeretando pela Academia. Era tudo enorme, nunca tinha entrado naqueles lugares onde tudo é de última geração, tudo elitizado, tudo muito bem montado, as salas lindas, cheias de espelhos, de cores. Era realmente de babar, para quem gosta disso é um prato cheio!

Eduardo saiu da entrevista com uma cara ótima, fomos tomar um café para conversarmos. Eu estava exultante.

- Adivinha só de quanto é o salário?

Nem dava para acreditar! Eduardo foi falando, contando os benefícios. Era de fato uma ótima oportunidade.

- Estou praticamente contratado. Gostaram muito de mim, do meu currículo e só vão esperar um dos coordenadores voltar de férias. Então fechamos o contrato. Adoraram a ideia do curso teórico! Encheram a bola, que meu perfil é excelente, minha experiência é excelente, enfim... sou tudo o que eles estavam precisando pra lidar com o público que frequenta essa Academia. Disseram que é difícil achar um Professor de Arte Marcial que possa trabalhar aqui porque o esporte em si sempre foi coisa que atrai outra classe de pessoas! Mas que eu sou *excelente...* etc., etc...!

Eu não cabia em mim de contente. Aquele era um futuro perfeito para nós dois!

Logo, outras entrevistas aconteceram. Numa das Academias, a Thriatlon, iriam começar imediatamente a divulgação do novo curso, chegaram a pedir fotos de Eduardo para fazer cartazes e marcaram uma apresentação. Tiramos *montanhas* de fotos artísticas, lindas! Na outra, a melhor de todas, aquela que nós estávamos realmente cobiçando com todas as forças, a Coliseum, o coordenador afirmou com todas as letras:

- Considere-se professor desta Academia, pode até vir aqui treinar todos os dias, se quiser. Você já tem entrada livre! Estamos apenas terminando a reforma de uma

das alas novas, vamos ter ainda mais espaço, coisa de um mês, mais ou menos. Então vamos abrir o seu curso na ala nova.

Foi supersimpático e até mesmo levou Eduardo para conhecer a sala que seria dele. Estava realmente quase pronta. A Academia era o sonho de todo Professor, e de todo aluno. Um verdadeiro *show*! Tinha de tudo, e tudo era mega! Ficamos esperando para comemorar de verdade quando o contrato fosse efetivado! Fazia tempo que a gente não se sentia tão animado com alguma coisa. Eduardo já estava pleiteando um novo emprego há algum tempo, escolhendo com calma, sem pressa nem precipitação. Quando saísse do cargo de Supervisor de Produto, queria ter o pé no chão e a cabeça fria, consciente de haver ganhado na mudança.

Mas diante da nossa quase absoluta certeza de que ele seria aceito como professor da Coliseum, Eduardo fez um acordo na Empresa. Foi mandado embora sem problemas, o seu chefe até lamentou a decisão. E Eduardo recebeu todos os seus direitos contratuais.

Daí ficamos à espera das confirmações. Enquanto isso, Eduardo continuou treinando com Mestre Zhy três vezes por semana, à noite, e dando aulas na pequena academia da qual já fazia parte e onde eu era sua aluna. Duas vezes por semana. Foi aí que aconteceu uma coisa estranha...

Todas as Academias, antes tão interessadas e já praticamente fechando os contratos, começaram subitamente a dar para trás.

O coordenador da Mega Athletic Center, que voltou de férias, não se empolgou em contratar mais um Professor, embora os demais tivessem garantido que ele iria adorar. As fotos e cartazes, a apresentação marcada na Thriatlon... foi tudo cancelado do nada. E a tal reforma da Coliseum, nunca mais que acabava.

No entanto, como o responsável da Coliseum continuava incentivando Eduardo, sempre reafirmando as mesmas coisas cada vez que ele telefonava, continuamos na expectativa. Para todos os efeitos, Eduardo logo estaria ativo na Academia, o coordenador chegou mesmo a apresentá-lo a outros professores: “Este é o nosso futuro colega, o professor Eduardo!”. Parecia muito estranho que, de repente, tudo desse errado daquela maneira. Não poderia ser que fosse acontecer a mesma coisa com a Coliseum!

Diante da incerteza, passamos a orar pedindo a Deus que confirmasse a vaga. E que, se não fosse propósito Dele, que fechasse suas portas de vez. Claro que esse não era o nosso desejo, mas alguma coisa parecia estar errada. Que horrível que era a indecisão! Não poderíamos esperar a vida toda!

Embora a rescisão contratual e o salário da academia onde Eduardo dava aulas suprissem nossas necessidades, aquele dinheiro extra não iria durar para sempre. Apenas o salário da academia não seria suficiente porque Eduardo ganhava por aluno, não tinha salário fixo, como acontecia nas grandes Academias.

Não queríamos desistir da ideia. A única possibilidade que sobrava seria investir um pouco mais em *marketing*. Ou seja, organizamos uma apresentação.

Isso talvez trouxesse mais alunos ali na academia de bairro. Assim, ganharíamos tempo esperando pela resposta da Coliseum, e talvez Eduardo não precisasse procurar serviço em outra Empresa.

Não ficamos com medo do trabalho duro, nem de tentar uma coisa nova. Tanto Eduardo quanto eu tínhamos coragem suficiente para tentar o inusitado! Então fomos atrás, fizemos a divulgação por nós mesmos, passamos vários dias distribuindo panfletos nos faróis e nas portas das escolas do bairro, no *Shopping*, nos arredores. Procurando arrebanhar gente para a tal apresentação.

Passamos alguns dias nessa tarefa insólita, debaixo de sol e até de chuva. Se a gente não corresse atrás do que queria, ninguém faria isso por nós!...

Enquanto isso, a gente ia orando.

No dia da apresentação, apesar dos nossos esforços, não tinha praticamente *ninguém*. Eduardo saiu-se bem, mas, incrivelmente, teve um mal-estar no meio da coisa, do nada. Algo totalmente incomum. Sentiu vertigens, vista escura, taquicardia e falta de ar.

No final das contas, todo aquele esforço foi em vão. Frustrados, começamos a achar que não iria ter outro jeito a não ser Eduardo voltar a trabalhar normalmente numa Empresa. Ele não tinha nada contra o trabalho na área Financeira, mas é lógico que ele estaria muito mais feliz trabalhando com o *Kung Fu*.

Será que o diabo estava impedindo Eduardo de fazer o que ele gostava, de ter um bom emprego? No nosso íntimo, é claro que existia essa possibilidade, o diabo sempre quer atrapalhar a vida dos Cristãos. Mas, lá no fundo, começamos a imaginar que talvez fosse Deus que não quisesse esse caminho para ele. Para nós.

Mesmo assim, nós ainda não estávamos dispostos a levar isso muito a sério.

A Coliseum acabou dando uma resposta tola. De repente, começaram a achar que o curso de Eduardo iria conflitar com o curso de *Kung Fu* que já existia. Mesmo tendo acabado a reforma, telefonaram e optaram por não contratá-lo de imediato. Uma maneira polida de recusar!

Foi realmente uma grande decepção! Aquela comemoração que nós queríamos fazer nunca aconteceu. A apostila que eu desenvolvi não estava servindo para nada. Tudo parecia atravancado! Que frustração enorme! Nada dava certo!

Não poderíamos continuar assim, de forma que Eduardo foi novamente em busca de emprego. E continuou dando aulas naquela academiuzinha; não deixava de ser um bico para ganhar um pouco mais.

Naquela época, ele não tinha nenhuma dificuldade em empregar-se, apesar de não ter o curso superior. Ele me explicava o milagre:

– Eu aprendi na prática, não há problema quanto a isso! Mas acontece que, pra participar de qualquer processo de seleção, preciso apresentar o diploma. Pra que me deixem *pelo menos* concorrer à vaga, preciso do diploma do curso superior.

– Sim, já sei dessa história. – eu sabia de uma parte dos métodos pouco convencionais que Eduardo teve para ascender profissionalmente.

– E você vai usar o mesmo recurso de sempre? – perguntei.

– Sim, claro, né? Afinal, trata-se apenas de um pedaço de papel. O importante é que eu saiba o que é preciso saber.

Concordei.

Nós sabíamos que aquilo era algo delicado. Nos perguntávamos se agradava a Deus. No entanto, o que fazer?! Essas eram as regras. A gente tinha que dançar segundo as regras, e não havia nenhuma chance de Eduardo conseguir um cargo como o que ele estava acostumado... sem ter feito Faculdade.

Eduardo tinha como comprovar o curso que ele nunca fizera. Wang – seu antigo amigo chinês – tinha podido ajudá-lo nisso, o que fizera de bom grado. Os dois falsificaram vários diplomas, de vários cursos. Era o que Eduardo precisava para apresentar nas entrevistas.

Muitas coisas seriam confrontadas nas nossas vidas. Mas ainda não tinha chegado o tempo! Estava próximo, nós não sabíamos, mas estava vindo. Nós teríamos que deixar de lado muita coisa.

Como eu já disse, embora fôssemos Cristãos, muita coisa em nossas vidas ainda não tinha sido confrontada. Enquanto isso não acontecesse de forma mais impactante, nós não poderíamos discernir muito bem como agia e reagia o Mundo Espiritual à nossa volta.

Eduardo havia contado bastante sobre a tal da Seita, mas nada muito profundo, ele mesmo tinha receio de tocar no assunto. Longe de nós viver em função daquilo, a gente tinha mais o que fazer. Como cuidar da vida, pensar no futuro,

fazer planos. Não paramos para pensar no que Deus queria do futuro. Ou o que o diabo estava inventando.

Eu sabia daquele tal decreto, por exemplo, aquela maldição – de que Eduardo não completaria 33 anos de idade. Embora aquilo incomodasse, procurava pensar como todos os Cristãos pensam:

“Mas Deus é mais Poderoso!”

Realmente, Deus é mais Poderoso. Mas aquela era uma atitude simplista e, mais ainda... conformista! Um tanto triunfalista... em outras palavras: errada!

Porque nos isenta de toda a responsabilidade. Dizemos “Deus é quem faz” e, indiretamente, nos acomodamos. O conhecimento da *letra*, da Palavra *Logos*, não nos traz revelação – necessariamente – de quem é o Criador. Ouvir falar Dele não é o mesmo que andar com Ele.

Para que isso aconteça, para que a gente saia da letra para a *Vida*, é preciso acontecer alguma coisa! Quem transforma é o Espírito Santo, claro, mas muitas vezes as ferramentas do processo são as mais diferentes possíveis. Até mesmo o inimigo serve para isso.

Conosco não iria ser diferente. Estava chegando o tempo. Teria que haver *algo mais* que se tornasse mola propulsora da transformação. A mola propulsora seria aquele rio, caudaloso, de águas barrentas, com corredeiras fortes que arrastam tudo que veem pela frente. Um rio que estava nascendo no coração da Irmandade e nos abalroaria. Dele jorrariam uma série de eventos intempestivos que mudariam nossas vidas.

Essa tormenta veio da Irmandade. Sim. *Mas o processo como um todo* nasceu no coração de Deus! Era exatamente isso que nós não tínhamos a *menor ideia* naquela época. Então... como haveríamos de aprender? Ou melhor, *o que* havia para ser aprendido? Como aprender aquilo que a gente não sabe que tem que aprender?

O Cristianismo que eu conhecia era aquele, não havia outro! Meu coração sempre esteve disposto a agradar a Deus. Nem sempre conseguia fazer certo, só que eu *queria* fazer certo! Queria muito, sinceramente.

Mas naquela vida que levava com Deus, havia uma zona nebulosa, cheia de aspectos pouco compreendidos. Eu sabia que havia um *algo mais*. Algo mais parecido com a vida abundante mencionada na Palavra. Mas e aí? A gente quase nunca via quem experimentasse isso *de fato*! Parecia ser algo para uns poucos privilegiados, os grandes Pregadores, os Profetas de Deus... não era em todo lugar que se poderia encontrar pessoas que viveram grandes coisas com o Senhor.

Não fazia parte do dia a dia dos reles mortais!

Além disso, por mais que antigamente eu tivesse pensado num futuro como Missionária, nada acontecera em minha vida que trouxesse direção nesse sentido. E Eduardo, decididamente, não era a pessoa mais disposta a encarar algo semelhante.

Que fazer?...

Nada melhor do que ir levando a nossa vidinha, fazendo os nossos planos. Não havia por que mudar.

Tinha voltado a ajudar a escrever o livro da vida de Eduardo, mas em ritmo de cruzeiro, dedicando-me principalmente ao começo, isto é, às experiências com a “29”. Depois, passava meses sem ajudar em nada. Não acreditava que aquilo fosse virar um livro de verdade, um dia. Era melhor esquecer tudo. Nosso futuro era montar uma Academia, essa era a verdade. E ponto final!

O melhor era cuidar da vida!!

Esse era o meu modo de pensar. Iríamos viver o melhor possível como Cristãos, mas ninguém tinha que ficar em função daquele passado vivido na Seita. Naquela época, embora eu não soubesse, Eduardo pensava diferente. Ele achava que não viveria. Que realmente não escaparia. Que, uma vez chegado o seu tempo, nada poderia livrá-lo da vingança de Lucifer.

* * *

Eduardo não demorou a estar muito bem empregado novamente. Numa conhecida Multinacional, como Analista Econômico-Financeiro. Um belo emprego!

Eu observava aquele bom desempenho e, embora não me agradasse o diploma falso, orgulhava-me de Eduardo por sua inteligência e versatilidade. O diploma era falso, mas a sua inteligência, real. Concorreu com mais de oitenta candidatos e passou por uma peneira fina bastante difícil. Fez dois testes muito específicos, além das entrevistas. Todos os outros candidatos tinham a Faculdade, alguns até mesmo duas Faculdades.

Mas foi Eduardo que ocupou uma das três vagas disponíveis. A outra foi também preenchida, mas a terceira ficou em aberto porque não encontraram alguém à altura. Aquela era uma Empresa reconhecida por ser criteriosa na escolha dos funcionários.

No dia em que Eduardo tinha a última entrevista, fui esperá-lo na saída. Aquele dia seria decisivo. Ele veio ao meu encontro satisfeito por poder dar-me a boa notícia:

– Tive hoje a entrevista com aquele diretor todo-poderoso. Ele me elogiou bastante... fui bem! E estou *empregado*. – eu fiquei muito feliz, orgulhosa dele.

– Poxa, mas que bom, Nenê! A gente tem que comemorar! Vamos comemorar?

– Pode ser, vamos jantar no Viena?! – durante o caminho fomos conversando.

– Realmente, você *sabe* mesmo, hein? Sabe, tenho que te confessar... eu não acreditava muito nessa sua história, não! De ter aprendido sem estudar. Mas agora tive que acreditar, vi com meus olhos. Você conseguiu um emprego muito bom! Se não soubesse realmente, não iria ter a mínima chance.

– Sem estudar, em termos... eu estudei, só que de maneira pouco convencional! O diretor disse que eu sou muito promissor, tenho futuro...

Eduardo até ficou emocionado, quase derrubou uma lágrima. Não era sempre que as pessoas viam algum valor nele.

– Coitadinho!... – falei dando uns tapinhas no seu ombro enquanto dirigia, procurando brincar. – Mas não fica assim, isso é ótimo, ó... tá vendo como você é uma pessoa de valor?! Uma pessoa especial, inteligente, capaz? Viu?

– Pois é, “Mô”, pois é! Que bom!

E assim Eduardo começou a trabalhar ali. A segunda metade do segundo semestre daquele ano já tinha começado. Quando saiu o primeiro salário dele, resolvemos comemorar de novo e fazer um programa diferente.

Eu gostava muito de Teatro e de dança, isso não é novidade para ninguém. Então me interessei por uma peça associada com dança flamenca. Não era muito barato, mas ficaria poucos dias em cartaz. Despertou-me muito o interesse. Chamava-se *O Amor Bruxo*.

Combinamos com mais três ou quatro pessoas da Igreja, compramos os ingressos com antecedência e arrumamos um ótimo lugar.

Foi divertido, e a apresentação, maravilhosa. Eu gostei bastante!

Mas, nesse dia, comecei a perceber melhor uma faceta de Eduardo que até então eu não conhecia. Não seria bem uma *faceta*, talvez não seja esse o termo, era antes uma deficiência... um problema!

Eu sabia que o problema *existia*, mas não tinha visto necessidade de parar para pensar mais tempo no assunto. Não parecia ser um problema muito importante. Mas, naquela ocasião, comecei a imaginar que talvez fosse apenas a ponta de um *iceberg*...

Naquela noite, saímos do Teatro, e eu o deixei em casa antes de ir para a minha. Como de costume. Liguei para ele em seguida, avisei que tinha chegado bem, demos boa-noite um ao outro e fomos dormir.

“Dormir”, modo de dizer! Desde que deixara o curso de Medicina Esportiva que novamente quase inverti o dia pela noite. Eu gostava muito de ficar acordada até de madrugada, até três, quatro horas da manhã. E acordava tardíssimo no outro dia.

Não deixava de ser uma espécie de fuga, porque, no meu íntimo, eu pensava: “Para que acordar cedo? Eu não tenho *nada* para fazer... vou ficar olhando para as paredes o dia todo!”

Até então, tinha estado ocupada com a apostila de *Kung Fu*. Mas agora já terminara aquele trabalho que me custou algumas semanas. O livro da história de Eduardo, eu simplesmente não tinha ajudado mais, tinha parado de novo.

Então acordava tarde mesmo, já ia direto para o almoço. Enrolava um pouco de tarde, via TV. Não conseguia fazer nada de produtivo, não tinha nenhuma vontade. Aí tomava banho e ia ao encontro de Eduardo, no final da tarde. Assim foram os meus dias em todo o restante daquele ano tão incerto, naqueles três meses que se seguiram à entrada de Eduardo no emprego.

No dia seguinte à apresentação de Flamenco, liguei para Eduardo, à tarde, para dar um “oi”, como sempre. Fiz a pergunta costumeira:

– Você descansou bem, Nenê? Dormiu bem? – e a resposta veio meio cansada, meio evasiva:

– Ah! Mais ou menos, não dormi muito bem, não...

Eu estava sempre preocupada com o descanso de Eduardo, com sua saúde, de forma que fiz a pergunta óbvia:

– Poxa, mas você estava tão cansado ontem... o que foi que aconteceu?

– Sei lá. – começou ele. – Acho que tive uma insônia... Mas o tom de voz dele não me convenceu.

– Insônia?! Vá! Você nunca tem insônia! O que aconteceu, Eduardo? Seus irmãos fizeram barulho, ou a sua mãe?

Insisti um pouco ainda, até que finalmente veio a verdadeira resposta.

– É que aquele espetáculo de ontem... algumas partes me lembraram um pouco dos Rituais.

– Da Seita?

– É! Sabe, aquela parte quando teve toda aquela fumaça, aquela luz avermelhada. Não me causou uma boa sensação... e depois acabei sonhando coisas

ruins.

– Mas que tipo de coisas ruins, Nenê? Poxa vida... já não é a primeira vez que acontece, né? – eu estava condoída e preocupada ao mesmo tempo.

– Volta e meia eu acabo sonhando. Às vezes alguma coisa do dia a dia me desperta a lembrança, e depois... sabe como é que é o subconsciente, o inconsciente...

Eu queria poder ajudá-lo. Não era bom que ele vivesse daquele jeito, atormentado por fantasmas do passado.

– Tudo aquilo foi muito traumático, né, Nenê? Mas olha... deve ter uma maneira de melhorar isso. Não digo que uma Terapia, porque você não pode sair por aí contando essas coisas pra um terapeuta... mas quem sabe uma Cura Interior? Você já ouviu falar sobre isso?

– Cura Interior?! O que é isso?

– Bom, a nossa Igreja não tem essa visão, mas, na minha antiga Igreja, eles ensinavam um pouco. Eu aprendi lá. Através da oração, confessando pecados antigos, renunciando envolvimento com coisas do diabo, você obtém uma cura que, de outra forma, não aconteceria! Entende?

– Mais ou menos. Nunca ouvi falar disso.

– Não são todas as Igrejas que têm esse conhecimento. Mas talvez a gente pudesse tentar ir atrás. Você não pode viver assim, na pior das hipóteses a única coisa que pode acontecer é não dar certo. Mas temos que tentar buscar uma solução, você não pode carregar esse peso todo com você. Deus pode te curar! Ele não quer que você viva assim!

Eduardo não parecia muito convencido, e murmurou meio contrariado:

– Mas eu fiz de tudo pra esquecer o que aconteceu. Durante anos, lutei comigo mesmo pra simplesmente apagar da minha mente essa história, esquecer que isso um dia existiu, que fez parte da minha vida. Lutei muito! E acho que consegui. Não me lembro facilmente dessas coisas, só quando alguma coisa puxa o fio da meada...

– Então, tá vendo? É sinal de que ainda está tudo lá. – eu procurava convencê-lo. – Sabe... isso que você tem feito é uma fuga, eu compreendo que esse foi o melhor caminho até agora. Esquecer, simplesmente. Mas pense bem... você não é uma pessoa “desmemoriada”. Quer dizer, por mais esforço que faça pra esquecer, não vai esquecer *de verdade*. Vai somente *fazer de conta* que aquilo não está mais lá. Mas, por mais que você se esforce, essas lembranças nunca vão te dar paz, porque não foram *tratadas*, entende? Cedo ou tarde você vai acabar sendo

influenciado por elas, se é que já não é. Falar sobre isso talvez seja uma boa maneira de você ser curado. Podemos pedir pra Deus trazer cura à sua alma! Pra que você fique livre desse tormento nas lembranças, desse peso... e então, mais tarde, quando você estiver bem, elas vão acontecer naturalmente. Os seus sentimentos em relação às lembranças é que terão mudado. E não vão mais te causar mal!

Eu acreditava que aquilo poderia ser solução de fato. Senão, nunca teria incentivado Eduardo a isso.

Ele parece que ficou pensativo, mesmo assim, ainda tentou achar argumentos contra:

– Você sabe que eu não posso falar sobre isso com qualquer um. É uma coisa muito séria. Vou falar com quem? Depois... sempre ouvi dizer que Cristo já me perdoou. Eu não preciso ficar falando sobre isso, Ele já não me perdoou?

– Claro que já te perdoou, você é filho de Deus! Mas você está colhendo consequências da sua vida pregressa. E Deus quer que você esteja bem, que viva em paz. Como você pode viver em paz tendo pesadelos, sonhando com Rituais, sendo incomodado por coisas até bobas no cotidiano? Um pouco de sangue, combinações de cores, certas músicas... sabe o que tudo isso me mostra?

– Hum?

– Que por mais esforço que você tenha feito, tudo isso está muito vivo aí dentro. E você precisa da libertação dessas coisas!

– Mas Cristo não pode me curar se eu pedir?

– Poder, pode. Mas acho que, de certa forma, nas nossas orações, nós sempre temos pedido por isso, não é? Você já é convertido há vários anos, já foi batizado, já confessou seus pecados, frequenta uma Igreja, procura levar uma vida reta, limpa, já foi muito transformado, já não é mais a mesma pessoa de antes... aparentemente... não está faltando nada, né?! Mas eu te conheço, eu sei que você não está mentindo quando diz o quanto certas coisas têm o poder de te perturbar. Não é sempre, mas acontece.

– E?

– Não é mesmo? É isso que estou dizendo, talvez você precise de mais alguma coisa. No seu caso, talvez seja preciso. Lá, no texto de Tiago, diz pra que a gente “confesse os pecados uns aos outros, pra sermos curados”. Sinal que existem certos aspectos da nossa vida, certas práticas, certas influências anteriores que necessitam de uma ação especial do Espírito de Deus pra que a gente tenha a cura. Talvez você tenha que confessar o seu pecado a alguém... pra receber essa cura.

Eduardo ficou de pensar melhor a respeito. E eu fiquei também com aquilo na cabeça. Eu não saberia explicar porque aquele era o caminho certo, mas na minha cabeça, *era* o certo!

Sim, eu conhecia e tinha ouvido falar de vários Ministérios para os quais a palavra “Ministração” já soava como heresia. Mas não era essa a minha visão, nem o que eu tinha aprendido até então. Eu sabia que a quebra de vínculos e de maldições tinha sua importância. Eu mesma já tinha passado por aquilo. Sentia que Eduardo precisava da mesma coisa.

Ficava a grande questão. Era preciso encontrar alguém com capacidade de fazer isso, e fazer bem feito. Alguém que tivesse um Ministério sério naquela área, que tivesse bastante experiência.

Deus precisava pôr a Sua Mão naquela história sem pé nem cabeça de Eduardo. Eu sabia pouco, como falei antes; ele nunca tinha nem sequer mencionado a palavra “Irmandade”. Sempre se referia como sendo “a Seita”, ou “a Church”.

Por isso, não tinha uma ideia global de tudo o que acontecera com ele, apenas episódios isolados, conceitos isolados. Nunca tinha ouvido falar melhor sobre a intensidade de tudo aquilo, daquela vida estranha que ele tinha levado durante seis anos.

Às vezes, Eduardo também mencionava Marlon, mas nunca tinha dito nada sobre os outros. Comentava muito superficialmente sobre Thalya. E ia ficando por isso mesmo. Eduardo era evasivo o suficiente para parecer que falava bastante, mas sem entrar a fundo.

Mas, de repente, eu sentia no meu íntimo aquela necessidade: Eduardo precisava ser ministrado. Precisava!

E concordou em pedir uma sugestão ao Pastor da Igreja que minha mãe frequentava, que eu e Marco também tínhamos frequentado antigamente.

Nossa atual Igreja não tinha essa visão nessa área. Eu e Eduardo sabíamos disso. Eles tinham visões especiais de outras áreas, por exemplo, a questão da assistência social, da comunhão entre os irmãos. Esse era um ponto positivo e forte ali entre eles.

Só que desde que Eduardo tinha em vão tentado conversar com o Pastor Neliton que nunca mais abriu a boca.

– Respeito muito os Pastores da nossa Igreja, eles me acolheram e procuraram fazer o melhor por mim dentro daquilo que julgaram necessário. Dentro daquilo que eles conhecem! Mas eu sei que não têm visão dessa parte de Batalha Espiritual e desses negócios de Ministração... aliás, no começo eu vim frequentar essa Igreja

justamente por causa disso. Parecia ser um ótimo esconderijo. Embora a pregação fosse boa, eles nunca mencionavam o diabo, a luta, essas coisas. A “Church” nunca se incomodaria com uma Igreja assim. Portanto, era um ótimo lugar pra me entrosar... jogar bola... conviver. Mas estaria escondido! O Culto era dinâmico, alegre, agitado... eu gostava... e sabia que nunca iriam me achar ali!

Fomos então conversar com o Pastor titular da outra Igreja. Eu não achava que ele mesmo iria ministrar Eduardo, mas queria ouvir sua opinião. Queria ter o aval de alguém para procurar outra pessoa que tinha em mente. Não poderia fazer nada às loucas, de forma nenhuma!

Assim foi. Eduardo já tinha conversado uma ou outra vez com o Pastor da Igreja de Mamãe, tínhamos estado lá algumas vezes. Mas, naquele dia, nós fomos ao seu encontro com a pergunta nos lábios. Explicamos, em poucas palavras, que tipo de envolvimento Eduardo tivera no passado.

– E achamos que ele está precisando passar por uma Minистраção, ser liberto desses traumas, desse jugo... o que o senhor acha?

– Eu acho que é muito válido! – respondeu ele de imediato e com seriedade. – Pelo que vocês estão dizendo, acho até que é *fundamental*.

Era o que eu queria escutar. Realmente, *era* o caminho, não importava o que pensavam os nossos próprios Pastores.

– Mas não sei se eu seria a pessoa ideal – continuou ele, talvez pensando que fôssemos lhe pedir aquilo. – Embora compartilhe da visão e da necessidade da Minистраção, tenho muito pouca experiência na área. E pelo pouco que vocês estão falando, dá pra ver que foi um envolvimento muito pesado.

– O senhor tem razão! – continuei. – Se não for pra fazer bem feito, o melhor é nem mexer, não é?

Ele assentiu várias vezes com a cabeça, ainda sem dizer nada. Sem sugerir ninguém. Então perguntei:

– Olha... eu não conheço pessoalmente essa pessoa... mas já ouvi falar bastante dela. E queria sua opinião, a opinião de mais alguém. Pensei em ir atrás da Grace.

O nome era familiar para a maioria dos Evangélicos, embora as opiniões se dividissem muito a respeito dela. Havia quem fosse terminantemente a favor e quem fosse terminantemente contra.

– O que o senhor acha?! – indaguei sem mais rodeios. Ele não titubeou.

– Acho perfeito! Vocês devem mesmo procurá-la. Talvez seja a pessoa ideal, e já que você mesma teve essa direção...

– Bom... não dá pra dizer que foi uma “direção”, mas não consegui pensar em mais ninguém.

De fato. Grace era um nome *chave*.

– Procurem a Grace. Procurem! Certamente vai ser bom pra vocês – concluiu o Pastor.

Sáímos de lá com sentimentos ainda um pouco divididos. Eu estava decidida em ir atrás do Ministério da Grace. Mas Eduardo estava um pouco confuso, um pouco temeroso sobre o que aconteceria se eu tivesse sucesso na minha empreitada.

– Você tem certeza de que isso é mesmo necessário? – falou ele, demonstrando preocupação. – Eu estou *bem*! Pra que ficar mexendo nisso?

– Ah, Nenê! Eu não tenho tanta certeza assim de que você está bem. E eu quero que você fique bem... tudo o que eu quero é isso! Você acha que vou fazer alguma coisa pra te prejudicar? Mas você precisa contar essa história pra alguém, nem que seja uma vez só. É preciso colocar tudo pra fora, Nenê! Tenho certeza de que vai ser terapêutico, vai fazer bem! Deixa eu tentar encontrar essa mulher, vá! Se depois de conhecê-la ela não te inspirar confiança, sempre é tempo de voltar atrás e procurar outra pessoa. Não é?

Procurei falar com todo o carinho e boa vontade do mundo. Concordo que era uma decisão difícil e delicada para ele. Para *nós dois*, a bem da verdade, porque aquilo era um desconforto também para mim. Além da responsabilidade, lógico, porque, se não fosse a minha insistência, Eduardo nunca pensaria em desnudar-se assim.

– Edu... você não tem que carregar esse peso sozinho. Está muito pesado pra você, eu sei. Por mais que você não fale a respeito, eu sei disso. Algumas atitudes, alguns “deslizes”, por assim dizer, contam muito mais do que você diz. E acho que é importante a gente procurar ajuda. Não se preocupe. Vamos estar juntos nessa coisa toda! Eu vou estar com você.

Então ele concordou:

– Tá bom. Tenta encontrar essa tal de Grace. E aí veremos!

CAPÍTULO 7 (EDUARDO)

Eu pensei que Isabela não teria sucesso e que não encontraria Grace. Por isso, fiquei mais tranquilo. No entanto, não foi tão difícil quanto pensei. Grace tinha alguns livros publicados, e Isabela foi pelo caminho certo, ligou para a Editora, ficou sabendo a que Ministério ela estava ligada. Grace era, antes de tudo, uma Missionária.

Daí Isabela ligou para o Ministério do qual ela fazia parte. Ali, rodando um pouco de pessoa em pessoa, logo conseguiu um número que, conforme lhe disseram, era da sua secretária. E ligou para tomar informações.

De fato, era da secretária da Grace.

Isabela logo estava de posse dos dados que precisávamos. Veio me contar, toda satisfeita.

– Ela me disse que, antes de passar pela Minистраção, a pessoa interessada tem que fazer um curso dirigido pela Grace. Dura um final de semana.

– Ah! Então não tem jeito mesmo de a gente marcar uma entrevista antes?

– Não tem jeito. É assim que funciona, ela só ministra depois que as pessoas fazem o curso.

– Bom... e quando é que é o curso?

– Aqui em São Paulo não tem mais nenhum esse ano. Pra gente, o mais próximo é em Santo André. Em dezembro.

– Poxa... só em dezembro? – intimamente, eu estava aliviado.

– Só em dezembro. Os outros são completamente fora de mão, em cidades bem mais distantes.

– Me passa então a data pra anotar na agenda.

– Ela me deu os dias, vai ser no início de dezembro. Ou seja, ainda tem bastante tempo.

Nada havia a fazer senão esperar.

Eu não liguei a mínima, pelo contrário, pensei que tinha me livrado de boa. Marquei a data na agenda e tratei de esquecer delas. Mas estava era enganado que

Isabela me deixasse comer broa.

A vida continuou rolando normalmente. Eu já estava adaptado no emprego, mas Isabela se estressava porque o fim do ano estava próximo e ela não tinha a mínima ideia do que faria quando chegasse o novo ano. Eu tentava ajudar da melhor maneira que podia, e, no meu entender, o melhor era não forçar nenhuma decisão precipitada. No que dependia de mim, ela teria o tempo que precisasse para voltar a estar bem e pensar com calma.

Qual não foi minha surpresa quando ela me contou a intenção de prestar novamente uma Residência. Psiquiatria. A partir daí, até tentou estudar um pouco. Nesse ínterim, entrou o mês de novembro.

Certa tarde, eu estava no serviço, e, de repente, Isabela me ligou pela segunda vez. A gente já tinha se falado “oi”... o que será que ela queria?

– Oi, “Mô”! Que foi?

– Oi, Nenê, sabe que é? Eu estava aqui em casa e, de repente, do nada... me veio uma sensação sobre o tal curso da Grace. Relativizei um pouco, afinal, faltam ainda várias semanas. Quer dizer, *faltavam*! Resolvi dar uma ligadinha pra secretária, só por desincargo de consciência. Pra saber em que pé andava o curso, se era aquilo mesmo. Sei lá! E pro meu espanto e indignação: o curso foi antecipado, vai ser neste mesmo final de semana. Isto é, daqui a *dois dias*!

– Puxa vida! Mas já?! Mas não era em dezembro?

– Seria, mas a data foi mudada. Fiquei aflita que não desse tempo de fazer a inscrição!

– Então a gente não vai, né?

– Vaaaaamos, sim! Pode fazer por telefone, ou mesmo na hora.

– Tem que pagar alguma coisa?

– O preço é praticamente simbólico.

– Ah, ótimo! – mas eu não estava nem um pouco satisfeito.

Isabela conseguiu me convencer. Mas não antes que eu retrucasse um pouco.

– Eu estava programando outra coisa pro fim de semana! – reclamei. – Queria levar você pra comer algo diferente, você precisa espairar a cabeça. Não precisa?

Mas ela nem me deixava continuar muito.

– Mas, Eduardo, isso a gente pode fazer em qualquer outro final de semana. Neste, é melhor que a gente vá pra Santo André. Afinal, tínhamos combinado assim, não foi?

– Mas, caramba! Eu não esperava que fosse ser *agora*! Precisava me preparar psicologicamente pra isso!!!

– Eu sei, mas foi um imprevisto. E se eu não tivesse ligado hoje? Já imaginou? Foi Deus quem não deixou a gente perder esse curso, sinal que deve ser mesmo a direção certa. Vai... não complica... eu vou estar com você!

Concordei meio a contragosto.

– Puxa, isso vai ser jogo duro. Começa quando mesmo?

– Sexta-feira à noite.

– Sexta??? E a gente vai se mandar na sexta pra esse fim de mundo?

– Dá um jeitinho de sair mais cedo, Nenê. Não é o fim do mundo. Diz que você vai fazer um curso, inventa alguma coisa, né? É por uma boa causa!

Suspirei fundo, mas não tive outra alternativa senão concordar.

Desliguei o telefone ainda suspirando. E intimamente torcendo para que realmente Grace não fosse aquilo que esperávamos, nem pudesse nos ajudar; pretendia me esquivar a todo custo, e se ela me decepcionasse logo de cara, seria difícil Isabela convencer-me a uma segunda tentativa.

Bem lá no fundo da alma, eu tinha uma mínima esperança de que aquilo me ajudasse. Bem mínima. Não deixava de ser um risco. Eu estava no escuro.

“Puxa vida! Mais essa...!”

* * *

Saímos com bastante antecedência na sexta-feira. Eu realmente procurei me esforçar, mas não estava muito animado. Isabela tentou por toda lei incentivar-me e deixar-me à vontade.

– Mas o que a gente está mesmo indo fazer lá? – perguntei, meio mal-humorado.

– Nenê, nós já não conversamos sobre isso? Esqueceu? Vamos procurar alguém que possa ajudá-lo. Você precisa de ajuda, só não quer admitir isso.

Isabela sempre teve uma sensibilidade à flor da pele. Não adiantava querer esconder, dar uma de João-sem-braço. Era muito difícil que eu admitisse uma fraqueza, até mesmo para mim. Mas tudo o que eu não dizia, Isabela acabava pressentindo. Eu sabia que ela estava com a razão, mas estava muito receoso do que poderia acontecer.

Depois, tudo poderia acabar numa enorme perda de tempo!

Pelejamos bastante para descobrir o caminho, estava muito trânsito, estava tudo caótico! Mas, afinal, achamos a tal da Igreja. Era pequena. Pequena mesmo, quase uma casinha. Uma Assembleia de Deus.

Olhei para a fachada azul e branca, já estava escurecendo. Que vontade de dar meia-volta! Não fosse a curiosidade de conhecer a tão falada Grace. Chegamos perto para tomar informações, havia ali na porta um burburinho de pessoas. Nos acotovelamos no meio do pessoal que se aglomerava em torno de uma mesinha.

– Acho que ali estão fazendo as inscrições. – murmurou Isabela. Era fato.

Nossos crachás já estavam à disposição porque Isabela tinha passado os dados por telefone. Eu paguei, e nós nos acomodamos. Faltava ainda um certo tempo para começar. Eu nunca tinha estado numa Igreja tão pequena. Não demorou muito, e a Igrejinha praticamente lotou. E começou o Louvor.

– Eu estou curiosa pra saber quem é a Grace... – cochichou Isabela, antes de se concentrar no Louvor. – Será que ela já está aí?

– Deve estar, já está quase na hora!

Logo, fomos satisfeitos na nossa curiosidade. Esticamos um pescoço comprido quando percebemos que o Louvor terminava e os responsáveis pelo curso tomavam lugar à frente.

Grace era bem diferente do que imaginávamos, uma senhora pequenina, que falava baixo, com o cabelo todo arrumadinho. Naquela noite, houve uma introdução do assunto. Saímos tarde, voltamos para São Paulo sabendo que no dia seguinte teríamos uma visão mais completa de tudo.

O curso começava cedinho, de forma que nem deu para dormir muito.

Confesso que eu estava interessado em saber que tipo de coisa ela iria falar, o que ela sabia, afinal. Mas não foi tudo que compreendi logo de cara. Algumas coisas me tocaram bastante; outras, nada me disseram. Gostei especialmente da palavra da própria Grace, mas havia outras pessoas com quem ela dividia os horários das palestras.

A parte que nós estávamos esperando, a Ministração, foi explicada logo cedo no sábado. Cada participante preencheria uma ficha bastante extensa que abordava de tudo. Respondendo àquele questionário haveria um desnudamento dos tipos de envolvimento e práticas significativas que a pessoa tivera no passado.

Por exemplo: a ficha abordava todo tipo de seitas e práticas religiosas, desde as mais comuns até as esotéricas, ou já indo mais para o lado satânico da coisa. Um segundo aspecto eram as outras coisas que a pessoa tinha feito e que não necessariamente tinham a ver com práticas religiosas. Todo tipo de perversões e práticas ilícitas. Prostituição, adultérios, homossexualismo, estupros, etc.

A terceira parte importante da ficha dizia respeito a sentimentos pessoais. Se éramos constantemente perseguidos por esse ou aquele tipo de sentimentos

negativos, ou por sonhos repetitivos. Coisas tais como angústia, depressão, medos diversos, vontade de morrer, etc., deveriam ser citados.

Segundo nos foi explicado, aquela ficha enorme deveria ser preenchida com o máximo de detalhes e o mais sinceramente possível para que a equipe de Grace pudesse ajudar a todos o melhor possível. Esclareceram que todas as práticas descritas na ficha tinham sido exaustivamente pesquisadas e biblicamente comprovadas.

Isto é, se a pessoa tinha entrado em contato com aqueles tipos de práticas e situações, abriu o que chamavam de “legalidade”. A partir daí haveria um canal aberto para a atuação de demônios. O diabo é legalista, e uma vez que tenhamos aberto a porta, ele entra para ficar. Quando renunciamos àquelas práticas, confessando os pecados e pedindo perdão ao Pai, as portas de entrada são cobertas pelo sangue do Cordeiro. E os demônios não podem mais atuar.

Isabela já conhecia a doutrina, e eu também não questionei nada. Aquilo parecia lógico. Eu *sábia perfeitamente* que os demônios eram legalistas! E como eram!

Fiquei mais tranquilo ao perceber que Grace tinha uma outra noção do mundo espiritual, não era uma louca a mais no mundo. Só não sabia se a Ministração iria funcionar do jeito como ela estava falando. Eu conhecia os demônios...

Quanto a isso, a experiência seria totalmente nova para mim.

– Não é possível que a equipe ministre individualmente todas as pessoas. Seria algo impossível! – explicou um senhor logo que recebemos as fichas. – Mas todos os formulários serão analisados, e vocês podem ser selecionados pra uma Ministração individual. Se você não for selecionado, não se preocupe. Deus está no controle de tudo, e certamente as renúncias coletivas já produzirão coisas novas na sua vida. E se você for selecionado, se seu nome for mencionado, levante o braço e confirme a sua presença quando nós chamarmos.

Preenchemos a ficha e entregamos de volta ainda no sábado de manhã para serem analisadas e selecionadas. Mas, independentemente disso, todos que estavam participando do curso seriam levados a fazer todas as renúncias coletivamente.

Eu tinha preenchido minha ficha com esmero, criei coragem para ser razoavelmente sincero diante daquelas pessoas que não conhecia. Minha ficha ficou recheada de informações justamente na sessão em que – creio – a maioria não tem nada a dizer. Tudo relacionado ao Ocultismo e à Magia Negra. O que não havia na ficha, eu mesmo acrescentei.

Isabela também preencheu a sua e imaginou que não seria selecionada, embora, no íntimo, até quisesse. Passou boa parte do sábado, o almoço inclusive, e nos preparamos para outro período. À tarde, houve mais uma palestra, e uma pessoa da equipe começou a falar os nomes daqueles que seriam ministrados ainda naquele dia. Os demais poderiam ir embora.

Isabela torcia muito, no seu coração, para que eu fosse logo selecionado. Ela não achava possível que a minha ficha passasse em branco. No que eu também concordava...

Mas não fui selecionado no sábado. Provavelmente, seria no dia seguinte. Isabela, sem dar-se por achada, no meio do empurra-empurra, para sair da Igreja, viu Grace de longe. E me cutucou:

– Olha lá, Eduardo! Vamos lá falar com ela?!

Concordei sem muitas palavras, e nos esforçamos para chegar lá. Isabela bateu no seu ombro:

– Grace!? Oi, tudo bem? – ela não sabia o que dizer, Grace parecia muito apressada e nos olhou de passagem.

Então Isabela resolveu ir direto ao assunto de uma vez:

– Sabe o que é? – e apontou para mim. – Ele foi Satanista, e nós queríamos muito falar com você sobre isso e...

Grace interrompeu sem deixá-la concluir a frase.

– Agora não posso conversar com vocês. Preencham a ficha.

E continuou o seu caminho sem mais essa nem aquela. Isabela ficou superfrustrada, mas ainda assim procurou continuar me incentivando. Não queria que o meu coração fosse contaminado com nada.

Mesmo assim, eu não entendi a atitude da Grace:

– Eu já imaginava essa atitude – respondi com certa amargura, demonstrando despeito e um tantinho de irritação ao mesmo tempo.

Confesso que eu estava com muita má vontade. Por que tinha que me expor com uma pessoa que nem parava para falar comigo?

Isabela foi branda.

– Pô, Eduardo, você nem a conhece. Vai ver está com pressa mesmo, muito ocupada! Se todo mundo pará-la no corredor, como é que fica também? Depois... não se preocupe. Quando a Grace ler a sua ficha vai querer te conhecer, pode crer! Não tem outra possibilidade!

Nem respondi.

Se ela não me chamasse, *quem* chamaria???!

* * *

Madrugamos no domingo, porque naquele manhã nós faríamos as principais renúncias coletivas.

– Oi, “Mô”, bom dia! – falei ao entrar no carro, cumprimentando Isabela. Ela não perderia as renúncias em hipótese alguma e passou com o carro em minha casa bem cedinho.

– Oi, Nenê!

A manhã parecia que iria entrar com tudo, fazer um solzão daqueles. Mas, por ora, ainda estava fresquinho, gostoso, e ninguém precisava colocar agasalho.

– Dormiu bem, Nenê?

– Dormi, sim.

– Então... caminho da roça!

O caminho da roça era pegar a Praça Panamericana e depois a Marginal Pinheiros, e foi o que Isabela fez. Fomos conversando pelo caminho.

– Interessante aquilo que foi dito ontem sobre aquele assunto, né? Eu concordava em parte.

– Em algumas coisas, eles têm razão, mas não em tudo. Sabe aquilo que também foi comentado... – e eu opinava.

Mas, em última análise, nós estávamos satisfeitos em estar concluindo o curso. E, claro, na expectativa quanto à Ministração.

De repente, o carro começou a fazer um barulho horroroso. “BRRRRRRRRRRRRRRRRRRRR”!

– Nossa! Que é isso?!! – exclamou Isabela. – Olha só, até o painel está chacoalhando!

O barulho era tanto que parecia que o motor estava a ponto de explodir.

– Olha só, Edu! Olha a direção!

– Caramba, tá tremendo!

– Vou parar!

Isabela deu seta e foi encostando. E o barulhão continuava, bem como a vibração: “BRRRRRRRRRRRRRRRRRRRR”.

Ela parou o fusca, e eu descii. Estávamos no começo da Marginal, e os carros passavam por nós a toda velocidade.

– Vou dar uma olhadinha. Não tem porque fazer isso.

– É verdade! Esse tipo de barulho nunca aconteceu! Era só o que faltava! – continuou, Isabela pondo a cabeça para fora da janela.

Ela ficou dentro do carro enquanto abri o capô. Eu pensava comigo, meio apreensivo: “Era mesmo só o que faltava...! Meu Deus do Céu!”

Não porque estivesse receoso em perder o curso, seria por causa de uma fatalidade. Mas ficar ali parado na Marginal, *isso sim*, era terrível! Voltei para dentro:

– Não estou vendo nada de errado. Vamos continuar.

Isabela deu a partida de novo e embicou para a pista. Nos primeiros segundos... nada. Eu e ela nos entreolhamos. Mas não deu outra!

“BB!!!!”

– Nossa! Parece que vai explodir o carro!

Isabela encostou de novo. E já estava meio exaltada.

– Eduardo, vamos orar. Vamos orar porque desse jeito nós não vamos conseguir chegar a lugar nenhum! E isso *não* é possível!!!

– Ok! Vamos orar!

Eu comecei, e ela concluiu. E pediu lá do seu jeito, meio nervosa:

– Pai! Que toda retaliação e impedimento do inimigo caiam por terra. Porque nós *precisamos* chegar no curso da Grace! Então nos ajuda e faz esse carro andar em segurança.

Oramos mais um pouco. Mas, no íntimo do coração, nós tínhamos lá nossas dúvidas se não estávamos tomando uma atitude extremista e ridícula. Vai ver era uma coisa totalmente natural, e nós é que estávamos viajando na maionese, influenciados pelas palestras recém-escutadas.

Nos sentimos um tantinho ridículos, é verdade.

Olhamos um para a cara do outro sem dizer palavra alguma, e Isabela tornou a dar partida no carro. Girou a chave fortemente. Nós dois estávamos com o coração na mão. E a verdade é que, influência espiritual ou não, não tivemos mais problema algum até o nosso destino. E nem depois, durante a semana. Nunca mais o carro fez um ruído como aquele.

Somente quando descemos na porta da Igreja foi que comentamos um com o outro:

– É... parece que o diabo não queria mesmo que a gente viesse... – comecei eu, um pouco impressionado.

Isabela balançou a cabeça repetidas vezes, com ênfase:

– Pois não é mesmo?! Acho que deveria ser isso mesmo!

– Que coisa, né? Então é porque nós estamos no lugar certo – ela olhou bem para mim, aliviada:

– É, Nenê. Acho que sim, né?...

E fomos nos sentar, pois já estava quase dando o horário do início do Louvor. O povo estava mais animado do que no começo. O último dia sempre é melhor do que o primeiro, pelo menos Isabela dizia que era assim. Eu não tinha tanta experiência, mas dava para notar que realmente o pessoal estava diferente.

E finalmente chegou o momento da Ministração coletiva. Eu não sabia exatamente *o que* aquelas orações poderiam mudar em nossas vidas... mas, no fundo do peito, eu esperava que aquele fosse realmente o caminho. Isabela estava convencida da necessidade daquilo. Ela estava ali por minha causa, essa era a verdade. E eu somente esperava que ela estivesse certa!

Então, toda a Igreja ficou de pé. A ficha que todos nós tínhamos preenchido na véspera seria agora lida do início até o fim, em atitude de oração. E, como Igreja, todos nós pediríamos perdão por aqueles pecados, renunciaríamos àquelas práticas.

– Mesmo que você em especial não tenha cometido todos esses pecados, ore do mesmo jeito – explicou alguém lá na frente. – Uma vez confessados os pecados, vamos pedir que Deus feche essas portas em nossas vidas e nos liberte de toda influência maligna. Esse é um momento muito importante!

Então, assim como Neemias identificou-se com o pecado do povo de Israel, e como levou o povo a pedir perdão coletivamente, naquele momento nós faríamos algo semelhante.

– Eu vou orar, e toda a Congregação repetirá depois de mim! – continuou instruindo a pessoa lá na frente. – Os ministradores vão estar circulando todo o tempo, se alguém sentir algo diferente, ou algum mal-estar, pode chamar a pessoa mais próxima de você.

Começamos a orar, repetindo conforme o dirigente conduzia. Fomos passando e renunciando às mais diferentes práticas e envolvimento, explícitas ou implícitas.

Tudo foi correndo normalmente, passamos por diferentes aspectos dentro do Catolicismo, Espiritismo, Umbanda, Quimbanda, Candomblé, Nova Era e práticas esotéricas das mais diversas. Até que começamos a entrar nas questões mais ligadas ao Ocultismo e à Magia.

Comecei então a sentir algo estranho. Uma leve vertigem, uma sensação leve de falta de ar. Procurei me apoiar no encosto do banco da frente. Nem reparei que

estava deixando de repetir as palavras da oração. Foi aí que escutei a voz de Isabela no meio daquela sensação incômoda:

– Repete, Eduardo, repete...!

Isso me trouxe um pouco de volta para a realidade, então repeti a última frase. Mas me sentia meio zozinho, perdi um pouco do equilíbrio. Isabela me amparou com seu próprio corpo e continuou incentivando:

– Vai, continua repetindo! Senhor, ajuda ele!

Nem percebi que era ela que me dava sustentação, só fiquei sabendo mais tarde, quando ela comentou comigo. O tempo todo eu estive meio fora de sintonia, mas acho que consegui repetir tudo, apesar da dificuldade.

Quando terminou, Isabela estava um pouco impressionada, e perguntou-me o que tinha acontecido.

– O que aconteceu?

– Como assim?

– Você se sentiu incomodado com essa parte da oração?

– Não... acho que não sei dizer... acho que um pouco!

Ela parecia ter tido uma ideia melhor do que acontecera. Ao que parece, eu não me recordava muito bem de tudo. As recentes sensações pareciam estar meio fora de foco, meio apagadas na minha mente.

Isabela estava satisfeita com o resultado, embora ligeiramente apreensiva. Aquela renúncia tinha incomodado os demônios. Sinal que realmente havia problemas de ordem espiritual não tratados. E isso significava que realmente estávamos seguindo a trilha certa. Tudo o que tinha acontecido naquela manhã confirmava isso. O problema com o carro parecia agora muito mais claro, os demônios não queriam que eu fizesse aquela renúncia.

Pouco antes do almoço foi lida a lista de pessoas que seriam ministradas naquela tarde. Tanto eu quanto Isabela estávamos incluídos.

– Olha aí! Viu só como você foi chamado? – exclamou Isabela, satisfeita, enquanto íamos caminhando devagar em direção à porta, depois do encerramento das atividades. – Até *eu* fui chamada! Nem pensei que isso fosse acontecer!

– Bom... isso é bom! Então vamos tratar de almoçar alguma coisa.

– Isso! Logo temos que estar de volta.

Foi difícil achar onde comer ali naquele fim de mundo, em pleno domingo. A comida não estava das melhores, mas foi a única coisa que achamos.

Voltamos. Isabela, na expectativa. Eu já não era um dos dez mais à vontade.

– Mas o que será que vai acontecer? Nós já não renunciamos tudo de manhã? O que *mais* tem para ser feito?! – eu perguntava, volta e meia.

– Bom, provavelmente eles vão fazer algo mais minucioso, mais detalhado. Te dar uma atenção especial.

Eu sorria de leve, procurando esconder o desconforto daquela situação nova. Isabela procurava tranquilizar-me.

– Olha, não fica pensando assim, não. Com medo do que vai acontecer. Pensa que é importante tudo isso, e você vai simplesmente estar *orando* junto com servos de Deus. Orando por um objetivo comum. Que mal pode fazer isso, não é? Mal não vai fazer. Depois, você tem que pensar que é Deus que vai atuar, não são as pessoas. Certamente, isso vai te fazer bem, não vai acontecer nada de ruim. Ao contrário.

– É. Acho que você tem razão. Estou preocupado à toa. Depois... se isso não fosse de Deus, o diabo não estaria incomodado. E já deu pra perceber que ele *está* incomodado!

Descemos do carro, entramos novamente no Templo. Sentamo-nos para esperar.

A Igreja estava agora praticamente vazia, silenciosa, e o calor pairava no ar, quieto, pesado, sonolento. Algumas pessoas que iriam ser ministradas aglomeravam-se pelos bancos, liam a Bíblia ou conversavam baixo entre si. Duas mulheres, lá no fundo, estavam orando e nós, mais na frente, escutávamos vez por outra algumas palavras.

Ficamos trocando impressões, observando, tecendo expectativas, procurando não deixar que o assento ficasse duro demais. Por isso, mais de uma vez, nos levantamos, fomos xeretar no quadro de avisos da Igreja, fomos ao banheiro. Sentamo-nos de novo.

As pessoas iam sendo chamadas devagar para serem ministradas. Isabela lutava um pouco com o sono. Eu estava cansado, mas ansioso. Finalmente alguém apareceu e chamou o nome de Isabela.

– Tchau, Edu! – despediu-se ela, rapidamente. – Boa sorte para você na sua Minистраção.

Eu sorri de volta.

– Tchau!

Fiquei esperando ainda mais quase uma hora e meia. Já estava cansando de esperar, observando as pessoas entrando. Já quase não havia mais ninguém ali, só eu. Quando dei por mim, Isabela estava de volta.

– Você ainda não foi? – indagou ela espantada.

– Ainda não. Mas me conte como foi!

– Ah, acho que foi bom. Tenho que receber pela fé o que Deus fez! Mas não dá pra dizer que a gente não fica se sentindo um pouco desconfortável, meio receosa na frente de pessoas desconhecidas. Apesar de já ter passado antes por isso, na minha antiga Igreja. Foi um senhor que me ministrou, tinha também uma mulher que ficou orando o tempo todo. Ele conduziu os pontos da Ministração. Na minha ficha, os mais importantes eram uma série de sentimentos ruins, as práticas antigas não são das mais relevantes. Mas o que doía mais fundo na minha alma era por causa do meu pai, né?... – e Isabela tinha dificuldade para falar naquilo. – Custei pra falar que não conseguia entender por que tinha sido daquele jeito... mas quase não consegui falar muito sobre isso.

Eu fui escutando sem falar nada.

– Expliquei como pude sobre ele, e oramos também por isso. Depois que acabou, ele me ungiu com óleo, e a mulher que intercedia falou comigo antes que eu saísse da sala: “O seu pai não morreu. Ele somente adormeceu. Deus quer que você saiba disso!”.

Era difícil para Isabela entender. Não sei se era o tempo de entender. Era tempo de sentir dor por causa daquilo. Um dia, ela haveria de ficar livre daquela dor.

Alguém me chamou! Levantei-me como uma mola, quase sem escutar o que Isabela estava me dizendo. Ela me conhecia o suficiente para saber que eu estava um pouco apreensivo. – Vou indo!

– Vai, Nenê, vai com Deus. Tô aqui esperando.

* * *

Entrei na sala e já levei um susto, dei de cara com um monte de gente. Imaginei que, assim como tinha sido com Isabela, alguém estaria ali para me ministrar com apenas mais uma pessoa. No entanto, para minha surpresa, a sala estava cheia!

Estranhei um pouco. A Grace mesmo estava lá, e me recebeu bem, com um sorriso:

– Pode sentar aqui, fica à vontade!

– Obrigado. – pensei que ela fosse mandar os outros saírem... mas que nada! Sentei e esperei. Eles ficaram todos lá, olhando para mim, quietos, enquanto Grace conversava comigo. Não entendi o porquê daquele ar interrogativo que tinham no semblante.

– Tudo o que você escreveu é verdade? – começou Grace, de sola.

Não entendi exatamente o que ela queria, mas respondi. À medida que Grace ia perguntando e eu respondendo, percebi que os demais ainda não sabiam exatamente o que eu tinha escrito na ficha, nem quem eu era.

Grace fez mais algumas perguntas a respeito da ficha, testando o entendimento.

– Quem escreveu a Bíblia Satânica?

Quando falei, ela imediatamente deu-se por satisfeita. E explicou:

– É necessário eu te perguntar isso porque às vezes encontro pessoas que *se dizem* Satanistas, mas quando vou averiguar de perto, vejo que não é bem isso.

Acho que eu devia estar com uma cara de interrogação porque Grace continuou esclarecendo:

– Essas pessoas vão ficar aqui pra interceder em concordância, e também pra me ajudar caso seja necessário.

Fiquei imaginando o que ela queria dizer com isso.

“Ajudar *em quê*? Será que eles acham que eu posso ficar possesso?!”.

Observei um pouco melhor e, pelo número de pessoas presentes, acho que eles estavam julgando isso algo muito provável! Encarei os rostos que me olhavam e percebi que havia um clima de temor entre eles. Em Grace não... mas os demais agora pareciam estar com medo de mim.

Antes de começarmos a Ministração propriamente dita, Grace colocou na minha frente um cesto de lixo.

– Se você sentir vontade de vomitar, pode usar isso aqui.

Continuei quieto. Mas intimamente eu já não entendia mais nada.

“Que coisa mais louca! Por que cargas d’água eu teria vontade de *vomitar*?”.

Acho que eu ainda devia estar olhando para o cesto de lixo quando, de repente, todo mundo começou a orar junto. Procurei ter uma atitude condizente, mas achei a oração tão estranha quanto o resto.

Grace pedia cercos de anjos, e muralhas de fogo, e tapetes de fogo, e “selava” o lugar. O pessoal que estava junto orava com ímpeto, agitando os braços, às vezes tinha até quem sapateasse mais forte, ou batesse palmas. Não entendi a metade. Mas mantive a cabeça baixa, me contive um pouco. Não estava acostumado com aquilo.

“Será que todo esse pessoal sabe *mesmo* o que está fazendo? Olha só onde eu vim parar!”.

Mas a verdade é que foi criado ali um clima diferente. Pude perceber.

Depois aquele clamor diminuiu e eles passaram a interceder baixo. Somente Grace começou a conduzir a Ministração. Ela me tratou bem durante todo o

tempo, foi bastante simpática.

– Você já participou da Ministração coletiva, já sabe como é. – disse ela. – Vamos fazer a mesma coisa com o que você escreveu além disso.

E então eu fui renunciando a todas as práticas que eu tinha escrito. E ela ia me ungindo com óleo também. Nesses momentos, Grace orava sozinha, e eu mantinha os olhos fechados a maior parte do tempo.

Mas num determinado momento... aconteceu um negócio estranho...

– Estenda a sua mão que eu vou ungir também a marca que fizeram... – pediu Grace.

Estendi a mão sem abrir os olhos. Já fazia tempo que não havia nenhum clamor, estava todo mundo orando baixinho. O ambiente estava calmo, nada havia que pudesse ter de alguma forma me sugestionado, causado alguma “alucinação”.

– Senhor Deus, queima agora essa cicatriz, destrói essa marca no Reino Espiritual.

Senti que ela pegava minha mão, mas aí, quando Grace ungiu a marca que eu tinha na mão esquerda e que foi feita no Rito de Iniciação... eu senti literalmente *queimar*! Quando ela colocou o óleo, senti como se o óleo estivesse quente! Queimou mesmo, de verdade. Senti dor física!

– Ai! Você queimou a minha mão! – e pulei de susto, arrancando a mão.

– Mas tem que queimar mesmo, irmão! – fiquei indignado.

– Você colocou óleo fervendo na minha mão?! – invoquei com a Grace, reclamando meio irado. – Puxa vida, você jogou óleo *quente* na minha mão? *Mas isso tem cabimento?!!*

– O óleo não está quente, não... está igual, como antes – respondeu Grace, supercalma. – Quer ver?

Eu não conseguia acreditar e tive mesmo que ver de perto. Peguei o frasco, pus o óleo na minha mão. Nem sabia o que dizer. Fiquei mudo.

– Puxa vida, está normal...

– Agora o diabo não vai mais ver essa marca. É como se ela não existisse mais.

Fiquei superencafiado, mas a Ministração continuou normalmente.

O mais interessante é que o Ministrador que estava sentado na minha frente passou mal. Foi ele quem teve vontade de vomitar, e quase aconteceu mesmo. Mais tarde, eu iria entender que esse tipo de coisa é comum: os intercessores podem ter reações de identificação com a pessoa que está sendo ministrada. O mover do Reino Espiritual causa reações físicas, muitas vezes.

Eu não senti nada, mas o intercessor sentiu no meu lugar! Essa manifestação, somada à sensação de ter sido queimado pelo óleo, foram dois sinais que Deus usou naquele dia para me mostrar que estava realmente agindo.

Quando saí de lá, já tinham passado quase duas horas e meia. Isabela estava ansiosa, me aguardando sozinha nos bancos da Igreja. A tarde tinha corrido vagarosa e modorrenta para ela, mas quando me viu de longe, descendo as escadas do púlpito, saindo da salinha lá de trás, logo abriu um largo sorriso.

Levantou-se, veio ao meu encontro. E olhava para mim tentando adivinhar tudo de uma vez.

– Puxa, você está com uma carinha tão feliz!! Como é que foi?! Demorou pra caramba, Nenê, mas pelo jeito foi bom, hein?! Me conta, me conta! Você precisa esperar por mais alguma coisa?

– Não, não. Podemos ir embora!

Fomos saindo em passos largos, abraçados e animados.

– Conta, Nenê, conta! Eu orei por você enquanto você estava lá dentro. Orei pela Ministração, pra que Deus fizesse o que tinha que fazer e usasse os Ministradores pra cumprir o Seu propósito. E que você pudesse ser curado na sua alma. Depois fiquei a tarde toda vendo as pessoas que entravam e saíam, e o salão que ia esvaziando. Às vezes, eu voltava a orar e me perguntava o que estaria rolando lá dentro, o que será que estava acontecendo pra demorar *tanto*!

– Obrigado, Gatinha, realmente foi bom, sabe...? Eu não esperava que fosse ser assim. Agora estou me sentindo bem melhor!

Uma vez na rua, indo em direção ao carro, Isabela me olhou melhor.

– É... deve ter sido uma coisa bem intensa... você está todo suado!

– Ah! – dei risada com vontade. – Está quente, mas isso não é suor, não! É óleo. Fui ungido, quase tomei um banho de óleo.

Ela passou a mão no meu cabelo. O resíduo cheiroso do óleo de unção ficou impregnado nos seus dedos.

– Puxa, é óleo mesmo! Puxa, te encharcaram mesmo. Não vai ser por falta de óleo que você não vai ser liberto! Mas sabe que você está com uma expressão diferente mesmo, Edu? Bem diferente de quando você entrou... não sei dizer... bem mais feliz. Parece até que rejuvenesceu alguns anos. Está mais Nenê do que antes...

– É? – fiquei com os olhos um pouco marejados. – Mas eu estou feliz mesmo!

Entramos no carro, e ela pediu novamente, dessa vez mais enfática:

– Mas agora me conta *tudo*! Desde o começo, *direitinho*, tudo o que aconteceu!

– É... a gente fez certo. Realmente, Deus provou pra mim que fizemos certo. Pode ter certeza que alguma coisa vai mudar depois deste fim de semana.

Agora eu estava tão convicto quanto ela. Isabela me olhava e olhava, de uma maneira diferente, percebendo algo novo em mim.

– Deus fez alguma coisa nova, diferente... foi muito bom a gente ter vindo – continuei.

– E pensar que quase que a gente não chegava aqui hoje, hein? Mas graças a Deus deu tudo certo! Que alívio que dá!

– A Grace acha que ainda tem algumas coisas pra Ministar. Pedi que eu entrasse em contato com a secretária dela no começo do ano que vem. Este ano, ela está com todo o tempo tomado, mas acho que ainda vamos nos encontrar.

– Tá bom, mas agora conta!

Enquanto Isabela dirigia, eu fui contando tudo. Em mais de um momento me senti emocionado. Estava certo de que Deus tinha feito coisas novas na minha vida, não me sentia merecedor, mas estava feliz porque Deus tinha feito mesmo assim...

Ele sabia que eu precisava de algumas evidências palpáveis. Tinha tido! Foi algo muito novo.

CAPÍTULO 8

Durante a semana, fiquei pensando. Apesar de sentir que alguma coisa tinha mudado, eu não sabia exatamente *o que* tinha mudado. Somente uma coisa me deixou refletindo um pouco, levemente apreensivo:

“Será que falei alguma coisa que não deveria? Será que falei alguma coisa que possa criar problema para mim??”.

Eu sabia o que poderia criar problemas: revelar os segredos!

Falar que dentro da Irmandade acontecem sacrifícios humanos... bom, isso é até primário! Todo mundo sabe que o Satanismo tem dessas coisas, até mesmo seitas simpatizantes do Ocultismo fazem isso. Quer dizer... Grace já sabia, não era novidade alguma para ela! Equivale a dizer algo mais ou menos do tipo: Fiz parte de uma quadrilha, e essa quadrilha *assaltava!*”.

Ou seja, essa informação é óbvia, todo mundo sabe que bandido assalta, mata. Da mesma forma, Grace não precisava ir muito longe para saber que dentro do Satanismo acontecem mortes de pessoas.

Isso é uma coisa. Eu sabia muito bem.

Mas se eu dissesse – “Fiz parte de uma quadrilha, e essa quadrilha tinha envolvimento com o Presidente da República, e nós o subornávamos, de forma que fazia tudo o que nós queríamos”.

Aqui já é bem diferente. Trata-se de um *segredo* do crime organizado.

Revelar segredos da Irmandade estava fora de cogitação. Isso, sim, me assustava muito... falar da estratégia, do planejamento para o final dos tempos, articulações políticas, os processos de alguns Ritos especiais, até sacudi a cabeça. Eu não tinha intenção alguma de fazer isso!

Isabela tinha razão, *falar* seria muito importante para mim, seria *terapêutico!* Dividir um pouco aquela experiência haveria de fazer com que eu me sentisse melhor, mas longe de mim entrar em detalhes comprometedores!

“Se eu ficar apenas na periferia da coisa, tudo bem... só não posso chegar no *coração* da Irmandade. Acho que assim eles não vão se sentir nem ofendidos, nem incomodados com o fato de eu estar falando.”

Apesar de Isabela estar sempre comigo, eu sentia muita falta de um grupo de apoio. Eu sempre fiz parte de grupos: a “29”, o *Kung Fu*, a Irmandade. Por isso, o que eu mais queria era estar novamente dentro de um grupo, um grupo de verdade! Pessoas em quem eu pudesse confiar e que me ajudassem a pôr para fora as dores da minha alma.

Mesmo que eu não tivesse intenção de falar tudo, eu achava que apenas *uma* pessoa – no caso, Grace – não teria condições de carregar sozinha aquele peso. Quer dizer, eu me sentia carregando 200 quilos nas costas... mesmo que dividisse isso com alguém, e passasse 100 quilos para essa pessoa, ainda assim seria pesado para mim e para ela.

Mas num grupo é diferente: cada um fica com uma parte, com uma fração daqueles 200 quilos. Eu experimentei na minha vida. E sempre soube que é muito mais fácil para *um grupo* enfrentar uma situação difícil, carregar muito peso, do que apenas duas ou três pessoas sozinhas! Nesse sentido, eu tinha uma remotíssima esperança. Estava procurando. E esperando!

Ainda não tinha aparecido ninguém. Só a Isabela!

* * *

Realmente, nossos caminhos iriam cruzar muito com os da Grace, embora ainda não soubéssemos disso.

Chegou o Natal e entrou mais um ano. Eu e Isabela completamos dois anos de relacionamento. Agora ela já não era apenas minha namorada, já estávamos noivos havia dez meses.

Agora nós íamos muito pouco à nossa Igreja. Algumas situações de constrangimento haviam feito com que deixássemos de nos sentir plenamente à vontade naquele lugar. E a gente ia cada vez menos. Os problemas criados no começo do nosso namoro por causa de Camila e também por causa da minha família haviam deixado sequelas.

O principal deles é que Isabela não foi plenamente aceita tanto pela Igreja como pela minha família. E isso gerava várias situações desagradáveis. Na Igreja, algumas pessoas com quem eu tivera amizade antes de conhecer Isabela continuavam me cumprimentando normalmente. Mas nem olhavam para ela.

Às vezes, nós chegávamos de mãos dadas, e pessoas cumprimentavam-me fazendo de conta que ela não estava ali. Especialmente as mulheres faziam questão de ignorá-la! Isso era um pouco de despeito, eu sei, mas mesmo casais mais velhos

e algumas pessoas da liderança pareciam olhar para Isabela de forma estranha. Em todos os sentidos, ela parecia ser uma peça fora do contexto, uma intrusa, alguém que não deveria estar ali ao meu lado. Alguém que tinha “destruído” meu relacionamento com Camila.

O fato de estarmos noivos e usarmos uma aliança bastante chamativa não parecia fazer a menor diferença. Hoje, eu percebo claramente o quanto isso era uma influência espiritual... mas, naquela época, o clima foi ficando ruim para o nosso lado, especialmente para o lado dela.

Minha mãe, em especial, criava algumas confusões. Uma delas foi queixar-se diretamente com o Pastor Luís sobre nós dois. Acho que ele percebeu que a história estava mal contada, então marcou um encontro com todos nós: eu, Isabela, minha mãe... e ele!

Ficou claro, depois da exposição, onde estavam os pontos obscuros e quem tinha razão. Depois da conversa, Isabela procurou pôr um ponto final naquela situação, tratou de perdoar minha mãe e conviver bem.

Não era nossa intenção mudar de Igreja, nem sabíamos para onde ir. Mas estava uma coisa chata. Então passamos a frequentar o Culto de vez em quando. Às vezes, já estávamos na porta da Igreja, estacionando o carro... e Isabela começava a chorar, indisposta com a situação que teria de enfrentar. Um problema a mais no meio de tantos. E a gente acabava não indo!

Não tivemos férias em janeiro, eu continuei trabalhando, e Isabela, mesmo em casa, estava longe de ter descansado muito. Aliás, preocupada em colocar sua vida em ordem, ainda naquele mês, arrumou um emprego decente. Tinha tentado prestar Psiquiatria, mas não passou.

Isabela fazia força para recuperar-se. Decidiu-se a retomar as rédeas de sua vida e foi contratada com facilidade por um Convênio Médico para atuar meio período num Ambulatório de Empresa.

Parecia algo bom, mas Isabela estava tremendamente receosa de não conseguir levar adiante, como já tinha sido até então, em todas as suas tentativas. Ela orou bastante para que Deus a ajudasse em sua vida profissional. Seu maior temor era acabar largando aquele emprego em poucas semanas. Mas isso não poderia acontecer.

A maior vantagem era que, embora longe de sua casa, seu trabalho ficava muito perto do *meu* trabalho. Muitas vezes ela saía do serviço e vinha almoçar comigo antes de voltar para casa.

Logo nos primeiros dias, eu perguntava como ela estava indo, procurando incentivar.

– Está tudo bem... – disse ela. – O único “senão” é essa sensação de que não vou conseguir levar adiante sem a ajuda de Deus. Praticamente todos os dias eu vou orando pelo caminho, pedindo que Deus me dê força e capacidade pra manter o meu emprego. Porque, realmente, eu não encontro essa força em mim mesma. Tenho muito medo de jogar tudo pro alto outra vez! Não quero fazer isso... não quero ficar em casa sem fazer nada... quero me esforçar pra que tudo fique bem!

Se foi ou não efeito da Ministração, isso não podemos afirmar com certeza... mas o fato é que Isabela conseguiu voltar ao trabalho. Ela voltou e manteve o seu emprego durante um bom tempo.

No final do mês de janeiro, nós dois já tínhamos entrado em contato com a secretária da Grace. Ficamos sabendo que em março iria começar um curso dado por ela. Isabela teve vontade de fazer, e acabamos sendo incentivados pela própria Grace.

Para isso, era necessário a aprovação dos Pastores da nossa Igreja; eles deveriam enviar uma carta de autorização para que a gente pudesse se inscrever. Mas eles não pareciam dispostos a aprovar nosso pedido. Não tinham muita simpatia pelo Ministério da Grace e, como insistíssemos, apesar de não nos proibirem... também não incentivaram.

Conversamos com Grace sobre aquela dificuldade, pelo telefone, falamos que eles nos tinham dado uma aprovação verbal. Então ela aprovou assim mesmo a nossa inscrição.

No primeiro dia do curso, nós estávamos lá. Embora tivesse estado com ela pessoalmente apenas uma vez, Grace lembrava-se de mim e quis orar comigo antes de começar a aula. Nesse dia, ela conheceu efetivamente Isabela. Conversamos um pouco, ela quis saber se estávamos bem. Depois orou.

Fazia pouquíssimo tempo que eu tinha começado a orar em línguas. (Efeito da Ministração???). Tinha acontecido de uma maneira peculiar, enquanto eu orava sozinho, em casa. Foi bastante diferente porque *nunca* tinha escutado aquilo. Na Igreja, não havia uma posição doutrinária que desse ênfase aos dons do Espírito, por isso, desde a minha conversão, não tinha aprendido quase nada sobre tais coisas. Nem conhecido ninguém que orasse em línguas. Conhecia só de “orelhada”.

Mas, naquela noite, no meu quarto, de repente, comecei a falar coisas estranhas. E ainda que relativizasse um pouco, comecei aprender a dar vazão àquela

manifestação.

Isabela já tinha sido batizada no Espírito Santo anos antes, foi ela que me incentivou e explicou o que significava aquilo. Fomos prudentes em pedir que Deus trouxesse confirmação. Eu não queria falar nada que não viesse Dele!

Naquele dia, orando com Grace, sem querer, eu e ela pronunciamos uma frase inteira em línguas, da mesma forma, ao mesmo tempo. Até mesmo Grace olhou para mim e sorriu.

Mas a verdade é que depois daquele dia nunca mais voltamos ao curso. Nem lembro mais qual foi o impedimento. Talvez não fosse mesmo o tempo. No entanto, isso serviu para nos aproximarmos mais de Grace. Logo viriam outras etapas a serem cumpridas, cada uma no devido tempo.

* * *

Quando chegou perto do Carnaval, Isabela estava empenhada em convencer-me a ir para o Acampamento. Fazia talvez uns dois anos que ela não aparecia – por causa dos afazeres da Faculdade –, mas agora daria certo porque não trabalharia no feriado. Nem eu!

Isabela e Marco participavam daquele encontro havia cerca de dez anos, todo ano. Tinham um vínculo todo especial com aquela Igreja Presbiteriana de uma cidadezinha do interior.

– A gente se converteu lá! Quer dizer, eu já tinha aceitado Jesus em oração, mas foi lá que entendi melhor e realmente fiz minha decisão! A Mocidade dessa Igreja é a maior da região, e realmente tem algo de diferente no relacionamento deles. Uma coisa sincera, especial. Algo que não se encontra na cidade grande, sabe? Acho que é um pouco por isso que eu e o Marco gostamos tanto daquele “pedacinho de céu”.

Mas eu ainda não compreendia bem o contexto de Acampamento. Embora Isabela falasse e elogiasse, eu tinha a impressão de que deveria ser algo chato.

Lembrei-me das Igrejas tradicionais que frequentei na época que namorava Camila...

– Mas, puxa vida... será que é legal mesmo?

– Nós já não somos tão “jovens” assim, o pessoal mudou desde a época em que eu era adolescente... mas com certeza vai ser muito melhor do que ficar por aqui. É melhor a gente receber um pouco da Palavra. Não temos ido muito ao Culto!

– Eu já vi os preparativos que a *nossa* Igreja faz quando tem Acampamento! E é um pouco diferente do que você está contando!

Ela deu de ombros.

– Os Acampamentos que a nossa Igreja organiza são muito elitistas! Custam os olhos da cara e é mais um evento social do que espiritual. Não é por aí. A gente está indo tão pouco à nossa Igreja... vamos nesse que você vai gostar.

– Você disse que as acomodações são péssimas...

– Isso lá são mesmo. É uma verdadeira “Favela”, sabe? Todo mundo empilhado. Mas talvez a gente consiga ficar na casa de alguém. O Marco disse que vê isso se a gente for.

– E o que mais a gente faz em Acampamento além de dormir empilhado?

– Ah, Nenê, é legal! Tem estudo toda manhã e toda noite; durante o dia, tem jogos, confraternização. O pessoal é bacana. E seria bom sair daqui um pouco!

Eu não estava muito convencido, mas acabei concordando.

– Tudo isso é muito novo pra mim. Nunca fui a nenhum Acampamento.

– Puxa, mas a Camila não ia? Vai dizer que ela nunca te arrastou pra nenhum?!

– Ela não ia.

– Bom... mas agora você vai – tentei contestar mais um pouco:

– E mesmo quando tinha, eu sei que os lugares eram da hora! Nada que não tivesse piscina, cavalos, quadras de tênis. Mas nessa tal cidade não tem nada! Você disse que lá não tem nada!

– E sabe que isso é que é o melhor? A gente tem tempo pra conviver uns com os outros. Tem só um campinho de futebol. De terra. É só uma chácara pequena! Tem um salãozinho onde fazem os Cultos. E mais dois alojamentos com “treliches”.

– Que são “treliches”?

– São camas de três andares! Mas antes não tinha nem isso. Quando eu era adolescente, tinha só uma casinha onde as meninas dormiam no chão. E uma outra casinha, menor ainda, onde dormiam os meninos. Eles também montavam umas barracas de acampar, porque não cabia todo mundo na casinha. Era só isso. Mas era tão bom!... A gente se divertia muito, além de aprender!

– Nossa... dá até medo de chegar nesse Acampamento – pensei um pouco mais.

– Mas você está certa. Vamos receber um pouco da Palavra de Deus. Depois, pode ser que a gente nem tenha que dormir lá.

– Isso eu até que espero mesmo. Porque é jogo duro! Na verdade, ninguém dorme nada, e no último dia está todo mundo o pó!

– E isso é que é o bom?

– Era bom, sim! Não dormir também faz parte! Na última noite, normalmente, tinha peças de Teatro e havia serenata de madrugada. Talvez seja assim até hoje. Eu gostava de participar das pecinhas... e era uma delícia também sair enrolada no cobertor pra fazer serenata na porta dos meninos. Normalmente, eles já tinham vindo fazer também, no dia anterior. Uma vez, o Marco fez uma serenata só dele. Foi tocando nas janelas do nosso alojamento. A mulherada só faltava se dependurar pra fora, cochichando e tendo piripagues.

Dei risada.

– E daí?

– Daí, nada. O máximo que você pode fazer é acender e apagar a luz. É o sinal pra dizer que estamos gostando. As meninas não podiam aparecer de pijama na frente dos meninos e vice-versa! Isso, a direção do acampamento não iria gostar nem um pouco...

Dessa vez, fiz um comentário sincero: – Parece legal...

– E era, viu, Nenê? Sabe o que era melhor? É que as brincadeiras eram inocentes! Havia regras, e, normalmente, as regras eram cumpridas. Mas dava pra se divertir do mesmo jeito, a gente se divertia de uma maneira mais pura! Ver aqueles adolescentes se comportarem bem foi uma lição de vida pra mim e pro Marco na época da nossa conversão. Acabamos vendo na prática que Jesus poderia fazer diferença na vida de muita gente! Aquilo falou muito mais alto do que 100 pregações.

– Ok! Então está decidido. Vamos pro Acampamento!

– Legal!

E fomos mesmo. Marco tinha arrumado um lugar para a gente ficar. Isabela pousaria na casa de uma antiga amiga que agora já estava casada. E eu ficaria na casa de outro casal de nossa idade. Mas só para dormir. Durante todo o dia, ficaríamos na chácara.

Para Isabela, foi bom rever uma parte daquela antiga Mocidade, daqueles jovens e adolescentes que agora já eram adultos e tinham feito parte de momentos importantes da sua vida. Os Acampamentos tinham sido momentos importantes para ela. Fui sendo apresentado. Alguns, agora, estavam até casados, formados. Outros, tinham saído da cidade e estudavam fora. Mas vieram para casa durante o Carnaval. E pintavam por ali para participar um pouco.

A grande maioria era de gente mais nova, pessoas que Isabela não conhecia.

– Aquele ar de família que tinha aqui já é diferente hoje... o Acampamento cresceu, o clima mudou um pouco... não é mais a mesma coisa. Eu também mudei! Mas rever algumas caras antigas me dá uma sensação de nostalgia. De saudade!

Ela se divertia lembrando o que tinha acontecido em anos anteriores! Certamente, aquela Igreja e aquelas pessoas tinham tido um sabor todo especial pro Marco e Isabela... foram ingredientes de Deus nas suas vidas, de uma maneira que nenhuma outra Igreja de São Paulo tinha conseguido ser.

* * *

Na noite do domingo, nós dois estávamos na fila da janta. Isabela conversava com Karine e mais uma ou duas meninas da sua época. Eu acabei sendo alvo das atenções do Pastor que estava palestrando no Acampamento, mesmo sem querer.

Pura coincidência, diria eu, porque ele também tinha que esperar que a fila, meio morosa, caminhasse. A melhor coisa para fazer o tempo passar era puxar conversa com o indivíduo mais próximo. E, pelo visto, aquele Pastor gostava de falar, puxou conversa comigo, e logo estava entretido no maior bate-papo. Como eu respondesse bem e também fizesse perguntas, ele não parava mais.

Volta e meia Isabela dava umas olhadas. Ela sabia que eu também era bom de prosa, não precisava dar muita corda. Comecei mesmo a falar e falar, como se já o conhecesse há tempos.

Finalmente, a fila andou e chegamos ao nosso destino. Macarrão, frango, salada de tomate, beterraba, essas coisas. Eu e Isabela nos sentamos para comer numa das pontas de uma mesa. No meio da confusão de vozes que se misturavam e a gritaria peculiar de alguns grupos de adolescentes mais efusivos, Isabela me perguntou:

– Você e o Pastor engrenaram a maior conversa, hein? O que vocês tanto falavam?

– Ah, nada de mais... no *começo*! Mas você sabe que ele veio com uma conversa meio esquisita, do nada. Imagina que começou a me dizer, sem mais essa nem aquela, que volta e meia tinha que lidar com casos de pessoas endemoninhadas.

– Ué? Mas *assim*, sem mais nem menos?!

– É, nem sei porque a conversa tomou esse rumo... a gente estava só comentando do Acampamento, coisas assim. Mas aí ele disse que Deus queria ensinar alguma coisa pra ele nessa área, que sempre que tinha alguém envolvido

com demônio acabava vindo parar na sua mão, etc., etc., e que ele não sabia o que fazer sobre isso! Foi mais um desabafo...

Isabela deu mais uma garfada na comida, retrucando:

– Justo com quem ele vai comentar isso...

– Pois é, eu só escutei. Mas ele parecia tão sincero e tão humilde em assumir que não sabia lidar com esse tipo de coisa que até deu dó...

Isabela olhou bem para mim mudando um pouco o tom de voz:

– Mas você não foi falar nada pra ele, *não é*, Eduardo?!

– Ah, Gatinha, quando vi, já tinha falado.

– *Eduardooo!*

– Sim, mas não é o que você está pensando. Eu não disse nada assim, comprometedor... só falei que realmente Deus deveria estar querendo ensinar-lhe alguma coisa. Comentei que tinha feito parte de uma Seita, mas não entrei em nenhum detalhe de nada. E que o Mundo Espiritual era real... ele parecia tão perdido nos seus questionamentos.

– Hum. E daí?

– Ele ficou embasbacado com a minha colocação! Achou que Deus deveria ter me colocado ali perto dele, na fila, só pra dizer isso. E que se eu tinha alguma experiência nessa área era pra poder ensiná-lo, ajudá-lo a resolver as suas dúvidas. Eu falei que também não era assim... quem era eu pra ensinar alguma coisa a ele? Um Pastor? Mas já começou a me encher de perguntas. Coisas básicas, tolas... questionamentos até primários sobre o diabo.

– Ai, ai, ai, ai, ai... será que isso é certo? Será que é tempo de você sair falando sobre isso? Talvez até vai chegar o tempo de você falar, mas você mal começou a ser Ministrado, mal começou a sua libertação. Não sei o que pensar...

Eu tinha deixado a parte crítica para o final. Não queria deixar Isabela nervosa, tentei não deixar o tiro sair pela culatra. E acrescentei, em tom neutro, cutucando o frango. Como quem não está dizendo nada demais:

– Ele até cogitou que eu desse um testemunho aqui no Acampamento...

– Testemunho?!! – exclamou Isabela, indignada.

– Alguma coisa básica. Ele acha que isso é direção de Deus.

– Eu não sei se isso é direção de Deus, não! – ela já estava começando a se exaltar. – Não vai me dizer que você concordou?

– Não concordei coisa nenhuma. Ao contrário. Disse que achava que não era o tempo! Nós até poderíamos conversar melhor sobre o assunto, no sentido de esclarecer algumas dúvidas. Mas daí a falar pra toda a Igreja...

– Bom, realmente espero que tenha encerrado por aí...

– Não sei se ele entendeu bem. Ele crê terminantemente que eu tenho que dar um testemunho. E que iria colocar isso em oração hoje à noite, com mais pessoas.

Isabela nem conseguiu comer direito, não se sentia à vontade com aquela situação. Eu também estava meio inquieto. Por outro lado, nós também não queríamos correr o risco de impedir Deus de fazer algo, sermos empecilhos contra a obra de Deus. Ela não sabia o que pensar; eu, muito menos.

Isabela acabou comentando com Marco, que sabia um pouquinho da minha história. E, para minha surpresa, ele achou que poderia mesmo ser até providência Divina.

– Afinal... – disse ele. – Pra que o Eduardo teria passado por tudo o que passou? Se não for pra edificar a Igreja agora?

– Eu sei disso, mas a gente tem que pensar que deve existir *um preparo* pra isso, né?

Realmente, nós não conhecíamos muito sobre um tema simples: o tempo de Deus! Uma coisa era certa, se Deus tinha me resgatado, algum propósito Ele havia de ter. Isso era inquestionável, ainda que nós não soubéssemos qual era esse propósito. Mas creio que erramos ao nos precipitarmos em relação ao momento e à maneira de fazer.

Diz o ditado que “Deus escreve certo por linhas tortas”. Mas ditado popular não é o mesmo que princípio Bíblico. Isabela estava inclinada a achar que realmente não era o tempo certo. Mas a verdade é que todo mundo ficou de orar por aquilo naquela noite para buscar de Deus a direção.

Naquela época, nós tínhamos uma ideia diferente da Igreja e do povo de Deus. Uma ideia mais poética. Como se Deus falasse quase audivelmente com os líderes, especialmente com os Pastores. E que a direção que Deus desse a eles era praticamente incontestável.

Mais tarde, a gente veria que nem sempre é assim. E que mesmo os líderes podem ouvir o que querem. Às vezes, o que ouvem pode não ser a vontade de Deus, mas a deles.

Mas quem iria questionar isso? Não seria eu, muito menos Isabela. Portanto, acabamos ficando um pouco à mercê daquela situação. Fomos coagidos a fazer uma coisa com a qual não sentíamos paz, com a desculpa de que aquilo era vontade de Deus... é fácil para os outros espiritualizarem tudo, mesmo que o façam de boa vontade! Nós éramos ingênuos naquele tempo...

No dia seguinte, o Pastor Décio veio falar comigo.

– O grupo de oração orou muito durante a noite. Tenha certeza absoluta de que esta é a direção do Espírito Santo: que você testemunhe! Esse é o propósito da sua vinda ao Acampamento.

Eu e Isabela acabamos por concordar. E ficou marcado para a manhã do dia seguinte, o último dia do Acampamento.

– Pobre Eduardo... – falou Isabela resignada. – Você ficou realmente preocupado, né?

– Mas quem sou eu pra contestar? – respondi. – Ele é o Pastor, deve saber ouvir a voz de Deus melhor do que nós...

Ela ficou quieta por alguns instantes, pensando. No fim, acabou por convencer-se.

– Talvez seja então a vontade de Deus mesmo, Nenê. Talvez seja mesmo a direção certa...

Oramos um pouquinho juntos, para que Deus desse as palavras certas. Isabela não fazia ideia real do que realmente tinha sido aquilo. Eu não queria envolver-me com aquele passado novamente, um passado que eu pensava estar completamente enterrado. Só queria mexer nisso para ser Ministrado! Logo, perceberia que tudo aquilo não estava tão morto e tão enterrado. Foi um erro ter aceitado aquela imposição do Pastor!...

Divulgaram a mudança na programação do Acampamento, não seria o Pastor Décio a pregar na última manhã. Começaram a circular os buchichos: alguém que tinha tido um envolvimento com as Trevas viria dar o seu testemunho.

Eu não contestei mais nada, apenas aceitei. Teria que enfrentar aquela situação, falar de coisas que me atemorizavam muito, continuar desenterrando uma história que preferia ver esquecida. Isabela era a única que percebia meu sofrimento... a única que enxergava melhor o meu interior, o meu coração.

Nem eu mesmo conseguia vislumbrar quanta dor e quanto medo ainda estavam abrigados ali dentro.

* * *

A manhã da terça-feira de Carnaval amanheceu belíssima, ensolarada.

Isabela já estava diante do seu pão com manteiga e do seu café com leite quando apareci. Ela veio direto ao meu encontro. Queria ver como estava o meu estado de ânimo.

– E aí, dormiu bem? Como é que você tá?!

– Dormi mais ou menos... fiquei um pouco preocupado! – procurei amenizar.

Ela também procurava fazer parecer que estava tudo bem, mas olhou para mim um tanto penalizada. No seu íntimo, Isabela preocupava-se comigo. “Tadinho...”, pensava consigo mesma. Mas falou alto:

– Não se preocupe, vai dar tudo certo... – ela não sabia mais o que dizer. – Olha, Deus está no controle... nós oramos, não foi?

– É!

– Então... tudo vai dar certo! Agora não pense mais nisso, venha tomar o seu café.

Marco apareceu logo, procurou também me animar do seu jeito.

E, por fim, chegou a hora do Louvor, que daria início ao Culto da manhã. Toda hora Isabela me olhava procurando adivinhar o rumo dos meus pensamentos e sentimentos. Eu não queria que ela ficasse preocupada, mas foi impossível... estava mais quieto do que de costume. Sentia-me progressivamente enregelando, a perturbação crescendo, e eu orava no meu coração frases atropeladas e um pouco perdidas.

Mesmo que eu não estivesse tão quieto, Isabela teria percebido. Dificilmente, ela deixava de sentir o clima que pairava no ar. Por esse motivo, também, pedia por mim silenciosamente... que Deus nos guardasse, acalmasse e direcionasse.

Sentamo-nos no nosso lugar de costume, perto da porta de entrada. Isabela segurou minha mão para que a gente pudesse orar juntos um pouco.

– Nossa, Edu!! Sua mão está gelada!

– Ah, só um pouquinho... já vai passar – ela me conhecia.

– Se vai passar ou não, isso não pode ficar assim! Não é justo com você, não é certo! Ninguém está se preocupando com você. Temos que orar com o Pastor, onde já se viu?

Ela olhava ao redor procurando por ele. Nesse exato minuto, o Pastor Décio estava passando ali perto, lá fora, em direção ao alojamento. Isabela não pensou duas vezes, pulou da cadeira e correu atrás imediatamente. Eu estava petrificado na cadeira, e petrificado fiquei. Observei Isabela gesticulando ao mesmo tempo em que falava com ele.

– Pastor, nós temos que orar com o Eduardo! Ele não pode testemunhar assim, está bem nervoso, eu conheço ele. – Isabela me contou depois qual foi sua “sutil” abordagem.

Ele passava a mão na cabeça, num jeito calmo e simples. Foi também direto na resposta:

– Ah...! Você tem razão. Eu me esqueci! Vou reunir o pessoal.

– É, faça isso mesmo Pastor, não podemos deixá-lo sozinho desse jeito.

Enquanto o Pastor Décio ia atrás do grupo de oração, Isabela voltou para me chamar. Fez sinal de longe também para Marco e Karine. Em pouco tempo, enquanto o Louvor continuava adiante, um grupo de jovens se reuniu nos pedriscos perto do salão. Seria aquele o grupo de oração?!?

– Queria pedir desculpas ao Eduardo porque realmente me esqueci de orar com ele!

Eu assenti com a cabeça enquanto Isabela voltava segurar minha mão com força. Então oramos todos juntos, pedindo que Deus guardasse aquele lugar e usasse a minha vida. E que o diabo fosse impedido de agir.

Depois da oração, parece que me senti melhor. Mas eu e Isabela ainda estávamos um pouco tensos com aquela iminente exposição. Agora... era vai ou racha! Num futuro não muito distante eu começaria a aprender que não bastam boas intenções para efetivamente resistir ao inimigo.

Realmente, testemunhei. Conteí algumas coisas, alertei para a realidade da ação do inimigo, contei como entrei e como saí da Irmandade. Sem usar o nome “Irmandade”, me referia como sendo a “Seita”. Fui falando e, em dado momento, acabei comentando sobre algo que, talvez, causou mais impacto naquela plateia.

– A Maçonaria é um dos braços do Satanismo – nem sei *como* cheguei àquela informação, muito menos *por que* usei aquela informação.

E na hora nem cogitei que repercussão aquilo teria. A Palavra de Deus não volta vazia... embora naquele momento eu estivesse debaixo de uma Vontade *permissiva* de Deus – e não da sua Vontade *perfeita*.

Ele usou aquele momento para trazer bênção. Confrontou vidas... salvou vidas... e trouxe revelação àquela Igreja!

Depois de mais ou menos uma hora e meia de silêncio e atenção absoluta, acabei. Eu não sabia o que fazer depois, se deveria orar, se deveria fazer apelo... por sorte, o Pastor tomou logo a liderança. Orou, fez apelo. E Deus usou aquele momento para realizar muitas coisas.

No resto do dia, eu quase não consegui ver a cara da minha noiva. Nem ela, a minha. Eu, literalmente, fiquei envolvido por uma roda de pessoas curiosas e cheias de perguntas, que me assediavam como abelhas em torno de um pote de mel. Isabela foi muito paciente e deixou-me responder o que podia, alertar, orar... além de esquivar-me das perguntas mais impertinentes e especulativas.

Fomos embora à noite, debaixo de uma chuva calorosa de abraços e palavras de incentivo. De repente, eu tinha virado o herói do Acampamento. Gostei do carinho, fazia muito tempo que as pessoas não me tratavam daquele jeito. Sei que havia muita carência na minha alma. Eu queria um grupo, *precisava* de um grupo! Isso fazia com que muitas vezes eu confundisse as coisas e aceitasse quase ser sugado vivo pelos outros. Especialmente Isabela, nesse aspecto, com os pés mais no chão do que eu, saiu um pouco cansada de tanto as pessoas correrem atrás de mim.

Durante a viagem de volta, fomos conversando, animados com o que Deus tinha feito.

– Acho que eu deveria voltar a te ajudar na escrita do livro, né, Edu? – perguntou ela. – Você já parou pra pensar que talvez Deus tenha um Ministério pra você?

Suspirei:

– Pode até ser. Mas, da minha parte... eu não quero Ministério nenhum, não! Minha vida está boa do jeito que está!

– Se Deus te chamasse para o Ministério hoje você não iria querer, então?

– É uma pergunta difícil de responder. Mas se dependesse de mim – *hoje!* – eu não queria. Não estou preparado pra isso. É uma coisa diferente, uma coisa nova. Mas a princípio... *eu* não quero!

– É... se Deus quiser isso, vai ter muito o que trabalhar primeiro – ela também suspirou um pouco. – Mas sabe que eu não vejo isso com maus olhos? De repente... vai saber, né?

“Ela diz isso porque não sabe bem do que está falando...”, pensei comigo mesmo.

Nem toquei mais nesse assunto. Voltamos para São Paulo e para nossa vida. Agora era retomar o dia a dia, o trabalho, os afazeres de sempre.

CAPÍTULO 9

Em poucas semanas, acabamos sabendo o que vinha rolando naquela Igreja depois do meu testemunho. Nem sei bem quem falou, ou como a informação chegou até nós.

Creio que foi mais ou menos na época da Páscoa. Naquele feriado, nós resolvemos fazer o curso de “Batalha Espiritual a Nível Estratégico” que nos foi indicado pela Grace.

Isabela não sabia exatamente o que queria dizer aquela expressão toda, mas estava empenhada em me ajudar. E como o incentivo tinha vindo da própria Grace – que até estaria presente no evento de quatro dias – ela insistiu bastante comigo.

- Nós precisamos aprender mais.
- Vai ser aquela canseira! O curso dura o dia inteiro, e são quatro dias...
- Melhor nem pensar nisso. Se a gente ficar pensando que temos que trabalhar na segunda-feira nem vamos descansar no feriado... melhor não ficar pensando! Vamos fazer e pronto!

Então fizemos a inscrição para o curso, que seria dado, na maior parte, por um preletor internacional. O programa foi mesmo bem puxado, da manhã até altas horas da noite.

Resolvi entrar em contato com o Pastor Décio, afinal, não era ele que estava procurando saber mais justamente sobre Batalha Espiritual? Liguei e convidei-o para vir. Marco já estava no exterior, mas Dona Márcia concordou em hospedá-lo.

E então ele veio. Todas as manhãs, bem cedinho, nós saíamos, os três juntos, para o curso, no centro da cidade. Geralmente, Isabela dirigia, e Pastor Décio ia conversando comigo, emendando um assunto no outro. Ele era extremamente falante. Falava até demais, inclusive no meio das palestras, desviando a minha atenção.

Já acostumada às aulas da Faculdade, Isabela se mantinha concentrada o tempo todo. Alguns aspectos da abordagem daquele assunto a tinham fascinado, especialmente a vasta bagagem daquele preletor, que conhecia culturas e culturas em todo o mundo.

Acho que Pastor Décio não escutou muito. Volta e meia Isabela fazia um leve comentário:

– Ssshhhhh!...

A visão daquele homem era interessante, parecia conhecer bem o mundo espiritual povoado pelos demônios. Era o primeiro que sabia melhor do que falava, o primeiro que eu percebi ter uma visão com um pouco mais de alcance. Isabela começou a entender como demônios podem infiltrar-se numa cultura, como podem dominar um território. Até então, esse tipo de informação era totalmente novo para ela.

Mas não para mim... espantei-me que aquele homem pudesse saber daquelas coisas!

Isabela anotou tudo o que foi possível, e até emprestou suas anotações para que o Pastor Décio copiasse o que ele tinha perdido enquanto conversava.

Mais tarde, comentou comigo sobre o seu entusiasmo com o assunto:

– Interessante o que ele comentou, não acha?

– O mais interessante é *como* eles sabem disso – retruquei. Ela pegou a afirmação na unha:

– Como assim?! O que você quer dizer com isso? Quer dizer que ele está certo no que disse?!

Isabela era esperta! Desconversei um pouco, sorrindo.

– É... ele falou com propriedade. Nunca vi nenhum Cristão que tivesse uma visão assim dessa questão dos demônios territoriais. Realmente... ele acertou muita coisa!

Eu ainda conhecia pouco a maneira de Deus agir, pois sempre estive dentro de Igrejas tradicionais e sem visão de Batalha Espiritual. Já não questionava o fato de que Deus era o Criador de tudo, portanto, muito mais Poderoso do que o diabo. Mas eu não entendia ainda como é que Deus se comunicava com seus filhos.

– Bom, não é só o diabo que fala com os seus seguidores, né? Tal seria! Deus também fala! E também traz revelações. Ele não “acertou” pura e simplesmente, como se tivesse adivinhado. Talvez, pela primeira vez, você esteja tendo contato com líderes que realmente ouvem a voz de Deus e recebem informações valiosas do Espírito Santo – falou Isabela espreitada.

– É. Realmente, é algo novo. Ele não poderia ter adivinhado. De fato... ele acertou em muita coisa!

* * *

Além de gostar muito do curso, foi aí que ficamos sabendo o que tinha acontecido na Igreja.

Ali havia uma aliança com a Maçonaria! O Pastor titular era Maçom, bem como grande parte da liderança. Como eu tinha falado sobre a relação entre Satanismo e Maçonaria, ainda que sutilmente, aquilo acabou caindo como uma bomba no meio daquele povo.

Burburinhos cada vez maiores e uma grande desconfiança começaram a se alastrar.

Mas a coisa não parou por aí.

Embora essa não fosse a visão geral da Igreja, muita gente começou a perceber que Luz e Trevas não podem estar misturadas.

Vieram à luz as bases em que aquela Igreja era conduzida pelo Pastor Maçom. Realmente, havia um grande jugo. Por exemplo, não havia mais reunião de oração. Afinal...

“Orar para quê? Deus é Pai e sabe do que precisamos.”

Esse foi o argumento do Pastor para acabar com a reunião. Os jovens reuniam-se na casa de um membro abastado financeiramente, toda semana... e que era Maçom.

O líder do Louvor... era Maçom também. Havia Maçons entre os presbíteros e entre os membros. As máscaras começaram a cair. Ficou claro para muitos que aquilo não poderia continuar. Tudo bem que os Maçons assistissem ao Culto, afinal poderiam converter-se dessa maneira. Mas daí a exercer aquela enorme quantidade de cargos de liderança... isso era completamente fora do propósito de Deus.

Até aí, tudo bem. O problema era que não se poderia destituir ninguém porque não havia *Poder* para isso. O Pastor titular ainda tinha a supremacia. Os meses foram passando.

Marco, que veio nas férias do meio do ano, conseguiu convencer uma parte dos jovens a começar uma vigília de oração uma vez por semana. Ele mesmo encabeçou a lista e foi o grande incentivador do projeto. Realmente, a vigília começou a acontecer na casa de alguém, e estavam firmes. Apesar das perseguições e insinuações dos Maçons, que não estavam gostando nem um pouco da situação.

Marco leu sobre Maçonaria e montou uma apostila sobre o assunto. Levou e distribuiu ao pessoal da vigília. Ver como funcionava a Maçonaria só fez com que eles se empenhassem mais.

Montes e montes de sujeira começaram a aparecer, Ministérios e líderes totalmente contaminados e vinculados com o pecado por anos a fio. Mas enfim... uma vitória! O Pastor titular acabou sendo deposto pelo Conselho, e o Pastor Décio assumiu o seu lugar em um ano.

Mas as retaliações vieram muito pesadas, de todas as formas.

E a verdade é que eles não conseguiram segurar o rojão. Não se submeteram a Deus. Talvez tenham dado a luta por encerrada uma vez que o Pastor Décio assumiu o cargo. Mas a guerra mal tinha começado, havia tanto a fazer...

Várias vezes falamos para o Pastor Décio convidar a equipe da Grace para visitar sua Igreja e ajudá-los na libertação. Mas não parecia haver interesse. Eles foram alertados vezes sem conta durante todo o processo, que foi moroso e cheio de detalhes. Mas, infelizmente, faltou pulso firme e vontade de fazer a Vontade de Deus.

A reunião de oração acabou por desfazer-se, os jovens voltaram a reunir-se na casa do tal “irmão” Maçom. O Pastor Décio sofreu ameaças, seu filho teve um acidente e foi operado. E ele acabou com medo de continuar confrontando os Maçons.

Além do que, como ir contra eles? Eram os mais bem dotados, financeiramente falando. E ele não confiava que Deus o honraria no final daquela luta. Ficou em cima do muro, tentando agradar a gregos e troianos. Isso tudo acabou fazendo com que o seu coração se contaminasse, e ele perdesse o prumo da visão.

Aquele estado de coisas também não durou muito. Não adiantou tentar colocar panos quentes naquele vespeiro em polvorosa. A Igreja rachou, perdeu membros e ficou pior do que antes. O Culto continuou frio, amarrado e terrível.

Deus havia trazido toda a podridão à tona. Era papel deles entristecer-se com aquilo, pedir perdão e colocar todo o lixo do diabo para fora. Até mesmo aquele Templo onde eles se reuniam estava cheio de símbolos Maçons espalhados por todo o recinto. Já tinha sido construído com aquele propósito. Toda sua fundação estava contaminada.

Mas nada foi feito. Uma pena.

A verdade é que, quando Deus revela os intentos ocultos do maligno, o inimigo se enfurece. Vem uma luta terrível, um confronto de forças. E é nesse período em

que temos que nos submeter completamente à vontade e direção de Deus. É tempo de confessar o pecado e abandoná-lo, de fechar as brechas.

O pecado revelado e não devidamente tratado traz derrota e desgraça.

* * *

Quanto a nós... depois que esbarramos naquela Igreja mais do que contaminada, e sem querer cutucamos o ninho das vespas... quando os abalos começaram a repercutir... chegaram, sem dúvida, até nós. Mas levaria ainda algumas semanas. Depois da Páscoa, eu e Isabela estávamos decididos a encontrar uma nova Igreja. Não era possível que ficássemos soltos por aí? Nós tínhamos comentado com Grace a respeito da posição dos nossos Pastores, um pouco contra tudo aquilo que estávamos aprendendo.

– É... – fez Grace, devagar. – Vocês não podem mesmo ficar perdidos por aí, vocês têm que fazer parte de um Ministério que está engajado em Batalha Espiritual.

Ela parou e pensou um pouco. Grace conhecia uma quantidade enorme de Igrejas!

– Por que vocês não vão visitar a Igreja do Pastor Joel? Ele não é o titular, mas é um guerreirão! Tenho muita expectativa nele, Eduardo precisa de alguém que o acompanhe de perto... alguém ombro a ombro. Acho que ele é a pessoa certa, e também fica bem fácil pra vocês, a Igreja é perto de onde vocês moram.

Eu e Isabela ficamos animados porque de fato aquela Igreja ficava a meio caminho entre a casa dela e a minha. Era de muito fácil acesso! Achamos que aquela indicação tinha sido preparada por Deus.

Certo domingo do mês de abril, resolvemos então dar um pulo até lá. Na “Comunidade Evangélica Nova Videira”.

Chegamos quando o Louvor estava começando. Era uma igreja mais ou menos do mesmo porte da nossa, com mais ou menos a mesma quantidade de membros e do mesmo poder socioeconômico. Gostamos muito do Louvor e também da pregação. Estávamos curiosos em conhecer o Pastor titular e fazíamos imagens dentro da nossa cabeça.

Quando efetivamente ele apareceu, e pregou, superou nossas expectativas. Trouxe uma Palavra bastante abençoada! Naquele dia, ainda não descobrimos quem era o Pastor Joel, mas não faltaria oportunidade. Então começamos a frequentar aquela Igreja durante algumas semanas.

Ao final delas, estávamos satisfeitos. O Louvor era gostoso, a Palavra era edificante... apesar de ainda não conhecermos ninguém, resolvemos realmente ficar por ali!

Eu estava sentindo falta dos amigos que tinha deixado na outra Igreja. Mas sabia que era fundamental estarmos num lugar com outra visão... os novos amigos haveriam de vir. Quem sabe não estava chegando o tempo de pertencer àquele novo grupo? Aquele grupo que eu tanto almejava, um grupo de apoio?

Enquanto isso não acontecia, Isabela e eu fomos atrás de dois líderes que ela conhecia. Um era Pastor da Igreja de Dona Márcia, e outro era Missionário da JOCUM. Hoje, ficamos pensando porque fizemos isso...

Na nossa alma, parecia haver uma certa urgência, uma necessidade grande de falar com alguém. Eu compartilhei a periferia da minha história com eles, uma pontinha de nada. Me receberam bem, escutaram, oraram conosco, incentivaram... foram muito solícitos e amorosos! Mas a verdade é que ninguém sabia dizer algo além do que eu estava acostumado a ouvir. Eu conhecia as promessas da Bíblia e sabia do Poder maior de Deus. Mas queria tanto escutar alguma outra coisa!

Eu tinha visto Grace duas ou três vezes, e havia passado por uma Ministração. Apesar de aquilo ser fundamental, era pouco para a minha alma. Precisava muito de outras pessoas perto de mim! Ah, meu Deus, como precisava! Grace estava sempre viajando, ela não poderia “tomar conta” de nós.

É difícil explicar... mas eu sentia alguma coisa diferente no ar... sentia *cheiro de fumaça* no ar! Mais ou menos como se houvesse alguém à espreita, e eu estivesse vulnerável... e a qualquer momento um golpe pudesse ser desferido contra mim, e acabasse comigo. Não era exatamente uma sensação na alma... ia além disso, parecia ser uma percepção além do natural. Havia alguma coisa que eu não sabia dizer o que era, nem o que poderia me fazer... por perto!

Não me lembro de ter comentado essas impressões com Isabela, mas creio que ela também não se sentia em paz. Assim como eu, no seu íntimo, havia um sinal de alerta, um sinal de perigo, um sinal de fogo. Tanto é que partiu dela a sugestão de procurar aqueles líderes.

No fundo, no fundo da nossa alma, havia uma necessidade. A necessidade de escutar de alguém que “tudo daria certo”, mas não de uma maneira simplista. Havia uma ameaça de morte que pairava no ar, havia um decreto... nós dois não falávamos muito sobre isso, mas aquilo incomodava.

“Você não vai completar 33 anos de idade...”

Eu me julgava escondido. Mas, e se algum dia eles me achassem? Eu estava tendo que falar algumas coisas, por mais que fossem coisas sem muita importância, e se um dia eles me encontrassem?! Não haveria escapatória possível... eu conhecia o Poder do Encantamento!

Por isso, e por muito mais, nós queríamos estar dentro de um pelotão do Exército de Deus. Dentro dele estaríamos seguros... mas, fora... fora não há proteção! Não obstante, parecia estar demorando muito para encontrar aquele pelotão! Fazer parte dele!

Já fazia algumas semanas que estávamos frequentando a nova Igreja.

“Mas ainda não conhecemos ninguém...”, e aquilo me incomodava.

Às vezes, em casa de minha mãe, costumava descer até o porão para fazer alguma coisa, para pegar um livro ou outra coisa qualquer, e me sentia mal ali embaixo. Era como se Abraxas estivesse me olhando, me observando. Ele não aparecia, não se materializava... mas eu me sentia observado.

“Será que isso é coisa da minha cabeça?...”

Nesse tempo, eu não sabia conceituar o que era uma opressão, não tinha ideia do que fosse isso. Tinha poucas ferramentas para usar em prol de mim mesmo no Reino Espiritual.

Mas aquela sensação continuava, eu sentia que ele estava ali. De repente, agora era como se eu não fosse mais bem vindo àquele lugar, dentro da minha própria casa! Fosse *persona non grata* lá dentro.

Uma sensação esquisita...

Fora isso, algumas vezes aconteciam outras coisas que me davam a impressão de “cheiro de fumaça”. De haver algo esquisito no ar...

A primeira delas, se bem me lembro, foi em junho.

Iria haver uma festa especial da Empresa para comemorar o dia dos namorados. Seria no *Club Hom's*, na Avenida Paulista, e os convites já estavam à venda. Tão logo soube do evento – que o *Club Hom's* seria fechado para os funcionários da minha Empresa – fiquei entusiasmado. Mais por Isabela do que por mim. Eu ainda me lembrava das aulas de dança que ela quase que tinha me “obrigado” a frequentar.

Não tinha dado muito certo, na época, por motivos óbvios: não conseguia ver Isabela dançar com mais ninguém que não fosse eu. Mesmo assim, eu tinha aprendido os passos básicos de vários ritmos. Isso queria dizer que nós poderíamos nos divertir bastante!

Cheguei para contar a novidade, todo animado: – Olha só, “Mô”! Vai ter um baile dos namorados no Club Hom’s!

Isabela se interessou de imediato.

– Sério, é? Puxa vida, que legal!

– É só pros funcionários da Empresa. Você vai querer ir?

– Puxa, mas nem! A gente poderia também chamar mais alguém, mais algum casal. Quem sabe a Mayra não está a fim de ir?

– E quem a gente chama pra fazer par com ela?

Mayra não estava mais namorando com Walter. Então Isabela sugeriu:

– Será que o Alberto não gostaria? Ele também gosta de dançar!

– Então vou convidá-lo! Você chama a Mayra.

Isabela ficou bastante feliz com a oportunidade, e embora dançar não fosse a mais prazerosa atividade para mim, fiquei contente em poder fazer minha noiva contente. Assim combinados, entrei logo em contato com Alberto. Isabela fez o mesmo com a Mayra.

Como os dois toparam o programa, comprei os convites. Daí ficamos fazendo planos para a grande noite.

– Vai ser um baile de verdade mesmo! Não vai ser discoteca, vai ser dança de salão. Bem do jeito que você gosta, hein, menina?!

– Pois é, já faz tempo que a gente não arruma um bailinho na casa da Mayra, agora esse veio de encomenda!

– Todo mundo vai. Todo mundo do meu departamento.

Assim, ficamos esperando pela data. Iria cair numa sexta-feira, dia 13. Data sugestiva para os supersticiosos! Mas não para a gente, era só mais uma sexta-feira, como outra qualquer. Naquela época do ano, já estava fazendo um friozinho, iria ser gostoso sair à noite.

Fui para o serviço na sexta-feira como fazia todos os dias, de ônibus fretado. Lá pelo meio da manhã, liguei para Isabela no seu serviço. Ela entrava bem cedinho, às sete horas, mas depois das nove já estava mais livre.

– Oi, Gatinha! Bom dia! E aí, como é que está o trampo?

– Oi, Nenê, tá tudo bem... o pessoal já tá começando a ficar gripado, sabe como é, né? E você?

– Aqui tudo normal, hoje foi dia de reunião logo cedo. Aquela história do RDF! – dei até umas risadinhas. – Meu chefe quer atingir a meta de qualquer jeito neste mês! Hoje é dia de “vamos lá”!

– Vocês e essas metas que nunca dão certo...

- Tá animada pro baile?
- Com o baile eu estou, e você? Descansou bem à noite? Hoje o Nenê vai ter que dançar muuuito com a Gatinha!
- O Nenê vai dançar, fica tranquila, Gatinha! Mais tarde te ligo na sua casa, pra gente combinar melhor o horário. Combinei com o Alberto na porta do Club.
- Tá bom, Nenê... deixa eu desligar que tem ficha aqui...
- Falô, “Mô”!

O restante da manhã transcorreu sem novidades. Veio a hora do almoço, mais ou menos meio-dia. Descemos todos, almoçamos, descontraímos. Eu subi um pouco antes dos meus colegas ao departamento para fazer umas coisinhas.

Logo eles vieram entrando. Aí um deles olhou para mim e falou:

- Sua cara tá esquisita! Tá vermelha!

O pessoal do meu departamento tinha o hábito de tirar sarro de tudo. Por isso, não liguei para o comentário:

- E daí?
- Não, não é brincadeira... sua cara tá vermelha mesmo, tá meio empipocada.

Um outro concordou com o primeiro:

- É mesmo, Mastral! Vai dar uma olhada no banheiro.

Parecia que eles estavam falando sério, então fui ver. Olhando no espelho, percebi que minha pele apresentava uma reação parecida com urticária. Só no rosto e no pescoço.

“Ué... que negócio mais estranho... será que estou com alguma alergia?”

Relembrei mentalmente se tinha passado alguma coisa diferente no rosto. Não tinha. Eu estava usando os mesmos cosméticos e as mesmas roupas de sempre.

“Bom, acho que vai passar sozinho.”

Voltei para o setor e continuei trabalhando normalmente. Lá pelo meio da tarde, embora me sentisse bem, a tal reação não melhorou.

Um dos meus colegas me olhou melhor.

– Gozado... você não estava assim há pouco tempo. Parece que está mais vermelho ainda... será que foi alguma coisa que você comeu?

– Acho que não. Não deu nem tempo de absorver a refeição e já tinha aparecido isso. O pessoal notou logo que eles subiram do refeitório!

– Se você não melhorar, dá um pulinho até a enfermaria! – mesmo assim, não quis dar o braço a torcer.

– Ah, não deve ser nada! Acho que já, já passa.

Não paravam de comentar. Quem passava perto dava o alarido após olhar para mim rapidamente:

- Eduardo, seu rosto está todo vermelho! Você está se sentindo bem? Não?
- A bem da verdade, até que estou... só está meio calor aqui,
- Nossa, vai até à enfermaria! Não fica aqui desse jeito, dá uma passadinha no Médico.

Então acabei concordando. Não estava melhorando, o que seria aquilo? Meu chefe nem estrilou, apesar do RDF e das metas, e me mandou à enfermaria. O Médico não estava naquele horário, mas a enfermeira me garantiu que ele chegaria logo.

- Será que você está com sarampo? – indagou ela.
- Não estou sentindo nada. Não pode ser sarampo!

Subi para o departamento outra vez sem dar maior atenção para aquilo. Eu não estava me sentindo mal, não poderia ser nada grave. Voltei mais tarde para falar com o Médico.

Logo de cara, ele achou que poderia ser uma reação alérgica. Mas, ao verificar a temperatura, descartou a hipótese. Eu estava com febre de 39°.

- Mas eu estou me sentindo bem! Só está meio calor.
- Deixa eu ver a sua garganta. Hummm... – ele me olhou de volta. – Sua garganta está ótima! Esse *rash* cutâneo, com essa febre, bem poderia mesmo ser um sarampo – até mesmo uma rubéola. Mas você só tem lesões no rosto, teria que estar aparecendo no corpo todo. Essas doenças infantis, quando acontecem no adulto, são até que bem floridas, você iria ficar cheio de gânglios... estaria com a garganta ruim... se fosse sarampo iria aparecer uma lesão característica na garganta. Esquisito! Por outro lado, reação alérgica não dá esse febrão. Você tem certeza que não passou nada diferente no rosto?

- Certeza absoluta! Não fiz nada de diferente...
- Muito menos foi o almoço, não?
- Acho que não... todo mundo comeu a mesma coisa, não tinha nada de especial... e assim que subi para o departamento já estava com o rosto assim.

Ele me examinou muito bem e me encheu de perguntas. No final, com um sinal de interrogação no semblante, apenas medicou a febre e explicou:

- Tem coisas em Medicina que a gente não consegue explicar bem. O seu quadro é estranho, não parece ser alérgico, mas também não dá pra gente afirmar que é uma doença infecciosa. Vou te dispensar hoje, e se você não melhorar... a gente investiga melhor.

Voltei para minha sala pensativo.

Por dentro, parecia que alguma coisa me incomodava. Aquele versículo do Salmo 91, o que fala sobre “a seta que voa ao meio-dia”, ecoava no meu espírito.

Não dei atenção. Aquilo não tinha o menor senso, a menor lógica! “Seta que voa ao meio-dia...”.

Não gastei mais do que alguns segundos lembrando-me daquilo, eu conhecia aquele demônio, era familiar para mim. Trata-se de um Principado forte... mas por que eu estaria sendo vítima de um Encantamento, se eles não sabiam onde eu estava?...

Não orei, recusei-me a pensar naquilo. E, uma vez de volta ao departamento, tratei de cuidar dos meus afazeres. Logo era hora de ir embora, e Isabela viria buscar-me, portanto, nem iria usar o atestado Médico.

“Não está melhorando... eu queria que melhorasse... hoje é sexta-feira, dia 13, mas... não! Me recuso a aceitar essa hipótese!”

Mesmo assim, aquela história de “seta que voa ao meio-dia” continuava na minha cabeça.

Quando deu o horário de saída, desci, e Isabela já estava parada lá na frente, dentro do fusquinha. Assim que abri a porta, ela olhou para mim e notou as lesões.

– Nenê! O que você fez no rosto?

– Nem eu sei...

Ela se inclinou para olhar melhor.

– Parece uma reação alérgica...

Fui explicando tudo para ela enquanto pegávamos a Marginal. Quando acabei de falar, Isabela indagou logo:

– E você orou? Orou depois que se lembrou do versículo?

– Não.

– Mas, Nenê... puxa... você deveria ter orado! Você passou a tarde toda assim, nem sequer colocou isso pra Deus? E se for mesmo um ataque?

– Ah. Não orei...

Mais tarde nós dois oramos juntos porque Isabela fez questão. Eu não estava no melhor da minha forma física, mas mesmo assim fomos à festa. Embora Isabela estivesse preocupada com meu estado de saúde, eu não quis frustrá-la, nem desmarcar com os nossos amigos.

– Eu estou bem!

– Você tem certeza? A gente pode não ir!

– Não, não... estou bem.

A festa foi boa, deu para gente dançar bastante, dar umas boas risadas com Mayra e Alberto. Mas aquilo ficou na minha cabeça.

“Será...?”.

Algumas datas são mais fortes do que outras para demônios atuarem, alguns horários também. Se eu fosse levar em conta a Numerologia, uma sexta – treze – tinha um contexto espiritual mais forte do que uma outra data qualquer...

O fato é que, no dia seguinte, a reação já era praticamente inexistente. Parecia que eu tinha tomado um banho de sol. No outro dia, não tinha mais nada.

Se esse fosse um fato isolado, não daria maior importância a ele. Mas a verdade é que nas últimas semanas eu e Isabela começamos a ter estranhas brigas, sempre nos finais de semana. Isso não era comum. Durante a semana, quando havia pouco tempo para estarmos juntos, tudo corria às mil maravilhas. Mas nos fins de semana, quando era tempo de relaxarmos nossa cabeça, brigas aconteciam e nos roubavam a paz. O descanso era prejudicado de uma forma tremenda.

Nossa saúde estava sempre abalada por gripes que se sucediam. Volta e meia eu comecei a ter dores de estômago fortes e inexplicáveis.

Aquilo parecia mais do que coincidência.

Mas nós não pudemos, naquele momento, fazer qualquer tipo de associação desses fatos com o evento do testemunho que dei no Carnaval. Afinal, fazia quatro meses que tinha acontecido! Quem iria pensar nessa associação?!

Acho mais plausível acreditar que tenha sido uma somatória.

Primeiro, claro, houve a minha Ministração com a Grace, no final do ano passado. Sem dúvida alguma, aquelas renúncias, confissões e orações de guerra tinham causado seu abalo no Reino Espiritual.

Depois, aquele testemunho, que acabou trazendo revelações importantes para uma Igreja, não poderia ser desconsiderado.

E ainda, em terceiro lugar, Deus nos havia mostrado nossa nova Igreja. Agora estávamos frequentando um lugar aparentemente bem diferente daquele de onde tínhamos vindo.

O Reino das Trevas começou a mover-se. Mas... eu não estava escondido?...

Se nós tivéssemos nos limitado a participar da Ministração e ido em busca de uma nova Igreja, creio que Deus talvez nos tivesse mantido escondidos por mais tempo. Mas, a precipitação em testemunhar, em fazer aquilo que Deus *não* tinha mandado fazer, acabou sendo a brecha para que a Irmandade me localizasse.

O entendimento dessas coisas demorou a vir. Na verdade, só veio muito tempo depois. As coisas começaram a acontecer, mas, enquanto aconteciam, mais assemelhavam-se a fatos isolados, coincidências, acasos... nada que nós enxergássemos como fazendo parte de um todo, de um processo novo que começava em nossas vidas.

Nós não estávamos entendendo nada. Muito menos associando isso a alguma espécie de ataque do inimigo.

Mas aí aconteceu um fato novo.

* * *

Era um começo de noite, Isabela e eu entramos no Fran's Café para fugir do ventinho gelado do começo do inverno. A gente adorava ir lá para tomar *cappuccino* e comer pão de batata.

Nada tinha acontecido de especial naquele dia, mas eu me sentia um pouco estranho, meio apreensivo. Isabela costumava notar essas mudanças de humor com facilidade porque não faziam parte do meu temperamento cotidiano.

Normalmente, eu estava alegre, brincando. Mas já fazia algum tempo que estava mais calado, introspectivo, meio alheio a tudo. Desde a tarde que vinha assim.

Isabela estava falando enquanto desembulhava uma das mentinhas de chocolate que acompanhavam o café. Estávamos sentados numa mesinha perto da porta e dali dava para perceber o vento que agitava tudo à volta. Talvez chovesse mais tarde. Na avenida Heitor Penteado, o fluxo de automóveis e coletivos iria até tarde.

– Tá tudo bem mesmo, Nenê? – perguntou Isabela mais uma vez. Ela já havia perguntado várias vezes.

Olhei para ela, notei seu rosto apreensivo. Naquele dia, Isabela usava um casaco *jeans* por cima da roupa branca que lhe dava um ar despojado. Dessa vez, demorei um pouco mais na resposta.

– Não sei... hum...Gatinha – olhei em derredor sem entender direito aquela sensação que me assaltava tão de repente. – Eu acho que preciso telefonar para a minha casa *agora*.

Naturalmente que ela não entendeu o meu senso de urgência, mas continuou sentada na mesinha enquanto eu caminhei rapidamente em direção ao telefone público ali no canto.

Aquela sensação que tinha me invadido de repente, enquanto eu tomava o meu café, era algo totalmente diferente de tudo que eu já tinha sentido. Que seria aquilo, meu Deus?!! Parecia que uma luz vermelha tinha acendido dentro de mim, um sinal de alerta.

Foi mais ou menos como se eu pudesse pressentir um perigo no ar, mas não da maneira humana. Todo mundo já teve um pressentimento pelo menos uma vez na vida, isso é uma característica da alma humana. Mas não era um pressentimento daquele tipo, não era o tal do “sexto sentido”. O ser humano liga seu sistema de alerta quando os seus sentidos físicos percebem o perigo à volta. Por exemplo, na iminência de um acidente, todo mundo é capaz de antecipar que algo ruim vai acontecer.

Mas não era isso. De alguma forma que não poderia explicar, eu estava captando aquela iminência de perigo, mas não sabia *qual* dos meus sentidos estava sendo usado para me trazer aquela informação. Podia realmente pressentir o perigo, mesmo sem vê-lo. Não era uma sensação vaga; antes, bastante intensa, bastante certa. E tinha certeza daquilo, de alguma maneira eu tinha *certeza absoluta...* mas não era uma informação que vinha da minha alma; vinha do meu espírito, mas eu não sabia disso ainda.

Não tinha ideia, nunca tinha ouvido falar e muito menos sabia o que era o discernimento espiritual. Por isso, nem pensei nisso, nem sequer me passou pela cabeça que Deus pudesse estar me dizendo algo, sinalizando algo.

Então liguei, falei com minha mãe. Voltei para nossa mesa em poucos minutos. Isabela se assustou com a expressão do meu rosto. Era difícil falar qualquer coisa, ela notava que eu estava diferente, alguma coisa dentro de mim alterou minhas feições.

– Está tudo bem? – perguntou ela meio preocupada. – O que aconteceu? Aconteceu alguma coisa?

Não respondi de imediato. Peguei o cardápio nas mãos somente para ter o que pegar.

– Eu já te explico. Deixa só eu metabolizar um pouco...

– Meu Deus, aconteceu alguma coisa ruim?!

– Não, não... só foi... *diferente*, é isso. Foi uma coisa diferente!

Ela me deixou comigo mesmo por um tempo, pedimos outros *cappuccinos*. Isabela, apreensiva com o que poderia estar ocorrendo, não aguentou e perguntou de novo.

– Mas o que aconteceu, Edu? Tá tudo bem mesmo?! Me conta o que está acontecendo, vai... desse jeito não consigo nem aproveitar o café!

Então falei. Mas devagar, escolhendo as palavras, um pouco confuso ainda com o que tinha acontecido.

– Eu não sei te explicar bem o que foi. Mas logo que a gente entrou aqui, fui invadido por uma sensação diferente. Como se algo me dissesse que eu tinha que ligar pra casa.

– Como assim?!

– Não sei explicar. Uma sensação... como se alguém me dissesse: “Liga pra casa... tem algo lá que você precisa saber agora”.

Era isso mesmo. Aquela sensação me mostrava, além do perigo, que havia algo na minha casa que eu precisava saber naquele momento.

– Mas quando foi isso, foi aqui mesmo?

– Isso. Aqui mesmo, quando a gente entrou – a próxima pergunta dela era óbvia:

– Bom... e *tinha* algo que você precisava saber?

Balancei afirmativamente a cabeça. Nem eu conseguia entender aquilo, tinha acontecido comigo, mas eu não sabia explicar *como* tinha acontecido!

– Tinha mesmo.

– E o que era?!!

– Uma carta. Tem uma carta pra mim lá. Chegou hoje. Uma carta dos Estados Unidos.

Fiquei mudo e ela também. Isabela não queria perguntar mais nada, embora dessa vez, fosse a sua vez de mudar a expressão do rosto. Acompanhei seus pensamentos:

“Só tem *um lugar* de onde pode ter partido essa carta...”. Mas eu não queria aceitar de imediato a hipótese.

– E você conhece alguém nos Estados Unidos...? – perguntou Isabela, apenas por perguntar.

Nós dois nos entreolhamos desconfortavelmente. Eu ainda tentava filtrar tudo aquilo, não conseguia entender por que eu tinha ficado sabendo da carta antes de ver?

– Bem... *alguém*, não.

Isabela suspirou de leve, cheia da mesma sensação de mal-estar que também teimava em invadir-me:

– Eduardo, não vai me dizer que isso aí é da Church! – exclamou ela.

– Pois é, acho que é, sim. Minha mãe leu no envelope que veio de San Francisco. Ela não sabia o que dizer. Nossos *cappuccinos* jaziam esquecidos sobre a mesa.

– Mas por que isso agora, meu Deus? Por que será?!

– Não sei. Mas olha, não vamos pensar nisso. Vamos tomar o nosso café e depois ficamos sabendo.

Mas ela não conseguia parar de conjecturar a respeito.

– E como será que você ficou sabendo *antes* de ver a carta? Será que foi mesmo Deus que avisou?

– Eu não sei o que pensar, Isabela. Depois pensamos nisso. Não deve ser nada de importante – e eu sorri procurando tranquilizá-la. – Agora vamos aproveitar o nosso café!

“Será que é Deus falando comigo?”

Mas não imaginava que Deus pudesse falar daquela maneira. Então, naturalmente... não tinha sido Deus! Tinha sido um pressentimento, apenas isso. A gente sempre escuta aquela coisa das pessoas falando: “Estou tendo um mau pressentimento”. Isso é fato, é comum!

Era isso.

Mas aquela sensação indistinta e totalmente ímpar que tive, pela primeira vez naquela noite, viria a confirmar-se vez após vez. Foi a primeira manifestação do Dom de Discernimento que o Senhor estava me dando. Nós viríamos a precisar disso no futuro!

Como não adiantava mesmo ficar pensando naquilo, acabamos por deixar de lado o assunto. Era melhor aproveitarmos o momento de descontração um com o outro.

Quando saímos, estava frio e caía uma chuvinha. Isabela me deixou em casa, que era bem pertinho dali. Nós nos despedimos com um beijo e um abraço. Sempre me olhando significativamente, com um certo pesar, Isabela esperou que eu destrancasse o portão antes de acelerar o carro. Acenou de longe e certamente foi para sua casa pensando que naquele momento eu deveria estar abrindo o envelope que tinha vindo dos Estados Unidos.

Foi exatamente o que fiz assim que pus os pés em casa. Antes disso, perguntei a minha mãe:

– Está tudo bem?

– Tá, sim. Por quê?

– Ah! Por nada...

E fui direto xeretar na estante onde ficava a correspondência. Assim que olhei o envelope, toda e qualquer dúvida que ainda pudesse existir no meu coração se desvaneceu. Eu conhecia aquele material, conhecia aquele tipo de papel... era um envelope pardo, mais grosso do que o convencional e um pouco maior. Num dos cantos, estava impresso um pequeno logotipo... que eu também conhecia...

“Mister Daniel Mastral”... “hum...”.

A primeira ideia que me veio à mente foi aquela mesmo: “Localizado...”.

Mas aí pensei melhor, talvez eles estivessem apenas jogando verde para colher maduro. Talvez eles quisessem ter certeza de que eu estava morto... porque, no meu coração, eu tinha uma forte convicção de que realmente eles pensaram que eu estava morto. Eles sempre me disseram que os poucos gatos pingados que tentaram escapar da Irmandade tinham morrido. O fato de Thalya ter me procurado parecia não existir. Não fazer diferença. Tinha sido há tanto tempo, uma manifestação tão isolada...

“Eu sei que eles foram enganados, eu sei que os *demônios* foram enganados e eles pensam que eu morri.”

Eu acreditava que, se ficasse quieto, se não falasse nada de importante, se não chamasse a atenção de ninguém... eles nunca iriam me descobrir!

Olhei para o envelope antes de abrir. Não adiantava esperar mais, rasguei-o e abri. Esperava ansiosamente que fosse um engano, esperava que não passasse de um alarme falso.

Mas não era.

Desdobrei o papel parecido com um pergaminho. No alto da página, o pentagrama. Inspirei fundo. Estava em inglês. Eram frases curtas, escritas com letras grandes.

“*Por que* cargas d’água eles estão fazendo contato?? Depois de tantos anos...!?”.

Muito difícil dizer o que senti ao tomar nas mãos o conteúdo da carta. O que tanto temi, enfim acontecia. Não era como a visita isolada de Thalya. Era uma manifestação mais formal. Não havia a menor sombra de dúvida. Eles tinham me encontrado... a partir daí, eu sabia, era uma contagem regressiva e inexorável.

Hoje percebo com mais clareza por que Deus me sinalizou antes, daquela maneira estranha, fazendo-me sentir o perigo exalando no ar. Era porque a carta estava consagrada, aquilo não era somente papel. Deveríamos ter orado antes. Logo, observei aquelas manchas em tom marrom, como que respingadas sobre o papel. Eram manchas de sangue, eu sabia disso, mas... naquela hora, estava perdido! O que deveria fazer a respeito?

Nem parei para pensar naquele sangue, muito menos para orar quebrando o Encantamento. Aliás, eu não sabia *como* fazer isso, não sabia *o que* fazer para lidar com aquela situação. Eu não sabia como lutar! Tudo em que conseguia pensar era aquilo, que eles tinham me achado!...

Esforcei-me para tentar entender com rapidez de que se tratava aquilo. Estava meio assustado e não conseguia traduzir literalmente, mas entendi uma ou outra coisa.

“Deve haver um dicionário de inglês em algum lugar...”

Enquanto eu procurava, o telefone tocou. Mais depressa do que de costume.

Era Isabela que tinha chegado em casa e me ligava imediatamente.

– E aí? Leu?

– Mais ou menos. Está em inglês.

O meu inglês continuava tão bom quanto antes. Isso é... continuava péssimo. O dela também não era muito bom, mas Isabela reclamou, ansiosa:

– Lê aí, então! Vamos tentar ver o que diz.

Comecei a ler, e ela tentava entender. Mas foi impossível!

Então ficou para o dia seguinte. Se eu tivesse comentado com Isabela sobre as manchas de sangue, sobre a certeza que eu tinha de que aquilo estava consagrado, certamente nós teríamos orado. Ela tinha uma visão a mais de Batalha Espiritual, ela sabia melhor o que fazer, pelo menos *teoricamente*. Mas eu quis poupá-la dos detalhes. No entanto, todo o meu esforço seria em vão, eu queria poupá-la de algo que o próprio Deus não a pouparia.

No serviço, tirei um xérox do pergaminho que exibia o símbolo da Alta Magia e passei a cópia para Isabela em casa, por fax. Tão logo traduziu a carta, ela me ligou no serviço. Leu o texto todo. O que estava escrito queria dizer, em poucas palavras: “Nós te achamos. Nós sabemos que você está aí.”

Depois dessa constatação, procuramos ser otimistas e não nos deixarmos levar.

– Em suma... é uma espécie de evocação bem suave do passado, você não acha? Estão sendo bem sutis... – começou Isabela.

– É mais ou menos por aí. Nas entrelinhas, eles querem tocar no lado emocional da coisa e me convencer do quanto errei em abandonar a Irmandade. “Abandonei aqueles por quem fui amado... etc., etc.”

– E o Poder que isso representava...

– Muito educadamente estão alertando para eu ficar com a boca fechada, não sei se você percebeu.

– Percebi, sim. “Conservar o silêncio é conservar a vida.” – Não era o fim do mundo, ela procurava se convencer disso. – Não é intimidadora às claras, nem grosseira. Eu acho mesmo o *máximo* essa história de procurarem lembrar-se do quanto você foi “amado”. É brincadeira! – a voz dela soava num misto de inconformismo e espanto. E completou: – O que eles querem dizer com isto aqui: “Você se lembra daquele dia no Teatro? Aquilo era Poder de fato?” Do que estão falando, você sabe?

– Sei, sei... já nem me lembrava mais. Depois eu te falo, agora não dá.

– Tá bom, Nenê... mas, olha... não vamos dar bola pra isso, né? – ela queria sentir o quanto aquilo poderia ter me abalado a alma.

– Claro que não! Mas o que eles disseram era previsível.

– Por que será que fizeram isso?

– Não sei.

– E a carta de verdade?

– Já joguei fora. Queimei! Não queria ficar com aquilo mais tempo.

– Puxa, eu queria ter visto.

– Parecia um papiro. Mas não era bom guardar comigo até o fim do dia. Essas coisas vêm contaminadas!

Isabela ainda não entendia bem o contexto dos objetos consagrados e dos Encantamentos. Mas concordou. Embora um pouco frustrada. Mais tarde eu lhe explicaria tudo direitinho...

Fiquei pensando muito, depois. Eu conhecia a Irmandade. Aquela carta parecia muito mais uma advertência de um amigo, do que uma clara ameaça da Organização. Pensei inclusive que ela poderia ter partido do próprio Marlon. O burburinho gerado dentro daquela Igreja toda contaminada com Maçonaria deveria ter despertado alguma suspeita. A que só a alta cúpula da Irmandade teria acesso!

A alta cúpula da Irmandade me conhecia, e alguém deve ter percebido que eu estava começando a “pôr as manguinhas de fora”. Por esse motivo, penso que aquela carta não foi realmente uma ameaça, mas uma orientação de um amigo. Um sinal de “tome cuidado”.

Hoje, eu percebo que de fato Deus tinha me preservado, tinha me mantido escondido. Claro, desde que comecei a namorar Isabela que o Reino Espiritual estava se movendo, os demônios estavam alertas... *mas eles não tinham autorização de contar isso para os Filhos do Fogo!* Porque a História está nas mãos de Deus!

Porém, a partir do momento em que, de forma imprudente, me expus... fiz o que não deveria fazer... aquela proteção de Deus foi retirada. E a Irmandade pôde me ver, pôde seguir o meu rastro. Isso iria acontecer de qualquer maneira, em algum momento. Mas talvez acontecesse mais tarde, não sei. Talvez fosse de outra maneira.

Mas o fato é que foi assim.

Além disso, eu tinha começado a ser ministrado pela Grace... tinha mudado de Igreja...hoje eu consigo somar as peças. Mas não naquele momento; naquele momento, eu não entendia porque eles haviam conseguido me encontrar.

Aquela carta foi um marco. Estava começando um novo período. Naturalmente... a gente não tinha a menor condição de se dar conta disso!

CAPÍTULO 10

Naquele mês de junho, na véspera do aniversário de Isabela, Grace tinha marcado uma nova Ministração. Nós não questionamos aquilo... parecia estar claro para todos que havia muito a ser tratado na minha vida. A própria Grace demonstrava uma especial preocupação para comigo, um *senso de responsabilidade*, por assim dizer.

Afinal, eu tinha ido parar bem ali, bem nas suas mãos. Já se haviam passado mais de seis meses desde o curso, desde nosso primeiro encontro. Mas, como ela mesma explicou, a Ministração que acontece dentro dos seminários é mais ou menos como um pronto-socorro.

– A gente faz o que é possível dentro do tempo que dispomos... Deus usa, Deus age... mas, Eduardo, no seu caso vamos ter que fazer um trabalho mais minucioso, talvez mais prolongado. Talvez você precise de mais de uma Ministração.

Grace estava com a agenda cheia, lotada de afazeres, de viagens. Depois que ela nos viu no Congresso de Batalha Espiritual, na época da Páscoa, parece que aquele senso de responsabilidade voltou a falar mais alto. E logo ela marcou uma data para nos encontrarmos e efetivamente darmos continuidade à Ministração.

E era naquele dia. Na véspera do aniversário de Isabela.

Não questionamos dia e hora, simplesmente demos um jeito de estar lá. Era importante.

* * *

Cerca de um mês depois desse episódio, uma nova pessoa entrou em cena na minha vida e na vida de Isabela. A princípio, nós não imaginamos o quanto ela seria importante.

Aconteceu assim: certo dia, estávamos na nova Igreja, a Comunidade Evangélica Nova Videira, e Marco, que estava passando férias no Brasil, foi conosco para conhecer.

Nessa ocasião, num determinado momento do Culto, uma senhora teve a palavra para compartilhar um breve testemunho. Nada demais, ficamos olhando

enquanto aquela senhora ligeiramente gordinha e de cabelos pretos subiu ao púlpito. Aí ela foi falando, sem delongar-se excessivamente, foi contando sobre uma viagem que ela tinha acabado de fazer. Tinha sido uma viagem Missionária e, nesse País ao qual ela se referia, os vínculos com a Maçonaria eram muito fortes.

Até aí, tudo bem. Quando chegou o final do Culto, Marco correu atrás da mulher todo entusiasmado.

– Que legal que ela tem experiência com Maçonaria! Pode servir para aqueles nossos amigos do interior!

Eu e Isabela não ligamos muito, nem fomos com ele. Observei que Marco conversava com a tal senhora, mas de longe. Não foi nada que tivesse me chamado a atenção. No entanto, para nossa surpresa, ele marcou uma conversa com ela para um outro dia. E fez questão que Isabela e eu estivéssemos juntos.

– Quem sabe ela não pode ajudar você também, Eduardo? Parece que ela tem experiência nessa área.

Nem sei porque concordamos. A verdade é que a gente precisava conhecer alguém naquela Igreja, por que não começar com aquela diaconisa? O objetivo principal era esse, conhecermos alguém, começarmos por algum lugar...

Assim, ficou então combinado e marcado.

Mas fomos ao encontro sem qualquer expectativa maior, na verdade era Marco quem tinha mais interesse naquela mulher por causa da Maçonaria. E, para ser sincero, na verdade, ela não tinha realmente *experiência* nessa área, foi apenas um testemunho isolado, fruto de uma viagem. Ela não lidava com isso no dia a dia! Nem sequer estava exibindo aquele rótulo de quem tem alguma coisa a ver com Batalha Espiritual.

Então, se formos parar para pensar... nosso encontro aconteceu quase que do nada! Aconteceu porque tinha que acontecer.

No dia do encontro, sentamo-nos todos numa salinha, ali mesmo na Igreja, em roda, e foi Marco que começou a falar. Isabela estava muda, e eu também. Embora Dona Clara me tivesse parecido uma pessoa boa, eu não tinha nada para conversar com ela.

Marco foi discutindo aquela coisa toda de Maçonaria, contando da Igreja dos seus amigos, e nós fomos ouvindo. Só que lá pelas tantas ela falou:

– Mas, olha... quem se envolve com uma coisa dessas está perdido... não tem mais jeito! Não tem volta!

Eu já estava calado, mas a essa altura fiquei completamente estarecido. Acho que Isabela sentiu-se exatamente do mesmo jeito.

“Puxa, é melhor eu nem falar nada mesmo...”, cochichei para meus botões.

Marco percebeu que a coisa iria ficar feia, então cortou o assunto de Maçonaria e explicou:

– Bom, vamos logo ao que interessa... a verdade é que nós marcamos essa reunião com a senhora não só por causa disso que eu estou falando. Mas é que o Eduardo foi Satanista... e acho que ele precisa de ajuda... e então...

Justamente nessa hora, Dona Clara mudou a expressão do rosto e exclamou:

– Fiquem aqui e orem em línguas, porque está vindo um ataque! O ataque está aqui! – daí se levantou e saiu da sala aos trancos e barrancos, rapidamente.

Não entendi nada, sinceramente. Eu não estava acostumado com essa linguagem meio pentecostal e, na minha cabeça, eu pensei que aquilo fosse *literal*. Fiquei completamente aparvalhado, sem saber o que fazer. O que ela queria dizer com “o ataque está aqui”?!

Tudo em que pude pensar foi que deveria ter gente estranha na porta da Igreja. E como ela tinha se manifestado daquele jeito exatamente na hora em que Marco falou de Satanismo...

“Meu Deus... acho que *acharam* a gente! Será que acharam a gente?”.

Como, para mim, o ataque era literal, e deveria haver pessoas invadindo a Igreja naquele exato instante, certamente Dona Clara saiu correndo para ir... *em defesa*, o que mais!? Ou melhor, talvez tivesse ido chamar alguém que pudesse defender a Igreja do ataque. Chamar mais gente, chamar a polícia... talvez Dona Clara tivesse recebido uma ordem clara de Deus e estivesse indo trancar a porta, ou avisar alguém!

Naqueles poucos segundos que sucederam a saída dela, tudo isso passou pela minha mente, em *flashes*. Eu tinha certeza que não era algo espiritual, do jeito que ela falou tinha que ser uma coisa *física*; realmente, havia pessoas ali.

No entanto, logo me dei conta do meu erro. Olhei para Isabela, que, apesar de estranhar um pouco aquela atitude, orava em línguas baixinho. Marco fazia a mesma coisa. A sala jazia em silêncio, eles não conversavam entre si, mas não pareciam preocupados. Eu não sabia o que fazer! Apesar de ter acontecido comigo algumas vezes, aquela coisa de oração em línguas, eu continuava relativizando tudo, achando que fosse mais fruto da alma do que realmente manifestação de Deus.

Quando finalmente Dona Clara voltou, tratou de explicar com mais calma:

– Tive que ir ao banheiro... senti na hora que era um ataque, eu estava bem antes!

Ao perceber do que se tratava, fiquei um pouco frustrado. Quebrou um pouco o meu respeito inicial por ela...

Mesmo assim, retomamos o assunto, e ela explicou melhor o que tinha querido dizer sobre “não ter mais jeito” para pessoas que se envolveram com Maçonaria:

– Eu quis dizer que “não tem mais jeito” quando falta o arrependimento. Porque pessoas que vão tão a fundo nessas coisas, normalmente, acabam perdendo a capacidade de se arrepender. Entraram tão de cabeça, e a lavagem cerebral foi tão grande, que eles não conseguem mais ouvir, nem acreditar na Palavra de Deus. Mas é claro que se acontecer da pessoa se arrepender, *sempre tem jeito*, sim! Deus sempre vai libertar e fazer uma coisa nova na vida dessa pessoa. Entenderam?

Fizemos que sim com a cabeça, um pouco mais aliviados. Se ela acreditasse mesmo naquilo, não iria ter como irmos adiante na conversa. Então, Dona Clara quis saber melhor de que se tratava o meu envolvimento. Mas eu não estava disposto a falar, então, falei muito pouco, abri muito pouco, dei uma pálida ideia. Isabela, prudente, também não entrou em qualquer detalhe.

Fiquei olhando fixamente para ela, sondando suas reações. E, incrivelmente... ela não me olhou como um objeto de curiosidade! Isso me espantou!

Ela simplesmente terminou a reunião orando conosco. E disse que durante a semana conversaria com o Senhor para saber que atitude tomar em relação a nós. “Nós”, ela queria dizer: eu e Isabela.

– Eu entendo que a situação de vocês é muito delicada e séria. Já que vocês, de certa forma, vieram procurar ajuda, tenho que buscar do Senhor a estratégia certa.

Quando saímos de lá, Isabela comentou comigo:

– O que você achou dela?

– É uma senhora simpática... e você?

– É simpática.

Jamais nos passou pela cabeça a resposta que Dona Clara teria para nos dar no próximo domingo. Ela realmente nos surpreendeu:

– O Senhor me mandou acompanhar vocês, orar com vocês uma vez por semana.

E falou aquilo simplesmente, com simplicidade mesmo, como se não estivesse fazendo nada de mais. Apenas cumprindo uma ordem de Deus.

Aceitamos. Nem sei porque aceitamos. Aconteceu porque tinha que acontecer!

* * *

Foi assim que eu me aproximei tanto de Grace quanto de Dona Clara. Parece que Deus tinha mesmo inclinado o coração delas na nossa direção. Não que a gente visse isso com essa clareza naquela época, naquele momento. Vemos isso hoje, porque o passar dos anos nos mostrou aquilo que naquele momento nós não tínhamos condição de perceber.

Ou seja: não aconteceu por vontade humana, nem nossa nem delas. Mas foi vontade de Deus. Ele tinha um propósito muito especial em colocar aquelas duas senhoras, aquelas duas mulheres perto de nós. O tempo mostraria isso!

Nós iríamos precisar daquela sustentação.

* * *

Eu não conhecia a Grace ainda. Tinham sido apenas dois encontros! A princípio, não tinha muito que afirmar sobre ela. Quer dizer, excetuando o fato de que me pareceu uma pessoa cheia de ideias meio estranhas, Grace parecia ser boa pessoa.

A despeito disso, no começo, eu achava tudo muito esquisito. Partindo do seu próprio linguajar: ela estava acostumada a usar termos muito simbólicos, falava em escudos espirituais, em “amarras”, em “fios”, etc. E eu não conhecia essa linguagem, não conhecia essa “liturgia”, por assim dizer.

Também tinha aqueles termos estranhos: amarrado, amordaçado... acorrentado. No início, eu entendia isso literalmente. E imaginava o demônio realmente acorrentado. Mas, por outro lado, achava muito difícil que isso realmente estivesse acontecendo.

Aos poucos, fui percebendo que existia uma *restrição de vocabulário humano* para descrever essas situações; então, aquele jargão, na verdade, significava muito mais do que a palavra em si poderia expressar.

Entendi que termos como “amarrar” e “acorrentar” eram apenas força de expressão. Aquilo queria dizer, em outras palavras, que nós estávamos impedindo um demônio de agir, ou, pelo menos, estávamos restringindo os seus movimentos, a sua atuação. Equivale a dizer “amarrei o seu carro”; e isso não quer dizer que passamos correntes em volta dele. Quer dizer que tiramos a gasolina, ou tiramos uma peça fundamental do motor...

No entanto, logo de cara, durante o curso que tínhamos feito no ano passado, em alguns momentos eu tinha a impressão de que estava lidando com pessoas que beiravam o fanatismo. Estranhei muito o Louvor de Palmas que fizemos no curso e também o conteúdo das visões que as pessoas diziam ter.

No entanto, quando fiquei frente a frente com ela, na sala, pela primeira vez, Grace *me tratou bem*. Me tratou com carinho, com respeito e com amor. Deu-me atenção. Eu não estava acostumado a receber esse tipo de tratamento por parte dos Cristãos. Por isso, a atitude humana de Grace me fez enxergá-la de outra maneira.

“Independentemente do que ela possa crer, está me tratando *como pessoa*.”

Foi isso que me fez dar um passo em direção a ela, aceitar bem a primeira Ministração e me permitir participar de outra. Na pior das hipóteses, aquilo iria servir para que eu pudesse conhecê-la melhor.

Essa foi minha impressão inicial. Depois, eu iria encontrar Grace ainda umas três ou quatro vezes naquele ano. O conhecimento veio aos poucos, lógico... eu via Grace raramente, quando muito, conversava com ela pelo telefone.

Era comum que ela me fizesse algumas perguntas. Por exemplo:

– Mas o que esse demônio faz?

Várias vezes Grace me indagou sobre esse tipo de coisa durante as Ministrações. E eu não conseguia entender direito esse tipo de questionamento.

“Não é assim que funciona...”, eu refletia.

Então procurava explicar da melhor maneira, mas, na minha mente, a resposta mais adequada para esse tipo de pergunta seria:

“Bem, demônio *faz maldade*.”

Perguntar o que o demônio faz parecia supérfluo, não parecia ser digno de nota. Me soava mais ou menos como tentar explicar que o peixe nada, e que o leão mata para comer porque é um carnívoro...

Estava me parecendo que a maioria dos Cristãos pensava que os demônios só faziam *uma* determinada coisa, e *somente* aquilo! E *não é assim* que funciona. Assim como seres humanos fazem muitas coisas, têm capacidade para desenvolver várias atividades ao longo da sua existência, assim também os demônios.

Comecei a perceber que os Cristãos tinham mesmo essa ideia errônea: que existe um demônio que causa doenças, outro demônio que mata, outro demônio que induz ao homossexualismo, por exemplo. E que o demônio que mata, só faz isso... e o que induz ao homossexualismo também só faz isso.

Na verdade, todos eles podem fazer tudo isso, especialmente quando se trata de Principados e Potestades. Eu tinha convivido com eles, eu sabia disso. Então, aquilo que Grace entendia como sendo uma *exclusividade* de um demônio, na verdade, era a sua *especialidade*! Porque um determinado demônio que faz muitas coisas – como destruir, causar doenças, produzir inclinações lascivas num ser

humano – pode ter um *talento maior* para causar loucura, por exemplo. Ou seja, causar loucura, causar perturbações mentais é a *especialidade* dele. Aquilo que ele faz melhor.

Do mesmo jeito os seres humanos também têm seus talentos: alguém pode ter uma facilidade especial para a música, ou para o esporte. Mas essa pessoa não passa a *vida inteira* apenas tocando, ou praticando esportes. Nesse sentido, os demônios se comportam da mesma maneira, eles não são robôs condenados a fazer a mesma coisa durante toda a Eternidade. Seria subestimar muito a Criação de Deus. Inclusive, eles têm o livre-arbítrio, têm vontade própria. Têm sentimentos e personalidades diferentes uns dos outros. Não são clones uns dos outros! Eles podem escolher fazer ou não determinada coisa.

Porém, claro que a essência deles é sempre a mesma, isto é, *destruir aquilo que Deus criou, destruir a obra-prima de Deus que é o homem*. Por esse motivo, eu achava tão estranho quando Grace me perguntava o que um determinado demônio fazia.

Essa foi a primeira das constatações que fiz naquela época, a primeira das ideias equivocadas difundidas entre o povo de Deus. Isso certamente trazia consequências na interpretação do mover espiritual. Por exemplo: às vezes, em seminários ou congressos, eu ouvia pessoas contando testemunhos e histórias de como esse ou aquele demônio havia sido derrotado em uma comunidade. Ou em um bairro ou uma cidade.

– Era um demônio que agia através das drogas. Mas então esse demônio foi identificado e confrontado, então teve que sair daquele lugar. Durante meses não se sentiu mais cheiro de droga ali naquele bairro, ou naquela cidade.

No entanto, aquela porta que tinha sido fechada – as drogas – era apenas *uma das maneiras* daqueles demônios agirem naquela região. Aquela porta tinha sido fechada, e nisso o povo de Deus se julgava vencedor daquela batalha. Relaxavam. Mas aí os demônios continuavam agindo: sem confrontação, começavam, por exemplo, a aumentar a prostituição. E através disso, novamente, as drogas eram introduzidas na região.

Era preciso que os Cristãos aprendessem a olhar para os demônios de uma maneira mais global. Eles não são seres tolos, desprovidos de inteligência e estratégia. Quanto mais alta a patente, mais mordazes, astutos e imprevisíveis eles se tornam. Por esse motivo, muitas vezes, o terreno que é ganho pelo Povo de Deus acaba sendo entregue novamente nas mãos do inimigo. E a situação volta a piorar!

– E Dagom? Quem é Dagom? – indagaram-me certa vez.

Respondi que era considerado um príncipe dos ares e que uma das suas especialidades era causar fenômenos da natureza, tempestades, vendavais, esse tipo de coisa.

Foi aí que comecei a perceber dentro do povo de Deus outra coisa estranha. Muitas vezes, as pessoas falavam coisas do tipo:

– Aquele fulano ficou possesso por Belzebu! – ou:

– Enfrentamos Menguelesh – ou:

– Destronamos Leviatã!

Informações como essas, às vezes, eram usadas no âmbito individual e de forma literal. Quer dizer, não havia uma ideia clara da questão hierárquica dentro dos exércitos demoníacos. Dentro daquilo que vi e aprendi na Irmandade, essas três afirmações são falsas, se formos levar em conta que estamos tratando de pessoas. Por exemplo, numa guerra qualquer, dentro do âmbito humano, é verdadeiro dizer:

– Derrotamos Napoleão! Ele foi derrotado!

Isso quer dizer que foram destruídas algumas tropas, ou mesmo um pelotão inteiro de Napoleão. Mas não quer dizer que *todo* o seu exército foi derrotado, e muito menos que *ele mesmo* foi derrotado! Porque, normalmente, os grandes líderes de um exército nem sequer vão para o campo de batalha. Não há confronto direto com o general!

No Reino Espiritual é a mesma coisa; normalmente, os Grandes Príncipes do Inferno, os grandes Principados e Potestades não saem do seu posto para ir atrás de pessoas. Eles têm uma posição muito mais estratégica do que braçal. Um Principado só sai do seu ponto estratégico se a batalha for extremamente séria, se estiver em jogo alguma coisa muito especial, e sempre referente à Irmandade.

O próprio presidente e os grandes líderes dos Estados Unidos não foram lutar no Vietnã, ou em outros países que participaram da Segunda Guerra Mundial. Quem guerreava nesses lugares eram os soldados, capitães, tenentes do Exército. As ordens partiam de cima, mas os grandes figurões não intervinham pessoalmente. Teria que acontecer uma tragédia seriíssima para o presidente americano ir ao campo de guerra.

Traduzindo: jamais um demônio de alta hierarquia sairia para visitar um crente qualquer dentro da sua casa... ou invadiria uma Igreja qualquer. Ele fica no seu quartel-general dando ordens aos seus *comandados*. Esses, sim, podem ter contato

físico e direto com pessoas, causando endemoninhamento. Esses, sim, são alvos mais fáceis de serem confrontados.

Um Principado tem muita relação com regiões, mas eles também não ficam lá o tempo todo, pregados no chão, não estão assim tão disponíveis. Por mais que um grande general ou um presidente sejam tão humanos quanto os demais, isso não se aplica aos demônios. O Poder de um Principado é infinitamente maior do que o dos seus subalternos. Se ele se fizesse presente em algum lugar, a situação seria muito diferente... muito diferente mesmo!

Para realmente incomodar um demônio desses, o futuro da Irmandade dentro dessa região tem que estar em jogo. Às vezes, o povo de Deus tem “vitórias aparentes” quando são fechados muitos terreiros de umbanda, ou muitos centros espíritas de uma determinada região.

Mas isso não importa para a Irmandade. Isso não tem valor em si mesmo! Então, quando comecei a perceber essas ideias difundidas entre o povo de Deus, fiquei um pouco abismado, um pouco chocado. Porque elas me pareciam primárias!

Tomemos por base o antigo exército romano: uma legião era composta por seis mil homens. Mas entre eles existiam arqueiros, flecheiros, infantaria, cavalaria, etc. Ou seja, há várias divisões.

Com os demônios é da mesma maneira: cada um tem sua especialização de ofensiva, cada um utiliza suas armas peculiares, seu jeito próprio de agir. Isso pode ser comparável às divisões encontradas dentro do exército romano. Isto é, alguns atuarão mais na mente, outros mais nas emoções, outros podem causar destruição em todos os sentidos. Destruição da alma, do espírito, do corpo. Dos bens.

Cada um tem uma especialização dentro de uma área, e grupos de demônios que têm a mesma especialidade estarão sob orientação de um comandante. Normalmente, esses comandantes são Principados e Potestades. Mas esses últimos não entram diretamente na guerra, pelo menos *não na guerra do dia a dia dos Cristãos*. Para um Principado ou uma Potestade sair do seu quartel-general e dirigir-se a um Cristão, *pessoalmente...* é algo muito sério e que não acontece com frequência.

A Igreja de Cristo, na grande maioria das lutas diárias, enfrenta subalternos desses demônios. Embora muitos insistam em dizer que foram visitados “pelo próprio Satanás”, só o que têm a contar sobre a forma de agir desse opositor já descarta de pronto essa possibilidade.

Aí é que entra o nosso engano. Por exemplo, uma “cavalaria” espiritual que conta com 300 demônios tem por comandante Abadom. Um desses cavaleiros está

numa casa, ou numa Igreja, e acaba sendo identificado. Apenas *um* desses 300 que compõem aquela cavalaria é confrontado e expulso. Nem por isso podemos esquecer dos outros 299, e muito menos dizer que Abadom foi derrotado. Isso é uma coisa totalmente diferente! Em momento algum aquele exército foi vencido e muito menos o próprio Abadom.

Foi no congresso de Batalha Espiritual a Nível Estratégico que comecei a ouvir algo mais fidedigno. O preletor era muito inteligente e falou com propriedade. Percebi logo que ele tinha uma boa noção da questão da “legalidade”, entendia melhor como funcionava o domínio territorial, e até mesmo experiências com materializações demoníacas ele havia tido.

O que mais me chamou a atenção é que ele falava muito na questão de “retirar a legalidade”. E esse era o ponto chave! Bingo! Não adianta mandar um demônio embora, ainda que corretamente identificado, sem retirar a legalidade das mãos dele.

Àquela altura, não somei as informações, era muito cedo para isso. Mas à medida que ia conhecendo Grace, percebia que ela fazia aquilo que aquele preletor tinha explicado. Quer dizer, por mais que de início não entendesse suas ideias, na prática, ela fazia exatamente isto: retirava a legalidade.

Como os demônios são seres legalistas, ela ia ao encontro do cerne da questão. Batia exatamente no ponto certo. Mas isso eu só fui perceber realmente muito mais para frente.

Porque... para ser sincero...

A Ministração era uma verdadeira incógnita para mim! Pelo menos, foi assim logo no começo.

Estava ali uma prática cheia de uma série de coisas que eu não entendia! Não entendia como ex-Satanista nem como Cristão. Desde o linguajar até mesmo alguns aspectos do ritualismo que parecia haver ali.

Essa história de “rito” me incomodou um pouco. Eu sabia perfeitamente o que era um rito e qual a necessidade deles dentro do contexto da Irmandade.

Quando se faz um rito para um demônio, o que é aquilo? Na verdade, é uma *sinalização espiritual*, você está dizendo para aquele demônio: eu estou aqui! Isso é necessário porque os demônios não são onipresentes. Mas Deus é onipresente, então o rito é dispensável, nós podemos orar em qualquer lugar, e Deus responde pela Graça, em todo lugar.

Mas, na Ministração, parecia haver um “rito”, era preciso preencher a ficha, era necessário fazer aquelas orações de renúncia olhando para os olhos de outra

pessoa... muitas vezes, tinha que repetir a oração que Grace fazia com minha própria boca. Tudo isso acabava de certa forma confrontando aquilo que eu já tinha aprendido sobre Deus.

Por que Deus precisava daquele “rito” para operar? Quem precisa dessa sinalização espiritual é o diabo, não Deus. Quer dizer, eu não precisaria necessariamente estar ali, passar a tarde inteira com Grace, com um intercessor, ser ungido com óleo, repetir todas aquelas orações, confessar todas aquelas coisas, uma por uma, naquela sessão desgastante... eu poderia orar no ônibus, orar na calçada da minha casa... e não iria ser a *mesma coisa*?

No começo, esse foi o meu principal questionamento. Eu não entendia. Mas obedeci, porque precisava da ajuda de alguém, queria ser curado. Pensei comigo mesmo:

“Não vou questionar. Muita gente faz isso, muita gente *não* se submete à Ministração... Isabela mesmo disse isso! Não importa, vou fazer! Tem tanto louco por aí que se submete a cada absurdo, que usa de terapias alternativas, dorme com pirâmide na cabeça... e eu não vou fazer uma coisa simples como conversar, compartilhar, orar em concordância?... Não vai me fazer nenhum mal!”

Aquele foi o meu livre-arbítrio. Assim eu fiz.

Grace várias vezes falou sobre os textos que dizem para nós levarmos as cargas uns dos outros, confessarmos os pecados uns aos outros para sermos curados.

Não havia dúvida de que o fato *de falar* fazia bem para mim.

No entanto, aquela história do “rito” ficou na minha cabeça durante um bom tempo. Eu queria pelo menos entender por que precisava ser assim, por que não teria o mesmo efeito se eu orasse sozinho. Em outras palavras, por que era necessário o “rito” da Ministração.

A obediência foi a porta de entrada para que eu compreendesse. Deus não respondeu ao meu questionamento de imediato. Foi somente por meio da obediência em me submeter que eu fui percebendo, na prática, que seguir aqueles passos fazia com que Ele operasse de *outra maneira*. De uma maneira que eu nunca tinha experimentado.

Esse foi um primeiro aspecto, aquilo que eu experimentei na prática. Mas aí, de repente, Deus deixou de lado aquela experiência prática e me mostrou que havia *outros* “ritos” que Ele tinha instituído. Por exemplo, Jesus instituiu a Ceia, e nós fazemos isso até hoje. O Batismo é um outro rito.

Essas práticas nada mais são do que sinalizações espirituais de Verdades maiores. Ninguém nunca tinha me falado isso, mas em determinado momento me

enxerguei compreendendo essa Verdade. Um dia eu estava lendo a Bíblia e vi ali o rito: a Ceia. E Jesus disse para fazermos aquilo, exatamente daquele jeito, em memória d'Ele até a sua volta. Ou seja, é como se Deus nos dissesse:

“Faça isso porque você gosta de Mim, porque você Me conhece, porque você tem aliança Comigo”.

Todo Cristão sabe que somente assim a Ceia tem valor. É um *externar da nossa fé*, não se trata do *rito pelo rito*.

Então compreendi que Deus não estava descartando certos tipos de rito, desde que eles não sejam fruto de pura religiosidade. Eles têm que ser expressão de algo maior que está dentro do nosso espírito. Apenas a liturgia da coisa não tem nenhum valor, então entendi que a Ministração tinha esse “quê” de “rito”, mas não era um “rito” propriamente dito. Não se tratava de uma fórmula mágica, na verdade era a maneira que Grace encontrou de padronizar aqueles momentos. De não se esquecer de fazer nada que fosse importante, de tornar mais fácil o entendimento e aplicação daquilo que ela tinha recolhido durante anos e anos de experiência.

“Rito” foi o nome que eu dei, na minha ignorância inicial. Mas estava longe de o ser na realidade. Visto que normalmente Grace nem se programava para as minhas Ministrações. Nós nos esquecemos completamente da ficha, ela não tinha nenhum valor no meu caso. Grace trabalhava de acordo com a direção que Deus dava em *cada momento*, dentro daquilo que ela compreendia como sendo fundamental, mas sempre embasada nas informações que eu trazia na hora. Sempre atenta às direções dos intercessores.

E eu queria me libertar... isso era um fato incontestável. Para isso, eu tinha procurado Grace. Então usei de um raciocínio lógico. Da mesma forma como um leigo não tem condições de entender grande parte dos procedimentos Médicos, mas ainda assim aceita a direção que lhe é dada sem contestar... eu poderia fazer a mesma coisa.

Mesmo não entendendo, todo doente que quer melhorar, obedece. E eu tinha começado a ver Grace como uma espécie de “Médica Espiritual”, alguém que me mandava fazer algumas coisas que eu não entendia. Mas decidi obedecer, porque *precisava* ser curado. Como leigo, não iria questionar a direção da Médica. E não questionei. Em alguém eu precisava confiar, e Grace tinha me conquistado pelo método mais simples de todos. Pelo amor.

E eu também confiava em Isabela, e Isabela insistia em afirmar que tudo aquilo tinha seu valor, que era importante.

Então me entreguei de corpo e alma. Repetia aquelas orações, fazia aquelas renúncias, orava e orava com Grace, aceitava a direção que me era dada. Percebi que, à medida que eu me submetia, confessava, orava, me permitia ser ungido com óleo... Deus operava de outra forma.

Agora eu já não achava que a Ministração fosse um “rito”, eu percebia que era uma forma especial de *pedir e dar vazão* ao mover de Deus.

Os resultados não vieram de imediato. Não foi na primeira, nem na segunda, nem na terceira vez. Mas... uma hora eles começaram a chegar! Mesmo sem eu perceber, mesmo sem me dar conta...

Quando vislumbrei os primeiros resultados na minha vida, isso foi o passo inicial para finalmente começar a juntar as peças daquele quebra-cabeça. Comecei a perceber como funcionava a Ministração. Que resultados eram esses?

De repente, eu ia dormir e já não acordava mais no meio da noite com pesadelos – de repente, parece que o medo se dissipava; de repente... minha confiança em Deus já não era a mesma, estava diferente, eu conseguia ver Deus de uma outra maneira.

Comecei também a sentir uma restauração verdadeira de Deus, eu percebia que a sua cura estava se derramando sobre mim, sobre a minha vida.

Durante as Ministrações, muitas vezes, senti a presença de Deus naquele lugar. Comecei a ver melhor quem Ele era, e quem eu era *para Ele*. Mas não de uma maneira subjetiva, não como se fosse o delírio de um coração sedento. Sempre fui muito racional, mas as visitas do Senhor durante as Ministrações fizeram com que eu desse crédito real àquilo.

Havia momentos em que eu chorava por me lembrar das coisas que queria esquecer, Mas a partir de um determinado momento, que não sei precisar exatamente quando começou... o meu choro já não era simplesmente pela lembrança de coisas ruins, mas era um choro de quebrantamento, de arrependimento. E isso foi muito novo para mim porque eu não imaginava que pudesse experimentar isso. O convencimento genuíno do pecado, da justiça e do juízo.

Não sei como explicar... mas começaram a vir à tona, na minha alma, sentimentos até então desconhecidos para mim, e que eu não imaginava que pudessem existir. Eram outros sentimentos, não parecia que partiam de mim mesmo. Especialmente o arrependimento.

Certa ocasião, eu comentei sobre uma investida da Irmandade e das suas consequências funestas. Eu falei apenas por falar, porque precisava confessar

aquilo, liberar aquilo. Quando orei, pedindo perdão, mesmo sem perceber, fiz a coisa meio da boca para fora, de maneira até automática.

Então, depois Grace orou também, e, dessa vez, em vez de levar adiante a Minистраção, ela pediu que Deus derramasse sobre mim o espírito de arrependimento.

Isabela, que sempre estava comigo nas Ministrações, comentou, mais tarde, que também ela orou nesse mesmo sentido.

Eu fiquei quieto, de olhos fechados, acompanhando a oração da Grace... e, de repente, fui invadido por uma sensação completamente nova... uma verdadeira *conscientização* do mal...! Naquele momento, eu percebi que tinha sido uma ferramenta nas mãos do diabo para prejudicar aquelas pessoas, para causar destruição. De repente, foi como se eu pudesse imaginar as cenas que eu não tinha vivido, o impacto daquilo tudo. Um monte de coisas me passava pela cabeça, e então veio o arrependimento. De verdade.

Quando tive consciência daquilo, eu me sentia indigno até mesmo de pedir perdão a Deus. Achava que não merecia perdão, que o mal com o qual estive envolvido não poderia mais ser perdoado. Pensei comigo mesmo:

“Se alguém fizesse isso para mim, eu não iria perdoar... então, como Deus pode *me perdoar* agora?”.

Naquele choro, que me brotou da garganta, eu só chorava e chorava, não conseguia falar nada. Escutei, no meio do meu próprio tormento, a voz de Grace. Ela orava novamente, só que agora era para que eu pudesse receber e aceitar o perdão do Pai.

Mesmo assim não parei de chorar; era um choro diferente, quase compulsivo, sôfrego... um choro de quem sente que não há mais solução. Como se Deus fosse me virar as costas. Naquele momento, então, compreendi a Graça de Deus. Aquilo que antes era teórico, se tornou real. O que era letra se me tornou em vida! Nada que eu pudesse fazer poderia me libertar daquele horror, apenas a Graça de Deus através de Jesus Cristo.

Demorou um pouco, mas, enfim, consegui pedir perdão... e também receber o perdão do Pai.

Foi uma experiência real, foi um contato real com a presença de Deus, com o Amor Dele, e também com a sua Justiça.

Por tudo isso e um pouco mais é que eu comecei a ver que havia uma Força muito grande, uma força muito maior por trás daqueles gestos da Grace, por trás

daquelas palavras de renúncia, por trás daquele “rito” que se chamava Ministração. A Força do Deus Todo-Poderoso!

Notei, espantado, que certas coisas que antes me causavam muito mal à simples lembrança, agora já não tinham o mesmo efeito. Parece que o impacto das lembranças ia sendo atenuado progressivamente. Deus não estava me desmemoriando, eu continuava lembrando-me de todas as coisas. Embora tivesse pedido a Ele muitas vezes que me fizesse esquecer de toda aquela história, essa foi uma graça que Ele não me concedeu. Mas o meu posicionamento diante da lembrança começou a ser outro.

Foi também nas Ministrações que comecei a ver o sobrenatural de Deus pela primeira vez. Como se tudo isso que eu já disse não pudesse ser classificado de *sobrenatural*! Mas estou falando de outro tipo de sobrenatural...

Até então, eu apenas tinha visto o sobrenatural do lado do diabo. Mas os intercessores, todas as vezes, traziam alguma coisa específica, fruto de revelação (conforme eles diziam) e que não podiam ser conhecidas de antemão.

Eu ficava muito encafifado no começo, muito admirado, para ser sincero. Porque apenas eu e os demônios sabíamos de certas coisas, coisas que volta e meia eles estavam falando. Mas eles não tinham entrado em contato com os demônios... portanto, como poderiam saber? Como é que alguém que não esteve cercado de demônios poderia saber aquilo que só eu sabia?

Claro, eu já conhecia uma parte da essência de Deus, a sua Onisciência. Não questionava isso de forma alguma, sabia que Ele era muito maior... e, Ele, sim, sabia de todas as coisas! O que realmente me surpreendia é que até então eu nunca tinha encontrado ninguém que fosse de fato usado por Deus àquele ponto. Que tivesse contato com Ele dessa forma!

Os intercessores traziam palavras de conhecimento, traziam visões, acertavam em cheio no ponto certo, falavam de situações que eu tinha vivido, até mesmo de promessas que eu recebi dentro da Irmandade.

“Que coisa mais *incrível*! Deus fala mesmo com eles!”. Daí ficavam outros questionamentos, de outra ordem:

“Por que Deus mostrou? E por que mostrou com tantos detalhes?”.

Mas ainda não era hora de compreender isso. Nem mesmo de saber que aquele tipo de manifestação do Espírito de Deus não era privilégio de alguns.

Além das revelações, um daqueles intercessores, Ricardo, falava também das dores de estômago que sentia, especialmente nos dias da Ministração. Exatamente iguais às minhas. Era mais uma vez aquela coisa da identificação que o intercessor

pode sentir com a pessoa ministrada. Igualzinho como foi na minha primeira Ministração, com o homem que quase vomitou no balde.

Agora, eu percebia, isso sem a menor sombra de dúvida, que aqueles momentos da Ministração se tornavam palco de um confronto de forças. Eu entendia que, de certa forma, essas forças estavam me *disputando*. Disputar não era bem a palavra, mas havia um mover muito forte do Reino Espiritual.

De um lado, havia uma somatória de autoridade humana, porque estávamos num pequeno grupo, com um propósito específico, e Deus usava isso para trazer à luz o seu próprio mover. E havia a força contrária... dos demônios.

Por que isso acontecia?

Havia claramente uma insistência do inimigo em não querer que eu estivesse lá, em não querer que as Ministrações acontecessem. Por outro lado, havia também uma insistência de Deus em querer justamente o contrário. De repente, eu me vi no centro daquele confronto. E eu sabia muito bem que os demônios não se manifestam sem motivo.

Se havia um confronto tão claro, sinal que havia *Poder* na Ministração, aquilo que estávamos fazendo realmente mexia com o Mundo Espiritual.

Pela primeira vez, eu enxergava o confronto de um outro ângulo. Até então eu o tinha visto apenas pelo ângulo da Irmandade, e, por esse ângulo, ninguém nunca prevaleceu, pelo menos que eu tivesse visto. Excetuando o Brintti. Mas eu não sabia aonde ele estava. Nem mesmo se estava vivo.

Agora, pela primeira vez, eu estava vendo como o Poder do Inferno poderia ser confrontado e até mesmo anulado por aquela guerreira de Deus, a Grace. Antes das Ministrações, eu não tinha a menor ideia do que fazer para resistir à força e ao Poder que a Irmandade representava.

Deus me queria pelo Amor, pelo Amor que Ele tinha por mim... e a Irmandade me queria porque eu era o traidor... ou porque eu era *estratégico*. Ninguém sabia disso ainda, somente eu. E ali estavam aquelas duas forças... um dos lados, o lado do inimigo, oferecia resistência... o outro lado, o lado do Pai, me atraía pelo Amor... eu queria ficar do lado do Pai.

Grace poderia me ajudar... agora eu percebia que somente ela poderia fazer isso.

Ela me apresentava a algo novo.

A cada encontro, eu via um pouco desse Amor de Deus na vida da Grace. Pela maneira como ela falava comigo, pela maneira como me tratava, me olhava. Algumas vezes, com muita admiração, eu enxerguei nela um vislumbre daquilo que eu tinha visto no Pastor Brintti, naquele dia... naquele confronto!

Foi inevitável fazer a comparação, de repente, num relance, eu vi... aquele *brilho*. Até então nunca tinha visto nenhum Cristão com aquele brilho.

Foi então que aquele pensamento inicial desapareceu completamente, aquela ideia que eu tinha tido a respeito dela, de uma pessoa fanática e cheia de ideias esquisitas. Aquele sofisma, aquela fortaleza mental desabou, a resistência inicial caiu por terra.

Agora, eu não obedecia a Grace apenas por obedecer. Agora eu *queria obedecer* porque ela era realmente um instrumento de Deus! Comecei a ver tudo com outros olhos, comecei a ver aquela mulher como alguém que amava muito a Deus, como uma pessoa sincera que Deus tinha indiscutivelmente separado para me ajudar.

Grace sempre me cativou pela sua humildade, pela sua simplicidade... não era altiva nem orgulhosa, eu estava acostumado com outro tipo de gente. Sempre tinha visto um outro tipo de postura dos Cristãos. Normalmente, os Cristãos eram pessoas de peito empinado, cheios de quererem se achar donos da verdade. “Eu sei tudo!”. Era assim desde o tempo em que eu frequentava a Irmandade.

Mas Grace, muitas vezes, se colocava como aprendiz, e explicava:

– Olha, eu vou ter que te fazer umas perguntas... porque o seu caso é novo para mim. Não leve a mal, tá?

Não me incomodava.

Eu estava sentindo a diferença na minha vida, era algo real, palpável! E novamente me veio aquela ideia do Médico: às vezes, ele manda fazer um tratamento que parece ser uma loucura aos olhos humanos. Mas aí a gente faz, e melhora... é curado! O que mais há para questionar?

A meu ver, nada.

E isso não quer dizer que, ao longo das Ministrações, não haveria muitas experiências que eu poderia chamar de “estranhas”. Mas todas elas traduziram o Amor de Deus por mim, a alegria que Ele mesmo sentia ao presenciar aquela libertação, o desejo de me restaurar. Eu precisava dessas sinalizações de Deus. Traziam paz e edificação. Traziam direção. Tiravam o peso.

Nunca uma Ministração foi igual à outra... e nunca eu saí de lá sem ter recebido um toque especial da parte do Senhor. Houve momentos muito difíceis, outros quase sublimes...

A partir de um dado momento, eu já não me sentia mais falando para as portas ou para as paredes, ou apenas para as pessoas que estavam ali. Não... era muito

diferente... como se de fato Deus estivesse ali naquela sala me ouvindo, se alegrando com a minha restauração.

Isso me mostrava quanto era querido, quanto era especial para o Pai. Era quase como se Deus estivesse me montando de novo! Como se tivesse sido quebrado, partido em pedaços, e Ele estivesse recolhendo esses pedaços, peça por peça, para montar outra vez.

E eu experimentava esse mover, sabia que era uma montagem feita com carinho, com paciência, com perseverança, com amor, com tolerância... e de uma forma que eu não tinha experimentado com mais ninguém. Era uma coisa totalmente única, uma coisa sem parâmetros.

A Ministração, para mim, foi isto: um remontar. Eu não imaginava que pudesse existir algo assim, que Deus pudesse fazer algo assim comigo. Ele permitiu que eu fosse quebrado pelo diabo e pelo pecado... depois, quebrantado pelo arrependimento... e então Ele interveio e fez uma coisa totalmente nova. Através da Graça e do Amor. E aí, quando Deus faz de novo... quando Ele reconstrói alguém, fica sem emendas... Ele faz o impossível!

Tem um ditado popular que diz que quando um vaso de cristal quebra, depois de colado, já não é a mesma coisa. Mas com Deus não é assim, com Deus fica mais perfeito ainda do que antes.

* * *

Durante aqueles períodos de Ministrações, comecei também a ver outras facetas do caráter de Isabela. Agora, eu a via como alguém muito perseverante, pois estava ao meu lado em cada minuto dessas Ministrações. Não como uma mera espectadora, mas como alguém participante daquilo. Percebi que Isabela me amava de verdade. Não conseguia imaginar outra pessoa que pudesse escutar aquelas coisas e ainda assim continuar ao meu lado, sem me condenar, sem me criticar, sem apontar o dedo.

Ela nunca fez isso. Isso me fez perceber que o seu amor era genuíno, era verdadeiro. Ela não estava comigo por interesse, aliás, interesse no quê? O que eu tinha para oferecer, para dar? O que eu era na ordem das coisas?

“Puxa, Deus colocou a pessoa certa do meu lado...”

E aquilo me trazia segurança. Quem mais poderia estar passando por tudo aquilo comigo? Eu não conseguia imaginar ninguém...

Por sinal, muitas coisas que eu já tinha comentado com Isabela antes da Ministração, por alto, a princípio, agora estavam claras e patentes porque a Ministração é um processo muito detalhista. Certos detalhes das primeiras Ministrações, eu sabia tão bem quanto ela que nunca tinha comentado.

Aí ficava um pouquinho apreensivo.

“Nossa, agora ela vai entrar em estado de choque...”, pensava comigo mesmo, algumas vezes.

Realmente, Isabela ficava chocada. Na hora da Ministração. Mas depois, ela me espantava pelas atitudes que tomava, porque não eram atitudes pré-moldadas, eram realmente sinceras, realmente espelho do seu coração. E ela dizia:

– Que bom que Deus restaurou, que bom que você está melhor...

E era sempre assim. Ela nunca me acusava. Nunca queria saber detalhes mórbidos, nunca ficava me incomodando com coisas nada a ver. Só queria a minha cura, o meu bem-estar!

* * *

Quanto à Dona Clara, embora ela fosse uma pessoa simples, a gente percebia isso até mesmo pelo seu vocabulário, tinha um Cristianismo que espelhava muita firmeza. Logo de cara, foi *a fé* que Dona Clara tinha o que mais me impressionou!

À medida que passavam as semanas e nós nos encontrávamos para orar, começamos a conhecê-la melhor. Eu percebi que fé firme ela tinha! Percebi que ela realmente acreditava naquilo que estava falando. Isto é, *sabia* do que estava falando e falava com *muita convicção*. Essa foi outra característica que eu não estava acostumado a encontrar nos Cristãos. Até então eu tinha conhecido pessoas de fé mais instável; quando se trata de coisas muito importantes, ou que envolvam realmente o sobrenatural de Deus, a tendência é titubear um pouco.

Mas Dona Clara não era assim. A sua maneira de falar era sempre convicta, sempre falava com muita sabedoria e com muita certeza... com tanta certeza... que eu a admirava muito por isso! Ela nunca falava “eu acho”... ou “quem sabe” ou “talvez”... quando se tratava da Palavra de Deus, ela sempre afirmava categoricamente que “é assim”, ou “é isso”.

Além disso, Dona Clara simplesmente nos acolheu. A mim e a Isabela. E isso era bom! Por causa disso, assim como Grace, demos um voto de confiança para Dona Clara. Valia a pena estar perto dela. Bastava eu não delatar nada de importante.

Claro que a confiança veio aos poucos também. Mesmo porque, com ela, nós não tratávamos dos mesmos assuntos que tratávamos com Grace, era outra coisa. Eram coisas pessoais, coisas do dia a dia, problemas pessoais, problemas familiares, problemas profissionais, conselhos...

Ela trazia uma segurança toda especial, trazia uma tranquilidade. Nós sentíamos conforto nisso, sentíamos que havia mais alguém conosco.

“Nós não estamos sozinhos, tem mais alguém conosco, e alguém firme...”.

Perto dela, realmente, a gente parava de sentir medo, parava de sentir receio, conseguia enxergar as coisas por um outro prisma. Eu e Isabela muitas, e muitas vezes comentamos isso. Ela conseguia trazer para nós aquela esperança, aquela coisa nova que eu tinha tanto querido encontrar em um grupo de apoio. E nisso eu fui vendo a grandeza de Deus... o que elas eram? Grace e Dona Clara? Mulheres!

Humanamente falando, elas não ofereciam perigo para ninguém... mas espiritualmente falando, eram pessoas muito ousadas e usadas. De início, ainda que eu não as tivesse visto como guerreiras, à medida que a pressão foi aumentando e tudo foi afunilando... elas foram as únicas que ficaram de pé, em momento algum elas recuaram. Souberam lidar com aquela situação de pressão e continuar olhando adiante, continuar olhando para Deus. E nisso elas foram também um sustentáculo para nós.

Aquilo me surpreendeu.

Nisso eu vi a Força de Deus, aquilo tinha que ser expressão da Força de Deus.

À medida que as Ministrações foram correndo, e os aconselhamentos com Dona Clara também, eu ficava de olho nelas. Queria saber o que iria acontecer com elas. E, embora viessem pressões e retaliações, elas ficaram em pé. Isso me fez ver que Deus realmente tinha colocado a mim e a Isabela perto de pessoas fiéis, perto de dois pilares de sustentação. Eu tinha imaginado um grupo maior, com homens... nunca pensei em duas senhoras... nisso, Deus mostrou Sua Grandeza! Ele usa o coração que está disposto.

Se fosse pensar bem, Isabela tinha sido o primeiro sustentáculo, sem o qual eu não teria encontrado os outros dois. Ela também não recuou, permaneceu ao meu lado.

Também tinha uma fé especial, mas de uma outra maneira. O seu coração era puro, ela queria agradar a Deus de verdade. Mesmo que nem sempre conseguisse, ela queria. E Isabela, a despeito de todas as dificuldades que enfrentou, não desistia! Não desistia de Deus, não desistia de tentar.

Nisso, percebi que estava cercado, não por um pelotão de guerreiros, como tinha imaginado, como eu tinha em mente... mas por três mulheres!

CAPÍTULO 11

Agora que já apresentei devidamente aquelas que iriam caminhar conosco durante um bom tempo, Grace e Dona Clara, posso retomar nossa história. Realmente, a carta da Irmandade tinha sido um marco. Tudo iria mudar aos poucos depois dela...

Poucos dias antes de a gente conhecer Dona Clara, eu e Isabela brigamos por algum motivo tolo. Nossas brigas eram assim: começavam por alguma bobagem e se estendiam por horas a fio. A gente não conseguia se acertar muito rápido, um assunto puxava outro, e a coisa não saía do lugar. Isso foi numa sexta-feira do mês de julho daquele ano. Mais precisamente, dia 18 de julho. Outra data significativa.

Eu estava cansado de uma semana inteira de serviço, e Isabela também. Mas, finalmente, conseguimos nos resolver mais ou menos antes que eu fosse para minha casa.

Cheguei supercansado, um pouco estressado. Não queria saber de mais nada e fui logo dormir. No entanto, aquela noite seria diferente das outras noites.

Para começar, dormi mal. Era muito difícil que isso acontecesse; em geral, eu pegava no sono facilmente e só acordava no dia seguinte. Por algum motivo, fiquei me remexendo, cochilava e acordava de novo.

Então eu dormi. Dormi de vez.

Lá pelas tantas, não saberia precisar o horário, talvez umas três da manhã, e aquele barulhinho começou a me incomodar.

– TTTTRRRRRRIIIMMM!!! TTRRRRIIMMMM! TTTTRRRRIIIMMM!

Foi tão insistente que, de repente, me vi desperto. No começo, não consegui identificar o que era, totalmente zozzo.

– TTRRRRRRIIIMMMM!!!

Pulei da cama aos trambolhões. Meus irmãos resmungaram um pouco, reclamando do telefone. Se eles já estavam deitados, era sinal de que a hora estava de fato avançada. Minha mãe, pelo visto, não acordou, senão teria atendido em seu próprio quarto. Ou então, ela não estava mesmo a fim de atender.

Então desci a escada para pegar o telefone da sala.

“Que droga... não para de tocar! Será que é o Wang?!” raciocinei rapidamente.

Wang costumava fazer isso vez por outra, ele viajava muito e me ligava de madrugada porque nos Estados Unidos ainda era cedo. Ele dava pouca importância ao fuso horário, e me ligava para bater papo, para contar como estava indo, essas coisas.

– TTRRIIMMMMM!

– Alô!?

No primeiro instante, ninguém respondeu. Por algum motivo qualquer, eu sabia que não era Wang, alguma intuição, lá no fundo, me dizia que era outra coisa... e então ouvi a voz dele. Igualzinha como era, parecia que nada havia mudado, quase como se eu tivesse falado ontem com ele... um eco do passado.

A voz de Marlon soou claríssima pelo telefone numa conhecida saudação em aramaico.

Meu susto foi tão grande que emudeci. Senti um arrepio percorrendo minha coluna, o estômago contraiu imediatamente. Não achei nenhuma palavra para dizer. Sentia somente as batidas surdas do meu coração. Tanto tempo havia passado... eu pensava que eles tinham esquecido de mim... por que ele estava ligando?!...

Senti minha mente sendo bombardeada por uma profusão de pensamentos incoerentes; sentimentos desordenados brotaram do meu coração. Aquela sensação durou alguns segundos que me pareceram intermináveis.

Eu deveria ter respondido à saudação com outro cumprimento. Quando alguém te diz “Bom dia”, você responde “Bom dia”... quando os muçulmanos dizem “Assalam Aleikum”, deve-se responder “Aleikum Assalam”...

Mas eu não pude dizer nada nesse sentido. Embora a resposta daquele cumprimento em aramaico me brotasse na mente, jamais poderia transformá-la em palavras. Então ele continuou:

– Eu fico muito contente em saber que você está bem... – continuou Marlon então, tranquilo, amigo, paternal.

Parecia realmente que Marlon tinha recém-descoberto que eu ainda existia e estava feliz com isso. Minhas suspeitas se confirmaram, durante todos aqueles anos, Marlon e os outros tinham ficado pensando que eu estava morto. Por que Thalya nada dissera?

– É *você*, Marlon?

– Claro! Quem mais poderia ser?

– Como é que você me achou?

– É... levou um tempo... algum tempo! Mas estou muito feliz em saber que você está bem, que você está *vivo*! E que, de alguma forma, você está sendo preservado.

– Deus está me preservando!

– Não... você está sendo preservado por aquele que é o seu verdadeiro pai... Lucifer. Ele sempre soube de tudo, os demônios da mais alta hierarquia sempre souberam que você estava vivo. Eles preferiram te preservar por algum tempo para te oferecer uma nova chance. E na verdade é isso! Chegou o tempo, e você terá essa nova chance. Lucifer esperou para fazer mais ou menos como foi com o filho pródigo. Quando ele quebrou a cara, voltou correndo para casa. Já que você queria tanto, agora você experimentou como é vagar pelo mundo...

Percebi, naquele momento, que talvez eles tivessem dado uma boa explicação sobre meu paradeiro dentro da Irmandade. Talvez, a minha fuga tivesse sido encoberta, e se eu aceitasse o convite para retornar... seria como se nunca tivesse saído! A grande maioria das pessoas talvez não tenha tido acesso àquela informação. A história da minha fuga deve ter sido guardada a sete chaves.

Realmente... não eram muitas as pessoas que sabiam daquela minha desavença com o Brintti! Teria sido muito fácil para Zórdico, para Marlon, para o meu grupo de Fire's Sons ter ficado com a boca fechada... se isso tivesse sido exigido pelos demônios! Eles inventariam que eu tive que viajar para ser treinado em outro país, por exemplo, ou qualquer coisa que o valha. Não seria muito difícil explicar a minha ausência. E a coisa nunca sairia da alta cúpula.

– Escuta... então você quer dizer... que eu só estou vivo porque o diabo não quis me matar?

– Mas é claro. Ou você acha que teria algum obstáculo pra isso?

– Se ele não quer me matar, então é sinal que Lucifer gosta de mim...

– Lógico! Ele sempre te amou, sempre vai te amar. *Nós* te amamos muito! Aliás, você está fazendo muita falta no nosso meio. Agora, a gente sempre comenta de você, você está fazendo falta nas nossas rodas de conversa.

Começou a contar do pessoal, falou sobre Zórdico, sobre Thalya...

– Olha, está chegando o tempo de você ser lançado no âmbito político. O fim do Terceiro Ciclo está aí mesmo! – o tom de voz dele mudou de entusiasmado para ligeiramente melancólico. – Por que você fez isso...? O que foi que fizeram com você? O que que aconteceu?

Marlon falou em tom tão paternal que aquilo me comoveu um pouco. O tom da voz dele me fazia sentir saudade daquilo que eu não tinha mais, a *companhia* de alguém... apesar de não ter tido grandes decepções com a Igreja (ainda), me sentia

só, às vezes. Com a mudança para a Comunidade, eu tinha perdido o contato com aqueles antigos colegas. E acho que eu estava particularmente sensível naquele momento também porque tinha brigado com Isabela.

Mesmo assim, não iria admitir nada para ele:

– Mas eu estou bem!

– Não... *você* está dizendo pra você mesmo que está bem, mas na realidade você não está! Se você olhar à sua volta vai ver que não está bem... o que é “estar bem” pra você? *Nós* queremos o seu bem, *eu* sei o que é melhor pra você. O seu *pai* sabe o que é o melhor! Você sabe muito bem que *não está bem*... afinal, só tem sido subtraído das coisas, e nós, ao contrário! Nós sempre acrescentamos coisas à sua vida, nunca subtraímos nada. Hoje, a sua paz está sendo subtraída, a sua tranquilidade, a sua harmonia, pessoas da sua família...

Nesse momento, não entendi se ele estava se referindo ao meu pai, ou era apenas o fato de minha mãe e meus irmãos nunca terem entendido a minha conversão. Pelas minhas costas, eu era sempre a chacota da família por ter “virado crente”. Quando eu era Satanista, estava bem de vida, tinha bastante dinheiro, um emprego maravilhoso... era para isso, para esses estereótipos que minha família olhava. Nesse sentido, sim, eu poderia me considerar uma pessoa à parte deles

Lembro-me de que certa vez, muito de leve, comentei com minha mãe que tinha ficado “possesso”. Ela achou aquilo uma arrematada loucura! No entender deles, eu estava mais louco do que antes. Embora tivesse compartilhado minha fé, e embora tivesse mudado muito de vida... nenhum deles quis abraçar o Cristianismo. E eu era visto de uma forma negativa por ser Cristão.

Marlon continuou no seu tom nostálgico e paternal, relembando momentos que passamos juntos. Parecia sincero no seu falar. Não questiono as ordens que ele certamente recebeu por trás... dos demônios e da hierarquia. Mas Marlon, *como pessoa*, gostava de mim e sentia sinceras saudades. Assim como eu também sentia saudades, não da Irmandade, mas dele.

Embora tudo aquilo mexesse um pouco comigo, não quis escutar mais. Eu estava determinado em seguir adiante pelo caminho que achava certo, queria continuar caminhando com Deus. Deus tinha me resgatado... e eu também tinha visto a Força Dele no Brintti. Pelo que retruquei:

– Mas *aquele* Pastor vocês não derrubaram.

– E você sabe dele? Você procurou saber *como* ele está hoje? – dessa vez, a voz de Marlon veio sarcástica, debochada. – Ou você acha que ele está *em pé* ainda?

Aquela foi a gota-d'água para me deixar na dúvida. Alterei o tom de voz, um tanto indignado:

– Ah! Quer saber, Marlon? Não quero mais falar com você! Vou desligar, vou dormir... me dá licença!

– Tá bom... eu só vou te dar um último aviso: você não é mais filho do Fogo. Agora... o Fogo pode te queimar!

E desligou. Tinha lançado uma semente.

Subi as escadas devagar, refletindo. Ele tinha vindo me oferecer uma chance, uma nova chance.

“Será mesmo que as portas ainda estão abertas para mim?”

Por um lado, eu achava que sim; por outro, não acreditava que pudesse ser perdoado pelo que fiz. Mas se fosse pensar bem...

“Eu não fiz nada de mais, não contei os segredos, estou quieto no meu canto... eles podem muito bem estar vendo isso como uma recaída, um erro igualzinho a outros que cometi enquanto ainda estava lá.”

Fiquei com a hipótese da porta aberta. Se eu tivesse sido apenas mais um dentro da Irmandade, tenho certeza que Lucifer adoraria beber meu sangue. Mas eu não tinha sido qualquer um... eu era uma peça importante, uma peça chave. Por esse motivo, talvez, Lucifer ainda me quisesse realmente; por isso, manteve encoberto o meu “deslize”.

“O Terceiro Ciclo ainda não terminou... para todos os efeitos, ainda há tempo hábil para o meu retorno.”

É totalmente dispensável dizer que o que restou da noite serviu para tudo, menos para o meu descanso. Fiquei com tudo aquilo na cabeça.

“Agora eles sabem que eu estou vivo... é só uma questão de tempo... se eu não aceitar regressar...”

Ainda antes de pegar no sono, pensei comigo mesmo que se a minha nova opção de vida – ser Cristão –, não desse em nada, ainda teria chance de recuar.

“Eu ainda não cheguei no ponto sem retorno. E, se tiver me enganado, se a vida Cristã não for tudo aquilo que estou pensando... talvez eu *volte!*”

Na manhã seguinte, não me sentia bem. No fundo, eu sabia que não queria aceitar a proposta. Por mais que Marlon tivesse procurado me fazer ver o quanto eu tinha perdido, a verdade é que eu não queria voltar à Irmandade. Eu não conseguia acreditar que tinha me enganado ao tornar-me Cristão, eu estava bem, estava gostando daquela vida!

Mesmo que não tivesse mais o dinheiro, o *glamour*, cheio de amigos ao meu redor... eu estava gostando de ser Cristão! Por causa de Deus! Ele estava me conquistando. Eu queria aprender mais, conhecer mais de Deus, estava aberto para isso.

“Deus não pode ser uma farsa!”.

E estava também começando a conhecer um outro lado do meio evangélico: o lado da Batalha. Até então, eu tinha conhecido uma Igreja mais voltada para o lado social do Cristianismo. Mas, ao lado de Grace, eu teria condições de ver melhor como um Cristão pode se defender dos ataques do diabo. Pela primeira vez, eu iria ver como isso funcionava.

Por outro lado, sabia que, se recusasse, colheria terríveis consequências. Estava descoberto agora, eles sabiam de mim...

No sábado, saí logo cedo e fui dar uma volta no parque perto de casa. Pensei bastante, orei. Mas nada pareceu me ajudar. Na hora do almoço, falei com Isabela pelo telefone, e combinamos de nos encontrarmos. Fui para a casa dela de ônibus.

Logo, ela percebeu que eu não estava muito bem. Mas, a princípio, pensou que fosse por causa da briga do dia anterior.

– Nenê, não fica assim, não! Olha, agora já tá tudo bem de novo.

Ainda que eu não fosse dizer a ela que sentia meus dias chegando ao fim, a iminência de um tempo terrível, tinha que contar sobre o telefonema. Então abri o jogo:

– Eles me ligaram ontem...

A expressão do seu rosto mudou. Ela sabia do que eu estava falando.

– Como assim?!... Ontem à noite?

– De madrugada.

– Mas *por quê?* – o seu semblante demonstrava desalento e temor. – O que foi que eles te disseram?

– Foi rápido. Mas deram o recado – suspirei e contei exatamente como tinha sido.

– E quem que te ligou...?

– O Marlon.

Ela ficou olhando para mim, eu fiquei olhando para ela. Eram situações totalmente novas. Dizer o que diante daquilo? Procuramos orar juntos e não nos deixarmos influenciar. Deus era maior, isso era um fato. Era um fato que entendíamos com a nossa mente. Mas as emoções ficam um pouco em polvorosa diante de um perigo real.

É fácil dizer que “Deus é maior” quando nada nos ameaça, nem perturba. Muito diferente é ver o meteoro vindo em sua direção. Aí a gente pensa: “Deus é *mesmo* maior do que esse meteoro?... E mesmo que seja... se houver um propósito em... deixá-lo passar?”.

No final do dia, eu e ela nos sentíamos um pouco melhor.

– Já entregamos pra Deus... não vamos mais ficar pensando nisso!

* * *

Outros quatro telefonemas sucederiam a esse. Marlon ligou-me em casa de Isabela e no serviço, sempre em datas cabalísticas, sempre depois de alguma situação de desconforto entre Isabela e eu. Mais ou menos um por mês, de julho a outubro, o último no dia 31 de outubro.

As conversas foram curtas e se resumiam em mostrar-me que eu tinha feito a escolha errada. Marlon procurou me fazer ver que as coisas iriam piorar caso continuasse me recusando a atendê-los.

Muitas vezes foi deixado bem claro:

– Não adianta. Ninguém vai te ajudar! Ninguém vai ficar do seu lado, você está no meio de um grupo dividido. Entrou num exército dividido, e esse exército dividido não vai prevalecer. Nós somos unidos, por isso somos fortes. Lembra-se do “Poder à força, morte aos fracos”? *Nós* temos Poder porque somos unidos, a união gera a força. E o Poder é acrescentado a ela! Mas você está num meio dividido, num meio fraco. O que é a Igreja? Que loucura é essa? Um briga com o outro, um apunhala o outro. Você nunca vai ter apoio, nunca vai ter amigos. Nunca ninguém vai estar do seu lado, inclusive seu Pastor! Pode escrever o que estou te dizendo: você nunca vai ser acolhido ali porque ali *não é* o seu lugar! Nós somos a sua verdadeira família. Pare de resistir contra isso!

Eu achei aquilo uma afronta.

– Pois você vai ver!

– Então veremos!

Notei que o tom das nossas conversas estava mudando. Ele já não me saudava em aramaico e estava implicando com a minha postura de recusa.

* * *

Grace queria que nós repetíssemos o curso dela, então aproveitamos, porque iria haver um outro em São Paulo mesmo. Na véspera do curso, novamente, tive um *rash* cutâneo, só que dessa vez foi sarampo. Eu tinha tomado vacina, e tive a doença atenuada. Mas com isso, gorou o curso.

Se foi coincidência ou não, não sei. Mas aconteceu no dia 18 de agosto. No final do mês de agosto, Grace marcou outra Ministração. Havia tanta coisa a ser trabalhada que em dez dias ela marcou mais uma.

Agora Isabela e eu realmente passamos a pedir muito mais a Deus pela nossa proteção. Normalmente, era ela quem me convidava a orar, que começava as orações. A despeito disso, coincidência ou não, nossas brigas aumentaram.

Coincidência ou não, o intercessor tinha visto uma nuvem de demônios ao nosso redor na última Ministração. Além disso, ele tivera uma visão com dois demônios, um maior do que o outro, e que os dois estavam furiosos comigo.

Coincidência ou não, eu tinha tido um sonho poucos dias antes, e nesse sonho havia dois cachorros prestes a me atacar. Mas não eram cachorros comuns, eram quase dois monstros.

Grace procurava ganhar terreno nas Ministrações. Esse era o único caminho possível, completar a minha libertação.

Isabela estava muito cansada, às vezes passava mal. Certa noite, depois do Culto, vomitou sem qualquer motivo aparente. Novamente, coincidência ou não, ela também começou a ter problemas no seu emprego.

Nós estávamos mais conscientes de que havia uma batalha ao nosso redor. Dona Clara nos incentivava e ela mesma também orava conosco todas as semanas. Aliás, nesse período começamos a nos tornar bastante amigos, da maneira como um casal jovem pode ser amigo de uma senhora mais idosa.

Durante a semana, do nosso jeito, nós fazíamos as nossas orações de guerra, sempre pedindo a proteção e pedindo que Deus cancelasse as maldições que porventura estivessem sendo lançadas contra a minha vida. Afinal, eles tinham me descoberto. E se tinham descoberto, certamente não iriam ficar parados.

Tudo o que estava acontecendo, se fôssemos olhar isoladamente, não era motivo para preocupação. Afinal... sonhos, brigas, enfermidades, problemas no emprego, cansaço físico, cansaço emocional... não se pode culpar o diabo por tudo!

Mas havia aquela sensação de ameaça pairando no ar, e não era somente comigo. Isabela também sabia que alguma coisa parecia estar sendo armada em torno de nós. Nós não queríamos ficar elucubrando nada, mas parecia difícil caminhar. Tudo parecia ficar mais difícil.

Em setembro, exatamente no dia da Festa da Primavera, nós dois oramos muito. Nesse dia, recebi mais um telefonema da Irmandade. Não demorou muito desde o último. Nós já estávamos até ficando acostumados! Dessa vez foi Zórdico quem ligou. E foi em casa de Isabela!!!

Nós estávamos nos preparando para almoçar, no domingo. Dona Márcia preparava o frango assado na cozinha, e nós conversávamos diante da mesa cheia de petiscos. O Wolfi, o Gorbie e a Bitinha, os cachorros, estavam animadíssimos na porta, esperando pelas guloseimas que Isabela lançava toda hora.

O telefone tocou, e ela foi atender. Mas a pessoa do outro lado não se manifestou:

– Alô? Alô?

Nada. Então desligou.

Alguns minutos depois, tocou de novo. Eu já ia levantando, mas ela foi mais rápida.

– Deixa que eu atendo... – foi novamente até a sala. – Alô?

E, então, outra vez, ninguém se manifestou. Isabela tornou a desligar, mas dessa vez entrou na cozinha com uma expressão diferente no rosto. Ela parecia adivinhar de que se tratava. Não me falou nada, mas eu li no seu olhar, e ela certamente leu no meu. Já tinha acontecido por três vezes, com Marlon.

Dona Márcia, alheia a tudo isso, abria a porta do forno para regar o frango com molho, novamente. Tentamos continuar o nosso aperitivo, intimamente esperando que o telefone não tornasse a tocar. Mas não adiantou. Menos de cinco minutos depois, fomos outra vez interrompidos pelo toque. Dessa vez, eu me adiantei. Atendi.

Senti um mal-estar invadindo meu coração. Era exatamente aquilo que suspeitávamos, mas eu não esperava ouvir a voz de Zórdico. Escutei Isabela falando até mais alto e puxando conversa com Dona Márcia, para disfarçar. Ela nem percebeu. Mas Isabela notou que eu fiquei uns minutos no telefone e desliguei sem dizer palavra.

Entrei na cozinha de novo e olhei para ela. E ela para mim. Aquela troca de olhares dizia tudo.

Assim que pudemos nos falar sem que Dona Márcia percebesse, ela perguntou:

– Quem era?

– Era alguém de lá.

– Mas quem? Você conhecia?

– Não tenho muita certeza... – procurei disfarçar, nunca tinha citado o nome de Zórdico até então.

– E o que ele falou?!

– “Já não te dissemos que ninguém vai te ajudar? Por que você insiste nesse caminho? Saiba que se você continuar insistindo, as coisas só vão piorar pra você. Você está no lugar errado, o que que você tá fazendo aí nessa *casa*?! Pois essa casa vai ser derrubada, nós vamos destruir todos eles, e você vai junto de encomenda!”.

Sempre ficava uma sensação de mal-estar depois desses telefonemas; nesse dia, não foi diferente. O adorável frango de Dona Márcia já não tinha o mesmo gosto, apesar de que digerimos aquelas palavras mais depressa do que das outras vezes.

Que fazer a respeito? Não havia muita coisa. Oramos, e deixamos para lá.

Durante a semana, compartilhamos com Dona Clara, e fizemos orações de guerra várias vezes, tanto juntos quanto separados. No final daquela semana, uma semana muito atribulada, cheia de opressão, cheia de problemas, sentimos a necessidade de fazer um jejum. Um jejum de quatro semanas.

Aquele era um período crítico, eu sabia. Certamente, a Festa da Primavera tinha acrescentado mais Encantamentos contra nós, sabia que era assim que funcionava! Sabia exatamente que, desde o início da primavera, eles haviam enviado tropas de demônios contra mim. A semana densa já era resultado daqueles Feitiços.

Cinco dias depois de iniciado o período de jejum, eu, Isabela e Dona Márcia saímos para almoçar. Nós não estávamos proibidos de almoçar, apenas cortamos alguns alimentos.

Nesse dia, fui tomado, pela segunda vez, por aquela mesma sensação que experimentara no Fran's, quando soube da carta de San Francisco. Foi igualmente estranho, nós tínhamos acabado de chegar ao restaurante, Isabela tinha ido ao toalete com Dona Márcia.

Então veio aquela coisa estranha dentro de mim. Um sinal de alerta, um sinal de perigo... só que, dessa vez, o perigo estava em casa de Isabela. Alguma coisa estava acontecendo lá.

Chacoalhei a cabeça, um tanto aturdido. Relativizei, novamente: “Isso é coisa da minha cabeça... não tem o menor sentido...”.

Isabela e Dona Márcia voltaram, sentaram-se à mesa, e eu tratei de não pensar mais naquilo. A sensação permaneceu durante algum tempo ainda, mas depois esqueci dela.

O almoço foi agradável, depois fomos tomar um café no *Shopping*.

Somente mais tarde voltamos para casa. Para a casa de Dona Márcia.

Isabela foi até o quarto, a porta que dava para os fundos do quintal tinha ficado aberta. Ela saiu ali no terraço, de onde podia ver os cachorros atrás da cerca de madeira.

– Nenê! Vem aqui um pouco!

Foi até lá. Isabela tinha aberto a cerca e observava o Wolfi.

– Olha só, olha só como ele está todo ensanguentado! Meu Deus do Céu, será que ele brigou com o Gorbie enquanto a gente estava fora?

– Será possível? Eles costumam fazer isso?

– Não, só sai briga aqui se for por causa de ciúme. Só sai briga se tiver alguém perto! Nunca aconteceu deles brigarem sozinhos! Será possível que foi isso?!

Isabela olhava o Wolfi, afastava o pelo para ver de onde tinha saído sangue, se tinha algum sinal de mordida. Ao mesmo tempo, olhava para o Gorbie que, lampeiro, abanava o rabo e se torcia todo de alegria.

– Que aconteceu, Wolfinho? Você brigou, meu chuchu?

O Wolfi não tinha nenhuma marca de mordida, e o Gorbie não tinha sangue. De onde teria saído aquele sangue que estava no pelo do Wolfi?

– Nossa, Eduardo... olha só a boca dele! É daqui que está saindo sangue, olha só, ainda está sangrando!

– Puxa vida, é mesmo! Será que o Gorbie mordeu ele na boca?

– Não, impossível...

Foi aí que o Wolfi pôs a língua mais para fora, e vimos o estrago. Ele tinha um furo nela, tão profundo que tinha perfurado.

Isabela se condoía, o rosto demonstrando toda a tristeza e preocupação. O tom de voz soou profundamente magoado.

– Mas o que será que aconteceu? Certamente, não foi o Gorbie, será que ele *mordeu* a língua, ele mesmo se mordeu?

Wolfi devia estar sentindo bastante dor, mesmo assim abanava o rabo e fazia festa.

– Puxa vida... acho melhor levá-lo ao veterinário.

Como era domingo, não poderíamos levá-lo ao Hospital Veterinário da USP, o lugar mais confiável. Pelo que tivemos que procurar um Médico particular que estivesse de plantão.

Isabela entrou em casa e, preocupada, comunicou a Dona Márcia.

– Vamos ter que levar o Wolfi ao veterinário. Ele perfurou a língua e está sangrando bastante!

– Nossa! Que aconteceu?

– Não sei. Mas também não vou deixar ele assim.

Isabela pegou a lista telefônica e conseguiu descobrir um veterinário de plantão, num bairro que julgamos ser confiável. Nunca se sabe que tipo de Médicos atendem por aí. Isabela sempre fazia restrições a consultórios e profissionais de quem não tivesse indicação alguma.

O resto da tarde de domingo se perdeu nesse problema. Pusemos o Wolfi no carro e o levamos.

O consultório estava vazio, portanto, não esperamos muito. Explicamos o que aconteceu, e o veterinário examinou o Wolfi. Nós aguardávamos pela sua opinião, ansiosos. Depois de várias perguntas, depois do exame, ele falou:

– É estranha essa lesão. Nunca vi isso! O que acho mais provável, é que talvez ele tenha tido uma convulsão e se machucou sozinho. Ele já teve isso antes?

– Não...

– Pode acontecer, animais dessa idade podem desenvolver um quadro convulsivo... uma epilepsia! Ele já está com 10 anos, não é? Mas como está bem, é um animal forte, vou dar uma medicação pra dor, um antibiótico, e vamos aguardar.

Nós agradecemos. Ele fez uma medicação injetável ali, na hora, e prescreveu a receita dos medicamentos a serem dados em casa. Enquanto eu pagava a consulta, Isabela olhava para o Wolfi com ar triste.

Sáímos de lá no cair da noite. Na volta, já compramos os remédios, e, logo que chegamos em casa, Isabela estava pensativa:

– Será mesmo que ele teve uma convulsão?

A dúvida ficou no ar. Mas não demorou muito a ser sanada. Na hora do lanche, escutamos o Gorbie latindo compulsivamente, em tom estranho, nervoso, inquieto.

Isabela correu na porta da cozinha e teve tempo de ver a convulsão. Bastante assustada, ela correu para o quintal. A crise foi rápida, tônico-clônica, durou alguns segundos. Depois, ele ficou ofegando, os olhos esquisitos, esbugalhados, a saliva escorrendo um pouco pela boca. A língua voltou a sangrar e o furo se transformou num rasgo.

Gorbie e Bitinha latiam sem parar, tornando a confusão ainda maior, e Isabela gritava com eles para que ficassem quietos enquanto tentava acudir o Wolfi.

Mas, logo aquele estado meio torporoso passou, ele se levantou e caminhou normalmente, parecia que nem tinha acontecido nada!

Isabela também se ergueu, observando-o.

– Foi uma crise rápida, é bem mais rápido do que em seres humanos... um ser humano não volta assim rápido de uma crise tônico-clônica.

Depois de observar um pouco mais, ligamos para o veterinário. Ele passou um anticonvulsivante pelo telefone mesmo. Gardenal.

Mais tarde, comentei com Isabela sobre a sensação que tinha tido na hora do almoço.

– Mas, Eduardo... por que você não falou *nada*??

– Não sei, achei que fosse coisa da minha cabeça...

Isabela não me culpou por não ter dito nada. Será que tinha sido novamente um aviso de Deus? E se Deus avisou, será que se tivéssemos orado *na hora* nada daquilo teria acontecido? Nunca vamos saber, porque não oramos. Porque eu não falei nada.

Naquele mês, em outubro, gorou o segundo encontro com o Pastor titular da nossa Igreja, o Pastor Lucas. O primeiro encontro não tinha dado certo, por algum motivo que já não me lembro. Recebi um telefonema da Igreja adiando para nova data.

Que era naquele dia, mais ou menos no meio do mês.

Eu e Isabela chegamos à Igreja com antecedência. Eu estava meio cismado pelo que Marlon me havia dito, sobre ninguém ficar ao meu lado, inclusive meu Pastor. Isso não poderia ser, eu nem o conhecia ainda, a não ser de vista. Na hora em que o conhecesse, que ele soubesse melhor da minha história, tudo daria certo.

Chegou o horário do encontro, e a secretária nos avisou que iria atrasar um pouco, que ele estava com pessoas na sala. Então ficamos por ali, zanzando, olhando o mural, lendo o que estava afixado.

Mas aí... novamente comecei a sentir aquilo. Aquela sensação. Mas era diferente dessa vez, não parecia ser um alerta de nada, era só uma sensação ruim. Simplesmente ruim. Parecia a presença de um demônio, não um demônio grande, forte, Poderoso, como eu conheci na Irmandade. Era um demônio menor... mas estava ali, na Igreja... lá em cima!

Eu não sabia o que fazer, e de novo me recusei terminantemente a acreditar naquilo que meu espírito captava. Não sabia ainda que aquilo era um Dom.

Como a sensação continuasse, comecei a me sentir até mal, não estava agradável ficar ali dentro.

“Não é possível, isso tem que ser coisa da minha cabeça... eu estou dentro da Igreja, será possível que tem um demônio aqui?”

Por mais que eu soubesse que demônios entram, sim, dentro de Igrejas, naquela hora, não quis pensar nisso. Então saí, fui ficar lá no jardim, lá fora. Ali a sensação era menor, me sentia mais confortável. Apesar de estar batendo sol, eu não gostava de ficar direto naquele sol forte, preferia o sol à presença daquele demônio!

Fiquei quieto, olhando os carros que passavam pela rua, os ônibus, os transeuntes; observava as casas em frente e o velhinho que vendia doces na porta de sua casa. Até achei graça. Ele tinha armado a sua barraquinha na garagem do sobradinho quase em frente. Não deixava de ser uma boa ocupação!

De repente...

– Ô, Nenê, eu estava te procurando! Por que você sumiu? Por que você quer ficar aqui nesse calor, não é melhor ficar lá dentro, no fresquinho?

– Ah! Tá bom aqui! – Isabela ficou um pouco comigo, mas realmente o sol estava forte.

– Vamos esperar lá dentro, Nenê. Tá muito quente aqui fora! – e, dessa vez, ela me olhou melhor, desconfiada. – Me conta isso direito, vai. Por que você veio ficar aqui?

Então contei. Isabela me olhava com ar admirado e falou:

– Será que a gente não deve orar, então?

– Se ele entrou aqui, é porque tem permissão pra entrar...

– Mas não vamos ficar aqui, não! Vamos lá pra dentro, vamos orar um pouco. Então fomos sentar dentro do templo, na última fileira de cadeiras. Lado a lado, Isabela preparava-se para orar quando escutamos a gritaria vindo lá de cima. Nos entreolhamos.

– Nossa... tem alguém possesso aí! Deus te sinalizou mesmo!

Foi minha vez de ficar espantado. Novamente, eu tinha pressentido. Nem parecia uma coisa real!

– Vamos orar aqui debaixo pra ajudar eles que estão lá em cima!

Oramos um pouco. Foi rápido. Logo percebemos que o barulho cessou. Esperamos ainda um pouco mais, apenas para receber da secretária da Igreja a notícia de que nosso encontro teria que ser cancelado. Ficamos muito chateados, mas não havia nada que pudéssemos fazer.

Dentre outras coisas pessoais, comentamos depois com Dona Clara, um pouco frustrados, que já era o segundo encontro com o Pastor Lucas que gorava. Oramos para que pudesse acontecer. E já que estávamos falando do Pastor Lucas, acabei lembrando-me de outro Pastor, no final da nossa reunião:

– Eu estou meio cismado por causa do Brintti! – e eu expliquei rapidamente para ela quem era o Brintti. – Eu já fiz de tudo pra encontrar esse homem! Mas ninguém tem sinal dele! A verdade é que ele está vivo, a Grace me disse que o encontrou em Israel há alguns anos, e que nessa ocasião ele comentou que estava passando por muitos problemas. Mas nem mesmo a Grace consegue saber dele agora. Mas Marlon falou com muita convicção... eu sei que eles podem jogar verde pra colher maduro... mas eu gostaria tanto de saber onde ele está, *como* ele está! O Feitiço que foi feito contra ele naquela época foi muito forte, eu nunca tinha visto nada tão forte...

– Vamos orar por ele, né, “Bem”? Vamos estar cobrindo em oração, porque ele também é alvo. No tempo certo, o Senhor vai preparar um encontro de vocês!

Foi o que fizemos. Nós não sabíamos onde estava o Pastor Brintti, mas Deus sabia... e nossas orações poderiam alcançá-lo onde quer que fosse!

O resto da semana correu normalmente, ou seja, daquele mesmo jeito, meio atravancado, meio dificultoso; onde quer que pudéssemos ter algum problema, esse problema acontecia. Nós dois sabíamos que aquilo era espiritual... porque, se não fosse, ultrapassava as leis da probabilidade. Ou então, teríamos que admitir que nós estávamos debaixo da influência da “lei de Murphy”. A “lei de Murphy” estava agora se cumprindo nas nossas vidas bem mais do que antes!

Dois dias depois do encontro que não aconteceu, eu e Isabela tínhamos ido ao Walmart porque estávamos pesquisando preços de televisão. Já estávamos noivos há mais de um ano, tínhamos intenção de casar, e Isabela não tinha uma televisão no seu quarto. Às vezes, era bom que ela tivesse o seu refúgio, tinha tudo no seu quarto, até aparelho de som. Mas não tinha televisão.

Então a gente estava tentando comprar uma televisão bem legal, que depois já servisse como compra de casamento.

Mas não conseguimos olhar nada, sem mais essa nem aquela comecei a sentir aquela terrível dor de estômago. Eu não tinha comido nada de diferente, não tinha feito nada diferente! Mas meu estômago começou a se contorcer fortemente, quando vinha a cólica eu quase não me aguentava. Nosso passeio ficou estragado, e tivemos que voltar para casa. Sugestivo ou não, isso foi no dia 18.

Seis dias depois, no serviço, de maneira totalmente inexplicável, começou de novo a mesma dor. A medicação não fazia muito efeito, a dor passava quando queria...

Nessa semana, quem passou mal também foi a nossa *poodle* preta, a cachorrinha que nós tínhamos em casa de minha mãe. O mais interessante foi que eu pressenti antes, como das outras vezes, como tinha sido com o Wolfi.

Quanto ao nosso jejum de quatro semanas, estávamos levando a sério, procurando orar mais e ler mais a Bíblia também. Mesmo assim, no primeiro e no segundo final de semana de outubro, nós caímos. Quer dizer, brigamos! Isso estragava o nosso período de descanso, nos punha desanimados... eram brigas que começavam por motivos muito tolos, muito corriqueiros, mas atingiam proporções desastrosas. Não havia explicação para aquilo!

No meio de todas aquelas lutas esparsas, um ponto de vitória naquele mês foi que no terceiro e quarto finais de semana, assim que a fumaça começou a surgir no ar, conseguimos abortar o problema. Não brigamos!

Outro ponto positivo foi que retornamos a escrita do livro *Filho do Fogo*. Ainda que estivesse no começo, era importante dar sequência.

Outra coisa boa foi que, no fim de outubro daquele ano, nos tornamos membros da Comunidade. Já estávamos frequentando há quase seis meses.

CAPÍTULO 12

Chegou o 31 de outubro, e tudo o que nós podíamos fazer era orar. Ou melhor, *continuar* orando! E esperar. Esperar que nada acontecesse.

Naturalmente, era esperar demais, e, no fundo do coração, sabíamos que seria impossível não haver nenhuma manifestação da parte deles. Isso não quer dizer que as manifestações fossem diretas, excetuando os telefonemas. Mas agora já era claro, percebíamos um padrão de eventos. Que a gente podia brincar, e chamar de lei de Murphy, mas é claro que não era nada disso!

Houve um outro telefonema. Foi o quinto. E logo cedo, no meu serviço.

Foi Zórdico outra vez. Assim que atendi, fiquei completamente estupefato.

– Nós estamos te observando bem de perto. Bem mais perto do que você imagina. E não há nada à tua volta! Você não tem proteção *nenhuma*.

Naquela hora, soube exatamente do que ele estava falando. Lembrei-me de que Grace havia pedido uma proteção especial, havia pedido a presença dos anjos. Pelo visto, Zórdico também sabia disso. E zombava.

– *Cadê* os anjos que te guardam? Cadê a proteção? Estamos mais perto do que você pode supor, estamos vigiando e controlando cada passo que você dá. Você quer conservar a sua existência? Não vai ser levando essa vida *mediocre* de Cristão que isso vai acontecer; se os anjos realmente te guardassem, não seria tão fácil assim pra nós te vigiar de perto.

O tom de Zórdico era agressivo, quase ameaçador. Marlon sempre teve mais paciência comigo, mas eu sabia que Zórdico era outro tipo de pessoa. Antes que pudesse dizer qualquer coisa, mencionou Isabela.

– Você fez a escolha errada. Essa mulher que você escolheu só vai te trazer destruição, vai trazer desgraça e ruína pra tua vida. A sua alma gêmea *está aqui*, não está *aí* perto de você. Você já deve ter percebido que não dá certo se envolver com essa raça *mediocre*!

E, nisso, ele estava falando de todos os Cristãos.

– E essa fulana que te acompanha, essa tal de Grace... não pense que ela é tudo isso, não! Espere e você vai ver, ela nunca enfrentou esse tipo de batalha. Ela é soldado raso ainda, não tem patente, muito menos autoridade pra confrontar o

nosso exército. Ela fez umas batalhas regionais. Enfrentou o “Paraguai”! É muito diferente de enfrentar os “Estados Unidos”!!! Ela não conhece esse tipo de guerra. As pessoas da equipe dela são orgulhosas, altivas, arrogantes... estão a serviço de si mesmas! Essa tal de Grace vai ficar sozinha nesse barco.

Eu tentei dar uma boa resposta:

– Deus cuida dos pássaros do campo. Vai cuidar de mim também. Nada vai me faltar.

Eu falei, mas, lá no fundo, não sabia realmente se acreditava naquilo. Sabia muito bem o que estava enfrentando, eu conhecia o Poder que eles tinham. Eles estavam movimentando as peças, como num jogo de xadrez. Lentamente. Sem pressa. Para quê a pressa? Era melhor ir devagar, fazendo aquele calor intensificar aos poucos, exatamente como vinha sendo. Uma coisa aqui... outra ali. Não estavam parados. E certamente estavam articulando, encantando pessoas, lançando Feitiços... para fazer com que eu me decepcionasse com a Igreja e com aqueles que estavam à minha volta.

Somente assim teriam chance de me recuperar, teriam chance de me persuadir a voltar para eles.

Se eles conseguissem fazer com que eu passasse pelo deserto, em todos os sentidos, aquilo me faria refletir se tinha tomado a atitude certa ou não.

Dei de ombros.

– Hum.

Mas o mal-estar ficava por dentro. Como lidar com aquilo??

* * *

Naquele mesmo dia, a Grace ligou, para saber de nós. Ligou em casa de Isabela. Era mais fácil me achar lá do que em minha própria casa. Oramos mais uma vez, cancelando a atuação do inimigo, e ela marcou mais uma Ministração para dali a cinco dias.

Contatamos também Dona Clara e Ricardo, para orar e pedir oração.

Aqueles momentos no telefone, depois, nos davam uma sensação reconfortante de proteção. Não havia mais nada que pudesse ser feito.

Karine, a amiga daquela cidadezinha de interior, também ligou. Ela estudava em São Paulo e de vez em quando vinha à nossa Igreja, de forma que convivíamos bastante com ela. Nos limitamos a dizer que tudo estava bem.

Aquela fumaça estava ficando mais escura. Eu sabia que eles não estavam com pressa. Mas, agora, mais do que antes, podia perceber um mover diferente no Reino Espiritual.

* * *

- Decidi vender o revólver! – exclamei para Isabela certo dia.
- Decidiu, é? E por quê?
- Ah... acho que é melhor!
- Mas por quê?
- Eu preciso ir me desvinculando dessas coisas. Acho que não é bom andar armado!

Era um final de semana, e, para variar, nós estávamos dando um rolê pelo *Shopping*. Estava tudo bem cheio, gente andando por todos os cantos, a praça de alimentação também estava lotada. Eu não gostava muito do *Shopping* aos sábados e domingos, mas também não dava para ficar em casa o tempo todo. Sair um pouco, mesmo que no meio de um *Shopping* cheio, sempre ajudava a espairecer a cabeça!

Como quase todas as vezes, a gente foi jantar no Viena.

- Mas você não disse que iria deixar o revólver em casa? – tornou Isabela.
- Eu estou tentando deixar, faz até um bom tempinho que não pego ele... mas, sei lá! Acho mesmo que talvez seja hora de me livrar disso...

Isabela pensou um pouco. Por um lado, ela desejava me incentivar; por outro...

- Será mesmo que você não vai precisar dele nunca mais?

Eu entendi a pergunta. Os recentes acontecimentos deixavam a gente pensando um pouco. Será que andar armado não faria toda a diferença num momento crucial?

- Quero crer que Deus vai me proteger... quem vive pela espada, morre pela espada.

– Talvez seja mesmo o melhor. Tem gente que tem cabeça pra andar maquinado, mas não sei se é nosso caso! – e Isabela deu uma risadinha de leve. – A gente já escapou de cada uma! Tem coisas que só pela Graça de Deus mesmo! Lembra-se daquela história da dança?!

– Puxa, se me lembro! Olha, vou te falar um negócio... aquilo ali foi por Deus *mesmo*! Até hoje não sei como é que eu consegui me controlar. Acho que foi porque o cara baixou a bola!

– Ai, Eduardo! Só você...
– Até parece que você é muito calma! – eu e Isabela começamos a rir.
– Hoje a gente dá risada... mas, naquele dia, eu queria te matar! – exclamou Isabela, no meio do riso.

– A culpa foi sua!

– Foi minha... só porque você quer! Que coisa!

Começamos a nos lembrar do episódio enquanto esperávamos pelo prato.

Tudo começou porque Isabela adorava dança! Esse foi um belo problema entre nós dois logo de cara. Quando começamos o namoro, ela fazia um curso de danças de salão que adorava! Levava jeito, tinha ritmo, facilidade em aprender os passos. Em suma: tinha até futuro! Se não parasse de aprender, certamente saberia bastante.

No comecinho do nosso namoro eu estava fazendo de tudo para agradar Isabela. Por isso, durante as férias, logo depois que ela entrou na Residência, fomos fazer um curso de pagode, em dez aulas. Lá na academia de dança que ela frequentava.

– Eu concordei em fazer aula, em aprender a dançar – exclamei. – Esse ponto você tem que me dar, eu tentei te agradar porque você estava toda entusiasmada. Me esforcei!

– E não era pra estar? Um dos meus maiores desejos era ter um parceiro pra dançar comigo. Não era possível que você não conseguisse fazer certos movimentos básicos, poxa vida! Alguém que faz coisas difíceis no *Kung Fu* não iria acertar uns passinhos simples de dança?

– Não é tão fácil assim. Eu não estava condicionado a fazer aqueles movimentos.

A gente começou a rir lembrando-se daquilo. Às vezes, era engraçado recordar certas coisas.

– Edu, você não tinha um pinga de boa vontade.

– Tinha, sim. Mas aqueles movimentos eram estranhos.

– Não tinha nada de estranho, caramba! Eu cansava de dizer que você tinha que dar o passo *de lado* no ritmo. Era má vontade mesmo!

– Era má vontade nada! No *Kung Fu* eu nunca faria um passo como aquele. Dar um passo daquele jeito desprotege a região genital!

Isabela balançava a cabeça, achando graça na lembrança e contrariada ao mesmo tempo.

– Eduardo! Era *dança*! Entendeu? Não era *luta*! Chutar não faz parte da coreografia!!

Até teria sido legal se tivesse dado certo. Mas eu não me sentia à vontade, nem aprendia facilmente.

– Estava tudo indo tão bem, Eduardo... puxa, por que você teve que engrossar?
– lembrou Isabela de novo.

– A culpa foi daquele rodízio especial, deram chance pras damas escolherem os cavalheiros... você tinha que ter *me* escolhido!! – e dei uma leve risada.

– *Agora* você acha engraçado, né? Mas na hora... coitado do *cara*!

– Pois é isso mesmo! Você tinha que ter me tirado pra dançar com você!

– Mas você dançava muito mal, Eduardo! Eu queria poder dançar com alguém que soubesse dançar, né? E eu juro que não percebi que você não gostou... não foi de propósito.

– Fiquei tão irado e tão cheio de indignação que minha vontade era dar um tiro em cada um. Depois ele foi dançar com você de novo.

– Nenê, era uma aula!

– Pois eu não via a hora que chegasse o fim daquela aula.

Ficamos sérios por um momento, relembrando o ápice daquela história. Isabela continuou:

– Bem que eu achei que você estava meio estranho quando a aula acabou... estava meio mudo, nem imaginei qual era o problema.

– Eu estava fervendo de raiva, não consegui tirar os olhos do cara, ele estava acabando de se encontrar com a namorada que tinha chegado. E pensei: “Que cara de pau desse vagabundo, acabou de dar em cima da minha namorada e agora vai dar uma de santo na frente da dele!”

E Isabela até elevou as mãos à cabeça, vislumbrando novamente a cena.

– Eu não acreditei no que eu vi, juro, Eduardo! De repente, *do nada*... você voou pra cima dele! Empurrou o coitado na parede e encostou o revólver na cabeça dele!

– Ai, Isabela, foi mesmo, mas eu perdi a cabeça. E gritei: “Te mato! Não estou brincando! Eu te mato!!!” – repeti as palavras.

Apesar da trágica situação que estávamos rememorando, Isabela não se conteve e começou a rir de novo.

– Eduardo, a gente ri pra não chorar, viu? Ele nem esboçou reação, cada vez se encolhia mais, quando me lembro da cara de pavor que ele estava... ficava só balançando a cabeça e dizendo que sim, sim, sim!

– O colarinho dele ficou todo amarfanhado!

– Coitado!!! E quando você empurrou ele com força, amassou ainda mais! Eu nem sabia o que estava acontecendo. Quando vi, você já estava descendo as escadas, todo furioso. Fui atrás de você, né, fazer o quê? Daí, na rua, você pulou e acertou um soco com toda a força na placa de zona azul, sim, eu me lembro muito bem do seu ataque de raiva!

– Você estava toda emburrada.

– Claro que eu estava emburrada, né? Você queria que eu estivesse como?

Resultado: embora Isabela já tivesse virado aquela página, eu sabia que ela ficava com uma pontinha de tristeza por causa da dança. Então perguntei:

– Mas por que mesmo que a gente começou a falar sobre isso?

– Porque você disse que iria vender o revólver... mas, não sei, não! Você já tinha tentado aposentar a arma antes, lembra? E também não deu certo!

– Quando foi isso? Não estou lembrado... – Isabela começou a rir de novo com todo gosto.

– Ah, pois você esqueceu? Esqueceu que comprou o “choque”!

– Putz, é mesmo!! Já tinha esquecido!

– Quando você resolveu que iria aposentar o revólver, comprou aquele aparelhinho de *eletrocutar* os outros! Ah, ah, ah, ah! Só você mesmo, Eduardo!

– Mas, Isabela! Eu queria mesmo largar o revólver, queria! Então achei que a melhor coisa era ir deixando aos poucos de andar armado. Deixei o revólver em casa, mas ainda não conseguia sair na rua *totalmente* desarmado. Então achei que se eu usasse uma coisa mais inócua, iria me acostumando aos poucos.

– E o tiro saiu pela culatra! Acho que aquele cara tá tentando saber até hoje o que foi que aconteceu. Ah, ah, ah, ah, ah, ah! – Isabela até chorava de tanto rir.

Ficamos ainda mais um bom tempo rindo daquilo.

– Eu estava superfeliz porque havia vários dias que estava deixando o 38 em casa. Mas aí, naquele dia, saí cedinho pro trabalho, como sempre. Não tinha nem muita gente na rua, eu estava na minha, tava até cantando um Louvorzinho...

– Sério, é? Você estava cantando? – indagou ela.

– Tava, “Mô”! Nenê estava cantando.

Isabela novamente passou a mão pelo meu rosto, sorrindo.

– Tadinho, foi ficar bravo logo de manhã. Mas também, aquele sujeito bem que mereceu.

– Pois então, de repente eu vejo aquele cara da carrocinha laçando um pobre cachorrinho! E foi arrastando o coitadinho sem a menor dó.

– Que coisa horrível, coitadinho dele! Você fez muito bem.

– Eu tentei primeiro pelo método pacífico: corri atrás do cara e falei que o cachorro era meu, que eu tinha esquecido o portão aberto e ele veio atrás. E perguntei todo educado se ele poderia me devolver o bicho. Aí ele me deu aquela respostinha, disse que “não”! Pedi por favor, fui mesmo educado... e ele só apontou pra caminhonete, pro telefone que estava escrito. E me disse que se eu quisesse o cachorro de volta, tinha que ir lá. – fechei os olhos e pus as mãos sobre os olhos. – Ai, me subiu um *sangue*, olhei pra cara dele, e o cara continuava mascando aquele chiclete, com aquele ar de pouco caso... então não tive dúvida! Peguei o meu choque e *bbbbzzzzzzz*! Eletrocutei ele! Bem no peito!

– Ah, ah, ah, ah, ah, ah, ah, ah, ah, ah, ah, ah, ah, ah, ah!!!! Ele mereceu!!!

– Mereceu!! Eu nunca tinha experimentado o choque, fiquei até espantado com o resultado. Ele desabou, simplesmente *desabou*! E o cachorrinho saiu correndo, levando a cordinha amarrada no pescoço, e tudo! O cara ficou no chão, meio bobo, meio zureta... foi tudo muito rápido! Tinha um outro cara dentro da caminhonete que veio saindo, perguntando se ele estava passando mal.

– E você?

– Eu fui indo embora, ninguém viu nada, quem iria imaginar uma coisa dessas? Quando estava na esquina, ainda olhei pra trás... o homem já estava levantando do chão, pondo a mão na cabeça, pondo a mão no peito... já estava bem, já! Foi só um susto.

– Mas o cachorrinho foi salvo, que bom!

– Cada uma, né? E nisso acabou não dando nada certo, acabei ficando com o choque e com o revólver. Aos poucos, fui voltando a andar com o cano. Até você andava armada, lembra? Com o revólver do seu pai!

– Eu sei, você achava isso bom... eu também não tinha nada contra. Tem gente que nem pega em armas, eu não me importo.

– Numa cidade dessas, uma cidade louca como São Paulo! Eu achava bom mesmo que você tivesse ficado com o revólver do seu pai e andasse com ele.

– Por sinal ele está lá, no meu criado-mudo. A Marina, nossa empregada, nem tira o pé da mesinha, de tanto medo de encostar na arma. Quando fica muito sujo, eu mesma que tenho que tirar o pé.

– É, você não pode falar nada de mim! Você não é nem uma flor que se cheire! Você também é superagressiva, se fosse homem iria viver dando pancada em todo mundo. Se hoje você já arruma confusão em cada esquina, imagina só se não fosse crente.

– Ah! Que absurdo você está dizendo, Eduardo! Não é assim como você está falando, não! Pra variar você tá exagerando.

– *Eu* estou exagerando?! Você não vê como que você é no trânsito?

– No trânsito é outra história.

– Outra história, nada! Qualquer dia você pode acabar arrumando uma bagunça de verdade. Você é que não consegue se enxergar na direção, você se transforma quando está dirigindo! Lembra-se daquela vez que você *esmurrou* aquele carro?! Lembra??

Isabela desatou a rir de novo. Aquele jantar estava sendo um dos mais hilariantes dos últimos tempos!

– Mas, também, quem mandou a pessoa fechar o cruzamento? Ah! Eu não consegui me conter.

– Pois é, você fala de mim, mas eu bem que me lembro. Não acreditei, quando vi você já tinha aberto a janela do carro e passou xingando e esmurrando a traseira da mulher.

– Quem manda entupir a minha passagem?

– E daquela vez lá no Embu?

– Ah, Nenê! Você está desenterrando cada coisa... aquilo foi outra coisa, aquele cara mereceu!

– Ele estava *manobrando*, Isabela! Nem estava vendo você.

– A obrigação de todo motorista é ver, ora essa. Mesmo porque, eu dei uma buzinazinha, dei um toquinho todo educado, não queria arrumar confusão. Mas aí o cara ficou se fazendo de morto *só* porque eu sou mulher, homem não respeita mulher na direção. Você sabe muito bem que é assim! Custava ele ter me dado passagem, custava ter afastado o carro só um pouquinho pra eu passar, custava? Também, levou! E aí deu passagem!

– É, deu passagem porque você bateu no carro dele...

– Foi uma batidinha de nada, vá! Só pra ele se tocar. Eu fingi que não sabia manobrar naquele espaço tão pequeno, ele não queria puxar o carro pra frente, não é? Foi a escolha dele, não foi? Pois então... eu sou *mulher*, não sou? Mulher dirige maaaaal... bati nele “sem querer”! Que fosse reclamar pro bispo. Ele é que não quis dar passagem.

– Sem querer foi aquele dia no *Shopping*!

– Não, naquele dia foi *querendo* mesmo. – e Isabela chacoalhou a cabeça. – Mas que mulher mais folgada, Eduardo! Você não viu? Depois que pedi passagem ali no estacionamento... *com educação*... você sabe muito bem que eu peço sempre

com educação primeiro! E não é que a mulher me olha pelo retrovisor e faz que nem aí?! Que *folgada*, que raiva!!

Foi a vez de eu dar risada. Só de me lembrar daquilo eu não conseguia parar:

– Só vi a cabeça da mulher pulando. Sem mais, nem menos, você de repente... BUM! Quase que a cara da mulher se estatelou no painel. Ah, ah, ah, ah, ah!

– Que exagero, Eduardo! Até parece que foi assim tão forte.

– Foi forte, sim. Você é que perdeu a noção!

– Mas viu como esse tipo de coisa funciona? Viu como ela saiu *rapidinho* da minha frente?

– E teve também aquela outra vez... – Isabela me interrompeu.

– Ah! Chega de ficar falando de mim! Já sei, já sei. A gente tem o mesmo gênio ruim.

Se fosse só isso. Na verdade, Isabela também tinha uma capacidade toda especial de me incitar a ira também. Pelo menos, era assim no começo, e não que ela fizesse isso de propósito. Fazia parte da sua personalidade ficar esquentada com coisas tolas, ela também tinha pavio curto. Aliás, era até mais curto do que o meu.

* * *

Depois da minha conversão, eu tinha procurado por toda lei dominar a minha agressividade. Uma boa parte dela tinha sido milagrosamente transformada do dia para a noite, sem que eu tivesse que fazer força. Mas, à medida que os anos foram passando, parece que Deus começou a me confrontar pouco a pouco. Era fato que Ele queria mais domínio próprio na minha alma. Eu sentia que agora era a minha vez. Eu tinha que fazer a *minha parte*.

O grosso Ele tinha tirado... agora queria limpar um pouco mais a minha personalidade... com a minha participação. Iria mexer um pouco mais. Comecei a ficar incomodado. Se havia uma coisa que eu queria muito, era dominar aquele instinto de violência e ira que sempre tinha sido um traço muito forte do meu caráter.

Certa ocasião, procurei me aconselhar com um Pastor itinerante que vi pregar e que tinha sido um gângster barra pesada no passado. A pregação dele me tocou muito, bem como seu testemunho. Especialmente sugestivo foi o fato de ele comentar sobre a agressividade que dominava sua vida naquela época de incredulidade.

Dei um jeito então de fazer a pergunta:

– E agora, Pastor? Como você lida com isso, com a ira, a violência?

Eu queria escutar dele a resposta padrão, que Deus o havia transformado como tinha feito com a água que virou vinho, nas Bodas de Caná. Como num passe de mágica. Mas não foi isso que ele disse, fiquei até surpreso.

– O Senhor tem me dado graça, e dia a dia eu tenho conseguido ser transformado. Mas ainda está lá dentro... está dominado, mas está lá dentro. Mas eu oro a Deus que me ajude, porque eu sei que, ainda hoje, seria capaz de matar um homem.

A sinceridade dele me surpreendeu muito, apesar de que não escutei o que queria. E fiquei pensando... eu conhecia a minha índole. Quando me irava, perdia a cabeça completamente, perdia também a noção de tudo. Se desse o primeiro golpe, não era mais capaz de parar. Eu sabia disso. Então, quando aquele processo começou na minha vida, eu procurava nunca bater em ninguém. Me controlava para não ter que dar o primeiro golpe. Mas revidava sempre de outra maneira.

Por exemplo, lembro-me de uma vez em que, depois que eu e Isabela fizemos ginástica, resolvemos comer num restaurante vegetariano nos Jardins que ela gostava bastante. Fomos para lá satisfeitos, aproveitando a tarde de sábado. Estacionamos com certa dificuldade porque ainda não tinha sido liberada a zona azul. Mas o lugar era perfeitamente livre, perto de uma guia rebaixada.

Na pontinha da guia rebaixada, tinham colocado um daqueles postinhos de concreto para demarcar que, a partir dali, não se poderia estacionar. O fusca coube e não ultrapassou o limite da guia rebaixada, embora ficasse bem pertinho.

Fomos comer, conversamos bastante, foi agradável. Quando voltamos, o tal postinho de concreto estava encostado no fusca, e tinha ali um arranhão que... será que tinha sido feito pelo poste...? Não sabíamos.

Ficamos na dúvida, mas era certo que antes o carro estava bem mais distante daquele postinho! Eu olhei e não gostei. Bem em frente tinha uma padaria, então mandei Isabela entrar no carro. Mas eu mesmo não entrei, fiquei ali fora, observando, com a cara meio fechada.

Resolvi entrar na padaria falando em tom de voz meio alto, e fui perguntando para o rapaz do caixa sem muita educação:

– Esse poste é de vocês, por acaso?!

– Não, não... é da mulher aí do lado, ela vive implicando com quem estaciona perto da garagem dela.

– Ah, é? Mas eu nem cheguei perto da garagem dela. Não invadi a guia rebaixada!

Saí da padaria e olhei para cima, para o segundo andar da casa. Apareceu, então, do nada, a tal da mulher na janela lá em cima:

– É isso mesmo, fui eu que tirei o poste do lugar, aqui é a minha garagem.

Fiquei superirritado com tanta desfaçatez. Sem mais essa nem aquela, para grande surpresa da mulher, peguei o poste nas mãos. Como fosse pesado demais, arrastei-o até perto do portão dela para, então, literalmente, arremessá-lo contra as grades. Deu uma boa e bela amassada. Com um grito, a cabeça dela desapareceu da janela. Claro que vinha voando para baixo.

– Vamos embora! – falei para Isabela.

Eu entrei no carro, e ela acelerou. Só tive tempo de ver a cara da mulher aparecendo no jardim, atarantada. E ficou lá atrás, gritando. Em vez de se assustar e achar tudo um horror, Isabela achou graça, nem ligou que o portão tivesse amassado. Ela também tinha riscado o nosso carro, que nem estava defronte à garagem.

Cada coisa feia!

Mas aí que estava o problema. Depois de convertido, e especialmente *depois* que comecei a namorar Isabela, situações semelhantes se repetiam vez após vez. Era uma provocação aqui, era um insulto ali, era um desrespeito qualquer, era uma arbitrariedade e outra... parecia haver um campo minado à nossa volta! E Isabela não fazia nada para me conter!...

Nesse mesmo episódio, essa pequena confusão com essa mulher, mais tarde quem terminou o serviço foi ela. Algumas semanas depois fomos novamente almoçar naquele mesmo restaurante, só que, dessa vez, Dona Márcia, a mãe de Isabela, estava junto. E não é que a mulher reconheceu o nosso carro e a gente também?

Nós havíamos parado quase no mesmo lugar, já esquecidos do que tinha acontecido. Quando demos por nós, a mulher estava vindo no nosso encalço. Falava toda hora que tinha avisado a polícia. Era pura provocação, claro!

Isabela pediu calmamente para Dona Márcia entrar no restaurante, e nós continuamos caminhando até o final da rua. Dona Márcia nem notou. E a mulher vindo atrás de nós, com aquela corneta no nosso ouvido.

Lá pelas tantas, Isabela se irritou e mandou a mulher passear, gritou que não estava nem aí com ela e muito menos com a polícia.

– Você riscou o nosso carro, nós amassamos o seu portão, e daí? E vê se dá sossego!

Até estranhei aquela reação explosiva. A mulher nem retrucou mais nada, virou as costas e foi embora. Com toda calma, Isabela terminou:

– E agora vamos almoçar!

Sem dúvida, esse era um aspecto de fragilidade no nosso relacionamento. Eu alimentava a ira dela, e ela alimentava a minha. Mas aí eu queria dar um passo a mais, não queria simplesmente estar à mercê daqueles sentimentos. E comecei realmente a me esforçar nesse sentido.

Então veio uma segunda fase.

Às vezes, a gente estava descontraído, contente, se divertindo, completamente desarmado em todos os sentidos. E sempre acontecia do mesmo jeito, aí era Isabela quem se irritava com alguma coisa qualquer, ou com alguém. Ela até tinha razão de se irritar, algumas vezes. Parece que nós conseguíamos sempre atrair uma provocação gratuita.

Mas, nas outras vezes, acontecia porque Isabela era um pouquinho brava mesmo. Quero dizer... tinha o sangue meio quente e não gostava de aceitar desaforos de ninguém. Mesmo que não fossem realmente desaforos. A culpa era da sua índole agressiva. Não do mesmo modo que a minha, é claro que Isabela nunca mataria ninguém de pancadas, ou com um tiro. Embora ela garantisse que teria coragem para matar se a vida dela estivesse em risco, ou a de algum dos seus familiares.

Aliás, não fôssemos convertidos e teríamos – penso eu – nos tornado algum tipo de “Bonnie e Clyde” brasileiros. A gente tinha tudo para isso! E talvez tivéssemos o mesmo fim deles.

Até apelidei Isabela, mais tarde, de Pit Gatinha, um singelo derivado de *Pit Bull*. Isabela era invocada, sem dúvida, e aí estava a questão: seu temperamento meio agressivo muitas vezes continuava despertando em mim aqueles antigos sentimentos. Aqueles com os quais eu estava agora lutando com unhas e dentes para remover de mim mesmo. A ira, o descontrole, a agressividade. Se sair sozinho já era perigoso, com Isabela ficava mais perigoso ainda.

Confesso que, no início, em vez de ajudar, o jeito da minha namorada mais estimulou coisas ruins do que ajudou a apagar. Pelo menos, nesse sentido.

Se, por um lado, Isabela era romântica, sensível, com aquele *feeling* apurado para perceber as coisas e as pessoas... sentir o cheiro, ver através delas... por outro lado, era determinada, irritadiça, agressiva, impulsiva.

Por causa dessa sensibilidade, ela se ressentia, se magoava, se irava com mais facilidade. Tinha o humor um tanto instável. Poderia estar muito bem num

minuto, e logo depois, muito mal. Assim era.

Então decidi conversar, pôr tudo aquilo em pratos limpos.

– Você precisa me ajudar, Isabela – eu havia dito isso ao perceber que ela se irritava porque agora eu estava sendo calmo demais.

– Eu não sei direito o que é meio-termo. Ou arrebento alguém... ou não faço nada. Se eu der o primeiro soco, não consigo me controlar depois. Então, preciso prestar atenção pra nunca chegar nesse extremo, entende? Coisas menores, coisas menos ofensivas... tenho que deixar passar. Mas, por um outro lado, sempre que procuro me conter, sinto que você cobra uma atitude minha.

– Me desculpe, Nenê, mas realmente, às vezes, não entendo. Você não precisa matar alguém, nada disso, pra mostrar que desgostou de algo. Precisa é saber agir com moderação.

– Eu sei, eu entendo isso... *na minha mente*. Mas não é assim que funciona, eu tenho tentado fazer morrer isso dentro de mim, destruir. É uma coisa terrível! Eu não posso me desestabilizar...

Ela entendia. E não entendia ao mesmo tempo.

Por isso, foi muito difícil a gente conseguir virar essa página. A gente não conseguia agir certo, a voz da própria alma falava mais forte nessa época. Nós não éramos dos mais *dóceis*, essa é a verdade. E um sem-número de coisinhas acabava irritando. A maior parte das vezes, a gente deixava passar, claro. Éramos Cristãos! Não poderíamos simplesmente ser Bonnie e Clyde, por mais vontade que, às vezes, a gente tivesse. Se não fosse por Deus, talvez coisas mais sérias tivessem acontecido.

– Antes eu não tinha nada a perder, Gatinha. Era fácil dar uma de louco! Mas, hoje, eu tenho muito a perder. Não posso te colocar em risco também.

Situações de incrível desconforto e que envolviam estranhos viviam acontecendo. Era impressionante o modo como havia pessoas capazes de agir de maneira totalmente absurda conosco, de graça! Mas, graças a Deus, eu estava melhorando e só perderia o controle se alguém chegasse a encostar em mim de verdade, se partisse mesmo para a agressão física.

Caso contrário, eu conseguiria me manter calmo.

Sendo assim, eu já não demonstrava aquela ira que poderia incitá-la, mas a sua ira ainda podia incitar a minha. Somente depois que Isabela começou a compreender essa minha fraqueza, depois que passamos a orar especificamente por isso, pedindo o livramento do Senhor, é que as coisas de fato começaram a melhorar um pouco.

“Melhorar” é modo de dizer, porque logo de cara as situações capazes de nos desestabilizar continuaram acontecendo com muita frequência. Era em todo lugar, a toda hora. Foi um processo.

Lembro-me especialmente de uma ocasião em que um casal pegou descaradamente a vaga que eu estava aguardando no estacionamento. O homem olhou para minha cara e estacionou, sem mais essa nem aquela, com a maior desfaçatez do mundo. Eu senti a raiva subindo por todo o meu corpo, minha boca estava até seca. Se dependesse da minha vontade, ah! Se fosse *antes*, se eu não fosse convertido...

Isso foi logo depois que eu e Isabela começamos a orar por esse aspecto. Nesse dia, ela conseguiu me ajudar:

– Nenê, se acalma... esse homem não está normal, para pra pensar... quem faz um negócio desse e ainda olha daquele jeito tá procurando briga mesmo, ou é louco. Tá na cara que ele está sendo manipulado por demônios. Não vamos cair na armadilha!

Foi difícil. Foi difícilimo! Não pela atitude dele em si, mas pelo que eu estava sentindo naquela hora. Há momentos em que nada mais importa a não ser a vontade de se vingar. Mas Isabela me ajudou, e oramos um pouco ali no carro mesmo. Entramos no *Shopping*, eu ainda estava emburradíssimo, não conseguia tirar a cabeça daquilo.

– Pô, Eduardo, não fica assim, não... deixa isso pra lá. Vamos procurar fazer a nossa parte e acertar.

– Tá bom – e me esforcei realmente para não ficar remoendo.

Entramos numa loja grande, e qual não é a minha surpresa quando vejo o tal do cara bem ali na minha frente. Naquele dia, Deus me capacitou a tomar uma atitude totalmente fora dos meus padrões. Acalmei-me e fui lá falar com ele. Falei numa boa, expliquei que era melhor ele não fazer esse tipo de coisa toda hora, porque tinha me irritado bastante e poderia chegar um dia que ele encontrasse alguém mais esquentado.

Daí apertei a mão do cara, disse que tinha tido que ir ali falar com ele para poder me acalmar. Fui sincero. E, incrível! Naquele hora, ele já nem parecia o mesmo, foi supergentil, pediu desculpas e tudo o mais. Foi uma vitória!

Mas nós só conseguimos chegar naquele ponto porque antes tínhamos andado pela beira do precipício. E, durante muito tempo, mesmo sendo Cristãos, parecia que a qualquer minuto poderíamos fazer uma besteira. Eu tinha essa consciência! Só não sabia o que fazer para lidar com isso.

Não muito tempo antes, numa situação semelhante, nossa reação natural tinha sido bem diferente. Isto é, final de semana, num *Shopping* lotado, uma mulher pegou a minha vaga no estacionamento. O que foi que nós dois fizemos? Abrimos um risco monstruoso, de cabo a rabo, na lateral do carro dela.

Eu e Isabela, de alma lavada, saímos de lá satisfeitos e fomos passear como se nada tivesse acontecido, sem a menor culpa na consciência.

Uma vez, um vizinho tratou mal Dona Márcia, e Isabela escutou. Ela perdeu o controle totalmente, saiu na rua como um cão raivoso. Acho até mesmo que assustou o tal vizinho com sua agressividade, um senhor impaciente, porque ele foi voltando para a casa dele. Depois disso, Isabela nem dormia:

– Meu pai esteve aqui durante vinte anos, e esse homem não achou hora de tratar ninguém mal. Agora, porque meu pai não está aqui, vou aguentar o desaforo? Vou ver ele tratar a minha mãe com falta de educação e não fazer nada?

Quase fizemos a coisa errada, quase falei com meus antigos amigos da “29”. Eles iriam adorar fazer um estrago na casa daquele sujeito. Mas ele tinha um cachorro, e foi isso que nos segurou. Ficamos com medo que eles matassem o cachorro. Então deixamos passar.

Tivemos muitas outras situações de muito risco para nós dois.

A pior delas aconteceu numa ocasião em que tínhamos deixado o fusca no mecânico. Eu tinha recebido indicação fidedigna, não era um lugar qualquer. O carro estava morrendo e largando a gente na mão toda hora, portanto, ficou retido mais de uma semana para fazer as coisas mais urgentes. Era final de ano, e nós iríamos viajar para o interior, para casa de uma tia de Isabela. O carro tinha que estar bom para pegar a estrada!

Na antevéspera do Ano-Novo, na véspera da viagem, fui buscar o carro. O mecânico me garantiu que tudo estava em ordem, eu paguei, e fomos embora. Três ou quatro quadras mais para baixo, o carro morreu e não pegou mais! Nós dois ficamos furiosos, e eu voltei para falar com o homem.

Eram mais de seis horas da tarde, e ele estava fechando o estabelecimento. Afinal, o dia seguinte era 31 de dezembro.

Comecei a conversa em tom educado: eu tinha pagado pelo conserto, ele tinha que me entregar o carro em ordem. Nada mais justo! Mas, para minha surpresa, o homem foi superestúpido, me tratou mal... quis devolver o dinheiro, mas dinheiro não resolvia meu problema. Quando insisti em que ele desse um jeito no carro, a coisa ficou feia. Isabela entrou no meio da confusão e também perdeu a compostura.

Em suma: no meio do bate-boca, o mecânico me ameaçou com uma garrafa, foi o que bastou para me alucinar. Saquei o revólver e encostei na cabeça dele. Não fosse pelas palavras de Isabela, não sei o que teria feito.

– Esse cara não vale isso!! Não vai se sujar por causa de um lixo desses!

Mas ela nem estava nervosa por causa do revólver, nem pelo que poderia acontecer. Estava nervosa mesmo era com a falta de bom senso daquele cara. Nem sei o que foi que me segurou naquele dia. Foi um milagre...

Por causa disso, e tudo o mais que não cabe contar aqui nesta história, é que eu tinha para mim mesmo a certeza: precisava de domínio próprio! Era algo urgente, algo extremamente necessário. E me convenci de que a primeira coisa a fazer era me livrar da arma.

À medida que lutamos em oração por isso, as coisas foram acontecendo. Hoje é muito mais difícil que eu perca o controle, e Isabela também aprendeu a ficar mais calma. Não viramos “perfeitos”, mas aprendemos a ser mais vigilantes. E também essa vigilância precisa ser constante.

Aquele era um ponto fraco nosso, uma porta aberta ao diabo nas nossas vidas. Se nós continuássemos seguindo aquele caminho, haveria de chegar a hora em que colheríamos as consequências dos nossos atos.

Por isso, além de orar, naquele momento, queria me *desfazer realmente* do revólver. Eu não tinha temperamento para andar com ele, poderia ser uma desgraça na minha mão.

Claro que me desarmar foi um processo. Eu relutei muito. O revólver estava sempre dentro da minha pasta durante o período de serviço. Antes do expediente, estava na minha cintura; depois do expediente, voltava para lá, embora eu fosse de ônibus fretado e voltasse de ônibus fretado. À noite, não saía da minha cabeceira. Eu nunca saía de casa, para nada, sem estar armado. Até mesmo à Igreja eu ia armado.

Eu me sentia ameaçado, sempre me senti assim. Muito mais depois que saí da Irmandade. Parecia haver um perigo oculto em cada esquina.

A arma era como um Isaque para mim; por mais que eu soubesse ser melhor me desfazer daquilo... não conseguia! Por mais que parecesse que eu estava mudado em relação à minha índole agressiva, eu sabia que ainda estava lá dentro. Havia ainda um fogo dormente dentro de mim. Eu sabia que armado eu era mais perigoso.

Mas queria muito me acertar com Deus, queria entregar aquele Isaque a Deus.

Até mesmo Grace tinha falado sobre isso.

Então, realmente, eu vendi o revólver logo depois daquele dia no Viena. Também vendi o aparelho de choque. Mas aí eu andava com meu *butterfly* dentro do bolso, o *nunchaku* dentro do carro... e o facão de cortar mato do pai de Isabela também!

Depois... fui largando. A ponto de não andar com arma nenhuma. Estava totalmente nas mãos de Deus. Mas levou meses, levou *anos*!

O processo de santificação não acontece do dia para a noite. E, em algumas áreas, quando a gente sobe um degrau, percebe que tem outro logo ali na frente.

Em relação à ira, mais tarde, Deus cobraria outros aspectos. Mais tarde.

CAPÍTULO 13

Naquela época, Deus cobrou a arma. Mas não só. Ainda em relação àquele caráter violento que eu tinha, também trouxe o *Kung Fu* à baila. Começou assim...

Mestre Zhy tinha me convidado a participar de um importante campeonato de Arte Marcial que se realizaria em San Francisco, na Califórnia. Se eu aceitasse a proposta, teria de treinar muito e me submeter a um preparo todo especial.

Ainda que me sentisse lisonjeado, num primeiro momento, depois, aquilo não caiu bem no meu coração. Comentando com Isabela, ficamos foi muito desconfiados daquilo. Não porque o convite tivesse partido do Mestre Zhy, ele não tinha culpa alguma nessa história. Mas talvez houvesse uma manipulação espiritual por trás daquele convite, não seria difícil influenciar aquele homem, fazendo-o mandar-me aos Estados Unidos. Talvez o diabo me quisesse em San Francisco! E essa era uma maneira de me atrair até lá. Não senti paz alguma, e tive de recusar o convite.

Nessa época, comentamos esse assunto também com Grace, que ficou bastante intranquila. Apesar disso, em momento algum, ela me disse para sair, para largar o *Kung Fu*. Ela se limitava a dizer, seriamente:

– Você poderia estar orando a respeito... vamos ver o que Deus fala, o que Ele dirige... não sei se é conveniente você continuar envolvido com esse tipo de coisa. Eu vou estar também orando por você!

Isso era uma coisa que eu não queria nem escutar. Isabela também não estava muito aberta a isso. Parecia impensável que Deus fosse exigir aquilo de mim. Orei algumas vezes, mas não achava que Deus fosse me responder. E continuei treinando normalmente.

Então, Mestre Zhy convidou-me para participar de uma apresentação regional, dali a alguns meses. Nessa ocasião, seria apresentada a Dança do Dragão, dentre outras coisas. Ele foi muito joia, conhecia o meu potencial e queria me incentivar, sei disso. Por isso, ofereceu-me um lugar de destaque: fazer a coreografia da cabeça. São necessárias três pessoas para compor o Dragão, e a parte mais importante é a da cabeça.

Embora me sentisse honrado, e tivesse gostado muito de participar da apresentação, novamente não houve paz dentro de mim.

No entanto, esse tipo de coisa eu ainda poderia aceitar ou *não*. A verdade é que começaram a acontecer outras coisas dentro da academia, e com essas eu não sabia lidar. Porque não me era dado direito de recusa.

A coisa começou a complicar para o meu lado por causa disso.

Primeiro que Mestre Zhy já estava meio cismado comigo por causa das minhas recentes mudanças de comportamento, por causa das recentes recusas. Pode-se dizer que eu estava meio entalado na sua garganta. Não aceitar aquela honra e voto de confiança era ofensivo.

Depois, foi por causa da reverência. Logo no início da aula, com aquela música chinesa de fundo, nós éramos obrigados a reverenciar a fotografia do pai dele. Aquele mesmo quadro que eu tinha quebrado, anos antes. Como não me sentisse à vontade em continuar fazendo esse tipo de coisa, anteriormente tão comum, fui conversar com ele.

– Olha, Zhy... eu sou Cristão... e minha crença não permite que eu me curve diante dos ídolos.

– Mas não é um ídolo! É meu pai! Você não tem respeito? Isso é um sinal de respeito, você não está idolatrando nada, é um cumprimento! – e ficou furioso. – É meu *pai*!

– Tá, tá... tá bom! – notei que iria ser difícil entrarmos em acordo.

Mas, nisso, ele ficou de olho em mim. Até então, eu tinha evitado me curvar, ficava bem no fundo da fila, apenas parado no meio dos outros. E não me curvava. Só que agora Mestre Zhy estava desconfiado, e, na aula seguinte, percebi que ele estava me observando. Então me curvei. Mas ao mesmo tempo, resmunguei comigo mesmo:

– Esse gesto tá quebrado em nome de Jesus!

Falei baixinho, mas acho que ele escutou alguma coisa porque estava me rondando, meio por trás. E não deixou passar. Pegou-me pelo braço e me levou para um canto mais afastado dos outros alunos.

– Venha cá!

Eu o acompanhei e escutei o sabão:

– Como assim, “tá quebrado”? Por acaso você quer quebrar de novo o meu retrato, você não ficou contente daquela vez? Quer dizer que foi de propósito? Você quer quebrar o retrato do *meu pai* de novo?! Você já não quebrou uma vez?

– Não, não... claro que não, Zhy! Aquilo lá foi uma outra situação! Foi um acidente! Eu não falei nada!

– Falou sim. Eu escutei alguma coisa que “tá quebrado”!

Tentei rapidamente imaginar alguma rima qualquer que pudesse me livrar daquela fria. Mas não consegui pensar em nada. Dei a pior desculpa de todas:

– Não foi nada, acho que eu pensei alguma coisa alto.

– Mas não tem que pensar! Você está reverenciando. Respeita! É meu pai! – não tive outra alternativa senão reverenciar e ainda por cima ficar quieto.

Falava só na minha mente que aquele gesto estava quebrado! Porque Mestre Zhy não desgrudava o olho de mim.

Mas eu não estava satisfeito. Então fui tentar falar com ele de novo.

– Zhy... desculpa a insistência, e tal, mas... tá vendo aquele *mudjong* ali? Aquele objeto de madeira?

– Sim.

– Pois é... você reverenciaria o *mudjong*?

– Claro que não. É madeira.

– Você reverenciaria uma árvore?

– Lógico que não.

– Tá bom. Então imagine que eu pegasse uma árvore... e fosse esculpir alguma coisa. Aí eu esculpo, por exemplo, a figura do seu pai... você reverenciaria o seu pai?

– Bom, mas aí tem a *imagem* do meu pai. Aí é respeito!

– Ok, mas e se não fosse a figura do seu pai, então, fosse a figura de outra pessoa qualquer?

– Isso é uma questão de respeito! É por respeito. Se a árvore lembra uma pessoa, eu posso fazer por respeito. Não há nenhum problema nisso.

Não adiantava. Ele não entendia o meu ponto de vista.

– Mas, Zhy... você também não está entendendo o que eu quero dizer, pra mim é como se eu estivesse fazendo reverência pra uma árvore, pra um tronco! Eu não me sinto bem com isso! Eu não vou reverenciar árvore... tronco! Eu não me sinto bem em reverenciar um quadro... eu não acredito nisso. O seu pai pode ter sido uma ótima pessoa, mas morreu...

– Mas o espírito dele está aqui. O espírito dele vem aqui.

Falei com toda a educação, tentei mesmo fazer com que ele me compreendesse.

– Zhy, eu não creio assim... você crê em Deus, Zhy?

– Creio.

– Você já leu a Bíblia?

– Não. Eu creio em Buda, e Buda nos aproxima de Deus. Deus é sem forma, é algo que vem de dentro do coração. Deus é Tin-Fa. Coração puro. As pessoas que têm coração puro encontram Deus.

Vi que não iria ter jeito mesmo. Se quisesse continuar ali, iria ter de continuar reverenciando aquele retrato. Eu tinha de fazer. Embora fizesse apenas de corpo presente.

Mas não gostava, me sentia muito mal. O tempo todo, todas as vezes, eu ficava me lembrando de Sadraque, Mesaque e Abedenego.

“Eles não se curvaram... mas se eu não me curvar, vou ser expulso daqui! E não vou mais poder treinar *Kung Fu*.”

Que dilema! Eram aulas tão boas, uma academia tão boa.

Foi aí que, acho até que de propósito, Mestre Zhy me incumbiu de cuidar do altar. As coisas só estavam piorando para o meu lado.

Eu, duas moças bem adiantadas no estilo e o aluno mais antigo da academia ficamos incumbidos do altar. Cada um tinha uma função específica. A minha era esquentar a água.

Eu devia ligar uma espiriteira e deixar a água esquentando naquele foguinho, naquela chaleira enorme, antiga, meio amassada. Depois tinha de fazer o chá. E entregava para uma das meninas, de maneira reverencial, aquele chá. Uma parte dele ficava no altar para ir se volatilizando para o pai do Zhy. O resto da água era bebido por todos alunos, durante o treino.

Eu não poderia dizer “não”, então pensei que esquentar água e fazer chá... talvez tudo bem!

Depois de algumas vezes, reclamei com Mestre Zhy:

– Puxa, Zhy! Me desocupa disso, vá! Puxa, qualquer um pode ferver a água.

– Mas como você não quer? Eu te dei uma posição de honra. E você vem desprezar?

– Eu sei disso. Mas é que eu não quero ter que fazer nada em relação a esse altar.

Ele não gostou muito, mas acabou me deixando livre da função.

Outro problema foi a questão do uniforme. Eu só tinha *uma* camiseta da academia, não estava me sobrando dinheiro para comprar mais. Então procurava fazer o possível, colocava uma camiseta branca embaixo da camiseta da academia para que durasse mais. Por causa disso, às vezes, ia sem a camiseta correta, simplesmente porque estava lavando. Mestre Zhy não gostava muito. Teve outro

dia em que me atrapalhei e esqueci a sapatilha. Então fui treinar de meia. Dá para imaginar, né?

Na verdade, começaram a acontecer uma sucessão de pequenos episódios que culminavam em uma sucessão de broncas.

Certa ocasião, cheguei antes do horário do treino e fiquei por ali um pouco. Tinha uma lousa, numa das paredes, com umas coisas escritas em chinês. Apaguei uns pedaços e fiquei fazendo desenhos para matar o tempo, achei que não tinha problema.

– Mas o que você está mexendo aí? Isso é a minha *aula*! – gritou Mestre Zhy.

– Ah! Eu pensei que isso fosse da aula passada... me desculpe.

Tudo estava colaborando para que ele pegasse implicância comigo. Depois que comecei a orar, até mesmo com a técnica do *Kung Fu* eu passei a ter problemas. Ficava cansado com mais facilidade, tinha dificuldades para absorver os movimentos novos. E eram coisas simples, coisas com as quais nunca me atrapalhei.

Parecia que minha mente estava bloqueada para aquilo que tinha sido sempre a minha vida!

Por causa disso, eu levava mais bronca ainda; quando Mestre Zhy pedia para ver a técnica, não admitia nenhuma sequência torta nem malfeita. Quando terminava o treino, eu saía todo humilhado, já estava me sentindo um rato!

– O que está acontecendo com você? – ele me perguntava. Nem eu sabia explicar.

Na verdade, tudo ali na academia estava me deixando mal, estava me deixando para baixo. Então... foi assim que comecei a entender que talvez Deus realmente não quisesse que eu levasse adiante o *Kung Fu*. Aquilo tudo, aquela sequência de problemas e confusões... era direção para eu ir embora.

Certa noite, depois de sair tarde do treino, caminhei algumas quadras até o metrô, como sempre fazia. Aquele trecho tinha algumas casas de prostituição, e, quando passei, vi aquelas pessoas na calçada totalmente à deriva, servindo ao diabo, prostituindo o corpo... e parece que alguma coisa me dizia que aquilo também servia para mim. Que eu também estava prostituindo o meu corpo pelo fato de estar gastando minha energia com algo que não era saudável, uma coisa que não agradava a Deus... do mesmo jeito que aquelas pessoas que serviam o mundo.

Percebi que eu estava dando mais valor à destreza e à força do meu punho, confiando mais no meu braço e na minha performance física do que em Deus;

reverenciando ídolos e fazendo alianças em jugo desigual.

Em outras palavras, cultuando a mim mesmo.

Sem esquecer que estava também de certa forma cultuando a violência, por mais que a Arte Marcial preze a paz, ainda assim é a Arte da Guerra!

Aquela foi uma triste constatação. Pelo menos, no tocante à minha alma.

Se eu quisesse realmente vencer a minha carne, vencer a ira, a agressividade, a violência... não poderia mais manter aquela porta aberta na minha vida.

No meu caso – e hoje eu vejo que essa foi uma direção *Rhema* para mim –, manter o *Kung Fu* seria manter nas mãos do diabo uma pedra contra mim, seria manter uma porta sempre aberta aos demônios.

Deus estava começando a lidar mais profundamente com aquele aspecto do meu caráter. A ira. Talvez o aspecto mais difícil de ser tratado. Aquele foi o começo.

Um dia, então, tomei a decisão. “Vou parar com o *Kung Fu*.”

Eu nunca imaginei que isso pudesse ser possível.

O *Kung Fu* estava entranhado na minha alma, no meu corpo, era quase como um vício. Fazia parte do meu dia a dia de tal maneira que se eu não praticasse, me sentia indefeso. Quer dizer, abandonar aquilo significava deixar de ser capaz de me defender sozinho. Abandonar o *Kung Fu* se traduzia em desproteção!

Fosse como fosse, eu entendi a direção de Deus. Não foi ninguém que me obrigou. Eu que entendi que isso era o certo. Fui falar com Mestre Zhy.

– Olha, Zhy... eu não vou mais praticar *Kung Fu*. Eu te agradeço muito por tudo que você me ensinou.

Ele quis saber por que, ao que respondi, sem mais rodeios:

– Eu me converti ao Cristianismo, e existem divergências de pensamento e de crença entre o Cristianismo e o Budismo. Infelizmente, você não é flexível, você não está respeitando a minha liberdade, quer impor a sua religião pra mim, pra todo mundo que pratica *Kung Fu*. E eu não posso aceitar isso! – como minha decisão já estava tomada, pude me abrir um pouco.

– Se é isso que você quer, então está bem.

Eu fui embora. E para minha surpresa, não tive mais vontade de praticar Arte Marcial. Foi realmente uma coisa que Deus tirou com a mão de dentro de mim. Eu sentia falta, sim, de *esporte*. Tanto é que, futuramente, viria a praticar apenas ginástica.

* * *

Fazia três meses que nós estávamos de carro novo!

Puxa vida, que alegria tão grande! Era o nosso primeiro carro, um Fiat Palio 1.0, totalmente “pelado”. Melhor dizendo: sem nenhum acessório. Nem mesmo o espelho retrovisor direito. Foi o que deu para a gente fazer, estávamos os dois trabalhando, bem empregados, e realmente precisando de um veículo melhor!

Então, mais do que fé naquele momento, foi com a calculadora em mente que decidimos por um financiamento em 36 parcelas.

Dona Márcia foi nossa fiadora, e apesar da alegria que nos invadia quando fechamos o negócio na concessionária, um friozinho na barriga também se fazia sentir. Era nossa primeira conta de peso, o primeiro compromisso financeiro que eu e Isabela assumíamos juntos.

Isabela foi quem fez os orçamentos nas concessionárias, era ela quem rebuscava nos jornais de domingo, procurando as melhores ofertas. Depois, telefonava para as concessionárias e fazia os orçamentos pelo telefone. Aí, não resistia e ligava para meu serviço, à tarde, toda entusiasmada, toda falante, me contando das opções.

Quando a gente saía juntos e Isabela via um Fiat Palio estacionado no *Shopping*, ou no supermercado, dava uma disfarçadinha e corria para olhar por dentro.

– Olha só, Eduardo! Olha só como é lindo por dentro!

– Vão pensar que você é uma roubadora de carros, pelo jeito como olha... Ela disfarçava um pouco e novamente voltava a olhar.

– Puxa, esse painel é bonito... comparado ao do fusca...

Isabela estava na febre. Mas não tiro sua razão. Ela havia dirigido o fusca muito mais do que eu. E não que fosse algum problema dirigir um fusca, o problema era dirigir *aquela* fusca!

Isabela tinha carta desde os 21 anos, dirigia no trânsito de São Paulo todo santo dia. Virava-se superbem com o guia de ruas, não tinha nenhum lugar que ela não conseguisse encontrar com o mapa na mão. Claro que eu tinha menos experiência do que ela, afinal... o tempo tinha passado, e eu ainda não sabia dirigir!

Como boa “professora”... Isabela decidiu que se eu não tinha conseguido aprender a dançar muito bem, talvez pudesse aprender a dirigir. Um dia, ela resolveu que, definitivamente, era preciso que eu aprendesse a lidar com um carro.

Isso tinha sido ainda no primeiro ano de namoro.

– 28 anos, Nenê! Você não quer que eu te ensine? Você está me ensinando *Kung Fu*, eu te ensino “carro”!

Eu tinha procurado fazer parecer que sabia dirigir. E contei a lorota:

– Eu sei dirigir, *sim*! Não muito bem, mas sei. Só não tenho carro! Mas o meu amigo chinês, o Wang, me deixava dirigir o carro dele.

Isabela já tinha ouvido falar de Wang e de uma série de aventuras que passamos juntos. Certamente, foi um tempo divertido para mim, logo depois que me converti. Wang passava em minha casa, à noite, a gente saía com outros amigos, conhecíamos pessoas, conquistávamos as menininhas, aprontávamos um pouco... no bom sentido!

O máximo que a gente fazia era dar uns tiros em orelhões, para treinar. Uma vez, demos uns tiros numa loja de vasos de barro, dessas que vendem plantas... os vasos eram ótimos alvos! Placas de trânsito também.

Porque, sim, *claro*, a conversão também é um processo. Há uma série de coisas que acontecem instantaneamente no momento em que aceitamos Jesus, mas depois o processo continua. E muitos outros aspectos vão mudando, devagar.

Quando eu me converti, e deixei a Irmandade, eu e Wang nos tornamos muito mais próximos. Foi uma amizade sincera e muito bacana. Depois, Wang foi fazer pós-graduação no exterior, então nos afastamos. Mas volta e meia ele vinha para o Brasil, e quando não vinha, me ligava. Sem se preocupar com o fuso horário. Ele nunca ligou muito para isso!

– Ok, se o Wang te ensinou e você sabe, pode dirigir o fusca, então. Quer? – havia dito Isabela, para me testar.

Então fui obrigado a dizer a verdade.

– Bem... ele bem que *tentou* me ensinar!

A verdade é que eu não sabia muito bem, não.

– Hum. Quer dizer, então, que você sabia dirigir? – Isabela me perguntava com arzinho irônico.

Fui sincero, amarrei no rosto um sorrisinho amarelo.

– Ah, eu fiquei com vergonha de admitir isso. Você é mulher e dirige, e eu não sei. Isso não é justo!

Isabela poderia ajudar-me, sem dúvida. E aí começou a saga da direção. Nós íamos até a Cidade Universitária, ou então perto de casa mesmo. E ela me ensinava, exatamente como tinha aprendido.

Levei um tempo para acostumar-me a dirigir um patrimônio que não era meu, tinha muito receio de estragar o carro. Dirigia devagar, quase parando, mesmo depois de semanas. Depois de meses!

Toda hora, ela me dava umas broncas porque não era uma instrutora das mais pacientes. Ela não gostava de ver nada errado durante muito tempo! Seu jeito de

dirigir era muito peculiar, eu costumava dizer que Isabela não dirigia como uma dama.

– Você tem um volante agressivo! Corre muito, faz manobras ousadas. As mulheres não devem dirigir assim!

– Ah! Tá querendo dizer o quê? Que as mulheres não sabem dirigir?! Pois saiba que *eu* dirijo muito bem!

Não tenho como não admitir... mas ela mostrava facilidade com a direção, a bandida! E era meio impulsiva, acho que dirigir ajudava Isabela a descarregar um pouco da tensão. Isso queria dizer que ela não respeitava absolutamente nenhuma regra de trânsito. Farol vermelho era o mesmo que nada. Limite de velocidade, idem. Placas de trânsito não mereciam respeito, calçada e rua eram a mesma coisa. Contramão estava sempre valendo, desde que encurtasse o caminho, ou a livrasse do congestionamento. Aliás, com congestionamento valia mesmo de tudo: desde a contramão, até passar pela calçada, dar fechadas, dar ré pelo acostamento para fugir por outra avenida.

Esse era o dia a dia de São Paulo. Por conseguinte, o dia a dia de Isabela. Às vezes eu dava risada:

– Você avançou dois metros com toda essa manobra, e continua parada. Que bela estratégia essa sua.

– Sim, mas quando o verde abrir eu passo primeiro. Se estivesse lá atrás era capaz de ficar outra vez parada nesse farol.

Nesse aspecto, confesso que talvez eu tenha sido meio mal ensinado. Isabela queria que eu fizesse como ela. Isto é, vermelho era igual a verde, especialmente se fosse de noite. Amarelo merecia sempre uma acelerada, fosse dia ou fosse noite.

– Típico! Mais um paulistano que sabe manejar um carro... uns melhor do que outros, mas... – Isabela nunca deixava de me provocar.

Eu provocava de volta:

– É... mas você desceu a Rebouças com o breque de mão puxado. Você contou! Começaram a buzinar porque estava saindo fumaça do carro.

– Eu sei, eu sei! Mas aí eu estava de pós-plantão! Foi um lapso, não estragou nada!

No futuro, eu viraria um tremendo “Speed”, pelo menos eu achava que sim. (Já Isabela não compartilha dessa minha visão).

Um dia, ela passou um bom tempo contando as peripécias daquele carro, depois da aula de direção.

– Ele foi até o Chile e voltou, Nenê! Meu pai rodou meio Brasil com ele.

– Sério que vocês foram com esse carro até o Chile?!

– Se fomos! Atravessamos a Cordilheira dos Andes, mas isso não é nada! Sabia que o vidro dianteiro estourou no meio do caminho? Não sei o que foi, talvez um choque térmico, mas a verdade é que estávamos a 1500 quilômetros do Brasil e a 2000 quilômetros do Chile. Detalhe: a três dias do Natal! Meu pai fez de tudo, mas não encontrou vidro semelhante para substituir. Não tinha outra opção e fomos daquele jeito mesmo. Passamos pelos Andes enrolados em cobertores, sentindo aquele ventinho frio. Sorte que era verão, né?

– Caramba, seu pai foi corajoso...

– E o que ele iria fazer? Só no Chile encontramos peça para o Volkswagen. A gente iria ficar ali, parado no meio do nada? Meu pai tinha muita experiência na direção. Um dia desses, pergunta para a minha mãe cada aventura que eles não viveram por essas estradas desse nosso Brasil! – começou a dar risada. – Puxa, mas essa do Chile foi demais, sabia? No fim, todo mundo acabou picado por abelhas, entrava de tudo dentro no carro, você sabe.

– Faz muito tempo isso?

– Faz, sim. Eu tinha uns 13 anos na época. – Mas o fusca era bom naquela época, hoje ele já está meio debilitado!

Debilitado era até um elogio. Isabela continuou:

– Você nem imagina o que eu já passei com esse carro! Cada uma! Ele é muito velho, toda hora dá problema. Olha só... durante a época da Faculdade, ele teve várias fases. Teve uma época que ele não pegava, a não ser no tranco. Então eu tinha sempre de estacionar em uma descida, em uma subida, sem ninguém na frente nem atrás, para conseguir ligá-lo depois. Fiquei *expert* em fazer o carro pegar no tranco, pode crer! Depois, teve uma época em que ele não tinha limpador de para-brisa. Mas eu me acostumei a dirigir mesmo debaixo das maiores chuvas. É só perceber bem o vulto dos carros e conhecer bem o caminho que tudo dá certo! O problema era se o carro morresse na chuva. Porque aí não pegava também. Uma vez, atrapalhei todo o trânsito, tive de descer no meio da rua, debaixo do maior toró, correr até um posto de gasolina e pedir que alguém me ajudasse a empurrar. Aí pegava no tranco. Era sempre assim, se morresse, eu parava as primeiras pessoas que estivessem passando e pedia que empurrassem o carro.

– Não acredito nisso!

– Mas foi assim mesmo. Meu pai bem que consertava o carro, mas voltava a pifar. O carro é velho, o que se há de fazer? Depois, veja só... teve também a época

em que o breque de pedal não estava funcionando, então tinha de brecar no breque de mão.

Nós dois já estávamos rolando de rir.

– E teve a época em que, não sei por que, se tirasse o pé do acelerador, ele ia roncando cada vez menos... e morria. Piorou tanto que se eu tirasse o pé do acelerador pra brecar, pra parar num farol, por exemplo... e o carro já pifava! A solução era deixar o motor *bem acelerado*. O carro ia berrando, quase deixava a gente surda!

– Ah! Eu sei como é isso!

– E agora, veja: o carro não tem seta, não abre o vidro da direita, não tem velocímetro nem marcador de gasolina. Aliás, esse é um problema também, você tem que aprender a saber se *tem* gasolina! É só dar uma brecada meio brusca e olhar o ponteiro. Se der uma leve mexidinha é sinal que tem gasolina. Mas, se não mexer, é bom parar no primeiro posto. Eu já fiquei na rua muitas vezes por causa disso. Aí tinha de largar o carro e campear gasolina a pé!

– Isabela, você também, hein? Tem de prestar mais atenção.

– Uma vez, eu estava pós-plantão, supercansada, achei que a gasolina iria dar... no fim, fiquei parada na Marginal Tietê, à noite, o barato saiu caro.

Eu achava um absurdo essas histórias. E tão preocupado estava que sempre colocava muita gasolina no carro, para que Isabela não corresse o risco de ficar parada pela cidade.

– Eu admiro sua independência, acho o maior legal você pegar o carro e sair por aí, sem depender de ninguém, mas olha... você tem que se cuidar um pouco melhor. E se acontece alguma coisa?

– Acontece nada, Nenê, acontece o quê?! Depois é supernatural eu sair sozinha, sempre foi assim, tinha minha vida, meus estudos, meu trabalho... não há motivo pra tanta admiração. Eu não gosto de ter de depender dos outros. Nada como resolver tudo por mim mesma, sabe? Depender da boa vontade alheia é a maior roubada!

– Mas bandido continua existindo, e eu conheço isso muito bem. A oportunidade faz o ladrão na maior parte das vezes, sabia?

– Tá bom, tá bom. A gente enche o tanque toda semana, e não vai mais acontecer.

Mas aconteceu algumas vezes ainda. Realmente, aquele fusca era uma coisa! E embora a gente corresse atrás dos danos, era consertar uma coisa e quebrar outra. Dona Márcia vivia boquejando, dizendo que a gente estava destruindo o carro,

mas não era bem assim. O carro já estava destruído, já estava destruído desde a época que Isabela estava na Faculdade. A gente simplesmente corria atrás dos reparos normais de um carro muito usado.

Uma época, começamos a escutar um barulho estranho cada vez que passávamos sobre uma lombada, na rua.

– Mas que coisa esse barulho.

Quando finalmente levamos ao mecânico para ver o que havia, a surpresa!

Aquele barulho era nada mais, nada menos do que a bateria que raspava nas lombadas. O fundo do carro, completamente destruído daquele lado, estava deixando a bateria literalmente cair na rua. Percebemos que o banco do carro, do mesmo lado, começava a envergar. Parte dele já estava aparecendo no fundo do carro.

Não tínhamos dinheiro suficiente para fazer o conserto de imediato, então o mecânico colocou ali um pedaço de madeira para sustentar a bateria. Do jeito que deu, simplesmente para ela não cair no asfalto. E ninguém mais sentava daquele lado, íamos os dois sentados do lado esquerdo do carro, um na frente e outro atrás. Parecia o motorista levando a dondoca para passear no banco traseiro! A gente morria de dar risada!

Aliás, o fusca sempre teve muitos buracos no fundo. Toda vez que chovia entrava água, e ficava tudo ensopado por dentro.

Realmente, foram muitas as peripécias com o carro. Volta e meia, ele voltava a morrer e só pegava no tranco, sempre precisando ser empurrado. Cada situação constrangedora, dependendo de onde acontecesse!

E quando pifava bem na frente do meu serviço? Lá ia eu, de terno e gravata, todo arrumado, empurrar o carro para que Isabela pudesse fazê-lo pegar! No dia seguinte, aguentava as piadinhas dos colegas. Sempre tirando um baratinho! Então Isabela, quando ia me buscar, normalmente chegava em cima da hora e esperava com o motor ligado.

E quando morria no posto de gasolina?

– Por favor, complete o tanque! – eu pedia educadamente. Aí, na hora de ir embora: “Nhém, nhém, nhém, nhém, nhém!!!!”.

Quem disse que o adorável fusquinha iria nos poupar daquele carão mais uma vez?

Então eu descia e, com o frentista, empurrava o carro. E Isabela fazia pegar no tranco.

– Brigadão aí, hein?!

A gente saía rindo, que coisa mais chata! Cada lugar para pifar!

Um dia, Isabela, eu e Dona Márcia tivemos de ir até o Hotel Macksoud Plaza. Ela iria encontrar-se com uma pessoa que dirigia um quarteto de cordas e que estava interessada em patrocinar uns Recitais do Marco. O quarteto tocava ali no Hotel. Tudo bem até aí, mas, na hora da saída, os manobristas é que vinham dirigindo os carros, trazendo de dentro do estacionamento. Um carrão atrás do outro.

De repente... eis que lá vem o nosso fusquinha. Todos ficaram olhando. Primeiro para nós e depois para o fusquinha, que berrava estridentemente: “Pó, pó, pó, pó, pó, pó, pó!”.

Ele tinha passado pela funilaria e estava com um dos para-lamas preto, ainda sem pintura... lindo, lindo, *lindo*!

Depois que entramos, eu malhei a porta do meu lado. BUM! Ela não estava fechando, a não ser daquele jeito. Tinha de ir alguém pelo lado de fora para levantá-la e fechá-la, mas não perdemos tempo com isso naquela hora.

Eu e Isabela saímos rindo, Dona Márcia reclamava que estávamos acabando com o carro!

– Mãe, nós estamos *consertando* o carro! Acabamos de fazer funilaria. Outra vez, ainda, no *Shopping*; para variar, nós dois fomos jantar no Viena. O estacionamento do terceiro piso estava tão vazio que Isabela não achou que fosse encher muito.

– Meio de semana, né?

Então, prevendo as complicações na hora de sair, deixou o carro em posição bem fácil para empurrar. Isto é... ocupando três vagas na horizontal.

O segurança veio imediatamente, surgindo não sei de onde. E perguntou:

– A senhora vai deixar o carro *assim*? – confesso que paciência não era mesmo o seu forte.

– Vou, é melhor assim. Porque o estacionamento tá vazio mesmo, e depois esse carro não vai querer pegar na volta. Ele está com defeito.

O cara procurou ser polido e explicou:

– Mas você não pode deixar o carro desse jeito. Isabela se irritou um pouquinho:

– Mas acontece que ele não vai pegar na volta, sabia? E daí, como é que fica? Na volta, *você* vai ter de empurrar o carro!

Ele foi irredutível:

– Mas não posso permitir que a senhora deixe o carro assim – eu balizei a questão:

– Tudo bem, Gatinha, vai... põe o carro direito, na volta eu empurro – ela abriu a porta reclamando:

– É! Mas quem deveria empurrar o carro tinha de ser esse cara aí. Puxa, eu estou explicando, pra que implicar assim? O estacionamento está *vazio*!

Eu costumava brincar com ela, dava uma cutucadinha para acalmá-la:

– Brava. Como a Isabela é brava! Ela é *bra-va*! – ela acabava rindo:

– Isso! Quer dizer, *isso* nada! Brava, nada. Esse guardinha é que é um chato! – nesse dia, por sorte, o carro pegou na volta. Milagre!

Mas os problemas maiores mesmo eram os sustos! Um dia, no meio da manhã, recebi um telefonema de Isabela:

– Nenê, o carro pifou... estou parada aqui na ponte da Cidade Jardim, a CET me rebocou até aqui... já avisei no serviço que estou com problema. Mas não sei o que fazer, será que você não poderia vir aqui me ajudar?

Isabela estava ultracalma, dificilmente ela perdia a esportiva com as panes do fusca. Eu é que quase subi pelas paredes de saber que minha noiva estava largada no meio do nada, sem ter para onde ir!

– Antigamente, eu costumava deixar o carro estacionado aonde fosse, pegava um ônibus e só comunicava meu pai. Normalmente, ele acabava vindo depois, pegava o fusca, levava ao mecânico, eu não tinha de me preocupar com nada! Mas agora... fazer o quê, né? Tenho de chamar o Nenê!

Fiquei supernervoso. Desliguei o telefone quase em pânico, avisei meu chefe, e uma colega de trabalho me levou até a ponte da Cidade Jardim. Assim que cheguei, ainda do outro lado da Marginal, vi o fusca parado ali no acostamento.

Fizemos o contorno e minha colega estacionou atrás do fusca.

– Cadê Isabela?!

Fiquei superassustado, imaginando mil coisas. Tudo me passava pela cabeça! Imaginei então que ela devia ter telefonado do orelhão mais próximo. Mas por que não tinha voltado para o carro?

Subi correndo a ladeira que me levava até a altura da ponte. Dali, ao longe, poderia avistar um orelhão. Corri até lá. Isabela estava sentada numa mureta perto do telefone, comendo um chocolate. Na maior tranquilidade!

– Gatinha! O que você tá fazendo aqui? Você quase me matou de susto! – abracei Isabela. Ela não entendia o meu nervosismo.

– Mas, Nenê... eu não te disse que iria ficar esperando do lado do telefone? Tá um solzinho tão bom aqui! Eu tinha uns trocados na bolsa e comprei esse chocolate ali na esquina. Quer um pedaço?

– Agora não. Vamos tentar resolver o carro!
– Sabe o que eu acho que é? Gasolina! Acho que o ponteiro não estava mexendo, e eu achei que dava pra chegar ao serviço.

– Vou despachar a minha colega. Ela ficou esperando ali embaixo!

Minha colega foi embora, e eu e Isabela fomos andando até o posto mais próximo. Compramos gasolina num saquinho e levamos até o fusca. Bingo! Demorou um pouco, mas ele pegou.

– Olha que eu estou acostumada com esse carro... mas, dessa vez, esse ponteiro me enganou! Agora ele vai ficar engasgando. Acho que entra sujeira na bomba de gasolina quando a gente a usa até o osso.

– A gente vive de susto em susto. Agora você me leva até o serviço de volta, e depois vai pro seu.

– Puxa, Eduardo, sabe... bem que a gente poderia começar a fazer um orçamento. Quem sabe dá pra comprar um carro novo?

A gente até que estava merecendo. E então foi assim.

No dia em que fomos à concessionária para pegar o nosso Palio 1.0 vermelho Córdoba não dava nem para acreditar que fosse verdade! Eu nem quis pôr a mão na direção, empurrei logo para Isabela, a “professora”. Na verdade, não gostaria de admitir, né? Mas eu tinha medo de bater o carro novo!

Isabela não se intimidou e estreou o Palio. A gente não cabia em si de alegria! Valia a pena aquela dívida de 36 meses. Só de pensar que agora o carro tinha seta, tinha limpador de para-brisa, os vidros das janelas abriam, não entrava água pelo fundo, não *morria*! E o marcador de gasolina funcionava! Sem contar com a aparência estética, nada de para-lama faixa preta.

Depois disso, a gente vivia lavando o carro, encerando, passando “pretinho” nos pneus, passando silicone no painel... pondo perfume, adesivo... penduricalhos...

CAPÍTULO 14

Quatro dias depois do Sabbath, participei de mais uma Ministração com a Grace. Isso foi em uma terça-feira. Já no outro dia, quarta, Isabela e eu fomos normalmente à nossa reunião semanal com Dona Clara. Chegamos cedo à Igreja, bem antes do horário do Culto. Foi um período muito bom. Já fazia três meses que estávamos orando com Dona Clara todas as semanas!

Descemos da nossa sala quando os primeiros acordes do Louvor já se faziam ouvir. Eu me sentia animado, Isabela da mesma maneira. Fomos nos sentar mais ou menos no meio da Igreja; normalmente, a gente não sentava por ali, mas naquele dia foi assim. Não queríamos atrapalhar as pessoas, e como era um Culto de quarta-feira, a Igreja não ficou lotada. Ali, naquele lugar, mais ou menos no meio, nós estávamos praticamente sentados atrás de toda a congregação.

O Pastor Joel pregou, foi uma Palavra boa, desafiadora, que levava todo mundo a se sentir melhor e mais incentivado em experimentar um verdadeiro Cristianismo.

No finalzinho, depois que o grupo de Louvor voltou lá na frente e tocava um pouco para o encerramento, o Pastor Joel pediu que as pessoas se juntassem em dupla para orar. Antes que a gente pudesse perceber, ou se mexer, uma mulher se aproximou de nós dois e começou a orar por nós.

Foi uma oração diferente!... Ela orou de uma maneira especial, vinha ao encontro de algumas coisas que tínhamos acabado de colocar para Deus com Dona Clara.

Quando terminou de orar, foi a vez de nós orarmos por ela. Então, ela voltou para o seu lugar, umas três fileiras mais para frente. Nem todo mundo tinha terminado sua oração, de forma que o conjunto de Louvor continuava tocando, o Pastor continuava orando lá na frente, direcionando a congregação... estava meio barulhento até... só que aí aconteceu uma coisa estranha!

Senti-me observado. Acho que essa foi a primeira das sensações.

E exatamente como acontece com todo mundo que se sente observado por algum tempo, uma hora, mesmo sem querer, virei o rosto na direção da pessoa que estava a me olhar.

Foi o que eu fiz, instintivamente.

Como estivéssemos praticamente no fundo da Igreja, olhei para a minha direita e para trás. A Igreja era dividida em duas alas principais, uma à direita e outra à esquerda, separadas por um corredor central. Nós estávamos na ala da esquerda. Do outro lado, ao voltar o meu rosto, vi quem estava me mirando: um moço que eu não conhecia. Ele estava parado na outra ala, umas duas fileiras atrás da nossa, mais ou menos no meio da fileira. Somente ele estava ali, mais ou menos atrás de um grupo de três moças.

Quando nossos olhos se cruzaram, ele me enviou um sorriso aberto. Retribuí o sorriso porque imaginei que talvez fosse algum antigo aluno de *Kung Fu*. Não era difícil que isso acontecesse, às vezes eu cruzava com alguém que me era totalmente estranho, mas aí a pessoa vinha, me cumprimentava, dizia que tinha treinado comigo e “Há quanto tempo, hein?”, etc. e tal.

Quem seria aquele moço?...

Ele tinha o cabelo liso e preto, escorrido como de índio, cobrindo as orelhas e um pouco mais comprido atrás. Os olhos eram também escuros, ligeiramente alongados; a pele, da tonalidade dos índios.

É verdade que eu tive muitos alunos; além disso, na época da “29”, havia muitas pessoas que me conheciam de vista, mas eu não as conhecia de fato.

Por algum motivo estranho, continuei olhando para o rapaz. Talvez fosse o olhar dele, tão sereno, tão brando... ou acho que era mesmo aquele sorriso, ele parecia estar feliz em me ver ali. Por alguns instantes, continuei tentando me lembrar de onde eu o conhecia...

Mas aí ele falou comigo. Não saberia dizer porque escutei a sua voz clara e alta como se estivesse ao meu lado... e não do outro lado da Igreja. Na hora, não me perturbei muito com isso, parecia perfeitamente aceitável... já nem escutava o som do Louvor. Só ouvi as suas palavras, de forma perfeita:

– Você está vendo aquele senhor lá na frente? – e apontou. Eu olhei na direção que ele apontava e perguntei:

– Aquele? Aquele ali de camisa xadrez?

– É. Aquele mesmo. Ele está passando por muita dificuldade... vai até lá depois, e ora por ele. Porque tudo que você pedir em oração, o Pai vai atender! – e sorriu de novo.

Aquele sorriso era muito bonito, espelhava muito amor. Por algum motivo, ele parecia me conhecer muito bem, mas... por que eu não me lembrava dele?

Olhei de novo para a frente, para aquele senhor de camisa xadrez... então iria perguntar alguma outra coisa para aquele moço, voltei-me novamente na sua direção, e...

“Ué?? Cadê ele? Será que já foi embora? Mas não pode ser, estava aqui agora mesmo!”

Então fiquei cabreiro...

“Meu Deus... será que eu estou vendo coisas?! Será que eu *imaginei* isso?... Ou será... que era um *anjo*...?!”

Comecei a procurar por ele na Igreja, virava o pescoço para todos os lados. Nem reparei que a essa altura o Louvor já estava encerrando-se, e o Pastor Joel já dava a bênção final para poder despachar as pessoas.

Isabela olhava para mim, já tinha percebido alguma coisa:

– Que foi, Nenê? Que aconteceu?

– Peraí... será possível?

– Que foi? Você viu alguma coisa? – e a voz dela já soou preocupada. – Você está com uma cara estranha!

– Estou?... Espera um pouco... eu preciso fazer uma coisa antes, pra ter certeza... aí eu te falo! – eu quase nem olhava para ela, encafifadíssimo, só continuava virando o pescoço para todos os lados.

Isabela esperou sem perguntar mais nada. O Culto tinha acabado. Voei lá na frente atrás do tal senhor de camisa xadrez. Isabela nem veio atrás de mim, ficou me esperando sentada no mesmo lugar.

Desconfiada. Um tantinho temerosa.

Observei de longe o homem antes de falar com ele. Eu o conhecia de vista. Ele estava sempre bem vestido... já tinha uma certa idade... e estava acompanhado da esposa.

“Será possível que esse homem tá mesmo passando muita *dificuldade*? Quem olha para ele assim, não parece...”

Bati no seu ombro. Não via a hora de tirar aquilo a limpo!

– Desculpe-me, mas... – me engasguei todo. – Humm... a Paz do Senhor! Sabe o que é? Eu acho... eu acho que eu vi um anjo... e ele me disse pra vir aqui orar pelo senhor, porque o senhor está passando por dificuldades... hum...

Na minha cabeça, já imaginei a resposta: na certa, iria achar que eu era um maluco!

Mas, para minha surpresa, os olhos dele se encheram de lágrimas, e a mulher se apressou em anotar o nome e o telefone deles no boletim da Igreja, para

imediatamente empurrar para mim!

– Ah, irmão... eu estou mesmo com problemas muito sérios! Perdi meu emprego, e na minha idade não é fácil arrumar outro. Eu era gerente de uma boa Empresa, mas fui mandado embora. Estamos mesmo atravessando um deserto muito difícil!

Foi a minha vez de sentir uma emoção forte subindo até a garganta, e meus olhos marejando em lágrimas.

– Puxa vida... – eu não sabia o que dizer. – Então foi verdade mesmo, eu *vi* um anjo! O senhor pode até não acreditar, mas ele me mandou aqui pra orar por você!

– Ah, mas eu acredito, sim! Eu acredito, sim!

– Então vamos orar, né? Vamos orar pelo seu sustento, pelo seu emprego...

Nós três oramos ali mesmo, rapidamente, entre lágrimas. Então ele me abraçou, e nos despedimos. Tudo não levou mais do que cinco minutos. Olhei de longe e vi que Isabela me observava, lá do seu lugar. Voltei para junto dela.

– Eduardo, me diz o que está acontecendo... nem me levantei daqui, estou preocupada... você por acaso viu algum... quer dizer, algum... – baixou o tom de voz. – *Satanista* por aqui?

Até dei risada.

– Por que você acha isso?

– Ué... você não parava de olhar pra todos os lados, como se estivesse procurando alguém... por acaso você viu alguém que conhecia? Alguém de lá? Porque a sua cara estava muito estranha!

– Ah, Gatinha, não foi nada disso! – eu dava risada à toa. – Foi uma outra coisa que eu vi... eu acho que eu vi *um anjo*!!!

Isabela arregalou os olhos de espanto. O semblante preocupado se desfez na mesma hora.

– Um anjo, Nenê?! Sério? Você viu mesmo? Conta como foi isso!

– Lembra quanto que eu pedi, né? Quanto que eu pedi pra ver anjo! A Grace até mesmo ungiu meus olhos, pediu que Deus os abrisse, pra poder ver os anjos... até Dona Clara orou por isso também! Mas estava demorando tanto...

Isabela me puxou pela mão, superansiosa.

– Conta! Conta tudo, Nenê!!

– Pois é... – eu estava flutuando em nuvens, meio aéreo. – Meu Deus... eu não imaginava uma coisa dessas, eu imaginava que fosse ver um anjo de asas, que ele

fosse me visitar em casa, no meu quarto... nunca pensei que fosse acontecer desse jeito! Parecia um homem, sabe? Um homem normal... só que bem alto!

– Ai, Eduardo, conta direito! Mas onde foi que você viu, como foi que ele apareceu?

– Estava ali... – aponte para a cadeira do outro lado da Igreja, mais ou menos uns cinco ou seis metros de onde a gente estava. Fiquei quieto de novo, só pensando.

Isabela interrompeu meus pensamentos de novo.

– Mas *e aí*, Nenê? Conta, conta! Como é que ele era?

– Era alto, mais alto do que a maioria. Mas não de uma altura sobrenatural, era uma altura que um homem pudesse ter! Estava vestindo uma camisa branca fechada até em cima, de mangas compridas, presas no punho... de tecido mole, sabe? De gola redonda, me pareceu que era fechada do lado por um botão. E usava uma calça... tipo linho... linho azul escuro. Tinha traços que lembravam um boliviano... engraçado... mas não era magro, dava pra perceber que era forte, encorpado. Ele sorriu pra mim!

– E como era o sorriso dele?

– Perfeito! Uma dentição perfeita! Era um índio boa pinta! – segurei novamente as lágrimas no meio da risada.

– Ele falou comigo... e eu escutei como se ele estivesse aqui perto... aqui do nosso lado... e daí...

Fui contando aquela deliciosa experiência. O rosto de Isabela se iluminava, e nós dois acabamos chorando juntos antes que eu terminasse de falar. Uma alegria muito grande invadiu os nossos corações.

– Deus atendeu! – falei, ainda sem acreditar. – Atendeu meu pedido! Eu vi um anjo! Ele tinha um olhar tão especial... um olhar cheio de amor... – senti a voz embargada novamente. – Tão diferente do olhar dos demônios...

– Deus sabia que você precisava disso...

– E por que você ficou assustada?

– Eu não sabia o que estava acontecendo, olhei pra você e o vi com um ar estranho, uma cara estranha. Eu já conheço essa sua cara, e nunca é boa coisa! E você ficava olhando pra todos os lados, então olhei também, eu queria ver o que é que você estava vendo... como a gente só tem tido surpresas desagradáveis, imaginei que você tinha visto alguém da “Church” aqui dentro, tinha sentido algum demônio, alguma coisa assim... – ela suspirou de alegria. – Mas, graças a Deus, dessa vez foi uma coisa boa!! Eu também olhei por toda a Igreja, vi muito

bem aquelas três meninas sentada ali do outro lado... mas não vi nenhum boliviano boa pinta!

Isabela riu de novo, um riso claro e aliviado. Eu ri também, e não perdi a oportunidade de brincar:

– E não é pra ver mesmo! Se você visse, iria querer *paquerar* o anjo!

Ficamos ali rindo que nem dois bobos durante algum tempo, falando e falando sem parar sobre aquilo. Então Isabela lembrou:

– Vamos contar pra Dona Clara!

– Isso!

Dona Clara já estava lá fora, na calçada. Corremos atrás dela para contar a novidade como duas crianças. Dona Clara ouvia, e enquanto ouvia dava risada, feliz da vida com o ocorrido. Acabou até chorando também umas lagriminhas.

– Deus é bom! Deus é bom! Atendeu ao nosso pedido!

Esse seria um assunto que nós dois iríamos falar durante bastante tempo.

* * *

Dois dias depois, na sexta-feira, Isabela encontrou comigo e foi logo falando:

– E aí? Tem o Seminário da Grace neste fim de semana. Não conseguimos fazer daquela vez, por causa do seu sarampo, lembra?

– Pois é – respondi.

– E tem também o acampamento da Igreja.

– É.

Procurei saber primeiro o que ela achava. Fui logo direto.

– Você tá a fim de ir?

Conversamos e conversamos sobre as duas possibilidades.

Nós sempre temos o livre-arbítrio para escolher o melhor. As possibilidades aparecem, basta fazer bom uso desse livre-arbítrio. Naturalmente, não era obrigatório refazer o curso da Grace, e não estávamos tão animados para o acampamento. Mas a verdade é que talvez aquele final de semana fosse menos complicado se tivéssemos nos ocupado com um dos dois eventos.

Mas nós estávamos constantemente buscando a Deus, constantemente em oração com Dona Clara. Estávamos também cansados de uma semana de trabalho. Nada mais justo: optamos por ficar em casa.

No sábado, saímos para passear um pouco e acabamos indo ao Shopping Iguatemi. Era mais raro que a gente fosse lá. Mas resolvemos fazer um programa

diferente dessa vez, e, depois de rodar para cima e para baixo pelas lojas, olhar de tudo um pouco, comprar balas da Sweet Sweet Way (que Isabela adorava), fomos comer no Galleto's.

– Eu vinha muito aqui na época da *Stylel* – olhei para o cardápio.

– É, né, Nenê...? Nem sei bem o que escolher neste restaurante! Acho tudo tão caro...

Eu tinha um fraco por restaurantes legais. E não era sempre que dava para ir ao Galleto's. Isso era coisa dos idos de antigamente.

– O galeto daqui é bom – sugeri. – E não é só coisa do nome, é bom mesmo... você pode experimentar! – olhei um pouco mais o cardápio e decidi logo. – Eu vou querer o espeto misto.

Isabela continuou olhando o cardápio, indecisa.

– A Gatinha ainda vai demorar a escolher, né? – brinquei, puxando um dos pãezinhos do *couvert* para o meu prato.

– Pois é, tenha paciência. Pra que a pressa? Vamos aproveitar, né? Hoje ninguém tem horário.

O garçom veio solícito até nossa mesa e foi dispensado. Fomos comendo o *couvert*, enquanto Isabela continuava dando umas analisadas no cardápio.

– Escolheu, menina? – perguntei, carinhoso.

– Acho que sim. Acho que vou comer o tal frango que você falou. Pedimos os pratos quando a costumeira Coca-Cola com gelo e limão chegou, acompanhada da tônica Schweppes também com gelo e limão de Isabela.

– Esse pãozinho italiano do *couvert* é uma delícia, hein? – exclamou Isabela passando patê no seu pãozinho. – Acho que eles não esqueceram do pão de queijo, não?

– Não, não... já vem, vem quentinho!

O almoço foi ameno e agradável, apesar do restaurante estar um pouco cheio. Conversamos, contamos coisas da semana um ao outro, rimos das partes engraçadas. Depois, pegamos o gravadorzinho e tratamos de dar sequência no trabalho.

Tínhamos adquirido um pequeno gravador de bolso para Isabela. Antes, ela costumava fazer anotações numa folha de papel enquanto conversava comigo. Depois, seguia suas anotações e contava com sua memória para me ajudar a escrever o texto completo. Mas agora nós iríamos de fato entrar em doutrinas da Irmandade, em coisas mais relacionadas ao Satanismo. Por isso, era muito importante que as informações não se perdessem.

Eu liguei o discreto aparelho e tratei de falar com a boca bem perto dele para encobrir o burburinho à nossa volta. Conversamos bastante, e foi proveitoso.

Dependendo daquilo que estivéssemos tratando, Isabela costumava fazer muitas perguntas. Ela somente se dava por satisfeita depois de ter compreendido muito bem cada ponto da doutrina.

Depois, oramos um pouco, pedindo proteção, selando nossa conversa no mundo espiritual, pedindo o cerco das muralhas de fogo do Senhor, como tínhamos aprendido a fazer com a Grace.

Encerramos nosso gostoso almoço com o infalível cafezinho expresso.

– Vamos caminhar um pouco? Estou cansado de ficar sentado.

– Tá.

Sáímos de mãos dadas, satisfeitos, ainda olhando um pouco para as vitrines.

– Você quer alguma sobremesa? – Indaguei. Eu sabia o quanto Isabela era louca por um docinho.

– Daqui a pouco eu quero mesmo, Nenê! Deixa assentar o almoço, depois a gente escolhe alguma coisa pra dividir.

Isabela me puxava pela mão para ver isso, ou aquilo. Achando isso ou aquilo bonito, xeretando em tudo. Ela era compulsiva por roupas, sempre precisava de alguma coisa. Como aquele vestido, que um dia ela precisaria... mas depois fica guardado... é uma saga... desmonta a loja, não tem preguiça de experimentar todas as peças. Mal de família! Dona Márcia também é assim, compulsiva por sapatos... um dia experimentou a loja toda, a vendedora fez uma verdadeira maratona. Conclusão da cliente: “Muito obrigada, mas não gostei de nada”.

Para Isabela, comprar quinquilharias era outro ponto alto de qualquer passeio. Brinco de maritaca... colarzinho... bijuterias... bugigangas... esporte predileto! Mas tudo que ela compra, depois troca. Mesmo passando horas escolhendo... depois... “não é bem aquilo”.

Puxa, ela mostrava suas manias. Essa era uma. Mas tinha outras. Por exemplo: mudanças radicais! Mudar a decoração do quarto, mudar tudo de lugar, pôr tudo de pernas para o ar, fazer algum desenho na parede ou, melhor ainda, mudar a *cor* da parede.

As mudanças também poderiam ser nela mesma! Como perfurar a orelha, fazer da orelha um colar de brincos! Que coisa horrível, eu ficava apavorado só de ver, mas ela achava que grampear a orelha era muito legal. Também tinha as modas com o cabelo: cortes curtos, repicados, longos, retos, tingir o cabelo de vermelho... como um pica-pau... de loiro...

Até essa mania me foi imposta, ela me convenceu a tingir o cabelo de caju. Diante de toda a família dela, apareci assim. “Quem é o namorado da Isabela?”. Uma gazela que tinge o cabelo de caju. Até touca térmica usei... imagine o terrível Catatau... usando touca!

Então, no meio daquela placidez, no meio daquela tarde supergostosa, no clima de intimidade e companheirismo que sempre existia entre a gente, aconteceu de novo. Como um manto denso, invisível, uma discussão teve lugar. Do nada. Por causa de uma faísca tola.

A faísca era pequena, sempre: uma frase mal colocada, um pequeno mal-entendido. Mas as chammas oriundas da faísca tornavam-se gigantescas. Violentas. Inexplicavelmente. Não tinha lógica.

Ela se afastou de mim, sem querer conversar. Eu me indignava porque Isabela não queria conversar, e acabava por desacatá-la verbalmente. Quase sempre ela acabava revidando.

O passeio acabou.

Naquela época, nós não conseguíamos ainda ver uma sequência lógica em eventos que aparentemente eram desconexos, sem nenhuma relação entre si.

Ainda tentamos salvar o dia indo até o “*Shopping* do livro”, como a gente chamava, e que ficava pertinho da avenida Pedroso de Moraes. Mas não conseguimos nos reatar. O sábado foi totalmente estragado.

No domingo, fui até a casa dela, como sempre, na hora do almoço. Só que eu continuava meio emburrado, e ela mais ainda. Dona Márcia percebeu algo no ar e fez um comentário sobre se “estava tudo bem”. Típica pergunta que não ajudou em nada, uma vez que tudo estava ruim. Explicamos em palavras herméticas, aproveitando para lançar farpas um no outro.

A verdade é que logo acabei me abespinhando, eu detestava aquele tipo de intromissão. Fui embora logo após o almoço, furioso.

Só conseguimos resolver o impasse na segunda-feira. Isabela passou uma noite agitada, nervosa se levantou muito cansada. Mas ela ainda não sabia sobre o que se passara na véspera, no final do domingo.

Claro que ninguém tinha ido ao Culto, antes tivéssemos mesmo ido ao curso da Grace ou ao acampamento!

Na segunda-feira, à noite, quando finalmente pudemos voltar a conversar como duas pessoas normais, comentei com ela depois de abraçá-la e beijá-la. Procurei não mudar o tom de voz nem apagar o sorriso.

– Ele ligou em casa ontem – comecei. Isabela deu uma leve estremecida. Leve.

– De novo? Ele quem, Nenê, quer dizer... *ele* mesmo? – ela sabia muito bem a resposta.

Eu ainda sorria um sorriso que, ela sabia, era um sorriso um pouco *nervoso*.

– É... ele mesmo, o Marlon.

Isabela franziu a testa ainda sem dizer nada, ficou quieta alguns segundos processando a ideia. Então sua voz soou séria e apreensiva; naturalmente, não era uma boa notícia. Exatamente como das outras vezes.

Para sermos francos, aquilo estava realmente incomodando, aquele assédio. Aquele fato desagradável, pelo visto, ameaçava tornar-se mais frequente.

Não havia outro jeito a não ser aprender a lidar com a tensão que tudo aquilo causava!!

Àquela altura, nem eu nem ela poderíamos fazer qualquer associação na certeza!

Volto a dizer: Os eventos pareciam não ter qualquer relação entre si. Quer dizer, nossa briga no sábado poderia não ser nada demais à primeira vista. Mas era o preparo para o telefonema do domingo: era preciso que eu não estivesse bem emocionalmente. O terreno tinha de estar preparado, meu coração tinha de estar envenenado. A nossa briga preparara tudo...

A Irmandade sempre age dentro de uma determinada lógica. É preciso aprender a reconhecer o padrão. Mas eu não tinha cabeça para raciocinar, não conseguia conectar as coisas. Estava perdido, não parava para lembrar e esmiuçar informações que havia me esforçado tanto para esquecer, que tinha lutado tanto para soterrar no esquecimento. Já bastava o que tinha de fazer durante as Ministrações!

Foi mesmo Isabela quem começou a perceber a lógica após darmos muitas cabeçadas.

Marlon ligou, de fato, na véspera. No dia 9 de novembro, nove dias depois do-Sabbath. Nove dias depois de Zórdico.

– Mas o que foi que ele disse? Foi você quem atendeu ao telefone?! – continuou Isabela, querendo que eu dissesse logo tudo. – Conta logo... não me deixa na expectativa!

Ergui as sobrancelhas, demorei um pouquinho a responder.

– Antes tivesse sido eu mesmo... mas, dessa vez, ele mudou o padrão, você acredita que ele falou com a *minha mãe*?!

– Sua mãe?! Mas a troco de quê?

– Pois é, Gatinha, não sei. Ele só queria dar o recado – afirmei, sem ênfase, certo do que falava.

– Bom, e qual foi o recado?

Tanto eu quanto ela tínhamos o estômago meio agitado, com aquela sensação ligeiramente enjoada que sempre antecedia o desconforto de ter de lidar com aquela situação.

– Foi rápido. Ele se apresentou como sendo um amigo meu, disse que sabia que eu não estava em casa, mas queria só que eu recebesse o seu recado.

– E...?

– Então ele disse que sabia que eu estava chateado... mas ninguém à minha volta ligava pra isso... e que eu sabia onde encontrar meus verdadeiros irmãos, caso precisasse de alguma coisa...

Ficamos calados por alguns segundos.

– E que eu ligasse para ele! Deixou o número – novamente ficamos calados, processando as ideias.

– Como se ele precisasse deixar o número! – acrescentei por fim.

Isabela me olhou:

– Você se lembra?

– Sim. Não mudou. Continua o mesmo.

Ela inspirou fundo, pronta para ajudar-me a rebater todas aquelas ideias, eu sabia. Seu semblante era de preocupação. Eu sabia que eles não tinham a menor pressa de agir. Estavam só cutucando, espetando. Pondo a água para ferver! Plantando ideias. Como que dizendo: “Não está sentindo esquentar? É só uma farpinha... vai querer levar uma facada de verdade, ou já está bom? Vai escutar... ou temos de continuar esquentando?”.

– Bem, Nenê... e você? O que você achou disso?

Eu me sentia melancólico.

– Ah! O que eu poderia achar?

– Puxa... pensa bem. – Isabela falava com cuidado, com carinho. Mas também com firmeza. – Você sabe que eles *não* são seus irmãos, *não* são sua família, *não* querem o seu bem. Isso tudo é um jogo da parte deles. Você sabe disso, não é?

Assenti:

– Sei, claro que sei.

Ela continuava olhando para mim, perscrutando meu rosto, lendo nas entrelinhas. Isabela sabia que havia um vínculo emocional entre Marlon e eu. Talvez, naqueles momentos, ela se desse conta disso até com mais facilidade do que eu. Eu sabia que hoje era um vínculo virtual. Mesmo assim... de certa forma,

poderoso. Ele tinha sido meu amigo. No entanto, eu não iria ceder, apesar de que me mexia com a alma.

– Você não vai ligar pra ele, né? – indagou Isabela.

Fiz que não com a cabeça. Ela ainda insistiu, preocupada.

– Mas não vai *mesmo*, né, Eduardo? O diabo sabe escolher as palavras, puxa vida... ele vai falar aquilo que mexe com você. Olha... promete que você não vai ligar.

Respondi convictamente:

– Não, não vou ligar. Eu sei que ele só está articulando bem as palavras... – fiz uma pequena pausa, mudei o tom de voz, olhei para ela como um menino privado do melhor amigo. – Ele sabia que eu estava chateado...

Ela segurou em minha mão, procurando consolar-me.

– É... ele sabia – procurou as melhores palavras. – Ele sabia que você estava fragilizado por causa da nossa briga. E sabe também que nós não temos muito com quem contar. Excetuando Dona Clara, quem está conosco mais frequentemente? Mesmo Grace... ela faz o que pode, mas a gente só fala com ela de vez em quando. Só a vê de vez em quando. Ele sabe que você não tem nenhum amigo... pelo menos nenhum como ele, como ele mesmo foi.

Tive de dar um longo suspiro.

– É uma triste realidade. A Igreja é muito dividida. Ninguém quer saber de ninguém, com honrosas exceções...! Depois, ele já tinha dito que ninguém ficaria ao meu lado.

– Mas, de qualquer forma, não importa! Ele não é mais seu amigo, é seu inimigo! *Só quer o seu mal!!*

– É tão fácil saber onde bater... saber onde dói.

– Vamos e venhamos, é incrível como eles conseguem ligar na hora H, né? Impressionante!

– Bom, os demônios estão aí, à nossa volta. Eles viram a briga, sabem como me senti. Sabem que fui à sua casa e voltei sem a gente ter se acertado. Eles veem as coisas!

Isabela ficou um pouco calada, pensando naquela realidade: nuvens de demônios ao redor; observando, levando informações.

– Puxa, a culpa não é minha – falou de forma sentida.

– Não estou dizendo que a culpa sua, só que eles veem, eles sabem. E levam o recado rapidamente.

Nós não tínhamos a menor ideia do que fazer – ou, até mesmo, se havia *algo* a fazer – para evitar que os demônios levassem toda e qualquer informação da nossa vida até nossos inimigos.

– Bom... não vamos mais pensar nisso. Ele não quer o seu bem, mas não vai dizer isso, claro!

– Talvez ele até queira o meu bem, não duvido disso... mas o que ele entende como sendo o “bem” pra mim, não é o mesmo que eu vejo hoje.

– Vamos orar, então? – pediu-me ela. – Vamos pedir a Deus pra nos proteger.

Oramos um pouco, cada um por sua vez. Pedimos a proteção do sangue do Cordeiro, o revestimento com a armadura de Deus, a presença dos anjos; tudo que poderia ser pedido em termos de proteção, nós pedimos. E que o Senhor nos ajudasse a continuar caminhando, frustrasse os intentos do maligno contra as nossas vidas.

Terminamos e ainda ficamos calados um pouco, nos entreolhamos. Ninguém sabia bem o que dizer.

– Mas o que será que eles tanto insistem com você? – a voz de Isabela veio num tom ainda preocupado.

– Querem que eu volte.

– Puxa, *eu sei*, mas que coisa. Você não vai voltar. Será que eles não vão desistir? Que fixação com você!

Ela não poderia mesmo compreender exatamente por que o diabo insistia tanto. Não tinha dados suficientes naquele tempo, o meu destino espiritual não tinha sido descortinado, as Ministrações ainda eram, de certa forma, “superficiais”. Isto é, estavam tirando “o grosso”, “o externo”. E no que dependesse de mim, iria ficar só nisso. Eu não tinha falado nada de importante, e eles sempre sabiam de tudo. Imagine só se eu falasse!

O livro *Filho do Fogo* era pouco mais do que páginas de papel sulfite rascunhadas, ainda bem no início da história.

E eu...! Não sabia o que fazer para me defender. Eu sempre tinha estado “do outro lado”. As Ministrações me faziam sentir bem, eu estava vendo um outro ângulo da Guerra. Mas ainda era pouco. E isso não quer dizer que eu fosse ficar *invisível*. Não sabia guerrear! E Isabela... também não sabia, seu conhecimento era quase todo teórico, mas ela estava certa que era preciso guerrear, fosse lá o que fosse isso!

O máximo que ela poderia fazer era insistir para que orássemos juntos e nos comunicássemos com Grace, com Dona Clara, para orar mais. Fomos nos

acostumando a contar com elas, as únicas pessoas compromissadas conosco.

No restante daquela noite, procuramos fazer isso mesmo: desabafar com as duas, orar por telefone. Grace só atendia ao telefone lá pela meia-noite. Dona Clara tinha um horário mais normal.

Uma vez terminada a conversa e as orações, nós conseguiríamos dormir mais tranquilamente. Deus tomaria conta de nós.

* * *

Dois dias depois, estávamos voltando da Igreja, após uma longa e proveitosa conversa com Dona Clara, seguida de oração. Era excepcionalmente horário de almoço; normalmente, nós nos encontrávamos no começo da noite.

Eu tinha saído do meu emprego, após um ano naquele lugar, por isso agora tinha mais tempo livre. Isabela trabalhou de manhã, e depois nós fomos direto para a Igreja. Era já horário de verão e fazia bastante calor.

Sáímos de lá aliviados. Não havia nada que não pudéssemos conversar com Dona Clara, nenhum assunto era delicado demais, ou sério demais... ou perigoso demais. Ela nos fazia sentir sempre um acolhimento diferente. No fim, sempre vinha aquele alívio, depois de compartilharmos, abrindo nossas almas.

Eu tinha mais dificuldade em falar de mim mesmo, de abordar sentimentos. Mas, como Isabela me conhecia bem, procurava sempre me incentivar a não esconder nada, nem mesmo as menores coisas. Ela não deixava nada passar batido!

No momento, tínhamos de orar por um novo trabalho para mim, porque tinha feito um acordo na Empresa onde trabalhava. Precisava de um emprego melhor. A história do meu emprego tinha sido assim:

Depois daquele processo de seleção bastante árido, tive uma semana de treinamento antes de assumir o posto propriamente dito. Fui apresentado ao meu gerente, o Wagner. O mesmo com quem fizera uma das entrevistas no processo de seleção e que tinha sido transferido do Rio de Janeiro para São Paulo especialmente para assumir o Departamento Financeiro. Ele já tinha 17 anos de casa! Naturalmente, esperavam muito dele.

Comecei o serviço bastante animado, era uma Empresa conceituada, multinacional, líder no mercado dentro do seu ramo de atividade. Eu cheguei mais ou menos no mesmo período em que o meu gerente estava também assumindo seu posto.

Logo de cara, entrei em contato com o plano de metas que deveriam ser cumpridas. Essas metas eram chamadas de RDF, a resultante de vários cálculos de medição de resultados; na verdade, aquela numeração espelhava o percentual de aproveitamento e desempenho do setor.

O mais legal naquela Empresa era nosso ambiente de trabalho. Tinha outros analistas com quem eu me dava bem e também um estagiário que fazia parte do nosso grupo de amigos. Além de trabalhar, a gente vivia brincando e dando risada o dia todo, por tudo e por nada. Era muito engraçado quando alguém ia ao banheiro “tingir a porcelana”! Porque se avisasse onde ia – o que era de muito bom-tom, dentro do horário de expediente – logo alguém escapulia atrás para jogar papel higiênico molhado na cabeça do infeliz.

A gente também vivia tirando barato das roupas um do outro. O Mauro só tinha um par de sapatos. O Rodrigo fazia o nó da gravata grosso como um melão. Isso era motivo de chacota! Quanto a mim, não largavam do meu pé por causa das minhas gravatas, as gravatas que Isabela comprava. Naquela época, era moda usar gravatas de bichinho. Eram muito bonitas as minhas gravatas, mas o pessoal não perdoava.

– Qual vai ser a gravata do mestre de *Kung Fu* amanhã? Será que ele vem com a gravata de patinho?!

Era *linda* minha gravata de patinho, não sei por que tanto implicavam com ela!

O estagiário era o mais irreverente de todos. Trabalhava com a gente, mas tinha vindo de outro setor justamente por indisciplina. Ele realmente não estava a fim de nada! No entanto, como fosse engraçado e vivesse fazendo pequenas sabotagens no departamento, a gente deixava passar e não dedurava para o Wagner. Isso porque era a sua última chance na Empresa!

Mas o mais engraçado de tudo era mesmo tirar sarro por causa do RDF! Durante um ano, nós só atingimos a meta *uma vez*! A culpa não era nossa, todo mundo fazia sua parte, e fazia bem. A realidade é que o departamento estava funcionando muito mal por outros motivos, por motivos administrativos.

De quebra, o Wagner não sabia lidar bem com o pessoal: quase que só nos dirigia a palavra para dar ordens, ou broncas. Logo no primeiro mês, no dia em que saía o resultado do RDF, quando vimos que não tinha sido satisfatório, Wagner reuniu todo mundo e lascou o sabão!

Nosso estagiário recém-adquirido, em vez de se animar, ficou mais desanimado ainda. Depois disso, ele chegava tarde quase todos os dias e lia o jornal inteiro antes de se pôr em campo para trabalhar. Sempre em ritmo de cruzeiro. A gente

até achava graça, ele ainda estava fazendo Faculdade e ganhava uma mixaria. Deixamos que ele fosse levando na maciota... por pura pena!

Em outro mês: pressão, pressão, pressão em cima de todos nós. Reunião atrás de reunião. Metas, metas e mais metas. Resultado: RDF abaixo do esperado novamente.

Essa história do RDF era a piada do ano! No dia em que iria sair o resultado, eu costumava até chegar mais cedo. Aí encontrava outro colega que, ansioso como eu, tinha chegado ainda mais cedo. E punha um cartaz colado bem à vista de todos que entrassem: *não atingimos a meta!*

Quando Wagner chegava, meio quieto, logo ficava sabendo. E marcava reunião. Sempre que ficava roxo de raiva, todo mundo tinha a impressão de que sua cabeça parecia inchar. Com isso ganhou o carinhoso apelido de “Caixa d’ água”. A cada mês, ele ficava mais desesperado, tinha vindo justamente para conseguir pôr o Departamento Financeiro em ordem.

Até mesmo Isabela costumava me ligar nesse dia para saber do resultado.

Talvez tenha sido por isso que convocaram uma auditoria. Nosso chefe, preocupado, fez uma reunião e disse com todas as letras:

– Nós vamos ser auditados, e eu quero que todos vocês digam que os processos estão em ordem! Que estão *todos funcionando perfeitamente!* E que nós estamos seguindo todos os manuais da Empresa!

Detalhe: esses manuais, “Padrão de Qualidade Total”, estavam desaparecidos há um bom tempo. Ninguém nem sabia onde é que eles andavam; para todos os efeitos, cada departamento tinha o seu. O nosso, “misteriosamente”, não tinha. E o pobre do estagiário era o principal suspeito do sumiço do manual... a gente sabia que ele tinha arquivado o manual no *sexto* arquivo: no *cesto* de lixo!

Todo mundo ria pelas costas do Wagner, que a cada dia vinha com a cara mais vermelha para o serviço.

Fosse como fosse, a auditoria iria acontecer. E nosso chefe esperava que todos mentissem a respeito dos processos. Não falei nada para ninguém, mas para mim mesmo decidi que não iria mentir coisa nenhuma!

Meus colegas de serviço sabiam que eu era evangélico. Não sei que conversa estávamos tendo um dia, e cada um acabou falando se era católico, ou espírita, ou outra coisa qualquer. Além de mim, só tinha mais uma moça evangélica ali, e nem era do meu setor, era de um setor coligado.

Volta e meia, na hora do almoço, eu contava alguma história Bíblica para os meus colegas. Contava, porque contava. E eles gostavam! Viam em mim uma

pessoa sincera, pelo menos, eu não precisava ficar me esforçando muito, aquilo já estava fazendo parte de mim. Não era difícil falar sobre a Bíblia, sobre aquilo em que eu acreditava. Esse foi um ponto positivo, porque depois, eles mesmos me pediam que contasse histórias na hora do almoço.

– Mastral, conta uma história!

Eu contava as que sabia. Eles ouviam. Gostavam.

Por esse motivo, eu não estava a fim de dar um péssimo testemunho mentindo descaradamente, como queria o Wagner! Optei por arcar com as consequências de falar a verdade. Quando a auditoria veio, e eu fui entrevistado, falei mesmo a verdade.

– Os processos estão todos irregulares... nós tentamos ajustar, mas ninguém está conseguindo seguir as normas.

O auditor ficou até meio sem jeito.

– Puxa... mas é assim mesmo?

– É, sim. Quer ver uma coisa? Vou te mostrar alguns exemplos... – e trouxe para eles algumas pastas de processos que estavam cem por cento irregulares. Não fiz por mal, apenas fiz o que achei que era certo.

– Nós queremos acertar isso tudo, basta vocês passarem metas tangíveis pra nós, e teremos prazer em fazer!

Depois disso, os auditores saíram da minha sala e foram atrás do Wagner. Eu pude ver, através das divisórias de vidro, que a coloração do rosto do meu chefe mudou de vermelha para arroxeada, e ele me lançava olhares de ódio a distância, fulminantes. Ganhava forma de caixa d'água.

No final do dia, o Wagner fez uma reunião com todos nós, depois que os auditores tinham ido embora. E reclamou de mim. Senti que tinha feito a coisa certa, mas, mesmo assim, seria punido.

– O Mastral me deixou com a calça na mão! – e gesticulava impetuosamente. – Eu não tive o que falar, e agora certamente nós vamos receber uma pontuação negativa! O gerente geral está de olho em mim! Ele vai dizer que o meu setor está *naufragando*, e com toda razão!

Aliás, o gerente geral era um verdadeiro cavalo, todo mundo tinha medo dele. Eu conhecia a figura porque tinha feito a minha entrevista final com ele.

Os auditores deram três dias para nós colocarmos em ordem tudo o que estava errado.

No final daquela semana, havia um feriado prolongado, um feriado na quinta que a Empresa inteira iria emendar com a sexta. Mas por causa daquela situação

de termos de colocar o departamento em ordem, o Wagner nos convocou a todos na sexta e no sábado.

Eu inventei uma desculpa, e não fui. Dessa vez, optei por dar uma de crente carnal.

– E o Mastral, cadê o Mastral? – perguntou o Wagner na sexta-feira.

– Não sei, ele ligou aí, parece que pisou num prego...

– Hum... estranho isso... pisar num prego bem na sexta-feira?

No final, tudo deu certo, ele não me recriminou porque eu fazia um serviço muito bom. E, no final do período de auditoria, o resultado foi diferente do que todos nós imaginávamos. Eles acabaram me parabenizando pela minha atitude, me elogiaram:

– Ele foi o único funcionário correto, que admitiu o erro e pediu ajuda pra nós solucionarmos o problema. Porque o objetivo da auditoria não é acusar, é antes orientar. Enquanto todo mundo estava mentindo, não havia como ajustar nem homogeneizar os processos!

Isso foi parar no relatório da auditoria, que subiu para o gerente geral. Eu acabei me saindo bem por ter escolhido não mentir, meu salário aumentou, e o Wagner foi transferido de setor.

Veio então outro gerente para assumir a nossa área. Ele era bacana, mais comunicativo do que o Wagner. Mas a primeira coisa que fez foi demitir o meu xará, um outro Eduardo, que sempre fazia hora extra e trabalhava aos sábados. No mês anterior, ele tinha ganhado o prêmio de funcionário do mês, o prêmio “superação”, isto é, quando você consegue se superar.

O Eduardo ganhou um certificado “superação” e R\$ 100,00 em compras na... onde era mesmo aquele lugar? Sei lá, algum supermercado! A gente brincava com ele que era a “quitanda da vovó”!

Mas nem bem o gerente assumiu e mandou o coitado do “funcionário superação do mês” embora! E o estagiário continuava ali, ensebando...

Eu criei uma amizade com o novo gerente, tinha um bom relacionamento com ele. Tudo estava indo bem, eu estava cuidando muito bem de todos os meus territórios, estava tudo prosperando. Mas eu estava ganhando mal pela função que exercia. Mesmo tendo recebido aquele aumento de salário. Os outros analistas ganhavam menos ainda.

Várias vezes fui me queixar, numa boa, com meu gerente:

– Chefe, eu tô ganhando mal... puxa, veja só o resultado do meu trabalho. Todas as metas que vocês me colocaram, eu estou cumprindo.

Ele sabia que eu estava fazendo um bom trabalho. Então falou:

– Olha... vou ser sincero com você. Você sabe que é um funcionário terceirizado, não é? Você não é funcionário da Empresa efetivamente. Vou te falar uma coisa: eles não estão efetivando ninguém.

Isso era um problema. Até então, eu não participava dos benefícios da Empresa, mas esperava que em breve essa situação mudasse. Não recebia décimo quarto salário no final do ano; não tinha a mesma assistência médica que os funcionários efetivos tinham; alguns bônus, como aquele por atingir o RDF, eu também não teria direito. Nós é que não atingimos a meta, mas se tivéssemos atingido, eu não faria jus ao bônus. Dentre outras coisas mais. Havia uma série de benefícios e regalias aos quais eu nunca teria direito como funcionário terceirizado.

Então, embora o meu salário fosse maior do que o deles, eu perdia por outro lado. Estava esperando ser efetivado, mas depois do que meu gerente falou, fiquei um pouco reticente. E ele mesmo acrescentou:

– Você está perdendo com isso, faz um bom serviço, mas eu acho que ficar aqui nessa Empresa vai acabar te amarrando. Você tem muito potencial, é um ótimo funcionário, mas... eles não vão efetivá-lo, não estão efetivando ninguém! Vou te dar um conselho: acho melhor você procurar outro lugar. Você tem tudo pra crescer e ir adiante na vida.

Então eu e Isabela conversamos, achamos que talvez fosse melhor mesmo partir em busca de outro trabalho, em outra Empresa. Eu nunca tinha tido dificuldade para arrumar emprego, excetuando o período em que deixei a Irmandade.

Meu chefe programou muito bem a minha saída, combinamos com quase 40 dias de antecedência. Recebi toda a minha rescisão contratual e saí.

A primeira semana que eu tinha livre era aquela segunda semana de novembro. Como não tinha tirado férias em um ano, resolvi tirar alguns dias para descansar, e depois sairia em busca de outro emprego.

Além de orar com Dona Clara pelo emprego, havia outro motivo, mais sutil, mais obscuro... nós sentíamos muita falta de mais pessoas Cristãs ao nosso lado. Amigos de verdade... claro que Grace e Dona Clara eram amigas... mas a gente precisava de pessoas da nossa idade, de outros casais. Pessoas com quem a gente pudesse rir e brincar, e não apenas tratar de coisas sérias! Nós tínhamos tido nossos amigos na outra Igreja, mas agora parecia ser mais difícil de enturmar.

Eu também tinha tido meus amigos no serviço, Isabela continuava encontrando com Mayra, tinha também seus colegas de trabalho... mas a gente gostaria de se

entrosar melhor *dentro* da nova Igreja. Dona Clara entendia a nossa necessidade, tinha empatia pela gente.

Depois de conversarmos bastante e orarmos, já era hora de ir embora.

– Tchau, Dona Clara!

Fomos caminhando devagar até a porta da Igreja, ainda conversando. Despedimos dela com um beijo. Ela sorria a maior parte do tempo, não porque fizesse disso um “tipo espiritual”, mas porque ela era assim mesmo. Sempre risonha e de bom humor.

– Tchau, “Bem”! – respondeu ela, indo para o telefone da secretaria. – Vamos esperar pra ver o que o Senhor vai fazer.

Saímos lado a lado, abraçados e animados, com a alma mais leve. O Palio estava estacionado na viela lateral, vermelhinho, todo lindo, que delícia!

– Ai, como é bom depois que a gente ora com a Dona Clara, né? – comentou Isabela.

– É, sim – respondi, sentando no banco de passageiros. – Você dirige?

– Que milagre! Nenê *não* vai dirigir?

O comentário era meio por troça, porque normalmente ela dirigia mais do que eu.

– Tá bom, então! Nenê vai dirigir, porque a Gatinha já dirigiu muito. É isso aí, o *Speed* vai nessa, então!

Isabela deu um muxoxo só para provocar-me, de brincadeira.

– Tss, tss... *Speed*, né?! Hum... pois sim!

– Claro, “Mô”! Nenê é *Speed*! Eu nunca bati!

– Sorte, pura sorte! – provocou de novo. – Esse seu volante agressivo é realmente muito agressivo – e ela queria dizer justamente o contrário.

Eu ria e levava suas indiretas numa boa, aproveitando para revidar:

– Não sou eu que levo buzina toda hora. – Isabela indignou-se:

– *Buzinada*?! Quem leva buzina? Eu?! Até parece, coitado...

– Pois é, você passa no farol vermelho, sobe na calçada, vira na contramão!

– Isso prova como eu dirijo bem.

– Tá bom, tá bom! Você dirige bem.

Demos a volta no quarteirão e pegamos o rumo da casa de Isabela, para irmos almoçar.

– Será que minha mãe já almoçou? – indagou Isabela parada no farol.

– Vai ver ainda não, ela sempre come tarde.

– Eu nem avisei que a gente iria, não sabia se iria dar tempo.

Depois de mais uma meia dúzia de frases amenas, retomei o assunto mais importante, após divagar um pouco em pensamentos.

– Como seria diferente, não, Isabela...? Se houvesse mais pessoas na Igreja de Cristo como a Dona Clara... como a Grace?

Isabela deu um longo suspiro.

– É, Eduardo. Seria diferente. Mas a Igreja é tão dividida...

– O mais incrível é que aqueles que servem ao diabo são capazes de ser unidos, e nós não. A gente não pode esperar muito das pessoas.

– Eu sei, é difícil, mas temos de olhar pra Deus.

– É difícil olhar pra Deus, e ao mesmo tempo constatar tanta coisa fora do lugar dentro do Corpo. Triste isso.

Eu estava particularmente frustrado, porque até agora não tinha conseguido falar com o Pastor Lucas.

Chegamos em casa, e Dona Márcia tinha acabado de almoçar, havia poucos minutos. Estava de saída para ir até o supermercado.

– Tchau pra vocês, estou indo. Isabela, peça que Marina dê uma esquentada no almoço, eu nem sabia que vocês vinham!

– Tchau!

Isabela encomendou um almoço para nós dois com a Marina, e fez festa para o Wolfi, o Gorbie e a Bitinha, que pulavam na porta da cozinha.

– Oi, fofitos! Seus coisas lindas!

Eles ficavam sempre na mesma ordem: o Wolfi no meio, a Bitinha no canto esquerdo, o Gorbie no canto direito, os três se espremendo e pulando um pouquinho, com aqueles olhares tão meigos. Agitavam-se para ver quem ganhava mais agrado.

Fui ao banheiro, e Isabela ainda estava ali falando com os cachorros, quando o telefone tocou. Do banheiro mesmo ouvi-a atendendo.

– Alô?

– Alô?

Do outro lado havia alguém, mas o tal alguém não falava nada, pelo visto.

– Alô?

Diante da negativa em obter resposta, Isabela desligou. Algo até mesmo natural, quem nunca atendeu ao telefone e a pessoa do outro lado não respondeu? Pode ser tanta coisa.

Mas a verdade é que algo me incomodou. A gente já tinha visto aquele filme. Mas, será...?

Abri logo a porta do banheiro a fim de ir à cozinha novamente e dei de cara com Isabela.

– Quem era?

Nossos olhares se cruzaram e havia em nós dois uma impressão que preferimos não traduzir em palavras. Ela deu de ombros.

– Ninguém.

– Ninguém?

– É, falei “alô”, mas ninguém respondeu. Vai ver é engano!

– Vai ver.

Foi lavar as mãos de cachorro, e sentamo-nos para almoçar. Quando a gente se servia, o telefone tocou de novo. Sem olhar para mim, ela foi novamente até a sala.

– Alô?

Nada. O episódio se repetiu. E a pessoa não se manifestou. Isabela se sentou outra vez ao meu lado, e terminamos de nos servir.

Marina já não estava na cozinha, nós estávamos sozinhos. Engatamos outro assunto, comentando de coisas que deveríamos fazer no resto da semana.

Passou-se, talvez, um quarto de hora. E novamente o som do telefone nos perturbou. Dessa vez, foi minha vez.

– Deixa tocar, Nenê! – retrucou ela rapidamente. – A gente não precisa escutar o que eles têm a dizer!

– Acho melhor atender.

Fui até a sala enquanto Isabela ficou sentada, só ouvindo.

– Alô?

Nossas impressões tinham razão de ser. Logo a voz de Marlon veio pelo telefone.

– Filho... eu concordo com você, a Igreja é mesmo uma instituição medíocre. São divididos, são podres, e a sua decepção com eles está só começando. Você vai se decepcionar muito mais ainda. Você sabe o quanto estou ocupado, mas sempre tive tempo pra você. E eu ainda tenho tempo pra você! Você é especial, tem um enorme potencial que a Igreja nunca vai reconhecer. Eles nunca vão ajudá-lo. Eu gostaria de conversar pessoalmente... você ainda tem um tempo pra pensar, mas não muito. Volte até o seu aniversário! O tempo é curto. E lembre-se: preservar os segredos é preservar a vida... Ah! Por sinal... estão precisando de um Gerente de Marketing numa excelente multinacional! Esse cargo pode ser seu, não precisa ficar perdendo tempo de procurar emprego por aí. Não vou voltar a ligar, espero você ligar pra mim.

Desliguei o telefone devagar, sem responder palavra alguma. Parece até que Marlon tinha estado com a gente no carro. Voltei para a cozinha. Isabela terminava sua oração, baixinho... durante os minutos em que fiquei no telefone, ela havia ficado orando

– Ai, Senhor meu Deus... protege Teu filho de todo mal, de toda artimanha do Inferno, toda a mentira. Fecha o coração dele pra todo engano, Senhor... protege a gente, Pai – e por aí afora.

Sentei-me. Isabela me olhava ansiosamente tentando ler meus pensamentos e sondar minha reação antes que eu falasse.

– Era ele mesmo.

Ela ficou muda alguns instantes, observando o meu sorriso um tanto nervoso. Eu tentava amenizar o desconforto da situação. Por isso, sorria, embora nada houvesse de engraçado naquilo.

Isabela procurou manter-se calma. Aquilo já estava virando rotina.

– Bom... e o que foi *desta* vez?

Contei tudo. Ela se impressionava como as informações chegavam rápido à Irmandade... quanto tempo fazia aquilo??!

– E começou direto assim? Logo depois do “alô”?

– É. Nem se apresentou, nada.

– E era ele mesmo?

– Era. Chamou-me como antigamente, de *filho*.

– Ahh! Dando uma de bonzinho de novo!

– Pois é. Falou que eu sou especial, tenho um grande potencial... quer conversar pessoalmente comigo.

– Mas isso é um absurdo, e você não vai, né, Edu? Você *não vai* atrás desse cara! Sorri de novo.

– Claro que não, menina, fica tranquila! Mas não foi só isso.

– E o que mais?

– Eles querem que eu volte até o meu aniversário...

Isabela deu um leve muxoxo. Nenhum de nós tinha vontade de comer.

– Eles vão realmente procurar nos intimidar. Mas nós vamos continuar orando. Não podem simplesmente obrigá-lo a voltar pra lá – continuou Isabela.

– Ele também sabe que eu estou procurando emprego...

Suspirei. Quanta coisa dá para se dizer num minuto. Isabela estava um tanto indignada.

– Puxa, eles sabem tudo da nossa vida! – balancei a cabeça, assentindo.

– É... eu sei disso.

Difícil descrever a sensação que ficava depois. Uma sensação ímpar, como se nada daquilo fosse real. Como se nada daquilo estivesse realmente acontecendo. Eu até tinha o meu histórico, mas e Isabela!? Ela vivia situações com as quais nunca sonhou, e aquele era somente o começo, eu tinha certeza! Por enquanto... eram só os telefonemas... depois, eu sabia... viria todo o resto! Restava saber *o que* era esse resto.

A verdade é que o caminho seria muito longo.

Eu sabia do que eles eram capazes. A ideia de Isabela era bem mais turva. Pelo menos naquele momento.

– Vamos comer, vai! O que adianta a gente ficar pensando nisso? – tentei animar o clima.

Isabela concordou comigo, embora acrescentasse:

– Sim, mas depois temos de ligar para a Grace e a Dona Clara. Precisamos deixar as duas informadas do que está rolando.

Foi exatamente o que fizemos. Mas só conseguimos contatar a Grace tarde da noite. Para nós, era importante que elas estivessem a par de tudo, pois a nossa única esperança era que nossas orações pudessem fazer aquilo que nós não podíamos.

Depois, deixamos o assunto para lá. O que mais havia para ser feito?

CAPÍTULO 15

As repercussões do Sabbath daquele ano ainda estavam em andamento. Apesar de termos orado e procurado nos resguardar espiritualmente, eles continuavam fazendo contato e lançando sementes. Tanto verbalmente quanto pela manipulação de situações. O objetivo era me enfraquecer, enfraquecer o meu relacionamento com Isabela e trazer-me decepções com a Igreja. Para no fim, desistir de Cristo e retornar à Irmandade.

Isabela às vezes me questionava um pouco:

– Nenê, você acha *mesmo* que eles querem você de volta? Para pra pensar... você consegue imaginar o diabo perdoando alguém? O que você fez foi muito sério, abandonou tudo e todos, cuspiu na cara do diabo... e agora ele fala manso com você, te oferece emprego e toda a vida que você tinha, de volta, assim?... Sem mais essa nem aquela?! Por pura *bondade*?!

– É, eu sei. O Marlon falou brando, macio, paternal. Eu sei que Lucifer não perdoa mas, por outro lado... eles precisavam de mim.

Ela não entendia isso, nem tinha como:

– Puxa, mas ninguém é insubstituível.

– É verdade, mas o diabo não age assim. Quando ele escolhe alguém, há todo um conjunto de condições que precisam ser satisfeitas. Especialmente se ele escolheu alguém pra um ponto estratégico, pra uma função importante. Talvez por isso, realmente, ele até me queira de volta. Quer dizer, não haveria tempo pra preparar outra pessoa nas mesmas condições, entende?

– Hum. Por isso ele disse que o tempo é curto? Curto pra quê?

– Existe um calendário que precisa ser cumprido, um cronograma. O ano que vem é muito importante.

– Mas por quê? E por que você era tão importante?

Expliquei em poucas palavras, pela primeira vez, o destino que a Irmandade me tinha designado. Falei rapidamente dos Três Ciclos. Sei lá porque falei, não fazia parte dos meus planos. Agora... já tinha falado! Fosse o que Deus quisesse.

Isabela escutava num misto de espanto e agitação, fazendo perguntas vez por outra.

– Meu Deus, Eduardo, mas isso é muito, *muito* sério! Por que é que você não falou nada disso para a Grace? Que você iria atuar na política, que fazia parte de uma nata de poucos escolhidos?!

– Ah! Não sei. Nenê esqueceu! – Isabela sorriu.

– Mas que carinha de menininho.

– Nenê esqueceu...

– Mas, Nenê... claro que a gente tem que falar. Precisamos cancelar isso, né? A Minистраção é pra isso. Por isso eles não largam do seu pé.

– Ok! Mas vamos na ordem. Tem outras coisas pra falar antes.

– Eu sei, não deu tempo de ministrar tudo ainda. Mas você não pode esquecer, hein? Isso é muito importante.

A conversa encerrou por aí. De repente, tão estranho como sempre, começamos a nos desentender por nada. Qualquer casal de noivos passa por desentendimentos, por períodos de adaptação. Nada disso é o fim do mundo, nós éramos normais, não havia nada de diferente. A não ser aquele contexto espiritual todo particular! Não fosse por isso, tenho certeza que nós dois não teríamos passado por aquele calvário todo de discussões.

Quem tinha culpa? Difícil dizer... afinal, *os dois* tinham culpa: o maior problema de Isabela era a dificuldade de conversar, a dificuldade de dar o braço a torcer, de abaixar a cabeça. E eu não tinha um pinga de controle sobre a minha língua, no auge da irritação ia falando bobagem sobre bobagem, o que tornava o diálogo cada vez mais impossível. Ela ia ficando mais e mais calada, e eu mais e mais sem controle da boca.

Mas eu não via dessa maneira naquela época.

Eu costumava culpá-la por nossas brigas, especialmente porque também me influenciava por todas as vezes em que vi Isabela ser tida por culpada dentro da sua própria casa. Tudo o que eu podia perceber é que ela estava se comportando comigo da mesma maneira que se comportou em casa; sendo tão ruim quanto tinha sido ali. Portanto, a culpa era *dela*, não minha. Então eu falava sem sabedoria, sem ser conciliatório. Quando tentava abraçá-la, ela me repelia. Estava já muito machucada, *mas eu não compreendia isso, não enxergava isso*. Sua reação me deixava mais furioso.

E, calada, Isabela sentia sua ira crescendo como vapor dentro de uma panela de pressão. Ira idêntica à minha. Ela não gostava de perder, nem eu. Ao vê-la tão muda, eu falava mais ainda, tocando – verbalmente – em pontos sensíveis da sua alma, pontos nevrálgicos. Eu não tinha ideia se isso doía, ou não... eu só queria

que ela percebesse o quanto estava errada! Eu me sentia agredido e revidava com mais agressão... muita agressão!

Finalmente, quando ela explodia, explodia para valer: gritava, chorava, dava o maior escândalo. Como eu odiava isso!

Aquele nosso descontrole emocional poderia durar horas. Era impressionante o desenrolar daquelas discussões.

Naquela noite, infelizmente, não foi diferente. Ah! Nós não sabíamos quanto ainda iríamos sofrer com aquele problema... e que preço tão alto seria pago para começar a solucioná-lo, simplesmente *começar*.

Então, se, por um lado, a nossa carnalidade, o nosso ego, as feridas da alma, as inclinações da personalidade etc., etc., eram as “culpadas” por esses episódios, por um outro lado, havia outro inimigo. Um inimigo que sabia potencializar tudo aquilo.

Tão inclementes quanto a nossa própria alma, mas certamente muito mais vorazes do que ela, os demônios à nossa volta sabiam usar bem das podridões humanas. Oh! Sim, como sabiam! E divertiam-se às nossas custas.

A culpa não era somente deles, nem somente nossa. Mas aí estava uma deliciosa associação para agradar o Inferno: carnalidade associada à ação de espíritos imundos.

A briga começou em casa de Dona Márcia, lá pelas sete e meia da noite, três dias depois do telefonema de Marlon. Tudo aconteceu como os demônios esperavam, porque depois de apimentarmos mutuamente as nossas mentes a ponto de nos descontrolarmos por completo, não havíamos ainda chegado a nenhuma conclusão.

– Bom, pelo visto você não quer conversar, né? Então chega... eu vou indo. Vê se discute com as paredes agora. Eu preciso de sossego, de paz – vociferei.

Fui até a porta. Ela não se mexia. Antes de sair, ainda me virei de novo para ela. Não dava para acreditar naquilo, que uma pessoa adulta não se dispusesse a conversar.

– Não vai falar, hein? – lancei novamente, em tom de voz agressivo.

Ela não me respondeu. Apenas lançou mais um olhar furioso na minha direção. Sabia que meu próximo passo era pegar o ônibus e ir para casa, mas ficou sentada na ponta do sofá. Harpa, a gata siamesa, olhava para nós como se nada acontecesse. Isabela chacoalhava a perna cruzada numa atitude hostil, irritadíssima. Virei as costas e saí.

Para entender melhor o desenrolar dessa situação, é preciso entender como Isabela estava pensando. Eu fui embora, me sentindo coberto de razão e sem peso na consciência. E ela ficou em casa, pensando o que eu nem suspeitava:

“Como é que ele tem a capacidade de se comportar assim? Como tem coragem de me falar esse monte de barbaridades?!?”

Quanto mais ela pensava, mais nervosa ficava. A mente já estava enevoada pela raiva.

“Como ele pode me tratar tão mal, justo eu, que estou sempre do lado dele! Como pode me apunhalar tanto?? Eu tenho a minha parcela de culpa, mas não é *toda* minha... o Eduardo também tem a sua culpa em cada uma dessas discussões! *Nada justifica tudo isso*. Sim, certamente ele acha que pode me virar as costas e ir embora como se nada fosse! Agora ele chega em casa, toma banho e vai dormir, e eu fico aqui, me atormentando até sei lá que horas. Já disse mil vezes que deixar essas coisas pendentes para o dia seguinte é a pior coisa. Amanhã eu vou estar pior ainda, com mais raiva, sem ter dormido direito! É muito fácil virar as costas”.

Eu teria dito: “Você é que não quis conversar”; e Isabela responderia que:

“Não conversei porque você foi agressivo, grosso, me tratou muito mal.”

Ah! Se nós dois tivéssemos tido mais sabedoria naqueles momentos! Do meu lado, bastaria abrandar a voz, mudar o discurso, tratar com *amor*, não me vingar, não acusar... e ela, se conseguisse simplesmente esquecer as minhas palavras, deixar por menos aquilo que falei no momento da raiva, esfriar a cabeça, esperar pelo dia seguinte, não gritar...

Mas era impossível.

O fato de sentir-me extremamente magoado transformava-me quase em alguém irracional. Isabela também perdia o controle, chegava um certo ponto em que ela já não era mais capaz de medir consequências.

Lá na sala da sua casa, Isabela pensava:

“Eduardo acha que só ele pode revidar! Pois ele vai ver só...”

A essa altura, eu já estava dentro do ônibus, que tinha passado assim que coloquei os pés no ponto. Percebi que Isabela não tinha nem aparecido no jardim. Dali, esticando o pescoço, ela poderia enxergar ao longe, na avenida, o ponto de ônibus onde eu *deveria* estar parado. Ela não apareceu, e mesmo se aparecesse, agora já estava a caminho da *minha* casa! Ela realmente acabou levantando do sofá, abriu a porta da rua e desceu os degraus até o portãozinho do jardim.

Mas, nada de mim! Eu já estava longe! Isso irritou Isabela ainda mais.

“Que desfaçatez!!!”.

Quando cheguei em casa, Isabela já estava lá. Tinha estacionado o carro a alguns metros de distância do meu portão, para não ficar exatamente na frente da janela que dava para a rua. Ela estava parada, só esperando. Certamente, me viu pelo espelho retrovisor quando virei a esquina.

Eu tinha me acalmado um pouco durante a viagem de ônibus, mas novamente me irritei ao vê-la. Fui em direção ao carro, mas meu semblante continuava duro e minha voz áspera.

Claro que não iria dar para sair nenhuma conversa. Talvez Isabela quisesse se acertar, mas não conseguia agir diferente, eu também não colaborava. Já tinha ultrapassado minha capacidade de colaborar!

As minhas primeiras frases desagradáveis e agulhadas puseram Isabela louca de raiva novamente.

– Como é que você tem coragem, meu Deus? Você sabe o quanto tudo isso me machuca, mas não pensa em nada, só em você mesmo! Que te importa a minha tristeza? Que te importa se eu tivesse batido o carro, dirigindo de qualquer jeito até aqui? Não pensei duas vezes, entrei furiosa dentro de casa e peguei a chave do carro. Entrei no Palio e dei ré à toda, saí cantando o pneu. Você não está nem aí comigo!

– Se você quer se matar, eu que tenho culpa?!

Isabela falava cada vez mais alto, e eu não tinha mais cabeça. Continuei revidando com agressividade, à altura. Nem me recordo direito, mas acho que ela me deu uns tapas no braço e na perna, de puro desespero com a situação. Claro que não doeu, mas eu não podia ser tocado. Aquilo detonava dentro de mim um estopim indescritível de violência. Despertava os mesmos instintos da época da “29”.

Embora Deus já tivesse tratado muita coisa... *e estava tratando...* muita coisa ainda permanecia viva.

Dessa vez, Isabela iria ver com quem estava lidando. Acho que foi a primeira vez que realmente perdi o controle da situação e de mim mesmo, desde que estávamos namorando.

– Vai embora daqui antes que aconteça algo sério!!!

Bati a porta do carro, entrei em casa. Eu estava cego de raiva, já conhecia aquela sensação. Naquele estado, eu era capaz de fazer qualquer coisa!

Daí para frente, lembro-me de pouca coisa. A noite terminou nesse ponto para mim, a próxima lembrança que tenho é da manhã seguinte. Eu me lembrava da briga, de ter entrado em casa, e... mais nada!

Dormi e acordei com dor de cabeça. Acordei cedinho por causa da claridade que entrava pela janela da sala, aberta. Nem parei para pensar porque estava dormindo na sala. Só me dava conta da dor de cabeça. Não era nada de mais ter dormido na sala, antigamente isso acontecia às vezes.

Então fui para cima terminar de dormir na cama. Mais tarde, quando acordei, ainda na cama, não entendi porque estava dormindo de tênis...

Não pude conter um sorriso de desconsolo: “Nossa, será que eu estava tão cansado assim ontem?”

Foi aí que percebi que estava sem a minha aliança. Era meu hábito sempre dar uma rolada nela, costumava rolá-la no dedo; por isso, percebi logo que estava sem ela. A primeira coisa que fiz foi descer para procurar. Eu me lembrava de ter brigado com Isabela... mas até aí... o que isso tinha a ver com a minha aliança?

Foi então que me lembrei vagamente de ter tirado a aliança do dedo e jogado longe. Tinha escutado até o “plim”. Saí na rua, olhei na calçada... fui até lá embaixo olhando com todo cuidado. Fiquei morrendo de raiva, vai ver alguém já tinha achado. Achar uma aliança assim, de ouro, de brinde...

“Que droga!!”

Entrei irritado em casa, e minha mãe veio perguntar se estava tudo bem.

– Vocês brigaram ontem, né? – já foi ela dizendo. Eu nem falei nada, só comentei da aliança.

– Acho que perdi minha aliança. Você não a viu por aí?

– Não vi, não! – e ela, com seu típico “otimismo”, já veio completando: – A essa altura alguém já deve ter pegado. Vocês se acertaram?

– Como assim, “se acertaram”? Eu a mandei embora pra casa, acho que *você* se lembra, não?

– Mas imagina só! Ela entrou, ficou com você um tempão! – levei até um choque, eu não lembrava; então desconversei de novo com a história da aliança.

– Você não viu mesmo a minha aliança?

– Não vi. E se eu fosse você não iria mais gastar dinheiro com aliança, agora fica assim mesmo... ela com aliança e você sem.

Fui tomar banho, encafifado com tudo aquilo. Era sábado, e no final da manhã, Isabela me telefonou. Eu estava arredio e rebelde, bravo com ela. Por culpa dela, eu tinha perdido a aliança. Mas ela estava plácida.

– Você está melhor? – indagou Isabela.

– Estou.

– Passou aquela sensação ruim?

– Que sensação *ruim*?

– Aquilo que você estava sentindo ontem, depois que entramos na sala... – fiquei cabreiro de novo.

– Você entrou aqui ontem?

Foi a vez de Isabela se espantar:

– Entrei, entrei sim... fiquei com você um tempão, orei por você... – seu tom de voz foi de incredulidade. – Você não se lembra?

Eu não queria admitir que não me lembrava, então respondi com evasivas.

– Lembro mais ou menos.

Isabela deve ter ficado desconfiada, então perguntou de novo:

– Você não se lembra do que me disse?

– Claro que eu me lembro... disse pra você ir embora pra casa! – respondi com maus modos.

– Sei. Mas não é disso que estou falando. E depois? Você não se lembra do que falou depois?

– Não lembro. Pra mim você foi embora pra casa e eu fui dormir!

Naturalmente, Isabela deve ter percebido que havia uma lacuna em minha mente sobre o que havia ocorrido. Ela foi prudente em não me adiantar o assunto pelo telefone. Então, se despediu com cuidado:

– A gente conversa melhor pessoalmente... daqui a pouco eu estou aí, tá bom? A gente pode tomar um *cappuccino* no Fran's.

Apesar do meu mau humor, concordei.

Ela nem precisou buzinar, eu ouvi o motor do Palio e saí. Fomos para o Fran's, que era bem pertinho. Eu deixei que ela entrasse no assunto devagar, só esperei. Não falei muito, porque não sabia o que falar.

Na verdade, eu não estava muito disposto a conversar, acertar. Eu tinha a sensação de que Isabela estava me atrapalhando.

Mesmo assim, aos poucos, ela foi conversando comigo. Muito sutilmente, procurou perceber o que eu realmente recordava. Seu rosto parecia bastante preocupado ao perceber que eu não sabia do que ela estava falando.

– Então você se lembra de ter entrado em casa, e...

– Aí eu dormi... – declarei. – Dormi e acordei com dor de cabeça.

Ela falou brandamente:

– Não. Não foi só isso.

– O que aconteceu, então? – já estava amuado. Ela foi falando aos poucos.

Senti-me atordoado em ter-me olvidado de boa parte da noite anterior. Às vezes, de acordo com o que Isabela falava, alguma coisa parecia que me brotava na mente. Com olhar distante, eu fazia força para lembrar.

Ficamos os dois quietos um pouco. Meu *cappuccino* jazia esquecido à minha frente. Isabela bebeu mais um pouco do seu.

Fiquei bastante chateado com o que ela foi me contando. Tempos mais tarde, admitiria o meu próprio questionamento naquele instante: dúvidas sobre dúvidas! Claro que eu não era de *ferro*, toda a conjuntura desde que aquela carta da Irmandade tinha me chegado às mãos fazia pensar. Eu queria servir a Deus, sabia que *deveria* seguir a Cristo.

Por outro lado, sentia-me só e sem amigos. Isabela era especial, e minha melhor amiga... mas a briga da noite anterior me fez questionar se esse era *de fato* o caminho certo. Marlon falava que eu estava errado, Zórdico também... diziam que Isabela iria me destruir... que ninguém iria me dar atenção, inclusive meu pastor...

Naquele momento, me senti dividido, confuso. Praticamente tudo o que eles me diziam estava acontecendo. Será mesmo que a doutrina da Irmandade não tinha nenhuma razão de ser?

Ouvir a voz de Marlon mexia no meu íntimo. Chacoalhei a cabeça para não pensar, sentia-me massacrado na alma. Embora eu quisesse estar com Cristo, às vezes parecia que dar um passo ao Seu lado custava um preço enorme.

Por outro lado, embora eu amasse Isabela e nunca tivesse pensado em desistir do nosso relacionamento... que já durava quase três anos... brigas assim me desgastavam. Claro que, de forma diferente, *nós dois* nos sentíamos desgastados. Mas era mais fácil eu me preocupar apenas comigo mesmo. Não parava muito para pensar se ela estava sofrendo, ou não. Era mais fácil olhar para o meu próprio sofrimento, e apenas isso. Não entendia seu jeito de pensar, de agir e reagir. Era mais fácil simplesmente crer que *eu* estava com a razão.

Eu não sabia, mas a Irmandade tinha como me manipular a distância. Eles ainda podiam fazer isso, mesmo que eu não soubesse. Havia coisas não tratadas dentro de mim.

Mas, naquela hora, Isabela não estava preocupada em discutir quem tinha razão. Ela estava preocupada comigo.

– Depois que você me mandou embora a primeira vez, entrou de novo em casa, lembra? Eu fiquei sem saber o que fazer, fiquei meio paralisada e só perguntei: “Meu Deus, o que *eu* faço???” Bem baixinho, pra mim mesma. Assim que você

entrou, sua mãe saiu, nem sei por que, pois ela não é de muita conversa comigo. Ela havia percebido a briga e comentou que você só estava nervoso, mas que iria passar. Eu não sabia o que dizer, nem iria falar nada com ela. Mas não deu tempo. Você apareceu no portão outra *vez*, *furioso*, veio em direção ao carro e deu um murro no vidro, berrando: “Vai embora daqui! Eu não quero mais ver a sua cara!!”.

– Eu falei isso?

– Falou. – Isabela estava meio passada. – Até sua mãe estranhou o seu jeito, gritou também alguma coisa, algo do tipo: “Eduardo! Que que é *isso*?”. Mas você ignorou totalmente, e eu estava meio petrificada pra olhar pra ela ou dizer qualquer coisa. Olha... você estava esquisito, alucinado. Foi aí que tirou do dedo a aliança, e olhou pra mim com tanto ódio... “Tá vendo isso aqui? Eu não quero mais saber disso!!”. Eu só conseguia olhar para os seus olhos, nem deu pra falar nada... a essa altura estava mais preocupada com você do que comigo mesma. Aí você berrou de novo: “E vê se você vai embora daqui!”.

Eu me esforçava sobremaneira para recordar qualquer um daqueles detalhes.

– Eu me lembro vagamente de ter tirado a aliança e jogado longe... mas tudo isso aí que você está falando... realmente apagou da minha lembrança.

Isabela continuou a narrativa com semblante sério.

– Já nem me lembrava da briga, já nem tinha mais importância. Ver você naquele estado fez com que o sentimento de raiva do meu coração mudasse na mesma hora pra preocupação. Fiquei muito nervosa, e imaginava, atropelando os pensamentos, o que deveria fazer. Eu não vi se você tinha mesmo jogado a aliança, deu a impressão que sim, mas naquela hora não era bem o momento de pensar nisso.

A expressão do seu rosto me fez imaginar o quanto seu coração teria diminuído, de pura dor com aquele meu gesto de desprezo.

– Daí... foi mais terrível ainda: com muito ódio, Nenê... você estava com muito ódio. Chegou perto da janela do carro e falou alto uma frase de Encantamento. Não sei se dá pra você imaginar como eu fiquei. Fiquei enregelada, óbvio que aquilo era um *Encantamento*! Aquela frase não tinha sido dita em português. Como era possível estar acontecendo uma coisa daquelas?! Em seguida, você fez o gesto do Pentagrama no ar e empurrou na minha direção.

– Não acredito... não é possível que eu fiz isso!

– Eduardo, você estava completamente fora de si... o que mais eu iria pensar? Enquanto você voltava pra dentro de casa, por mais que estivesse assustada, é

lógico que eu não podia ir embora e deixar você daquele jeito! Fiquei mesmo muito preocupada com você. Tive medo de entrar, medo do que poderia acontecer... mas não podia deixá-lo sozinho. Saí do carro, fechei a porta... sua mãe ainda perguntou se eu iria mesmo entrar. Respondi que sim, respondi com calma, procurando não deixar transparecer o meu temor.

Eu estava completamente mudo diante daquilo.

– Entrei na sala meio assustada, não tinha mais ninguém na sua casa, além da sua mãe. Pelo que me pareceu, pelo menos. E você estava realmente enraivecido, sentado no sofá, quando olhei parecia que toda a sua musculatura estava tensa, retesada, e a sua cabeça estava meio abaixada, de forma que eu não conseguia ver seus olhos. Assim que me viu parada ali, você se levantou e bateu a porta da rua, superviolento, e falou um palavrão. Sua mãe, que tinha entrado atrás de mim, já gritou de novo perguntando se você estava ficando louco! Nessa hora, você deu um urro: “Vê se me deixa em paz! Que encheção de saco!!”.

– Puxa... eu não me lembro disso...

– Eu só fiquei observando um pouco, orando pra mim mesma, procurando compreender o que estava acontecendo. Realmente... você não estava normal. Então falei pra sua mãe que era melhor se a gente pudesse conversar um pouco. Acho que ela entendeu e nos deixou sozinhos na sala. Mas você estava de um jeito... estremecia um pouco, encolhia as mãos e os pés, se remexia todo. Assim que sua mãe saiu da sala, meio espavorida até, por causa de toda aquela ira, você continuou gritando, me mandando embora. E continuava falando aquelas coisas, aqueles Encantamentos. No meio disso tudo, você começou a invocar a presença de entidades... senti meu coração gelar de medo, fiquei quase em pânico. Não sabia o que fazer!

– Não é possível que fiz isso... – não me lembrava de ter falado nenhum Encantamento. – *Eu* falei Encantamentos?!!

– Falou, Nenê... você falou! A gente precisa quebrar isso agora. O que será que era aquilo que você falou? Meu Deus do céu! – Isabela punha a mão na cabeça. – Que coisa terrível! Era alguma coisa que termina em “...” – repetiu umas três sílabas que tinham ficado arquivadas em sua mente.

Mudei a expressão do rosto e soube imediatamente do que se tratava.

– Huuummm...

– Fez, sim... e eu só continuei orando, meu Deus do céu, nos ajuda, que Deus nos ajude! Falava pra Deus não deixar aquilo acontecer. Você mesmo estava dando abertura pros demônios! Fui orando e me aproximando, procurei sentar ao seu

lado no sofá. Acho que você nem via que eu estava ali, só ficava falando aquela coisa horrível: “Vem, que eu estou aqui!”. Por isso que eu digo que você estava completamente fora de si, obviamente só podia estar, pra chamar os demônios.

– E daí?

– Comecei a chorar e instintivamente fui orando em línguas, minha mente se recusava a raciocinar. Não que você estivesse endemoninhado, nem poderia estar, depois das Ministrações, das renúncias. Mas entendi que o seu descontrole emocional estava sendo potencializado por alguma entidade, certamente. Na verdade, acho que foi justamente essa ira, esse descontrole, que abriu a porta pra eles atuarem...

– Eu mudei a voz? Ou o rosto? – perguntei, estarrecido.

– Não... o tempo todo foi sua voz mesmo, mas você estava agitado, seu corpo parecia estar agitado. Eu não podia ver, nem sentir nada, mas certamente os demônios estavam ali, né? Eu só perguntava: “Meu Deus, o que eu devo fazer?!”.

– O que você fez?

– Bom, não parei muito pra pensar, numa situação como aquela, nova, estranha... eu sentia medo e preocupação por sua causa! Tudo que pude fazer foi ficar orando baixinho ao seu lado. Mas não passaram muitos minutos e você tornou a reclamar, dessa vez com a voz um pouco pastosa... como se tivesse bebido, sabe? E você insistia em dizer alguma coisa do tipo: “Você está me atrapalhando! Já disse pra ir embora daqui! *Vai embora daqui!*”. Você estava encurvado, encolhido... nem liguei pra aquilo que você estava dizendo, era bom se eu realmente pudesse atrapalhar aquela sua comunicação com as Trevas. Meu sangue gelava cada vez que escutava as palavras de Encantamento que saíam de sua boca, afinal, era isso que os demônios queriam: uma legalidade confessada, assumida. Pouco importava se o descontrole humano o tinha despejado bem no meio daquela crise. Os demônios queriam uma palavra proferida. Eu sabia que era isso que você estava fazendo! Mas, quem sabe, minha presença poderia “atrapalhar” alguma coisa, poderia mudar alguma coisa. Toda hora, tentava ver o seu rosto, mas você mantinha os olhos baixos. Sua respiração estava profunda e um pouco ruidosa. Optei por defendê-lo, custasse o que custasse. Nem pensei muito, estendi a mão nas suas costas, sem tocar, e mesmo sentada ali do seu lado no sofá, comecei a resistir àquele ataque. As palavras exatas é claro que não vou saber, nada que tenha pensado antes, nenhuma frase bonita... ensaiada! Simplesmente vomitei o meu mais ardente pedido, o que expressava a angústia da minha alma naquele momento superestranho. Inquietante. O mais incrível foi

que assim que eu disse aquela primeira frase de resistência, seu corpo caiu pra frente, a cabeça foi parar no meio dos joelhos, a respiração relaxou, os seus braços caíram ao longo do corpo, tudo mole! Não sei se dá pra você imaginar como eu me sentia... que situação mais desesperadora! É óbvio que os demônios deviam estar ali, você tinha chamado... mas Deus era o único que poderia impedir que aquilo fosse adiante. Assim que você despencou, continuei só impondo as mãos, orando conforme me vinha na cabeça: pra Deus cobrir você com o sangue do Cordeiro... todo o corpo, a alma e o espírito. Que Deus refreasse toda investida, que o revestisse com a armadura, com toda a armadura! Fui citando peça por peça à medida que, com as mãos, simbolicamente, eu ia ajustando no seu corpo. Pedia pro Senhor queimar todo o mal que foi feito, acabar com todo Feitiço e Encantamento, ah! Sei lá o que mais! Só sei que fui orando, orando... estava ainda assustada, acho que depois fiquei ainda orando em línguas, passando a mão pela sua cabeça, pelas costas... nem sei mais! Parece que essas coisas desaparecem da mente...

Eu continuei quieto, bebendo meu *cappuccino* devagar.

– Aí tentei então erguer sua cabeça. Mas ela rolava de um lado pro outro. Fui chamando: “Nenê? Nenê?!”. E você só resmungava. Eu continuei tentando: “Eduardo, levanta! Tá tudo bem?”. Empurrei seus ombros pra trás, a cabeça veio junto. Você parecia bêbado mesmo, aí reclamava da luz: “Está muito forte essa luz... apaga essa luz!”. Só que agora, apesar daquela moleza toda, era você mesmo! Não estava mais com toda aquela ira, só tentava encobrir o rosto. E enfiou a cabeça no meio das pernas de novo. Eu não sabia o que fazer, então falei, te explicando: “Só está acesa a luz da sala, olha bem”.

– Agora que você está falando... eu me lembro disso... me lembro dessa luz forte, que me ofuscava. Chegou a doer na vista! Bem forte... bem forte... parecia que queimava a minha vista.

– Vai ver era a luz de um anjo, né?

Isabela continuou contando. Eu não me lembrava das orações, nem de ter ficado bobo como alguém bêbado.

– Eu vi que você meio que se esforçava pra olhar, mas continuava reclamando da intensidade da luz. Dentro de mim, eu achava que você devia estar enxergando *outra* luz. Procurei manter a calma e fui conversando brandamente com você. Reparei que seus olhos estavam muito vermelhos, irritados, até meio inchados. Orei pouco mais em línguas, toda hora eu parava e o chamava de novo: “Nenê?! Tá tudo bem?”. Aí você começou a me responder, mas dizia que estava com dor de

cabeça. Com dor de estômago também. E se contorcia apertando a barriga! Era tão claro aquele ataque demoníaco! Mas parecia que o pior já tinha passado, porque você já estava mais calmo. Já era bem tarde, Eduardo, quase uma hora da manhã! Eu nem tinha visto o tempo passar, me sentia exausta, esgotada. Mas não tinha paz ainda com o estado das coisas. Não poderia *largá-lo* enquanto não tivesse certeza de que você estava bem. Como você estava completamente sem força, ficou largado no sofá, quieto. Achei melhor ligar pra Dona Clara. Toquei até que alguém atendesse.

– Você ligou pra *Dona Clara*?! Então ela está sabendo disso?

– Claro, né, Eduardo? Eu estava preocupada com você, não? Afinal, você estava jogado no chão da sala sem falar coisa com coisa. Eu não sabia o que fazer, as coisas pareciam estar mais calmas, mas achei melhor orar em concordância com alguém. Na verdade, foi o seu Benito quem atendeu. Pedi desculpas pelo horário, que mais poderia fazer? E pedi pra falar com Dona Clara! Sempre de olho em você... coitados! Eles já estavam dormindo!

Até fiz uma careta. Que situação desastrosa! Que constrangimento!

– E que foi que ela disse? Achou tudo isso um horror?!

– Não... fica tranquilo! Eu expliquei, me desculpei... está tudo bem. Comecei até pelas desculpas.

– Ela não ficou brava?

– Ela entendeu que era uma emergência. Disse que “Tudo bem”. Tentei explicar em poucas palavras o que estava acontecendo. E aí contei que você estava ali, meio esquisito, não sabia dizer se estava dormindo ou não. Mas que não tinha motivos pra você apagar assim. Que eu estava assustada... enfim... pedi que ela orasse comigo! Ela orou...

Eu continuava quieto, pensando a situação.

– E então?

– Ela só orou comigo, oramos por você, que Deus o protegesse, fortalecesse. Que as armadilhas do diabo fossem canceladas. Que você ficasse bem... essas coisas. Mas, olha... agora tá tudo bem. Já passou.

– Foi só isso? – quis novamente saber.

– Eu concordava com a oração dela, mas sempre prestando atenção em você. Daí, a coisa mais estranha: de repente, você se levanta do sofá, apaga ostensivamente a luz da sala e se encolhe no chão. Ai! Que coisa horrível!

Isabela até parou um pouco para tomar fôlego.

– Quando a escuridão tomou conta da sala, fiquei novamente assustada. Até segurava o telefone com mais força, tinha receio que você me fizesse alguma coisa, sei lá! Mas continuei orando. A luminosidade que vinha da rua fez com que a gente não ficasse totalmente no escuro, e logo minha vista se acostumou. Como você estava deitado, quieto, vi que não era assim tão terrível. Terminamos nossa oração e Dona Clara foi se despedindo. Afinal, o que havia pra ser feito já estava feito. Mesmo antes de telefonar, aquela fúria sua já estava abrandada. A oração em concordância serviu pra me tranquilizar um pouco mais. Parece que o ataque tinha passado, pelo menos o pior. Mas, emocionalmente, eu estava bastante abalada e continuava preocupada. Você não estava fingindo! Realmente tinha acontecido algo muito estranho!... fui acender a luz do *hall* de entrada pra que a sala ficasse um pouco mais clara, indiretamente. Então sentei no sofá e fiquei observando, era impensável ir embora, né? Você dava umas risadas de vez em quando, bobo de tudo, Eduardo...

– Caramba, não dá nem pra imaginar isso.

– No meio daquele torpor todo, você reclamou algumas vezes que seus olhos estavam doendo. Eu fiquei sentada no chão, do seu lado, e dizia que já iria passar... aquele tipo de coisa que se diz aos pacientes. Então resolvi buscar um pouco de água pra você, fui até a cozinha e trouxe. Agachei no chão e tratei de fazer com que você levantasse e bebesse, fui pegando as suas mãos, puxando-o pelos braços. “Levanta desse chão, vai, Nenê...”, tive de falar várias vezes! Eu estava muito chateada com aquela situação, não sabia o que mais poderia fazer pra que você melhorasse. Insisti que você tomasse um pouquinho de água, que iria fazer você se sentir melhor! Foi só aí que você sentou no chão, olhou pro copo... e não quis: “Não, eu não quero água”. E aí, de novo, ficou com bobeira, você colocava a mão estendida sobre a borda do copo, com aquele sorriso abobalhado no rosto. Vi que realmente seus olhos continuavam avermelhados, irritados, como quem tem alergia a cloro de piscina. Mais ou menos daquele jeito. E então você diz: “Bebe você a água!”. Dá pra acreditar, Eduardo?

– Se você está dizendo... eu realmente não me lembro. E eu bebi a água?

– Finalmente! Tomou um gole, mas daí fez uma careta e não quis mais beber. Disse que estava com gosto ruim. Deixei o copo de lado. Faltava fazer mais uma coisa, e fui mais incisiva: “Nenê, vamos orar um pouco?”. Nada de resposta. Você não parecia muito disposto, nem em condições. Mas insisti. Falei que iria orar e você repetia o que eu dissesse. Você fez que sim, então eu fiz uma oração rápida, com poucas frases. Aquilo talvez fosse o mais necessário. Pedimos perdão pelos

nossos erros e afirmamos aliança com Jesus novamente. Fui falando o que achei fundamental, depois do que tinha visto acontecer. Orei pra que você confessasse Jesus novamente. Você repetia com voz mole, entrecortada. Aquilo já deveria ser o suficiente. Então você se levantou do chão sozinho, deitou no sofá e dormiu imediatamente. Eu sentei na poltrona ao lado, de olho no relógio. Ainda orei por você um pouco, pedi a proteção dos anjos e das muralhas de fogo de Deus. Observei durante um tempo, mesmo na penumbra da sala. Quando você começou a roncar, achei que poderia ir embora. Peguei o carro e voltei pra casa, ainda apreensiva. Intercedi um pouco mais. Eram quase três horas da manhã quando cheguei em casa. Claro que dormi mal e muito pouco. Foi uma noite de cão!

Era difícil descrever as sensações que nos invadiam a alma. Não era pânico, nem desespero. Mas ficava uma desagradável mistura de desconforto, de temor, de incredulidade pelo que estava acontecendo. Para dizer a verdade, nós nem sabíamos direito *o que* tinha acontecido. Agora, era resolver as consequências.

– Acho que me lembro também dessa história de você me trazer um copo d'água...

– Tadinho!... Por que você não quis beber?

– Não sei... – sacudi a cabeça de leve. – Parece que tinha um vulto ali. Quando olhei, vi no *hall* esse vulto, atrás de você.

– Atrás de mim? Um vulto? Será? Devia ser um demônio, afinal você ficou chamando por eles...

Mas eu estava amuado. Não me sentia disposto a melhorar. Isabela tentou me animar durante um tempo, mas também tinha limitações. Seu coração também estava magoado, e começou a perceber que dali para frente acabaria por se irritar com aquela atitude hostil e pouco convidativa da minha parte, e que eu também não conseguia mudar.

Estávamos já nos levantando para ir, paguei a conta e íamos pegar o carro parado na esquina. Então demos de cara com Marco.

– Oi! – falou Marco. – Como é que tá? – ele olhava para mim com ar ligeiramente indagador, preocupado.

– E aí, Marco? – respondi, apertando-lhe a mão.

Isabela havia comentado com Marco sobre o ocorrido um pouco antes de sair de casa. Eu nem sabia disso, mas ela, ao sair, comentou que estava vindo conversar comigo. E pediu que ele orasse.

Marco tinha ficado sinceramente preocupado e perguntou a ela:

– Mas ele não está pensando em voltar pra *lá*, não é?

Isabela nem sabia o que dizer, conforme me contou depois... só sacudiu um pouco a cabeça, suspirou fundo.

– Não sei.

Ele ficou realmente preocupado, acabou largando os estudos para vir atrás da gente. E agora estava ali, na nossa frente.

– Como é que você achou a gente? – perguntei. Até então não sabia que ele tinha vindo por minha causa.

– Bom, a Isabela falou que vinha pra sua casa. Eu tentei estudar, mas não estava conseguindo. Então liguei pra sua casa, sua mãe disse que vocês tinham saído. Supus que talvez estivessem aqui. Vocês estão sempre aqui no Fran's!

– É. Adivinhou bem. – comentou Isabela, sem ter mais nada para dizer. Marco era muito espontâneo. Ele certamente percebeu que nós ainda não tínhamos conseguido nos entender. Naquele dia, a chegada dele, de última hora, nos ajudou muito. Sabe-se lá o que poderia acontecer no restante do dia... Marco foi entrando:

– Vocês já vão? Já está tudo bem?

– Não, não está, não – e Isabela não se fez de rogada.

Sentamo-nos de novo os três. Eu não sabia o que pensar daquela situação, mas Marco estava sendo simpático. Fui logo perguntando se ele queria um café ou um refrigerante.

– Não. Não vim aqui pra isso. Na verdade, vim aqui pra falar com você, Eduardo.

Marco falou claramente, então não fiz de conta que não sabia do que se tratava. Fiquei quieto e escutei. Sua atitude estava sendo sincera, então me dispus a ouvir. Isabela ficou calada, cansada e sem ter mais o que falar. Talvez ela visse no meu semblante que as palavras de seu irmão, e sua atitude em correr atrás de nós, estavam sendo benéficas.

Eu não tinha muitas pessoas que se preocupavam realmente comigo a ponto de deixar afazeres importantes. O único que fazia isso, antigamente, era Marlon. Mas, naquela tarde, vi em Marco uma consideração verdadeira, uma vontade genuína de me ajudar.

E foi o que terminou de destravar aquela bagunça.

Marco não falou muito, usou um exemplo simples de uma historinha infantil. A do Chapeuzinho Vermelho, que desobedeceu a recomendação da mãe e saiu da estrada, pegou o atalho pela floresta.

Desobedecendo, foi enganada pelo lobo, e se deu mal.

Era fácil entender a analogia.

– Em outras palavras, estou incentivando-o a não sair da estrada, a não desobedecer a voz de Deus. O “atalho” pode parecer mais fácil, mais rápido. O caminho da floresta é mais fresco, mais agradável. Mas, no fim, você acaba ficando à mercê do lobo, e o lobo mostra a sua verdadeira cara. E vai destruí-lo. Você entende o que eu quero dizer?

Eu me sentia mais leve, mais quebrantado. Parecia pouco a pouco voltar à realidade. Compreendia muito bem.

– Fica firme! – Marco deu uma leve batida no meu ombro. Todos nós nos levantamos e nos despedimos dele.

– Obrigado, hein, Marco... pela sua disposição!

– Não tem problema. Você estava precisando!

Começava a garoar um pouquinho, apesar do calor. Faltava pouco mais de um mês para o início do verão.

– Tchau! – acenamos para ele, que deu a volta com o fusquinha, pronto para voltar ao seu estudo.

Isabela estava imensamente aliviada porque agora eu parecia voltar a ser eu mesmo. Sorriu para mim, e eu a abracei.

– Ama Gatinha... – disse-lhe com carinho.

As lágrimas vieram aos seus olhos. Voltamos para o Fran's a fim de terminar nossa conversa. Conteí minha parte pela primeira vez. Não era muito. Isabela não pôde conter um sorriso de desconsolo:

– Tadinho!...

– Bom... pois é... e no fim de tudo, de manhã, senti que estava sem a aliança... – Isabela ficou quieta, esperando. Eu continuei:

– Eu costumo rodá-la no dedo, por isso, percebi logo que estava sem ela. Então descí pra procurar.

– Achou?! – perguntou ela, ansiosa.

– Não... – respondi. – Saí à rua, olhei na calçada... mas, nada! – Isabela estava triste. Tínhamos escolhido lindas alianças da H. Stern. Enfim...

– Bom, Nenê... depois a gente pensa nisso.

De certa forma, ainda que não percebesse isso, eu estava muito acostumado ao caminho fácil. Antes, nos meus relacionamentos, era o senhor absoluto da situação. Tudo acontecia dentro do que me era conveniente. Era fácil sumir,

enganar, não ter de ceder, não ter de mudar. Estava acostumado a sempre ter razão, mesmo que não tivesse.

E ainda tinha o Inferno a meu favor.

Mas agora, tudo era diferente. Eu ainda não tinha percebido essa realidade. E falava coisas que magoavam ao extremo Isabela.

– Vamos ver a coisa por outro ângulo, Nenê. De certa forma, o que aconteceu tem sua razão de ser. De que outro modo viria à tona tudo isso? Sinal que ainda *há o* que tratar dentro de você, dentro de mim.

– É.

Devagar, ela sentiu que poderia ir falando um pouco sobre si mesma. Sobre os seus sentimentos feridos, sobre o que eu havia dito a ela. Só então nós nos entendemos de vez, e compreendemos o porquê de nossa reação inicial. Entre lágrimas, ela contou sua parte da história. E enfim, *finalmente* entendi! Ela não era a vilã absoluta da história.

Depois disso, naquele final de tarde, acabamos encontrando alguns colegas daquela cidade de interior que estavam em São Paulo. Fomos ao Culto à noite. Espairecemos a cabeça, recebemos a Palavra. Ninguém poderia imaginar que horas terríveis a gente tinha passado há bem pouco tempo.

Depois, mais tarde da noite, consegui falar com Ricardo. Oramos juntos, e Isabela também intercedeu enquanto nós estávamos ao telefone. Foi bom. No domingo, estávamos lá no Culto de novo. Oramos com Dona Clara.

A tempestade tinha passado. Mas eu continuava sem aliança.

CAPÍTULO 16

Durante a semana, nós dois estávamos em clima de romance de novo. Isto é, estava tudo bem entre nós, como sempre. A maior parte do tempo, a gente estava muito bem. E um não ficava sem o outro.

Olhei para o relógio. Faltavam alguns minutos para dar o horário de saída de Isabela. Resolvi dar uma ligadinha para ela, como de costume, para “falar oi”. Nesse dia, eu estava ansioso em vê-la porque tinha uma sugestão especial. Não aguentei esperar e já fui propondo logo pelo telefone:

– Vamos fazer alguma coisa diferente, menina?! – exclamei alegremente. – O Nenê quer fazer alguma coisa especial pra Gatinha.

– E o que é que Nenê está querendo fazer?

– Vamos jogar boliche, “Mô”?

– Boliche?! Você quer mesmo?

– Vamos? Eu sei que você nunca jogou boliche! Queria que você pudesse fazer alguma coisa diferente hoje! E eu vou te mostrar como é que *se joga*.

Isabela entendeu a provocação. E não deixou passar.

– Ah! E desde quando você é tão *expert* assim? Que eu saiba, você nunca jogou muito isso.

– É, menina, mas eu não preciso jogar muito pra ser bom pra caramba nessa história! – retruquei.

Então ela deu risada e concordou.

– Tá bom, então! Então a gente vai. Quero só ver, hein, Nenê? É capaz que eu ganhe de você! – e suspirando de leve. – Ufa! Agora eu me animei... não vejo a hora de sair daqui!

– Tá muito puxado, é?

– Não, até que não. Tá com o mesmo movimento de sempre. Mas já estou cansada de ficar aqui. Quero ver o Nenê!

– Logo, logo a gente já se vê.

– Ichhh! Escutei um “ploft” aí na minha porta. Isso quer dizer que tem mais uma ficha na caixinha. Acho até que já deve ter umas duas. Vou atender, tá?

– Tá bom, “Mô”. Depois a gente se vê! Ama Gatinha!

- Também ama Nenê! Tchau!
- Tchau! Bom serviço. Juízo, hein? Apareceu algum carinha bonito pra você examinar?
- Ela suspirou exageradamente alto. Provocação era com ela mesmo.
- Nem te conto. Bye Bye!
- Pera aí! Onde você quer se encontrar?
- Nenê que sabe.
- Posso te esperar na sua casa... daí a gente já vai direto pro *Shopping* que tem boliche!
- Tá. Agora sossega, deixa eu atender aos pacientes!

* * *

Comemos no *Shopping*, conversamos. Nossos programas, na maioria, eram assim. Sossegados, não extravagantes. Era gostoso apenas sentar, contar o dia um para o outro, fazer planos. Estar juntos. Para nós dois, não havia melhor momento no dia.

– Então... – comecei enquanto terminava meu cafezinho expresso. – Vamos jogar o boliche?

– Vamos, né? Você não está querendo?

– Eu queria fazer alguma coisa diferente com a Gatinha! – falei enquanto segurava as mãos dela com as minhas.

Eu sempre era carinhoso com ela. E ela gostava disso. Eu sabia que Isabela adorava pequenos gestos cavalheirescos, aquele clima à moda antiga, como quando eu abria as portas para ela passar. Dava o casaco quando ela estava com frio. Levava flores, bombons, cartões... tantas vezes! Isabela adorava ser mimada. Quem não gosta? Do meu lado, eu gostava de mimá-la! Queria ela muito mi-ma-da! Nada seria muito difícil para mim se fizesse Isabela feliz. Adorava vê-la rindo, contente, com cara de bonequinha.

Então fomos para o boliche.

Custou um pouco a chegar lá porque Isabela engastalhava em uma ou outra loja, olhando vitrinas. Eu olhava junto, com paciência. Ela queria me mostrar tudo, fazer comentários sobre tudo, perguntar o que eu achava a respeito de tudo. No fundo, também gostava de olhar as vitrinas. Não exatamente as *mesmas* vitrinas que ela, mas também gostava de olhar!

– Vamos ver se a gente consegue chegar lá antes de fechar, hein, Isabela? – brinquei numa boa.

– Puxa, não seja tão chato, Nenê! Só estou dando uma *olhadinha*.

Chegamos ao boliche, compramos um período de apenas meia hora. Eu estava bem entusiasmado, talvez influenciado pelo Marco, que era fã de boliche. Isabela estava ali mais para fazer a minha vontade, porque ela mesma achava aquele jogo meio bobo. Mas foi mesmo gostoso! Ela começou errando umas duas vezes, mas aí pegou o jeito, e ficamos bem empatados.

– Ah! É assim que você é um grande jogador de boliche, Eduardo? Estou quase alcançando você!

– Que é isso, Isabela...? Eu ainda estou aquecendo. Espera só pra ver! Estava sendo divertido. Até mesmo na hora em que ela fez o primeiro *strike*.

Pura sorte.

– Aííí! – gritou ela. – Estou virando esse jogo, Nenê! – abracei Isabela antes que ela jogasse de novo.

– Passei você, Nenê!

– Aguarde... aguarde! Isso é pura sorte!

Peguei a bola azul e me preparei para lançá-la. Dei alguns passos, fiz pose e já iria lançar a bola. No momento em que a atirei, tanto eu quanto ela ouvimos perto de nós um “plim”.

Olhamos para o lado do barulho e até esquecemos de ver quantos pinos a bola iria derrubar.

– Acho que caiu alguma coisa do seu bolso... – comentou Isabela.

Ela não viu o que foi. Mas eu percebi alguma coisa que rolou perto de mim, e me abaixei para pegar.

– Puxa... – murmurei, embasbacado. – Puxa...

– Que foi? – Isabela chegou perto de mim.

Eu fiquei muito espantado, quase incrédulo, e apenas estendi a mão para que ela visse. Isabela olhou. E reconheceu de cara.

– *A aliança?!?*

– Pois não é? – olhei bem para ver se era a minha mesmo.

– Mas de onde ela caiu? Você tinha achado?

– Não, eu não tinha achado. Desde aquele dia que ela sumiu.

– Tem certeza, Eduardo? – ela pegou a aliança para olhar por si mesma. Dentro dela, em letras delicadas, estava escrito o seu nome.

– Tem certeza de que não estava no seu bolso? Em *algum* bolso?!

– Absoluta! Peguei esta roupa hoje no armário. Se estivesse em algum bolso, haveria de ser no da calça que usei naquele dia, né?

Ficamos os dois olhando um para cara do outro. Completamente mudos. Esquecidos do jogo!

– Caramba... – murmurou ela por fim.

– Você está pensando o mesmo que eu?

– Bom... e você tá pensando o quê? – meus olhos até marejaram.

– Deus devolveu! Ele mandou um anjo devolver. O anjo veio até aqui e trouxe de volta. O que mais posso pensar? Essa aliança tinha ficado perdida na rua!

– É... eu estava pensando isso...

Ficamos quietos por mais um tempo, enquanto coloquei de volta a aliança no meu dedo.

Terminamos de jogar nosso boliche num outro clima. Uma satisfação toda especial permeava a nossa alma agora. Aquele gesto sobrenatural de Deus queria dizer muita coisa. Era uma maneira clara, inequívoca, do Senhor confirmar a nossa futura união.

Aquilo foi claro para nós dois. Deus havia perdoado a nossa insensatez e trouxera de volta o símbolo do nosso compromisso. Sinal que havia algo especial no elo que nos unia. Algo que realmente estava nos planos e no coração do Pai.

Naquele momento, aquilo foi importante.

Porque os ataques sobre o nosso relacionamento continuariam e seriam cada vez mais intensos. Eu ainda não tinha conseguido perceber que as nossas brigas absurdas tinham, de fato, um contexto espiritual. Mas, independentemente disso, sabia muito bem que o diabo não nos queria juntos: pelo simples motivo de que ele havia escolhido outra pessoa para mim.

O futuro nos mostraria que esse não era o único motivo. Mas parece que Deus realmente desejava – e se alegrava – com nosso relacionamento.

Aquela atitude amorosa do Pai caiu como bálsamo nos nossos corações.

* * *

Mesmo assim, a sexta-feira seguinte nos surpreendeu com nova desavença.

Naquele dia, tínhamos combinado de ir ao Culto numa outra unidade de nossa Igreja, em outro bairro, onde haveria uma programação especial. Era ultralongo!

Mas, com aquele clima de discussão pairando sobre nós, acabamos indo para lá brigados e obrigados. Simplesmente, porque já havíamos prometido a Dona Clara

que estaríamos presentes.

Eu olhava o guia de ruas com má vontade, lacônico. E Isabela estava muda, respondendo de vez em quando, com maus modos. Para piorar a situação, começou a chover bem forte. Quase desistimos. Mas, graças a Deus, chegamos ao nosso destino em segurança.

Foi a salvação naquele dia!

Entramos na Igreja quando começava o Louvor. Foi melhor assim.

Louvamos o Senhor, esquecemos momentaneamente um do outro. Mas o coração de Isabela continuava triste. Percebi quando algumas lágrimas acabaram rolando dos seus olhos, então fiquei com pena e segurei sua mão. Já estava com remorso e, ao olhar para mim, Isabela encontrou no meu rosto um olhar mais simpático, de alguém que se desculpa.

Normalmente, ela seria mais turrone em aceitar a reconciliação, mas o clima que nos envolveu durante o Louvor facilitou.

Não encontramos ninguém conhecido da nossa unidade, talvez justamente por causa da chuva. Atravessar a cidade na sexta-feira, debaixo de chuva, era uma tarefa hercúlea que todo mundo evitava se pudesse.

Quando saímos, já não chovia. Entramos no carro e fomos para a casa de Dona Márcia. Ela estava assistindo a um filme na televisão, de forma que fomos tomar lanche sozinhos, excepcionalmente.

Novamente, foi melhor assim, porque pudemos conversar com mais sossego e liberdade. Conseguimos, então, pôr em pratos limpos nossa desavença sem maiores estragos naquela noite. Mas aconteceu algo diferente.

Nós dois estávamos já com o lanche feito e conversávamos à mesa quando dei um pulo na cadeira e me levantei de supetão. Isabela levou o maior susto:

– Puxa, que foi, Eduardo?!

Corri até a porta da cozinha, olhei desconfiado, primeiro para a sala, e depois para o corredor que dava acesso aos quartos. A porta do corredor estava fechada. No entanto, eu poderia jurar...

– Que foi?! – perguntou ela de novo.

Voltei para a minha cadeira e me sentei. Meneei a cabeça. Certamente, era coisa da minha imaginação, por isso nem dei sequência ao assunto.

– Ah!... Não foi nada... eu... achei que tinha visto um vulto passar ali na porta.

– Vulto??

– É. Mas acho que foi só minha impressão. Não foi nada – ela me olhou firme, sondando minha reação.

– Tem certeza? – perguntou, enfática, novamente.

– Tenho, tenho. Não foi nada – e procurei afastar da mente aquela impressão. Diante de minha categórica afirmação, Isabela deixou o assunto de lado.

– Dá pra você me passar o queijo, Nenê?

Continuamos conversando normalmente, ali mesmo na cozinha, mesmo depois de terminado o lanche. Afinal, Dona Márcia estava na sala com a TV ligada.

Nem sei como o assunto voltou à baila, porque Isabela nem estava mais lembrando. Como poderia? Não foi ela quem viu ou sentiu alguma coisa. Mas ela xeretava no congelador e comentava comigo:

– Minha mãe fez supermercado e deve ter sorvete aqui. Quer, Nenê?

– Quero.

Creio que talvez Deus não quisesse o nosso esquecimento. Porque falei de novo, nem sei por que fiz isso:

– Puxa, foi tão real o que eu vi.

– Mas o que foi que você viu, afinal?

– Vi um vulto, já disse.

– Um vulto pode ser tanta coisa... como era esse?

– Enorme.

Ela ergueu as sobrancelhas.

– Enorme?? – inquiriu. – Como assim?

– Enorme. Do tamanho da porta!

Ela ergueu mais ainda as sobrancelhas.

– Do tamanho da *porta*??? Mas... mas então deve ser alguma coisa séria, Eduardo! Por que você não disse antes?

– Ah, sei lá. Será que não é coisa da minha cabeça?

– Quando você falou em vulto, não imaginei isso. Pensei que você viu o vulto da Harpa, da Viola, e se enganou. Por isso, nem liguei!

Harpa e Viola eram as gatas de Isabela.

– Bom... certamente não era o gato! Era alto, bem alto, como a porta, quase do tamanho do teto... e passou rápido. Veio da sala e passou pro corredor. Eu vi por visão periférica, sabe? Estava entretido com o lanche, e de repente vi aquilo passando, furtivamente. Mas foi tão nítido, *tão nítido* que pensei que alguém tinha entrado aqui, algum estranho. – Isabela ficou indignada.

– Mas por que você não falou *antes*, Nenê?! Puxa vida, Deus começa a te dar um Dom e você não usa?

– Eu sei... – assenti. – É que eu acabo relativizando porque acontece quando menos estou esperando. Fico pensando se não estou viajando na maionese... sabe?

– PUXA VIDA, passou um demônio aí, Nenê! Temos de orar!

– É – concordei. – Vamos orar.

Oramos ali mesmo como estávamos, sentados à mesa. E nossas palavras eram sempre as mesmas, sempre no mesmo sentido: pela proteção, pela guarda dos anjos, o revestimento das muralhas de fogo, a cobertura do sangue de Cristo. E que Deus desfizesse toda armadilha, Encantamentos, Feitiço e maldição contra nós. Especialmente as que tinham sido lançadas recentemente, no Sabbath.

Quando terminamos, eu continuei olhando para frente; sabia que deveria estar com aquela expressão no rosto já bem conhecida de Isabela.

– Que foi? – indagou ela.

Continuei olhando para os lados, perscrutando, e por fim falei:

– Não sei, enquanto a gente estava orando, senti uma presença tão ruim aqui, uns calafrios nas costas. Quando eles estão perto, dá mesmo essa sensação de frio... não é qualquer coisa que tinha aqui, não é qualquer coisa... é um demônio forte! Um demônio da Irmandade... como se ele estivesse aqui pra nos monitorar... pra criar alguma coisa, alguma situação ruim.

– Você acha mesmo que eles realmente usaram a ocasião do Sabbath para fazer algo mais forte contra a gente?

– Não tenha dúvida disso – retorqui sem pestanejar. Nem precisava pensar dois segundos para dar aquela resposta.

– Puxa vida! Somos tão importantes assim?! – dei de ombros.

– O diabo não gosta de levar a pior. Eles vão continuar lançando Encantamentos... pra que eu faça como eles querem.

– Não acho possível que eles o aceitem de volta! – fiquei quieto.

– Não sei. Se, por um lado, meu papel era importante, por outro, também não ignoro que os demônios adorariam me pagar com juros e correção monetária. Todo mal feito à Irmandade deve ser retribuído nove vezes.

– Ui! – Isabela sacudiu a cabeça, indignada. – Fato é que pouco importa se iriam ou não aceitá-lo, porque você não vai dar essa satisfação a eles.

– Isso! – concordei.

– Puxa... Deus está mesmo te dando esse Dom. Passou a sensação ruim?

– Passou. Enquanto a gente orava, foi diminuindo.

Diante disso, deixamos o assunto de lado. Já era tarde e fui me despedindo.

– Aonde você vai?

– Pra casa, ué!
– Sozinho? De ônibus?! – falou em tom de voz mais alto.
– Ah! “Mô”! Tá tudo bem, não precisa se preocupar!
– Eduardo, não adianta fazer essa sua carinha de nenê número um.
– Não precisa me levar, Gatinha. Vai descansar, vai!
– Descansar! Como? Se eu pudesse descansar, enquanto você fica vagando por aí, à noite, sozinho? De jeito nenhum!

Seu tom não admitia argumentação. Eram muito raras as vezes em que eu voltava sozinho da casa dela. Agora que nós tínhamos o Palio, Dona Márcia me havia emprestado o fusca, só de quebra-galho. Mas o fusca estava no conserto! Então Isabela preferia me levar, não era longe, bastavam 40 a 45 minutos para ela ir e voltar. Mas eu não gostava de incomodar, mesmo porque depois ela voltava sozinha.

– Eu posso ir sozinho... – ainda argumentei, enquanto Isabela rodava o banheiro e o quarto, procurando onde deixara seus sapatos. Ela possuía o hábito de chegar em casa e tirar os sapatos em qualquer lugar, instintivamente, depois tinha de ficar procurando.

Era um pouquinho desorganizada... no seu quarto, tinha sempre uma montanha de roupas empilhadas na escrivaninha. Às vezes, Marina era incumbida de dobrar as roupas. Gastava o dia naquilo... nem dava para ver a escrivaninha, o piano, de tanta coisa em cima. Nas suas refeições noturnas, deixava tudo espalhado... papéis de bala, chocolate... vasilhas...

Por isso, os sapatos estavam perdidos. Ufa! Esperei.

– Vamos indo, Nenê! Quantas vezes saí de madrugada do Hospital e voltei sozinha? Agora vou deixar você zanzando por aí?

Passamos pela sala.

– Tchau, Dona Márcia, já estou indo.

– Tchau, Eduardo, até amanhã. A Isabela está indo levar você?

– Tá... mas eu disse que não precisava.

– Mas é melhor assim! – respondeu ela, já do jardim.

A noite estava fresca agora e não havia trânsito. Eu dirigi na ida. Paramos em frente da minha casa em pouco mais de quinze minutos. Despedimo-nos e Isabela pulou para o banco do motorista.

Fui destrancando o portão da frente.

– Vai, Gatinha.

– Entra, Nenê! – respondeu ela, sorrindo, acenando, meio marota. – Trata de ficar bem guardado aí.

– Tchau! Espero você me ligar.

– Tá. Tchau!

Só acelerou quando eu já havia novamente trancado o portão por dentro.

* * *

Quando nos encontramos no dia seguinte, eu ainda teria algo mais a contar. Embora não me lembrasse de imediato. A verdade é que aquela experiência não tinha terminado ali. Nós havíamos marcado nosso costumeiro encontro naquele parque, pertinho de casa, para fazer ginástica pela manhã.

Fomos caminhando de mãos dadas, sentindo o ventinho agradável, vendo o sol escorregar por entre a copa das árvores, observando as pessoas que passavam por nós fazendo *cooper*.

Aquele lugar sempre me dava uma sensação de nostalgia, gostava de contar histórias do tempo em que tinha meus alunos de *Kung Fu*. Dei muitas aulas naquele parque! Parece que cada canto tinha uma lembrança engraçada ou agradável.

Isabela sempre gostava de ouvir as minhas histórias. Era motivo para muita risada! Quando passamos pela casinha que guardava material de limpeza e manutenção, comecei a rir, comentando:

– Tinha um senhor antigamente aqui, que era chefe da manutenção, sabe? Ele vivia de cabelo em pé com a gente porque nós pegávamos todas as suas vassouras.

– E pra quê, hein?

Continuei rindo.

– Pra fazer uns *nunchakus*. Às vezes a gente também usava pra fazer bastões curtos. Vassoura é ótimo pra isso, coitado do cara!

– Ah! Você, hein? Você era fogo!

– O homem não podia ver a gente chegando que já ia atrás de salvar as suas vassouras!

Fizemos nossa ginástica. Comecei com corrida. Isabela não gostava de correr, preferia a marcha acelerada, por causa da sua coluna. Depois, fomos fazer o resto juntos.

Agora eu já não fazia *Kung Fu*, estava afastado da academia do Mestre Zhy havia alguns meses. Mas estava levando bem. No final do nosso treino, fomos comprar

água de coco na barraquinha da entrada do parque.

– Bem que a gente poderia fazer matrícula numa academia boa de verdade, né? Acabou não dando certo daquela vez, mas bem que fiquei com água na boca de ser aluna numa academia como aquelas! – começou Isabela. – Você não vai dar aula, mas o que nos impede de sermos alunos? E fazer ginástica?

Até parei de beber o meu coco.

– Taí! Sabe que eu já tinha pensado nisso? É uma ótima ideia. Você estaria disposta? Podemos usar uma parte do dinheiro da minha rescisão!

– Ah! Acho que vai ser bom pra nós dois. Especialmente pra você, né, Nenê? Porque você não pode virar uma pessoa sedentária. Quem é atleta tem que continuar sendo!

– É isso mesmo! Eu posso não fazer mais *Kung Fu*, mas posso perfeitamente continuar a ginástica, a atividade física.

– Pois então, nós não podemos descuidar da nossa saúde. Quem sabe consigo emagrecer um pouco. Seria muito bom!

Ainda comentando sobre os benefícios de ingressarmos em uma academia de porte, fomos vagarosamente caminhando pela calçada em direção ao carro.

– Pode deixar que eu dirijo, Isabela!

– Tá bom. Eu estou tão cansada desse exercício todo, agora vou descansando aqui do lado.

– Tomo um banho bem rápido em casa e nós já saímos!

– Tá. Não sei nem se vou entrar...

– Ah, mas eu vou deixar você sozinha na rua?

– Que é que tem? É hora de almoço, não é hora de assalto.

– Como se tivesse hora pra assalto acontecer! Você entra e sobe, fica no quarto esperando. Eu me arrumo logo.

– Tá bom, tá bom.

Em cinco minutos já estávamos lá. Isabela cumprimentou minha mãe e subiu atrás de mim. Enquanto eu pegava minha caixinha cheia de cosméticos dentro do guarda-roupa, ela se acomodou, sentada na minha cama.

– Já, já, estou aqui! – e tirei a camiseta, jogando-a sobre a cama.

Ao me virar para pegar os cosméticos, parece que Isabela reparou em algo diferente nas minhas costas.

– Ué, Nenê... que é isso aí nas suas costas?

Olhei para ela.

– O quê?

– Essa mancha aí, meio sobre as espáduas... ali, olha, meio à esquerda.

Não consegui ver nada, então fui olhar no espelho do banheiro. Ela veio atrás de mim para olhar melhor.

– Que esquisito... você bateu em algum lugar?

– Não.

– Ela é tão redondinha... o que pode ter sido?

– Não sei, vai ver me machuquei e não percebi.

– Puxa, meio difícil, né? Ninguém arruma um hematoma desse sem saber como.

– É um hematoma?

– Parece. Você tem que ter batido em algum lugar. Está doendo? – ela apalpou de leve a lesão avermelhada, ligeiramente arroxeadada nas bordas, redonda.

– Não dói nada.

– Bom... vai tomando seu banho e pensa um pouco pra ver se lembra.

– Ok, Gatinha! Nenê está indo.

Quando voltei, já vestido e perfumado, estava com uma expressão mais séria no olhar. Mas procurei fazer de conta que nada havia acontecido. Talvez Isabela nem estivesse mais se lembrando do tal hematoma. Saímos e, uma vez dentro do carro, ela perguntou incisiva:

– Pelo visto você não vai falar nada espontaneamente, né? – não adiantava eu querer esconder nada.

– Que foi, Nenê?

Ela olhou para mim mais uma vez, sem desviar a atenção do volante. Iríamos direto para sua casa a fim de que ela pudesse tomar banho também.

– Pois é... – fiz uma pausa mais longa. Sorria de leve.

Isabela *conhecia* aquela minha cara. De alguém que quer esconder algo e não está conseguindo.

– Mas o que foi, Eduardo? Fala logo de uma vez, que você me deixa nervosa!

– Não sei se é coisa da minha cabeça...

– O que, Eduardo? Que foi que aconteceu?!

– Essa mancha... eu fiquei pensando... e aí me lembrei de uma coisa que eu sonhei.

– Essa noite? – indagou ela, ansiosa em saber logo de que se tratava.

– É – respondi com calma, ainda processando as ideias. – Eu sonhei que estava num Ritual... mas não pra participar, entende?... Na verdade... *eu* estava numa cama... de mármore.

Ela me olhava com seriedade. Erguia as sobrancelhas sentindo já aquela sensação desconfortável, antevendo o restante:

– Você quer dizer... uma mesa de sacrifício? – falou, baixo.

– É – retorqui; e fiquei quieto.

Ela esperava. Como eu não dissesse nada, cutucou de novo, impaciente e tensa:

– Puxa, e daí?

– Bom... foi tão real que às vezes nem parece sonho. Foi tão vívido... me lembro de cada detalhe... que não vem ao caso! Mas sentia muito calor... calor de fogo! Estava muito quente. Uma sensação horrível! Então, vi uns olhos olhando pra mim, só uns olhos, no escuro...

– Olhos de quem?

– Dele...

Naturalmente que o assunto era bastante desagradável.

– Do Abraxas, é isso?...

– Eu creio que sim – apertei os lábios um no outro, não sabia o que dizer. Ela esperava para ouvir o resto.

– Daí, de repente, comecei a conseguir distinguir o vulto dele, sabe? No escuro. Percebi que na mão dele tinha uma faca longa. Vi muito bem.

Tornei a apertar a boca. Quanto à Isabela, olhava para mim com ar de espanto e assustada ao mesmo tempo, sempre que o volante permitia.

– E...? – incentivou ela de novo.

– Bom, então ele... me atacou! Veio com aquela faca bem direto pro meu coração... só que, não sei como, eu não estava amarrado. Então me virei bruscamente pra que a faca não atingisse o meu peito, e daí... ela pegou nas costas... entende?

– Nas... *costas*?! Sei. Hum... – ela olhou para mim realmente sem saber o que dizer. – Puxa, mas... será possível, meu Deus?!...

– Sei lá. O sonho foi muito real. E ficou uma *marca* – inspirei fundo. – É difícil de acreditar que isso possa acontecer de verdade.

A voz de Isabela soou séria de pesar. Deu um muxoxo ressentido, seguido de um largo suspiro como o meu.

– Ai! Eu nem sei o que pensar. O que mais podemos pensar??

– Pois é. A verdade é que não importa muito “como” aconteceu, e sim, que *aconteceu*. Quer a gente queira aceitar ou não, entender ou não.

– Entender realmente fica difícil. Mas o ferimento ficou aí.

Nós sabíamos que os demônios poderiam ter causado o sonho, afinal, eles têm esse poder de interferir na mente. Seria também muito simples para Abraxas, parado ao lado da minha cama, causar também aquela marca no meu corpo. Tudo bem, aquele era um conhecimento teórico... muito diferente era *ver* acontecer. *Conosco*.

Não havia nada que pudéssemos fazer a não ser orar. Melhor dizendo, continuar orando! Continuar pedindo proteção de Deus. Claro que o recado do Inferno tinha sido dado... de novo. Nem parecia que as orações surtiavam efeito.

Oramos um pouco ali mesmo, no carro. Quando chegamos a casa de Isabela, ela foi tomar seu banho. Tão logo acabou, veio comentando:

- Acho que a gente poderia ungir isso, não?
- Pode ser. É uma boa coisa. Vamos fazer.

Grace nos havia dado óleo de unção, orientou para que ungíssemos nossos quartos, nossas camas, consagrando ao Senhor, pedindo proteção.

Isabela pegou o frasquinho. Oramos primeiro em concordância. Se Deus, através daquela situação, sinalizava a *intenção* do inimigo, a verdade é que não era nenhuma novidade. Deus nada permite sem propósito definido. Embora tudo aquilo sempre nos pegasse de surpresa, desabando desagradavelmente sobre nós, se assim era... era porque o Senhor o permitia!

E se Ele permitia, é porque queria mostrar as *reais* intenções do inimigo. Talvez nem se tratasse de morte física, pode ser que o sonho simbolizasse a morte espiritual. Ela seria o estopim, o ponto fundamental, a coisa certa a ser feita para que eu retornasse à Irmandade. Decepção. Frustração. Morte espiritual.

Certamente, eles estavam agindo nesse sentido, o sonho apenas confirmava uma coisa que nós já sabíamos. Mas é claro que a sensação de temor ficava durante um tempo... isso era inevitável!

A reação imediata de Isabela era orar; e ela me arrastava junto nesse propósito.

Pedimos força e coragem, fundamental para que pudéssemos percorrer aquele caminho difícil. Que Deus embaraçasse os planos dos nossos inimigos.

Depois, Isabela mesma pegou o óleo de unção, abriu o frasquinho, pôs uma pequena quantidade na palma da mão.

– Senhor, em nome de Jesus, toca nesse ferimento com a Tua mão, toca com o Teu sangue. Limpa de toda contaminação do inimigo, passa Teu bálsamo de cura e faz com que não seja mais do que um ferimento comum. Limpa o Teu filho, protege Teu filho de todo mal, e toda artimanha de Satanás. Destrói os planos dele. Amém!

Ela orou com toda a convicção que lhe foi possível, com todo ímpeto e determinação.

– Pronto, “Mô” – murmurei. – Está entregue a Deus. Amém.

– Amém.

Três dias depois, no nosso encontro semanal com Dona Clara, compartilhamos o sonho. Mas foi mais por desengano de consciência e zelo espiritual, porque o tal hematoma já praticamente nem existia mais.

– É incrível, Dona Clara! – comentei. – Nós ungimos e já quase desapareceu tudo.

– Realmente, um hematoma como aquele não iria reabsorver tão rápido! – acrescentou Isabela.

– Sinal que a coisa tinha origem espiritual *mesmo*! – respondeu ela. – Quando Deus mostra algo assim, não quer dizer que aquilo *vai* acontecer. Na verdade, ao revelar a intenção do inimigo, o que o Senhor quer de nós é que *tomemos posição* no Reino do Espírito em relação a isso. A nossa parte é esta: interceder! Porque assim podemos frustrar os planos do maligno. Nós fazemos nossa parte, Deus faz a dele. Deus apenas confirmou aquilo que vocês já sabiam!

Nós ouvíamos sempre com atenção.

Esse foi um princípio que aprendemos com Dona Clara, que nunca esqueceríamos. A questão de tomar posição no Reino Espiritual. Deus não estava revelando aquilo para nos trazer pânico, mas para nos fazer participantes daquela guerra. E qual era a maneira de participar? Naquele momento, não havia outra: orando. Haveria momentos em que o Senhor daria outras diretrizes.

Por sinal, essa história de ferimento espiritual aconteceu mais duas vezes.

No futuro, conheceríamos pessoas que ficavam apavoradas com visões ou discernimento espiritual de “tragédias”. Quando Deus traz a revelação, é sempre para o bem, para que possamos fazer melhor a nossa parte, para que não fiquemos ignorantes do que intenta o inimigo.

Aprendemos que, quando procuramos verdadeiramente nos alinhar com a Vontade de Deus, e buscar o Seu caminho perfeito de todo coração, Ele não deixa encobertas as ciladas do diabo.

– Vocês estão procurando servir ao Senhor com seriedade, por isso Ele traz a revelação. Esse é o nosso Deus! – e Dona Clara ria.

Nós sorrimos de volta, mais confiantes. Nunca Dona Clara pareceu incerta do Poder e do Amor de Deus. O seu Cristianismo era como o de uma criança, cheio

de fé, cheio de temor. Ela foi a conselheira mais cheia de sabedoria que conhecemos... quando abria a boca, trazia sempre uma direção sábia!

Não houve uma única vez, nos quase quatro anos de acompanhamento semanal que tivemos com ela, em que nos faltasse o alívio necessário. Dona Clara não julgava, não especulava, não era curiosa nem fofoqueira, de ouvidos sempre atentos, com um coração disposto e cheio de empatia para conosco; nossa alegria a alegrava, e a nossa tristeza a entristecia. Foi um suporte todo especial naqueles anos. Ao nosso lado, ela produziria muitas coisas para o Reino de Deus.

– Nenê, e o que era mesmo aquilo lá que você falou sobre estar decepcionado com a Igreja? Isso tem a ver com isso que eles querem, com essa morte espiritual.

– Bom, é verdade... – desembuchei. – Se eu for pensar em uma morte espiritual, de certa forma isso *tem* que envolver a Igreja... e as pessoas! Sabe, Dona Clara, é impossível não haver uma certa... *comparação*!

Dona Clara entendeu logo. Aliás, ela já sabia do nosso sentimento:

– Comparação com o lado “de lá”.

– É – afirmou Isabela.

– A senhora sabe... a Igreja não é unida... o povo de Deus não se ajuda!

– É, “Bem”... essa é uma realidade! Mas nós, que estamos vendo isso, temos de nos colocar na brecha por essa situação. Infelizmente, nós não chegamos *lá* ainda. Só o Senhor pra dar Graça, força...

– É que é difícil escutar o Marlon, né, Dona Clara? A senhora sabe que faz falta pro Eduardo ter um amigo, um amigo homem... – continuou Isabela.

– Eu sei que eu não posso olhar pras pessoas. Mas é difícil!

E ela ia aconselhando com calma, com brandura, mas, ao mesmo tempo, com firmeza. Compreendia nossa decepção, mas nunca a encorajava. Não é porque os outros erravam que nós tínhamos o direito de errar também. Dona Clara sempre procurou, até mesmo sem perceber, forjar em nós um caráter íntegro.

– Deus vai prover o amigo, o companheiro. Vai suprir! O diabo é sujo mesmo, ele vai usar as deficiências da Igreja pra jogar. Eu sei que é difícil... mas o que eu posso dizer pra vocês? Não posso endossar o erro. Nem sempre o caminho do Senhor será fácil. Mas, no final, a nossa coroa vai estar preparada! Vamos permanecer firmes!

Outras vezes, ela guerreava ferreamente conosco. E no final da reunião, virava para nós, rindo, espantada muitas vezes:

– Puxa, eu nem imaginava o que o Senhor iria fazer hoje... Ele está sempre nos surpreendendo! Vamos aguardar pra ver o livramento que o Senhor vai trazer. O

que Ele fez aqui hoje nós ainda nem imaginamos!

Assim era Dona Clara, praticamente uma mãe para nós. E Deus a usava.

Nós não sabíamos bem que coisas o Senhor nos reservava para o futuro. A bem da verdade, nem queríamos saber! Certamente que uma delas haveria de ser o livro *Filho do Fogo*. Mas esse era um trabalho moroso. Escrevíamos durante um tempo, depois parávamos em outro, quando as coisas apertavam para o nosso lado... então voltávamos a escrever... e pensávamos se aquilo realmente era a vontade de Deus, então parávamos de novo. Aí achávamos que era sim, então voltávamos a reescrever. O relato era uma colcha de retalhos, de pedaços, de emendas, de coisas que eu ia lembrando dentro e fora das Ministrações.

Nós queríamos e não queríamos escrever. Àquela altura dos acontecimentos, ninguém dava muita bola para o livro, mas a Grace nos havia incentivado a pôr a história no papel. Nem nós, nem Grace, nem Dona Clara estávamos muito preocupados com o livro. Embora a gente achasse que um dia – a gosto de Deus – talvez aquela história devesse estar escrita.

Nós tínhamos optado por não esconder nada de Dona Clara e Grace. Era preciso confiar em alguém. E, para elas, nós contávamos tudo.

Naquela noite, depois da reunião, saímos alegres e com a alma mais leve, as emoções mais balizadas. Como aquelas reuniões faziam bem... davam uma sensação boa de “dever cumprido”. Isto é, nós já havíamos orado e colocado diante de Deus tudo o que havia. Agora, o Pai faria o resto.

CAPÍTULO 17 (ISABELA)

No final do mês de novembro, fomos para uma cidadezinha do interior de Minas Gerais. Tratava-se de uma programação especial da nossa Igreja, um encontro de casais. Para dizer a verdade, era o primeiro encontro de casais organizado pela liderança.

Nossas brigas, embora tivessem um componente espiritual, talvez pudessem melhorar se nós dois procurássemos nos acertar em *todos* os âmbitos. Isso é, tínhamos que levar em conta também o lado emocional do relacionamento. Diferenças, divergências, defeitos... todo mundo tem, e todo casal precisa aprender a lidar com isso.

Tanto eu quanto Eduardo queríamos investir no nosso relacionamento. Já tínhamos passado por muitas coisas juntos, admitíamos as virtudes um do outro e, enfim... nenhum de nós queria jogar o noivado para o alto, mas, sim, buscar melhorar mais e mais.

Especialmente agora, que um anjo do Senhor havia trazido de volta a aliança de Eduardo!

Foi Dona Clara quem sugeriu, fazendo eco com a inclinação do nosso próprio coração.

- Vocês vão ao encontro? Eu e o Benito vamos!
- Ah, vamos sim!
- Vocês somente precisam pedir permissão ao Pastor Jaime, porque o encontro, na verdade é pra casais casados. Mas eu acho que vocês vão se beneficiar bastante.
- Eu estou muito a fim de ir. Acho que não vai ter problema, né? – perguntei.
- Não vai, não, porque o Pastor Joel vai também com a noiva. Eles também não são casados.
- Oba! Então a gente se acerta.

De fato não houve problema. O encontro seria num hotel fazenda, começava na sexta-feira à noite e iria até domingo, no horário de almoço.

Optamos em ir com o Palio, e não com o ônibus fretado, porque poderíamos passear na cidadezinha turística no domingo antes de voltar para São Paulo. Nós nunca saíamos de casa assim, era muito raro. Foi divertido arrumar as coisas no carro, falar tchau e pegar a estrada.

– Que gostoso poder fazer algo diferente! – comentávamos um com o outro.

Paramos uma ou duas vezes na estrada para tomar café, mas chegamos no horário certo, apesar de levarmos mais de três horas na viagem. O ônibus fretado ainda não tinha chegado, e não havia ninguém.

Achei estranho perceber que havia outras pessoas no hotel. Não imaginei que o nosso encontro seria feito num local tão grande e tão cheio de gente. Minha ideia de acampamento era aquela: retiro espiritual *mesmo*! Eu estava acostumada com o acampamento em que tinha levado Eduardo.

– Que estranho, né, Eduardo? Vamos ficar com toda essa gente?

– Não sei.

– Imaginei que o local estava separado só pra gente.

– Eu também. Enfim... vai ser diferente – e foi mesmo.

Eu, particularmente, não apreciei muito o ambiente. Era estranho ver gente quase sem roupa na piscina, e os caras paquerando a mulher dos outros. Mas, fora isso, a palestra da noite foi boa e o jantar também. Eu fiquei com um quarto só pra mim, pois a noiva do Pastor Joel não pôde ir, e eu estava escalada para ficar no mesmo quarto que ela.

Eduardo também ficou sozinho no quarto que iria compartilhar com o Pastor Joel.

– Caramba... – ele estava frustrado. – Eu estava tão animado pra ficar aqui com o Pastor Joel... já tinha formulado um monte de perguntas, iria ter o Pastor pra conversar só comigo.

Fiz um cafunézinho de leve no alto da sua cabeça:

– Tadinho! Perdeu a chance!...

Fitei o semblante um pouco decepcionado dele e procurei animá-lo:

– Por outro lado, você tem o quarto só pra você! Isso também é bom!

Ele fez um muxoxo de pouco caso e tratamos de ir dormir, após combinarmos o horário de nos encontrar pela manhã para tomar café. Eduardo era sempre todo aflito com o horário, tinha sempre que fazer tudo com muita antecedência; eu, pelo contrário, gostava de dormir mais, me aprontar rápido e chegar no horário cravado.

Nossas diferenças de personalidade e modo de agir faziam com que, não raro, nossas previsões de horário variassem em mais de uma hora. Daí, era preciso achar o meio termo: eu levantava mais cedo, e Eduardo controlava sua ansiedade um pouco. *Coisa tremendamente difícil!*

Aliás, foi justamente por causa disso que a encrenca começou logo cedo no sábado. Conseguimos controlar a situação, embora nossos ânimos tivessem ficado um pouco à flor da pele. Fomos os dois meio de ovo para a palestra da manhã.

No entanto, o Louvor, o tema abordado e a Ministração do final ajudaram a gente a se acalmar. Ficamos de bem novamente, de mãos dadas, sorrindo.

– Todo mundo está faminto, o refeitório está cheio... – comentou Eduardo espiando pela janela.

– É mesmo. Mas e se a gente fosse mais tarde? O salão só fecha às duas e meia.

Olhamos para o outro lado: na mesma proporção em que o refeitório estava cheio, a piscina estava vazia. E o sol estava forte, poderoso, a pino.

– Que tal se a gente experimentasse a piscina agora e fosse comer depois?! – exclamei.

– Acho uma boa! Taí!

– Outra hora não vai dar. Não é legal o clima dessa piscina, tem gente demais, que nem é irmão.

– Isso, Gatinha! Vamos rápido, então!

– Tá, vou trocar a roupa e te encontro lá.

Ficamos com a piscina só para a gente. Todo mundo naquele hotel tinha ido cuidar do estômago.

– Olha! – falou Eduardo. – Eu trouxe a máquina fotográfica.

– Oba! Vamos tirar várias fotos!

Nossa máquina era simples, sem muitos recursos, mas sempre para lá de requisitada. Um dos nossos fracos era bater fotografias, tínhamos já vários álbuns.

Ficamos inventando poses e ângulos diferentes. Temos essas fotos até hoje, saíram coloridas, iluminadas. Já perto das duas horas da tarde, quando o pessoal já ia invadindo a área novamente, pusemos a roupa por cima dos maiôs e fomos almoçar. Ainda tinha um pessoalzinho retardatário da Igreja por ali. Sentamo-nos perto, conversamos, tiramos papelzinho de amigo secreto. Seria realizado no domingo, no encerramento do encontro.

Eduardo sacou o papelzinho com o nome de um casal que nós não conhecíamos.

– Vocês presenteiam o casal, tá? – explicaram-nos.

– Ok! E como comprar o presente?

– Hoje a tarde é livre. Todo mundo pode dar uma volta pela cidade. Vocês podem ir de carro próprio, ou com o ônibus.

– Ah, entendi!

Como atrasamos no almoço, já não dava tempo de tomar banho com sossego e aproveitar a saída do ônibus. O centro comercial da cidade não ficava longe, e resolvemos sair com o Palio.

Para quê?!?

Por causa de um desencontro tolo na cidade, os ânimos exaltados da manhã voltaram com carga dupla. E acabamos discutindo. Sorte que eu já havia escolhido o presente para o casal! Mas a verdade é que nossa tarde ficou estragada. *Que desperdício!...*

Algumas vezes, nosso relacionamento parecia um campo minado, não parecia uma situação normal. Aliás... não era mesmo uma situação normal, sabíamos que éramos alvo. Nosso noivado tinha que acabar de qualquer jeito, no entender dos nossos inimigos!

E que falta de sensatez nossa, não sabíamos exatamente como resistir àquelas situações. Brigar num encontro de casais era realmente o fim da picada!!! Não tinha o menor sentido, eu amava Eduardo, Eduardo me amava, e estávamos ali justamente em busca de aprimoramento... que coisa indescritível.

Não conseguimos nos entender e voltamos para o hotel. Eduardo me largou sozinha, e passei o resto da tarde no lago, chorando. Nós dois éramos culpados e inocentes ao mesmo tempo.

Inocentes, porque pontos vulneráveis da nossa alma eram tocados. Tanto eu quanto ele nos desestabilizávamos ao mesmo tempo. E culpados, porque dávamos vazão à carne, sem retroceder. Boas intenções não bastam!

Que situação difícil!...

E difícil para explicar. Não peço que ninguém compreenda, apenas que aceite como uma situação sobre a qual não conseguíamos ter controle! Ia totalmente além das nossas forças! Nosso desejo era acertar, agradar um ao outro. Mas como parecia ser impossível atingir esse objetivo naqueles delicados e terríveis momentos!

* * *

À noite, Eduardo jantou sozinho. Não dá para acreditar, não?! Fiquei no quarto até quase dar o horário da palestra.

“Ele me largou, foi comer sem mim: pois que coma sozinho, então!”

Foi duro arrumar ânimo para ir à palestra da noite, da Pastora Ruth. Eu estava muito triste e queria que Eduardo se sentisse culpado por ter me tratado mal. Fiquei dando voltas e mais voltas no quarto. Inquieta, abri a janela, senti o ar fresco da noite, escutei ao longe o som de música.

Por fim, repensei e resolvi sair. Desvencilhei-me de perguntas e acabei entrando no salão da palestra no horário justo de começar.

“Acho que ninguém vai reparar se eu sentar aqui atrás...”, pensei comigo mesma ao vislumbrar a cabeça de Eduardo lá na frente.

Eu não queria ter que dar o braço a torcer, sentando ao lado dele. Ele tinha me largado! No entanto, se as pessoas percebessem, iriam, no mínimo, achar muito estranho que estivéssemos tão distantes.

“Ele me largou sozinha, fiquei sozinha à tarde toda, chorando *sozinha*!”

E aquilo me doía no coração.

Por fim, resolvi ir até lá. Tudo o que eu queria era ficar de bem com Eduardo novamente, mas sem ter que dar o braço a torcer, sem ter que voltar atrás! Quem diz que eu conseguia tomar uma atitude mais conciliatória? Aquilo era muito difícil para mim...

Mesmo querendo, não conseguia agir diferente. Quando a raiva de Eduardo passava, ele tentava ser bonzinho, mas, antes que isso acontecesse, ele usava todo tipo de frases erradas, em cujo fundo havia sempre aquele tom acusativo.

Sentei-me ao lado dele já no início do Culto, exatamente para não dar tempo de nenhuma manifestação mal colocada. Meu rosto demonstrava exatamente o que eu sentia, não estava acostumada a fazer *tipo*. E não gostava daquela situação!

Ao final da reunião da noite, Eduardo estava mais ameno. Tratou-me bem, abraçou-me e, embora eu estivesse chateada ainda, o tom de voz amoroso terminou por dobrar meu orgulho. Sempre que Eduardo falava com sabedoria e mansidão conseguia de mim o melhor.

Fomos conversar sentados no corredor, perto da porta dos nossos quartos. Os casais da Igreja passavam por nós, cumprimentavam, entravam e saíam. Por fim, foram dizendo boa-noite, e só sobramos nós dois sentados no corredor perto da porta, falando baixinho para não incomodar ninguém. Nos aceitamos plenamente, e continuamos conversando outros assuntos.

– Olha... – disse por fim Eduardo. – Acho que Deus realmente tem apurado o Dom que me deu. Eu é que tenho sido negligente em não dar atenção àquilo que Deus sinaliza.

Olhei para ele com atenção:

– Por quê? Que foi que aconteceu?!

– Não foi nada. Tá tudo bem agora.

– O que foi, Eduardo? Que aconteceu?

– Eu não sei lidar com isso – murmurou Eduardo sacudindo a cabeça. – Deus precisa me ajudar!

– Sim, mas... que foi agora? – indaguei novamente, muito apreensiva.

– De manhã cedinho, eu senti *opressão*... sabe, não me pergunte o que é essa “opressão”, porque não sei dizer. Só sei que é, entende? Era como se Deus avisasse de uma armadilha! Deus avisou, eu não liguei. De manhã, conseguimos estar imunes porque fomos pro Culto, pra palestra, logo de cara. Não sei se você se lembra, mas logo cedo quase brigamos. Só que, à tarde... acabamos brigando mesmo... é tão claro que as nossas desavenças têm também esse forte contexto espiritual! E depois, não sei... este lugar não está leve, é como se fôssemos... *intrusos*!

– De certa forma, somos mesmo... este lugar não foi separado só pra nossa Igreja, nós é que estamos ocupando um lugar que é do mundo! Mais ou menos por aí, sabe?

Eduardo sacudiu a cabeça várias vezes.

– Não, não, não... não é isso que estou falando. Quero dizer, o *ambiente* não está bom. Espiritualmente falando. Nós somos intrusos de verdade! Entende?

Baixei os olhos, insatisfeita. Suspirei com força, deixando o ar fluir dos pulmões ruidosamente.

– Poxa, Nenê... caramba! Por que você esconde essas coisas de mim? O que precisa acontecer pra você falar?! Como posso saber se você não me diz nada?

Eduardo fechou os olhos, ergueu uma das mãos:

– Eu sei, eu sei... você não precisa falar mais nada. Eu errei. Relativizei de novo. Achei que era coisa da minha cabeça.

Virei para ele com firmeza.

– Mas não é! *Não* é coisa da sua cabeça, será que você não percebe? Deus não tem te dado prova suficiente? No fundo, no fundo, quando vêm essas sinalizações você não sabe que são *verdade*! Sabe ou não sabe?

Ele assentiu.

– Sei. Mas parece que minha mente se recusa a aceitar esse sobrenatural. Estou aprendendo!

– Olha... daqui pra frente, não deixa de me falar. Quando Deus te mostra algo, é pra gente orar, e não ignorar. Temos que orar na hora, não podemos deixar pra depois, pro dia seguinte, porque pode ser tarde pra isso. Entende? Temos que tomar posição! Se Deus fala, é porque quer uma *postura* da gente!

Eduardo fez uma carinha de quem aprontou e não quer mais levar bronca. E falou com ar sorridente e de quem pede desculpas ao mesmo tempo:

– Tem mais uma coisa...

– O que?

– Senti opressão de novo agora à noite, durante a palestra. Mas não era como de manhã. De manhã, Deus estava sinalizando uma armadilha contra nós... e nós caímos nela, infelizmente... já foi. Mas agora à noite era um outro tipo de alerta, como se algo estivesse acontecendo, algo que precisasse da minha oração... *naquela* hora. Algo na sua casa – falou ele com cuidado.

Senti meu coração gelar.

– O quê? O quê?! Você ligou? Que aconteceu?! – minha cabeça tinha facilidade para imaginar montes de coisas horríveis *em flashes*.

– Calma, eu liguei. Liguei assim que acabou a palestra, enquanto você falava com Dona Clara. Está tudo bem, calma. Foi o Wolfi que caiu do telhado.

– O Wolfi?! – meu ar certamente era de horror. – Mas como ele está? Como foi que isso aconteceu?

– Calma, está tudo bem. Aconteceu agora à noite, durante a palestra, mas graças a Deus ele não se machucou. Está bem. Foi só um susto.

Eu já estava à beira das lágrimas por causa do meu cachorro.

– Ah, meu Deus! Foi como da outra vez. Mas que falta de sossego! Por que aconteceu isso?

– Olha... você sabe que se eles não puderem nos atacar de frente todas as vezes, vão atacar à nossa volta. Vão procurar nos desestabilizar emocionalmente. Quando nos desestabilizamos, então vem outro golpe, mais certo. É assim que funciona! Você sabe que também comprou uma briga com o Inferno, Isabela! Eles não te querem ao meu lado, sabem que você tem sido companheira, amiga, tem incentivado a orar, a buscar as Ministrações. Vão procurar te derrubar também! Se derrubarem você, fica mais fácil me derrubar também. O que aconteceu com o Wolfi é só pra desviar sua atenção, pra fazer você ficar deprimida, questionando

valores, questionando Deus. Questionando a *proteção de Deus*! Esse não é o principal golpe!

Enxuguei duas lágrimas, com a cabeça baixa. Certamente, o diabo sabia como mexer comigo. Uma das maneiras mais fáceis e rápidas era provocar uma briga com Eduardo. Ou com meus familiares. Outra era tocar nos meus animais.

Eduardo tentava me animar:

– Mas, veja, o cachorrinho está bem. Os demônios tentaram, mas Deus não permitiu que nada de pior acontecesse.

– É – resmunguei passando a mão no nariz.

Ficamos em silêncio algum tempo, enquanto Eduardo segurava minha mão. Fiz a pergunta que me incomodava:

– Você orou? Orou quando sentiu o aviso de Deus? – Eduardo também estava triste consigo mesmo.

– Não. Não orei. Mas fiquei com aquilo na cabeça e fui ligar pra sua mãe assim que pude.

– Bom, Eduardo... eu não posso fazer isso por você. Você vai ter que resolver se vai dar atenção, ou não, ao que Deus fala – não falei mais nada.

– Eu sei. Isso não vai mais acontecer. Vamos orar agora?

Balancei a cabeça seguidas vezes, meio contrariada.

– Vamos – concordei.

Foi o que fizemos. Depois disso, parece que a exaustão tomou conta de nós. Tanto eu quanto ele já estávamos mais para lá do que para cá. Eu sabia lidar melhor com o cansaço, mas Eduardo já nem conseguia manter os olhos abertos. Com o tempo, mas aprenderíamos que o cansaço mais intenso é aquele que vem como fruto de sobrecarga espiritual.

O Reino do Espírito se movia à nossa volta, muito mais real do que o Reino Físico. O Reino Físico, o que é? Pura ilusão! Pessoas correndo atrás do vento, perseguindo a felicidade, os bens materiais, a beleza, a prosperidade financeira, o sucesso... coisas que passam!

O Reino Espiritual, ao contrário... é eterno!

Ele se movia, era vivo, palpável. Nossos olhos ainda não viam bem, nosso espírito não captava bem os sinais espirituais. Nossa mente não compreendia o sobrenatural nem os propósitos de Deus. Mas algo muito sério estava sendo armado em torno de nós, ainda que não pudéssemos ver e, na maior parte das vezes, perceber.

Às vezes, Deus permitia que uma fagulha de tudo aquilo chegasse ao nosso conhecimento. Por quê? Por quê?

Não porque Ele não fosse suficientemente Poderoso, ou porque gostasse de contemplar nosso sofrimento. Mas aquilo era o início de um lapidar, o início de um treinamento.

Começamos a entender que quando Deus mostrava algo Ele queria, na verdade, a nossa *participação*. Seria muito fácil para Ele resolver tudo sozinho. Mas isso não traria nenhum conhecimento, nenhum *aprendizado* para nós.

Beijei Eduardo rapidamente e fui para o meu quarto, pensativa.

– Vê se descansa, Nenê.

Entrei, escovei os dentes olhando para mim mesma no espelho. Então fui deitar. Demorei a dormir, dormi mal, como sempre. Dormir fora de casa era horrível!

* * *

No domingo – o último dia do encontro – acordamos cedo.

– Nenê? Nenê!? – eu chamava Eduardo pela sacada do meu quarto, onde batia um sol forte já desde cedinho.

Ele abriu a porta de madeira que dava acesso à sua própria sacada. Abriu logo o sorriso:

– Oi, Gatinha! Você já tá acesa?

– Acabei acordando antes... então imaginei que você já deveria estar em pé. A gente pode tomar café mais cedo e dar uma voltinha por aí.

– É mesmo, né? Foi tudo tão corrido e aqui é tão grande! Vamos explorar um pouco.

– Você descansou? – Eduardo fez ar de alívio:

– Descansei. E você?

– Mais ou menos. Deu pro gasto.

– Peraí! Deixa eu tirar uma foto sua aí na sacada.

– Tá bom, pega lá a máquina.

Eduardo correu para dentro e voltou com a câmera. Ele tirou minha foto, e, depois eu quis tirar a dele. Primeiro, gastei vários segundos vendo qual seria o melhor ângulo e a melhor vista.

– Quando você estiver pronta, avisa, hein? – caçoou Eduardo por causa da minha demora.

– Calma... Ok! Vou bater!

Eduardo fez pose com a perna em cima da balaustrada e o muque estendido.

– Como você gosta de fazer pose!

Terminada a sessão de fotos, fomos para o refeitório. Nós já sabíamos o lugar onde o pessoal da Igreja ficava. Tomamos nosso café e fomos dar nossa voltinha por ali mesmo. Embora fosse tudo muito grande, cheio de cantos para explorar, iria ficar para depois do Culto. Não dava tempo.

– Oi, Dona Clara! Oi, seu Benito! – cumprimentamos ao sair do refeitório. – Estão indo tomar café?

– Sim, estamos.

– A gente vai dar uma rodada por aí. Até mais!

– Até mais. Andamos um pouco pelo jardim, observando os canteiros, as peças decorativas...

– Como tem mosca nesse lugar, não? – comentei. – É impressionante! Nunca vi nada igual.

– O mais engraçado é que não tem motivo, já reparou?

– Pois é. Não tem lixo, não tem nada pra atrair tanta mosca assim. Até na piscina, lembra?

– Lembro. E ali só tinha água, cadeiras de sol... realmente é estranho. Será que é da região, ou da época?

– Sei lá. Só sei que elas incomodam mesmo.

Em determinado local, uma espécie de salão ao ar livre, havia enormes vasos ornamentais pesadíssimos. Foi Eduardo que chamou minha atenção, após observar um pouco.

– Olha só isso, Isabela... – murmurou com espanto.

– O quê?

Discretamente ele apontou os desenhos em alto relevo, em toda a borda dos vasos. Olhei, e entendi logo.

– Puxa... é o que estou pensando?

– É. Isso não está aí por acaso.

Eram cenas de uma Festa Ritual, com símbolos subliminares entre elas.

– Ah! Às vezes tá aí por acaso. Esse é um hotel do mundo! Não viaja!

Eduardo continuou olhando. Eu não liguei muito, porque nada provava que aquilo tinha sido colocado ali de propósito.

– É. Mas ontem de manhã Deus mostrou que esse ambiente não estava leve. Mesmo sendo um hotel do mundo. A questão não é essa, tem alguma coisa a mais aqui. Alguma coisa forte...

– Bom... então vamos sair daqui! Tendo ou não, o Culto já vai começar. A gente poderia orar um pouco lá no salão, antes de começar.

– Tá bom. Vamos sim!

Entramos no nosso salão, sentamo-nos na frente, num dos cantos. Estavam arrumando a aparelhagem de som, e as pessoas iam chegando aos poucos. Logo alguém começou a dedilhar o violão, sozinho, melodiosamente. Aquela melodia entrou em nossos ouvidos, o lugar estava relativamente silencioso ainda.

– Vamos orar? – perguntou Eduardo.

– E como oramos? Em que sentido?

– Não temos que guerrear contra ninguém. Se aqui existe algo mais, estamos no território dele.

– Puxa, mas e se for verdade?

– Temos somente que pedir proteção pra nós, pros filhos de Deus que estão aqui.

– Será possível que viemos parar num lugar que tem alguma coisa a ver com o Satanismo?

– Não que aconteça algo *aqui*. Mas, o dono... ou os donos... sei lá!

– Não vamos ficar achando nada. Vamos orar!

Foi o que fizemos, no embalo da melodia. Eduardo pediu que se houvesse algo que o Pai quisesse mostrar, que o fizesse. Talvez nós não tivéssemos visto aqueles objetos por mero acaso, e o Senhor tivesse um propósito nisso. Pedimos também proteção e livramento para todos nós que participávamos do congresso.

– Amém! – falei, ao fim da oração.

Eduardo ainda permaneceu de olhos fechados, absorto, com uma expressão diferente no rosto, difícil de descrever em palavras. Eu olhava para ele, nossos ombros se tocavam e nós nos apoiávamos com os cotovelos nos joelhos. Esperei que ele se manifestasse, sem querer quebrar sua introspecção.

Quando abriu os olhos e me olhou, murmurei a pergunta:

– Que foi? – eu sempre sabia quando tinha acontecido algo, quando o Senhor falava algo.

– Eu disse que não iria mais relativizar... quando a gente estava orando, era como se Deus dissesse que aqui neste lugar, neste hotel, tem algo espiritual realmente. Algo relacionado à Irmandade. As moscas não são por acaso.

Eu estava espantada:

– Por quê?

– Sabia que Belzebu é também chamado de “senhor das moscas”? Uma espécie de linguagem popular.

– É?

Eduardo explicou rapidamente.

– As moscas são um sinal da contaminação espiritual deste lugar, não da contaminação física, do acúmulo de lixo.

– É, porque *nem tem lixo*.

– Sabe, quando eu servia a Irmandade, as moscas não nos tocavam. Às vezes, havia churrascos enormes em fazendas, ao ar livre... e não tinha uma só mosca!

Fiquei admirada.

– Caramba...

– O Senhor também disse que eu preciso ligar pra casa.

– A sua?

– A minha.

Até eu duvidei um pouco naquele instante. Aquilo tudo era tão diferente para nós dois...

– Eduardo, pensa bem... você tem *certeza*? Tem certeza do que está falando? Ele fez que sim com a cabeça. E acrescentou:

– Tenho!

Saiu para ligar, tal era a sua convicção. Quando voltou, o Louvor já tinha começado. Perguntei apenas o que interessava naquele momento:

– Tá tudo bem? Ele apertou minha mão.

– Tá.

Continuamos louvando, de mãos dadas, e eu não perguntei mais nada. Poderia ficar para depois. O Culto foi bom, a palestra igualmente. Certamente que os casais iriam sair renovados. Nós, pelo menos, estávamos sendo edificadas. Ao final da manhã, terminada a Palavra, os Pastores nos informaram que iriam fazer uma coisa diferente para encerrar o encontro.

– Nós vamos ungir as alianças dos casais como um símbolo da entrega e consagração desses relacionamentos ao Senhor. Que Ele os capacite a serem transformados! Claro que ninguém é obrigado a participar, mas os casais que quiserem receber essa oração especial e a unção das alianças, podem ir formando uma fila ali no corredor da esquerda. Deus os abençoe!

Alguns casais já foram levantando e formando fila. Olhei para Eduardo, a pergunta nos meus olhos:

– Nós também vamos, né?

– Acho que sim, não faz mal que não somos ainda casados. Vamos consagrar o relacionamento da mesma forma, e esperar pelo casamento.

Sorri abertamente.

– Isso!

Fomos então nos postar também na fila. Ela caminhava morosa porque cada casal estava recebendo uma oração específica do casal de Pastores ali na frente. O ambiente estava gostoso, o Louvor continuava baixinho, os casais permaneciam abraçados na fila, em clima de harmonia, de serenidade. Alguns oravam juntos antes mesmo de chegar a sua vez de serem ungidos.

O clima estava fresco dentro do salão por causa do ar-condicionado, mas o sol passava por baixo das grossas cortinas fechadas em toda extensão da parede esquerda. Ali, também, eu e Eduardo estávamos encostados, de mãos dadas, esperando. Oramos um pouco agradecendo a Deus um pelo outro, por estarmos juntos, por podermos caminhar lado a lado. Pedimos que o Senhor protegesse o nosso relacionamento, ajudasse nas dificuldades naturais *e* espirituais, além de permitir o casamento em breve. Nos consagramos e oferecemos a Deus o nosso noivado.

Então chegou a nossa vez.

Colocamo-nos defronte ao casal de Pastores, que sorriram e começaram a orar por nós. Baixei a cabeça, Eduardo também; cerramos os olhos e ficamos concordando com a oração deles. Reconhecíamos a importância daquele momento...

Quando terminaram, todos nós abrimos os olhos. Então eles pediram para a gente estender a mão direita, onde estavam nossas alianças. Tornei a fechar os olhos quando senti o óleo tocar minha pele, colocado pelas mãos da Pastora. O Pastor fazia o mesmo com Eduardo.

– Amém! – dissemos todos.

Voltamos para o nosso lugar. Eu caminhei na frente, e ele, atrás de mim; assim que nos sentamos olhei para Eduardo, sorrindo, satisfeita... e notei *aquela* expressão no rosto dele! Aquela expressão que já estava se tornando frequente.

– Que que foi, Nenê? – perguntei baixinho e com voz suave. Não queria quebrar a docilidade daquele momento.

– Isso é bom... – respondeu Eduardo por fim, balbuciando.

Ele olhava para frente, incapaz de falar, as lágrimas pensando já em escorrer... e seus olhos percorriam o púlpito. Fiquei quieta por um pouco, mas voltei a insistir, plácida.

– O que foi que você viu? – eu estava adivinhando.

Ele olhava, olhava, e chorava. Senti um nó na minha garganta também. Baixei a cabeça, esperei, ainda orando em línguas e aproveitando o mover do Espírito Santo. Então Eduardo também se inclinou, orando um pouco mais, sozinho.

Por fim, quando olhei de novo, ele já estava mais recomposto, tinha enxugado as lágrimas. Eu não aguentava de curiosidade, praticamente antecipando o que ele iria me dizer. Ainda tinha gente na fila, por isso, cheguei bem perto, passando meu braço pelo dele, e indaguei ansiosamente:

– Que foi? Que foi, Nenê?! O que você viu? O que?!?

Eduardo ainda olhou novamente para o púlpito, de relance, e respondeu:

– Eu vi... eu vi *quatro anjos*!! – e quase começou a chorar de novo.

– Quatro?! Ai, Nenê, que coisa! Me conta, me conta!

– Bom... o primeiro estava mais ou menos ali... naquele canto do púlpito...

– Mas você viu assim, sem mais nem menos? Do nada? Conta direito!

– Quando os Pastores começaram a ungir as nossas alianças, eu estava de olhos fechados, normalmente. Então, de repente, eu senti que minha vista foi iluminada, sabe?

– Quer dizer, você abriu os olhos?

– Não... sabe quando você está de olhos fechados e alguém acende a luz? Dá pra sentir que a luz acendeu, mesmo sem abrir os olhos, não é? Foi assim, me pareceu que alguém tinha aberto as cortinas ali da janela, e a luz do sol bateu no meu rosto. Senti aquele calor no rosto, como se o sol realmente estivesse batendo em mim... – fez uma pausa, relembrando as recentes sensações, com os olhos distantes. – Não... não era como o sol, não era como o calor do sol... não sei... era um calor diferente!

– E aí? – eu até atropelava as palavras.

– Aí eu comecei a sentir uma sensação... que não sei descrever... uma tranquilidade, uma sensação de aconchego... da presença de alguém... muito difícil de traduzir. Algo bom... algo bom... uma presença forte!

– A presença de alguém?...

– Não sei... sabe quando alguém passa perto, bem perto, e você sente aquele ventinho, o deslocamento de ar causado pelo movimento do corpo da pessoa? A diferença é que esse ventinho vinha... mas de forma constante... como se algo estivesse vindo. Simplesmente *vinha*! Parece que aquela “brisa suave” me atravessava, não sei dizer, porque não era só no rosto, eu sentia nas costas, nos braços... no corpo todo.

– Você imaginava que era um anjo? – meus olhos estavam bem abertos.

– De jeito nenhum... pensei que fosse o efeito da oração! Mas então abri os olhos... e vi que ninguém tinha mexido nas cortinas. – Eduardo fez força para segurar as lágrimas outra vez. – Aí eu vi...! Vi uma luz forte, enorme, e ela foi formando um vulto. Um vulto muito grande; e então, apareceu! Apareceu *mesmo*. Não sei dizer o que me impactou mais, se a sensação, ou se a visão propriamente dita.

Senti novamente a garganta apertar.

– Ele estava olhando pra gente... e sorria. Nem sei dizer! Acho que a mente da gente vai rodando muito rápido. Eu não conseguia acreditar! A primeira coisa que reparei foi no tamanho!

– Qual é o tamanho?

– Enorme!!! Não dá pra quantificar direito, mas certamente uns oito metros de altura, pelo menos. Eu forçava a vista, piscava. Será que eu estou *mesmo* vendo isso? Ah! Mas como eu vejo, e os outros, não? E pensava rápido, as ideias vinham. Então eles *existem mesmo*!! Finalmente, aquela visão distorcida da Irmandade caiu por terra. Eu já tinha visto aquele outro anjo na Igreja, mas ele parecia um homem. Esse era totalmente diferente! Aí vi que não tinha asa, não tinha, que coisa!

– E como era o rosto?

– Eu não pude ver bem, por causa do brilho. Brilhava muito, mas, de novo, não era como o brilho do sol, não ofuscava! Mesmo assim, não dava para ficar olhando muito tempo.

– Você disse que ele olhava pra *gente*? – eu não sabia bem como perguntar. – Pra *mim também*?? – Aquilo era muito importante.

Eduardo nem pestanejou, nem entendeu minha pergunta:

– Sim, claro. Pra nós dois! E ficou claro pra mim que ele estava satisfeito com o que a gente estava fazendo.

Uma ou duas lágrimas correram pelas minhas faces. Como aquela manifestação de amor do Pai aquecia os nossos corações!

– Ele estava satisfeito? – perguntei tolamente.

– É... – respondeu Eduardo em tom de voz quase infantil. – Era como se dissesse que nós estávamos tomando a decisão certa.

– Como se Deus confirmasse a nossa aliança, é isso?

– É.

Eduardo fez nova pausa.

– Continua! – incitei.

– Então ele disse: “Deus não tira nada sem dar em dobro”.

– Poxa... – estava tão extasiada com o relato.

– Aí ele fez um gesto... ergueu o braço e apontou na minha direção, sempre olhando pra mim. Depois, deslizou o braço na direção do púlpito... e apontou pra lá. Imediatamente, eu entendi o que ele estava querendo dizer; é engraçado isso... o entendimento vem como uma claríssima revelação no espírito... queria dizer que eu iria estar ali.

– No púlpito?!

– É... estranho isso. Eu nunca quis... não quero! Aí eu lembro que pensei: “No púlpito? Eu? Não... ali é um lugar muito desprotegido, é muito arriscado”. E foi como se ele pudesse ler meus pensamentos. Então sorriu de novo, fez um gesto, apontou para o púlpito de novo. De repente, rápido, foi como se uma cortina invisível fosse puxada... ela foi puxada, e minha visão abriu mais... então vi mais três anjos lado a lado, grandes como o primeiro! Eram guerreiros!... Todos eles! – exclamou Eduardo com a voz embargada. – O que mais me tocava era aquela sensação da presença deles... uma coisa muito, muito forte... um Poder muito grande!

Eu olhava para ele, olhava e tentava absorver tudo o que Eduardo estava dizendo.

– Por que você diz que eram guerreiros?

– Porque o peito deles brilhava tanto, como um espelho... como o sol batendo num espelho, e dava a impressão de que era a armadura que refletia aquele brilho.

– Nossa, que coisa mais linda! Que coisa linda!

– E não é só isso, era como se eles estivessem ali observando tudo, protegendo.

Na época, Eduardo não entendeu porque o primeiro anjo revelou os outros.

Anos mais tarde, tendo aprendido com o Senhor, Eduardo compreenderia melhor aquele gesto. Diante da sua reação temerosa em expor-se num púlpito, abraçar um Ministério, diante do risco que isso representava, o Senhor mostrava que poderia cercar aquele lugar com anjos.

Mas, naquela manhã de domingo, nem eu nem ele compreendemos exatamente tudo o que acontecia. Apenas uma coisa ficou latejando no coração: aquilo parecia ser um chamado. Um chamado de Deus para um Ministério que nós ainda não conhecíamos. E que certamente envolvia um risco, caso contrário o Senhor não se daria pressa em mostrar a proteção. E eu fazia parte disso também, de uma forma ou de outra, porque Deus confirmava a nossa aliança!

Saindo do Culto, nós ainda estávamos meio zonzos com o que acontecera. Eduardo estava alheio a tudo em derredor, tendo que ser chamado várias vezes para prestar atenção ao que eu dizia. Da minha parte, uma alegria enorme e uma satisfação me invadiam. Toda hora, voltávamos a comentar o ocorrido.

– E como foi que eles sumiram?

– Não sei. Num piscar de olhos. De repente, não estavam mais lá... aquela sensação do início, da presença deles, foi diminuindo aos poucos, como se eu estivesse sendo levado de volta à realidade. Mas eles continuavam lá, apesar de eu não poder mais ver nem sentir.

– Puxa... isso é tremendo, né?

– Deus trouxe um recado, o recado foi dado. Ele aprova a nossa união... e está preparando algo... algo Ministerial!

Fiquei quieta, pensativa. Depois, indaguei:

– Mas o que será? Será que Deus quer que você seja Pastor?!

– Não sei. Só sei que ele apontou o púlpito. É meio vago, né? Pode ser tanta coisa. Eu entendi que é algo Ministerial.

– E você conseguiu ver o rosto dos outros?

– Não. Brilhava muito. Não dava pra olhar muito tempo.

– E o primeiro? Você conseguiu ver?

– Ele estava mais perto, embaixo, na frente do púlpito, de frente pra mim... não pude ver os detalhes do rosto, apenas o sorriso... e, puxa... ele era *ruivo*! Taí uma coisa que eu nunca iria imaginar! O anjo era ruivo.

* * *

Passou o encontro.

Quando compartilhamos com Dona Clara a visão e o recado dos anjos, ela ria à toa, satisfeita, em júbilo.

– Deus é bom! – repetia ela. – Glória a Deus!

Nós dois também ríamos por tudo e por nada, animados, um atropelando o outro na hora de contar.

– Puxa, Deus atendeu meu pedido! Eu vi anjo, Dona Clara! – exclamou Eduardo novamente.

Dona Clara riu de novo.

– Não é mesmo, “Bem”? Ele sabia que você precisava de uma experiência assim!

– Isso dá um outro ânimo pra gente!

– Ah, mas teve mais coisa. Conta pra ela, Nenê!
– É verdade. Não sei se a senhora notou algo estranho naquele lugar, mas... não sei dizer, parece que Deus me sinalizou alguma coisa.

Interrompi-o:

– Ele está dizendo “parece”, mas não foi bem assim, Dona Clara! É aquela mente racional dele tentando negar que Deus está lhe dando um Dom de Discernimento!

Dona Clara concordou. Olhava para Eduardo sorrindo, sem recriminá-lo.

– Para de fazer isso, menino! Deus está falando com você!

Então Eduardo contou tudo. Da sensação de opressão, da armadilha que nos tinha sido criada, dos vasos ornamentais, das moscas, do tombo do Wolfi...

– E não foi só isso. Antes do último Culto, Deus me disse pra ligar pra minha casa. Nós tínhamos orado, pedindo proteção, se realmente havia influência espiritual maligna ali. E que se Deus tivesse algo a mostrar, se aquilo não era uma “viajada”, que confirmasse a minha impressão. Foi aí que senti a direção de ligar pra casa.

Dona Clara ouvia com atenção, apenas murmurando, absorta no relato.

– Há... há...

– Pois é... aí foi mais estranho ainda. Eu liguei mais por desincumbência de consciência, porque não imaginei realmente que pudesse haver nada de importante... – Eduardo sorria, como que se desculpando por sua atitude incrédula.

– Tá vendo só, Dona Clara? – retruquei.

– Então falei com minha mãe, e em casa estava tudo bem. Mas já tinham telefonado pra lá duas vezes e deixado um recado que ela não entendeu.

– Sim – fez Dona Clara.

– Eu entendi o que eles quiseram dizer. Em suma: alguém ligou duas vezes perguntando se eu já havia telefonado pra casa. Minha mãe falou que não, então a pessoa disse que quando eu ligasse, que me fosse transmitido o seguinte recado: “Se ele não foi bem recebido na nossa casa, a culpa não é nossa”.

– Hummm... – fez novamente Dona Clara, entendendo tudo.

Em momento algum, ela tratava aquelas informações com pouco caso, de maneira especulativa, sensacionalista ou leviana. Era isso o que a fazia totalmente confiável.

– O que a senhora acha? – indaguei.

– É, é realmente estranho.

– Será possível que aquele lugar tem alguma coisa a ver com a Irmandade? Como é que *pode*? Seria terrível o encontro ter sido feito justo ali. Mas quando a gente pediu confirmação, Deus mandou telefonar... e alguém da Irmandade tinha ligado falando justamente em “casa deles”.

– Quando o Senhor permite que coisas assim aconteçam, são pra nos ensinar. Não houve muita oração no sentido de procurar o melhor lugar. Pode ter havido um engano. Mas quando a gente cai numa armadilha, é pra aprender a não cair de novo.

– A senhora notou aqueles vasos no salão de fora?

Para nossa surpresa, Dona Clara também tinha visto os tais.

– Eu notei, até falei pro Benito. Naquela noite, tive um sonho estranho, que estava num lugar com muita sujeira, muita sujeira. Que nós tentávamos varrer aquela sujeira, puxar com rodo, mas ela voltava. Mais alguém do grupo de oração teve sensações semelhantes em relação ao lugar, e estivemos intercedendo.

Suspiramos, eu e Eduardo. Dona Clara queria mais informações de cunho prático:

– Se de fato isso realmente aconteceu... e estivemos expostos... que tipo de coisa eles procurariam fazer contra nós?

– Ahh! Se foi mesmo, eles lançariam todo tipo de Encantamento pra que o encontro não tivesse qualquer fruto. Pra que fosse algo totalmente estéril. Certamente, também colocariam coisas na nossa comida, na bebida, pra ajudar a contaminar. Lançariam Feitiços e Maldições nos quartos, deixariam tudo bem preparado. Afinal, era território *deles*! O objetivo principal seria amaldiçoar os casais e famílias da Igreja.

– O Senhor tem Poder pra reverter isso. Se Ele revelou, mostrou as artimanhas do inimigo, cabe a nós pedir perdão pela nossa ingenuidade, em primeiro lugar. Depois, em segundo, pedir a restauração dos casais e o cancelamento de tudo que foi feito. E, numa próxima vez, temos que ser mais prudentes, aprender a ter mais visão, depender mais de Deus e da Sua orientação.

O assunto morreu ali. Fomos compartilhando outras coisas e outros motivos de oração pessoais. De qualquer forma, quer aquilo tivesse ou não afetado a Igreja, já tínhamos entregado o recado a Dona Clara. Ela poderia levar naquela informação à Liderança.

Nunca soubemos se alguma coisa prática foi feita, nem mesmo se aquela informação foi levada em consideração. Mas, coincidência ou não, nunca mais houve outro encontro de casais.

A intenção era que houvesse um por ano.

CAPÍTULO 18

Passou a semana. Entramos no mês de dezembro. Completamos três anos de relacionamento. A vida continuava normalmente. Ou melhor, “normalmente” dentro do possível. Era tão difícil a gente conseguir estar em paz por muito tempo, levar uma vida corriqueira! Nós queríamos levar uma vida *normal*, mas parecia ser isso impossível. Nossa realidade era tão diferente de todos os que nós conhecíamos...

Havia um fogo cruzado, uma manifestação estranha do Reino Espiritual, algo denso, inexplicável... e que sempre acabava por nos tomar de sobressalto, de forma quase sempre imprevisível. Havia algo em derredor, algo que não se cansava nunca, não desistia nunca, jamais retrocederia sem ter antes seu objetivo concretizado.

Quer quiséssemos aceitar... ou não!

Mas, agora, Eduardo começava a perceber com mais frequência as sinalizações de Deus. Duro era saber lidar com isso! Como naquela noite em que fomos ao Teatro. Foi para comemorar nosso aniversário. Compramos as entradas com antecedência, no começo da semana, pois estava em cartaz uma peça que já fazia tempo que me interessava. Fazia parte da nossa comemoração de três anos! Eu continuava adorando Teatro. Se bem selecionadas, a peça poderia ser um entretenimento bastante válido.

No começo, Eduardo não gostava.

- Como que uma coisa chata como Teatro pode atrair tanta gente?
- Porque Teatro *não* é chato!

Assim iniciado, Eduardo percebeu que vez por outra não era tão terrível assim, pelo contrário.

Naquela noite, Eduardo pressentiu algo nos acompanhando desde o minuto em que saímos de casa. Mais tarde, irritado, nervoso, a caminho do Fran's depois da peça, finalmente ele desabafou.

- Desde que a gente saiu de casa que sinto algo nos acompanhando...
- Algo? *Algo*?! Sei! O que você quer dizer com algo?
- Algo ruim.

– Sim, pois é, já entendi! – eu estava brava e indignada, meu tom de voz não ajudou. – E posso saber por que cargas d’água você *não disse nada*, Eduardo?

E continuei falando até chegarmos no Fran’s. Confesso que fui chata.

– Aliás... você ainda está sentindo que algo nos acompanha?

– Sim.

Oramos.

– Então...? – inquiri um tanto seca.

– Melhorou – respondeu Eduardo, com ar mais aliviado. – O ar está limpo agora!

Entramos para tomar o nosso infalível *cappuccino* com pão de batata. Mesmo assim, meu desapontamento não passou por completo. A questão agora já não era espiritual, mas uma reação natural da alma.

Eduardo procurou me animar, mas só fui melhorar mais tarde, em casa.

Foi uma semivitória...

* * *

Naturalmente que o Senhor queria ensinar algo a nós, senão não permitiria tantos ataques seguidos. Praticamente, a gente não conseguia passar uma semana sem ter problemas naquela esfera. Mês após mês, semana após semana. Era final de ano e estávamos cansados. Queríamos poder descansar, queríamos poder tirar a cabeça daquela história de guerra! Mas assim como ninguém aprende a nadar sem entrar na água... sem beber água... também ninguém aprende a guerrear sem entrar na guerra. Sem receber os duros golpes do inimigo.

Claro que não tínhamos a menor ideia de por que Deus não nos permitia descansar... vez por outra chegávamos a ficar meio desacorçoados. Por que Deus permitia aquilo?!

A maioria das pessoas já estava em ritmo de cruzeiro, pensando nas férias. Será que não haveria uma trégua para nós?...

Pelo visto, não.

Dois dias depois do Teatro, foi aquela incrível dor de estômago de Eduardo. No dia do aniversário da minha mãe, tínhamos saído para fazer umas compras. Precisávamos comprar um presentinho para Grace, Dona Clara e o intercessor Ricardo.

O passeio foi estragado pela dor e mal-estar. Voltamos para casa. Eduardo ficou mal a tarde toda, acabou tendo que deitar e dormir na cama do Marco. À noite,

tudo continuava igual, a despeito do medicamento.

Resolvi sugerir:

- Você não acha que devemos orar?
- Você acha que devemos?
- Mal não vai fazer, né?
- Tá bom – ele novamente se contorcia de dor. – Você ora?
- Eu posso começar. Mas depois você ora também, com a *sua* boca, tá?
- Tá.

Orei de maneira simples, pedindo que se houvesse alguma influência espiritual naqueles sintomas, que fosse cancelada. Pedi que Deus arrancasse todas as setas envenenadas do inimigo e protegesse Eduardo, cobrindo-o com o sangue de Cristo. E que o Senhor desse ordem aos seus anjos para guerrear a nosso favor.

– Amém!

Eduardo continuou em seguida, pedindo ele mesmo a proteção sobre si, o livramento, a recuperação.

– E então? – arrisquei.

Eduardo me olhava com ar de incredulidade.

– Passou.

– Passou? – eu não esperava ouvir aquilo.

– Passou.

– Passou mesmo?!

– Passou! – ele riu.

– *Incrível!*

E prestava atenção para ver se era verdade.

– Estou ótimo! Não sinto nada.

– Como nas outras vezes... não te disse?

– Puxa vida... não sei nem o que pensar...

– É mesmo, né? A gente precisa dar mais valor à oração. Levamos o dia inteiro pra chegar nisso. Mas agora vamos comer! Ainda sobrou bolo!

Através dessas pequenas coisas, Deus nos mostrava Sua Fidelidade, mostrava que estava ouvindo nossas orações, e que estava pronto a atendê-las. Bastava que nós nos decidíssemos a abrir a boca. Essa certeza seria muito preciosa no futuro.

Coisas assim viraram feijão com arroz. Parecia que conseguíamos, aos poucos, discernir melhor o Mundo do Espírito à nossa volta.

– Por que será que Deus permite isso? – a gente se questionava vez por outra.

- Não sei. Um propósito deve ter, né? Deus não há de querer que a gente só fique se estrepando!
- É verdade. Tem acontecido umas coisas bem diferentes, bem estranhas.
- Temos que ficar firmes. Uma hora a gente vai entender melhor.
- Já reparou que quando as coisas apertam, a gente se aproxima mais de Deus? De que outro jeito a gente iria ver Deus se mover? Já parou pra pensar nisso?
- É. Essas situações têm servido pra isso. Pelo menos pra isso.
- A gente começa a ver que o Poder de Deus é real *mesmo*, que Deus fala, se move, interfere! Hoje você já não vê Deus de maneira diferente? – perguntei eu.
- Vejo... com certeza. Você também, né?
- Também.
- Hoje eu percebo que não tem outra maneira de apreender certas coisas...
- A gente cresce no deserto. Essa é uma maneira de Deus lapidar o caráter. – eu nem precisaria ter dito isso, Eduardo também já estava percebendo por ele mesmo.
- Não é fácil! – acrescentei. – Mas essa é a maneira de Deus fazer algo novo em nós. E por nós!

* * *

E por falar em fazer algo novo, um pouco antes do Natal, haveria mais uma Ministração de Eduardo com a Grace. Certamente, aquela era também uma maneira de transformar todas as coisas velhas em novas!

* * *

Era difícil arrumar vaga para o carro naquele lugar, por isso fomos de metrô. A Grace costumava atender numa Igreja de fácil acesso pelo metrô.

Fazia já um tempo que não a víamos pessoalmente, embora ela estivesse a par de tudo o que nos acontecia. Pelo telefone, é claro, e quase sempre depois da meia-noite!

A cada dia, a cada encontro, a cada conversa Grace tornava-se uma pessoa mais cara ao nosso coração. E não perdia o lado maternal. Grace era especial, disso nós não tínhamos dúvida. Se por um lado Dona Clara era um pilar de aconselhamento, Grace era um pilar de guerra. E, mesmo sem querer, ela foi também uma “professora” para nós.

Uma parte do nosso aprendizado, talvez a parte mais substancial, veio como fruto das nossas próprias – e algumas vezes malfadadas – experiências. Todas elas, depois de bem compreendidas, acrescentavam um novo conhecimento. Outra parte do aprendizado veio através de Dona Clara e Grace, que utilizavam as suas próprias experiências para nos ensinar, mas também daquelas que Deus permitiu que todos nós vivêssemos juntos.

Dona Clara trabalhava com as experiências atuais; Grace, mais com as experiências antigas. E tudo isso somado trouxe para todos nós um aprendizado completamente novo.

Dona Clara ouvia nossas petições do dia a dia, nossos queixumes, nossas alegrias, nossas derrotas e conquistas. Era com ela que a gente podia falar de todos os aspectos de nossa vida pessoal, familiar, profissional, etc.

Já Grace enfrentou outro aspecto da guerra, a guerra de libertar Eduardo de todas as fortes amarras que o prendiam ainda. A guerra contra os verdadeiros filhos do diabo, o verdadeiro Satanismo, contra as mais altas hierarquias do Inferno. Ela viveu aquela história conosco! Cada detalhe, cada pormenor, mas sem alegrar-se com o sensacionalismo, muitas vezes entristecida por tudo o que Eduardo passara. Grace fez tudo praticamente sozinha ao longo daqueles anos, contando apenas com a ajuda de um intercessor nesses momentos.

Se pararmos para pensar, nada de estratosférico acontecia ali. Deus é simples, seu modo de agir é simples. Do início ao fim, a Ministração era uma grande oração em concordância, que clamava pela destruição de todos os envoltórios apresentados e a cura de suas consequências na vida de Eduardo. Era um processo lento justamente por ser muito específico, como passaríamos a perceber. Nada podia ser esquecido. O próprio Deus se incumbiu de nos mostrar que assim deveria ser. O Espírito Santo se movia tanto, e de maneira tão incontestável, que não restavam dúvidas sobre o caminho a seguir.

O ritmo das Ministrações era variável. Por vezes, ficávamos quase cinco ou seis horas seguidas, e tinha mais na semana seguinte. Outras vezes, passavam semanas, até meses, sem nada para ministrar.

Então Eduardo se lembrava de algo, comentava alguma coisa, e eu logo dizia:

– Precisamos contar isso pra Grace. Precisamos ministrar isso!

– Será? – Eduardo nem sempre estava muito animado.

Ele não teria condição alguma de fazer tudo de uma vez. Em Sua Sabedoria, o Senhor ia aprofundando as Ministrações aos poucos, na medida em que Ele sabia ser suportável a Eduardo. Normalmente, nós conversávamos antes, ele me contava

tudo, anotava os pontos importantes numa folha de papel, e nós íamos. Na expectativa, sim, e quase sempre com o coração apertado... mas confiantes na atuação do Senhor!

Cada Ministração era diferente da anterior, Deus sempre nos surpreendia!

Se Eduardo não tivesse se submetido ao processo de libertação, hoje talvez não estivesse mais entre nós. Havia muita legalidade em sua vida, mesmo após a conversão. Todas as práticas da Irmandade abriram grandes lacunas, que precisavam ser fechadas.

Todo pecado confessado é perdoado. O pecado ocultado, que desgraça! Cedo ou tarde seria a nossa ruína!

* * *

Chegamos no horário certinho, Grace já estava lá. Ela nunca atrasava, e nós a admirávamos pela pontualidade.

– Oi, Grace! – fomos chegando sorridentes e abaixando para beijá-la. Grace tinha um jeitinho especial de falar, uma entonação de voz diferente às vezes.

– Oi... como é que vocês estão? Tava com saudade! – a gente também!

– Ainda bem que sobrou um espacinho ainda neste ano, né, Grace?

– Pois é, eu tenho corrido tanto que vocês não fazem ideia – ela começou a contar sobre a Ministração da manhã. – Atendi um Pastor tão quebrantado, coitadinho! Com a vida arreventada... graças a Deus que o Senhor já está começando a restaurar. Deixa eu beber um pouco de água, vocês não querem? – Grace olhou no relógio. – O Ricardo ainda não chegou... vão entrando, que eu vou até o banheiro e já volto. Comi por aqui mesmo hoje, não tinha muito tempo.

Coloquei minhas coisas e as de Eduardo sobre uma cadeira, ao lado da sacolinha com as duas caixinhas de presente: a blusa de Grace e a camisa de Ricardo. Dentro da caixa, com a roupa, eu tinha colocado também um pequeno chocolate artesanal, com cartõezinhos de agradecimento. Ficava para depois da Ministração.

Eduardo foi com Grace pegar água no bebedouro e logo voltou, trazendo-me um copo e deixando o outro de reserva sobre a mesa. Era bom estar ali, mas, no nosso íntimo, havia aquela sensação de tensão porque o assunto abordado era pesado. Já tinha completado um ano desde o início das Ministrações de Eduardo.

Grace voltou, sempre falante, foi sentando após ajustar o ventilador mais na nossa direção. A saleta era pequena, sem janelas, e estava bem abafado. Havia uma

mesinha branca de plástico no centro, algumas cadeiras ao redor encostadas nas paredes.

– Eduardo, você não quer trazer mais uns copos de água pra deixar aqui?

Eduardo foi e voltou, colocando mais três copos d'água sobre a mesa, ao lado do rolo de papel higiênico. Água e papel higiênico eram indispensáveis para a Ministração. Dava sede, e não se pode ficar saindo a toda hora para beber água. E lágrimas sempre faziam parte, por isso o papel. O costumeiro cestinho de lixo, já conhecido de Eduardo, estava bem ali, estrategicamente posicionado.

Sentamo-nos lado a lado, eu e Eduardo, de frente para Grace, que cruzou a perna e olhou para nós, sorridente:

– Mas, então, e vocês? Como é que estão as coisas?

– Bom... – respondeu Eduardo. – As principais coisas foram aquelas que já te contei pelo telefone. De lá pra cá está tudo tranquilo.

Ela nunca tomava postura de dona da verdade, ou de quem sabe tudo por ter um Ministério já tão antigo voltado para a Batalha Espiritual. Ouvia com atenção e sua admiração pela ousadia dos Satanistas era verdadeira. As informações que Eduardo trazia, ao que parece, eram valiosas para Grace.

– ... e foi assim que aconteceu... depois disso...

Grace o interrompeu de repente, com um gesto muito particular dela:

– Vamos orar pedindo pro Pai selar esse lugar... Pai, em nome de Jesus envia todos os anjos necessários pra esta tarde, pra esta Ministração, todos, todos, todos os que vamos precisar. Cerca com paredes de fogo esta sala, com carpetes de fogo, teto de fogo! Sela esta nossa conversa, cada palavra que for dita aqui, que seja encoberta no Reino Espiritual. Mandamos embora agora todo espião, todo demônio, Principado ou Potestade que possa ter acompanhado Eduardo, ou Isabela, ou a mim. Torna este lugar invisível no Reino Espiritual, e nada, nada, nada do que formos falar caia em mãos do inimigo.

Mesmo de olhos fechados, ouvimos Grace levantar da sua cadeira e pegar seu frasquinho de óleo, aproximando-se de nós.

– Pai, entregamos esta mente a ti! – disse ela passando várias vezes a mão sobre a cabeça de Eduardo, ungindo-o vigorosamente. – Faz com que ele se lembre de cada coisa que for importante, que ele possa colocar tudo nas Tuas mãos. Fortalece esse Teu filho, e traz o genuíno arrependimento nesta tarde.

Eduardo orava baixo, com as palmas das mãos estendidas, em sinal de submissão e recebimento. Seu rosto contraído demonstrava sua convicção da presença do

Espírito Santo e dos anjos. Eu orava com ele, a maior parte do tempo em línguas, intensamente.

Então Grace aproximou-se de mim:

– Guarda essa Tua filha, nós agradecemos porque o Senhor colocou Isabela junto de Eduardo, para que ele não caminhasse sozinho. Muito, muito obrigada! E agora eu peço que o Senhor dê a ela a unção necessária pra interceder hoje de acordo com a Tua Vontade, meu Pai! Muito obrigada. Amém!

As orações de Grace eram curtas, intensas, sem muitos arroubos de vocabulário, simples como quem conversa, como quem sabe da autoridade que tem em Cristo e não precisa ficar repetindo e repetindo as mesmas coisas. Nunca gritava. Esse era o seu jeito.

Abrimos os olhos e ajeitamos o cabelo, despenteados pelas mãos de Grace durante a unção. Limpamos o óleo da testa, e ela foi novamente sentando:

– Vamos começar. Ricardo está atrasado, mas ele deve chegar.

– Ele falou que vinha? – perguntei, preocupada que não houvesse um intercessor “de verdade”. Eu não me considerava intercessora, embora orasse todo o tempo com toda a força que tinha, sentindo a dor de Eduardo junto a ele.

– Sim, ele confirmou com a minha secretária que estava tudo certo. Acho que ele deve estar vindo. Mas não vamos perder tempo, não é?

Assentimos. Ela indagou, olhando para Eduardo.

– Ok. Então?

Eduardo começou a falar, a explicar cada item da sua lista. Grace ouvia, comentava, fazia algumas perguntas e anotava o que era importante para ser ministrado depois. Vez por outra, arregalava os olhos, compadecia-se com Eduardo. Nunca – *nunca*, em hipótese alguma – Grace julgava.

Ricardo chegou com duas horas de atraso. Bateu na porta, entrou bem no meio de uma parte delicada. Naquele dia, a Grace ministrava o envolvimento de Eduardo dentro do contexto dos Rituais.

– Como isso era feito?

Eduardo contou em termos gerais cada etapa do Ritual de Iniciação e o objetivo delas. Grace era perspicaz em não se ater à *história* em si, que não era relevante, mas aos itens que tinham efeito legal no Reino do Espírito.

Isto é: não importava saber como estava o dia, nem como Eduardo se sentia, por exemplo. Realmente, os detalhes que criariam o romance *Filho do Fogo* seriam contados muito mais tarde, apenas para mim, para que pudéssemos escrever. Não

tinham nada a ver com a Ministração. Ali, o objetivo era outro! Não se tratava de um bate-papo com intento especulativo.

Visava cancelar toda e qualquer legalidade diabólica sobre a vida de Eduardo.

Por esse motivo, a Ministração às vezes tinha o aspecto de uma grande colcha de retalhos, pedaços de uma história que ia se formando aos poucos. Aprendemos que um território, ou área da vida, que uma vez foi entregue ao diabo consciente ou inconscientemente tem que ser tomado de volta. Satanás não devolve espontaneamente nada que um dia foi dele. O texto Bíblico de Isaías 53 diz que Jesus toma sobre si as nossas Maldições. Sabemos que Jesus trouxe Redenção espiritual, emocional e física. Jesus já pagou o preço na Cruz há mais de 2000 anos, mas só recebemos o Dom da Salvação, por exemplo – a redenção espiritual –, uma vez que tomamos posse desta, pela confissão da nossa boca, crendo no coração.

Não é diferente em se tratando de Maldições. Toda área ocupada pelo diabo torna-se maldita. Mas sabemos que Jesus tomou no madeiro toda Maldição, no entanto, da mesma forma como acontece com a Salvação, é preciso *tomar posse disso!* A Salvação está disponível a todo ser o humano, mas só a recebemos quando tomamos posse dela. Com as maldições é a mesma coisa.

A Ministração não é um passe de mágica, nem uma prática mirabolante. O seu objetivo é libertar e curar.

Claro que Deus tinha feito muito quando Eduardo aceitou Cristo como Senhor e Salvador. Desde aquele dia, ele estava perdoado, lavado, purificado, era feito filho de Deus, recebeu o selo do Espírito Santo. Nunca mais Abraxas ou qualquer outro demônio poderia canalizá-lo sem o seu consentimento. Já não era filho do Fogo, mas filho de Deus.

Apesar disso, seu andar ainda era coxo! Coxo, sim, em consequência das feridas profundas causadas pelo diabo ao longo da sua vida, e especialmente nos anos em que pertenceu à Irmandade. Coxo por causa de amarras e cadeias invisíveis que ainda existiam como *consequência* do pecado. Deus perdoou o pecado, mas sobraram *efeitos* na vida de Eduardo.

Esse é o ponto onde entra o nosso livre-arbítrio, a nossa própria vontade: é preciso querer que nosso andar não seja mais coxo; antes, perfeito e saudável.

Jesus poderia ter ressuscitado Lázaro sem a ajuda daqueles que retiraram a pedra e as tiras de pano do seu corpo! Lázaro não poderia fazer isso sozinho, por si mesmo. Ele precisava dos homens que se dispuseram a crer na ordem de Jesus. Embora o Filho de Deus não dependesse destes, *quis contar com a sua participação.*

Assim também é a Ministração: Deus poderia fazer tudo sozinho, literalmente ressuscitar Eduardo, tirá-lo são e salvo das Trevas para a Luz. Não no sentido do novo nascimento, mas no sentido de libertá-lo e curá-lo completamente de todo o efeito danoso que ainda existia em decorrência da sua vida passada. No entanto, para pôr em andamento esse processo, Deus preferiu contar com a ajuda de Grace para “retirar a pedra e as faixas”, pois Eduardo não poderia fazê-lo por si mesmo.

Terminado o relato, Grace cumprimentou Ricardo.

– Que aconteceu? – quis ela saber.

– Só tive problema. Passei mal. Engraçado que meu cachorro também.

– A gata da Isabela também! – retrucou Eduardo. – Vomitou, teve diarreia.

– E você não resistiu em oração? – perguntou Grace a Ricardo novamente.

– Bom... não exatamente.

Grace olhava meio indignada para ele. Apesar disso, falou calma e baixinho:

– Mas que é isso, irmão? Você discerne o ataque, tem que orar! Não pode fazer assim.

Pedi licença para beber água. Nossos copos já haviam secado. Fui e trouxe mais água para todos. Agora podíamos dar continuidade à Ministração com a presença de Ricardo.

– Eduardo, você senta de frente pro Ricardo e olha nos olhos dele. Eu oro e você repete, sempre olhando pra ele.

Grace foi renunciando cada ponto importante do Ritual. Eduardo repetia, começando pelas “palavras”.

– Cada palavra de Encantamento que foi pronunciada sobre a minha cabeça, eu cancelo agora, rejeito, torno sem efeito. Toda consagração feita pela minha boca, toda oração “ao contrário”, toda palavra que entregou minha vida ao Satanismo e à Irmandade, torno sem efeito. Toda renúncia do Cristianismo, cada palavra nesse sentido eu quero apagar do Reino Espiritual e cancelar todos os seus efeitos. Toda palavra que saiu da minha boca pra entregar minha vida a Abraxas, eu também cancelo agora. Declaro que ele não é meu Guardião, nem meu protetor; meu Protetor é Jesus Cristo, Ele é meu Senhor e Salvador!

Depois, Grace pedia que Eduardo orasse por ele mesmo, pedindo perdão por toda palavra de consagração. Nós intercedíamos todo o tempo. Então íamos adiante: “alianças”. Grace orava, Eduardo repetia.

– Senhor Jesus, eu renuncio a toda aliança firmada naquela noite. Renuncio à aliança com minha “alma gêmea”. Eu não tenho parte com ela, porque eu sou da Luz. Corto agora toda a aliança espiritual. Não tenho alma gêmea, quem decidiu

isso foi o diabo, e eu não tenho mais parte com ele nem com nenhum plano que ele tenha preparado pra mim.

– Em que dedo você usava a aliança dela? – interrompeu Grace.

– Neste – fez Eduardo.

– Então, simbolicamente, tire essa aliança do dedo e entregue a Jesus. – Eduardo não questionou, apenas obedeceu, orando e fazendo o gesto de retirar o anel.

– Eu tiro agora a aliança de Thalya do meu dedo, declarando que todo contrato está desfeito, todo acordo que nos envolvia, todo o futuro que estava proposto. Em nome de Jesus, amém!

– Deus, passa Teu Fogo sobre esta aliança e a destrói completamente. Declaramos que ela está anulada pelo Poder maior da Aliança que o Teu filho tem com Cristo. Tudo o que ela representou um dia nós renunciamos e tornamos sem efeito! – continuou Grace logo em seguida. – Pode repetir agora, Eduardo...!

Eduardo foi repetindo:

– Toda a aliança firmada com a Irmandade naquela noite, eu também cancelo completamente. Declaro com minha boca que eles não são meus irmãos, e eu nada mais tenho com eles. Também da aliança com Lucifer, da aliança com Abraxas eu me desfaço, em nome de Jesus, me desligo. Peço a Deus que torne tais alianças inoperantes, que passe Fogo sobre a minha vida e me purifique.

Normalmente, eu ficava calada a maior parte do tempo, pois não queria interromper nem atrapalhar a Ministração. Apenas orava e observava. Mas, naquele momento, fiz um aparte, assim que Grace terminou:

– Ele não deveria renunciar também à aliança com Marlon? Indiretamente ela também foi confirmada no Rito de Iniciação.

– Sim – fez Grace. – Pode orar você, Eduardo, e depois já ore também pedindo perdão por ter consentido nessas alianças.

Eduardo obedeceu. E nós seguimos adiante.

– Nessa noite, você abriu um Portal, certo? – perguntou Grace, olhando para suas anotações. – Como era mesmo que isso funcionava?

Eduardo explicou. Então Grace novamente tomou as rédeas da Ministração:

– Quais eram os Portais que Abraxas usava?

Eduardo continuou explicando. Sem maiores delongas, Grace levantou-se para ungir os ditos Portais. Pediu a limpeza, a descontaminação, o fechamento daquelas portas de entrada para Abraxas. E seguiu nas orações de renúncia e consagração.

– O que mais foi dito naquela noite? – Grace relanceou com os olhos suas anotações.

– Bem... teve o que comi e bebi.

– Ok. Olhe pra Ricardo.

Eduardo foi repetindo frase após frase.

– Toda espécie de “hóstia” que recebi, e comi, como símbolo de consagração da minha vida ao Inferno, peço que o Senhor esteja anulando completamente hoje!- Limpa também o meu organismo de toda contaminação. Senhor Jesus, passa Teu Sangue pelo meu aparelho digestivo e por todos os sistemas que foram contaminados. Limpa-me completamente! E todo o efeito espiritual, todo o efeito de consagração, eu também cancelo e renuncio. Declaro que não faço parte da Irmandade nem da mesa de Lucifer. Declaro que eles não são minha família, minha família é o Povo de Deus. Da mesma forma, tudo que bebi pra me consagrar à Irmandade e a Abraxas, eu também vomito agora espiritualmente. Limpa meu organismo de toda a sujeira e efeito maléfico. Toda bebida que foi fruto de magia e Encantamento, toda a bebida do caldeirão eu rejeito. Cada componente, cada ingrediente, e todo efeito está cancelado agora pelo sangue de Jesus!

Grace ungiu a boca de Eduardo, e também seu estômago.

Ele estava visivelmente incomodado, entristecido. Tudo aquilo era um assunto que o desgastava bastante. Além do peso espiritual, havia uma carga emocional muito forte. A Ministração seguiu adiante até o fim, até o último ponto.

Em dado momento, Grace pediu que Eduardo renunciasse às palavras de Encantamento que eram usadas para invocar Abraxas.

– Tinha uma maneira certa de fazer isso, não?

– Oh, sim! Certamente. Em aramaico.

– Tudo bem! – apressou-se em advertir Grace. – Pode falar aqui. Depois ore pra renunciar essas palavras de invocação específicas pra ele, que era o seu principal Guia.

– Tá bem... é melhor mesmo ir por partes!

– Ok, sempre olhando pra Ricardo... pode falar.

Grace, a essa altura, já estava de pé ao lado deles, que se olhavam um ao outro, enquanto Eduardo orava alto e Ricardo intercedia baixo. Eduardo estava com a respiração ligeiramente acelerada.

– Pode orar você, Eduardo.

– Senhor Deus, eu me desfaço completamente da aliança com Abraxas, renuncio ao Poder dele sobre mim e também ao Poder de invocá-lo por meio dessas palavras... – então falou aquela frase estranha, uma língua completamente desconhecida.

– Amém! – falou Grace, observando-o.

– Amém – repetiu Eduardo. – Nossa...*mas que coisa!!...*

– Que foi? – indagou Grace.

– Você também sentiu? – perguntou Ricardo, dessa vez um tanto surpreso.

– Senti... que estranho! Que coisa horrível!... Quer dizer, *você* sentiu? Parecia uma anestesia de dentista... quando orei e falei aquela frase senti todo o meu lado esquerdo paralisado, dormente. Ele... Abraxas... sempre se aproximava de mim deste lado!

– Exatamente! Boa descrição, como uma anestesia de dentista... uma opressão muito forte! Só que eu senti do meu lado direito, pois estamos frente a frente. Sinal que algo realmente se aproximou por esse canto da sala.

– Mas que ousadia! – exclamou Eduardo. – Como é que pode?! Vir até aqui? – Grace não parou para ficar com comentários. Firmemente declarou, sem pestanejar:

– Vamos continuar.

Eu somente observava e intercedia. Realmente, Eduardo tornava-se sensível. Eu via Deus confirmando e confirmando aquele Dom de Discernimento para ele. Ricardo não se espantava tanto porque ele próprio tinha visões e discernimento espiritual daquela maneira. Incrível! Os dois perceberam do mesmo jeito, no mesmo instante, sem qualquer aviso prévio.

Mais tarde, eu entenderia que Principados e Potestades são demônios de características peculiares, muito Poderosos. Tinha ficado claro que Abraxas ainda poderia aproximar-se de Eduardo, e mesmo invadir nossa sala *apesar* da oração de Grace resistindo ao inimigo. Ele estava ali desde o início. E, no momento exato da renúncia, Deus permitiu que a presença dele fosse revelada.

Ficava cada vez mais claro que enquanto a Ministração não terminasse, e todas as portas abertas na vida de Eduardo estivessem fechadas, nem sempre as nossas orações de resistência teriam *realmente* Poder para impedir o avanço do inimigo. Enquanto existissem legalidades, eles poderiam aproximar-se.

Depois do grosso, as arestas foram sendo aparadas. Tudo foi colocado em oração de renúncia: as vestes utilizadas, as músicas ouvidas, os cheiros inalados, tudo o

que entrou pelos órgãos dos sentidos e ficou arquivado na mente de uma forma ou de outra. Até mesmo o jantar foi renunciado.

Enfim: todo simbolismo daquela noite foi devidamente cancelado no Reino Espiritual. Aquilo se traduzia em muitas “portas fechadas” na vida de Eduardo, portas estas que estavam antes abertas e permitiam o acesso das Trevas.

Tinham sido muitas horas de conversa e oração, tanto as que Grace pedia que Eduardo repetisse, quanto as que ele devia fazer sozinho. Mas o Senhor agiu. Muitas foram as lágrimas de Eduardo, e vários foram os momentos difíceis.

Na sequência, Grace aproveitou e ministrou rapidamente os pontos importantes dos outros tipos de Rituais: os de Abertura de Portais e as Festas Rituais. Para isso, bastou levar em conta as diferenças básicas entre um e outro, ao mesmo tempo em que os Principados que haviam feito aliança com Eduardo eram rigorosamente rejeitados. Foi uma grande limpeza espiritual naquele dia!

Foram horas bastante duras para Eduardo, que chorava várias vezes e, de vez em quando, não conseguia ir adiante. Eu me desgastava com ele, sofrendo também, inclusive chorando junto. Mas sempre intercedendo em línguas.

Certa vez, alguém que também labutava na área de Batalha Espiritual nos disse algo sobre a questão da especificidade da Minистраção.

Eu havia me questionado sobre se era necessário orar e renunciar cada detalhezinho, ou apenas os pilares fundamentais. Trocando em miúdos, se o diabo plantou sementes malignas na vida de alguém, e estas frutificaram produzindo uma grande árvore, é necessário derrubá-la. Mas basta podar apenas as raízes e os principais galhos, ou é necessário ater-se a cada folhinha que brotou em cada galho? Ou seja, não basta cortar o tronco, mas é preciso incendiar cada folha de cada galho?

Pelo que estávamos aprendendo e vivenciando, a resposta era que cada folhinha deveria ser apresentada diante do Trono de Deus para ser confessada e destruída pelo Fogo consumidor do Senhor dos Exércitos. E não apenas os galhos e raízes principais.

Longe de querermos fazer disso uma doutrina, compreendemos hoje que isso foi *Rhema* para nós. Porque o envolvimento de Eduardo tinha sido muito profundo.

Mas aquela pessoa havia nos dito o contrário, que quando você destrói um grande galho, todos os envolvimento e práticas menores (as “folhinhas e galhinhos”) caem instantaneamente sem que haja necessidade de ministrar um a um. E secam!

Ou seja, no caso do Rito de Iniciação bastaria ter renunciado ao Rito como um todo, os *pontos principais*, sem a necessidade de nos preocuparmos com detalhes de menor importância como roupas usadas, músicas ouvidas, alimentos ingeridos, etc... pois a raiz principal já tinha sido derrubada.

São visões doutrinárias diferentes, e durante um tempo nós não sabíamos exatamente qual seria a resposta correta. Até que Deus nos mostrou algo que terminou de tirar nossas dúvidas. Então deixamos de nos questionar. Deus se alegra com o questionamento genuíno e que visa edificação; Ele sabia que o nosso desejo era agradá-Lo acima de tudo, então Deus deixou bem claro que, no *nosso caso*, cada detalhe tinha valor pelo simples fato de que a Irmandade não desperdiça os seus simbolismos. Cada um daqueles detalhes tinha por objetivo realmente agradar a Lucifer e ao Inferno, realmente eram práticas – *todas elas* – capazes de abrir grandes lacunas na vida espiritual de alguém.

Não quer dizer que essa direção vai ser igual para tudo e todos. É importante buscar e discernir a direção de Deus para cada caso.

A experiência que Deus nos deu foi a seguinte: naquele mesmo dia, quando já praticamente Grace dava por encerrada a Ministração, o Senhor trouxe algo mais. Isso é o que eu achava mais tremendo de tudo! Quando o nosso entendimento humano chega ao fim, quando fazemos cabalmente a nossa parte, Deus mesmo se incumbiu de nos trazer a ajuda específica no momento certo.

– Grace... – começou Ricardo. – Deus está me mostrando uma coisa. Posso falar?

– Claro que pode!

Ricardo voltou-se para Eduardo:

– Eu não sei se isso aconteceu, ou não, mas eu vi você falando uns Encantamentos e olhando num espelho. Então, por trás de você apareceu a imagem de um demônio, e o reflexo dele apareceu também no espelho, ao seu lado, meio por trás... e aí foi esquisito, era como se o seu rosto e o rosto desse demônio – que não era Abraxas – se sobrepunham e se tornavam uma coisa só!

Durante alguns segundos Eduardo olhou para Ricardo com admiração. Então sorriu:

– É, Deus te mostrou mesmo isso, porque eu mesmo já nem lembrava mais. Não era nem uma coisa importante!...

Eduardo explicou que aquela foi uma das primeiras práticas realizadas na Escola de Iniciados e que tinha por objetivo revelar um “ser de uma dimensão superior”.

– Foi uma coisa tola, nem sei que demônio era aquele. Tratava-se apenas de uma experiência – concluiu Eduardo.

Essa foi a primeira vez que o Senhor trouxe à tona episódios que Eduardo nem sequer nomearia, por considerá-los sem importância diante do resto. Eram apenas pequenas “folhas”, um “galhozinho” de nada. Mas a verdade é que Satanás pode fazer de uma coisinha aparentemente sem importância uma porta de entrada escondida em nossas vidas. Essa foi a lição do Senhor naquele dia. É um buraquinho aqui e outro ali que podem tornar uma pessoa comprometida com Cristo ainda vulnerável aos ataques do diabo.

Mas teríamos no futuro muitas ocasiões para comprovar a veracidade disso!

Ao final, um pouco brilhante por causa do óleo com o qual foi ungido várias vezes, Eduardo estava com o semblante renovado, e Grace o mirava com olhos compassivos.

– Que estrago o diabo fez nessa sua alma... – murmurou ela de maneira terna. – Mas o nosso Deus é grande, não é mesmo?

Todos nós assentimos com um “amém”.

– Que coisa... – ela ainda orou mais uma vez por ele. – Obrigada pelos Teus feitos neste dia, Senhor. Nosso coração agradece pois não há nada que o Senhor não possa fazer! Derrama Teu Bálsamo sobre a alma do Teu filho, traz sobre ele a Paz, cobre com Bênçãos a vida dele. Que nestes dias o Teu Espírito continue se movendo. Obrigada pela libertação, pela restauração que o Senhor está fazendo, preparando Teu filho pras coisas que hão de vir. Muito, muito obrigada!

Então ela aproximou-se de mim:

– Guarda também Tua filha, nós agradecemos pela vida dela. Dá também a Tua Paz e a Tua Proteção sobre a Isabela, sobre sua família, seus animais, seu emprego. Que ela seja mais e mais uma auxiliadora do Eduardo. E agora leva os dois debaixo de Tuas Asas, debaixo da proteção do Sangue do Cordeiro. Obrigada pelos anjos que estão sempre acompanhando os Teus filhos, e traz mais anjos, Pai. Guarda o carro deles, e as suas casas. Tenha Misericórdia! Amém!

– Amém!

Todos nós sorriamos mais leve agora. Um grande peso havia sido tirado de mim e de Eduardo, aquela montoeira de lixo havia sido entregue a Deus, com arrependimento e lágrimas, com quebrantamento e fé. Já não existia mais! Mais uma etapa fora vencida!

Que alegria!!!

Fomos todos nos erguendo. Sem aviso, novamente, Grace lembrou-se em tempo:

– Vamos limpar esta sala! – sem esperar a resposta, ela pediu a Ricardo que o fizesse.

Ricardo orou efetivamente pondo ponto final naquela batalha.

– Senhor Deus, em nome de Jesus, nós pedimos que toda contaminação que possa ter ficado aqui neste lugar, como consequência desta Ministração, seja retirada agora. Limpa este ambiente, esta sala, este ar. E tudo o que é do inimigo nós mandamos embora, em nome de Jesus, pra bem longe daqui, pro lugar que o Senhor determinar. Nós também nos limpamos, limpamos a nossa armadura. Passa sobre nós o Sangue de Cristo e nos purifica. Amém.

– Glória a Deus! – exclamou Grace. – Deus é bom!

Eduardo foi ao banheiro, Ricardo saiu atrás dele pra ir também. Eu e Grace ficamos na salinha, ainda conversando. Ela quis saber como estava minha mãe, como estava Marco. Eu fui falando um pouco. Grace arrumava suas coisas, e por fim me abraçou:

– Você é muito amada, viu?!

– Você também é! – respondi meio sem jeito. – Você é muito querida, de verdade!

Eu amava muito a Grace, e sabia também que ela me falava aquilo com sinceridade. Eu *sentia*! *Meu feeling* sempre foi muito aguçado, e Grace não estava falando apenas por falar. Ela provava seu amor em cada atitude, cada palavra, cada gesto. Era dispensável que dissesse qualquer coisa. As palavras apenas reiteravam o que eu já sabia através das atitudes práticas. Nós sabíamos do seu amor, carinho e zelo por nós.

A bem da verdade, eu e Eduardo iríamos ouvir muitas vezes aquelas palavras: “você são amados”! Pena que fossem somente *palavras*, na maioria das vezes.

Eduardo e Ricardo foram entrando na sala novamente, conversando com animação. Os dois tinham mais ou menos a mesma idade. Olhei para Eduardo significativamente. Ele lembrou e falou para mim, sem interromper Ricardo, que contava de um filme que ele julgava satânico.

– Pode dar, pode dar...

– Olha, Grace, isso aqui é pra você! – falei eu, me animando e estendendo a caixinha decorada para ela.

– Ahh... mas não precisava! O que é isso? Muito obrigada! – falou Grace em resposta, sorridente, sempre no tom de voz calmo tão característico.

– Este é pra você, Ricardo! – foi a vez de Eduardo estender a outra caixinha, dando-lhe uns tapinhas no ombro. – Pensou que pra você não tinha nada, é?

– Puxa, obrigado!

– Isso é só uma lembrancinha, um símbolo do nosso carinho por vocês.

– Vocês são muito especiais pra gente!

– Que Deus abençoe!

– Oh, que bonita! Fico muito agradecida.

– A gente achou que combinava com você, Grace.

– Abre logo o seu, Ricardo. Tem que ver agora!

– Olha só... – observava Grace. – É a cara dele, combina muito bem!

– Obrigado, obrigado mesmo pela lembrança.

– Tem até bombom.

– Façam bom uso!

Fomos saindo da sala abafada. Já tinha caído a noitinha. Grace e Ricardo iriam ficar ali ainda um pouco mais. Despedimo-nos. Grace realmente era ocupada. Ela não parava nunca, que fôlego tinha aquela mulher!

– Tchau!

– Tchau, Deus abençoe!

Sáímos. Cansados, mas alegres. A Ministração esgotava o corpo e as emoções, mas a alegria que vinha do espírito passava por cima daquilo. E nós sempre tínhamos muito o que comentar, muito o que agradecer! E mais ainda, do que nos alegrar!

CAPÍTULO 19

Eu e Eduardo saímos da academia. Da nova academia! Da Coliseum! Faltavam apenas três dias para o Natal e tínhamos que aproveitar para gastar muitas calorias! Melhor compensar antes do que depois.

Mas gastar calorias não era o único motivo de malhar. Nós havíamos realmente empenhado um bom dinheiro na matrícula, na mensalidade, no exame Médico, no início daquele mês de dezembro. Eduardo ainda contava com recursos da sua rescisão contratual e apesar de não haver dúvidas de que logo conseguiria outro emprego melhor, não se poderia desperdiçar dinheiro. Por isso, tínhamos mais é que aproveitar, sem ficar preocupados com aquele gasto.

Afinal, estávamos investindo, em última análise, em saúde! Nada melhor do que cuidar bem dela.

E assim a gente fazia: Eduardo era louco para correr naquela formidável esteira pneumática e computadorizada, para fazer musculação. Eu fazia minha parte aeróbica de maneira mais diversificada, com *spinning*, com *transport* ou, principalmente, com aulas de *aerodance*, *street funk*, coisas assim. Eu gostava dessas aulas em que o professor ia dando aos poucos uma coreografia, e cada aluno acompanhava por si mesmo. Eu matava um pouco minhas bichas de vontade de dançar, e Eduardo não implicava, afinal, ninguém dançava aos pares. Depois, deixava para fazer a minha parte muscular nas aulas de ginástica localizada. Não era ainda plenamente adepta da musculação, embora fosse ser no futuro. Muito adepta.

Foi assim durante o mês todo. Mas naquele dia começamos a ter mais motivos para nos preocupar com a questão financeira.

Eu já estava tendo alguns problemas com meu emprego havia algum tempo, e eles acabaram por estourar naquela data. Certamente que em parte a culpa era minha porque negligenciei um pouco o esquema dos convênios. Para dizer a verdade, eu nem sabia qual era o “esquema” dos convênios. Para mim, Medicina era Medicina.

Sempre estive acostumada com uma outra realidade, com a realidade do Hospital Escola, do Hospital Público. Agora eu trabalhava num Ambulatório de

Empresa, e a coisa era completamente diferente. O que mais me incomodava era o fato de que quase cem por cento das consultas eram bobocas, corriqueiras, e eu tinha que ficar paparicando pessoas que queriam boicotar o serviço pelo maior espaço de tempo possível.

Realmente, às vezes, os funcionários abusavam da comodidade de ter o serviço Médico ali mesmo, no ambiente de trabalho. Tinha sempre os espertinhos que queriam me fazer de otária, inventando problemas para conseguir um atestado. E tinha gente que só queria mesmo bater um bom papo, não se limitava a falar sobre o problema em si, pegar a receita e voltar para o departamento.

E eu não tinha muito jogo de cintura para aquilo, confesso. Pelo simples fato de não estar acostumada. Era meu primeiro emprego, eu vinha de um ritmo diferente, minha mente ainda era mente de PS, mente de UTI, mente de enfermaria e de Ambulatórios de doenças específicas. Confesso que era muito chato aturar gripe, dores de estômago, de coluna... em suma, males do cotidiano! Para que estudar tanto, se agora meu dia a dia se resumia nisso? Não que o Ambulatório de Empresa não fosse importante, mas a realidade é que eu *não gostava* daquilo!

No entanto, eu atendia as pessoas bem, fazia o melhor que estava ao meu alcance. Conversava sobre o problema, explicava, receitava. Mas de maneira concisa. Às vezes pedia um exame um pouco mais complexo do que o velho *check-up*, mas isso era, quando muito, uma EDA ou um ECO. As patologias mais específicas eram encaminhadas para os especialistas, geralmente o Gineco, ou o Gastro ou o Cárdio.

Que serviço chato! O tempo não passava. Na Faculdade, a gente não via o tempo passar. Ali era o contrário.

Eu entrava às sete horas, mas vez por outra chegava atrasada propositadamente porque preferia que os pacientes agendados fossem atendidos todos de uma vez só, um atrás do outro. Então fazia com que eles esperassem um pouco para facilitar meu trabalho.

Não raro nove horas da manhã já tinha atendido todas as consultas. Era tudo muito simples. Eu tinha consciência de que fazia meu trabalho direito, mas comecei a perceber que os pacientes do convênio, que *pagam*, não querem apenas sair com a receita. Precisam ser paparicados, mimados, lambidos para sentirem-se confortáveis com o dinheiro investido no plano de saúde.

Ah! Que problema.

Por outro lado, pedir exames era problemático: durante um período, apareceu tanta gastrite que pedi várias EDAs: elas me revelaram até mesmo algumas úlceras e *helicobacter pylorii*, era legal tratá-las, ver melhorar. No meu entender, não havia o menor problema, nunca fui ensinada a economizar exames no Hospital Escola. Se era para o bem do paciente... além do que, esses pacientes *pagavam* por isso.

Logo fui chamada à ordem por pedir exames demais. Não acreditei! Isso nunca teria acontecido na Faculdade. Fiquei meio implicada com aquela postura, a partir daí lavei as mãos: encaminhava a maioria das minhas queixas digestivas, em vez de tratá-las ali mesmo. Tratava só os casos mais brandos. Ficava pior para o paciente, que tinha que agendar uma nova consulta com o especialista fora da Empresa, e perdia normalmente um período inteiro do expediente. Claro que também ficava pior para a Empresa, que tinha que dispensar o funcionário.

Problema do Gastro! Eu que não iria me complicar por causa das Endoscopias! As queixas mais leves curavam somente com tratamento e dieta, não havia necessidade de uma investigação maior.

Depois, foi o problema dos atestados. Eu tinha um critério para dispensar alguém. No mês de inverno, surgiu ali uma epidemia forte de gripe, a ponto de 90% das consultas serem todas iguais. Eu mesma peguei uma horrível gripe de tanto que tossiam e espirravam em cima da minha mesa. Fato é que ninguém com febre merece ficar no serviço, a febre derruba muito!

Dispensei vários pacientes naquele mês, e isso foi o suficiente para que voltassem a advertir-me: “Você está dispensando gente demais!” Quase respondi: “Que posso fazer? As gripes chegam no Clínico Geral, não no dentista!”.

Novamente, então, procurei segurar ao máximo as dispensas. Mas aí eram os pacientes que ficavam de bico e saíam boquejando contra mim: “A Médica ingrata e insensível!!”.

Que situação, eu ficava *entre a cruz e a caldeirinha*! Por que simplesmente não me deixavam trabalhar em paz? Já não bastava terem seu diagnóstico e tratamento bem feito?! Que droga!

Às vezes, eu via as anotações de Clínicos anteriores, em prontuários mais antigos, certas coisas absurdas, conclusões grotescas, diagnósticos errados. Que Faculdade teriam feito??? Eu podia não ter paciência de lambar os pacientes como mamãe-gata com seus gatinhos, mas eu não iria cometer aquele tipo de engano! Minha formação tinha ficado deficiente, claro, pela falta da Residência, mas o básico era sempre o básico!

Finalmente, meu chefe ligou-me um dia. Ele era um senhor grisalho bastante paternal, educado muito simpático.

– Tenho uma boa notícia! – ele amenizava a situação tentando convencer-me de que aquilo era um negócio da China.

E me falou sobre uma vaga em outro Ambulatório do convênio, que não era Empresarial.

– Precisamos de alguém pra cobrir umas férias, e pensei em você, sabe por quê?

– Por quê?

– Porque vai vagar um horário no Ambulatório da Lapa que você queria, à tarde, no mês que vem, então imaginei que você poderia ir desligando-se já daí. Você cobre as férias no Ambulatório que estamos precisando, agora, e no mês que vem vai pra Lapa.

De fato, quando fui contratada, e me inteirei dos diversos Ambulatórios, fiquei bastante interessada pelo do Alto da Lapa. Era um bairro gostoso, residencial, a meio caminho entre minha casa e a casa de Eduardo. Mas, na época, não havia vaga ali. Meu chefe garantiu que, caso vagasse, entraria em contato comigo.

– Puxa, mas eu já estou adaptada aqui... a bem da verdade... são vários meses...

– Tudo bem, olha, não há nada definitivo, pense um pouco! – dissera ele. – E a gente volta a conversar no fim da semana.

Na verdade, como entendi depois, não haveria escolha. Eu não estava muito a fim de sair da Empresa porque já me acostumara com o ambiente, com as enfermeiras, com o serviço (apesar de um pouco chato!). Eu estava me esforçando!

E, embora bastante longe, o que me fazia pegar um bom trecho de trânsito todo dia na Marginal Pinheiros, aquele lugar tinha um diferencial: era *ultraperto* do serviço de Eduardo. Durante o ano, muitas e muitas vezes nos encontramos no horário de almoço, comemos juntos antes de eu voltar para casa, e ele, para o trabalho.

Enfim... agora Eduardo já não trabalhava mais lá! Que haveria de ser feito?!?...

Quando meu chefe tornou a ligar, foi mais incisivo. Certamente, queriam trocar-me por alguém mais adequado ao perfil de Empresa. Fiquei chateada, mas tive que concordar.

Então, durante um mês, fui cobrir o horário vago no outro Ambulatório. A vantagem daquele lugar era ser extremamente perto da casa de minha mãe. O ambiente era gostosinho e, diferente da Empresa, havia vários Médicos pois funcionavam ali também algumas outras especialidades além da Clínica Geral.

Tinha uma cozinha bem ajeitada para gente, com cafezinho e bolacha. No meio das consultas, dava para fazer uma pausa, dar uma descida, e fui conhecendo aos poucos os outros colegas, fui me adaptando. Adaptei-me rápido.

A facilidade de ir e vir contava, naturalmente, pois as distâncias e o trânsito de São Paulo não são brincado. Depois de um tempo, comecei a achar que realmente tinha sido o melhor, e minha vontade era continuar ali mesmo. Além do quê, não tinha mais o tormento dos atestados. Quem vinha já tinha agendado consulta com antecedência, era difícil que alguém acordasse com diarreia e viesse buscar atestado para faltar ao serviço. Isso era mais coisa de pronto atendimento, de PS... e de Ambulatório de Empresa!

Mais ou menos no meio do mês, conversando com os colegas, fiquei sabendo que era provável que aquela vaga ficasse em aberto, que talvez o antigo Clínico não retornasse. Fiquei satisfeita e imaginei que talvez pudesse continuar ali. Nem estava mais querendo ir para a Lapa. Liguei para meu chefe, apenas para receber a triste notícia.

– Infelizmente, já foi contratada uma pessoa para ficar aí, que já está trazendo os documentos e tudo mais. Nós já colocamos você na Lapa e não tem como voltar atrás.

– Puxa, não tem mesmo? Está tão fácil pra mim trabalhar aqui! É tão perto!

– Não tem jeito porque não fui eu que a contratei, mas o outro Médico recrutador. Nós dois selecionamos os Médicos pros Ambulatórios, mas cada um tem os seus territórios, por assim dizer. E ele é o responsável aí pelo Ambulatório onde você está. Eu emprestei você provisoriamente, mas quem fecha as vagas é ele. E como você estava interessada na Lapa...

Encurtei a conversa. Nada poderia fazer para mudar aquilo. Ficaria ali apenas mais duas semanas, e só:

– Tudo bem, doutor Paulo, eu entendo. Não tem problema nenhum.

– Tudo bem mesmo?

– Tudo bem.

Mas fiquei triste. Que droga! De repente, estava tudo tão complicado...

No final do mês, eu fui para o Ambulatório no Alto da Lapa.

Não que aquele lugar não fosse bom, pelo contrário. Era uma Clínica ampla, agradável, bonita... minha sala era ensolarada, e eu passaria a trabalhar de tarde, o que era bom para mim. Pelo menos, *era antes*. Eu queria estar ocupada à tarde para sair do serviço mais ou menos em horário compatível com o de Eduardo.

Mesmo porque, preferia poder levantar mais tarde porque gostava de ir para a cama tardíssimo!

Mas agora – que pena! – ele estava livre e eu ocupada o dia todo. Fiquei amargurada com aquela falta de sorte! Se ele levasse um mês ou dois para arrumar outro trabalho teríamos tido a chance de aproveitar bem melhor os nossos dias... mas agora eu teria as tardes ocupadas!...

Para ele, de certa forma, era bom, pois teria todo o tempo para ir em busca de emprego, sem ter que preocupar-se comigo. Mas eu estava frustrada!

Mais frustrada fiquei quando recebi o holerite referente ao mês que ficara cobrindo as tais “férias” lá no outro Ambulatório. Havia um déficit de quase 20% no valor total.

“Poxa, mas o que significa isso?”, pensei comigo mesma, indignada. “Será possível uma coisa dessas? Deve ser um engano. *Por que será?*”.

Liguei para o Departamento Pessoal para checar o holerite. Informaram-me que aquele era o valor correto, o valor pago naquela região.

– Como assim, “naquela região”?

– Fora de São Paulo.

Suspirei. De fato. Embora encostado em São Paulo, a ponto de uma rua pertencer à capital e a esquina seguinte já não mais, a verdade é que estávamos fora do perímetro urbano. Desliguei o telefone, furiosa. Claro que ninguém se daria ao trabalho de me avisar!

“Que falta de ética! Esses convênios não têm mais onde lucrar em cima da gente!”.

Tive que me conformar. Passou o mês, eu esperava novamente pelo meu pagamento, agora o primeiro salário que receberia após estar trabalhando na Lapa. Os demonstrativos eram entregues a nós, os Médicos, no próprio Ambulatório.

A atendente bateu na porta, no meio de uma consulta.

– Doutora, o holerite!

Eu estava de costas, tirando a pressão do homem deitado na maca. Virei-me para ela:

– Ah, obrigada! Pode deixar aí. Obrigada.

Terminada a consulta, enviei o paciente à salinha da medicação para tomar o seu Adalat SL e ficar em observação um pouco até sair do ápice da crise hipertensiva.

– Seu Cristóvão, não pode parar de tomar o remédio da pressão. Seu cardiologista não explicou isso pro senhor, não?

– Ah, Doutora... mas é que a gente fez um churrasquinho nesse final de semana... daí a patroa disse que não era bom misturar cerveja com remédio...

– Ok, então o senhor se enche de sal de churrasco e para a medicação? Não pode fazer isso, seu Cristóvão... hoje não aconteceu nada de mais sério, mas em hipótese alguma o senhor pode interromper a medicação por conta própria, ouviu?

Expliquei rapidamente os malefícios daquilo e as prováveis consequências.

– Mas é que eu não estava sentindo nada...

– Tudo bem, seu Cristóvão... o mais importante agora é o senhor tomar a medicação e ficar deitado lá no repouso. Daqui a pouco vou lá pra medir de novo a sua pressão e ver se você já está melhorando, tá bom? Depois conversamos de novo. E eu vou encaminhá-lo pro seu Cardiologista outra vez, viu?

Seu Cristóvão saiu do consultório em companhia da enfermeira, direto para o repouso. E eu fui abrir meu holerite.

“E não é que meu salário está reduzido outra vez??”.

Aquilo me enfureceu novamente, e liguei imediatamente para o Departamento Pessoal. No entanto, eles me garantiram que o salário estava correto e sugeriram que eu entrasse em contato com meu chefe. Foi o que fiz em seguida após ter-me acalmado um pouco conversando com Eduardo pelo telefone.

– Liga lá – dissera ele. – Devem ter errado em alguma coisa. Vai ver você ainda está cadastrada como estando no outro Ambulatório, fora de São Paulo. Do jeito como tudo funciona bem neste País!

– É... – resmunguei. – Há de ser isso. Eu não posso abdicar de quase 20% do meu salário outra vez. A gente trabalha o mês inteiro contando com um determinado valor, puxa vida! Que falta de respeito!!

Então liguei para o doutor Paulo a fim de tomar informação.

– Mas o salário é esse mesmo! – falou ele, após eu ter explicado o ocorrido. Fiquei muda por alguns instantes. Mas logo me recobrei e indaguei:

– Mas... como assim?

– O salário pago aos Médicos do Ambulatório é esse, o que você recebia a mais era um bônus concedidos aos Médicos que trabalham em Ambulatórios de Empresa.

– Mas... mas ninguém me avisou sobre isso, e já faz dois meses que meu salário vem reduzido! – respondi em tom azedo, embora não fosse essa a minha intenção. Ou melhor, até era, mas eu tinha que me controlar.

– É uma pena que esse detalhe tenha passado despercebido.

– Poxa, não é um detalhe qualquer! Eu não fui contratada pra ganhar esse salário. A obrigação de vocês era ter avisado sobre isso! Eu nunca soube que ganhava nenhum bônus; na verdade, fui contratada pra ganhar *um salário* naquele valor.

– Olha, você nos perdoe a nossa falha. Mas o salário é esse mesmo.

Suspirei fundo e fiquei quieta na linha ainda por um tempo.

– Ok – respondi meio seca. – Obrigada pela informação!

– Precisando de algo, é só ligar.

– Obrigada. Até logo.

Desliguei o telefone insatisfeita, irritada, me sentindo lesada, roubada. Feita de-idiota!

“Como que ninguém me avisa nada, e me largam trabalhando *dois meses* como se eu tivesse obrigação de adivinhar?! Não tenho bola de cristal! Eu deveria ter tido a chance de optar se queria continuar aqui depois de baixarem o meu salário!!!”.

Certa ou errada na minha posição, aquilo realmente foi um tremendo banho de água fria para mim. Procurei fazer o melhor que pude, mas não gostava daquele trabalho chato de Ambulatório de convênio! Mesmo assim, estava ali trabalhando, e trabalhando direito.

No entanto, aquele serviço estava muito longe da Medicina que conhecia. Eu fazia força para não pensar nisso, não me influenciar. Mas aquele estado de coisa serviu para me baquear um pouco.

Quando contei a Eduardo, ele também não gostou e concordou comigo que era um grande desaforo. Eu só estava esperando pela palavra de aval dele.

Nós nem sequer pensamos em orar, ou consultar Deus sobre o que fazer naquela situação. A impulsividade da nossa alma, uma característica já nossa, potencializada pela ira e indignação, falou mais alto. Nem paramos para pensar se éramos ou não Cristãos naquele momento. Nem o que Deus desejava que fizéssemos.

Realmente, Deus teria ainda muito trabalho para nos moldar, para nos ensinar que Ele deveria ser consultado em toda e qualquer situação. Nós não percebemos, mas, durante todos aqueles meses, os demônios tinham trabalhado para fomentar aquela crise que estávamos vivendo agora. Tocando nas fraquezas da minha alma, que eles conheciam tanto por observar quanto por ouvir minhas declarações de insatisfação, eles criaram situações de desconforto. Uma após a outra!

E agora, eu mesma deflagraria o estopim da minha sorte. Não tínhamos pensando em orar mais especificamente pedindo proteção sobre os nossos empregos, não tínhamos ideia de que isso fosse necessário. Eram áreas desguarnecidas, onde os demônios tiveram chance de agir. Eram áreas não devidamente cobertas por oração.

Então, Eduardo declarou, diante do meu semblante cheio de expectativa e rancor:

– Chuta logo o balde desse emprego duma vez, Isabela!

Me enchi de regozijo por dentro.

– Você acha?

Ele deu de ombros.

– Descansa um pouco, umas duas ou três semanas. Deixa passar o Natal e o Ano Novo. Depois você arruma coisa melhor!

Era tudo o que eu queria ouvir. Ele me tirava um enorme peso das costas.

– É isso aí! Vou fazer isso mesmo!

– Pois faça mesmo, deixa essa gente falando sozinha!

Olhei para Eduardo com o rosto iluminado, não pude conter o sorriso que teimava em estampar-se no meu rosto.

– Ai, Nenê, obrigada por você ficar do meu lado!

Ele me abraçou e ficou alegre por eu estar de alma lavada pelo que iria fazer. Nem pensamos, novamente, se era para ter sido assim.

– É verdade. Então, vou dizer que não vai dar pra continuar trabalhando com esse salário. Talvez eles até me mandem embora.

– Se mandarem, você recebe rescisão completa.

Coei a cabeça:

– Acho difícil, ninguém faz acordo!

– Ah, tudo bem. Se você avacalhasse um pouco...

– Não... não levo jeito! Vou pedir demissão.

A verdade é que o tiro saiu pela culatra. Começou que, de cara, eles me obrigaram a cumprir o aviso prévio tão logo dei entrada com o pedido de demissão. Estaria presa ali por 30 dias ainda, até quase o final do mês de dezembro!

– Eu me recuso!!! Estou pedindo demissão, e eles ainda querem que eu fique mais um mês, recebendo *esse* salário?! – eu reclamava com Eduardo. – *Não vou fazer!* Não vou fazer isso!

Ele me acalmava.

– Estranho exigirem isso. Todo mundo sabe que é um perigo conservar funcionário insatisfeito em aviso prévio... pra que isso?

– Não sei, não sei, não sei! – eu subia pelas paredes, enfurecida com aquela situação de desconforto. – Agora que não vejo mesmo a hora de sair de lá!!!

– Bom... você pode simplesmente faltar...

Encarei Eduardo subitamente interessada:

– Faltar?? Mas o mês todo!?

– Não, isso não pode. Parece que, se você faltar mais de quinze dias seguidos, é demissão por justa causa. Então, você falta uns catorze dias, vai uns dois dias, e depois falta o resto do mês!

– Puxa... será que pode fazer isso?...

– Poder, pode... se você tiver cara de pau pra isso. O detalhe é que eles vão te descontar as faltas. Mas, mesmo sendo demitida, você tem direito ao seu décimo terceiro e férias proporcionais ao tempo de trabalho. Você não vai receber esses dias que faltar, mas férias e décimo terceiro é direito de todo trabalhador!

Foi nessa informação que Eduardo acabou por equivocar-se.

Ele sempre fizera acordo ao desligar-se das Empresas onde trabalhou e não sabia que as férias e o décimo terceiro eram pagos ao funcionário que pede demissão após *um ano de casa*. Pelo menos, foi isso que o convênio alegou, mais tarde, para não me pagar.

Afoita como eu estava para dar um chute naquele emprego que tinha começado tão bom, mas que a cada dia me deixava mais insatisfeita, optei por fazer o que ele dissera. Quanta inconsequência nossa!

Ele, por me estimular ao erro... eu, por aceitar sem questionar. Nós queríamos que a nossa vontade prevalecesse. E ponto!

Assim aconteceu. Faltei, faltei e faltei. Despistei as perguntas da minha mãe, que estava com a pulga atrás da orelha com minhas faltas. Isso porque ela só viu algumas! Eu e Eduardo saíamos de tarde, íamos passear nos dias em que ele não tinha nenhuma entrevista ou processo de seleção marcado. Aproveitávamos as nossas “férias” do nosso jeito, do jeito que dava... isto é, agora não dava para fazer muita coisa porque estávamos os dois sem trabalho! Não exatamente por vontade nossa, mas, tanto para mim quanto para ele, as circunstâncias colaboraram para que chegássemos nesse fim.

Eduardo queria arrumar logo um bom emprego. Mas, no entender dele, eu poderia descansar um pouco.

– Só um pouco, Nenê. Depois arrumo outro lugar melhor para trabalhar. Agora já estou mais escolada; antes, não tinha nem ideia do que era trabalhar em convênio.

Dei as caras no aviso prévio por dois dias apenas.

– Passa um óleo de peroba aí, Isabela!

– Óleo de peroba?

– Nessa sua cara de pau! – ele morria de rir com meu jeito do tipo “não tô nem aí, faço mesmo”.

– Quem manda eles me obrigarem a fazer o que não quero? Se eu quero ser demitida, eles têm mais é que me demitir. Que história é essa de piorar a situação? Eles querem uma situação ruim? Pois vão ter!

E acabou acontecendo assim mesmo. Nenhum de nós dois teve juízo! Finalmente, iria receber o último holerite e o salário proporcional seria depositado. Fui buscar o holerite ansiosamente no Ambulatório, no dia 22 de dezembro. Minha surpresa foi igualmente desagradável: estava bem aquém do esperado. Havia lá o valor proporcional aos dois dias trabalhados, mas nada de 13º e férias pagas.

– Ué? – senti já um calafrio. Já tinha aprendido que estava sempre tudo certo, e nunca nada era mudado. Se o valor era aquele... era porque era aquele.

Foi no horário de almoço, e Eduardo não estava em casa. Naquela manhã, ele tinha uma dinâmica em grupo e iria direto para minha casa almoçar.

Voltei para casa voando e fui direto para o telefone, tomar informações. Quando Eduardo chegou, eu já tinha brigado com minha mãe, que me acusava de ter jogado para o alto meu emprego. Com razão. (Mas ela poderia falar de outro jeito)!

Eu já estava tensa, o clima também estava tenso, tudo estava tenso.

– Eduardo, não tenho direito a receber *nada* além dos dois dias que trabalhei!

– Mas como não?

– Eu precisava ter um ano de casa, Eduardo! Você não me avisou!

– E você não tem?

Eu olhava para ele com ar glacial, completamente azeda.

– Sabe quanto tempo faltava? Seis dias. SEIS DIAS!!!! Por causa de seis dias eu deixei de receber uma bolada de grana! Se eu tivesse esperado mais uma semana pra pedir demissão, agora estaria tudo certo. Por que você não se informou antes de falar do que não sabia?

Comecei a gritar, mesmo sem querer, nervosa e inconformada. Quanto dinheiro eu havia perdido em três meses! *Quanto roubo!*

Em vez de Eduardo procurar me acalmar, só pôs mais lenha na fogueira. Em suma: briga!

À tarde, fomos para a academia emburrados, em clima de velório, quase sem falar um com o outro. Estávamos tão revoltados e decepcionados com a situação que nem a ginástica serviu para amenizar. Ele foi para o canto dele fazer musculação, e eu fui para a minha aula de localizada.

Depois nos encontramos. Orar que é bom, nada! Nossa alma gritava, a carne falava alto, ninguém se posicionava espiritualmente. Em suma: mais briga!

Impossível descrever a tensão daquele dia. Já ia além do normal, além do puramente natural. Uma faísca perto de nós era suficiente para detonar quilos de mau humor e amargura.

– Acho que já deu o que tinha que dar por hoje! – retruquei eu, supernervosa e já sem forças para continuar a aturar Eduardo.

Naturalmente, ele sentia-se do mesmo jeito.

– Pois eu estou indo, então! – vociferou ele, em resposta.

Nos separamos. Eduardo foi de ônibus, e eu peguei o carro. Quando cheguei em casa, minha mãe continuava de ovo comigo. Eu só queria dormir! Parecia que minha cabeça iria estourar de tanta dor. Me entupi de analgésico e fui para o quarto.

– Ai! – suspirei. – Deus que me perdoe, mas estou cheia de tudo...

Assim, perdi meu primeiro emprego. Eu tinha minha parcela de culpa, mas não era de todo minha. Ali havia também o dedo do diabo. Tudo fora muito bem calculado.

A verdade é que a gente muitas vezes tem que errar... colher as consequências... compreender que errou... para então acertar!

Comigo e com Eduardo não foi diferente. Nós também erramos muito, caímos muitas vezes, batemos com a cabeça na parede. Errar faz parte do processo de aprendizado.

E aprendemos que não podemos esperar que Deus faça a parte Dele se não fizermos a nossa.

CAPÍTULO 20

No dia seguinte, antevéspera de Natal, Eduardo teria uma entrevista com os diretores de uma determinada Empresa, um processo de seleção que já estava bem adiantado. Seria no final da manhã, de forma que eu simplesmente fiquei em casa esperando que ele aparecesse com uma boa notícia, e aquilo pusesse fim à nossa divergência.

Agora nós não tínhamos todo o dinheiro que pensávamos ter, e isso mudava totalmente as coisas. Teríamos que nos apressar em arrumar outro trabalho.

“Por causa de seis dias...”

Eu já estava conformada com aquilo, não adiantava chorar sobre o leite derramado. Mais difícil de tudo era me conformar em *estar mal* com Eduardo. Certamente, esse era o ponto nevrálgico que causava toda a tristeza e desânimo naquela manhã. Não havia nada capaz de me afetar tanto...

Realmente, Eduardo ligou assim que saiu da entrevista. Estava diferente, o tom de voz brando, ameno. Aquilo tinha o poder de um bálsamo! Quando ele falava assim, se minha raiva já tinha passado e se transformado apenas em tristeza, suas palavras tinham um poder conciliatório indescritível.

– Oi, Gatinha. Você dormiu bem?

– Mais ou menos...

– Será que você não quer sair pra tomar um café, pra gente conversar?

– Sei lá – respondi, meio chocha. – Você que sabe.

– Vamos sair, sim – ele respondeu carinhosamente. Aquele era o Eduardo que eu conhecia. – Vai ser melhor. Olha, eu estou indo aí. Você se apronta que eu chego em meia hora, quarenta minutos, tá? Aí a gente conversa.

– Tá.

– Ama Gatinha... – fez Eduardo simplesmente. Demorou um pouco, mas a resposta veio.

– Tá, Nenê. Gatinha também ama.

Fui me trocar. Senti imediatamente o desânimo diminuir, a tristeza começar a me abandonar. Como era horrível acordar sabendo que eu e Eduardo não estávamos bem. Nada era tão bom quanto ouvir ele falar comigo carinhosamente!

Esperei por ele na sala. Ouvi quando abriu o portão e depois a porta. Não me levantei, mas esperei ali sentada, com ar murcho. Eduardo tinha muito mais facilidade do que eu em abraçar, demonstrar afeto.

“Anos de prática”, eu costumava dizer para pegar no pé dele.

– Oi, Gatinha.

– Oi, Nenê... – naquele momento nada disse, apenas aproveitei o seu abraço forte, carinhoso, acolhedor. No começo, ainda estava meio dura, algumas lágrimas já estavam caindo.

– Desculpa, menina... perdoa minha insensibilidade.

– Eu estava tão nervosa ontem por causa do emprego... já tinha brigado com a minha mãe, não estava no meu normal.

– Eu sei, Isabela. Eu devia ter tido mais cabeça... sabe... ontem, assim que cheguei aqui, sentia a opressão...

– *Aqui* em casa? – indaguei me afastando um pouco dele. Sentei na ponta do sofá. – Mas você não disse nada...

– Eu sei. Eu relativizei de novo, errei. Estava uma opressão forte, desde lá da rua eu já estava sentindo. Quando entrei, estava um clima ruim. Mas não era porque vocês tinham brigado, era opressão mesmo. Forte... de um demônio forte!

– Realmente, não dá nem pra te dizer em palavras o quanto eu estava angustiada.

– Pois é. E eu fui pelo caminho errado, tentei te acalmar na alma em vez de orar. Havia um demônio forte aqui pra tornar a situação bem pior do que já estava. Essa história toda do seu emprego não deve ter sido por acaso...

Fiquei quieta.

– Bom... nem vou falar nada. Acho que você já sabe, né? Se a gente tivesse orado, talvez nosso dia e nossa noite fossem diferentes.

– Eu sei... – Eduardo baixou a cabeça. – Eu estou procurando acertar. É difícil, é algo tão novo para mim.

– Tá bom, Nenê. Ok. Já foi. Passou. E o emprego?

– Ainda não foi dessa vez. Mas não tem problema. Logo, logo aparece.

– Que pena.

– Vamos tomar um café aí em cima? Ou vamos no Fran's? – Eduardo sorria tentando me animar.

– Podemos ir aí em cima mesmo – eu ainda estava desanimada.

Sáímos. Fomos conversando de coisas mais amenas até estarmos com nosso café à frente. Então Eduardo começou a contar.

– Ontem, depois que nos separamos, eu estava inconformado com a situação. Parece que o diabo tem levado a melhor contra nós...

– Também não é assim!

– Era como eu me sentia... estava triste, chateado... imaginando quanto tempo vamos conseguir permanecer de pé.

Fiquei quieta, só escutei.

– Eu sei que Poder tem a Irmandade. Uma coisa é a gente somente ouvir falar... outra, é ver de perto esse Poder. Sei que Deus é mais Poderoso... que Ele quer nos ensinar. Mas, mesmo assim, às vezes as circunstâncias mexem comigo.

– Eduardo... – eu tentava fazê-lo ver por outro ângulo, embora suas palavras me assustassem. Eu sentia na pele uma pequena parte do Poder do inimigo. Aquela pequena parte que Deus permitia que nos tocassem. – Nós temos que aprender a resistir... não é isso que a Bíblia diz? Temos que orar mais, resistir mais. Quando você sente a opressão, especialmente, aí que temos que orar *mesmo*!

Eu falava meio atropelada; a verdade é que nós não sabíamos exatamente o que fazer para resistir. A única arma parecia ser a oração, o jejum que volta e meia fazíamos, as Ministrações. *O que mais???*

Porém, parecia que *não estava adiantando como deveria...* pois o inimigo se aproximava aparentemente com muita facilidade. Sabia tudo a nosso respeito, e vivia dificultando a nossa vida. Até mesmo na Ministração, afinal, Abraxas tinha entrado lá sem ter que fazer muito esforço! Quanto mais fora dela! O que estaria acontecendo?

Somente o futuro poderia nos ensinar.

– Eu sei. Eu sei disso – respondeu Eduardo. – Mas ontem eu estava triste, imaginando que tudo isso é somente o começo... eles não estão fazendo nada *ainda*. Estão esperando.

Fiquei quieta de novo, mordi o lábio inferior sem saber o que dizer. Como eu poderia argumentar contra aquilo, se eu mesma já tinha me pegado pensando a mesma coisa?

– Mas... – eu iria começar de novo, ansiosa em fazer Eduardo enxergar de outra maneira.

– Espera... – ele fechou os olhos por uns instantes, segurou minha mão. – Espera. Fica calma. Estou dizendo como eu *estava* me sentindo quando cheguei em casa... mas aconteceu uma coisa... é isso que quero contar.

Olhei para ele com um rosto curioso e cheio de expectativa, de repente. O tom da sua voz me fez calar e esperar. Eu não desgrudei mais os olhos dele, escutando

sua história. Sua incrível história!

– Quando cheguei em casa, fui para o quarto, fui orar. Orei bastante, li a Bíblia. Então deitei e dormi. E sonhei. Sonhei que estava dormindo! – ele até riu.

– Sonhar que está dormindo é legal, hein? Mas então? O que você sonhou?

– Bom, eu estava sonhando que estava ali no meu quarto mesmo, deitado na minha cama... dormindo. Mas aí a luz acendeu, e eu pensei que fosse o Otávio chegando. Levantei a cabeça meio indignado: “Poxa, ele chega tarde e acende a luz na minha cara?”. Mas aí vi que a luz não vinha do teto, da lâmpada no teto, mas da porta. O *hall*, me pareceu, estava iluminado... e a luz entrava pela porta, mas não era uma luz que ofuscava... – Eduardo falava mais devagar, escolhendo as palavras para descrever. – Era uma luminosidade tênue, num tom meio azulado, meio esverdeado. Não era branca, nem amarela! E aí aquela luz que estava no *hall* parece que entrou pela porta do quarto, chegou mais perto... e foi formando um contorno. E eu vi ele!!

– Ele quem?

– Dessa vez, foi com muitos detalhes! Era aquele mesmo anjo ruivo que eu vi no encontro, há um mês e pouco! Ainda que a minha primeira sensação fosse de espanto, de surpresa... parece que tinha consciência de que aquilo era um sonho, por uma fração de segundos eu pensei comigo mesmo: “Gozado... eu estou sonhando com aquele anjo”.

– Puxa, Eduardo, que legal! E aí? Conta, conta! Que sonho legal! – eu me sentia animada agora.

– Então... como a luz era tênue, diferente daquele dia lá no encontro, pude ver os detalhes do rosto dessa vez. Porque ele chegou bem perto. Vi os olhos, os dentes, o cabelo...

– E como ele é? – eu já estava até esquecida de que se tratava de um sonho. E embora Eduardo já tivesse dito isso, eu queria escutar de novo.

– Ele é muito bonito. Uma beleza perfeita. Os olhos me olhavam com brandura, com amor... com simpatia! Os dentes são perfeitos, o sorriso é perfeito, parece um piano, bem branco, bem claro! O cabelo, como eu já disse, é ruivo, mas não aquele ruivo excessivamente vermelho. É um ruivo meio alourado. E não é liso, é meio ondulado e chega até aqui. – Eduardo bateu na altura do ombro, repetindo tudo de novo. – Sem franja!

– Puxa...

– Me chamaram muito a atenção os braceletes nos seus braços, do punho ao cotovelo, de ouro, que brilhavam... e tinham umas inscrições gravadas, alguns

desenhos... mas nada que eu pudesse entender... era alguma outra língua.

– ...

– Ele entrou no quarto devagar, sorrindo, como que aguardando a minha reação. Esperando que eu absorvesse aquilo. Não senti medo nenhum, a presença dele me trazia uma sensação de paz. De paz! A luz que emanava era como o calorzinho de um sol cálido, brando... e dava uma sensação de tranquilidade, de refrigério.

Eu ouvia, sorvendo cada palavra, sem falar, como se cada palavra que saía da boca de Eduardo pudesse me trazer uma parte daquela sensação.

– Aí ele falou comigo... eu tinha perdido a noção do tempo, a noção do espaço... até esqueci que eu estava ali no quarto... e quando ele falou, fiquei realmente surpreso, e pensei comigo: “Puxa, é pra mim mesmo essa palavra... esse anjo veio especialmente pra falar comigo!”. E eu me senti importante... honrado... Deus estava me dando uma atenção especial. No meu inconsciente, eu ainda me lembrava das visitas das Entidades demoníacas, quando um demônio vinha até minha casa aquilo era especial, era *específico* pra mim. Então, numa fração de segundos, eu entendi que aquele anjo estava vindo até ali *especialmente* pra falar comigo!

– E o que foi que ele falou?

– Bom... eu fiquei esperando, cheio de expectativa, sabendo intimamente que ele tinha vindo com um propósito. Com voz suave, mas firme, ele disse: “Acorda, você que está dormindo, e abra bem seus ouvidos pro que eu vou te dizer. É hora de começar o trabalho”. Então eu respondi, me justificando: “Mas eu *estou* procurando emprego”.

Dei uma risada meio molhada, já emocionada. Certamente, aquele não era um sonho comum. Eduardo também riu, igualmente molhado. Continuou:

– Bem... ele ignorou esse meu comentário, e falou: “Na segunda quinzena de fevereiro você começa o seu Ministério”. Aí quem não entendeu fui eu, e perguntei com espanto: “Mas começo *como*?”. E ele responde: “Primeiro com os seus, com os que estão mais próximos. Na sua Igreja. Você deve falar do seu testemunho e alertar o povo quanto à estratégia do inimigo. Mais tarde isso será expandido.”

Eu estava até com a respiração presa. Quando Eduardo fez uma pausa, inspirei profundamente sem falar nada. Claro que eu tinha uma ideia das implicações daquilo tudo.

– Você tem *certeza* de que foi isso que ele disse? – indaguei, meio apreensiva.

– Absoluta. Eu sei o que você está pensando. E é claro que eu pensei a mesma coisa, que isso é muito perigoso! Nós estamos aqui quietinhos, sem falar nada, e já percebemos que as coisas não estão normais pro nosso lado. Imagine sair por aí testemunhando! Por isso mesmo que eu já fui dizendo: “Não... não tem condições... eu não estou pronto! Não tenho condições de fazer isso”. Nesse momento, no meu íntimo, eu achei que ele estivesse enganado. Talvez ele tivesse errado a casa! Não era possível que aquele fosse o recado!

– E aí?

– Eu não queria dizer “Não quero”. Isso pareceria pouco gentil da minha parte, então procurei de todas as maneiras encontrar algum outro empecilho. Mas tudo que conseguia dizer era que não seria capaz! Falei várias vezes, mas ele deu um leve sorriso, e ignorou de novo as minhas respostas. Continuou: “Você vai escrever uma carta pro seu Pastor. E eu vou tocar fundo nele pra que ele compreenda o propósito do Pai”; é claro que eu tornei a perguntar: “Mas o que eu vou escrever?”. Ele, sempre sorrindo, respondeu outra vez: “Quando você for fazer isso, ore antes. O Espírito Santo irá inspirá-lo, e a carta irá fluir. Não precisa se preocupar agora. Mas escreva essa carta no início do ano. Porque o tempo é curto!”.

Eduardo parou novamente com os olhos fixos no vazio. Passava a mão de leve pela cabeça.

– Ele disse isso várias vezes. Que o tempo “era curto”. Seja lá o que for que isso queira dizer. Eu não conseguia entender exatamente o que ele queria de mim, e que Ministério seria esse que vai começar. Então perguntei, meio nervoso: “Mas e o meu trabalho, meu emprego?... E a Isabela?”. “Não se preocupe com o trabalho”, ele respondeu, “Quanto à Isabela, esse não é ainda o momento de ela abandonar a profissão. Isso vai acontecer, mas não agora. Nesse ano que chega, ela tem de terminar o que já foi começado; pois essa informação é importante. Antes de concluir este ano, o livro vai estar publicado. Porque o tempo é curto!”.

– Meu Deus... isso quer dizer que é *mesmo* pra escrever, né? Realmente, nós vamos publicar essa história.

Por um lado, a sensação era de regozijo pela direção de Deus; mas, por outro, também de temor pelo que teríamos de enfrentar. Sabíamos que o fato de Deus estar conosco não nos isentaria das lutas, das perseguições... e sabe-se lá do que mais.

– “Mas eu não estou preparado”, eu retruquei de novo, muito incomodado. “Não estou preparado pra nada disso. Tenho medo!”. Aí o anjo disse: “Nós estaremos guardando vocês. Haverá doze anjos com você e doze anjos com

Isabela”. Ainda assim choraminguei, não estava a fim de concordar: “Eu *não* estou preparado!”.

Eu estava ansiosa.

– Sim, e o que ele respondeu?!

– Dessa vez... nada! Fez um gesto com as mãos, juntou-as e ergueu pro alto. A manga da camisa, que parecia de um tecido mole, sedoso, escorregou pelo braço. E então eu vi aquela musculatura, Isabela... *perfeita*! Puxa vida, que musculatura! Foi nessa hora que vi os braceletes! E vi também que escorreu pelo antebraço dele, lentamente, uma espécie de líquido grosso, transparente... mas ele não tinha nada nas mãos antes! Não sei de onde saiu... e eu ainda pensei: “Será que isso aí é óleo de unção?!”. Durante alguns flashes, eu me lembrei de Davi, por quem sempre tive muita admiração, Davi, que foi ungido por Samuel... lembrei-me do significado da unção, que estava começando a aprender com a Grace... e refleti de novo, quase sem compreender: “Mas o que será que esse óleo está fazendo na mão dele?”. Aí ele caminhou na minha direção... dava a impressão que o assoalho iria balançar, Isabela, com aquele peso enorme dele. Mas não fez nenhum barulho! Ele chegou bem perto e falou: “Não se preocupe, você vai saber como agir. Eu estou te trazendo a capacitação”. Então ele derramou aquilo que tinha nas mãos sobre a minha cabeça. E, olha... eu senti *mesmo*, senti escorrer aquele líquido por toda a minha cabeça e por trás do pescoço, o frescor daquele óleo! Senti aquilo com muita intensidade... e meu coração se aquietou, eu tinha uma certeza diferente de que tudo estaria no controle de Deus... tudo o que viesse a acontecer dali pra frente. Mas aí já era como se tudo aquilo não estivesse acontecendo, a realidade se misturou com a ficção... era como se não estivesse acontecendo... enquanto ele derramava o óleo sobre a minha cabeça, falou algumas coisas em outra língua, algumas coisas que não entendi. Naquele momento, senti como se estivesse sendo mergulhado numa piscina de água morna, gostosa, de alívio... eu podia perceber a leveza do meu corpo... alguma coisa nesse sentido. Um alívio! O chão não tremeu, não caiu fogo do céu, nada disso... foi só uma sensação de paz, de leveza, de tranquilidade...

– Nossa, Nenê, sério? Que coisa mais diferente! Foi um sonho muito diferente!

– Calma... – murmurou Eduardo de novo. – Não acabou ainda. Eu ainda estou processando as ideias, mas... não acabou ainda!

Superempolgada, continuei ouvindo.

– Não me lembro de mais nada depois disso. Durante todo o tempo, havia essa *sensação* de sonho... foi como *se fosse* um sonho, entende? Eu não me lembro de

ter dormido, nem de ter acordado... nem de ter voltado a dormir. Por isso que eu *achava* que tinha sido sonho.

– E não foi? – eu estava meio incrédula, olhava para ele tentando sondá-lo.- Eduardo tentava achar as melhores palavras ao mesmo tempo em que perscrutava seu próprio coração.

– Eu acho que não...

– Mas por quê?

– De manhã, eu acordei e não me lembrei de nada, nadinha. Tinha esquecido completamente. Desci, brinquei com a Maila, comi panetone. Daí liguei pra sua casa, falei com sua mãe.

– Ah, foi? Falou?

– E fui tomar banho. Tinha que me arrumar pra entrevista. No banho... quando fui molhar o cabelo... os fios estavam oleosos, Isabela! Passei a mão, e saiu *na minha mão* aquele negócio transparente, perfumado. Era como um bálsamo, era mesmo óleo de unção! – e Eduardo não mais segurou as lágrimas, sua voz embargou pela emoção.

– Então percebi que não tinha sido sonho, tinha sido real! Foi um impacto tremendo, de repente, lembrei-me de tudo... e aí achei que ninguém iria acreditar, que essa minha história seria um verdadeiro absurdo, que, se eu contasse isso pras pessoas, todo mundo iria achar que eu estava ficando louco! Estava surtando, precisava de um psiquiatra! Então decidi contar só pra você... talvez conte pra Dona Clara...

Eu estava sem fala. Olhava para ele, olhava... como *era possível* acontecer algo assim?!!

– Chorei muito ali no banheiro... fui lembrando-me devagar de cada detalhe daquele “sonho”... que não foi sonho! Talvez Deus tenha feito assim pra minimizar um pouco o impacto dessa experiência... talvez tenha sido necessário que *parecesse* um sonho, numa primeira instância... mesmo assim, foi tão real!

Nós nos entreolhamos e nos abraçamos, sentindo o coração transbordante. Deus era bom! Estava conosco!

– Puxa vida... isso é incrível! Você tem certeza disso tudo? – não sabia o que dizer, queria ter certeza de que Eduardo tinha certeza de que tudo aquilo era verdade.

– Tenho, tenho certeza. Eu sou o primeiro que tomo cuidado com isso. Mas foi verdade, sim!

Ficamos calados por um tempo, de mãos dadas apenas, deixando aquela experiência e o seu significado caírem nos nossos corações profundamente. Iria levar um pouco de tempo para que o significado mais profundo de tudo aquilo realmente penetrasse nos nossos corações. Não parei para pensar que a intensidade das experiências vividas com Deus também seriam à altura da intensidade das provas a que seríamos submetidos com o inimigo. Naquela hora, nada disso importava... o que importava era que Deus tinha se manifestado. O cansaço, o mal-estar, a tristeza, as dúvidas, tudo isso se dissipou diante do Amor do Pai. Como era real o Reino Espiritual!

Depois daqueles momentos de introspecção e embevecimento, voltamos um pouco à realidade, e Eduardo pediu uma Coca-Cola com duas coxinhas. Foi a deixa para que eu voltasse a enchê-lo de perguntas sobre o anjo ruivo. Eduardo repetia cada detalhe, e eu me deleitava naquilo, sugando das suas palavras algo novo, algo inédito também para mim. Não fazia diferença que eu não tivesse visto nem ouvido: a direção também tinha sido dada para mim! O recado tinha sido para nós dois! De certa forma, Deus tinha traçado um futuro para nós dois!

– Então quer dizer que realmente Deus está nos separando para o Ministério, não é?

– Acho que sim...

– O que será esse Ministério?

– Não sei. Mas ele disse que começa na segunda quinzena de fevereiro do ano que vem.

Nós não podíamos vislumbrar nada que pudesse acontecer até lá para mudar nossas vidas a esse ponto. O que não entendíamos é que todo Ministério começa com *o preparo* para ele. Não que *algum* preparo já não estivesse acontecendo. Mas, a partir daquele período, seria mais específico e mais intenso. Só que, na cabeça de Eduardo, ele já imaginava que tinha que sair pregando... e não entendia como isso poderia acontecer em tão pouco tempo.

– Puxa, já está aí mesmo!... O que será que vai acontecer??

– Não sei... mas algo *vai* acontecer – falou Eduardo com convicção. Sua convicção me bastava.

– Realmente, é uma coisa arriscada... – falei, ponderadamente.

– Mas Deus disse que estava dando uma guarda: doze anjos pra mim e doze pra você.

– Será que aqui do nosso lado tem, então, vinte e quatro anjos? Agora mesmo?!

– Deve ter, né?

Ficamos sorrindo apenas em contemplar aquela possibilidade. Chegou a nossa Coca-Cola com coxinha. Eduardo serviu nossos copos em silêncio.

– Se Deus está dando essa guarda, é porque vamos precisar – continuei.

– Sim. Vamos precisar.

– Ele disse *mesmo* que tinha doze comigo? Só comigo?

– Disse.

– Então, é sinal que o ataque é o mesmo sobre nós dois. Porque a guarda é a mesma.

– Mas não tenha dúvida disso! – ele brincou um pouco, procurando descontraír.

– Todos esses demoninhos chatos estão loucos da vida com a Gatinha! Eles olham pra ela e pensam logo: “De novo?” – e Eduardo fazia voz de falsete, imitando desenho animado. – “De novo, não!”.

Dei risada. Mas depois fiquei séria de novo.

– Será, Eduardo? Será mesmo que eles estão me atacando também? De verdade?

– Não tem a menor dúvida, já disse. Mas Deus já deu a guarda, por isso não vamos nos preocupar.

– Por que será que ele disse que o tempo é curto?

– Não sei. Mas falou várias vezes!

– E a tal da carta pro Pastor Lucas? Você vai escrever, né?

– Vou. Mas só no começo do ano. Parece que Deus quer que nosso Pastor esteja a par de minha história. Talvez agora a gente consiga conversar melhor com ele!

– Acho que sim.

Nós já havíamos tentado marcar um encontro de verdade, mas nunca dava certo. Parecia realmente haver um impedimento na nossa comunhão. Por mais de uma vez, Eduardo havia tentado compartilhar parte da sua experiência passada com os Pastores, e também o que vínhamos vivendo naqueles últimos meses. Mas, até aquele momento, as tentativas tinham sido frustradas.

– Mas Deus tem interesse nisso. Agora há de ser diferente! – falei.

E realmente ficamos naquela expectativa. Então mudei novamente o curso da conversa:

– E o anjo falou que não era ainda o tempo de abandonar a Medicina? Então, isso quer dizer que não vou mais ser Médica?

– Foi o que eu entendi. *Mas futuramente*. Não ainda. Eu entendi que você estará ao meu lado nesse Ministério que Deus vai dar. O Ministério não é só meu. E quando chegar esse tempo... o tempo de “ser expandido”... então não haverá mais ocasião pra trabalho secular. Mas ainda não chegou esse tempo!

– Isso quer dizer que Deus quer que eu arrume outro emprego agora. Será que Ele não ficou muito satisfeito em eu ter saído do convênio?...

– Ele não disse isso, Isabela. Apenas que você ainda vai trabalhar como Médica durante um tempo. Depois, não mais! E eu também vou trabalhar agora.

Eu estava pensativa.

– E tem o livro...

– É.

– Se a gente ainda tinha dúvida, agora não temos mais desculpa...

Eduardo suspirou.

– É...

– Tenho de recomeçar, então. Parece que nossos problemas aumentam vertiginosamente assim que ponho a mão na caneta. Não dá nem ânimo! Mas agora que Deus deixou claro... não vou discutir. Com ou sem ataque, com ou sem ameaça... tenho que ir em frente. Temos, né? Precisamos voltar a conversar, a gravar nossas fitas. Precisamos ver em que pé que está esse livro!

Eu me animava em poder fazer algo de acordo com os planos de Deus.

– Vai dar tudo certo, menina. Nós vamos conseguir! Não importa o tamanho da luta, Deus provou que está conosco.

Aquela não era uma frase feita. Ali estávamos somente nós dois, não havia por que fingir ou fazer de conta. Deus tinha mandado Seu recado na hora certa, mandava Sua coragem, capacitação, ânimo e força.

Quanto a nós... continuamos falando do anjo, tudo de novo, e de novo outra vez.

Que alegria isso trazia sobre nós!

* * *

Durante dias, a sensação de reconforto gerada pela visita do anjo ruivo seria um bálsamo para nós dois. Volta e meia a gente voltava a comentar, voltava a tentar entender mais ainda o recado de Deus.

– Você foi ungido... você foi ungido, Eduardo... por mãos que não eram humanas. Sabe-se lá o que é isso, não?

Volta e meia ele ainda tornava a emocionar-se com o ocorrido. E custava reter as lágrimas.

– O tempo vai dizer.

Certamente que a visitação desse anjo também tinha colocado os demônios em polvorosa. Claro que eles sabiam! Outro detalhe caprichoso de Deus é que tinha acontecido exatamente na noite da Festa do Verão. Como Deus era *caprichoso*!

O fato é que aquela visita não tinha sido encoberta no Reino do Espírito, e certamente que haveria agora um “contra mover” por parte do diabo, porque a Irmandade estaria informada sobre a unção, sobre a promessa, sobre a direção. Nossas conversas teriam sido suficientes para denunciar a direção que Deus havia dado, se os demônios ainda não estivessem a par do que acontecera.

Claro que haveria um contra-ataque!

Mas, naquela época... nem mesmo nos lembramos dessa possibilidade. Mas sempre que a Irmandade vê algo promissor em alguém, vê alguém em quem Deus tem interesse, a verdade é que fazem um cerco e tornam a vigilância bastante acirrada. Justamente com a intenção de impedir que haja avanço em qualquer direção.

No dia de Natal, retomei a ajudar na escrita do livro. Tínhamos novos dados para colocarmos no livro, sobre a vida passada de Eduardo, também novos dados sobre a Irmandade. Agora era necessário colocarmos aquilo numa sequência coerente e transformar aquele árido relato num texto agradável de ler. Aquelas experiências desconectas tinham que ser unidas, eu precisava entender o porquê de cada uma delas, para poder ajudar na escrita. Haveria necessidade de mergulhar na doutrina, na forma de pensar, viver e ver o mundo da Irmandade. Eu teria que ajudar Eduardo a olhar novamente para cada dia, cada momento experimentado naquele Inferno. Para poder ajudar na escrita... eu teria que saber do que estávamos falando. Eu teria que saber do que estava falando.

Muitas vezes, Eduardo não parava para pensar em sentimentos, pensamentos, sensações. Às vezes, ele misturava momentos diferentes, contextos diferentes. Adiantava ideias que, para ele, já estavam completas. Mas não para mim. Não tinha outro caminho: teríamos que ir devagar, teríamos que sentar e nos dispor a horas e horas de trabalho para a reconstrução daquela história. Parte por parte.

Praticamente, toda a infância e a adolescência de Eduardo estava relatada. Agora podíamos deixar essa parte de lado e começar pelo começo.

– E qual é o começo? – perguntou Eduardo no dia de Natal.

– E é você que me pergunta? O começo é o começo! Me fala das cartas para San Francisco, seu primeiro encontro com Marlon. Em detalhes. Depois, começa a me contar sobre a Escola de Iniciados.

Os dias que se seguiram teriam parte deles consumida naqueles relatos. Não especulei detalhes irrelevantes, mas eu tinha que entender o porquê das práticas, o objetivo de cada uma delas. Eduardo explicava. Ele tinha uma memória fantástica!

A minha pergunta mais comum era mais ou menos do tipo:

– Por que era assim? *Para que* vocês faziam isso?

Eduardo explicava de novo. Eu entendia. Quando não, interrogava até ficar satisfeita, interrogava até compreender tudo de maneira muito clara. A segunda pergunta mais comum era mais ou menos assim:

– E o que foi que você sentiu? O que você pensou? Como você encarava isso? Me descreva com detalhes. Vá lá!

Além disso, a vida continuava como sempre. E o nosso final de ano continuava também sendo visitado e monitorado por demônios. Volta e meia Eduardo sentia opressão. Ele nada dizia e nós não orávamos. Logo acabava começando uma nova briga. Situações desgastantes e desconfortáveis se sucediam a intervalos curtos entre uma e outra.

Parecia que os demônios se esforçavam ao máximo em desfazer os feitos de Deus. Era como um cabo de guerra, intenso e inexorável. De um lado, Deus trazia revelações e experiências sobrenaturais. Do outro, o Reino das Trevas tentava nos enredar numa rede tão densa de angústias a ponto de que nós mesmos nos cansássemos de tudo aquilo e jogássemos para o alto. Estava começando ali uma luta de nuances diferentes, coisas que não conseguiríamos descrever em palavras, mas o corpo, a alma e o espírito absorveriam os efeitos.

Quando se enfrenta um inimigo inteligente e Poderoso como os demônios que têm aliança com a Irmandade, muita coisa acontece que a gente não consegue expressar humanamente. Eles são inteligentes, muito inteligentes... muito mais do que os homens! Têm Poderes realmente especiais, uma capacidade toda especial de interferir no físico, no emocional, no espiritual. São capazes de manipular pessoas e situações de uma maneira indescritível. Quando tecem a sua teia, quando armam a sua armadilha... geralmente ela é bem feita, certa...

Naquele momento, nós não sabíamos de nada disso, ou melhor, Eduardo até sabia... mas ele nunca tinha experimentado estar *do lado de cá...* e eu... menos ainda! Por isso, a melhor palavra para descrever aquele período era “difícil”. Por uma série de coisas não muito fáceis de serem explicadas, mas que, quando somadas, tinham forte impacto sobre o ser humano.

O diabo não pode impedir que o plano de Deus se concretize. Mas, em sua fúria e indignação, ele pode criar situações para que nós mesmos, *com nossas mãos e*

vontade própria, desistamos do plano e da Vontade de Deus. Era mais ou menos isso o que ele estava fazendo nos últimos meses.

Houve muitas e muitas vezes em que, não fosse a lembrança de experiências como a da unção de Eduardo, e nós teríamos desistido. Desistido de lutar, de caminhar, de escrever, de ministrar, de orar e buscar a ajuda de pessoas. Desistido de tudo! Até mesmo de crer em Deus... o Poder denso do Inferno, em última análise, ao fazer com que a nossa vida se tornasse “difícil” em todos os sentidos... nos punha por vezes pensando que seria melhor desistir de Deus... afinal, a única realidade que conseguíamos contemplar eram as mentiras do diabo! Porque o corpo, a alma e o espírito também se tornam cansados, e, cansados, é mais fácil perceber o mover das Trevas do que o mover de Deus.

O Senhor sabia disso, sabia que Eduardo – especialmente – precisava vivenciar o sobrenatural Divino. Somente isso nos faria continuar caminhando. Hoje eu penso que, se Deus não nos tivesse dado algumas experiências especiais com Ele... teríamos realmente jogado tudo para o alto!

E assim nós íamos vivendo, não havia trégua alguma. Os demônios nos impediam de ter mais do que dois ou três dias de paz. Aquela era uma época de festas, em que todo mundo procurava descanso, saía de viagem. Inclusive Grace, Dona Clara...

Mas para nós não houve descanso. Digo isso no sentido literal da palavra, claro que havia um descanso que vinha como consequência direta do mover de Deus... mas não havia descanso *real*, isto é, descanso físico, descanso emocional. Aquela coisa de tirar a cabeça dos problemas, calçar o chinelo, passear... não pensar em nada!

A verdade é que isso não aconteceria tão cedo para nós. Todo o refrigério que conheceríamos seria uma breve trégua no meio daquela luta que teimava em crescer a cada dia! E, naquele período, ainda por cima, não tínhamos ninguém para orar conosco.

Sabíamos que tudo estava no controle de Deus. Mas nós não éramos diferentes de ninguém: o corpo pede arrego, cedo ou tarde. Especialmente eu, futuramente, encontrar-me-ia em um estado de fadiga crônica.

Nada além da Poderosa Mão de Deus poderia ter nos mantido em pé durante tanto tempo.

Todo tipo de problema era criado ao nosso redor. Até nas coisas mais simples, mais corriqueiras, os demônios colocariam suas patas para interferir;

especialmente agora haveria um aperto maior na área financeira, momento “perfeito” para as coisas quebrarem, causando gastos imprevistos de dinheiro.

Mas o contra-ataque verdadeiro viria cinco dias depois da visita do anjo. Dia 27. Dia “sugestivo”!

Eduardo sentiu a opressão, mas demoramos a nos posicionar. Passamos horas em pé de guerra um com outro, e não com o inimigo. Só quando Eduardo perdeu de vez as estribeiras comigo, e berrou no volante do carro, com o perigo de provocar um acidente, é que tentei eu mesma contornar a situação. Sozinha.

Comecei a orar, depois oramos um pouco juntos, muito pouco, na rua mesmo. Melhorou levemente, parece que parte da tensão do ar ao nosso redor relaxou. Quando voltamos para minha casa, entramos sozinhos na cozinha para comer, eu ainda estava entristecida, mas já tinha dado o assunto por encerrado.

Era já noite, pus a toalha na ponta da mesa.

– O que você vai querer?

– O que tiver. Não precisa se preocupar.

De costas para ele, rebuscando na geladeira, eu ia dizendo as opções.

– Você quer comer comida, ou só tomar lanche?

– Só lanche.

Fui pondo a mesa, sentei. Eu me sentia muito cansada. Começamos a comer, meio em silêncio. No meio da refeição, Eduardo parou.

– Acho que nós temos que orar...

– Por quê? O que foi?

– Desde que entramos aqui... – ele até falava esquisito, meio entrecortado. – Que tem uma opressão medonha nessa cozinha, nunca senti nada assim, tem um demônio Poderoso nos acompanhando, já faz tempo... sinto peso de morte... ao nosso redor.

Percebi que Eduardo estava realmente sentindo alguma coisa. Ele poderia até questionar o discernimento que Deus tinha dado, mas *eu* não questionava. Todas as vezes que Deus mostrava alguma coisa, era certa. Eduardo estremeceu, e voltou a falar:

– Sinto calafrios no meu corpo, o ar está denso... quase irrespirável!

– Vamos orar! – não havia nada mais a perguntar, muito menos a esperar. Assim fizemos, sem alarido, sentados na mesa, somente nós dois. Pedimos que Deus afastasse todo demônio dali, nos trouxesse a proteção. Assim pedimos, até que Eduardo sentiu paz, em poucos minutos. Terminada a oração, retomamos nosso

prato mais calados do que antes. Depois do lanche, ainda voltamos a orar um pouco mais.

Mais tarde, quando Eduardo já iria se despedir de mim, na rua, parado ao lado do carro, orientou-me:

– Devemos orar pelos animais.

– Tem certeza? – eu olhava para ele, receosa. Tinha pavor de pensar que meus animais pudessem ser tocados. – É você que está dizendo isso, ou é algo que Deus te mostra?

– Creio que é Deus que mostra.

– Ok – não questionei mais nada. – Eu vou orar. Você também ora, né?

– Sim. Já vou orando pelo caminho.

– Tchau, então, vai com Deus.

– Tchau. Vê se descansa!

– Me liga quando chegar.

– Tá. – Eduardo bateu a porta do carro. Agora que eu não precisava do Palio para trabalhar, ele ficava mais à disposição de Eduardo.

Em vinte minutos, liguei eu mesma para Eduardo:

“Já está demorando! Será que ele teve qualquer problema pelo caminho?”.

Foi ele quem atendeu ao telefone.

– Oi, Gatinha! Acabei de fechar a porta, e você ligou. Já cheguei!

– Que bom... você orou pelos bichos?

– Orei. Agora vamos ficar em paz.

– Tá, descansa, hein? Ama Nenê!

– Também ama Gatinha...

– Tchau.

– Tchau!

Depois que desliguei o telefone, acabei indo assistir um pouco de TV, espairecer a cabeça. Num dos intervalos, fui à cozinha pegar algum quitute da geladeira. Era tão bom lambiscar à noite! Pena que não era muito saudável para o corpo, o que fazia com que a gente tivesse que malhar mais durante a semana.

De repente, escutei o Gorbie latindo compulsivamente. A Bitinha acompanhava, os dois estavam no maior desespero. Eu já conhecia aqueles latidos.

– Meu Deus, que foi isso?!

Abri o portãozinho e fui para perto do Wolfi, que babava e ofegava profundamente. A convulsão foi passando. A musculatura relaxou.

– Fica quieto, Gorbie! – ao me abaixar perto do outro, o Gorbie pulava e lambia a minha orelha.

Mas eu só queria ver como o Wolfi estava. Segurei sua cabeça e orei baixinho ali no meio dos três. O Wolfi ficou meio letárgico por alguns segundos, com olhar abobalhado. Então se levantou, normalmente, como se nada fosse. E foi beber água. Não tinha sido nada grave.

Observei-o ainda um pouco. Fazia tempo que ele não convulsionava. Estava sendo acompanhado por uma veterinária de confiança.

Seria só questão de reajustar a dose do remédio... ou aquilo também tinha algo espiritual no meio?

Pelo sim, pelo não, voltei a ligar para Eduardo. Ele ainda estava acordado. Passava um pouquinho da meia-noite. Expliquei em poucas palavras o que acontecera, e nós dois oramos em concordância. Mais tranquila, o resto da noite decorreu sem problemas.

Mas, no dia seguinte, o Wolfi voltou a convulsionar mais duas vezes. Aumentei ligeiramente a dose da medicação dele.

E eu e Eduardo também jejuamos naquele dia, orando e declarando a Palavra. Sabíamos que os ataques sobre os animais tinham sempre aquele efeito de desajustar nosso emocional, de impedir a gente de ficar em paz, de criar preocupação... e isso preparava para outros golpes. Por isso, resolvemos ficar bem alertas!

Na semana seguinte, na outra sexta-feira, a primeira do ano, o problema foi com a Viola, minha gata. Ela simplesmente desapareceu, coisa muito rara de acontecer. Eu acordei de madrugada e ouvi ela miar na porta do meu quarto, a porta que dava para o quintal. Abri, deixei Vivi entrar, e permiti que ela passasse pelo corredor e fosse dormir na cozinha, onde ela gostava.

Voltei para a cama, acordei tarde no sábado. E nada de Viola!

Procurei-a por todo canto, chamei, vasculhei tudo. Minha mãe ajudou um pouco, Eduardo também, depois que chegou. Mas de nada resolveu. Eu fiquei arrasada. A Viola já tinha quase doze anos, e eu adorava aquela coisinha fofa, branquinha, peludinha!

Eduardo tentou me animar, então fomos passear num *Shopping* mais afastado, o Lar Center. Era gostoso ficar olhando coisas para casa, pensando no casamento. Mas, naquele dia, eu não tinha ânimo, me sentia esgotada, volta e meia acabava lembrando e chorando por causa da Viola. Estava morta de medo que aquilo tivesse alguma coisa a ver com as lutas que estávamos enfrentando.

– Mas nós *oramos* pelos bichos! Por todos eles! A gente sempre ora! Não pode acontecer nada de sério!

Foi muito difícil, mas finalmente oramos ali no *Shopping* mesmo, sentados num banco, e eu consegui entregar a Viola para Deus. E falei com toda a força e fé que podia tirar do meu coração:

– O dia da morte dela só o Senhor é que sabe. Eu desejo que ela volte, mas tudo está nas Tuas Mãos. De qualquer forma, somente o Senhor pode levá-la, não nossos inimigos, porque ela está coberta pelas nossas orações. Se isso vem das Tuas Mãos, meu Pai, eu aceito. Mas se vem dos nossos inimigos, nós *resistimos* a esse intento, e cancelamos os seus efeitos. Eu não aceito que o diabo tire a minha gata de mim, Deus! Torno a falar, só o Senhor tem esse direito, só o Senhor sabe qual vai ser esse dia, e como ela vai morrer. Toda interferência do Inferno, nessa situação, te pedimos que desfaça! E agora, por favor, ajuda meu coração a ficar em paz... eu quero ficar em paz...

A gente sabia que também nisso Deus queria nos ensinar. Nem sempre as coisas acontecem como queremos, e perdas são inevitáveis. Eu sempre ficava muito desestabilizada com qualquer problema referente aos animais. Isso era uma maneira de me enfraquecer, de me fazer baixar a guarda.

– O golpe final não é esse... – dizia Eduardo. – Eles estão preparando o terreno, e tocar nos bichos é uma boa forma de fazer isso, você sabe. Temos que nos reestruturar!

Há que diferenciar duas hipóteses, e isso nós sabíamos bem: há coisas que fazem parte do plano de Deus, e nossa oração não tem o poder de mudar isso. No entanto, outras situações de perda têm o dedo do diabo no meio. Nesses casos, a oração é eficaz para reverter o plano do inimigo. Nem sempre a gente consegue diferenciar as duas coisas, portanto, o mais sábio era colocar tanto uma quanto outra hipótese diante de Deus.

No fundo, no fundo, embora não falássemos mais claramente, tanto eu quanto Eduardo tínhamos por bem achar que aquilo era um ataque espiritual. Mesmo porque Deus tinha avisado sobre esse ataque contra os animais.

Quando Eduardo pressentiu aquele ataque de morte, se nós não pudéssemos ser atingidos diretamente, a verdade é que aqueles que estão à nossa volta podem sofrer retaliação. Nós sabíamos que Deus não permitiria que ninguém da nossa família fosse tocado, mas o diabo também sabia que parte do seu intento poderia ser concretizado se ele começasse atacando um dos bichos. Criando a situação de

desconforto, ele poderia conseguir desviar nossa atenção e isso facilitaria agressões posteriores mais intensas.

Realmente, no fundo do nosso espírito ficava a inquietação, o desconforto. A dúvida. Somente a oração liberada tinha o poder de diminuir a sensação de mal-estar. Uma vez tendo feito a nossa parte, isto é, entregado aquele problema nas mãos de Deus, tínhamos a certeza de que agora era *Ele* que daria as diretrizes. E não o inimigo.

Encerrada a oração, procurei não falar mais a respeito, não chorar, não pensar mais. Apenas me distrair um pouco. Apesar da tristeza, tudo aquilo estava completamente entregue nas mãos do Senhor. E, se tivesse o dedo de Satanás, não seria por falta de intercessão que ele iria continuar agindo livremente.

Tudo o que havia para ser feito nós já havíamos feito, Deus já tinha ouvido nossa súplica. Era o que bastava.

À noite, depois do passeio, Eduardo deixou-me em casa.

– Me liga quando chegar – pedi. Quando ele ligou, falei mais uma vez:

– Vamos orar de novo pela Viola? Só mais uma vez? – Eduardo orou. E depois, falou:

– Não se preocupe. Ela vai voltar. Deus quer te ensinar a descansar Nele, a não idolatrar os bichos. Você tem que aprender. Fica em paz, ela vai voltar!

Ainda chorei um pouco, apesar de estar procurando com todas as forças fazer o que era certo. Ao desligar o telefone, enquanto ia preparando as coisas para tomar banho, entre lágrimas fui falando com Deus:

– Eu quero te agradar, sabe, Deus... quero mesmo, o Senhor *sabe* disso. Sei que tenho que conseguir entregar os bichos a Ti... esse é um ponto fraco meu. Mas não quero fazer nada errado, me comportar errado... me ajuda na minha fraqueza, na minha dificuldade... que cada coisa ocupe o seu devido lugar e tenha o seu devido valor, nem mais nem menos. Mas eu gosto tanto da Vivi, Senhor... onde será que ela pode estar? Ela não some! Traz ela de volta, o Senhor pode fazer isso! O Senhor pode fazer qualquer coisa... não deixa nossos inimigos levarem ela embora, tirem ela de mim...

Saí do banho, fui para a sala onde minha mãe fazia palavras cruzadas. Liguei uma música, fiquei zanzando por ali ainda. Lá pela meia-noite, fui chamar a Viola mais uma vez, antes de ir deitar. Abri a porta da cozinha, olhei para o quintal. O Wolfi, o Gorbie e a Bitinha já vieram para se empoleirar no portãozinho.

– Pss, pss, pssss... Viooola! – chamei em tom baixo. Não precisava mais do que isso: ela conhecia a minha voz. Eram doze anos da mesma coisa, todos os dias.

Se estivesse por perto, responderia ao meu chamado. E, miando, viria pelos telhados e pelo muro. Era sempre assim!

Os três cachorros reboavam no degrau na porta. Passei a mão pela cabeça deles, distraída. Voltei a olhar para o céu escuro e para o telhado do rancho, para o muro.

– Pss, pss... Viviiii!

– Pruaauuu... – eu conhecia aquele sonzinho. – Vivi!!!

– Miau!

Ela sempre conversava comigo. E, de repente, a Viola estava ali, bem em cima da laje do vizinho.

– Ah, Violinha, que alegria! Você tá aí, sua coisinha?! Mãe, a Viola voltou!

Minha mãe veio até a cozinha, nós duas olhávamos para a Viola, que continuava sentadinha na laje.

– Mas que sem vergonha essa gata! Onde será que ela estava?

Viola veio, entrou. Parecia cansada e estava bem suja. Comeu um monte de ração e foi dormir. Eu olhava para aquela rodinha suja sobre o tapete da cozinha.

– Ah, meu Deus... obrigada! Obrigada! – encostei de leve nela.

– Prúúú! – ela sempre fazia aquele barulhinho, parecia uma pomba arrulhando. A Viola só iria morrer com 16 anos, e era tão especial que o Senhor avisou que ela iria embora. Falou para Eduardo a causa da morte, apesar dos veterinários não terem podido precisar um diagnóstico. Ela teve um derrame.

CAPÍTULO 21

Tivemos uns oito ou nove dias de sossego. Aproveitamos os dias e a companhia um do outro. Na segunda quinzena de janeiro, eu começaria a procurar outro emprego, por isso queria tentar descansar tudo o que pudesse. O final do ano tinha sido muito cansativo... o começo daquele ano também!

Eduardo procurava o emprego dele criteriosamente, participando de entrevistas. Agora era começar tudo de novo, pois começavam a aparecer novas oportunidades no mercado. Os processos de seleção dele, ao contrário dos meus, eram sempre muito morosos, cheios de testes, dinâmicas, entrevistas... e depois mais entrevistas à medida que os candidatos iam sendo eliminados.

Eduardo era inteligente, vivaz, dinâmico. Mas estava demorando tanto dessa vez a achar alguma coisa que valesse a pena em termos de cargo e salário! Ele já estava sem emprego havia mais de dois meses, e apesar de procurarmos economizar ao máximo nosso dinheiro, logo acabaria.

Porque na nossa aplicação financeira nós nem pensávamos em mexer, é claro! Poderia apertar o quanto fosse, mas aquele dinheiro era sagrado. Logo, poderíamos nos casar... já tínhamos visto montanhas de apartamentos para comprar nos bairros que nos interessavam. Faltava somente juntar um pouco mais de dinheiro, e então... era só dar entrada no nosso lar!

Eu tinha guardada comigo uma pasta enorme, cheia de anúncios de apartamentos e de orçamentos de corretores. Visitamos muita coisa, o que eu mais gostava de fazer era colecionar os recortes de jornal de domingo, aqueles que falavam das oportunidades no mercado imobiliário. Muitas vezes, eu tinha ido até mesmo sozinha, rodava pelos bairros, dando uma olhada na fachada dos prédios. Mais tarde, no final de semana, voltava com Eduardo. Eu sonhava de olhos abertos com o dia em que pudéssemos encontrar o nosso ninho.

Faltava só mais um pouco! Agora, de acordo com o último extrato bancário que Eduardo recebera, tínhamos quase R\$ 25.000,00 na aplicação. As economias de três anos! Isso sem contar que tínhamos financiado o carro, fazíamos agora uma boa academia também.

A gente falava com entusiasmo e alegria sobre o casamento, apesar das nossas brigas. Porque se fôssemos pensar, em quase todo o tempo nós nos dávamos muito bem. Na verdade, *excepcionalmente bem*. Nós dois éramos muito amigos, companheiros, havia fidelidade no nosso relacionamento, sinceridade, atração, envolvimento. Havia cumplicidade. E, acima de tudo, gostávamos realmente da companhia um do outro, era muito bom estar junto.

Quanto às brigas... nós tínhamos nossos defeitos e haveríamos de tratá-los com o tempo. Isso era algo totalmente normal, totalmente aceitável em qualquer relacionamento. Era algo humano.

Tudo o que ia *além disso* – uma boa e considerável parte, aliás – nós sabíamos, tinha a ver com nosso contexto espiritual. Nós sabíamos de cor e salteado o quanto tramavam contra nós, especialmente contra a *nossa aliança*.

Eles queriam Eduardo sozinho a todo custo, mas eu teimava em estar ao lado dele. Não iria ser assim tão fácil nos separar! Aquilo que Deus juntou, ninguém pode separar. Por isso, fazíamos, *sim*, planos e planos para o casamento. Nosso noivado já durava dois anos, era hora de pensar seriamente em algo mais.

– Acertando nossos empregos, acho que em mais uns três ou quatro meses já teremos dinheiro pra dar entrada no apartamento, né, Nenê?

– Acho que sim, “Mô”! No mais tardar no meio do ano. Você sabe que vamos ter uma dívida grande durante muito tempo, por isso temos que estar bem satisfeitos com os empregos, bem estabelecidos.

– É, eu sei... mas vai dar tudo certo. É só fazer a coisa bem “pé no chão”. Temos que ter uma prestação com a qual possamos arcar sem nos desgastar demais.

– Nós temos condição disso. Dando uma boa entrada, não vai ter problema. Se a gente der R\$ 30.000,00 de entrada está ótimo!

– E nós somos novos ainda, vamos conseguir construir o nosso patrimônio aos poucos. Né, Nenê, né?! Você não acha?

Eduardo sorria e participava do meu entusiasmo.

– É, Gatinha, vamos conseguir. Temos tudo pra isso! Somando forças a gente consegue.

– O mais legal de tudo isso é que a gente está conseguindo as coisas pela gente mesmo. Nem você nem eu somos parasitas do papai e da mamãe.

– Isso é verdade. Eu, nem que quisesse, iria poder contar com ninguém nesse sentido...

– Ah, em casa também não tem jeito! Mesmo que minha mãe quisesse, não iria poder me dar um apartamento de presente de casamento.

– É... é bem mais fácil casar hoje em dia quando os outros ajudam.

Dei de ombros.

– Isso lá é verdade... tem tanta gente que casa com a maior facilidade. Os pais de um dão a casa, os pais do outro dão a mobília...

– E os avós montam o casamento inteiro! – Eduardo já ria.

– E os outros avós dão a lua de mel! – eu ria também. – E perguntam o que está faltando!

– É... assim é mais fácil!

Parei um pouco para pensar no tamanho da despesa. Era assustador!

– Nossa, Eduardo... como é que as pessoas casam hoje em dia sem contar com a família? Precisa ter *muito* dinheiro!

– Ah, naquela base, né? Não dá pra fazer muita extravagância.

– Mas a gente só casa uma vez na vida... não dá também pra economizar em tudo, caramba! O problema é que São Paulo é uma cidade caríssima! Se a gente morasse no interior seria muito mais fácil!

– Gatinha, não se desespere de antemão. Nós vamos ter condição de fazer as coisas como a gente quer.

– Isso, Nenê. Só temos que economizar mais alguns meses. Assim que a gente estiver empregado, cada centavo extra vai pro banco!

E nós fazíamos planos e planos, continuávamos colecionando propagandas de imóveis, pesquisando preços, agendando visitas com corretores. Era muito importante conhecer os bairros e as opções, que eram infindáveis.

Então, novamente, chegaram dias de luta e ataque, dias tortuosos, carregados de tensão.

Tudo sempre começava com a desestabilização emocional. Em quase cem por cento das vezes, era assim que a porta das nossas vidas ficava aberta à ação demoníaca. O conflito, a ira, as palavras afiadas, a separação entre nós dois, a ausência de resistência em oração... tudo isso era um terreno perfeito para o inimigo. As portas eram escancaradas, e eles atuavam rapidamente, potencializando ainda mais o conflito.

Como era terrível... e como nós demoraríamos a aprender!

O fato é que, uma vez minada nossa resistência e conseguido o afastamento, nós nos tornávamos extremamente vulneráveis. Juntos, éramos mais fortes... separados... era sempre o prenúncio de um caos.

Nós não percebíamos essa realidade com clareza. E cada um queria fazer prevalecer seus direitos e o seu ponto de vista.

Certa noite, ainda na primeira quinzena de janeiro, fomos jantar com um casal de amigos. Eles eram Missionários, muito simpáticos, um pouco mais velhos do que nós. Foi uma noite agradável, comemos, conversamos, demos risada, descontraímos.

Ao sair, já nem me recordo o motivo, mas Eduardo e eu começamos a ter problemas. Era já muito tarde para estender qualquer discussão, de modo que tudo acabaria por arrastar-se para o dia seguinte. Fui deitar quase quatro horas da manhã.

Com Eduardo não foi diferente. Mesmo assim, orando ao chegar em sua casa, sem sono, ele decidiu-se a escrever a carta para nosso Pastor. A carta que tinha sido encomendada pelo anjo ruivo, e que deveria ser escrita no começo do ano.

No dia seguinte, tudo voltou ao normal. Oramos, nos reconciliamos. Eduardo mostrou-me a carta, a qual li com calma, observando os detalhes. Era relativamente curta e contava, em poucas linhas, sobre seu passado, além de acrescentar que aquele relato era fruto de obediência a uma *ordem* de Deus. Certamente, o Senhor queria que o Pastor Lucas conhecesse o testemunho de Eduardo, por isso mostramos interesse em agendar uma conversa para compartilhar.

Sem dúvida, não era algo muito fácil para nós. Expor a nossa vida e os nossos problemas para alguém que não conhecíamos bem, a não ser de escutar suas Pregações. As quais eram, aliás, muito boas!

Nós admirávamos o Pastor Lucas pela unção que ele tinha na Palavra. Mas, daí a sair compartilhando aquela história de Irmandade... nós queríamos a convivência, não necessariamente a exposição.

Enfim, o anjo deixara claro que “aquela era uma informação importante, que Eduardo deveria começar falando com os seus, com aqueles da nossa própria Igreja... com nosso Pastor”. Não havia outra alternativa senão obedecer.

Naquele mesmo dia, após o Culto – domingo –, Eduardo entregou a carta em mãos. E avisou que iria procurar a secretária da Igreja na segunda-feira e marcar um horário para conversarmos. Dito e feito, assim foi.

Ficou agendado para dali a quinze dias, com o Pastor Lucas e um dos Pastores auxiliares, o Joel, seu principal companheiro, um homem simples, mas com uma especial unção Profética.

Ficamos aguardando pelo encontro no fim do mês. Eduardo, especialmente, estava bastante ansioso. Embora ele não dissesse muito a esse respeito, eu sentia o quanto necessitava de um amigo. Um *homem*, alguém que o “adotasse”, que

caminhasse com ele. Eu estaria ao seu lado sempre para o que desse e viesse, e Eduardo considerava isso com valor. Mas... eu sabia... o lugar que Marlon havia ocupado em sua vida estava vazio havia anos. Quem sabe Deus não lhe mandaria um outro amigo? Quem sabe o Pastor não ocuparia, pelo menos em parte... aquele lugar?

Eduardo animava-se com essa possibilidade, especialmente porque tinha sido Grace quem indicara aquela Igreja.

Quanto a mim, particularmente, não acreditava muito. Nem esperava muito das pessoas. Se acontecesse, muito que bem... mas, se não... também não iria ser o fim do mundo para mim. Minha história de vida tinha me ensinado isso, assim era. Vim de um contexto muito diferente do de Eduardo. Se ele aprendeu a contar com amigos que lhe foram caros, dentro da “29”, mas principalmente na Irmandade (justiça seja feita), eu, pelo contrário, conhecia melhor a índole dos Cristãos. Excetuando meu tempo de ABU, nunca tive ninguém que se me tornasse especial dentro da Igreja: era mais ou menos “cada um por si e Deus por todos”.

Por isso, já não esperava muito de ninguém. Já tinha me acostumado.

Nesse aspecto, Eduardo era mais crédulo do que eu, mais esperançoso, mais carente, mais ingênuo. Ele realmente esperava algo de bom dos outros, acreditava nas pessoas, caía mais “de cabeça”. Tinha o coração mais puro. E eu, do meu lado, ia com cautela, ponderava, não me entregava logo de cara, muito menos confiava abertamente. Ainda que desejasse me relacionar com as pessoas, esperava um pouco mais para saber em que terreno estava pisando. Até prova em contrário, todo “irmão” ou “irmã” tem um enorme potencial para machucar o coração alheio. Pelo menos, eu assim sentia. Coisas da vida...!

E claro que Grace e Dona Clara vinham provando ser a exceção dessa triste regra. Eu dava graças a Deus por elas!

Então... esperamos pelo encontro. Eduardo, ansioso e cheio de expectativa; eu, um pouquinho desconfiada. Porém, aquela era a vontade de Deus, então nos rendíamos a ela.

O Mundo Espiritual iria mover-se, disso não havia dúvida. Afinal, havia um decreto especial naquele sentido, de que não nos relacionaríamos com nosso Pastor. O Inferno estaria incomodado com aquele encontro, pelo menos imaginávamos que sim. O motivo principal, como já foi dito, era fazer com que Eduardo se decepcionasse com a Igreja e ficasse mais propenso em retornar à Irmandade. Se Deus tinha algum outro propósito em fazer o Pastor Lucas ciente

da realidade da Irmandade, isso já era um outro assunto... não nos dizia respeito pessoalmente. Caberia a ele buscar de Deus o que fazer com aquelas informações.

Realmente, a coisa não iria ser muito fácil, porque no dia seguinte mesmo, na terça-feira, fomos surpreendidos numa briga feia, desconcertante, interminável. Ou melhor, terminou quando Eduardo foi só para a academia. Eu desisti, não tinha a menor condição de fazer ginástica.

Mas estava furiosa com Eduardo!!!

Fiquei em casa, tentando fazer de tudo para me sentir melhor, o que não adiantou de nada. À noite, não nos falamos pelo telefone, isso nunca acontecia, dormi tarde e muito mal. O dia seguinte encontrou-me ao meio-dia ainda na cama, cheia de mau humor. Não adiantava querer falar com Eduardo, pois ele tinha saído naquela manhã para dar continuidade à sua procura de emprego. Eu sabia que ele ficaria o dia todo na rua, o que significava que eu teria ainda pela frente uma tarde horrível e desagradável. Não porque fosse ficar sem ele, mas sim porque estávamos mal um com outro.

Como aquilo tinha o poder de transformar a minha vida num Inferno!

Era terrível a gente estar brigado. Eu gostaria muito de saber virar a página, esquecer, fazer alguma coisa que me relaxasse e tirasse aquele peso indescritível do corpo, da mente. Uma sensação ruim, angustiante, horrorosa...

As horas correram lentamente e nada me entretinha. “Por que ele não liga? Estará tudo bem?!”.

A sensação de inquietação me invadia, me enchia de mal-estar. Era impossível concentrar-me em qualquer coisa. Orei frases soltas, esparsas, o que me vinha à cabeça.

– Deus, ajuda a gente a se reconciliar...

Intimamente, eu sabia que não era *seguro* manter aquela situação por muito tempo.

“Ah, que sensação de inquietação!...”.

Ao cair da tardezinha, Eduardo me ligou, mais calmo e animado com oportunidades de trabalho. Não era a melhor coisa conversarmos por telefone, de modo que combinamos um encontro na Comunidade, no Culto de todas as quartas-feiras.

– Tá bem – concordei.

Nós costumávamos mesmo ir a todos os Cultos da semana, todos os domingos e quartas.

– Assistimos ao Culto, depois podemos tomar um café e conversamos – sugeriu Eduardo.

Ficou assim combinado, e, como já estivesse pronta, peguei o carro e fui à Igreja. Já eram oito horas da noite, e o Culto estava começando; acabei me atrasando um pouquinho por motivo de força maior.

Eduardo também se atrasaria, pois tinha que pegar ônibus. De qualquer forma, seria a melhor coisa nos encontrarmos na Igreja, assistir ao Culto, receber a Palavra, como sempre fazíamos... para *depois* conversar! Era possível até mesmo orar um pouco com Dona Clara, se fosse necessário, apesar de não ser dia de encontro. Ela tinha viajado um pouco no fim do ano, mas já estava de volta.

Cheguei à Igreja, escutei de fora o som do Louvor. Iria ser bom, muito bom restaurar as forças, o corpo, a alma e o espírito. Sentei-me mais ou menos atrás, diferente do nosso costume de pegar lugar na primeira ou segunda fileira. Assim, Eduardo poderia me achar com mais facilidade quando chegasse. A Igreja nunca lotava nas quartas-feiras.

Me afundei no Louvor e, com os olhos fechados o tempo todo, não me distraí com nada. Quando terminou aquele período e foram dados os avisos, olhei para trás. Notei que Eduardo ainda não tinha chegado. “Nada dele!”

Não me perturbei, afinal poderia ser tudo culpa do ônibus. Logo ele estaria ali!

Começou a pregação. Às quartas-feiras, era sempre o Pastor Joel que pregava.

Chegou o meio da pregação... e Eduardo não aparecia! Procurei controlar a preocupação à medida que olhava para o relógio e via os minutos passando vagarosamente. Sem perder o fio da meada do sermão, imaginei então que Eduardo deveria ter-se demorado em casa antes de sair. Era isso.

Esperei mais um pouco, vez por outra olhando por cima do ombro. Como ele não aparecesse, imaginei mil coisas.

“Acho que além de se demorar em casa, o ônibus também deve ter atrasado *muito...*”.

Já fazia um bom tempo que eu orava em línguas, baixinho, sem conseguir deixar de me sentir conturbada.

O Culto estava acabando, e Eduardo não vinha! Durante a oração final, eu me levantei e saí antes mesmo que ela terminasse.

“Não é possível... alguma coisa *deve* ter acontecido, meu Deus! Ele já deveria estar aqui de velho!”.

Bem defronte à Igreja, havia um orelhão. Peguei o telefone e comecei a discar... *nada!*

“Mas que droga de orelhão!!”.

Bati várias vezes no botão, tentando linha. Estava quebrado. Mas havia outro logo ali no quarteirão de cima. Atravessei a rua correndo, tentei ligar do outro telefone. Sentia meu coração batendo forte na garganta, estava extremamente preocupada.

– Droga, droga, droga! – falei alto e bati com força o telefone no gancho novamente. – Que hora pra *todos os orelhões quebrarem!!*

Voltei correndo para a frente da Igreja. O Culto estava acabando, e eu não sabia exatamente o que fazer.

“Onde será que está o Nenê?? Onde?”.

Eu olhava o tempo todo para os lados, andando pela calçada com o semblante carregado de preocupação e pensando no que deveria fazer a seguir.

“Bom, vou até lá! Pego o carro, em quinze minutos tô lá!”.

Caminhei em passos rápidos até o carro, nem me lembrei de pôr o cinto de segurança e saí desabaladamente, como só eu sabia fazer. Sem parar de orar, mas sentindo toda a musculatura cervical tensionada, voei rua acima. Algumas quadras lá na frente, relanceei o olhar de repente num outro orelhão.

“Será?...”.

Minha dúvida durou menos de um segundo. Num rápido olhar nos espelhos, virei o carro rapidamente e embiquei na calçada do outro lado da rua. Assim que o fluxo permitiu, fiz uma rápida contramão para parar bem em frente ao telefone público. Pulei do carro, deixando-o ligado ali ao meu lado, sob minhas vistas. Tirei o telefone do gancho e escutei ansiosamente:

– Arre! Algo ainda funciona neste mundo!

Disquei para a casa de Eduardo. Estava tão nervosa que errei na discagem e caí em outro lugar. A voz respondeu sem muita educação:

– É engano!

Nem respondi nada, desliguei e liguei de novo, dessa vez com mais calma. Foi Dona Odete quem atendeu. Procurei dar o tom mais casual possível à minha voz. Cumprimentei e perguntei logo por Eduardo.

– Puxa, já faz tempo que ele saiu, viu, Isabela?! Saiu dizendo que ia à Igreja.

– Mas a que horas ele saiu mesmo? – eu falava naturalmente. – Será que o ônibus demorou pra passar? Porque ele ainda não chegou.

– Ele saiu umas oito e pouco, oito e quinze, por aí.

Agora eu me sentia assustada de verdade... eram mais de dez horas da noite! Mesmo assim, ainda usei um tom corriqueiro. Ela não poderia ajudar mesmo!

– Tá bom, então... se ele ligar, diz que eu liguei – aquilo era só pró-forma.
– Eu falo. Mas o que será que pode ter acontecido, hein? Porque logo que ele saiu daqui, não deu nem cinco minutos, e ligou um amigo dele da Igreja.

Senti novamente uma onda de preocupação aguda percorrer o meu corpo.

– Amigo da *Igreja*? Mas... que amigo?!

– Ele disse que se chamava Marlon, era um amigo do Eduardo, da Igreja. Aí perguntou se o Eduardo iria hoje no Culto.

Eu estava muda. Em choque. Estática. Dona Odete continuou:

– Eu disse que sim, que ele tinha acabado de sair. Então o tal amigo perguntou se o Eduardo estava de ônibus; como eu disse que sim, ele então desligou avisando que passava no ponto pra pegar o Eduardo. Dava uma carona pra ele porque também estava indo ao Culto. Vai ver eles pararam em algum lugar antes!

Eu sentia o pânico me invadir de maneira indescritível.

– Ah... deve ser isso, então... – respondi calmamente. – Tá bom, qualquer coisa, diz pra ele me ligar quando chegar.

– Tudo bem, Isabela.

– Tá... tchau, então...

– Tchau!

Desliguei o telefone com as mãos frias. Montei no carro e desci a rua em direção à Igreja novamente, a toda velocidade. Parei o carro em frente, como deu, nem sei se podia parar ali.

Corri para procurar Dona Clara. Ela estava conversando com alguém, sentada num cantinho da Igreja, no último banco, perto da porta.

– Dona Clara, ah! Me desculpe, mas eu preciso conversar um pouco com a senhora! – fui dizendo.

Acho que alguma coisa na expressão do meu rosto deve ter feito com que a pessoa diante de Dona Clara se apressasse na despedida.

– Tchau, querida... a gente se fala!

– Tchau, “Bem”! – respondeu Dona Clara, e em seguida olhou para mim.

– Vamos conversar ali dentro, Dona Clara? – apontei uma espécie de antessala, perto da Secretaria e das escadas, que estava mais privativa naquele momento.

Ela concordou, então entramos as duas, e eu encostei a porta.

– Dona Clara, precisamos orar pelo Eduardo, eu não sei o que aconteceu com ele, Dona Clara! – comecei já a chorar, embora fosse difícil que isso acontecesse. Comecei a explicar o mais depressa que pude. – Eu... quer dizer, nós brigamos ontem... mas conversamos hoje pelo telefone... e marcamos de nos encontrar aqui

no Culto! Mas ele não chegou, eu liguei pra lá... e a mãe dele me disse que o Marlon foi buscar ele no ponto de ônibus. Até agora não sei dele! Não sei onde ele está, e aquele homem foi atrás dele!

– Calma – disse Dona Clara com semblante sério. – Vamos orar e entregar essa situação ao Senhor. Ele está no controle. Vamos orar.

– Vamos!

Dona Clara orou alto, e eu concordava fortemente com a sua oração, chorando bem quietinha e torcendo ligeiramente as mãos. Pedimos a proteção do Senhor e o desmantelamento da armadilha do inimigo. Força e sabedoria sobre Eduardo.

Não foi uma oração longa. Dona Clara parecia confiante de que nada de mal aconteceria. Não fez escândalo, nem alarido.

No final, eu enxuguei as lágrimas mais aliviada. Não havia o que fazer a não ser ir para casa. Estava entregue ao Senhor! Ele era Poderoso, faria o que mais ninguém poderia fazer: trazer paz no meio daquela confusão!

– Obrigada, Dona Clara, pela sua ajuda... – tornei, com o coração realmente-grato.

– O Senhor é quem nos sustenta, né, “Bem”? – ela respondeu, sorrindo. – Vai ficar tudo bem. Tem coisas que a gente tem que passar, não tem jeito, mas o Senhor é conosco! Vamos em frente, né?!

Dona Clara não era demagoga. Ela falava aquilo sempre com a simplicidade decorrente da fé genuína, fruto de quem conhece o Pai.

Acalmei-me. Passou aquela sensação de desespero. Deus estava no controle. Mas minha alma estava entristecida.

– Bom... vou indo, então...

– Tá bom, vai com Deus!

Trocamos um beijo de despedida. Eu saí devagar da Igreja e resolvi ligar de novo para a casa de Eduardo. Fazia uns vinte minutos que tinha ligado, talvez até um pouco mais. Voltei até o orelhão que funcionava, estacionei o carro. Liguei.

E Eduardo atendeu!!!

– Alô? – Fez a voz dele pelo aparelho.

– Nenê??? É você?? O que aconteceu?! Por que você não veio?!

– Eu acabei de te ligar, pensei que você já devia ter voltado do Culto. Aconteceu uma coisa... por isso não fui.

– Eu sei, eu sei! – parte daquele pânico ainda me tomava. – O Marlon te procurou, não foi?

Ele se espantou:

– Como é que você sabe?

– Foi sua mãe que disse. Eu já tinha ligado!

– Ela me falou. Mas o que foi que ela te disse?

Contei. Mas eu estava ansiosa e preocupada.

– E então, Nenê? Ele foi *mesmo* atrás de você?

– Foi, Gatinha...

– Mas... mas que ousadia dessa gente, Eduardo!! Será que não vão mesmo te deixar em paz, esquecer que você existe?

– Pois é... você já comeu?

– Se comi? Claro que não, né? Vê lá se tinha algum clima pra comer! Fiquei orando o Culto todo, depois fiquei orando com Dona Clara por você, aí, antes de ir pra casa, resolvi ligar de novo...

– Então você não está em casa!?

– Não, estou no meio da rua, no orelhão.

– Ah, Isabela, não fica aí, não! Estamos em São Paulo!

Olhei ao redor. A rua estava deserta, o carro continuava ligado. Realmente, não era prudente!

– Tá bom. Eu vou pra casa e te ligo em seguida. Nenê... está tudo bem com você?

– Tá tudo bem, menina. Eu tô bem.

– Mas tá bem mesmo?

– Tô, tô sim.

Desabafei um longo suspiro, finalmente sentindo a tensão da noite anterior, de todo o dia e das últimas horas começando a relaxar.

– Ai, que bom que você está em casa... ama Nenê...

– Eu sei, “Mô”. Nenê também ama. Vai pra casa agora, não fica aí, não!

– Tá. Tô indo.

Peguei o carro novamente, agradecendo a Deus por Eduardo estar em casa. Eu necessariamente tinha que passar diante da Igreja para ir para minha casa. Então parei rapidamente, talvez Dona Clara ainda estivesse lá.

De fato. Despedia-se na porta. Eu pulei do carro, satisfeita, fui até ela com o sorriso estampado no rosto.

– Liguei pra ele, Dona Clara! Ele tinha acabado de chegar.

– Tá vendo? Graças a Deus! Está tudo bem, então?

– Parece que sim. Não sei ainda o que aconteceu, mas o pior já passou...

– Tá bem. Deus abençoe!

– Tchau!

* * *

Até no dia seguinte, eu e Eduardo ainda comentávamos o que tinha acontecido. Realmente, eles estavam *fazendo pressão*... primeiro a carta, depois aquele monte de telefonemas, agora...

– Quando cheguei no ponto, estava só com a Bíblia na mão e tinha umas duas ou três pessoas ali. Lembro que reparei quando vi passar o carro preto, importado, de vidros escuros. Não é toda hora que a gente vê um assim. Mas não imaginei que pudesse ser ele, justo ele! Nem vi que o carro estacionou bem ali mesmo, em frente à Igreja Católica, no mesmo lugar de antigamente. Eu estava distraído olhando os ônibus, queria que passasse logo algum que me servisse pra ir embora. De repente, alguém bateu no meu ombro... e era ele!

– E você? Você se assustou?

– Não. A bem da verdade, não... ele era meu amigo! Confesso que fiquei feliz em vê-lo! Ele tomou a iniciativa e me abraçou forte, como sempre fazia, então... abracei ele também! E falei a primeira coisa que me veio na cabeça, nem pensei pra dizer isso: “Puxa, Marlon, você não mudou nada, hein, cara?”. Ele riu e disse que tinha vindo especialmente pra me ver. “Você não deveria estar em Brasília, em plena quarta-feira?”, perguntei depois. Então ele respondeu que sabia que eu estava precisando... e que pra mim ele sempre teria tempo.

– Humpf! – dei um muxoxo seco.

– Então ele foi falando, supersimpático: “Você não quer dar uma volta, bater um papo?”.

Fiquei de cabelo em pé.

– E você *foi*, Eduardo? – exclamei horrorizada.

– Não, não! Também não sou tão louco assim!

– Então vocês ficaram todo aquele tempo conversando no ponto de ônibus?!

– No carro dele. Parados ali, o tempo todo.

– Ah, menos mal. E qual foi a dele?

– Bom... a gente falou bastante... fazia tempo mas... em suma...

– Em suma, não! Me conta isso direito.

– De cara, ele veio falando da minha situação financeira. Conhecia muito bem os problemas que temos passado. Eles sabem mesmo de tudo... e sabem que nosso dinheiro está miando. Mesmo quando você começar a trabalhar, não vai ser

suficiente pra toda a nossa despesa. Logo me ofereceu R\$ 5.000,00. Abriu a carteira, tirou, foi me dando enquanto falava: “Aceita isso como uma ajuda de um amigo, você vai precisar”. E eu respondi: “Peraí, Marlon... eu não quero seu dinheiro!”. Mas ele continuou: “É sem compromisso, olhe... você *vai* precisar”. Eu olhei e, óbvio, fiquei tentado. Cinco mil, assim, ali na minha frente, dando sopa.

– Você não pegou mesmo, né?

– Não. Eu achei que não era certo.

– Fez bem, Nenê. Imagina só, aceitar dinheiro dessa gente... Deus nos livre!

– Aí ele começou a dizer que sente minha falta... todos sentem... foi muito paternal, me tratou muito bem... foi falando como estavam as coisas, como estava o preparo...

– Claro! Ele não iria vir mesmo soltando fogo pela boca – eu tinha receio que Eduardo se deixasse envolver emocionalmente. – Ele pode ter sido seu amigo, mas hoje é seu inimigo.

– Não ele... – retorquiu Eduardo. – Não a *pessoa* dele...

– Eu sei, mas o que está por trás dele, sim, com certeza... você não pode esquecer que ele está sendo manipulado pra servir aos interesses do diabo. Você não vai se deixar levar por isso, né? – eu falava com brandura na voz, mas também com convicção. – Né, Nenê?...

– Não, não vou me deixar levar... tanto é que estou aqui. Se dependesse dele...

– Ai, Eduardo, nem me fala uma loucura dessas... pelo amor de Deus! – só de pensar meu coração apertava.

– Bom... então ele disse que as coisas vão piorar. Vão piorar muito mais. Até agora ninguém do lado de lá está fazendo nada. Tudo vai ficar difícil... e ninguém vai me ajudar. Foi muito categórico em dizer isso, que *ninguém ficaria ao meu lado*! Acho que ele quis dizer financeiramente falando... e também em termos de amizade... eu não vou ter nenhum amigo. E quando as coisas apertarem, o dinheiro vai faltar.

Fiquei calada, esperando pelo resto. Eduardo tinha o aspecto triste e preocupado ao mesmo tempo, assim como eu.

– Ele já sabia da carta que escrevi e entreguei ao Pastor Lucas. E me disse que ele não vai dar nenhuma importância pra isso. Não vai ligar pra minha história, e nem pra mim.

– E você falou o quê?

– Eu quase não falei muito, só escutei. Mas, a essa altura, tive que retrucar, disse que não me importa se as pessoas vão, ou não, ficar ao meu lado. “Deus é meu

Pai”, respondi. “E Ele vai cuidar de mim”. Marlon riu, nem ligou pro que eu disse. Continuou afirmando: “Esse seu Pastor não vai dar a mínima pra você. Você duvida? Então liga pra ele”, e me estendeu o telefone. Eu respondi: “Não tenho o número da casa dele”; e aí ele mesmo me deu. “O número é tal”.

Fiquei surpresa.

– Ele tinha o número da casa do Pastor?!

– Não há nenhuma dificuldade nisso, você sabe. Me deu o número, falou pra eu fazer um teste. Como eu não quisesse, então mudou o rumo da conversa e continuou me advertindo de que o meu tempo se esgotava, e não haveria nada, nem ninguém capaz de me proteger. “Deus não poderá te proteger”. Então pegou minha Bíblia, educadamente, e abriu em Lamentações 2.13. Leu: “Que poderei dizer-te? A quem te compararei, ó filha de Jerusalém? A quem te assemelharei, para te consolar a ti, ó virgem, filha de Sião? Porque grande como o mar é a tua calamidade; quem te acudirá?”. E continuou dizendo que Deus não está me protegendo. “Na verdade, *eu* é que estou te protegendo, porque eu ainda te amo muito, te quero muito bem. *Eu* tenho intercedido a seu favor, impedindo que o cálice de ira seja derramado sobre você. Tenho impedido, dessa forma, que algo de muito ruim te aconteça. Você é especial, filho, e só nós reconhecemos o seu potencial. Eles estão dispostos a te dar uma nova chance, você sabe disso, mas o seu tempo se esgota. Esses Cristãozinhos de bosta não vão ficar ao seu lado quando a coisa apertar de verdade, nem Deus poderá te livrar”.

Volta e meia eu coçava a cabeça, apertava a mão contra a outra, quieta, escutando. Que dura situação para Eduardo enfrentar!...

– Puxa, Nenê... eu sei que isso tudo mexe com a gente. O que mais ele disse?

– Tentei *eu* dizer alguma coisa. E falei que Deus tinha protegido o Pastor Brintti... não me veio nada melhor pra dizer.

– E...?

– Ele disse que certas Maldições são como certos tipos de frutos... levam tempo pra amadurecer. “Como ele está *hoje*? Você sabe?”. Eu não sabia, não sei nada do Brintti... então fiquei quieto. Ele estava muito confiante! Parecia saber de coisas que não sei.

– Onde será que está esse Pastor, não?

– Não sei. Ninguém sabe dele. Nem a Grace!

De fato, nós já tínhamos tentado saber do Pastor Brintti de todos os modos, mas nossas buscas terminavam em nada. Era sempre alarme falso! Mas ele estava vivo, isso nós sabíamos.

– Então, eu tentei por outro lado, e disse que os anjos me protegiam. Ele deu outra risada e retrucou que os anjos são uns bichas, e que devem estar dormindo, pois não impediram que ele se aproximasse de mim naquele momento. Mais ou menos a mesma coisa que Zórdico disse pelo telefone. Eu também não soube o que responder. O que eu iria dizer? Tinha sido pego de surpresa completamente. Aí começou a falar de Thalya, que ela sentia minha falta, que ela era a pessoa certa pra mim...

Rilhei os dentes fortemente, mas nada falei.

– Ficou dizendo que você não é mulher pra mim, que você vai me levar pro Inferno, que eu tinha que me afastar de você... coisas assim. Foi muito incisivo nesse ponto.

Fiquei triste e calada.

– Mas isso não é verdade... – reiterou Eduardo. – Ele fala isso só pra me convencer a fazer o que ele quer. Pareceu muito insistente em que eu largasse de você. E você sabe, nós temos tido tanto problema... tem sido tão difícil! E ele tem que aparecer bem na hora em que a gente não tá bem. Ele sabe a hora certa!

Olhei para ele com olhos de cachorrinho esperando agrado.

– Ah, Nenê... – eu estava sentida. – A gente precisa parar de ter tanto problema...

– É, Gatinha. – Eduardo acomodou minha cabeça no seu ombro.

– Vai dar tudo certo.

Aquela frase parecia ter um amplo significado em si mesma. Queria dizer muita coisa.

– E foi só isso? – meio inquieta, eu levantei novamente a cabeça para poder vê-lo melhor.

– Aí ele disse que tinha que ir pra resolver uns compromissos. Me ofereceu de novo o dinheiro... que recusei, claro... e disse pra eu pensar no que ele havia dito. “Você tem até o seu aniversário pra me dar uma resposta. Depois dessa data, eu não vou mais poder ajudá-lo. Este ano é diferente, você sabe!”, terminou ele por fim.

– Foi tudo?

– Falou que, até o final da semana, eu veria como ele tinha razão, meu Pastor não vai me dar importância. Antes de nos despedirmos, peguei a Bíblia, lembrando-me subitamente do texto de Malaquias 3.14-18. Li, mas ele não pareceu ligar muito. Antes que eu saísse do carro, pensei em orar por ele. E disse mesmo: “Vou orar por você”. Mas ele me olhou com *uma cara*, Isabela... o

semblante dele se transformou! Eu desisti, né? Vai que ele ficava possesso ali dentro do carro... de qualquer forma, ele não iria mesmo permitir que eu orasse! Aí saí do carro... e voltei pra casa!

CAPÍTULO 22

No fim de semana, nós estávamos um pouco preocupados. Tudo aquilo estava mexendo tanto com a gente que, em certos momentos, acabávamos titubeando. Acabávamos até mesmo nos esquecendo da unção e ficávamos pensando se aquele “sonho” tinha sido mesmo enviado por Deus!

Tudo parecia confuso. Nossas emoções ficavam de tal forma em polvorosa, e havia também uma influência espiritual tão grande na mente que, por instantes, parecia realmente que o diabo estava falando a verdade, e Deus estava mentindo. Havia uma pressão grande à volta... se assim não fosse, não chegaríamos a questionar a Verdade de Deus.

Certamente que estávamos procurando fazer tudo conforme o anjo ruivo tinha dito. Por outro lado, Marlon também estava confiante, e, ainda por cima, eles tinham estabelecido uma data limite para o retorno de Eduardo. O seu aniversário seria em pouco menos de dois meses!

Eles não pareciam dispostos a desistir. E nós sabíamos, *sentindo na pele*, que aquela luta, que apenas começava, não parecia ter hora para acabar. Mesmo porque... de que jeito acabaria?

Sáimos de minha casa no início da noite e fomos tomar nosso *cappuccino* no Fran's. Não havia dinheiro para muito mais do que aquilo. Na segunda-feira, eu retornaria minha busca por um emprego melhor, já havia descansado quase quatro semanas. Não dava para chamar isso de férias... mas fazer o quê?...

Agora era tempo de pensar em trabalho.

Estacionamos perto do Fran's e, antes de descer, começamos a conversar um pouco sobre nossas dúvidas, com o coração um pouco temeroso. Estava um tempo meio geladinho, coisa da frente fria, e caía uma garoinha no para-brisa do carro. Eu cruzei os braços, me aconchegando na malha fina da blusa.

– Eu sei que o sonho veio de Deus... – dizia Eduardo. – Foi tudo tão claro... e teve o óleo... e a sensação de paz, de força que vinha dele... mas, mesmo assim, vamos pedir pra Deus confirmar tudo isso?

– Se você acha... então podemos pedir, mas, sabe... será que esse “sonho” já não foi uma espécie de confirmação de *outro* sonho? Sabe que eu estava pensando nisso? Você não lembra mais?

– Do quê?

– No começo de novembro do ano passado, está fazendo mais ou menos uns dois meses... você teve aquele sonho, com aqueles anjos... lembra?

O rosto de Eduardo iluminou:

– Ahh! É verdade! Aquilo foi sonho, realmente, mas, mesmo assim, foi um sonho diferente. Sonhei que fui pra Igreja, que estava na última quarta-feira da corrente de oração do Pastor Joel, a sétima quarta-feira. Então, o Pastor falou que eu iria pregar naquele dia, e não ele, porque Deus tinha lhe dado essa direção. Daí eu lembro que pensei em contar sobre Mefibosete... Eu lembrava com ele.

– Pois é, desde que você assistiu àquela pregação daquele Pastor estrangeiro na Igreja de minha mãe que você só fala no Mefibosete!

– Eu gostei muito do que ele disse, me tocou bastante. E, no sonho, já que o Pastor estava dizendo pra eu pregar na Igreja, que Deus tinha trazido essa direção, pensei em falar sobre Mefibosete.

– Mas aí apareceram os anjos!

– Pois é... a essa altura, eu não tinha ainda visto os anjos no Congresso de Casais, só aquele na Igreja, que parecia um homem. Que coisa, né? Mas aí, no sonho, quando subi ao púlpito, vi um anjo ao meu lado, e ele disse que primeiro eu deveria dar o meu testemunho. E depois poderia falar de Mefibosete. Então eu morri de medo, fiquei realmente assustado com aquela ordem. Gozado, né?... Eu ainda não tinha recebido nenhuma direção nesse sentido, a primeira foi no Encontro de Casais, depois o anjo ruivo confirmou de novo, em casa. Como tivesse ficado assustado, então o anjo do sonho respondeu: “Nós estamos com você!”. – A voz de Eduardo tremeu levemente. Ele sempre se comovia ao falar dos anjos. – Daí eu vi *mais anjos* ao redor do púlpito, eles tinham espadas, eram enormes, e apoiavam as espadas desembainhadas com a ponta no chão... então eu me decidi a falar. Aí, conforme eu falava, ia entrando muita gente na Igreja... tinha gente até do lado de fora! Depois que dei o testemunho, falei de Mefibosete e fiz apelo, falei também do Salmo 40, que lembrei na hora. E via mais anjos, muitos, muitos... eles flutuavam, parecia que a Igreja já não tinha mais teto, e eles tocavam as pessoas que pediam.

Eduardo parou um instante, relembando. E comentou:

– Puxa, eu já tinha até esquecido disso.

– Mas o mais importante é que você pediu pra Deus confirmar esse sonho. *Antes* do final do ano!

– É verdade, acordei com uma sensação estranha, como se aquele sonho fosse diferente de alguma maneira... porque não era como os outros, parecia algo que veio mesmo de Deus. E foi antes do Encontro de Casais, né? Puxa vida! Eu pedi mesmo que Deus confirmasse esse sonho, dando um sinal através de um anjo ou de um profeta.

– Aí, no Encontro, você vê anjos de verdade, e o ruivo aponta o púlpito pra você... semanas mais tarde, ele vem, te unge, fala do nosso Ministério, diz pra escrever a carta, fala do livro, que as informações que você tem são importantes... falou até da Medicina! E tudo isso veio *antes do fim do ano*! Você havia pedido que Deus desse direção pra nossa vida antes do fim do ano, e Ele deu. Por isso que tudo isso já é uma confirmação. Será que se a gente pedir outra vez, Deus vai atender?

– Eu acho que Deus vai atender, sim! – respondeu Eduardo. – Eu sei que foi Ele que falou através do anjo ruivo, que praticamente não existe nenhuma possibilidade de engano. Mas, por mais remota que seja essa chance... acho que é bom a gente ter cem por cento de certeza. Não podemos tomar o caminho errado. Qualquer erro... é morte certa! Esse é um caminho muito perigoso. Deus também sabe disso, por isso tem sido pronto em atender nossas orações, no sentido de confirmar a direção.

Assenti várias vezes com a cabeça:

– Pois é... já que vamos ter que pôr o pescoço na guilhotina... – procurei tornar a coisa mais amena. – É bom mesmo estarmos certos disso. É uma coisa séria demais, arriscada demais, pra nós dois...

– Se Deus confirmar de novo, então vamos saber que é isso mesmo!

– Tá. Ah, e teve também os três sonhos com o bebê...

– Isso foi superesquisito, mas também tinha aquele jeito de *diferente*, de ser um sonho diferente...

– Você sonhou com o nosso filho, né?

– Pois é... taí uma coisa que eu nunca iria pensar, a gente ainda nem se casou. Mas foram três vezes seguidas, eu vi ele direitinho.

– E você tem certeza que eu era a mãe, não é? – perguntei, sorrindo, só para ter certeza mais uma vez.

– É. Você era a mãe. Você estava lá! E a gente não estava aqui no Brasil...

O tempo futuro mostraria que todos esses sonhos eram proféticos. Naquela hora, no entanto, eu não tinha lá muita convicção de que Deus fosse falar mais alguma coisa. Aquelas experiências que Eduardo tivera valiam por muito mais do que palavras. Mas... realmente, era bom ter certeza. Nosso coração ficava pequeno cada vez que a gente pensava no assunto de Ministério. Era muito legal que o Senhor estivesse nos chamando para isso, mas... tinha que envolver algo tão *perigoso*? Quem éramos nós na ordem das coisas?! Há tantos Ministérios bem menos perigosos...!

– Então vamos orar. Vamos pedir.

Oramos com toda força que possuíamos, com toda a fé que nos era possível ter. Fomos sinceros em falar de nossa insegurança, nosso temor... afinal, de Deus é que nós não estávamos escondendo nada! Falamos também do nosso desejo de agradarmos ao coração do Pai. E pedimos por fim que o Senhor voltasse a confirmar o caminho Ministerial, se era *isso mesmo... e também se Ele estaria realmente conosco*!

Depois, enquanto eu enxugava minhas lágrimas e olhava para Eduardo, ele falou:

– Deus vai responder. Nosso pedido é sincero... é justo... você vai ver! Não se preocupe.

– Eu me preocupo mais por você do que por mim. Deus tem que estar te protegendo, Nenê!

– É... – Eduardo murmurou. – Nós dois! Tem que proteger nós dois.

– E minha família também!

Eduardo sorria; nós ainda estávamos com aquela sensação de temor espelhada no semblante.

– Vamos lá! Vamos tomar o nosso *cappuccino*! Agora a Gatinha vai ganhar *capuccino* com mentinha!

Procurei me animar. Olhei para o vidro todo respingado de chuva e para a folhagem das plantas sacudida pelo vento. Estava um bom tempo para *cappuccino*.

– Isso, vamos lá!

Corremos, fugindo da garoa, e entramos no Café.

* * *

Realmente, Deus atendeu nossa oração. Falou mais três vezes o que só nós sabíamos.

No dia seguinte, pela manhã, fomos a uma outra unidade de nossa Igreja, que ficava bem longe, na zona norte da cidade. Uma das Pastoras havia me pedido se seria possível que eu desse uma examinada numa mulher pobre que vinha frequentando a Igreja.

– Me parece que ela está grávida! – tinha dito a Pastora. – Comecei a notar a barriguinha dela e fui dar os parabéns. Pra minha surpresa, ela nem sabe se está ou não grávida. Não tem convênio, não tem nada. Será que você poderia examinar?

– Eu posso, sim. Pelo exame ginecológico, dá pra ter uma ideia. Mas ela tem que fazer o teste de gravidez, né? E tem que fazer o pré-natal, nem que seja no posto de saúde.

– Eu queria tirar a dúvida. Depois disso, a gente dá um jeito de encaminhar. Então ficou combinado assim. Então Eduardo e eu fomos de manhã até lá.

Assistimos ao Culto, e, mais ou menos no final, o Pastor pediu para que orássemos uns pelos outros.

Um diácono gordinho que nós conhecíamos de vista aproximou-se de Eduardo para orar com ele. Eu orei com uma senhora ao meu lado.

Terminado o Culto, Eduardo ficou conversando, e a Pastora veio para me apresentar a paciente. Junto da filha, que era estudante de Enfermagem, improvisaram numa sala um lugar que servisse de maca. Fiz um exame clínico e também o ginecológico. O exame clínico estava normal, a pressão arterial boa. Eclampsia existe!

– Existe a possibilidade de você estar grávida? – perguntei, antes de continuar o exame.

– Existir, existe...

Realmente, o útero estava aumentado, quase alcançando a cicatriz umbilical.

Tirei a luva e expliquei:

– Olha, é quase certo você estar grávida. Já está com mais ou menos uns quatro meses, hein? É bom fazer o teste e já começar o pré-natal no posto. Não pode largar, viu?

Dadas as orientações, fui saindo da sala ao lado da Pastora.

– Obrigada – disse ela. – Quanto eu te devo?

Até dei uma risadinha.

– Bom, não é nada, né? Não tem cabimento cobrar por isso.

– Mas foi uma consulta.

– Ah, mas deixa pra lá.

Agradecimentos à parte, conversamos um pouco mais e logo Eduardo veio para o meu lado.

– Vamos indo?

– Vamos. Tchau, Pastora!

– Vão com Deus!

Já no carro, eu fui dirigindo. E Eduardo comentou:

– Sabe, confirmação ou não... o diácono, ao orar por mim, pediu muita proteção e falou pra que “eu não selasse os meus lábios, porque o Senhor é comigo. Que espantasse as dúvidas do meu coração porque Deus tinha me chamado pra ser um guerreiro”. Dentre outras tantas coisas. Foi uma oração profunda pra quem não me conhece!

– É mesmo. Legal isso, né? Será que já é a resposta da nossa oração?

– Veio em boa hora!

* * *

No final de semana seguinte, de sexta a domingo, nós dois participamos de um “Congresso Internacional de Batalha Espiritual”. Seria numa Igreja bastante grande, e Grace era uma das preletoras. Ela estava voltando de férias e tinha nos incentivado a fazer o curso. De forma que ali estávamos nós.

No sábado, de manhã, chegamos cedo, trouxemos até garrafinha de água e almofada para pôr na cadeira de plástico, pouco confortável. A manhã correu rápida, e o calor foi aumentando. No horário de almoço, estava abafadíssimo, o ar parado, sem nenhuma brisa. Os ventiladores não serviam para muita coisa. No entanto, todo mundo estava animado com o evento, nós inclusive.

Haveria lanche ali mesmo para quem quisesse. A Igreja estava apinhada de gente, havia filas enormes nos banheiros e também para pegar o lanche. Mesmo assim, eu e Eduardo não nos preocupamos.

– Acho que a gente deve esperar um pouco mais antes de ir pegar o lanche, né, Nenê?

– Também acho. Por enquanto, eu só vou ao banheiro. Você também vai?

– Ah, ainda não. Deixo pra mais tarde, quando tiver menos fila. Eu espero você aqui sentada, então!

– Tá. Espero não demorar.

– Os homens são mais rápidos!

Fiquei observando o enorme salão, a movimentação das pessoas. Nós havíamos visto Grace de longe, no púlpito, sentada ao lado de mais alguns Pastores convidados. Ela tinha uma sala privativa, e não adiantava ir atrás para nada, pois estaria ocupada. Portanto, só nos restava comer, descansar, olhar os livros que estavam à venda, os CDs.

Quase não havia conhecidos nossos ali. Às vezes, de longe, no meio da multidão, eu reconhecia alguém de nossa Igreja. Mas foram pouquíssimos os rostos conhecidos.

Puseram um Louvor para tocar, e era uma música que eu gostava muito. Fiquei ouvindo, orando um pouco mais, devagar, aproveitando aquele momento. Fechei os olhos agradecendo a Deus, só falando com Ele frases soltas, pensamentos... sentimentos...

Subitamente, alguém encostou em mim e até dei um pulo de susto!

– Poxa, Nenê! Você me assustou! Foi rápido, hein?

– Como você disse, os homens são rápidos! Não tinha nem espelho nesse banheiro... – Eduardo estava com o rosto diferente, iluminado.

Eu iria fazer um comentário sobre o banheiro feminino também não ter espelhos, e que isso deveria ser estratégico, para fazer as filas andarem mais depressa. No entanto, olhando para ele, desisti. E perguntei, desconfiada:

– Que foi?

– Agora acho que Deus confirmou *mesmo*! Aconteceu um negócio tão estranho lá no banheiro... – Eduardo se sentou ao meu lado.

Pessoas passavam perto de nós, sorriam, riam e conversavam, mas por alguns minutos ficamos alheios a elas.

– Eu estava lavando as mãos, já pra sair e voltar pra cá, e estava aquele clima de congresso no banheiro, sabe? “Amém”, “Aleluia”, “Irmão” pra cá e pra lá. É gostoso isso, né?

– É, é gostoso, sim.

– Então tinha um senhor perto de mim, um Pastor. Ele ficou me olhando... me olhando um tempo. Já estava até desconfiando, vai saber... mas aí ele veio pra perto de mim e falou, sem mais essa nem aquela: “Você vai ser um grande Ministro de Deus”.

– Falou assim, é? Do nada?

– Pois é, do nada! Mas no começo eu não liguei muito, esse clima de congresso influencia as pessoas, todo mundo começa a achar que todo mundo tem um grande Ministério. Mas aí ele continuou olhando e continuou falando, muito

categoricamente: “Você vai ser, porque Deus não dá uma guarda dessas pra qualquer um”. Poxa, Isabela, quando ele disse isso até senti um frio na espinha. E aí fui eu que fiquei olhando pra ele, mudo...

Muda fiquei eu. Eduardo começou a chorar, e eu fui atrás.

– Aí ele falou... “Eu estou vendo doze anjos com você!”.

– Ah, Nenê...! – não havia nada de melhor para dizer naquele momento. Nosso coração se encheu de alegria. Não havia palavras para descrever, era algo único, completamente ímpar. Realmente, Deus tinha nos ouvido e estava respondendo!

– Deus está respondendo... isso quer dizer que nosso caminho é esse.

Senti tremores involuntários pelo meu corpo. Então veio novamente o medo, misturado com aquela alegria, aquele verdadeiro *espanto* por estarmos vivendo aquelas experiências. Deus parecia ter tanta presteza em responder-nos. Eu nunca tinha experimentado nada igual.

– Ai, Nenê, mas como é que vai ser?

– Não sei. Eu também tenho medo. Mas Deus está garantindo que vai estar conosco. Vamos orar, vamos agradecer pelo que Deus fez, e por ter atendido nossa oração.

Começamos a orar, abraçados, com a cabeça bem curvada, perto dos joelhos. Entre lágrimas, confessamos nosso medo, nossa fraqueza, ao mesmo tempo em que agradecíamos o Amor e Fidelidade do Senhor.

O espaço e barulho à nossa volta pareciam não existir...

Até que alguém começou a orar conosco, tendo primeiro abraçado Eduardo por trás, colocando as mãos nos ombros dele. Era o mesmo diácono, nosso conhecido, que tinha orado com ele na Igreja. Orou um pouco conosco e por fim falou novamente o que precisávamos ouvir.

– Deus está com vocês. Não tenham medo porque Ele está com vocês. Ele tem colocado uma dúzia de anjos ao lado de vocês!

Ele se despediu de nós sem falar praticamente mais nada e foi cuidar de outras coisas. E nós ficamos ali ainda um tempo, pisando em nuvens, flutuando, entre animados e estupefatos. Deus era tremendo!

– Quem vai ao banheiro agora sou eu! – anunciei, olhando o banheiro praticamente liberado ao longe. – Vê se me espera aí, Nenê!

Entrei no banheiro sorridente, cantarolando. “Não precisamos ter medo. Deus é grande!”.

Naquele momento, tanto eu quanto ele sentíamos ser tudo possível. Quando saí, Eduardo estava parado ao lado de uma das enormes portas do salão, observando o

tempo.

– Você não acha que seria melhor eu trazer o carro pra colocar aqui dentro? – indagou Eduardo.

Ele era todo cismado em deixar o carro na rua. Quando chegamos de manhã, não havia a menor possibilidade de estacionar no pátio da Igreja.

– Ah, Eduardo... não precisa, vai! O carro tá aí mesmo, não tem nem dois quarteirões de distância daqui. Tá numa ótima vaga. Pra que cismar, perder tempo? Deixa lá mesmo. Vamos almoçar!

Mas Eduardo foi irredutível.

– Tá armando o maior pé d'água: olha só o céu.

– Pois vai ser bom mesmo chover um pouco. Do jeito que está calor! Vai ficar bem melhor aqui no congresso se refrescar um pouco.

– Então eu vou buscar o carro rapidinho, menina. E estaciono aqui dentro, acho que é melhor. Se você quiser, vai pegando a fila do lanche.

– Não, eu te espero... poxa, que coisa, vai de uma vez buscar esse carro, já que você quer tanto. Não sei pra que isso!

– Shhhhh! – brincou ele. – Não fica “Pit”! Eu já volto. São só cinco minutos. Dei um sorriso de volta.

– Tá bom, vai logo, vai!

Nem pensei em ir junto porque o carro estava muito perto. Eduardo foi. Antes não tivesse ido. Teimosia!

Nem bem ele saiu, e em segundos desabou o mundo num aguaceiro só! Fiquei na porta, observando de longe o portão do pátio, imaginando que em poucos minutos nosso Palio vermelho entraria por ali, pilotado pelo Nenê!

Eu espero, que espero, que espero!... “Cadê Eduardo, meu Deus?”.

Comecei a andar de um lado para outro, esforçando-me para manter a calma. Olhava a toda hora no relógio, já passava de meia hora, o que poderia ter havido??? Minha cabeça rodopiava com todo tipo de pensamentos e possibilidades. Já pensava em tudo, até que Eduardo pudesse ter sido raptado por Satanistas! Pode parecer engraçado, mas na hora não foi nem um pouco.

“Quarenta minutos!”.

E nada de Eduardo. Já estava muito difícil manter a cabeça fria. Instintivamente, eu orava em línguas, mas naquele instante vi Ricardo passando por ali: ele também fora convocado por Grace. Fui até ele, expliquei o que acontecia, pedi que ele estivesse orando.

Felizmente, Eduardo levou apenas mais cinco minutos para aparecer, exatamente *45 minutos* depois de ter saído. Meu coração relaxou no peito quando vi o Palio, e voei até ele, pela chuva mesmo, que já estava mais branda, tão logo ele entrou pelo portão.

– Nenê! Que aconteceu? Meu Deus, estou superpreocupada!

Ele estava irritado:

– Nem te conto! As drogas das ruas desse bairro não têm um pinga de lógica, não são bem programadas. Não tinha mão pra voltar pra cá!

– Como não tinha, Eduardo? – aquilo para mim parecia inconcebível, inexplicável. – Você ficou rodando até agora?

– Sorte minha estar aqui. Eu não enxergava nada com essa chuva, caí na avenida lá em cima e, de repente, vi um ônibus virar à direita. Achei que deveria ser esse o sentido pra vir para cá... já estava tudo alagado, enxurradas pra todo lado!

Entendi tudo. Pus as mãos na cintura.

– Então você se perdeu, Nenê!?

Ele fez carinha de menino, e admitiu:

– Me perdi, “Mô”... Nenê se perdeu debaixo da chuva! Hú! – aquele barulhinho era característico dos momentos em que Eduardo se sentia constrangido. – Mas aí, só ônibus podia fazer conversão à direita. Assim que ultrapassei o ônibus, percebi que estava em plena contramão. Aí, que azar! Bem ali tinha um posto de gasolina... e um policial estava com o carro estacionado, e me viu. Escutei na mesma hora o apito!

– Nenê, e o que você fez?

– Parei, né? O guardinha veio correndo, apitando, debaixo da chuva. Se ensopou todo! Aí, imaginei que se eu esperasse por ele iria ser pior...

Comecei a esboçar um sorriso involuntário:

– Então você não esperou o guarda?

– Não, “Mô”... pesei a situação e achei que era melhor levar só multa por trafegar na contramão, e não por dirigir sem carta, além de tudo. Daí acelerei e larguei ele lá, debaixo de chuva, apitando mais ainda. – Eduardo não pôde conter uma risadinha. – Ele deve ter ficado louco da vida porque veio debaixo de chuva!

Comecei a rir também.

– Não acredito!

– Ele já tava com a cara na janela, e me mandei!

Nós dois começamos a rir compulsivamente, e descontraímos.

– Ah, não tinha o que fazer. Deus que me perdoe! – fez Eduardo.

Fomos almoçar rapidamente o nosso lanche, porque já nem havia tanto tempo para isso. E o resto do congresso transcorreu sem outros imprevistos.

* * *

Quando voltávamos para casa, Eduardo teve apenas mais um comentário a acrescentar.

– Encontrei com Ricardo na livraria um pouco antes de a gente vir embora. E sabe o que foi que ele me disse? Falou direitinho sobre o final do Terceiro Ciclo! É incrível, hein?

– O Terceiro Ciclo termina agora... *neste ano*. Ótimo! E o que isso significa?

– Já explico. Mas o mais incrível é que Ricardo falou isso!

– Dos três Ciclos?

– Não, não dos três Ciclos, mas do período de 666 dias depois que termina o Terceiro Ciclo. Olha só, ele veio me dizer que Deus tinha revelado algo pra ele quando orava por mim. Deus mostrou que estava terminando um importante período pra Irmandade, e que começava um novo período, um período de 666 dias. E que esse seria um período muito difícil pra nós. A data pra esse período começar é 6 de março.

– E é aí que termina o Terceiro Ciclo?

– Sim. De 6 de março até a virada de 1999 para 2000 tem 666 dias. Esse é um importante período de preparo estratégico da Irmandade.

Senti até um arrepio.

– E ele disse que esse vai ser um período difícil pra gente... quer dizer, *mais* difícil?

– Mas repare só no detalhe: isso bate com a data limite que foi estabelecida pela Irmandade, e que Marlon veio trazer. Eu não tinha me tocado disso, fiz tanta força pra esquecer todos esses detalhes... Marlon disse que eu tinha que voltar *até* o meu aniversário porque, depois disso, não poderia fazer mais nada por mim. Isso é óbvio...

– Por quê?

– Porque eles entram nesse outro período de preparo... quem está dentro... está... e quem não está, não está... é isso! Segundo Marlon, essa é minha última chance.

Dei de ombros. Procurei não prestar atenção na sensação de desconforto que aquilo causava.

– Bom, o que ele diz é o que menos importa!

Eduardo ficou um tempo em silêncio, olhando a Marginal, que passava rápida pelo vidro do banco de passageiros. O sol estava brilhante, quente, as cores estavam vivas depois da chuva da véspera. Eu também fiquei quieta e pensativa, dirigia sem prestar atenção no caminho, por inércia.

“666 dias...”.

As revelações vinham, uma após outra, e muito daquilo era difícil de acreditar, de aceitar, por isso eu tornava-me introspectiva e calada. E, naquela introspecção... pensava e pensava... e pensava. Não fazia sentido.

“Por que Eduardo? Por que eu?!”. Ele quebrou o silêncio:

– O mais incrível é Ricardo ter acertado em cheio. Ele já tinha comentado isso com Grace.

Realmente, tudo o que ele diz, quando fruto de discernimento, vem de Deus. Vai além de qualquer coincidência!

– É.

E continuamos pensativos.

* * *

Realmente, o Senhor sabia que nós precisávamos das Suas confirmações. Porque o caminho seria sobremodo árido. Por isso, Ele não economizou em sinais naquele período, como fruto das nossas orações.

Engraçado como, na época, não percebemos muito claramente esse mover do Espírito Santo. Não como hoje o enxergamos.

Talvez o temor, a inquietação gerada pelo desconhecido, o fato de estarmos tão atônitos tantas vezes... quer fosse pelo sobrenatural de Deus ou pelas investidas do inimigo... fato é que tudo isso facilmente nos cegava e impedia de discernir com maior clareza.

Relembrando, hoje, percebemos que Deus foi Fiel em nos apontar o caminho a ser seguido.

Mas, naquele tempo, a gente não estava tão à vontade assim em caminhar por essas novas veredas. Tão novas que, por vezes, eram terrivelmente assustadoras!

O encontro com o Pastor Lucas aproximava-se. Seria na semana seguinte. Estávamos um pouco cabreiros, até mesmo Eduardo se sentia dessa forma, mas mesmo assim continuava ansioso.

Marlon havia dito que ele não nos ouviria. Tinha dito inclusive que “antes do final daquela semana, Eduardo teria confirmação de que o que ele estava dizendo era verdade”.

Por causa dessa afirmação, Eduardo, um tanto incomodado, abordou o Pastor no final do Culto, naquele fim de semana. Tinha que tirar a limpo aquela história. Puxou conversa, perguntou o que ele tinha achado da carta, comentou que o encontro já estava marcado para o fim do mês... etc... etc.

Nosso Pastor estava apressado e não teve muito que falar. Realmente, não pareceu muito preocupado nem interessado na história cuja prévia fora relatada na carta.

– Na verdade, todo aquele que não serve Cristo é do diabo!

Eduardo tentou discordar em poucas palavras, não era bem assim porque há níveis e níveis de compromisso com as Trevas... consequentemente, níveis e níveis de guerra. O homem incrédulo, ou até mesmo um pai de santo, são muito diferentes dos verdadeiros Satanistas, e...

– Bom, a gente conversa no fim do mês!

Eduardo decepcionou-se tremendamente com aquela atitude. Mesmo assim, preferimos acreditar que tinha sido meramente obra do acaso, que ele estava de fato apressado. Durante a semana, estivemos orando com Dona Clara para que Deus preparasse o encontro, a conversa, o que deveria e o que não deveria ser dito. E, principalmente, que *o propósito* de Deus fosse cumprido.

Tínhamos intenção de compartilhar com o Pastor Lucas e com seu principal auxiliar, o Pastor Joel, de uma só vez. Mas não tinha sido possível por falta de horários comuns. Então não nos demos por achados, marcamos dois encontros: no primeiro dia, com o Pastor Joel; e no dia seguinte, com o Pastor Lucas.

Fomos para o primeiro encontro cheios de expectativa. Eduardo começou compartilhando o “sonho” como sendo o estopim daquele encontro. Depois explicou também as ameaças de Marlon. Um pouco de cada coisa, apenas o suficiente para contextualizar, para que ele compreendesse o que estávamos dizendo. Eduardo também explicou o que foi possível do seu envolvimento passado com a Irmandade, naquele curto espaço de tempo.

O Pastor ouvia com olhos espantados, ar sério. Sei lá se estava acreditando de verdade no que a gente dizia. Mas, no final das contas, o encontro foi muito bom porque, tendo ele uma unção Profética, quando orou por nós no final, Deus o usou para trazer novas confirmações. E direções.

Nós não havíamos falado nada sobre o chamado Ministerial porque Deus havia dito para compartilharmos o *testemunho*.

Mas o Pastor Joel, orando primeiro por Eduardo, trouxe muitas palavras de encorajamento e confirmou o chamado, dizendo que Deus lhe dava algo especial, grande, como poucos receberam. Falou um pouco mais sobre isso, sobre como seria no futuro, o que não convém liberar até que se cumpra. Ele foi o primeiro a dizer isso, mas esse aspecto do nosso futuro Ministério viria outras vezes ao longo dos anos.

Depois, orou por mim. Engraçado que orou mais por mim do que por Eduardo, o que não era comum. E como ele não sabia bulhufas a meu respeito, recebi de coração aberto suas palavras porque os detalhes provaram que elas vinham do alto.

– Você é formosa, filha minha, bela aos Meus olhos. Às vezes, você acha que sua oração como intercessora não tem valor, não tem Poder, mas eu estou ouvindo cada palavra sua. Estou preparando lugar, filha, no Ministério que tenho guardado pra ti. Eu vou curar toda ferida na sua alma, todo trauma emocional.

Depois, através da boca daquele Profeta, o Senhor também acalmou meu principal medo. A essa altura, eu já chorava, porque aquelas palavras eram tão certas.

O Pastor então repreendeu o ataque noturno contra mim, e todo espírito de morte.

– Protege a mente da Tua filha. Protege a mente dela de todo o ataque...

Terminou dizendo que Deus estava me preparando. Preparando para o Ministério que Ele tinha nos dado. Mais uma vez ficava claro que Deus estava chamando nós dois, e não somente Eduardo.

Saímos de lá renovados, encorajados, animados. Quando Deus realmente age, é incontestável. Quando se tem contato com alguém que manifesta os Dons verdadeiros do Espírito, encontramos paz, força e amor.

No dia seguinte, compartilhamos praticamente a mesma coisa com o Pastor Lucas. Foi um pouco mais difícil chegarmos aos finalmente porque ele falava bastante e toda hora perdíamos o fio da meada em conversas paralelas. Por fim, não permitiu que Eduardo desse qualquer testemunho de sua história na Igreja, nem mesmo com os líderes ou o grupo de intercessores pessoais dele. Compreendemos que talvez realmente não fosse o tempo de fazer isso. Mas cumprimos nossa parte ao deixá-lo devidamente informado.

Depois, ao saber de nossos problemas mais recentes, ofereceu-se para encaminhar um currículo de Eduardo.

– Se você não se ofender, tenho também algumas roupas, um par de sapatos quase novo. Eu poderia te dar!

– Não me ofendo, não, Pastor! Se o senhor quiser me dar, eu agradeço.

Mas saímos de lá sem saber se ele tinha compreendido realmente o propósito do encontro. Nem mesmo se tinha acreditado em nós. O fato de o anjo ruivo ter dado diretamente essa direção parece que passou despercebido.

CAPÍTULO 23

No dia 11 de fevereiro, Grace ligou para Eduardo.

– Oi, Daniel... como vocês estão? – ela sempre chamava Eduardo de Daniel e sempre falava no plural, me incluindo.

– Tudo bem, Grace... e aí, como está você também? A gente não se vê nem se fala desde o congresso.

– Pois é... eu vou indo bem, estive viajando, mas agora já cheguei. E as coisas?

Eduardo contou um pouco. Então Grace falou ao que vinha:

– Na verdade, estou pedindo sua ajuda, Daniel. Não precisa me responder já, ok?

– Sim, Grace! Pode falar!

– Estou organizando um pequeno evento, na verdade, nem dá para chamar de congresso, é um encontro pra alguns líderes. Escolhi a dedo algumas pessoas, só gente de confiança e que já tem um Ministério voltado pra área de Batalha Espiritual. Dentre eles, conto com a presença de seu Pastor!

Eduardo escutava ainda sem entender:

– Sim...ok!

– Olha, eu te peço que você confie em mim, tá?

“Nossa, que será?!”, Eduardo pensava consigo. E alto:

– Claro que eu confio em você, Grace.

– Bem... nós vamos falar sobre Satanismo nesse encontro. Serão só dois dias, e vamos passar o tempo juntos nas dependências de uma Missão que fica pertinho de São Paulo. Sabe, estou percebendo que temos que abordar esse assunto. Eu mesma tenho tido várias experiências com grupos de adoradores do diabo. Não pessoas como você, da Irmandade, mas... isso é algo que está aí! E você me ajudaria muito se pudesse vir. Não vai ser nada muito formal, vamos conversar, compartilhar experiências... dividir experiências, na verdade!

– E eu iria... pra falar alguma coisa? – Eduardo tinha uma leve preocupação na voz. Grace talvez tenha percebido.

– Olha, não precisa responder agora. Ora um pouco, e vamos ver o que o Senhor te diz.

- Quando vai ser o encontro?
- No final da semana. Na verdade, eu gostaria que você desse um pequeno testemunho no dia 14.

Aquilo de repente veio como fogo no seu coração. – Grace... eu... olha... puxa vida!

- Que foi?
- Lembra-se daquele sonho com o anjo ruivo? Aquilo que te contei?
- Lembro, lembro sim.
- Pois é... ele falou *segunda quinzena de fevereiro*! Isto é, na segunda metade... e dado que fevereiro não tem 30 dias... dia 14 já é a segunda metade!... Acho que não tem o que orar, né?
- Eu não me lembrava dessa data. Realmente, nós nem pensamos nisso. E, a bem da verdade, eu estava indecisa se deveria expor você ou não, por isso não avisei com antecedência. Mas parece que Deus colocou isso no meu coração de última hora!

– Bem... você pode contar comigo então. Deus já avisou, mas... essas pessoas são de confiança *mesmo*, né, Grace?

Tendo Deus avisado ou não, aquela era uma situação que gerava um leve desconforto. Iria haver uma exposição diante de pessoas desconhecidas. Enfim, nós tínhamos certeza de que Grace sabia o que estava fazendo! Tanto eu quanto Eduardo confiávamos muito nela.

– Eu convidei um a um, por carta, pedi a confirmação por escrito. Não seremos mais do que 40 ou 50 pessoas. – explicou a Grace.

No dia seguinte, Eduardo veio me contar com detalhes aquela conversa. A princípio, fiquei um pouco em estado de choque. Não porque ele fosse falar qualquer coisa, mas...

- Caramba, Deus cumpriu mesmo a data, hein?!
- Nem parecia realidade, especialmente por causa daquela data tão certa...
- E nós vamos dormir lá? – perguntei a Eduardo, depois de colocar os pés no chão outra vez.

– Vamos, sim. A Grace disse que o lugar é muito agradável. Já fez retiro da equipe dela lá! Disse que nós vamos gostar. Vamos na sexta-feira de manhã.

– Tá bom. Acho então que você vai ter que ir com alguém, porque não sei se dá pra sair do serviço mais cedo...

- Ela ficou feliz de saber que você começou a trabalhar!
- Pois é, e não posso faltar assim de cara.

- Será que não tem jeito mesmo?
- Acho melhor não... eu vou mais tarde, sozinha. Com quem será que você pode ir?
- A Grace disse que não tem problema pra eles me darem uma carona, me convidou pra ir com ela!

* * *

Eduardo foi para o tal encontro com Grace, na sexta-feira de manhã, enquanto eu ainda estava no serviço.

Saí do trabalho rapidamente e peguei a estrada, pensativa, escutando um Louvor e divagando em ideias. Cheguei na Missão com a tarde já avançada, sem problemas para encontrar o lugar. Só tive de perguntar uma vez. O lugar parecia ser bem grande, procurei estacionar o carro sem perder tempo. O tempo estava fechado, o céu cheio de nuvens escuras. Certamente, vinha chuva por aí. Um pouco mais difícil do que achar a Missão foi achar a sala onde Grace estava com os participantes do congresso.

Finalmente, me deram a informação certa e entrei na sala no meio de uma palestra em andamento. Sentei-me numa cadeira vazia mais ou menos do outro lado de onde Eduardo se encontrava. Ao seu lado, não havia cadeira vaga, pois as duas estavam ocupadas por Grace e Ricardo. Sorri de leve para ele, acenando com a mão.

Aliás, as únicas pessoas conhecidas ali eram Ricardo e uma Pastora de nossa Igreja. Aquela mesma que me tinha pedido para examinar a mulher grávida. Eu observei cada rosto enquanto escutava, quieta no meu canto. Estávamos sentados lado a lado na sala não muito grande, as cadeiras espalhadas em círculo, onde todos podiam ver todos.

Não demorou muito mais e Grace encerrou.

- Vou dar um período de descanso agora, antes do jantar. Retomamos mais tarde, à noite.

Fui direto para perto de Eduardo, cumprimentei Grace e Ricardo. Todo mundo foi saindo ao mesmo tempo, conversando e falando entre eles.

- E aí? – perguntei a Eduardo.
- Todo mundo se apresentou, mas Grace falou por mim. Não me apresentou formalmente, disse apenas que eu era alguém que ela vinha ministrando há pouco mais de um ano.

– Vamos indo também? Você já conheceu aí fora?

– Eu não tive ainda oportunidade de xeretar, mas podemos dar uma olhadinha agora.

– Tá bom.

Na verdade, não deu para irmos muito longe porque começou a chover. Então, tratamos de conhecer os dormitórios, onde já estava a maioria das pessoas. Eu fui para o das mulheres com a Pastora da nossa Igreja, com quem cruzamos pelo caminho. Eduardo foi com Ricardo conhecer o seu.

Assim que ajeitamos nossas coisas, voltamos a nos encontrar do lado de fora.

– Estou num quarto com Ricardo e mais cinco ou seis Pastores – falou Eduardo. Embora ele nada comentasse comigo, Eduardo notara que, quando eles começaram a arrumar suas coisas, na bagagem deles havia algo crucial que faltava na sua: roupa de cama!

Puxa vida!... Que mancada! Grace não lhe tinha dito nada sobre isso imaginando que fosse algo óbvio. Eduardo não falou nada, e deixou sua mochila sobre o colchão pelado. A caminha de todos ficou arrumada, menos a dele.

“Não é o fim do mundo.”

E nem se preocupou mais.

Depois do jantar, voltamos para nossa salinha para darmos sequência ao encontro. Eu e Eduardo, de mãos dadas dessa vez, perguntamos para Grace:

– E o Pastor Lucas? Você não disse que ele vinha?

– Vinha. Mas parece que ele teve um imprevisto de última hora. Que coisa. É uma pena!

Realmente, era uma pena, porque, se ele participasse do encontro, talvez mudasse de opinião sobre o testemunho de Eduardo na Igreja.

No final da noite, pouco antes de encerrar, Grace dirigiu o grupo todo a orar pedindo proteção naquele lugar. Ao que parecia, mais de uma pessoa tinha ido falar com ela sobre uma inquietação nesse sentido.

– É como se estivéssemos sendo espionados. Mas vamos orar agora em concordância! – fez Grace após explicar o motivo pelo qual pedia uma oração tão insistente.

Foi levantado um clamor de guerra ali. Quando terminou, um Pastor de cabelos grisalhos compartilhou a visão que o Senhor lhe trouxera. Nós dois já estávamos nos acostumando com aquilo.

– Enquanto a gente orava, o Senhor foi estendendo uma cúpula de proteção ao redor de toda a Missão, englobando todo o perímetro desse lugar. Ela foi se

erguendo de baixo pra cima e, quando a cúpula estava pra se fechar, alguma *coisa* perfurou o bloqueio e entrou. Entrou aqui, ficou dentro da cúpula – avisou ele.

– Seja lá o que for... – retorquiu Grace. – Vamos continuar orando pra que seja paralisado.

Terminadas as orações e o período de estudo da noite, Eduardo me acompanhou até a porta do meu dormitório.

– Boa noite, “Mô”! – falou ele. – Vê se descansa bem, tá?

– Amanhã é o *dia*, né? – comentei só para puxar papo, só para descontrair um pouco a minha própria inquietação.

– Você está preocupada?

– Não é bem essa a palavra... estou mais ansiosa do que qualquer coisa. Como será que vai ser?

– A Grace falou pra eu não me preocupar, ela vai dirigir tudo. Não vou ter que falar sozinho.

Suspirei. Dei-lhe um abraço e bocejei:

– Foi um dia cheio. Dorme bem, Nenê!

– Tchau! Até amanhã.

* * *

Dormi mais ou menos. Demorei um pouco a sair debaixo da coberta, fiquei apenas deitada na cama, quieta, observando as mulheres que se levantavam uma após a outra.

– Levanta, menina! – fez uma das Pastoras.

– Estou tentando acordar.

Me arrumei, arrumei minha cama, acabei conhecendo a moça japonesa que estava dormindo na cama ao lado da minha. Diferente das demais mulheres, mais velhas do que nós, ela também era novinha. Conversamos um pouco e fomos caminhando para o refeitório, para o café da manhã.

Eduardo já estava lá e veio ao nosso encontro, todo sorridente. Fiz as apresentações, e fomos para a mesa. Naquela hora, ele não me contou nada sobre como tinha sido logo cedo por causa da presença da moça. No entanto, depois de comermos, acabamos voltando para o dormitório a fim de escovar os dentes. Então ele contou.

– Foi esquisito hoje de manhã... não entendi nada!

– Que foi?

– Eu dormi bem à noite, bem até demais. Pra mim foi uma noite tranquila e só acordei no dia seguinte. De manhãzinha, os Pastores estavam todos levantando, e eu fui direto ao banheiro tomar um banho. Como sempre. Fui falando “bom dia” para aqueles com quem cruzava pelo caminho. “Bom dia!”, respondeu um dos Pastores, “Você dormiu bem?...”. E foi aí que comecei a achar estranho, senti algo nas entrelinhas daquela pergunta, muito sutil, mas não dei importância. Respondi que tinha dormido bem, sim... mas dali a pouco era outro: “Dormiu bem...?”. E eu respondia de novo que sim. Aí eu estava escovando os dentes e mais um outro, que tinha ficado me olhando pelo espelho, veio com a mesma pergunta. Gozado!... Parecia que tinha algo mais na expressão deles, no tom, sei lá! Algo além de uma simples cortesia, sabe?

– Ué...

– Fiquei encaiffado, me perguntando “que será?”. Quando saí do banho, dei de cara com Ricardo. Ele deixou transparecer uma preocupação a mais que os outros não deixaram. Talvez porque já me conhecesse melhor. E veio logo dizendo a mesma coisa: “Você dormiu bem?”. Eu já estava implicado, né? “Dormi, poxa! Por que todo mundo tá me perguntando isso e me olhando com cara estranha?”.

– Pois é! – exclamei.

– Mas ele insistiu um pouco mais e perguntou de novo: “Dormiu bem *mesmo*!? Não senti nada de diferente, de anormal?”. Eu falei que não, que estava tudo normal.

– Mas por que tudo isso?

– Olha, vou te contar. Aconteceu um negócio bem esquisito à noite.

– Mas o que foi?

– O Ricardo acabou me dizendo. Acho que todo mundo estava meio dormindo no nosso quarto, já devia ser bem tarde. Ele acabou acordando com alguém que abriu a porta do quarto e pensou que era um dos Pastores voltando do banheiro. Nessa hora, viu que um outro Pastor também estava acordado, e este perguntou ao que entrava: “Tá tudo bem?”. Certamente, também pensando que o cara tava passando mal, tendo que ir ao banheiro naquela hora.

– Sei.

– Daí o tal que entrou fez sinal de silêncio, pôs o dedo sobre a boca como quem diz pra ficar quieto. Ricardo disse que viu muito bem, o outro Pastor também. Mas aí é que foi o mais estranho, o que entrou no quarto foi até minha cama e me pegou pelo pescoço, começou a me enforcar!

Isabela franziu a testa, achando aquela história um osso duro de roer.

– Mas serááá...? Essa história não está meio mal contada, não?

– Alguma coisa eles devem ter visto, porque estava todo mundo cabreiro de manhã. Mas escuta o resto... Ricardo disse que foi aí que eu emiti um som alto, um som de quem está engasgado, sufocado mesmo. E com isso mais uns dois ou três acordaram! Por isso que está todo mundo meio estranho comigo, sem entender.

– Você não sentiu nada mesmo? – indagou Isabela novamente.

– Eu fiquei mais encafifado do que eles depois que Ricardo me contou essa história. Pelo que ele me disse, todo mundo garantiu que viu e ouviu a mesma coisa... mas eu... nossa... não senti nada, não vi *nada*. Ricardo disse que eles oraram. E foi só.

– E a tal figura que entrou no quarto? Que aconteceu?

– Do mesmo jeito que entrou, saiu... pelo que ele disse.

– Que coisa mais estranha... vai ver foi um demônio, o que mais?

– Mas todo mundo orou ontem pedindo proteção.

– É... mas lembra que aquele Pastor falou que alguma coisa entrou aqui antes da cúpula fechar?

– Então sei lá! Vamos falar com a Grace?

– Lembra também quando Abraxas entrou na nossa sala de Minистраção, até que você e Ricardo sentiram o mesmo tipo de opressão? Nós também tínhamos orado pedindo proteção, pedindo que Deus selasse aquele lugar. E ele entrou do mesmo jeito!

– Vamos falar com a Grace.

Corremos até ela. Grace já estava a par de tudo. Pelo visto, a história tinha corrido rápido, e todos estavam incomodados com aquilo.

– Sim, vieram me contar – começou ela. – Vamos conversar sobre isso antes do almoço. Deus permitiu, então é porque há um propósito.

Realmente. Um dos Pastores, justamente o que tinha visto o vulto entrar no quarto e colocar o dedo sobre os lábios em sinal de silêncio, estava particularmente confuso.

– Não sei dizer... – ele repetia várias vezes. – Eu *conheço* a opressão demoníaca, mas quem entrou ali não era demônio... porque não *transmitia* opressão, entendem? Por isso, naquela hora, fiquei sem saber se era de Deus ou do diabo aquela aparição. Se, por um lado, a atitude dele pareceu suspeita, por outro... não tinha nenhuma opressão, *nenhuma*! Parecia uma pessoa comum. Por isso que, logo que a gente acordou, pensamos que fosse um dos nossos entrando no quarto.

– E como era o vulto?

– Um homem! Um homem de cinquenta e poucos anos, um pouco grisalho...

– É isso mesmo! – Ricardo concordou, falando também.

Eu demorei um pouco para compreender, mas Eduardo, já sentindo um calafrio por dentro, compreendeu imediatamente. Sabia exatamente de que se tratava. Não era realmente um demônio, mas o espírito humano de alguém... alguém que viera por desdobramento... e, exercendo seu Poder, invadira a área de proteção estendida ao redor da Missão.

“Esse alguém... um homem... cinquenta e poucos anos. Seria *Marlon?! Ou... Zórdico?!*”.

Ninguém havia orado especificamente pedindo proteção contra aquele tipo de artimanha. Se os demônios tiveram que obedecer ao comando daqueles homens e mulheres de Deus, a verdade é que um espírito humano não é demônio. Nossa oração não tinha sido específica o suficiente. Por isso, o Pastor não sentiu qualquer opressão, claro. O espírito de alguém não transmite opressão!

A falta de oração nesse sentido permitiu que ele tivesse liberdade de entrar no nosso meio. Eduardo nada falou, mas assistiu à discussão e viu a que conclusões foram chegando. Elas tinham sido precisas. A revelação acerca dos espíritos humanos vinha chegando à Igreja, especialmente depois do lançamento do livro de Rebecca Brown.

Deus permitira o acontecido. Todos puderam comprovar, naquela ocasião, a veracidade desses fatos. Embora eles ainda não pudessem vislumbrar por que aquele espírito tinha atacado Eduardo, a verdade é que aquilo era mais um aviso da Irmandade para ele.

Eles sabiam que Eduardo iria falar...

Mais tarde, ele comentou somente comigo. Estávamos bastante conscientes do verdadeiro motivo daquele episódio. Eu estava um pouco preocupada, como não poderia deixar de ser. Mas Eduardo se sentia estranhamente tranquilo. Fomos comentar com Grace:

– Pode ser que tenha sido Marlon, eu sei que ele acompanha cada passo meu, mas também pode ter sido Zórdico – falou Eduardo. – Certamente, eles sabem da sua proposta, Grace, sabem que eu estou aqui. Sabem que eu vou falar... não tem nenhuma dificuldade pra um Sumo Sacerdote da Irmandade usar o Poder do desdobramento.

– Mas Deus revelou a intenção do inimigo, e também te protegeu. Não vamos ficar com medo e fazer a vontade do diabo!

* * *

Após o almoço, sentada ao lado de Eduardo, só larguei da sua mão quando Grace começou a direcionar o testemunho.

Não durou muito, nem ele precisou falar demais. Grace tinha montado aquele período em forma de perguntas e respostas. Ela fazia uma pergunta direcionada, e Eduardo respondia. Dessa forma, em pouco mais de quarenta minutos, Eduardo deixou claro aos presentes que a Irmandade de fato existia, que ele tinha feito parte dessa organização, e que ela estava empenhada em concretizar seus objetivos a todo custo.

O grupo todo olhava para ele estranhamente, e ouvia. Não sei até que ponto acreditaram na realidade daquilo. Agora já não se tratava de algo tão distante, uma realidade dos Estados Unidos, uma realidade de *outra cultura*. A julgar pelas caras e pelos olhares, aquilo que Eduardo compartilhou, em breves nuances, não era exatamente o que as pessoas esperavam. Quer dizer, ninguém esperava ouvir falar na Irmandade como fazendo parte do nosso cotidiano, sendo algo tão próximo de todos nós.

Eduardo era brasileiro e o que ele estava contando fazia parte da nossa sociedade brasileira. Depois, ele era também muito novo; uma pessoa comum. Creio que também por isso a maioria dos presentes tinha uma certa relutância em aceitar sua história.

Confesso que, fragmentada, era mesmo um osso duro de roer. Estratosférica demais para ser digna de crédito.

Mas a verdade era uma só: Deus cumprira com a Sua Promessa! Para Eduardo, para mim, era o que contava naquele momento!

* * *

Aquilo havia sido um sinal de Deus para nós. Na nossa cabeça, imaginávamos que talvez Eduardo já fosse começar a dar testemunhos em Igrejas, afinal, o que mais Deus haveria de querer? Mas não foi assim que aconteceu.

Todo Ministério começa *com o preparo* para ele!

Assim foi com Davi que, ungido por Samuel, ocupou o trono apenas anos mais tarde, depois das perseguições que serviram de treinamento para ele. Assim foi também com Moisés, que passou quarenta anos no deserto antes de voltar ao

Egito como libertador... assim foi com os apóstolos de Jesus, que primeiro caminharam com o Mestre e somente depois da descida do Espírito Santo é que estiveram aptos a prosseguir adiante.

Começamos a aprender, naquele ano, que a unção leva um tempo para se manifestar. O caráter precisa ser lapidado para que sejamos de fato transformados em vasos de honra, prontos para exercer a função predestinada a nós. Geralmente, esse lapidar não acontece sem dor, sem perdas, sem lágrimas.

E, sem isso, não há como a unção se manifestar.

Davi foi perseguido por Saul e sofreu muito. Moisés abandonou toda a opulência do Egito para viver entre aqueles que nada eram. Conosco também seria assim, embora nós não o percebêssemos naquele início da nossa trajetória.

Teríamos que esperar, o Ministério estava começando, sim... mas ele começava com treinamento! A partir daquele final de mês, o treinamento seria de outra estirpe.

Enquanto Eduardo não entendeu isso, errou. E eu, também por não entender, endosseí o seu erro algumas vezes, fizemos coisas em tempo errado, da maneira errada.

Foi mais ou menos isso o que aconteceu logo depois, no carnaval. Viajamos para aquela mesma cidadezinha de interior onde tínhamos estado no ano anterior. Claro que se lembravam de Eduardo e do pequeno testemunho que ele havia dado (sob pressão!). O Pastor Décio logo veio insistindo para que ele falasse novamente, o que acabamos concordando com menos relutância, afinal... Deus havia dito mesmo para Eduardo falar.

Só que ainda não era tempo de falar. Foi uma pena que tenha acontecido assim. O Reino Espiritual foi sacudido mais uma vez, eles estavam em processo de mudança, tentando banir de uma vez por todas a maçonaria do seu meio. Mas não conseguiriam suportar o contra-ataque do Inferno. Era preciso uma série de cuidados, principalmente oração intercessória!

Não demorou muito tempo para o Pastor Décio ser destituído, e os membros começarem a se dispersar. A Maçonaria continuou sediada ali naquela Igreja. Seria um local que, futuramente, daria pena de ver. Tudo porque todos nós acabamos fazendo aquilo que Deus não tinha mandado fazer.

Mas... naquele carnaval, ninguém estava pensando nisso, muito menos tinha condição de *vislumbrar* isso!

Eu já estava implicada e tinha lá minhas razões. Não havia nem uma hora para estarmos juntos, pois o tempo inteiro as pessoas assediavam Eduardo com

perguntas. Ele não se importava muito. Mas, realmente, não conseguimos descansar naquele feriado.

Aproximava-se o momento em que Eduardo deveria falar, no último dia, mas não havia ninguém orando, e eu me sentia muito preocupada com esse descuido. Recordava-me do recente episódio com o espírito humano, e ficava imaginando o quão desguarnecido estava aquele acampamento! Eduardo iria novamente se expor, falar das mesmas coisas, sem nenhuma cobertura de oração... aquilo me parecia completamente inconcebível! No ano anterior, ainda vá lá... mas agora de novo?!

Eu o chamei várias vezes para orar naquele dia, mas ele não conseguia se desvencilhar das pessoas. Parecia mesmo esquecido da importância de orarmos um pouco.

– Pelo menos vamos orar nós dois, Eduardo! – eu havia dito, meio em pânico, com o rosto tenso. – Não vai se expor assim desse jeito!

Mas havia pessoas ao redor dele falando, falando, falando, batendo no seu ombro, fazendo perguntas, cercando. E nós não sabíamos como sair dali sem sermos mal-educados. Eu olhava no relógio toda hora, sorria meio amarelo e já nem prestava atenção a nada. Talvez achassem que eu fosse chata, apavorada. Só conseguia me recordar de Grace e de todos aqueles Pastores orando em concordância, e mesmo assim aquele espírito humano invadiu o quarto e pôde tocar em Eduardo...

Sentia meu coração apertado, porque todos aqueles jovens à nossa volta tratavam daquele assunto como quem discute um filme muito interessante de televisão!

Não aguentei mais e cochichei para Eduardo, baixo, sem que os outros percebessem:

– Olha, eu vou começar a orar sozinha, tá? – meu tom de voz prenunciava um pouco de irritação. – Estou lá no carro!

Sem esperar mais, escapuli sem nem voltar o rosto novamente para trás. Entrei no carro, fechei a porta e cruzei as pernas sobre o banco, abraçando os joelhos perto do peito. Na primeira frase da minha oração, já estava chorando, de pura tensão, de puro nervoso com aquela situação desleixada. Desabei em lágrimas diante de Deus...

– Senhor, tenha misericórdia de nós, por favor! Estou me sentindo mal, não consigo me sentir em paz, sinto meu coração apertado. Tenha misericórdia dessa

situação, porque as pessoas não sabem exatamente com o que estão lidando... por favor, Pai, estende Tua Proteção sobre este lugar.

Chorei, orando em línguas no meio das minhas súplicas por proteção.

– Envia Teus anjos pra cá, Senhor, dá ordem a eles pra que venham nos cercar! – abri os olhos e comecei a orar de olhos abertos, enquanto observava as árvores perto do carro. – Que os Seus anjos formem uma cerca viva em todo o perímetro desta chácara, não deixem nenhum espaço vazio, que eles cerquem completamente todo este lugar... uma cerca dupla, com anjos por dentro e por fora, costas a costas, lado a lado. Enche esse lugar com anjos, meu Pai!

Continuei orando nesse sentido por mais algum tempo, depois outra vez em línguas, depois voltava a falar nos anjos e na cerca viva que eu gostaria que o Senhor formasse.

Eduardo só conseguiu vir ao meu encontro uns vinte minutos depois. Ele não se sentia tão preocupado assim, eu não conseguia compreender aquela calma. Quando ele abriu a porta do carro, eu estava com o rosto banhado de lágrimas, e até me assustei com a sua presença, pois não estava prestando muita atenção ao que acontecia à volta.

– Que foi?

– Nada, não foi nada. Vamos orar em concordância que é mais importante, não tem muito tempo.

Oramos, cada um por sua vez. Mesmo que eu já tivesse orado, sabia ser muito importante orarmos em concordância. Entardecia e garoava, realmente o único lugar privativo e sossegado ali na chácara era o interior do nosso carro.

Eduardo também observava as fileiras de árvores ao redor da chácara enquanto orava, o chão de terra coberta de cascalho, as gotinhas de chuva que respingavam no para-brisa... de repente, enquanto eu orava, ele soltou uma interjeição de espanto:

– Nossa! Olha, eles estão ali! E ali também!!

Eduardo já chorava, olhando em todas as direções, virando a cabeça para todos os cantos. Seu corpo até parecia tremer de emoção.

– Ali em cima do telhado também tem!

Comecei a agradecer a Deus, com o rosto marejado, sentindo sumir o que ainda restava da minha tensão. Eu sabia do que Eduardo estava falando! Eu não os pude ver como ele, embora tivesse olhado com olhos meio compridos para onde Eduardo apontava. Mas, em segundos, percebi que a visão fechou. Durou apenas

alguns instantes, só para que soubéssemos que eles estavam ali. Logo que encerramos nossa oração, eu o cravejei de perguntas sobre os anjos:

– Eles estavam onde?!

– Em toda a volta do acampamento, formando como se fosse mesmo uma cerca... dupla!

– Por dentro e por fora?!

– É, é isso mesmo. A fileira de dentro estava de costas pra fileira de fora, a de dentro olhava pra dentro da chácara, e a fileira de fora olhava pra fora...

Foi a minha vez de ficar emocionada.

– Eu *pedi* isso!! Exatamente isso! Antes de você chegar. Eu nunca tinha pensado em pedir isso, mas estava assustada, então pedi essa cerca de anjos por dentro e por fora, em toda a volta deste lugar!

– Puxa... então Deus atendeu! Foi exatamente isso que eu vi. Deus abriu a visão certamente pra que você soubesse da proteção, porque você estava muito nervosa. Ele me mostrou justamente pra que eu pudesse te descrever, e você ficasse sabendo que sua oração foi atendida. Aconteceu tão de repente, enquanto a gente orava vi uma luz brilhando perto de mim, meio que por visão periférica. Mas aí, quando dei por mim, eu já estava enxergando eles: uma longa fileira de anjos... uma verdadeira *cerca viva de anjos*!! Ia até lá embaixo! Custei a acreditar, parece que a mente para de trabalhar nesses momentos. Tinha anjos também em cima do telhado ali da casa principal, e a mesma luz aparecia meio indistinta em algumas árvores, como se eles estivessem também na copa das árvores. Quer dizer, este lugar está repleto da proteção de Deus. Ainda bem que oramos!

Eu estava muito feliz, Eduardo também. Como o sobrenatural de Deus era real!!!

– Aqui está cheio de anjos! – murmurei novamente. – Eu pedi que Deus enchesse esse lugar de anjos!

– Mais os vinte e quatro que estão conosco.

– Isso você não viu, né?

– Não. Mas eles estão aqui – afirmou Eduardo.

Nós nos abraçamos, alegres e gratos. Deus estava nos protegendo. Apesar – hoje nós cremos assim – de que, mais uma vez, aquela não era a Vontade Perfeita do Pai, mas Sua Vontade Permissiva. Ele conhecia a intenção do nosso coração. Nós achávamos que o Ministério deveria começar, por isso nós fizemos de coração puro, de pura ingenuidade. Aquele erro poderia ter sido evitado se tivéssemos perguntado a opinião de Grace.

O Culto de encerramento, em que o Pastor cedeu seu lugar para Eduardo, acabou às dez da noite. Mas fomos até as duas da manhã conversando, compartilhando, orando com os colegas do acampamento.

Depois disso, o Pastor Décio se animou, pois percebeu que Eduardo facilmente arrebanhava as pessoas com a fascinação da sua história e carisma pessoal. Então quis aproveitar para organizar logo depois um evento que, segundo ele, seria “mega”. Um Louvorzão para todas as cidades da região com o testemunho de Eduardo no final. Para “salvar vidas”!

Eduardo ficou bastante animado, não viu mal. Mas eu fui imediatamente do contra:

– Ele não está preocupado com você, nem mesmo se essa é a *maneira de Deus*. Não acho isso bom! Ele está te explorando, esquecendo que é um assunto muito sério.

– Eu não confirmei ainda se vou ou não. Mas, mesmo assim, ele está dando andamento nas coisas.

– Tá vendo? Ele já está certo que você vai! Acho que você deveria consultar a Grace antes de sair por aí.

– Mas Deus falou! – retrucou. – E ela mesma me convidou pra testemunhar. Continuei insistindo, paciente:

– É, mas veja a diferença! Foi tudo feito direitinho, tinha oração pelo menos! Grace escolheu a dedo os participantes. Não era um *evento evangelístico*, feito no meio do nada, pra pessoas do mundo!! Uma coisa não combina com a outra.

Discutimos ainda um pouco mais, pesando prós e contras. Eduardo era cabeça dura, teimoso. Mas eu também era. Preocupava-me com a sua segurança, e especialmente se Deus queria que a gente fizesse daquela maneira.

– Eu também quero agradar a Deus! – continuei. – Mas não sei se essa direção desse Pastor está correta... desde o ano passado que eles deveriam ter se posicionado melhor contra essa história de Maçonaria e não fizeram! Desde o ano passado que eles deveriam ter orado melhor pelo seu testemunho, e também não fizeram. Eles não conseguem pôr a casa deles em ordem, e vão dizer o que você deve fazer? Cuidado com essa história!

Consegui convencê-lo a comunicar Grace antes de dar qualquer resposta ao Pastor. Aquele era um princípio fundamental que iríamos introjetar dentro de nós: pedir *conselho* a pessoas idôneas.

– Isso! Fale com a Grace! – disse eu mal-humorada com tanta teimosia.

– Isso!! Vou falar com a Grace.

– O que ela disser... tá valendo! Ok?

– Tá bom.

Dei de ombros, nem falei mais nada. Mudamos de assunto.

Mais tarde, em sua casa, Eduardo ligou para Grace certo de que ela ficaria muito feliz com a oportunidade. Mas, para sua grande surpresa, ela foi terminantemente contra. Exatamente como eu havia dito.

– Mas *por que* não, Grace?...

– Porque você não está pronto pra uma exposição dessas – explicou ela, calma a princípio. – No nosso encontro, mesmo com todo o cuidado que tivemos, com pessoas que têm visão aberta e tudo mais, aquele fulano conseguiu entrar e ir até o seu quarto. Imagine uma coisa assim, num evento desses. Esse Pastor não está agindo bem. Acho melhor eu falar com ele... precisa tomar mais cuidado...

Eduardo ainda questionou um pouco mais, totalmente inconformado.

“Talvez, se eu insistir, mesmo que ela continue não concordando... talvez, quem sabe, pelo menos não me proíba...” pensou ele.

Mas Grace não permitiu mesmo.

Conhecemos nessa ocasião uma outra faceta do seu amor. Muitas vezes, o amor exorta e disciplina. Se ela tivesse passado a mão na cabeça de Eduardo, e se isentado de qualquer responsabilidade, ele talvez ficasse muito satisfeito num primeiro momento. Mas ela estaria lhe fazendo o mal, e não o bem. Ele era um verdadeiro bebê dentro do contexto Ministerial. Hoje louvamos a Deus pela vida da Grace, porque quando Eduardo foi mais incisivo...

– Então você não me dá a sua bênção?

– Não. Pra isso não. – Grace foi categórica, muito firme, sem meias palavras. – Eu *não* estou autorizando você a ir. E se você *for*, não venha me procurar depois quando estiver sendo retaliado! Porque eu não vou te ajudar!

Eduardo ficou até mudo. E não teve outra alternativa senão concordar. De bico.

– Tá bom.

Mas ficou mesmo de bico. Durante vários dias, talvez até mesmo algumas semanas.

“Quem é que ela *pensa* que é?”.

E sua vontade era ir assim mesmo. Que sorte eu ter ficado ao seu lado nessas horas, para colocar os seus pezinhos no chão. Ao saber da opinião de Grace, coloquei um sorrisinho no rosto:

– Não te disse? – espetei carinhosamente.

– Ah, “Mô”!!! Eu não entendo por que isso.

Fiz o papel de consoladora, procurando convencê-lo por bem que não havia prudência nenhuma naquilo. E que o tempo certo chegaria. Não tivemos coragem de desobedecer a Grace, começamos a aprender logo de início que obediência é totalmente fundamental para quem quer exercer qualquer cargo Ministerial. Às vezes, a gente se acha muito capaz, muito esperto, muito maduro... usamos a desculpa de que “Deus me falou”, e não escutamos ninguém... mas nisso já está explícita boa parte da nossa infantilidade!

Como bebês que nós éramos, pelo menos em termos ministeriais, nada melhor do que escutar Grace... que tinha anos e anos e anos de experiência nas costas. Mais ainda: *conhecia* nosso contexto!

Com o passar dos dias, Eduardo ficou mais calmo, mas não de todo. Como era difícil ter que se submeter! Ele não estava muito acostumado a isso.

Dona Clara foi outra que escutou seus resmungos de indignação contra a Grace:

– E você acha, Dona Clara? Ela disse pra eu *nem procurar mais ela* se desobedecesse! – aquilo realmente o tinha incomodado. – Está sendo difícil pra mim, Grace está querendo me controlar.

– Isso é zelo pela sua vida. Cuidado com você! Deus colocou você perto dela, pra ela *cuidar* de você. É isso que ela está fazendo!

E foi falando. Eu também ajudei. E ele foi se acalmando. Até o ponto de ficar bem de novo.

Depois, no próximo encontro com Grace, Eduardo desabafou seus sentimentos. Se não falasse, não conseguiria ficar em paz de todo. Isso nós também teríamos sempre como princípio... acertar nossas pendências com os irmãos! Não tem prato mais cheio para o diabo do que um coração magoado.

Grace escutou e aí explicou, com carinho e paciência, o que Dona Clara já tinha dito:

– É zelo, Daniel... eu não posso aprovar uma coisa dessas. Deus trouxe você até aqui, me incumbiu de uma responsabilidade em relação a você... entende? Eu estou vendo aquilo que você não vê, não posso deixar você ir direto pra boca do lobo.

E etc., etc., etc...!

Eduardo entendeu. E tudo ficou bem. Mas bem que dou umas risadinhas até hoje!

* * *

Naquele mês de fevereiro, começamos a fazer uma espécie de Seminário na Comunidade. Na verdade, era o chamado “Curso de Formação de Líderes”. Nós tínhamos assistido à Formatura dos participantes do primeiro curso, que tinha acontecido no ano anterior, e ficamos sabendo que um novo curso teria início naquele mês. Seria toda sexta-feira à noite, até dezembro, e aprenderíamos com os diversos Pastores da nossa Igreja o básico sobre diversas matérias teológicas. Eu me entusiasmei logo de cara, e Eduardo também achou interessante, de forma que fizemos nossa matrícula. Muita coisa que seria ensinada ali eu já tinha aprendido por conta própria, em leituras que tinha feito ou mesmo através dos estudos da ABU. Desde sempre, eu costumava estudar a Bíblia por conta própria, fazia devocional no carro, cedinho, desde a época da Faculdade.

Mas alguns temas pude aprender melhor, como certos aspectos da História panorâmica de Israel, que estava no Velho Testamento, e dicas de cunho prático sobre a montagem de Sermões. Para Eduardo, boa parte de todo o curso foi nova e bastante proveitosa. A gente fazia todos os trabalhos, e, ao longo do ano, faríamos todas as provas.

O coordenador daquele curso já tinha explicado que bem menos da metade das pessoas efetivamente se formava no final do ano, e ele desejava que naquela turma mais pessoas estivessem dispostas a encarar os estudos até o fim. Intimamente, Eduardo e eu nos dispusemos àquilo.

Assim, nossa vida continuou rolando normalmente.

CAPÍTULO 24 (EDUARDO)

No final de fevereiro, não muitos dias depois do acampamento, eu iria passar por uma dura prova. Sozinho.

Essa foi a única vez em que eu não contei nada a Isabela. Nem a Dona Clara. Nem a Grace.

Tivemos algumas brigas no começo do mês, e tanto eu quanto ela estávamos angustiados com tudo aquilo. Me recusava a aceitar que minhas atitudes durante as discussões – e as dela também – pudessem ser fruto, pelo menos em parte, de uma série de ataques que visavam algo maior. Por mais incrível que pareça, levei muito tempo para enxergar isso, simplesmente não conseguia ver com muita clareza.

Isabela tinha uma visão mais balizada do Reino Espiritual e estava sempre me chamando a atenção nesse sentido. Mas minha mente talvez estivesse cauterizada, e a Irmandade certamente lançou Feitiços fortes para cegar-me ainda mais.

Eu não conseguia ver o contexto espiritual nos nossos desentendimentos. Claro, nem tudo é culpa do diabo, temos as nossas áreas de fraqueza. Isso é natural em todo ser humano. Mas o que os demônios faziam, e muito bem-feito, diga-se de passagem, era tocar exatamente nessas áreas de fraqueza. Depois disso, ficavam à volta, só esperando a gente reagir para poderem atuar mais.

E a gente reagia. Isso facilitava – muito! – a sua capacidade de influência. O principal ficava para depois: eram esses os melhores momentos para lançar novas sementes malignas no meu coração, logo após as crises emocionais geradas pelas desavenças. Quando eu não enxergava mais nada, a não ser que Isabela era culpada!

Hoje percebemos melhor como foi que o inimigo agiu.

Eu estava desgastado, ela também. As promessas de Deus já pareciam longínquas e sem brilho diante da agressividade dos ataques de Potestades e Principados. Sabíamos bem o quanto éramos visitados por eles.

Nós íamos vivendo e esperando para ver o que aconteceria. Isto é, se Deus *realmente* iria abrir a porta do Ministério. No meu íntimo, para dizer a verdade, quando vinha a crise emocional, meu desejo era que antes *não acontecesse nada!*

Foi a essa altura que levei um golpe que quase me derrubou. Se, por um lado, Deus dissera que o Ministério começava na segunda quinzena de fevereiro, Marlon também tinha estabelecido a primeira semana de março como prazo limite para meu retorno.

Certamente que estava havendo aí um confronto, mas eu não estava pensando nisso, não estava vendo. A gente procurava não pensar nisso, tínhamos que nos preocupar com as coisas do dia a dia. Ninguém pensa em guerra o tempo todo!

Mas a verdade é que eu teria que escolher... eles não iriam simplesmente deixar barato!

E, num *péssimo* dia, levantei-me chateado depois da nossa indisposição na véspera... e resolvi sair para caminhar um pouco. Nada melhor do que ir até o parque perto de casa. Levantei-me, tomei banho e saí.

Fui andando devagar, minha mente estava povoada pelas lembranças dos últimos dias... eu pensava em todas as coisas que Deus tinha feito! Ainda estava embasbacado, porque Grace me tinha chamado exatamente na segunda quinzena de fevereiro... que coisa! Eu ficava matutando o que seria aquele Ministério, como iria ser no futuro. Não tinha ideia.

“O que será que vai ser, será que eu vou ficar dando testemunho por aí? Mas de que adianta? Lá no acampamento, as pessoas foram movidas somente pela curiosidade... mesmo no congresso da Grace... eram todos Líderes, Pastores, mas não sei se me deram crédito... que será que Deus quer de mim?”

Apesar das promessas de Deus, eu me sentia um pouco temeroso a respeito do que viria pela frente, como se estivesse sendo lançado num quarto escuro, não soubesse o que tinha ali e o caminho fosse iluminado a cada passo. Apenas a cada passo.

“Eu entendo que Deus está iluminando este caminho, mas é um caminho onde eu posso enxergar apenas o próximo passo, quando muito.”

Não podia contemplar nada a distância, não era nada muito claro, não era nada muito cheio de luz... não dava para saber o que iria acontecer. Isso me assustava um pouco, incomodava; por outro lado, nossa situação financeira também estava particularmente me perturbando.

“Meu Deus... e essa questão financeira? Puxa vida... como vou ter um Ministério assim desse jeito, como vou me sustentar, como posso pensar em ter uma família?

Deus precisa me abrir uma porta de emprego!”.

Nunca me passou pela cabeça que fôssemos viver *do Ministério*, quer dizer, *financeiramente* falando. Deus havia dito que Isabela largaria a Medicina, mas não havia dito que *eu* deixaria de ter meu trabalho secular, meu emprego, minha fonte de renda. Eu imaginava que o Ministério do qual Deus estava falando significava dar ocasionalmente um testemunho, escrever o livro... mas nunca largar meu trabalho, minha segurança!

Vislumbrei ao longe as árvores do parque. Eu carregava comigo meu *san-ti-kuan*, ali era o único lugar com espaço suficiente para manejá-lo. Embora tivesse realmente entregado o *Kung Fu* para Deus, vez por outra ainda mexia com o *nunchaku*, com o *san-ti-kuan*.

Atravessei o portão e percebi que o lugar estava praticamente vazio, como era comum num dia de semana, naquele horário. Estava muito agradável, o sol atravessava a copa das árvores, e pessoas idosas caminhavam ou se sentavam nos bancos. Fui até meu local costumeiro, rodei um pouco meu *san-ti-kuan*, mas me cansei logo. Minha cabeça estava em outro lugar.

Então fui beber água e me sentei sobre uma daquelas mesinhas de pedra que ficam ali perto. Estava uma manhã pacata, silenciosa, e apenas apoiei o cotovelo sobre o joelho, o queixo no punho, e fiquei escutando o canto dos passarinhos enquanto observava um senhor entretido nos seus movimentos lentos e suaves de *Tai Chi*. Fiquei me lembrando das aulas que eu mesmo dava naquele exato lugar. Se dissesse que não fiquei ligeiramente saudosista, estaria mentindo. Quanto minha vida tinha mudado...

Um dos funcionários do parque acabou vindo até onde eu estava para reclamar comigo:

– Você não pode ficar sentado em cima da mesa. Seria melhor que você se sentasse no banco.

– Poxa, mas a mesa é de concreto... até parece que estou quebrando a mesa!

– Mas não pode... é ordem da segurança. Depois, sobra pra mim.

Fiquei um pouco irritado com aquele cara. Ele foi embora esperando que eu acatasse sua ordem, mas ignorei, não desci. Acho que eu estava um pouco irritado com tudo. Não demorou muito e ele voltou, tentou me convencer a descer da mesa humildemente. Como ele fosse educado, acabei cedendo. Mas fiquei um pouco emburrado.

“Mas que cara chato... custa me deixar em paz? Estou aqui, *quieto*, sem incomodar ninguém! Será que ele não tem mais nada para fazer, não?”.

Fiquei um pouco sentado no banco, mas estava incômodo porque ele era muito pequeno. Então voltei a sentar na mesa. Não demorou muito e escutei passos atrás de mim.

“Pronto, aquele cara já está voltando para me encher...”, pensei ao voltar a cabeça.

Mas não era o funcionário do parque. Era Marlon! Vinha caminhando devagar, sem pressa, vestindo *um jeans*, uma camisa para fora da calça, bem despojado.

Ainda de longe, ele me enviou um sorriso e falou:

– Eu já conheço essa sua cara!

– Que cara? – respondi devolvendo o sorriso.

– Já implicaram com você, né? – tive que rir um pouco mais.

– É... implicaram... não querem que eu me sente aqui em cima!

A presença dele ali dispensava maiores explicações. Eu não tinha por que sentir medo de Marlon, nem raiva, nem mágoa. Ele sempre tinha sido meu amigo. Eu estava introspectivo, queria conversar com alguém... então fiquei feliz em vê-lo ali ao meu lado. Não vi nenhuma maldade naquela situação, nada premeditado da parte dele.

Ele chegou perto da mesa e, meio injuriado, reclamou:

– Você não vai nem me dar um abraço?

– Ah!

Levantei-me e nós dois nos abraçamos. Realmente, estava contente em vê-lo de novo. Era alguém com quem poderia bater um papo. Não era um inimigo.

– O que você está fazendo por aqui? – indaguei.

– Vim caminhar um pouco. Às vezes eu venho caminhar aqui!

– Pô... e você não tá ocupado com outras coisas?

– Hoje não. Está tudo sob controle! Mesmo porque, eu imaginava que iria te encontrar aqui.

– Ah, é?

Como era do feitio de Marlon, ele se acomodou e começou simplesmente a conversar comigo da mesma maneira de antes.

– Puxa... você mudou em algumas coisas, não? Já reparou nisso? Você tá diferente!

– Não acho, eu ainda sou o mesmo... o que mudou foi a minha forma de pensar... minha maneira de agir. A experiência que tenho tido com Deus tem feito isso, tem feito minha vida mudar, mas é um processo gradativo!

Ele se limitou a dar um sorriso e não contestou. Mas colocou a mão sobre o meu ombro num gesto amigável. Sua voz soou amistosa.

– Você está de fato feliz? Você está contente com a sua decisão? Eu tenho estado preocupado com você... – ele olhava bem dentro dos meus olhos.

– Sim. Eu estou contente!

Talvez eu não tenha usado de muita convicção.

Ele tinha me pegado numa manhã em que eu não estava muito bem. Não tinha mais o mesmo número de amigos, e isso me frustrava, sem dúvida. Também me sentia como um mero objeto de curiosidade, ninguém se aproximava de mim por *mim mesmo*, mas por causa da minha história. Quando as pessoas vieram conversar comigo, no acampamento, foi apenas para me encher de perguntas. Mesmo no congresso da Grace: ninguém ligou para mim, nem mesmo para me emprestar um lençol. Eu tinha dormido usando a mochila de travesseiro e o casaco de cobertor; todo mundo viu isso, mas ninguém me ofereceu nada.

A verdade é que ninguém queria saber quem eu era de fato. E a minha grande dúvida é se o Ministério iria ser isso, se eu iria ser tratado como um macaquinho amestrado o tempo todo! E as pessoas iriam me chamar para repetir e repetir e repetir a mesma coisa...

Isso, claro, não me deixava contente. Especialmente naquela manhã. Parece que essa perspectiva estava pesando um pouco mais.

Claro que eu não iria dizer nada disso a ele, mas acho que Marlon percebeu que as minhas palavras estavam um pouco vazias. Meu semblante não condizia com o que estava falando.

– Olha... talvez você não se lembre, mas os Estados Unidos é um lugar muito bom! – ele começou a me contar sobre várias cidades.

Para mim aquilo era pouco familiar, por isso não me lembro quais foram as cidades que ele citou.

– ... e nesse lugar as ruas são lindas, largas, tudo é cheio de árvores! Os *shoppings* são enormes, uma coisa indescritível, muito diferente daqui. Isso sem falar na qualidade de vida, país de primeiro mundo é outra coisa! Aliás, eu estive lá pela última vez não faz muito tempo. Tenho até algumas fotos aqui comigo!

Casualmente, Marlon foi tirando do bolso as tais fotos. Foi me mostrando diversos lugares, paisagens bonitas, lagos, montanhas... eu escutava, fazendo um ou outro comentário de vez em quando. Então, numa das fotos estava Thalya.

– Ah, eu tinha esquecido de te falar que Thalya também esteve conosco. Isso aqui é a vista de uma casa que nós temos lá, num condomínio fechado. Essa é a

sacada que mostra uma das vistas mais bonitas!

Thalya estava naquela sacada, sozinha, mostrando a paisagem. Não fiz qualquer comentário.

– Nós fomos pra lá dessa vez num grupo pequeno, porque havia uma reunião especial. Você sabe, né? Estamos caminhando! Você tem acompanhado? Tudo o que nós falamos que iria acontecer, *está acontecendo*! E vai acontecer!

– Marlon, eu não vou discutir isso com você. Eu creio numa coisa, você crê em outra, nós vemos tudo sob pontos de vistas diferentes.

– Mas será mesmo que você não está no engano? Será que... em algum momento, você não se deixou enganar? Por que, afinal... o que é o diabo? O que são os demônios? Se você for olhar ao longo da História, toda crença, toda religião tinha os seus Deuses. E os judeus fizeram questão de chamar os deuses dos outros povos de *demônios*. Poderia muito bem ter sido o contrário! Você sabe que todo ser humano tem uma certa porção de maldade dentro de si, o *mal* está dentro de cada ser humano. E o ser humano, pra tentar se desculpar da maldade dele, joga a culpa no diabo. Você sabe muito bem que nem tudo é culpa do diabo! Você sabe muito bem como Lucifer age... muita coisa que os Cristãos pintam e creem, dizem por aí que é culpa dele, você sabe muito bem que não é, que ele não tem nada a ver. Ele só age onde existe a *essência*, e a essência do mal está em todo ser humano, então ele tem liberdade de agir em todo ser humano! Assim como Deus também tem a liberdade de agir em todo ser humano porque a essência do bem também existe em todo mundo. Não é preciso ensinar isso a ninguém: todo mundo tem consciência do Bem e do Mal, ninguém precisa ensinar porque está *dentro* de você.

Fiquei ouvindo porque eu gostava de ouvir Marlon falar. Sabia que ele estava lançando sementes para tecer uma ideia... e ele sempre falava com inteligência e profundidade, por isso gostei de escutar. Mas, naquele momento, tive que interromper:

– Bem, não vou ficar discutindo isso... esse é o seu ponto de vista! O que pra mim é fato, é inevitável, é que hoje eu tenho uma paz que eu nunca tive – e isso realmente era verdade. Fui muito sincero ao dizer. – Quanto sangue é derramado pelas tuas mãos? Quanto? O que *você* acha disso? Quer dizer, isso é a essência do mal que *Deus* colocou dentro de você, quando te criou? Ou seja, o culpado de tudo isso é Deus?!

– Não! Mais uma vez eu te digo: nós não temos que culpar Deus, nem o diabo... nós, humanos, temos o livre-arbítrio, temos poder de decisão! Mas, veja bem, não

é isso que eu quero discutir, não é isso que eu quero falar com você. Não vim aqui pra deblaterar com você, eu te amo, quero o seu bem... e você faz falta na nossa família! Onde você está hoje, não faz parte de nenhuma família. Ou faz?

E aí Marlon começou a pegar no ponto certo.

– Alguém te dá atenção? Alguém te ouve? Alguém está *de fato* preocupado com você? Ou será que eles estão mais preocupados com a história que podem tirar de você? O que é o *Cristianismo*, afinal? Esse Cristianismo que você está vendo nas Igrejas? Será que você não para pra pensar, pra fazer um mínimo de comparação? Em qual das duas famílias você se sentia melhor?

Ele fez uma pausa, e eu não respondi. Pelo que ele continuou:

– Vou te dizer uma coisa, Eduardo... você não quer mudar de vida?

– Não. Eu já tomei uma decisão. Não posso voltar atrás!

– Talvez você esteja com receio, com medo. Do que as pessoas vão pensar, ou como você vai lidar com essa situação... eu sei, se eu estivesse no seu lugar, pensaria a mesma coisa.

Eu compreendi que ele estava se referindo aos poucos amigos que eu tinha construído naqueles anos: Grace, Dona Clara... Isabela...

– Talvez você esteja preocupado porque, se aceitar minha sugestão, vai decepcionar os poucos que investiram em você, que acreditaram em você. Eu sei que você sempre procurou o acolhimento de alguém, e de repente encontrou um pouco disso, está recebendo uma atenção diferente de algumas pessoas. Na sua carência emocional, você se entregou a essas pessoas, e elas conseguiram te convencer de que Lucifer tem um Poder limitado. Não me importo se elas de fato acreditam nisso, nem estou questionando se esses laços que você criou são realmente verdadeiros, ou não... mas a verdade é que elas estão enganadas! Eu sei que você tem estado exposto a uma outra doutrina, e talvez tenha medo de decepcionar algumas pessoas.

Marlon sabia muito bem do que estava falando. E eu sei que falava sinceramente, como alguém preocupado em ver um amigo caminhar pelo caminho que julgava ser o errado. Sabia muito bem que, ao longo de todos aqueles anos, eu não tinha conseguido criar vínculos fortes com nenhum Cristão; mas sabia também das duas ou três pessoas que estavam mais próximas de mim. E sabia que isso tinha um peso, no mínimo, emocional. Como ele me conhecia profundamente, era capaz de adivinhar que eu não gostaria de decepcionar aqueles que tinham me feito algo de bom. Talvez Marlon estivesse achando que esse era o verdadeiro empecilho.

– Vamos fazer uma coisa? Eu vou simplificar pra você: você some! Te dou a chance de você simplesmente *desaparecer*, de se tornar um fantasma.

– Como assim, um fantasma?

– É isso que estou dizendo, você some. Nós podemos simular a sua morte! E nisso eu te poupo do constrangimento de ter que dar as costas pra essas poucas pessoas... você pode morrer num acidente aéreo, por exemplo, eu coloco seu nome na lista dos mortos, o seu corpo nunca mais vai ser achado, ponto final! Ou num acidente de carro, mais fácil ainda. E você vai com outra identidade pros Estados Unidos. Nós vamos juntos, e eu vou te dar uma outra vida, uma outra oportunidade. Todos nós somos a sua verdadeira família, queremos receber você de braços abertos. Eu já tinha te falado da última vez sobre a data limite, é importante que você tome consciência disso de uma vez por todas!

Novamente, ele fez uma pausa. Então concluiu:

– Eu te ofereço *uma nova vida*! Uma vida de verdade! Não uma Vida depois da vida, mas uma vida agora... enquanto você tem vida! Vida depois da vida é aquilo que Deus promete, você pasta na Terra pra depois ganhar a Eternidade. Mas Lucifer, não... ele oferece vida, na vida!

– Puxa... mas há um preço a ser pago por isso. Pra onde você vai depois?

– Deus cobra dos seus filhos à prestação... dia a dia! Então, pra você estar alinhado com Deus é preciso fazer uma série de coisas... isso, isso e isso... e não olhe para o lado, e não peque, e não fale isso, e não pense em sexo, e domine a ira, e largue disso e mais aquilo... e se limite. O que é isso? Você está pagando um preço nessa sua vida Cristã dia a dia, em parcelas. Deus cobra em parcelas! Todos os dias você tem que pagar uma prestação, até o último dia da sua vida, pra somente no final, depois que a *vida já passou*, você ter direito ao Céu, ao Paraíso. O que Lucifer oferece? A vida aqui, agora! Os custos são os mesmos... nós vamos pagar um preço, sim... não estou dizendo que estamos isentos desse preço. Mas nós vamos pagar numa parcela só: no final. O que é esse pagamento à vista? É a Batalha Final! O último Confronto. Quando eu sei que nós vamos ter baixas... assim como do outro lado também vai haver baixas... em muitos segmentos! A proposta é simples, e ela inclui você também: nós vamos ter muitos anos de felicidade, mas vai haver um momento, o momento dessa Guerra, dessa Peleja Final, e então nós teremos que pagar parte desse preço... parte do custo! Porque pra tudo há um preço...

Eu ouvia Marlon articulando aquelas ideias sem interromper. Queria ver aonde ele iria chegar.

– Deus condiciona o homem a pagar parcelas na Terra, pra depois usufruir da Eternidade, mas essas parcelas estão dentro de um limite temporal. Da mesma maneira, eu estou dizendo a você que, talvez no último ano da sua vida, Lucifer vá exigir mais. Ele vai exigir uma dedicação toda especial: “Eu investi em você, meu filho, durante todos esses anos. Agora é o momento! É o momento de você me dar o retorno!”. Entende o que eu digo? No final, vai haver esse momento, quando todo o seu tempo, toda a sua alma, todo seu sangue tem que estar voltado pra causa... que você sabe muito bem qual é! Nos últimos anos, você vai ter que ceder a sua vida, vai ter que ceder tudo pra ele. O momento da cobrança é o momento da reta final, é o momento do tudo ou nada! É ganhar... *ou ganhar!* Ninguém vai ficar de brincadeira nessa hora. Ele vai dizer pra você: “Todos esses anos eu te dei tudo, agora eu preciso de você, agora é você que tem que me dar, tem que fazer o que eu mando. Tem que seguir as minhas ordens, não deve questioná-las!”.

Ele estava falando exatamente do período do anticristo, preparando a minha mente para isso.

– A vida toda Deus dá ordens aos seus filhos, e não permite que elas sejam contestadas. Você tem que obedecer, porque, se não obedecer, está em pecado. Não é assim? E se o Cristão fica em pecado, o diabo vem e chuta a bunda dele... essa é a filosofia de Deus, mas a filosofia de Lucifer é diferente. Ele sempre te dá toda a liberdade ao longo da sua vida, mas durante um momento, agora sim! Durante o período final, ele vai exigir de você, durante esse período, você vai ter que estar disposto a uma obediência cega. Ele vai exigir que você faça tudo o que ele disser, sem questionar: matar... morrer... qualquer coisa! Esse é o preço.

Marlon não tinha uma postura triunfalista, sabia muito bem do preço. Do custo. Daquilo que a sua escolha exigiria dele mesmo. E novamente me fazia ver dois Reinos quase que de igual para igual, apenas com um “sistema de gerenciamento” diferente. A Eternidade não estava em jogo porque, para eles, o Inferno era a casa do pai.

Por mais que eu entendesse a sua lógica como sendo até que muito lógica... o meu interior me dizia algo diferente. Minha razão entendia a posição de Marlon, e a princípio até gostei da ideia. Mas não havia testificação no meu interior.

– Com Deus você está sempre em débito... você nunca tem crédito! Ou você não está sentindo na pele uma parte do preço que Deus já começou a cobrar? Com Lucifer não é assim, primeiro ele te dá o crédito. E só vai cobrar depois.

“Ele está mentindo, em algum lugar tem mentira nessa história...”. Mas eu não conseguia saber onde estava a mentira, me sentia um pouco enredado por toda aquela argumentação. Eu tinha imaginado o nosso encontro como realmente uma casualidade, somente depois, muito depois, por incrível que pareça, foi que consegui discernir que nada daquilo foi por acaso. E os demônios vieram com ele, para influenciar minha mente e minhas emoções. Por isso é que não tive capacidade de perceber a dimensão do engano.

Naquele momento, Marlon argumentava sabendo exatamente que tocava nos *pontos certos* da minha alma... nenhuma das suas palavras foi à toa, jogada ao vento. Os demônios sabiam exatamente onde tocar fundo. Ele me pegou num momento interessante e usou uma argumentação que, ele sabia, iria me confundir. Naquela época, eu não sabia o que sei hoje sobre a obra Redentora de Cristo. Que a Salvação não vem das obras, mas é Dom de Deus, vem por meio da fé. Foi certo da parte deles.

– Veja só Paulo... “sejam meus imitadores, como eu sou de Cristo”. De que adiantou isso? De que adiantou isso no fim da vida dele? Ou Pedro? Adiantou?

– Tá bom... e qual é a sua proposta? – perguntei, por fim, suspirando. Então ele se interessou. Até apurou o corpo. E me convidou:

– Então vamos ali na padaria! Vamos comer alguma coisa!

Saímos do parque e atravessamos a rua. Bem em frente, tinha aquela velha e antiga padaria.

– Peça o que você quiser! – exclamou Marlon, bem-humorado.

– Você não quer uma Coca?

– Não, quero só um café mesmo... e um pão com manteiga.

Enquanto a gente esperava pelo lanche, ele bateu no meu ombro e retomou a conversa.

– Imagina só uma coisa, imagina os Estados Unidos... imagina você vivendo num país de primeiro mundo! E com *muito* dinheiro... dinheiro que nunca mais vai acabar! Por mais que você gaste, ele nunca vai ter fim. É como se você tivesse uma Coca-Cola pra tomar e um *iceberg* inteiro de gelo: nunca iria faltar gelo na sua Coca-Cola! – Marlon brincava, entusiasmado. – É isso que eu estou te oferecendo: um *iceberg* de oportunidades! O que estou te falando agora é só a ponta dele. Nós vamos mudar a sua identidade, o seu nome... você vai mudar de país, vai pros Estados Unidos... e vai ter *muito* dinheiro! E você retoma o seu lugar, o lugar que está preparado pra você desde o seu nascimento. Eu já vou providenciar o seu passaporte, e tudo mais que você vai precisar!

– Peraí um pouquinho! Mas... eu estou *namorando*! Você sabe disso! Tem a Isabela! – e fez a pergunta chave. – Ela vai também?

Marlon estava sorrindo, mas naquele instante fechou a cara. Ficou sério.

– *Não*. É lógico que não! – foi até rude. – Ela não é mulher pra você! Você não percebeu isso ainda? Ela só tem feito você sofrer!! Tem destruído sua vida, tem sido um câncer... está te matando! Olha só a sua cara, sabia que você está envelhecendo? Você nunca passou tanto nervoso na sua vida, tanto sofrimento! Alguma vez a Thalya fez isso pra você? Alguma vez ela fez você gritar e perder o controle? Para pra pensar! *Ela* é a tua alma gêmea, *ela* que te ama de verdade, foi criada pra estar ao seu lado... é uma mulher bonita, meiga, charmosa e gostosa...

E blá-blá-blá, blá-blá-blá, blá-blá-blá! Começou a usar um monte de adjetivos, inclusive aqueles que eu mesmo sabia que não se adequavam muito bem a Thalya.

– Você não *acha* isso? – inquiriu Marlon indignado.

– Eu gostei dela... isso acontece... mas, agora, eu encontrei uma pessoa que me complementa, que está do meu lado de verdade! E vou dizer uma coisa pra você, Marlon... quer você acredite ou não, quer você entenda ou não... eu amo a Isabela! Eu a amo... não teria coragem de largar dela assim, desse jeito!

– O que é você pra ela? Um estepe, um bom substituto... um embuste! Como o amor da vida dela morreu, aquele tal de Renato, ela está transferindo isso pra você... daqui a pouco ela vai querer que você tenha o cabelo de loiro! Você não tem cérebro, não? Não sabe olhar e ver o que está olhando? Será possível que você perdeu a noção? A Thalya sempre gostou de você como você é! Pra que isso? Você está sendo um tapa buraco, fruto de uma carência, de uma necessidade. Você não é o principal, é o secundário... o bote salva-vidas!

Ele tentava me persuadir nesse ponto a qualquer custo. Mas fui obrigado a discordar.

– Não. Você está enganado! Tudo bem, teve horas em que eu fiquei mesmo bravo com isso, mas não é assim como você está falando... eu não vejo assim, não!

– Você não vê porque não quer ver! Eu estou abrindo seus olhos: essa é uma menina complicada, ela só vai te causar problemas, te dar dor de cabeça, trazer *desgraça* na sua vida. Ela tem muitos problemas!

– Mas ela tem me ajudado!

– Ajudar! Ela é só mais uma que está interessada na sua história!

– Eu não sinto assim.

– Para com isso, que bobagem você está falando...

Continuei contestando. Em relação àquilo, eu sabia que Marlon estava enganado. Como ele continuasse insistindo demais, comecei a ficar desconfiado. Por que ele parecia tão incomodado com o nosso relacionamento? Nunca tinha sido assim antes.

– Ela não vai ficar muito tempo em pé – retrucou ele por fim. – E se você insistir nisso, nós vamos acabar com ela, nós vamos matá-la. Antes que *ela* acabe com *você*! Ela não é sua *alma gêmea*!!! Ela está ocupando o lugar da pessoa certa!! Deus nunca fez nada por você, nós é que sempre fizemos. Ter te dado essa mulher faz parte da negligência Dele! Tudo que você sempre teve de bom, foi Lucifer que te deu. Então pense bem, estamos dispostos a te perdoar... na verdade, não precisaria nem perdoar porque nós nunca tivemos raiva de você, mágoa de você! Volta pra gente, acerta seu prumo, pensa melhor... eu vou te dar um tempo pra pensar. E eu tenho *certeza* da sua resposta! – afirmou ele categoricamente.

– Enquanto isso, eu já vou providenciando os documentos. Assim que você partir, nós vamos arrumar a maneira certa de forjar tudo! Eu cuido de tudo isso e te dou cinco dias. Em cinco dias a gente está viajando.

– Mas eu vou sumir assim, Marlon?

– Você vai sumir. Pra todos os efeitos, você está morto! As pessoas vão chorar, vão se lamentar... depois esquecem! E você vai ser somente uma sombra. Nunca ninguém vai ficar se preocupando com você, nem se lembrando da sua existência. Você não fez nada de importante pra elas! Então... essa dor vai ser só durante um tempo... depois, pensa bem: você está no meio de um bando de loucos! Eles são um bando de loucos!

– Como assim?

– Eu sei exatamente. A Grace e aquela equipe dela, você não viu o que eles fizeram com você? Eles estão vendo *fios* na sua cabeça, *raciocina*, Eduardo!

– Não, você não entende, Marlon... aquilo é uma linguagem metafórica!

– Pouco se me dá. O que eu sei é que o pessoal daquela equipe é tudo orgulhoso, altivo, são um bando de prepotentes, além de loucos! Eles são mais usados pelo diabo do que por Deus. Você acha que está no meio de Cristãos? – ele meneou a cabeça. – Pois não está... eles não são seus amigos, e nem nunca vão ser. O tempo iria te mostrar isso. Mas você não precisa estar aqui pra ver. Você sabe que não houve nenhuma dificuldade em saber de tudo que aconteceu naquele Congresso, não é?! E por quê? Porque eles não têm força pra fazer resistência, não nesse nível de guerra. Se você soubesse o que eu sei, da podridão na vida de tanta gente ali...

Fiquei quieto. Ele passou o braço pelos meus ombros.

– Cinco dias. Em cinco dias eu te ligo. Levantou-se, deu-me um abraço e foi embora.

– Que você tome a decisão certa!

Eu fiquei pensando. Mas não senti tranquilidade naquilo. Era algo estranho demais, insistente demais.

“E por que me tirar do País? Será que eu não posso simplesmente ir para um outro Estado?”.

Aquela história de querer me deixar muito, muito longe, completamente inacessível não cheirava bem. Se eu aceitasse uma coisa dessas nunca mais conseguiria fugir deles, nunca mais conseguiria me comunicar com ninguém. Com Isabela, com Grace... com quem quer que seja, para pedir qualquer tipo de ajuda!

Mil coisas me passavam pela cabeça... de certa forma, nas entrelinhas, a insistência de Marlon me fazia crer que aquelas pessoas tinham realmente o poder de influenciar o meu destino. Se não fosse assim, a Irmandade não estaria tão inclinada a me afastar deles. Ou melhor... delas! Especialmente aquela rejeição em relação a Isabela me encafifou.

Voltei para o parque, orei um pouco, do meu jeito. Embora eu não soubesse discernir muito bem a Voz de Deus, o Espírito Santo *habitava* em mim! Com isso, realmente, Marlon não contava.

“Poxa, Senhor... isso é uma direção Sua? Você quer que eu volte para a Irmandade? O Senhor não me quer mais? Não estou sendo um bom filho para Você? Está me mandando de volta para o meu velho lar... me tirou do orfanato para agora me mandar de volta?”.

Nos dias que se seguiram, pensei nas promessas de Deus, no anjo ruivo, na unção, no Ministério... pensei em Isabela... era a primeira vez que eu estava de fato empolgado com uma mulher...

“Hoje eu contemplo a ideia de um casamento... antes não era assim! Nunca foi assim... enquanto eu pudesse enrolar, melhor. Puxa... a Isabela tem um bom coração, é boazinha comigo. Tem valores nobres!”.

E de repente fui invadido por uma convicção:

“Não vou fazer isso... imagina só! Só se eu estivesse louco...”. E fiquei com a minha decisão tomada, aguardando pelo telefonema. Marlon ligou antes mesmo que completassem os cinco dias. Em três dias, o telefone tocou, e quando atendi, ele já foi falando imediatamente, animado:

– Olha! Já estou com o seu passaporte aqui na minha mão! Toda a sua documentação está pronta. Ok? Vamos nos encontrar? Onde você prefere que seja? Pode ser no Shopping Ibirapuera?! Quer que eu mande um carro pra te buscar? Vou te mostrar tudo, toda a documentação, vamos combinar o plano direitinho, e, em mais cinco dias, estamos indo embora! Você já está fora do País!

– Não... eu já pensei...

– Eu sei. Eu sei que você já pensou! Você tinha que tomar a decisão certa mesmo.

– Eu não vou.

Silêncio do outro lado. Ele ficou mudo. Eu até poderia imaginar a sua cara.

– Marlon!?!... Você tá aí?...

– O que é que você falou? – a voz dele veio seca.

– É isso mesmo que você ouviu. Eu não vou. Eu pensei melhor... e, olha, você pode até não acreditar... mas eu vi um anjo, e esse anjo falou que eu tenho um Ministério! E também não vou largar a Isabela, eu sei que encontrei a mulher da minha vida, eu quero casar, ter filhos com ela... eu amo a Isabela e não vou trocá-la ela por nada, não!

Novamente, ele ficou mudo. Então a voz dele veio mais uma vez, ligeiramente paternal, como eu conhecia.

– Hum... você está gostando mesmo dessa moça, hein?

– Tô!

– É... isso não é bom... ela vai acabar com você. Espero que você acorde enquanto é tempo.

Senti uma grande tristeza na voz dele. Um grande pesar pela minha decisão.

Antes que eu pudesse dizer qualquer coisa, desligou. Eu não veria Marlon pessoalmente tão cedo.

Eu havia recusado a oferta, tinha traçado o meu destino. Tinha feito minha escolha. Até então eles estavam esperando. Tinha sido um período de “bandeira branca”, de pura sedução da parte deles. Mas esse tempo tinha acabado. A partir daí, eu sabia que haveria de colher alguma consequência. Algum outro tipo de consequência!

Meu tempo tinha se esgotado... se eu não estava com eles, estava contra eles!

CAPÍTULO 25

Logo chegaria meu aniversário, eu faria 31 anos. Isabela estava com 28. O episódio do parque ainda estava fresco em minha memória quando veio o baque pior de todos, o mais terrível até então. Certamente desse nós levaríamos mais tempo para nos recuperar.

Mesmo sabendo que tudo estava debaixo do controle do Senhor, e que tudo coopera para o nosso bem, para o bem daqueles que são chamados segundo o Seu propósito... quando vem a crise... não dá para dizer que a dor não vem também com ela! Ah, e que dor!

Não foi nada fácil na hora, e, nas semanas e meses que se seguiram, eu nada compreendi. Simplesmente, confiamos em Deus, procuramos descansar na certeza de saber que Ele era Senhor sobre tudo... e sobre *todos*! Inclusive a Irmandade e seus adeptos...

Apesar de eu ter conhecido o “outro lado”, e saber que praticamente *tudo* poderia acontecer conosco agora que eu tinha recusado a oferta de Marlon, normalmente eu não me ligava em datas.

Claro, eu poderia saber de cor e salteado os melhores dias, as melhores horas... poderia até quase adivinhar o que viria, e quando viria. Mas minha mente parecia um pouco bloqueada! Não que eu “me recusasse” a pensar. Mas eu *não me lembrava* de pensar em nada daquilo. Era mais fácil Isabela ter consciência dessas coisas do que eu!

Acho que talvez eu não quisesse pensar. Queria esperar. E, principalmente, esperar na Proteção de Deus, na Fidelidade de Deus. Se a toda hora ficasse matutando do que a Irmandade seria capaz de nos fazer, a mim e a ela, não conseguiria mais viver.

Então eu procurava esperar na esperança de que Deus estaria comigo, me valeria na hora certa... no fundo, no fundo da alma, eu desejava não ter que me preocupar com o que meus ex-irmãos procurariam arquitetar contra minha vida... contra a vida de Isabela.

Era mesmo ela quem costumeiramente me tirava desse torpor mental, fazendo-me lembrar de datas importantes. Como na época das Festas de passagem de

estação, por exemplo. Era também Isabela que muitas vezes descobria padrões nas ações do inimigo: em datas derivadas do número nove... ou nas sextas-feiras e finais de semana. Quando ela falava, chamando minha atenção e convidando-me para orar, dependendo das circunstâncias, eu acabava me dando conta de que Isabela tinha razão.

Mas, naquela ocasião, não havia porque ela pensar em algo, não havia como *prever* algo. Isabela nem sabia da minha conversa com Marlon. Quando nos demos conta, já não tinha mais jeito. Creio que, de qualquer modo, não haveria nada que pudesse ter sido feito!

Era sexta-feira, dia 27 de fevereiro. O fato da soma dos dígitos dar nove não tinha a menor importância para mim naquela manhã.

Eu tinha levantado cedo e saía do banho para me enfiar no terno. Agora eu quase não tinha roupas boas. Isabela é quem vivia investindo no meu guarda-roupa, mas da maneira como a maioria dos mortais faz: em pequenas quantidades e muitas vezes a prazo. Eu mesmo já não me preocupava em gastar dinheiro comigo mesmo. Mas Isabela gostava de me ver bem arrumado; sempre que podia trazia camisas e gravatas novas.

Vesti a melhor calça que tinha: a preta (presente de Isabela); junto usei a camisa azul de gola e punhos brancos (presente de Isabela), pus a gravata azul de patinhos (também presente da Gatinha), a mesma que meus colegas de trabalho viviam caçoando. E calcei os sapatos pretos (que Isabela insistiu para que eu comprasse).

Dei-me por arrumado. Faltava apenas passar gel no cabelo. Olhando no espelho, estava pronto para a entrevista daquela manhã. Olhei no relógio, porque não poderia atrasar-me de forma alguma. Desci as escadas de madeira, rangedoras, e já estava vistoriando minha pochete para sair. Eram sete horas da manhã. Então o telefone tocou.

“Puxa, quem pode ser nessa hora? Será Isabela, ligando para dar bom dia?”. Já com um sorriso no rosto, atendi:

– Alô?

A voz feminina do outro lado não era da minha noiva.

– Seu tempo está esgotado. E o que você tinha, agora não tem mais. Mas quando você descobrir, não vão acreditar. Porque a raiz do mal habita em ti – disse a pessoa com voz dura. E desligou.

Passado o choque inicial, fiquei muito encafifado. Eu sabia que era alguém da Irmandade, óbvio. Mas não era Thalya. Embora já fizesse tempo, aquela voz me parecia ser de Rúbia.

“Mas que raio de recado é esse que mandaram entregar?! Não entendi.” Fui pensando um pouco pelo caminho, mas logo cheguei ao local da entrevista. Entretido com os afazeres da seleção, aquilo caiu no esquecimento. Eu estava esperançoso porque precisava de dinheiro o quanto antes. O salário de Isabela segurava a barra, mas não era suficiente. Ela poderia ter dois empregos, mas não daria conta, não seria justo. Isabela não gostava do convênio; eu sabia o quanto ela estava se esforçando, um emprego era o máximo que ela poderia dar de si.

No dia seguinte, também, não houve tempo para eu me lembrar daquele telefonema. Porque eu e Isabela discutimos (no sábado, claro, nosso dia de descanso). Voltei para casa bravo e somente quando cheguei lá é que verifiquei que a chave do estacionamento desaparecera. Nós tínhamos alugado uma vaga num estacionamento pequeno porque algumas vezes eu vinha com o carro para casa, especialmente aos finais de semana, e não era prudente deixá-lo na rua.

Como não pude estacionar o carro, liguei de volta para Isabela para saber se tinha esquecido a chave lá. Não estava. Não tinha coragem de deixar o Palio dormir na rua, então resolvi voltar para a casa dela.

Fui dirigindo normalmente, agora já um pouco mais calmo. Quando fui passar por aquele farol perto da avenida do cemitério, o volante do carro simplesmente travou! Travou mesmo, e o volante de um automóvel não trava quando ele está em *movimento*. Fiz força tentando fazê-lo funcionar e, quase instintivamente, orei alto algumas frases em línguas.

Não vinha ninguém na contramão, por sorte, mas, naqueles breves segundos de pânico, de repente, vi uma luz ao lado do carro. No meu espírito, quase pude vislumbrar a espada de fogo do anjo que partiu a corrente que prendia o volante. Não me peça para explicar, somente *sei* que foi assim! Aconteceu tão rápido, que depois custei a acreditar.

No entanto, o volante voltou a funcionar imediatamente! Minha curtíssima oração de socorro foi atendida. Fui orando o resto do caminho.

Aquele contratempo todo serviu para, pelo menos, acalmar nossos ânimos, o meu e o de Isabela. Cheguei em sua casa e fui abrindo a porta da rua com a minha chave. Dona Márcia estranhou minha chegada.

– Ué? Que aconteceu?

– A senhora acredita que sumiu a chave do estacionamento?! – respondi. – Ela está sempre no chaveiro, *na* pochete, mas desapareceu... a gente não fica muito à vontade de deixar o carro dormir na rua.

Isabela apareceu, vindo lá de dentro:

– É, mãe, acho que hoje ele vai dormir aqui. Amanhã a gente tenta achar algum chaveiro.

– Não precisa, meu irmão tem a chave – falei novamente. – Mas esperar ele chegar em pleno sábado à noite...

– Tudo bem, então – respondeu Dona Márcia. – Dorme aí, é melhor mesmo não facilitar com o carro.

Então contei para Isabela o que tinha acontecido, apenas para ela, sobre o volante do carro. E voltamos à razão, pondo um fim na desavença. Dormi por lá mesmo, mais tranquilo em saber que o carro estaria seguro, na garagem da casa de Dona Márcia.

O domingo nos encontrou extremamente cansados. Aquele era um cansaço diferente, desproporcional. O esgotamento não era físico, numa primeira instância, mas principalmente espiritual e emocional: uma guerra travava-se ali, não havia trégua. O espírito capta. As emoções se abalam. E o corpo se ressentido.

Foi uma tarde modorrenta, mas encontramos alento ao fazermos as pazes completamente um com o outro. Foi somente depois do Culto, um pouco antes de irmos embora da Igreja, que me lembrei:

– Ah, Isabela... recebi um telefonema na sexta-feira!

Expliquei. Nem sabia o que explicar diante de um recado tão esdrúxulo. Mesmo assim, compartilhei com ela. Isabela também ficou na mesma.

– Temos que orar, só não sei em que sentido... que será isso?! Esquisito!

O dia seguinte traria resposta. Uma tremenda e desagradável e desconcertante resposta...!

* * *

Levantei-me mais ou menos às nove horas, tomei banho e desci. Minha mãe estava na cozinha e tinha café fresco. Sentei-me para tomar um gole. Não sei nem a troco de que saiu a conversa.

Estávamos lembrando-nos de quando eu e meus irmãos éramos pequenos, então minha mãe comentou do meu nascimento, meio que do nada. Conversa vai, conversa vem, recuamos no tempo, e ela acabou contando algo sobre o dia em que nasci.

Contou uma história totalmente imprevisível para mim, sobre ter-me consagrado a “São” Leviathan por orientação de uma capela católica na maternidade. Fiquei estarecido e até me esqueci do café. Incrível aquela

informação nunca, *nunca* ter vindo à tona! Mais incrível ainda era minha mãe lembrar-se direitinho daquele nome – Leviathan –, tão pouco comum para ela.

A revelação caiu no meu coração de forma esquisita, com gosto de fel.

“Como que eu nunca fiquei sabendo disso??? Como é possível eu ter sido consagrado na época do meu *nascimento*? Por quê?! Por que Marlon nunca disse nada?”.

Claro que aquilo não era obra do acaso!

Aquilo tudo teve o poder de me incomodar de tal forma que fiquei quieto, pensativo, e minha mãe ficou falando com as paredes.

“Eu sempre imaginei que havia buscado a Irmandade de livre e espontânea vontade aos 17 anos. Mas... e aquela *consagração*? Eles já estavam esperando que eu seguisse aquele caminho... quanto do meu destino futuro teve a ver com isso??”.

Por enquanto, aquelas eram perguntas sem resposta. Eu ouvia minha mãe tagarelando sem parar perto de mim, mas já nem escutava o que ela dizia. Só digeriria aquela estranha informação nova. Fiquei completamente alheio até que ela foi para a sala, comentando:

– Vou ligar pra sua avó e ver se ela achou a sua fotografia que sumiu!

“Sumiu...?”

Saí da minha névoa de pensamentos num estalo só. Aquele não foi um “estalo qualquer, mas uma sensação parecida com aquela quando eu tinha discernimento espiritual de alguma coisa.

“A minha chave também sumiu...”. E alto:

– Sumiu uma fotografia? Que fotografia? Sumiu alguma fotografia *minha*? Era uma verdadeira onda de sumiços: primeiro, tinha sido meu sapato; algumas semanas antes, mais ou menos no começo do ano, perdi uma entrevista porque meu único par de sapatos sociais simplesmente desapareceu! Há poucos dias, tinha sido a chave do estacionamento; e agora, mais essa... fotos?! “A troco de quê?”.

– Pois é – foi dizendo minha mãe. – Sua avó comentou comigo que foi olhar o álbum de fotos de vocês esses dias e deu por falta de algumas. Os buracos estavam vazios e, pela legenda embaixo, ela percebeu que eram fotografias só suas, fotografias em que você aparecia sozinho! Ela até ligou pra mim nesse fim de semana querendo saber se não tinha sido você mesmo quem pegou. Eu disse que achava que não, que você não tinha comentado nada. Você não pegou, né?

– Não peguei.

– E também nesse fim de semana, ela reclamou que sumiu a sua foto grande, aquela que estava no porta-retratos em cima da estante. Sabe qual é, né? Aquela quando você era pequeno...

– Sei, sei, sei... vai ver a empregada quebrou o porta-retratos e deu sumiço na foto achando que a vó não iria notar!

– Não, não, o porta-retratos está lá, no lugar dele. Só a foto é que sumiu. Que esquisito, né? Não foi mesmo você?

– Não, não mexi em nada!

Enquanto ela ficava de papo com minha avó, gritando pelo telefone porque a vó não estava escutando muito bem, minha cabeça literalmente girava. Lembrei-me confusamente de todos os recentes sumiços, e agora mais isso. Todos esses acontecimentos se misturavam na minha mente, e eu não conseguia achar o fio da meada da lógica.

Fora isso, lembrei-me também do Pastor Lucas, que tinha se esquecido da promessa de dar-me o par de sapatos e as roupas que prometera... já fazia mais de um mês. Era muita coisa junta. Muita *perda* junta!

Então senti novamente aquela sensação no espírito. Recordei do telefonema da sexta-feira como num eco, num sussurro: “...o que você tinha, você não tem mais...”.

De imediato, algo me incomodou. E dessa vez não foi em relação às fotos.

“O que eu tinha... não tenho... mais...”. Como uma seta, o pensamento me penetrou na mente: “O dinheiro! Nossa *aplicação financeira*”.

Com o coração batendo forte no peito a ponto de poder sentir a cabeça latejar junto, subi que nem furacão até meu quarto. Eu costumava guardar o contrato, os extratos e todos os comprovantes de depósito na minha pasta de documentos. A pasta ficava dentro do guarda-roupa, e tinha um fecho com segredo.

Abri a pasta com dedos nervosos, meus olhos bateram na ponta do invólucro de plástico dentro do qual estavam os documentos do banco. Quase suspirei de alívio.

“Mas não parece haver alívio no ar...”.

A frase me passou pela mente em milésimos de segundo. Ao mesmo tempo, puxei o invólucro... estava leve demais! Meus olhos e meus sentidos recusavam-se a acreditar no que viam... vazio!!! *Vazio!!*

Rebusquei pela pasta, tirando tudo no lugar, revirando tudo, falando sozinho de mim para mim. Mas não encontrei nada. Absolutamente *nada* que se referisse à nossa conta!

“Não... isso *não* está acontecendo... isso *não* é possível, simplesmente *não* é possível... Deus não pode estar *permitindo isso!*”

Joguei tudo de volta na pasta de qualquer jeito. Havia uma última esperança: havia alguns dias, eu havia recebido um extrato... e ele ainda deveria estar lá embaixo, na estante da sala, naquela gamelinha, com outras correspondências.

“Sim, claro, ele *tem que estar lá*, afinal, eu não tinha ainda guardado com os outros...”

Minha mãe ainda falava ao telefone, contando proezas do Otávio, e me olhou com olhares indagativos quando revirei a gamelinha.

“Tem que estar aqui, *tem que estar*... meu Deus do céu, por favor, *tem que estar aqui!*”

Mas não estava. Isso queria dizer que eu não tinha comigo qualquer comprovante da nossa conta aplicação. Comecei a entrar em pânico. Uma sensação angustiante, terrivelmente desagradável me invadia. Eu só imaginava o que estava por vir à luz!

“O que você tinha você não tem mais.”

Aquela frase me martelava o cérebro, vez após vez.

Saí de casa e literalmente corri até o banco. Era um pouco longe, por isso cheguei lá meio com a língua de fora. Em parte por causa da corrida, em parte por causa da adrenalina extra que jorrava no meu sangue.

Consultei a conta pelo caixa eletrônico, como estava acostumado a fazer. Meus dedos tremiam. Não consegui completar a transação. O computador informava “conta inexistente” todas as vezes. Tentei mais vezes. Decididamente aquilo não era real!

“Há de ter uma explicação!”

Desisti do caixa eletrônico e entrei no banco, fui direto para as mesas da gerência:

- O sistema está com problema? – perguntei.
- Não, está tudo funcionando.
- É que... olha, não estou conseguindo consultar a minha aplicação... não sei o que está acontecendo! Acho que devo ter digitado algum número errado, esqueci algo, sei lá! Será que você poderia verificar? – procurei manter a calma.
- Pois não! Me dá o número do seu CPF e o seu nome. Sente-se, por favor!

Eu estalava os dedos, em silêncio, sentindo as mãos geladas, olhando fixamente para ele, aguardando o resultado. Eu já *sabia*... mas quem sabe, por um milagre... somente um milagre... eu precisava de um milagre!

O gerente olhava para a tela do computador, aí olhava para o meu CPF e o meu nome, tornava a digitar. Então olhava novamente... digitava outra vez...

Não era real!

– Engraçado... essa conta aparece como inexistente.

– Mas não é possível! – meu coração saía pela boca. – Não é possível!!

– Tem certeza que você tem conta nesse banco?

– Claro! Claro que tenho!

– Há quanto tempo você tem conta aqui?

– Tenho essa aplicação há três anos, ainda na semana passada mesmo recebi um extrato! – comecei a entrar em genuíno desespero, perdi completamente a noção de onde eu estava.

– Você está com o extrato aí? – fez o gerente.

– Não... não está aqui.

– Você tem algum comprovante de depósito, alguma coisa?

Minha compostura foi para o espaço. Eu me sentia desesperado. Comecei a falar cada vez mais alto, batendo na mesa, torcendo as mãos.

– Não tenho! Não tenho! Eles sumiram! Meus comprovantes *sumiram*! Mas isso não é possível, você pode consultar de novo? Como pode desaparecer o meu dinheiro desse jeito do banco?! *Olha aí de novo*!

Ele fez o que eu pedia só que infelizmente nada mudou. Eu continuei gritando e dando murros na mesa do gerente. As pessoas à volta olhavam com estranheza. Comecei a chorar de aflição. Nem me reconhecia, nunca tive uma reação semelhante.

– Esse é todo meu dinheiro, *tudo*. Tem quase R\$ 25.000,00 aí!!! Não é possível, tem que ter algum registro da minha conta em *algum lugar*. Eu tenho essa conta há três anos!!! Como pode sumir assim?!

– Senhor, por favor... procure se acalmar! – dizia ele polidamente, com um semblante de compaixão. – Solange!

Uma moça veio para perto de nós meio assustada, e ele pediu para ela trazer água com açúcar.

– Eu não quero água com açúcar, quero meu dinheiro!

– Olha, eu sei que você está falando a verdade... nós vamos pesquisar isso, eu mesmo vou verificar. Mas leva alguns dias... – ele começou a me explicar o que poderia ser feito.

A tal Solange pôs o copo de água com açúcar na minha frente e eu bebi sem perceber, sem pensar. Precisava fazer alguma coisa com as mãos.

– Vou fazer todo o possível. Por enquanto, procure ficar calmo...

Agradei ao gerente e saí do banco me sentindo amassado por um caminhão. “Isso não está acontecendo...”.

No meu íntimo, eu precisava crer, por toda lei, que a tal pesquisa teria sucesso. Em algum lugar, alguma coisa referente à minha conta surgiria.

“Nós vamos orar e... e Deus vai reverter esse roubo!”.

Aquilo acabou com o meu dia. Aproveitei que estava por ali mesmo e fui até a Caixa Econômica para receber uma das parcelas do meu seguro desemprego que estava prevista para aquele dia.

Neca! Não havia chegado ainda.

Voltei para casa que nem um robô, completamente aéreo.

* * *

Mais tarde, encontrei com Isabela na academia. Ela ia para lá direto do serviço.

Eu estava certo de que Isabela teria uma das três reações: primeiro, entraria em franco desespero comigo, e passaríamos a semana chorando juntos.

Segundo, ela ficaria terrivelmente assustada e se recusaria a continuar trilhando naquele caminho. Parece até que eu já podia ouvir suas palavras: “Estamos lutando contra uma máfia e daqui para frente *tudo* pode acontecer. Vamos desistir dessa loucura!”.

E, em terceiro lugar, Isabela também poderia ficar furiosa. Especialmente porque ela tinha pedido para que eu deixasse os comprovantes de depósito com ela (Isabela achava que eu não estava guardando direito).

Quando cheguei, ela estava fazendo aula de *spinning*, por isso não a vi de imediato. Entrei no salão de musculação por pura inércia, tinha que me *obrigar* a fazer um pouco de ginástica. Mas parece que os pesos tinham ficado mais pesados de repente! Alheio ao que acontecia à minha volta, sem reparar no trança-trança de alunos e professores, nem vi Isabela chegar.

– Oi, Nenê!

– Ah, oi, Gatinha! – procurei sorrir e me comportar normalmente. Ela foi sentando no banco de um dos aparelhos ao lado.

– E aí? Já fez a parte aeróbica?

– Não fiz. Acho que hoje não vou fazer, estou meio cansado. E você? Como foi de serviço?

– Tudo bem, nada de especial, né? – ela foi contando um pouco.

– E como foi o seu dia?

– Não saiu minha parcela do seguro-desemprego. Tá atrasada!

Eu preferia ir falando de amenidades. Na verdade, seria melhor se eu nem precisasse lhe contar nada. Talvez pudesse esperar uns dias para ver o que o gerente teria a dizer, quem sabe ele teria alguma boa notícia e assim eu a pouparia de passar pelo mesmo desgosto.

Mas Isabela tinha sempre aquele *feeling* aguçado. Ela cheirava as coisas no ar. Não adiantava querer disfarçar!

– Que que foi, hein, Nenê? – perguntou ela não muito depois com o olhar cravado no meu rosto, analisando-o.

– Nada, Gatinha... por quê?

– Não inventa, Eduardo. Você tá esquisito. Diz logo, vai! Que aconteceu? – ela já falava em tom preocupado, como quem pressente “o que foi desta vez?”.

Como continuasse me olhando inquiridora, eu me sentei ao lado dela com um profundo suspiro.

– Não tenho uma boa notícia pra te dar.

Ela mudou a expressão do rosto, visivelmente assustada, pensando imediatamente nas piores coisas.

– Que aconteceu, Eduardo?

– Não é definitivo ainda... pode ser que a situação reverta... – eu tentava realmente amenizar as palavras.

– Tá bem, mas o que foi?

Inspirei fundo: “Lá vai!”.

– Hoje eu fui consultar a nossa conta... e... nosso dinheiro sumiu...

Ela continuava me olhando sem entender, sem esboçar ainda nenhuma reação.

– Como assim, sumiu?

– Sumiu. Simplesmente sumiu. A conta não existe mais.

Isabela ficou muda por uns dois ou três segundos. E raciocinou:

– Bom, se foi um problema do banco, então não importa, nós temos os comprovantes, é só...

– Eles também desapareceram – interrompi.

Aí ela percebeu a gravidade da nossa situação. Mas não entrou em pânico como eu, o que me surpreendeu bastante. Ficou calada por mais alguns segundos, processando as ideias. Ao nosso redor, um monte de alunos puxava peso, se esbafavam. Nós nem ligávamos para eles. Por fim, Isabela falou com voz até que bem controlada:

– Mas como é possível *isso*, Eduardo?

Eu sabia o que ela estava perguntando. Não me fiz de rogado.

– Possível é... você sabe.

– Será que foi um espírito humano que entrou na sua casa e levou os comprovantes...?

– Pode ser. Mas também pode ter sido um demônio. Mais provável até, porque eles teriam toda facilidade pra desmaterializar os documentos...

– E alguém facilmente deletaria a conta do computador bancário. Uma pessoa da Irmandade, de alto escalão, talvez... não haveria nenhuma dificuldade... tudo se compra com dinheiro neste País. Neste mundo!

– Nem seria necessária a intervenção dessa pessoa que você está cogitando. O próprio demônio poderia fazer isso. Ou, nesse caso, um espírito humano. Nem haveria necessidade de comprar alguém com dinheiro. Isso é algo simples pra Irmandade! Como você pode ver, as possibilidades são muitas.

– É... – Isabela continuava pensativa. Então concluiu tristemente: – Mas, então... a nossa conta simplesmente *deixou de existir*, é isso? É como se ela nunca tivesse existido?

Assenti.

– E não temos como provar nada.

Isabela abraçou os dois joelhos, apoiou o queixo neles e, distraída em pensamentos, séria, deixou-se ficar por alguns momentos. Abracei-a.

– Mas, veja... o gerente vai pesquisar. Talvez ache alguma coisa.

Ela inspirou profundamente:

– Ah, você acha?... Não sei, não. Vamos orar, e tudo, mas... será?

Um clima profundo de tristeza recaiu sobre nós. A gente olhava um para o outro, sem saber o que mais dizer, e já não havia nenhum sentido em continuar ali na academia.

– Acho que já chega de ginástica por hoje.

Nem fomos tomar banho, simplesmente saímos para tomar um café e conversar. Por incrível que pareça, Isabela não teve nenhuma das reações que eu esperava! Eu esperava tudo dela, menos aquela placidez! Realmente, fiquei surpreso, pois ela permaneceu calma e com a cabeça no lugar. Entristecida, sim, mas não desesperada nem desanimada.

Já eu me encontrava totalmente em frangalhos... foi Isabela quem passou a me consolar, com voz suave e firme ao mesmo tempo, com olhar compassivo, mais preocupada comigo do que com o dinheiro.

– Nenê... olha... pensa bem... não há de ser o fim do mundo! Dinheiro a gente junta de novo. Muito pior seria se alguém tivesse morrido, não é verdade? Só pra isso não tem solução.

– Isso é.

– E também nenhum de nós está doente, com alguma doença séria, nem ninguém da nossa família. Tá tudo bem, vai! Estamos aqui, estamos juntos. Isso é o que importa! Não vamos nos deixar abalar. Tudo bem, a gente vai ter que mudar um pouco de planos, mas... estamos juntos...

Eu escutava, murcho, desanimado. Anestesiado, para dizer a verdade. Ela continuou:

– Pode ter certeza: Deus é Deus, né, Eduardo? O nosso casamento não vai atrasar nem um dia por causa disso. Deus é Deus! Não quero dizer que a gente tem que cair no conformismo, mas não vamos também achar que a vida acabou.

– Eu sei. Mas quando penso em toda privação que a gente já passou, economizando aqui e ali, guardando dinheiro todo mês... você sabe que foi com sacrifício que a gente juntou R\$ 25.000,00!

Isabela sacudiu a cabeça...

– Mas a gente junta de novo.

Eu não me contentava com aquela ideia. Continuei tentando provar a mim mesmo que nem tudo estava perdido.

– Talvez apareça – falei novamente.

– Pois é, talvez! – Isabela terminou seu café. E foi mais prática do que eu. – Precisamos falar com a Grace, com Dona Clara, temos de pedir oração. Agora que esse gerente vai estar procurando o rastro da nossa conta, temos que perseverar e pedir que Deus intervenha.

– Tem também aquele casal que conhecemos no encontro da Grace. Eles inspiraram confiança.

– É verdade! Você já ligou pra alguém?

– Não, nem pensei nisso. Isabela começou a se mexer.

– Então vamos. Vamos telefonar. Não podemos ficar parados!

– Ah, eu não estou a fim de falar com ninguém – resmunguei.

– Tudo bem, eu falo. Vamos. Não podemos ficar aqui sentados sem fazer nada. Se orarmos, pode ser que nosso dinheiro volte!

– Não quero falar com ninguém.

Isabela me olhava com ar compadecido, preocupado.

– Vamos, Nenê, *vai*! Ânimo! Não fica desse jeito, temos que contatar as pessoas.

Então fomos à procura de um orelhão vazio no *Shopping*. Só tinha lá embaixo. Isabela foi discando com determinação. O telefone da Grace caía na secretária eletrônica, então ela deixou recado dizendo que algo sério tinha acontecido e que voltaríamos a ligar. Dona Clara não estava em casa. Tinha reunião nas segundas-feiras à noite.

Então resolvemos ligar para o casal conhecido da Grace: Sarah e Jefferson. Eles eram mais ou menos da mesma idade da Grace, muito mais velhos do que nós. Mas foram simpáticos conosco no encontro e haviam nos convidado para ir à casa deles compartilhar com calma o meu testemunho.

Não vimos mal naquilo, e realmente fomos, acompanhados por Dona Clara. Eles moravam num condomínio fechado, um lugar muito bonito.

Essa foi a primeira vez que Dona Clara, de olhos espantados, escutou boa parte da minha história. E, bem tratados, confiamos neles. Sarah e Jefferson agora também eram referenciais para nós.

Isabela ligou. Foi Jefferson que atendeu, e ela tentou explicar em poucas palavras do que se tratava. Ele ouviu, ficou aparentemente atônito e disse que estariam orando. Isabela volta e meia olhava para mim. Eu realmente me sentia sem forças, então me quedei quieto, sentado no banco um pouco a distância, apenas olhando.

– Posso falar um pouco com a Sarah? – escutei Isabela pedir. Fiquei observando-a falar, gesticulando enquanto se explicava.

Aí fez um sinal me chamando. Fui a contragosto:

– Não quero falar com ninguém.

– Ela que quer falar com você.

Não era verdade. Mas Isabela estava preocupada com meu estado de ânimo e tinha pedido que Sarah conversasse comigo, orasse comigo. Peguei o telefone. Sarah procurou me acalmar e garantiu que eles estariam orando.

– Satanás vai devolver esse dinheiro. Fica tranquilo!

Sarah normalmente passava uma visão otimista, forte, de maneira que me senti um pouco melhor. Marcamos um encontro na casa deles para a próxima quinta-feira. Então ela orou comigo, enquanto Isabela também intercedia ali ao meu lado, bem perto de mim, ora em línguas, ora em português. O que ela mais queria era que eu estivesse bem.

Quando terminamos, agradei e desliguei o telefone.

Isabela me olhava, sondando meu semblante, tentando perceber se eu estava melhor. Nós nos abraçamos, sem dizer uma palavra, sentindo o gosto amargo da decepção misturado com uma sensação de alívio. Algo muito difícil de descrever.

Aquela era uma situação totalmente ímpar, ninguém pode supor o que é isso. Então Isabela convenceu-me a falar também com Ricardo.

– É importante que essas pessoas estejam sabendo.

– Tá.

Dessa, vez eu liguei, já me sentia um pouco melhor. Mas não consegui conversar. O telefone começou a dar uma horrível interferência que boicotou o diálogo. Deixamos para lá. No dia seguinte, logo cedo, consegui falar com Grace da minha casa. Mas começou novamente a mesma interferência.

– Alô? A...Ô?... A...lô?! – Eu ouvia a voz dela longe, entrecortada. Finalmente, consegui entender:

– Vamos orar! – exclamou Grace.

Ela orou de um lado, eu do outro. Com isso, a interferência cessou e pude explicar o ocorrido. Grace ficou sinceramente condoída, além de muito admirada, nunca tinha vivido uma situação semelhante, nem conhecia ninguém que tivesse passado algo assim.

Então orou comigo novamente pelo assunto, orou por Isabela, pediu proteção sobre nós. E arrumou um jeito de nos encontrarmos pessoalmente no dia seguinte, dada a gravidade do ataque.

Eu sabia o quanto ela nos considerava, o quanto nos queria bem. Sua agenda era muito apertada, mas Grace sempre dava um jeito de arrumar tempo para nós. Mesmo porque, aquela era uma situação de emergência, algo totalmente inesperado, eu e Isabela não sabíamos o que fazer. Na verdade, ninguém sabia bem o que fazer!

Mas a verdade é que se o dinheiro não aparecesse, adeus sonho do apartamento! E a última coisa que nós queríamos era casar tendo que começar a vida pagando aluguel!...

Depois de falar com Grace, dei um pulo no banco, procurando pelo gerente que tinha me atendido na véspera.

– Nada por enquanto... – esclareceu ele. Meu Deus, meu Deus... que situação!

* * *

A semana passou. Encontramos com Grace, oramos. Encontramos com Sarah e Jefferson, oramos. Encontramos com Dona Clara... oramos. Pedimos, naturalmente, a restituição do dinheiro. Agora cabia a Deus fazer o resto. Fosse lá o que fosse que isso significasse.

CAPÍTULO 26

Isabela procurou ser forte o quanto pôde durante os dias que se seguiram. Sempre me consolava e procurava ajudar-me, pois confesso que aquilo realmente me abalou, me colocou completamente fora do prumo. Mas, apesar dessa força que demonstrou ter, claro que também estava arrasada e triste, com os nervos abalados.

No sábado seguinte, talvez como consequência de toda essa somatória, brigamos novamente. Para variar, no final de semana. Aquele seria o primeiro dia daquela semana tensa e atribulada que Isabela teria para descanso. Mas não aconteceu assim.

Pobre da Isabela! Ela se ressentia pela falta de descanso. Eu ainda não tinha conseguido emprego, mas ela estava trabalhando fora e também ajudando no livro. Havia bastante responsabilidade sobre ela.

Aqueles dias tinham sido muito desgastantes porque, à procura de ajuda, correndo atrás de oração, tivemos que repetir várias vezes a mesma história, as mesmas coisas. As pessoas escutavam e naturalmente se sentiam enternecidas. Mas, depois, cuidavam de sua própria vida e seus próprios afazeres. Punham a cabeça no travesseiro e dormiam com tranquilidade porque aquilo não estava acontecendo *com eles*, era *conosco* que estava acontecendo!

O peso era muito diferente. O alvo estava desenhado nas nossas costas, era contra nós que a Irmandade avançava! E não há palavras fortes o suficiente para traduzir o estado de alma em que nos encontrávamos, várias vezes. Não era pânico, não era desespero... antes, era uma constante sensação de peso sobre os ombros, muito peso. O único alívio vinha da certeza do Poder maior do Senhor.

Mas por que o Senhor permitia todas essas coisas???

Às vezes, nós ficávamos cheios de incertezas e questionamentos. Realmente... o que mais nos poderia fazer a Irmandade?! E se Deus não nos protegesse?

Era melhor não pensar muito nisso.

Agora, mais do que nunca, eu preferia pensar em arrumar um trabalho; agora, mais do que nunca, eu estava aflito com aquilo. Nosso casamento dependia de

conseguirmos juntar dinheiro. Como juntar dinheiro se todo o salário de Isabela era consumido durante o mês, e ainda faltava?

E o meu seguro desemprego não saía, de forma que estávamos muito apertados financeiramente. Eu sabia que a Irmandade deveria fazer alguma coisa muito forte, nunca tinha sentido aquela maré de azar em relação aos empregos. Nada dava certo!

Isso me angustiava terrivelmente, não conseguia dormir direito e não conseguia pensar em outra coisa. Também o dinheiro do banco, apesar de nossas orações, não dava o ar da graça. Dia a dia a gente tinha menos esperança de recuperá-lo. Aquela tensão toda me fazia irritadiço e impaciente.

Por isso, não poupei palavreado na nossa discussão daquele sábado e, louco de raiva, deixei Isabela sozinha em casa no início da noite. Ela estava fora de si e, para variar, veio atrás de mim com o carro. Isto é, eu não sabia que ela tinha vindo atrás do ônibus.

Quando desci, acabei cruzando com alguns antigos amigos da época em que eu ainda era o Catatau. O pessoal me fez festa e eu, sobrecarregado como estava, fiquei jogando um pouco de conversa fora, relaxando a cabeça. Conforme contou Isabela depois, ela ficou no carro em frente de minha casa, esperando. Orou um pouco, se acalmou. E, como eu não aparecesse, voltou para sua casa.

Quando finalmente eu cheguei, mais descontraído, já estava me roendo de remorsos pelo que tinha feito a ela. Então liguei. Como estivesse mais calmo, controlei melhor a língua. Isabela estava muito triste. Fui falando com mais sabedoria do que antes, então Isabela teve paciência de me escutar.

– Tá bom... não vamos deixar isso estragar o nosso sábado – considere eu. – Vou até aí de novo!

– Vou esperar você.

Não era tarde. Saí novamente e caminhei até a avenida. De lá, eu poderia pegar somente um ônibus e economizar dinheiro. A caminhada era meio longa, mas a economia valia a pena. Naquela época, às vezes, Isabela surrupiava umas moedinhas da Dona Márcia para eu pegar condução. Foi um tempo em que dividimos até xampu e cafezinho expresso. Nosso plano na academia venceu e não pudemos renová-lo. Que pena!... Meu maior temor era atrasar a prestação do Palio. Também tinha que pagar as contas em casa, pôr gasolina no carro, cobrir os cheques pré-datados que já havíamos dado... além de ter um dinheirinho para passar o mês.

Entrei no ônibus, sentei. Fiquei olhando o caminho sem vê-lo, afastado do mundo, mergulhado em mim mesmo, pensando na vida. Lá pelas tantas, quando acordei dos meus sonhos de divagação, vi que estava num lugar totalmente nada a ver, fora da rota que me levaria à casa de Isabela.

Olhei, olhei e não reconheci o caminho. “Será que peguei o ônibus errado?!”.

Perguntei ao cobrador. Ele respondeu meio de má vontade:

– Este ônibus aqui é “relógio”, passa só de vez em quando e dá um monte de voltas pelos bairros. Tava escrito “relógio” lá fora, no painel. Você não viu, não?

Fiz uma negativa com a cabeça, meio azedo.

“Como se eu fosse enxergar isso, à noite, justo hoje, justo agora! Que droga!!!”.

E tive que me armar de paciência. Já estava tenso de novo, preocupado... eu sabia que, a essa altura, Isabela também já deveria estar preocupada com minha demora. Com tantas coisas estranhas acontecendo uma atrás da outra, até detalhes simples como me enganar de ônibus já causavam mal-estar. Para ela, que não sabia o que estava acontecendo, certamente causava todo tipo de pensamentos absurdos.

Além do mais, aquele ônibus não me deixava na esquina da casa dela, mas algumas quadras mais adiante. Finalmente, saltei e fui direto ao orelhão.

“Vou avisar que está tudo bem e que chego em cinco minutos!”. Toca, toca, toca... e ninguém atende!

“Mas onde está a Isabela?! Ela iria me esperar em casa!”. Aí fui eu que fiquei preocupado.

“Será que ela saiu para me procurar? Não pode ser.”

Corri até a casa dela. Entrei com minha chave, após tocar estridentemente a campainha. Ela atendeu a porta de mau humor.

– Que foi? – perguntei, ansioso, ao sentir o clima carregado.

– Nada – fez ela em resposta. – Se você não iria sair naquela hora não custava nada ter avisado, afinal...

– Mas eu saí! Eu saí! – tudo o que eu não queria era brigar de novo.

– Saiu!! Saiu e chega aqui só agora? Eu estava morta de preocupação, vai que você está no ponto e me aparece aquele fulano de novo!

– Que fulano?

– O Marlon, né?! Quem mais?

– Não foi nada disso, peguei o ônibus errado, um tal de “relógio”, que faz um caminho doido. Me deixou lá na outra avenida!

Então Isabela falou com mais moderação.

– Puxa vida... não paguei nem pro susto!

- Eu liguei pra cá assim que desci. Você não atendeu!
- E nem poderia. Eu estava te esperando no ponto, tão nervosa que fiquei!
- Bom, mas *eu liguei*.

Aquela noite parecia interminável para nós dois. Depois de uma semana daquela, um sábado como *aquela*!

Fizemos errado mais uma vez. Em vez de orarmos primeiro e depois conversarmos, tentamos conversar logo de cara. Apesar dos ânimos terem sido apaziguados momentaneamente, o cansaço aumentava e a recordação das recentes injustiças que fizemos um ao outro acabaram não sendo boa combinação.

Logo mais estávamos novamente discutindo. Incrível... que poder aquilo tinha de sugar as forças! Eram já onze e meia da noite, nosso sábado tinha sido jogado no lixo. Minha indignação não tinha limites. Eu só conseguia enxergar meu próprio ponto de vista, e Isabela já estava completamente exausta, esmagada, embora eu nem notasse isso.

– Se você veio aqui pra isso, pra me deixar louca, não sei pra que vir – vociferou ela lá pelas tantas.

Foi para a cozinha pegar um copo de água. Seu rosto estava muito triste, seus olhos estavam tristes. Fui atrás dela, mas, novamente, não liguei muito, nem enxerguei seu estado, nem percebi. Especialmente porque comecei a sentir a opressão crescendo em derredor.

Dessa vez foi muito diferente das anteriores. Eu reconheci o cheiro... adocicado... intenso... familiar! Sabia que era Abraxas... Abraxas estava ali. E por algum motivo que eu não sabia explicar, não houve medo em mim. Era uma sensação semelhante a do homem que ficou muito tempo longe do seu cachorro de estimação...

Abraxas vinha para perto de mim, como um cão, me rondando, me sentindo, farejando. Eu fiquei quieto. Esperei. Da mesma maneira que Marlon, não conseguia ver Abraxas como um inimigo em potencial.

“Ele é um demônio, apenas isso... é a natureza dele. Eu fico quieto... e espero... talvez ele não me faça nada.”

Isabela apenas bebia água, não sentia isso, não percebia a presença dele. Então, continuou a conversa exatamente do lugar onde a gente tinha parado. A presença de Abraxas se fazia cada vez mais palpável, a opressão aumentava, mas eu não chamava aquilo de opressão. Fui ficando cada vez mais introspectivo, mais calado, apenas esperando. O que, eu não sabia, eu apenas esperava...

Isabela voltou para a sala, sentou-se no sofá. Eu fui atrás novamente... mas o ambiente daquela sala... estava *indescritível*! Assim que adentrei, parecia que me enfiava dentro de um *freezer*. Caminhei até a cadeira de balanço e me acomodei ali. Perguntei apenas por perguntar:

– Está frio aqui?

– Não.

Tornei a me calar.

Agora já não era somente a sensação da presença dele, eu sentia aquele campo energético fortíssimo ao meu redor... e frio, frio, frio, cada vez mais frio. Somente então percebi que não era a sala que estava fria, era realmente Abraxas tirando minha energia de superfície, sugando o meu biocampo, arrancando calor do meu corpo. Uma sensação semelhante àquela de antes de uma canalização. Só que mais intensa.

“Mas Abraxas não pode me canalizar mais”, pensei, meio voando.

E continuei à espera. Eu já nem sabia o que Isabela estava falando, nem conseguia escutar mais nada. Perdi a noção do espaço. Meu corpo tremia involuntariamente de vez em quando.

Ele não parava mais. Continuava fazendo aquilo, simplesmente não parava. Então comecei a sentir o meu corpo enfraquecer. Minha mente começou a ficar ainda mais longe. Agora eu sabia que Abraxas estava também roubando minha energia vital porque eu sentia as pernas ficando dormentes, os braços também, os lábios formigavam.

Ele iria tirar minha energia vital até que meu coração parasse de bater. Seria essa a solução para mim?

“Eu vou para o Céu e meus problemas acabam...”.

– Eduardo? – de repente ouvi a voz de Isabela. – Eduardo? Tá tudo bem?!

– Hã...? – eu percebi que estremecia de frio, estava com o corpo semi-inclinado para frente na intenção de me aquecer.

– Você está *bem*?

O tom de voz dela ainda não era dos mais cordiais. Ela não poderia adivinhar o que estava acontecendo. Eu não queria ter que falar nada, falar o que estava acontecendo... não conseguiria falar... sentia uma enorme fraqueza, o corpo pesado, dormente... um sono forte. Mal conseguia abrir os olhos.

Tive a impressão de que ele continuaria me sugando até que meu corpo e mente desfalessem, e meu coração silenciasse. Então, por algum motivo, vinda não sei de onde... aquela certeza...

“Abraxas vai me matar...”.

Então me arrisquei a falar, fiz força e balbuciei:

– Acho que precisamos orar... agora.

Senti Isabela mudar de atitude na mesma hora. E inquiriu rapidamente:

– Mas o que foi?

Eu não tinha condição de explicar nada, o tempo todo apenas cruzava fortemente os braços sobre mim mesmo, tentava me aquecer, estremecia e meus olhos queriam permanecer fechados. Não tinha forças para mais nada. Consegui falar novamente:

– Não pergunta nada agora... só faz o que estou te pedindo. Vamos orar um pouco.

Então perdi a noção de tudo.

Não sei mais dizer exatamente o que aconteceu. Para Isabela, aquele foi um dos momentos mais difíceis até então. Ela ainda demorou alguns segundos sem saber o que fazer. A sua alma estava em polvorosa, as emoções em turbilhão, a tristeza gritando no coração, a mente cansada, frustrada, decepcionada... e eu lhe pedia para simplesmente esquecer de tudo isso, tudo o que era natural de se sentir... e *orar*. Partir *imediatamente* para o espiritual?!!

Tarefa árdua. Muito difícil! Ela curvou a cabeça e fechou os olhos. Mais alguns segundos de silêncio. Então eu acho que a ouvi dizer:

– Não consigo orar... – revelou. – Não consigo! Você não quer começar desta vez?

Já nem sabia por que ela estava dizendo aquilo.

– Hãã?... Não... – eu só sentia aquela sensação desesperadora, lancinante. – Começa você.

Isabela suspirou fundo. Foi difícil, mas ela começou.

– *Pai...* nos dá força agora... – aquilo foi uma súplica. Sua voz estava amarga.

Procurou buscar dentro de si toda a coragem necessária, inspirou profundamente buscando ar como se ele pudesse aumentar sua força. Eu já não ouvia mais nada. Não sei o que ela falou.

– *Pai...* perdoa a nossa insensatez, nossa atitude... por favor... nos ajuda agora... precisamos de Ti!

Ela orava mais para si mesma do que para mim. Orava lentamente, baixo. Recordo-me que não conseguia acompanhá-la, volta e meia minha mente sumia. Ela lutou sozinha naquele momento, mesmo sem saber. Eu só tive forças para

pedir socorro, não para lutar. Quem lutou foi ela. Eu sentia um *sono...* e um tremendo cansaço.

“Que sono!...”

– Cerca a gente com Tua proteção... com Teu cerco de anjos... com Tuas muralhas de fogo. Precisamos de Ti, meu Deus, como *precisamos* de Ti! Desfaz as armadilhas do inimigo contra nós – ela orava sem saber exatamente o que acontecia. – Tem sido tão duro, meu Pai!

Isabela deve ter olhado para mim e achado que eu não estava bem, pois indagou após orar um pouco mais:

– Você tá sentindo alguma coisa? – sua voz soou assustada.

Eu continuava encolhido, de olhos fechados, e quando ela falava comigo parece que isso me ajudava a sair do torpor.

– Continua orando... continua orando...

A essa altura, Isabela já estava certa de que havia algo ao nosso redor, embora não pudesse sentir por si mesma. Mas confiava muito no Dom que eu tinha recebido do Senhor. Ela sabia que eu estava captando alguma coisa espiritual, sofrendo as consequências de algum ataque.

Então começou a orar com mais intensidade buscando a proteção de Deus.

– Senhor... todo demônio, toda a força do mal que *está aqui...* manda embora, em nome de Jesus. Senhor, protege com o Teu Sangue o Teu filho. Nós resistimos a toda ação do inimigo! Cobre o seu coração, os seus pulmões, cada célula desse corpo com o Sangue do Cordeiro. Cobre toda essa musculatura! Protege Teu filho de toda a investida do Mal!

Eu não escutei nem uma palavra dessa oração, mas em dado momento percebi que ela se ergueu de onde estava, e acho que caminhou até a outra sala sem parar de orar:

– Pra isso se manifestou o Filho de Deus... pra destruir as obras do diabo!

Ela continuava orando, baixinho; depois orava em línguas, sempre baixinho. Eu até tentava concordar com ela, mas só consegui pescar uma palavra ou outra. Parece que escutei Isabela folhear algo. Depois voltei a me dispersar. Mas ela orava a Palavra, com decisão, embora eu não escutasse nada.

– Te invocamos, Senhor Deus, e seremos salvos dos nossos inimigos. Gritamos por socorro a Ti, ouve nossa voz, ouve nosso clamor. Faz a terra se abalar e tremer, por causa da Tua indignação. Que saia fumaça das Tuas narinas, saia fogo devorador da Tua boca, *agora*, eu te peço! Saiam brasas ardentes... destrói nossos

inimigos!... Troveja, Senhor! Troveja, Altíssimo! Levanta a Tua Voz contra eles, Senhor dos Exércitos! Dispara Tuas setas e espalha nossos inimigos, desbarata-os.

Comecei a sentir alívio à medida que ela orava declarando a Palavra. Minha mente parece que desanuviou. O frio intenso e a opressão foram diminuindo, os tremores foram cessando, a dormência foi sumindo. Menos nas pernas.

Isabela parece que percebeu que sua oração estava fazendo efeito. Ao todo, ela não precisou orar mais do que cinco minutos. A Potestade que estivera ali, fosse Abraxas ou outro qualquer, e que me atacara fisicamente, parecia ter ido embora. O ar estava leve!

Mesmo assim, Isabela ainda orou um pouco mais, declarando trechos de agradecimento e adoração:

– Nós te amamos, Senhor, pois Tu és nossa força. Nossa rocha, nossa cidadela, nosso libertador. Tu és o nosso Deus, o rochedo onde podemos encontrar refúgio. Nosso escudo, a força da nossa salvação, nosso baluarte! Obrigada, Deus, por tua intervenção hoje. Tu és digno de ser louvado, fomos salvos de nossos inimigos nesta noite... obrigada, Pai... amém!

– Amém... – respondi também. Então olhei para ela. Ela olhava para mim com ar desconfiado.

– Você tá bem?

Eu estava bem porque Abraxas tinha saído dali. Estava bem porque Deus respondera com presteza nossa oração. Mas a nossa negligência e demora em nos posicionarmos no Reino Espiritual fez com que colhêssemos muitas consequências naquele dia. Essa era tão somente a última delas.

Tentei me movimentar na cadeira... e nada! Minhas pernas estavam paralisadas.

– Estou bem – falei. Era melhor esperar um pouco. Talvez passasse logo. “Ou... será?...”. Fiquei nervoso. Teria ele causado alguma lesão *mais séria*??!

Isabela continuava me olhando, me analisando, em silêncio. Com que cara eu estaria? Atordoado? Atônito? Assustado? Ou talvez não fosse nada disso, talvez fosse apenas a sua extrema sensibilidade.

– Você tem certeza, Nenê? Quer orar um pouco mais?

– Não precisa. Deus já ouviu.

– Mas o que você está sentindo? – ela continuava a insistir. Eu não queria dizer que minhas pernas estavam insensíveis e completamente imóveis. Isabela iria assustar-se à toa. “Logo já deve melhorar...”. Como ela continuasse a me observar com ar preocupado, tentei dar um jeito de distrair sua atenção. Tinha que ver como estavam minhas pernas sem que ela percebesse.

– Me traz um copo de água? – pedi. – Gelada!

– Tá.

“Ótimo!”.

Assim que ela saiu um pouco da sala, eu tentei mudar rapidamente de lugar.

Queria sair da cadeira de balanço e deitar no sofá, pois me sentia muito cansado.

Além disso, deitado ficava mais fácil disfarçar o problema. Precisava pesar o prejuízo sem que ela notasse. Mas a verdade é que eu não conseguia me levantar.

“Não é possível eu estar assim...”, pensei comigo mesmo enquanto ouvia Isabela abrindo a geladeira na cozinha.

“Eu preciso conseguir levantar... preciso me *mexer*...!”.

No desespero, consegui me jogar da cadeira de balanço para o chão e fui me arrastando até o sofá. Isabela fez que demorou, de propósito. Enquanto eu arrastava e puxava minhas pernas com as mãos, pois não me obedeciam, ela espiava no cantinho da parede. Logo, veio ao meu encontro com o semblante muito assustado. Ajoelhou-se ao meu lado, a meio caminho entre a cadeira e o sofá. Largou o copo no chão:

– Eduardo... que é isso?! Você não tá conseguindo se mexer?!?

Meus pés jaziam caídos ao meu lado, então eu os arrumei com as mãos para deixá-los em posição mais normal. Procurei tranquilizá-la:

– Calma, tá tudo bem. Já vai passar. É assim mesmo.

– Mas, como “é assim mesmo”? Você não tá bem, meu Deus do céu... você não tá bem!

– Tô, eu tô, sim. Vai passar!

Ficamos sentados no chão lado a lado. Isabela estava aflita comigo, assustada com o ocorrido, com o Poder demonstrado pelo inimigo, que ela não conhecia.

Mas não tinha perdido a cabeça, era uma aflição controlada. A bem da verdade, nunca vi Isabela em pânico, desesperada. Isso era bom. Ela só se descontrolava de verdade quando brigava comigo! Estiquei o braço para alcançar a água, esquecida no chão. Isabela alcançou antes e estendeu-a para mim. Bebi. Ela continuava esperando uma explicação para aquilo. Fui explicando que quando demônios fortes como Principados e Potestades se aproximam dos seres humanos, precisam roubar parte da sua energia de superfície porque eles próprios têm um fortíssimo campo eletromagnético. Para que não haja interferência na aproximação, e os demônios possam canalizar o filho do fogo, é preciso que o biocampo humano seja enfraquecido. Por isso, aquela sensação de frio!

Mas, naquela noite, a intenção de Abraxas não era simplesmente me “canalizar”.

Ele queria sugar-me até a morte.

– Ele não tirou somente a minha energia de superfície, ele estava arrancando também a minha energia vital... e quando ela é retirada em excesso o corpo fica assim, sem forças, mole, não responde a comandos motores. Mas depois passa.

– Oh, meu Deus, Eduardo... por que você não pediu pra orar antes?

– Não tinha clima. Depois... não achei que ele fosse me fazer mal! Isabela suspirou, dessa vez atordoada.

– Poxa, Nenê... como não achou?

Estávamos exaustos. Ficamos ali lado a lado, oramos um pouco mais, pedimos a restauração física, emocional e espiritual. Dessa vez, consegui orar.

Aos poucos, comecei a recuperar os movimentos, comecei a ter novamente sensibilidade nas pernas, passou a dormência. Graças a Deus!

– Quer tentar sentar no sofá? – perguntou ela.

– Quero... bom... resta saber se consigo... – Isabela tinha no rosto um ar de desalento, seus olhos estavam tristes e preocupados.

– Vamos... eu te ajudo.

Com a ajuda dela, eu consegui erguer-me e sentei no sofá. Depois deitei. Que esgotamento!

Isabela acomodou minha cabeça em seu colo, começou a fazer cafunézinho, em silêncio. Adormeci.

Não sei como Dona Márcia não notava essas coisas, como a gente conseguia passar com todos aqueles problemas despercebidos. A verdade é que ela estava assistindo TV no seu quarto e, naquela hora da noite, estava bem mais entretida com o filme do que conosco. Mesmo porque, para todos os efeitos, eu já tinha ido embora de velho! Coitada...! Era melhor assim. Nós dois realmente víamos nisso que Deus a poupava.

Lá pelas tantas, acordei com Isabela me chamando:

– Vem deitar na cama do Marco, Nenê.

– Hum? Hum...? Não, eu vou pra casa. Já estou bem. – Isabela falava baixinho, e eu estava grogue. Ela nem discutia:

– Vem. Já falei com minha mãe, tá tudo certo. Vem dormir direito, na cama. Aqui tá ruim pra você.

A última coisa que eu queria era incomodar. Minha voz saía mais mole que maria-mole.

– Avisou sua mãe...? Tudo bem? – Isabela me puxava pelos braços, devagar.

– Tudo, tudo bem. Vem, Nenê. Eu te ajudo.

Nessa hora, percebi que minhas pernas, embora bambas e muito cansadas, já me obedeciam. Mas eu me sentia como se pesasse duzentos quilos. Isabela me ajudou e cheguei ao quarto do Marco apoiando-me nela e nas paredes.

Desabei na cama. Acho que Isabela deve ter tirado meus sapatos, porque despertei sem eles. Mas eu não me recordo. Dormi a noite toda sem acordar.

* * *

Minhas pernas voltaram ao normal, embora eu tenha ficado com uma tênue dor durante um dia. Parecia dor muscular, como aquela que dá depois de muito exercício físico. Além de uma ligeira fraqueza. Mas tudo passou em um dia. Dois dias depois, foi meu aniversário, que transcorreu sem incidentes. Isabela e eu ficamos um pouco perturbados depois, pensando naquilo. Por que Deus permitia que os demônios se aproximassem tanto? Chegassem tão perto? A gente não tinha entendido ainda o conceito das brechas... a culpa não era de Deus... era nossa! Com as nossas próprias mãos, abríamos a porta para os demônios. Nós estávamos procurando nos acertar... sim, isso era fato, mas *havia brechas*! E a gente não conseguia entender por que tudo aquilo acontecia conosco. Mas onde há brechas... os demônios podem se aproximar. O futuro nos mostraria que, mesmo mínimas, os demônios conseguem perceber e utilizar tais brechas. Não haveria nenhuma possibilidade de acerto sem viver essas terríveis situações. Mas demoramos muito a aprender, demoramos a compreender o mecanismo daqueles ataques.

Segundo Marlon, agora as coisas iriam esquentar para valer. E, também segundo ele, ninguém ficaria ao nosso lado.

Só nos restava esperar.

Isabela conversou comigo depois sobre aquela sensação estranha que tive, de não temer a aproximação de Abraxas, não conseguir enxergá-lo como um inimigo. Realmente, minha mente deveria estar ainda cauterizada, pois eu não via os demônios como meus adversários. *Reais* adversários! E Isabela parecia tremendamente desconfortável com aquela minha maneira de pensar.

– Eduardo, eles *são* seus inimigos! Querem a sua morte, sua destruição. Se você pressente uma opressão, você tem que sinalizar, e nós temos que orar. Me promete, vai, que você não vai mais agir assim, Nenê?

– Eu sei, entendo o que você está falando. É que eu não imaginava que ele fosse me fazer mal, imaginava que ele estava... só ali.

Isabela meneava a cabeça.

– Os demônios nunca vão estar “só ali”, né, Eduardo? Se Deus te mostra a presença deles, está na realidade mostrando o *mal* que eles querem fazer contra você, contra mim. Viu a que ponto chegou ontem à noite?

– Eu sei. Foi uma coisa nova pra mim também. É que, só pelo fato de eu pressentir um demônio, não imaginei que tinha que mandar uma chuva de fogo em cima dele, entende? Eu sei que isso está errado, eu sou filho de Deus, e por isso eles me odeiam. Mas é que eu conheci o outro lado... na minha *alma* ainda me lembro de Abraxas como o meu Guia, meu Guardião. Mas hoje eu tive certeza de que realmente ele me odeia, assim como toda a Irmandade! Começou um novo tempo...

Isabela compreendeu.

– Entendi... eu posso te entender. Mas você não pode mais ver o Reino Espiritual com olhos humanos, com olhos da alma. Se um demônio se aproxima de você, nunca é por acaso, nunca ele vai deixar de agir. E, sempre que fizer isso, vai ser querendo teu mal! Essa é a verdadeira natureza deles: má! Aquela natureza “bondosa”, “amiga” era totalmente falsa. Você precisa se desvincular totalmente disso! Eles são seus inimigos... eles chegam perto... e você se defende! Entendeu? Não fique achando que existe neles coisa alguma boa.

– Eu sei. Sei disso perfeitamente. Sei porque a Bíblia diz. Incrível como eu agia mesmo pelas minhas emoções.

Depois disso, Isabela *entregou-me* para Grace. No dia seguinte ao meu aniversário, nós tínhamos uma Ministração agendada, e Isabela colocou aquele meu sentimento no rol de aspectos a serem ministrados.

– Compreendo – disse ela. – É preciso haver um desligamento de almas aí. O desligamento espiritual já aconteceu, mas há *marcas* que foram deixadas na alma... nas emoções.

A gente entendia isso meio que intuitivamente. Vou tentar explicar.

Quando existe envolvimento com as Trevas, mais especificamente com um demônio qualquer, existem basicamente dois tipos de sequelas. A primeira é puramente espiritual. Em se tratando de Abraxas, eram várias as consequências espirituais decorrentes do meu envolvimento com ele: o fato de ele poder me canalizar quando quisesse, poder manipular o meu corpo, a minha mente, falar comigo, me dar poderes sobrenaturais, etc.

A segunda consequência é fruto da primeira, mas muito mais sutil, e envolve a alma. Minha alma, indiretamente, também ficou marcada por Abraxas: minhas

emoções foram tocadas, minha vontade, meu intelecto... e essas marcas às vezes perduram por muito mais tempo do que as primeiras.

As consequências espirituais, de certa forma, já tinham sido tratadas no exato momento em que me converti, e depois durante as Ministrações também. Abraxas já não poderia me canalizar, não poderia manipular meu corpo; e os Poderes que eu tinha, deixei de ter.

Mas as marcas que ele deixou na minha alma ainda poderiam ser manipuladas, de alguma maneira. Ele ainda poderia interferir na minha vontade, nos meus sentimentos, na minha mente.

Isso ficou claro depois daquele último episódio. Obviamente que eu não agi de uma forma espiritual *sadia* naquela situação, mas de uma maneira puramente emocional, fruto de uma contaminação nas minhas emoções. Quer dizer, em algum lugar obscuro da minha alma, eu ainda enxergava Abraxas como um amigo, e isso foi mais forte do que qualquer outra impressão naquele momento crítico.

Isso é mais ou menos o que acontece quando um casal se separa, por exemplo. O relacionamento de um casal é intenso, portanto, quando acontece a separação é como se cada um levasse consigo uma *parte da alma do outro*. Não literalmente, mas cada um carrega consigo as *influências que sofreu durante a convivência com o outro*. Se uma mulher conviveu com um marido violento, durante muito tempo, ela pode ter medo de brigas tolas com qualquer outro homem. Isso é *uma marca* que ficou na alma dela como fruto daquele relacionamento!

Mesmo os dois tendo-se separado fisicamente, terem deixado de ser uma só carne, durante muito tempo, ou até mesmo pelo resto da vida, em algum momento vão manifestar as influências que receberam na alma. Meu relacionamento com Abraxas tinha sido tão profundo quanto um casamento. Nós tínhamos uma aliança de sangue um com o outro!

Grace explicava melhor o “desligamento de almas” usando um exemplo simples: ela costumava mostrar duas folhas de papel, de cores diferentes, coladas uma na outra.

– Veja só: a folha verde é o homem, a amarela é a mulher. Se esse relacionamento acaba, e eles se separam... – Grace puxou as duas folhas. Elas descolaram, mas parte de uma ficou na outra, e vice-versa.

– Percebem? Esse pedaço aqui, amarelo, não faz parte da folha verde. Mas ficou grudado nela! E um pedaço da verde ficou grudado na amarela. É mais ou menos isso o que acontece depois de envolvimento profundo com pessoas, ou até

mesmo Entidades Espirituais. É preciso pedir perdão e orar a Deus pela restituição de cada coisa ao seu lugar.

Aquele episódio fez com que eu começasse a perceber o quanto minha alma tinha sido afetada por Abraxas... talvez aquela minha reação fosse apenas a ponta de um *iceberg*.

Compreendi melhor aquele tópico da Ministração, o “desligamento de alma”, como sendo algo importante. Eu já conhecia Grace o suficiente para saber que esse termo era apenas uma questão de nomenclatura. Mas, em última análise, não deixava de ser uma parte periférica da Cura Interior. Que visava sanar feridas não mais espirituais, mas *emocionais*, resultantes do meu envolvimento com Abraxas.

– O fato de Daniel ter tido dificuldade em expulsar Abraxas, foi porque alguma coisa de Abraxas ficou com ele: lembranças, palavras, acontecimentos, promessas... – continuou explicando Grace. – Parte da personalidade de Abraxas ficou impregnada no Daniel, e isso o paralisou naquele momento crucial. Mas agora vai ser diferente! Deus vai tratar dessa ferida emocional. E quando Daniel estiver curado, vai conseguir olhar pro Reino das Trevas com outros olhos. Sob um novo prisma.

Ricardo estava chegando, dessa vez no horário.

Naquela tarde, começamos então exatamente por aí, pelos “desligamentos de alma”.

– Eduardo, comece pedindo perdão pelo seu envolvimento com Abraxas. Você já renunciou à aliança espiritual em outras Ministrações, mas agora renuncie toda conversa, toda orientação, toda promessa, todo Encantamento do qual ele participou com você e através de você.

– Tinha também aquele Rito de Celebração, logo no começo, que era feito especialmente pra entrar em simbiose com Abraxas... – lembrou Isabela

Eu orei enquanto os demais intercediam em concordância. Depois, Grace continuou:

– Olhe agora pra Ricardo e repita comigo: Senhor Deus, entrego todos esses pecados diante de Teu Altar, todos os pecados que cometi ao me envolver com Abraxas, ao permitir que ele tivesse aliança comigo e usasse meu corpo. Peço que o Senhor passe Teu Fogo em todos eles. E agora, em nome de Jesus, eu me *desligo emocionalmente* de Abraxas. Tudo o que é meu, e ficou com ele, tudo que faz parte da minha alma, e ficou impregnada nele, eu trago de volta pra mim. E tudo que é dele, mas ficou em mim, eu devolvo a ele! Declaro que estamos totalmente

separados emocionalmente pelo Sangue de Cristo. Eu me limpo, limpo a minha alma de toda a contaminação de Abraxas. Amém!

Pode parecer curioso orar nesse sentido em relação a um ser espiritual. Porém, o relacionamento de todo Satanista com os seus Guias é estreito demais.

– Seria bom fazer o desligamento de almas também com Marlon e Thalya. Eles foram importantes pro Eduardo... – lembrou novamente Isabela.

Embora já tivéssemos orado pelo desvinculamento de toda aliança, essa era uma outra etapa. A quebra das *alianças* destrói um elo espiritual. O desligamento de almas pressupõe *elos emocionais*. E, no meu caso, meu relacionamento com Marlon, quase como o de um filho com um pai, também merecia ser tratado dessa maneira especial. Com Thalya, conforme explicou Grace, a questão era mais sexual.

– Faça o desligamento de alma com Thalya, mas aproveite pra renunciar também a todo relacionamento sexual que você tenha tido com outra mulher. Sempre que existe envolvimento sexual é mais delicado. Quando acontece a separação, a alma fica muito ferida. Daniel, pode orar agora, do mesmo jeito, primeiro pedindo perdão. Depois, vamos devolver a alma deles que está em você e pegar de volta a sua que ficou com eles.

Feito isso, repetia a oração de Grace para consolidar o desligamento de alma. O próximo passo foi orar entregando Camila e outras moças com que tive relacionamento “próximo” do sexual. Fiquei meio envergonhado de fazer aquilo, dar nomes e tudo mais.

No entanto, ninguém parecia estar me julgando, nem Isabela, que continuava em oração. Todos mantinham a seriedade que o momento requeria e aquilo me aliviou!

A Ministração foi fluindo. Ponto a ponto, etapa por etapa, tudo que me parecia relevante eu ia compartilhando. E Grace anotava o que deveria ser orado depois.

Deus foi bom comigo. Eu tinha consciência de estar como que coberto por tiras de pano sujo, como Lázaro. O trabalho de Grace era ir tirando, uma a uma, todas essas tiras. Começando das mais externas, as mais evidentes, as mais grossas, as maiores. Depois viriam as menores. Depois até aquilo que eu não tinha nem consciência.

Quando a Ministração acabava, eu saía mais leve, mais contente... agora estava completamente livre! Mas, então, em poucos dias, vinham novas lembranças. Ou então, eram os acontecimentos do dia a dia, as minhas reações, certos tipos de pensamentos repetitivos que traziam à tona novos pontos a serem ministrados.

Quase cem por cento das vezes era Isabela que percebia esses padrões de comportamento “defeituosos”.

Era como se Deus estivesse me “descascando”, como uma cebola. Tirando pele por pele. Às vezes sangrava. Às vezes, por baixo de uma película aparentemente inocente, havia uma grande e terrível ferida infectada. Tão dolorosa que somente a Mão do Espírito Santo, através de Grace, poderia tocar ali. Feridas que se mostravam surpreendentes até mesmo para mim, eu nem imaginava que as possuía!

Fui percebendo que as camadas internas nunca seriam tratadas se eu não tivesse primeiro tratado as externas. Era um processo lento... em Sua Sabedoria, o Senhor foi fazendo parte a parte, momento a momento, lembrança a lembrança. Quando imaginava que tinha acabado, percebia que ainda existia algo mais. E depois... algo mais. E depois... *ainda* algo mais!

As lembranças não vieram todas de uma vez, nem seria possível uma coisa dessas. Mas, à medida que me submetia ao processo, muitas vezes com urros de dor e lamento, eu ia mergulhando em mim mesmo. E tudo aquilo resultava em cura para mim.

Hoje eu sei que, sem as Ministrações, eu não poderia abraçar o chamado que Deus tinha feito. Nunca estaria pronto para ser usado por Ele sem ter passado por aquilo. O soldado nunca é enviado ao *front* de guerra ferido. Primeiro, ele é tratado... depois treinado... depois enviado.

Mais tarde, eu e Isabela fomos compreender por que Deus dissera que o Ministério começava na segunda quinzena de fevereiro. Seria um tempo em que nossos inimigos arrojariam a perseguição, e daí tiraríamos o nosso treinamento. Além do que, o processo de Libertação e Cura na minha vida continuaria, agora em outro nível. Um nível já mais profundo.

* * *

Realmente, foi necessário. Deus fez literalmente milagres de transformação em minha vida. Milagres que não seriam concretizados sem aquelas horas e horas de oração, arrependimento e renúncia, em companhia de servos de Deus.

Quantas amarras eu tinha em mim, quantas! Quantas lacunas, quantas portas abertas, fruto de meu envolvimento com a Irmandade.

Todo pecado não confessado: uma porta, uma janela aberta... uma brecha para o inimigo.

Naturalmente, a transformação não vem do dia para a noite. O processo de santificação pode durar toda uma vida. A Bíblia diz que “as coisas velhas se passaram e tudo se fez novo”!

Isso é um fato. Mas às vezes não acontece num piscar de olhos.

Uma vez convertido, há um tempo de se “desvestir” das roupas velhas. Isto é, as roupas da mentira, falta de honra, orgulho, idolatria, avareza, etc., etc. Alguém que se converte não deixa de lado toda a prática pecaminosa de imediato. Claro, há coisas que são instantâneas, com todo novo convertido. Outras, vão vindo aos poucos, à medida que *percebemos* o pecado, nos *arrependemos* dele e o *deixamos*. Nem sempre deixar o pecado é fácil, pois a carne grita e fala alto. “O bem que queremos fazer, nem sempre fazemos... mas o mal que não queremos, ah, esse sim o fazemos”! Não é assim?

Comigo não foi diferente. Muita coisa mudou da água para o vinho no momento em que me converti. Mas, depois disso, aos poucos eu teria que desvestir cada peça de roupa de Satanista, até estar nu de tudo aquilo. E então eu me vestiria das roupas do Cristão. É um processo de uma vida toda. Mas creio que Deus tinha pressa conosco. Ele queria que nos alinhássemos o quanto antes.

Não foi fácil me desvestir. Foi terrivelmente doloroso. Não foi fácil me vestir com roupas novas.

Às vezes, eu me contentava em saber que tinha abandonado o Satanismo, isso deveria ser suficiente. Na minha mente, no meu inconsciente era mesmo. Aos poucos, fui vendo que somente isso não era suficiente. Eu tinha que ser transformado à imagem de Cristo, transformado num verdadeiro Cristão.

As lutas que estávamos vivendo tinham, certamente, esse objetivo. Lapidar a mim e a Isabela.

Depois que terminamos a Ministração daquela tarde, e já Grace iria orar para “limpar” a sala, Ricardo interrompeu.

– Só mais uma coisa, Grace. Quando orei por ele dessa última vez, o Senhor me mostrou uma lança atravessando o coração e o pulmão dele.

– Vamos tirar então! – fez Grace em resposta.

Nós já estávamos, de certa forma, acostumados com a linguagem simbólica das visões. Deus mostrava um ataque de morte, revelava a intenção do inimigo. Em suma: nada de novo!...

Cabia a nós orar, contra-atacar, resistir, defender-nos no Reino do Espírito.

O mais interessante é que três dias antes, durante o ataque de Abraxas, Isabela orou especificamente cobrindo meu sistema respiratório e meu coração. E

também minha musculatura, que foi afetada na hora.

– Senhor, em nome de Jesus, tiramos essa lança agora do Teu filho! – orou Grace, e fez o movimento de puxar dali aquela arma. – E todo intento do inimigo nós destruímos, e *proibimos* Satanás e seus demônios de tocar em Daniel. Toda armadilha, todo Encantamento, todo Feitiço e retaliação nós can-ce-la-mos, em nome de Teu Filho Jesus Cristo de Nazaré!

Eu orei junto, de olhos fechados, compenetrado. Senti que Grace ungiu meu coração e também minhas costas, na altura dos pulmões. Ungiu-me a cabeça, pediu proteção sobre mim.

Quando iria fazer o mesmo por Isabela, Ricardo interveio novamente: – Eu vi você – falou para Isabela. – Você estava com um escudo na mão, sabe? Um escudo desses de exército antigo, exército romano, não sei. E eu via você. Virando esse escudo pra um lado, depois pra outro. Às vezes, você quase caía, mas logo se erguia, e continuava na defensiva, com o escudo na mão. Pra todo o lado!

Grace olhava para Isabela:

– Mas que bom isso! Isso é tua oração intercessória por Daniel e por você mesma.

– Eu nem oro muito por mim. Oro mais por ele, e com ele.

– Mas o problema, Grace, é que eu a via muito cansada. Muito cansada.

– É... na verdade, vocês dois precisam de intercessores. Quem ora por vocês?

Eu e Isabela nos entreolhamos.

– Bom... – comecei. – Até agora, só temos Dona Clara. E você, Grace. Não consigo me fazer entender na minha Igreja.

– É. Nós já tentamos, mas não parece que tenha dado resultado.

Grace escutou um pouco mais. Então ela mesma orou para que as barreiras colocadas entre nós e a liderança de nossa Igreja caíssem, e os propósitos de Deus fossem alcançados.

– Vou falar com seu Pastor!

Agradecemos. Nos despedimos.

Mais adiante, depois de eu já ter sido bem “descascado”, Deus começaria a tratar as feridas de Isabela. Então o processo continuaria para os dois. Naturalmente, nós não sabíamos disso ainda.

As minhas últimas Ministrações seriam marcadas não muito depois dessa data.

Pelo menos, todos nós achávamos que eram *as últimas*! Inclusive Grace. Tudo que era possível ser feito naquele primeiro momento já tinha sido feito. Já se tinham passado pouco mais de quinze meses desde a primeira Ministração; foram

cerca de dez longos encontros, e a metade deles nos primeiros doze meses. Eu relatara todo meu envolvimento, tudo quanto eu me recordava tinha sido colocado para fora. Pelo menos, aquilo que eu julgava menos comprometedor. Algumas coisas simplesmente omiti.

Mas, como já mencionei, Deus estava apenas mudando de fase, mudando de nível. Como nós viríamos a perceber, haveria muito a ministrar ainda. Haveria muitos “algo mais”!...

Mas estes somente viriam à tona em cerca de um ano, um ano e pouco. Eu e Isabela saímos abraçados na noite quente, resolvemos comer *esfiha* no Habib's, pois era mais barato. Nosso dinheiro estava no fim. Estávamos alegres por mais uma etapa da Ministração ter sido completada.

Por outro lado, às vezes, a gente se lembrava da nossa conta aplicação e dos sonhos que tinham ido por água abaixo.

Grace havia perguntado logo no início da Ministração.

– Tem alguma notícia?

– Nada, Grace. O gerente do banco não achou qualquer registro. Pra todos os efeitos, essa conta nunca existiu.

Quando Ricardo ficou sabendo, seu semblante se encheu de fascinação. Ele se esqueceu que por trás daquela situação estavam dois seres humanos, eu e Isabela.

– Nossa! – dissera ele. – Mas que Poder indescritível. Como eles se fortaleceram! A que ponto podem chegar!

Fiquei escutando. Mas Isabela, apesar de ter Ricardo em alta conta por causa do seu Dom de Discernimento, não conseguiu. Logo deu um jeito de ir beber água, ir ao banheiro.

– Puxa... – comentou ela depois. – Só falta ele bater palma como criança, como quem assistiu “mágica”. Que falta de empatia! Que falta de bom senso!

Dei um muxoxo.

– É. Ele nem ligou pra gente. Mas não fez por mal... é que nunca viu nenhuma atuação demoníaca superior. E pra ele, né, que lida com isso deve ser muito interessante!

– Interessante! – Isabela estava exasperada. – Só porque ele está na cadeira de espectador. Vem participar do filme pra ver se é gostoso!

Comemos nossas *esfihas* comentando a Ministração. Mas, depois, nossa satisfação foi sendo progressivamente substituída por preocupações financeiras.

– Amanhã acabará todo meu dinheiro. Precisamos fazer umas contas pra ver se o seu salário cobre nossas despesas. Temos que pagar o carro e também os cartões

de crédito. Tenho que pagar as contas de casa. Tem que sobrar um dinheiro pra passar o mês...

– Quando será que vai dar pra gente começar a juntar de novo? – indagou Isabela com tristeza.

Por vezes, era ela quem ficava abatida com a situação, e aí chorava um pouco. E então eu que fazia as vezes de consolador, de “forte”.

– Sabe de uma coisa? – disse ela depois de enxugar as lágrimas. – Nós estamos fazendo algo muito errado em relação à nossa área financeira... nós não estamos dizimando, né, Nenê? Eu bem que falei.

Realmente, eu era meio avesso ao dízimo, ainda influenciado por ideias subversivas da doutrina Satânica. E nunca dizimava, apesar de Isabela ter sugerido que, antes de fazermos o depósito em nossa conta, deveríamos dar o dízimo do salário.

Naquela época, desconversei um pouco, pensando em todas as falcatuas que líderes fazem com o dinheiro dos fiéis, explorando a fé, tornando-se verdadeiros mercadores da credulidade do povo. Profissionais da fé! Mas havia concordado em dar o dízimo quando sacássemos o dinheiro para comprar nosso apartamento.

– Aí a gente dizima – eu dissera.

Isabela, por não ter sido membro de Igreja durante muito tempo, aprendera pouco sobre o dízimo e a sua importância. Por isso, não insistiu muito.

Tivemos que aprender pelo pior caminho como se fecha a boca do devorador.

– É, Isabela... você tem razão. Acho que nós erramos mesmo. E deixamos aí uma área desguarnecida. Demos uma legalidade. Aquele dinheiro era nosso Isaque, nossa “segurança”...

– Pois você não acha? O nosso dinheiro não tinha proteção nenhuma! Não adianta orar por isso. O que adianta, de agora em diante, é dizimar, ofertar, obedecer. Temos que começar.

Eu assenti. Pensativo e preocupado.

– Eu sei. Por um lado, eu sei... por outro... justo agora que a gente está com a grana tão curta?

– Ah, Eduardo, não vamos mais pensar nisso. Vamos obedecer e acabou!

A partir daí, nunca mais falhamos nos dízimos. Depois, aprendemos a ofertar. Ofertar de verdade, sem mesquinharia. E, num futuro próximo, veríamos que aquele tombo tinha sido necessário, porque nos ensinara a respeitar e a cumprir um princípio espiritual.

* * *

No dia seguinte saiu o pagamento de Isabela, que foi quase todo torrado no pagamento de nossas contas. Usamos também R\$ 50,00 que eu havia ganhado de minha avó, de presente de aniversário, para ajudar a pagá-las.

Na verdade, minha avó tinha dado R\$ 100,00 na mão de minha mãe para comprar bolo e coisinhas para fazer uma festinha. O resto do dinheiro seria meu. Mas minha mãe comprou um bolo no supermercado mais barato, comeram sem mim. Aproveitou para comprar carne, ovos, e algumas outras coisas para a casa.

No fim, fiquei sem festinha, e só com R\$ 50,00. Eu não fazia conta da festa, nunca tive isso na vida. Ninguém me esperou, meu irmão Otávio é que comeu tudo. E meu presente ficou reduzido pela metade. R\$ 100,00 reais caíam bem naquela ocasião. Como pagamos a prestação do carro com atraso, houve um acréscimo de R\$ 30,00. Os juros do cheque especial estourado, “comeram” mais R\$ 40,00.

Em uma semana, estávamos sem dinheiro. Sobrou o básico para a gasolina e ônibus.

– Nossa salvação é a parcela do seguro desemprego! Logo já vem outra. Deve sair no fim do mês.

– Mas faltam mais dez dias ainda. O que a gente faz?

– Bom, vamos “esticando” o dinheiro... quem sabe antecipam? – eu sabia que aquilo era muito improvável, mas quem sabe?

Estacionamos o carro perto da Igreja. Eram quase oito horas da noite, o Culto de quarta-feira logo começaria.

Entramos na Igreja já nos primeiros acordes do Louvor. Não havia ainda muita gente, era comum as pessoas se atrasarem um pouco. Fomos ao nosso lugar costumeiro, no canto da parede, na primeira fila ou na segunda.

Os Cultos de quarta-feira tinham o poder de levantar nosso ânimo muitas vezes. Era um verdadeiro pronto-socorro no meio da semana.

Naquela noite, foi feito um apelo. Um desafio na verdade. Com base no texto pregado, “Pedi, e dar-se-vos-á”.

A pregação tinha me tocado muito, e senti-me encorajado a dar aquele passo de fé.

“Deus, você sabe que nós precisamos de dinheiro. Para as mínimas coisas. O Senhor sabe disso.”

Fiquei em pé. Isabela também. Não sei o que ela pediu. Mas eu pedi pela parcela do meu seguro desemprego: “Faltam ainda quase duas semanas, mas o que temos não vai dar. Antecipa a parcela, meu Deus. Antecipa a parcela porque o Senhor sabe que eu preciso dela. Este é meu pedido para o Senhor, hoje!”.

Sáímos os dois da Igreja mais aliviados pelo Louvor, pela Pregação, pelo consolo do Amor de Deus sobre nós.

Isabela levou-me para casa, depois foi para a casa dela. Telefonou para dizer que tinha chegado. Cumprido nosso ritualzinho, bem despedidos e acomodados em nossas respectivas casas, voltei a pensar no pedido que tinha feito para Deus naquela noite.

CAPÍTULO 27

No dia seguinte, levantei-me cheio de expectativa e, muito ansioso, fui até a Caixa Econômica. No meu coração, eu sabia que Deus deveria ter atendido ao meu pedido, e meu dinheiro estaria exatamente *lá*, no banco, à minha disposição, esperando por mim!

Levantei-me e não tomei banho, como de costume. Vesti qualquer roupa e fui trotando até a avenida. Intimamente eu falava para Deus:

“O Senhor sabe que eu preciso. Sabe que está fazendo falta. Eu pedi... o Senhor vai me dar porque meu pedido é justo!”

Cheguei ao banco, peguei minha senha e esperei, confiante com a expectativa aumentando. Logo chegou minha vez, e eu me aproximei do caixa correspondente a minha senha.

– Pois não? – fez a moça do caixa.

– Vim pegar minha parcela do seguro desemprego! – eu nem cogitei em pedir para verificar se estava lá: era claro que estava.

– Você pode me emprestar seu cartão do PIS?

Entreguei-o. Ela digitou no computador. E rapidamente veio a resposta:

– Olha, é só no fim do mês, viu?

– Só no fim do mês...? – indaguei, frustrado.

– É, a sua remessa só vem no fim do mês.

Esperei alguns segundos processando tudo aquilo. Minha reação foi rápida e talvez impensada, mas eu me recusava a aceitar que Deus recusaria um pedido tão justo de minha parte. Afinal, todo nosso dinheiro havia sido roubado! Então, falei, com convicção:

– Olha, eu não sei qual é a sua crença. Mas eu sou filho do Rei! Amanhã eu vou voltar aqui, e meu dinheiro vai estar na conta. E você vai ver a Glória de Deus!

Ela me olhou com os olhos meio espantados, esperando qualquer reação, menos aquela.

– Oh, sim? – a moça exibia uma expressão um tanto irônica. Peguei meu cartão do PIS.

– Você vai ver que Deus vai me atender! – exclamei eu, ainda, antes de dar meia volta guardando o cartão.

Fui para casa orando. Até de forma inconsciente, dialoguei com Deus tentando dar as diretrizes a Ele:

“Olha só, Senhor... se o dinheiro estiver lá, aquela mulher vai ver que eu disse a verdade, que o Senhor é Poderoso *mesmo*. E vai se converter! Se o Senhor agir vai ser um grande testemunho. Talvez até mais gente daquele banco se converta.

Talvez o banco vire uma Igreja. Afinal, eu nem estou te pedindo muito, só o valor da parcela, só aquele dinheirinho. O Senhor sabe que eu preciso. E eu testemunhei no Teu Nome, não deixa Teu Nome ser envergonhado!”.

E fui falando, argumentando. Eu me convenci com meus argumentos, procurei permanecer firme na minha fé. E esperava que tivesse conseguido convencer também a Deus que eu tinha razão. No meu coração, a petição era genuína, minha oração era sincera. Eu insisti com Deus por saber que Ele era *Pai*, não iria... não *poderia* me deixar na mão.

“Quando o filho pede pão, o Pai não dá pedra...”, murmurei para mim mesmo.

Mas eu não percebi que estava barganhando com Deus, empenhando o Nome Dele para, de certa forma, colocá-lo contra a parede e fazer com que me atendesse.

Naquele dia, comentei com Isabela das minhas expectativas, e ela foi um pouco mais pé no chão. Procurou balizar meus sentidos cautelosamente, sem necessariamente me desanimar.

– Se for o propósito de Deus, Ele vai fazer, porque Deus pode fazer qualquer coisa. Se não for... Ele dá um outro jeito. Eu posso também pedir emprestado a minha mãe.

Eu não queria pedir nada emprestado. Não respondi nada. Mas Deus tinha que fazer algo, tinha que me atender. Àquela altura, eu já achava que, se o dinheiro estivesse lá na sexta-feira, poderia ser que o banco inteiro se convertesse, olha só!!!

No dia seguinte, levantei-me bem mais cedo. Eu tinha uma entrevista de emprego naquele dia, no final da manhã, por isso precisava ser o primeiro atendido no banco. Além do que, eu não tinha nem um centavo para nada, nem mesmo para pagar o ônibus.

“Não faz mal... quando pegar o dinheiro acaba esse problema.”

Fui tomar banho e novamente me enfarpelei todo com terno, gravata, perfume, gel no cabelo, tudo o que eu estava acostumado a usar normalmente no dia a dia. Quando estava empregado.

Desci olhando o relógio, peguei minha pochete à busca de meu precioso vasoconstritor nasal. Eu usava aquilo havia mais de 20 anos por causa da rinite alérgica. Já tinha feito vários tratamentos para tentar me livrar da droga, mas nada havia surtido efeito. O jeito era continuar usando.

Isabela vivia de cabelo em pé por causa daquilo, preocupada com o uso crônico do vasoconstritor tópico. Mas nenhum alergista ou otorrino tinha dado jeito em mim.

E naquela manhã... “Oh, que azar!!!!”

O frasquinho estava vazio. Acho que tinha usado muito à noite sem perceber. Agora aquela catástrofe! O nariz já estava começando a entupir. Quando entupia de verdade, eu ficava com dois verdadeiros tampões horríveis enfiados no nariz, não passava nem um fio de ar; até engolir era difícil, o ouvido também se ressentia. Era uma sensação medonha, insuportável. Eu precisava daquele remédio!

“Tudo bem... pego o dinheiro e vou direto à farmácia. Vai dar tudo certo. Não posso ir para a entrevista deste jeito.”

Joguei algumas gotas de água dentro do frasquinho do vasoconstritor, chacoalhei vigorosamente e esguichei todo o conteúdo nas duas narinas. Ajudou um pouquinho. Pelo menos, uma das narinas começou a funcionar melhor.

Saí de casa caminhando devagar, pois era relativamente cedo, e eu teria que esperar o banco abrir. Fazia uma manhã bonita, ensolarada. Eu estava confiante. Tudo daria certo.

Fiquei esperando em frente à Caixa Econômica, perto exatamente daquele outro banco que havia anos eu tinha me preparado para assaltar com amigos... Hoje, nenhum deles vivia mais. Eu tinha sido poupado.

Fiquei ali sentado, observando os transeuntes e o movimento dos estabelecimentos comerciais. Olhava no relógio a todo minuto. Logo, eu estaria com meu seguro desemprego nas mãos!

“Finalmente! Vai abrir!”

Fui o primeiro a entrar, o primeiro a ser atendido. Meu número de senha correspondia ao caixa exatamente vizinho ao que tinha me atendido na véspera. A moça com quem eu conversara estava abrindo seu próprio caixa e olhou-me de esguelha, procurando ser discreta. Aliás, acho que não tinha como não me reconhecer, depois do que eu disse. Ela ficou na dela, fazendo de conta que não estava nem aí, mas certamente de anteninhas ligadas.

– Bom dia! – cumprimentou a moça que atendia.

– Bom dia! Vim sacar meu seguro desemprego.

– O cartão do PIS, por favor.

Novamente entreguei-o. Senti minha respiração até acelerando, era hora! Ela digitou no seu computador o número de meu cadastro e deu a fatídica resposta:

– Não está aqui, não. Só no fim do mês.

Senti como se não apenas um balde de água gelada fosse despejado sobre mim, mas pelo menos uma meia dúzia. Fiquei mudo por alguns segundos, olhando para a atendente. Aí a moça ao lado não perdeu a deixa e largou a sua espetada, com classe:

– Pois é, eu falei isso ontem para esse menino, e ele disse que é filho do Rei, e coisa e tal...!

Em suma. Eu era um maluco!

Acho que a fila inteira ouviu. Senti um calorão me subir para o rosto, eu tinha certeza de que estava roxo como uma acerola mais que madura. Peguei meu cartão e saí mudo, envergonhadíssimo. O nariz nessa hora entupiu de vez! A boca se abriu automaticamente para respirar.

Já na porta, olhei para os dois lados, atônito, perdido, com a cara roxa, nariz entupido e boca aberta! Para onde eu iria agora?

Não tinha dinheiro para o ônibus... não tinha dinheiro para o remédio...

O choque e a humilhação, fizeram o nariz entupir de verdade. Estava triste e frustrado.

E agora??? Certamente minha mãe não iria me emprestar nada, nem que tivesse.

Fui subindo a avenida, devagar, cabisbaixo. “Puxa vida... Deus me deixou na mão...”. De repente...

– Ei! Psiu! Olá!

Era comigo. Olhei e dei de cara com um homem sorridente à minha frente, saído de dentro da cafeteria pequena na esquina.

– Ah...! Olá!

– Tudo bem? – inquiriu ele. – Como é que você vai?

– Tudo bem – procurei disfarçar meu desapontamento e sorrir.

Era o dono da cafeteria. Eu o havia conhecido por acaso havia algumas semanas. Como saía todas as manhãs para procurar trabalho, logo percebi aquela nova cafeteria recém-inaugurada. Entrei uma vez para tomar um cafezinho expresso antes de pegar o ônibus para minha jornada.

O lugar estava jeitosinho, agradável. Quando fui pagar, falei para a mulher do caixa, que tinha toda pinta de ser a dona:

– Está muito bonito seu café! Que Deus abençoe o seu negócio.

O semblante dela se iluminou:

– Muito obrigada! Você é Pastor, é?

Até achei engraçado. Só porque eu tinha dito “Deus abençoe”?

– Não, não sou Pastor, não. Sou evangélico, mas não sou Pastor.

– Puxa, irmão, olha... eu e meu marido investimos todo nosso dinheiro neste café. As coisas estão difíceis e demos esse passo de fé. Somos recém-convertidos, sabe, frequentamos a Igreja...

Ela foi falando, explicando a sua situação, e porque era tão importante que aquele negócio prosperasse. Por fim, pediu:

– Será que você pode orar pra que Deus abençoe e guarde nosso café?

Não me pareceu um pedido absurdo, de forma que logo fiz o que ela pedia para poder ir cuidar da vida. Orei rapidamente, ali mesmo no caixa, de frente para ela, pedindo a proteção e a prosperidade.

– Muito obrigada, hein? Volte mais vezes!

– Eu é que agradeço – respondi polidamente. – Tenha um bom dia!

Saí de lá sorrindo, os recém-convertidos geralmente são tão genuínos, têm uma fé tão especial!

Alguns dias depois, estava passando por ali de novo e resolvi tomar outro café. O marido dela estava também, e a mulher foi logo me cumprimentando e chamando seu marido:

– Olha, ele é aquele rapaz que eu te falei, que orou pela gente e que vai ser Pastor.

“De onde ela tirou isso?”, pensei comigo mesmo.

– Bom dia! Obrigado pela sua oração, viu? – falou de novo. – Fique à vontade.

– Tá. Mas, olha, eu não sou Pastor...

Novamente quando fui pagar, eles não resistiram:

– Será que você poderia orar de novo? – pediu o homem. – É que naquele dia eu não estava, e sem querer abusar...

Sorri de volta. Realmente, os recém-convertidos são diferentes, especiais:

– Ok. Podemos orar.

Fiz de novo uma oração ali no caixa. Os dois ficaram de olhos fechados, e no ruidoso “amém” alguns rostos se voltaram para nós, indagativos e curiosos.

– Muito obrigado, hein, irmão? Foi muito bom isso que você fez! Não deixe de aparecer, viu? – o homem me deu uns tapinhas no ombro, todo sorrisos, acompanhando-me até a calçada.

Depois, eu até me esqueci daquele episódio, mas agora aí estava ele, bem na minha frente. Será que queria mais oração?

– Entra um pouco! – convidou. – Toma um café.

Eu bem que precisava de um café, mas com que dinheiro?! Então desconversei:

– Obrigado... eu... ah... já estou satisfeito. – a voz saía distorcida com o nariz entupido.

Ele não aceitou recusa.

– Toma um cafezinho, sim. E por conta da casa!

Bem, assim as coisas mudavam de figura. A palavra “grátis” é realmente chamativa, taí uma palavra que tem “Poder”! Eu já não tinha mais compromissos. Perdera a entrevista, meu nariz estava totalmente entupido... teria que passar o dia em casa, até que Isabela viesse me buscar.

Diante desse quadro, um café parecia um presente inusitado.

– Obrigado. Eu aceito!

Sentei-me à mesinha. Só estava ele ali dentro, e enquanto preparava um caprichado café, foi falando:

– O irmão sabe... nós chamamos esses dias aí uma irmãzinha da nossa Igreja para vir orar aqui. Não se ofenda, não, nós não estamos desprezando a sua oração, mas é que essa irmã é daquelas, do “Fogo”, sabe? E como investimos tudo o que a gente tinha neste negócio, então queríamos ter certeza de que Deus estava protegendo, e abençoando, sabe?

Ele pôs a xícara diante de mim e acrescentou não apenas uma, mas *duas* bolachinhas como acompanhamento. Comecei a tomar meu café sentindo aquilo me aquecer emocionalmente por onde passava, estava sendo um refrigerio para mim.

– Ah! O seu café é muito bom!

– Obrigado. Mas o irmão sabe... então convidamos a irmãzinha do Fogo pra vir orar aqui com a gente. Sem querer te desprezar, viu, que fique claro. Aí aconteceu uma coisa interessante. Assim que ela chegou aqui, antes de orar, ficou olhando um pouco aqui pra porta, sabe?

Eu fui escutando meio por escutar. Ele continuou, mudando um pouco o tom de voz:

– Olhou pra porta como se observasse algo. Então ela disse assim: “Não precisa mais orar pela proteção, alguém já orou aqui, tem um anjo ali na porta protegendo este lugar”.

– Puxa...– fiz eu, interessado dessa vez. Eu gostava, e gosto muito de ouvir falar de anjos.

– Pois então! Aí nós comentamos que realmente tinha vindo aqui um rapaz que iria ser Pastor e que orou com a gente. E expliquei. Ela sorriu e ficou assim quieta, nem respondeu. Só continuava olhando pra porta, observando, como se escutasse, sei lá! Eu não entendo ainda muito bem essas coisas do Espírito. Mas aí ela disse pra nós que Deus estava nos dando uma direção. E se fôssemos obedientes, Ele iria nos trazer a prosperidade que estávamos pedindo pra este negócio. O anjo que falou isso pra ela, o anjo que estava na porta, que estava ali por causa da sua oração!

Eu ouvia sentindo meu coração bater mais forte, até esqueci das bolachas.

– “Invista na vida desse rapaz, porque ele está passando uma grande dificuldade”, foi isso o que o anjo disse pra ela.

Ele estava segurando as lágrimas e eu também. Deus é grande! Quem olhasse para mim ali, vestindo terno e gravata, não poderia supor minhas necessidades financeiras. Mas o homem parecia disposto a ir até o fim naquela direção do Alto.

– Bem, o irmão, sabe... eu não sabia quem você era, muito menos minha esposa. Coisas como seu nome, ou seu endereço. Então nós dois fizemos um trato com Deus. E combinamos que quando você passasse por aqui de novo, nós lhe ofertaríamos o que tivéssemos no caixa.

Fiquei completamente aturdido, e dessa vez fui eu que não contive as lágrimas. Grande era a Fidelidade do Senhor, misteriosos e únicos os Seus caminhos! Um casal desconhecido de recém-convertidos era o instrumento da minha bênção! Novamente, o sobrenatural de Deus me apanhava em cheio, me atingia numa onda de alegria e surpresa, totalmente desprevenido, totalmente inesperado. Quando minhas esperanças já se faziam em pedaços pelo chão.

Compreendi imediatamente que Deus ouvira o meu pedido, e o considerava justo. Mas competia a Ele escolher o *modo*, não cabia a mim decidir pelo Senhor.

Compartilhei o que era viável para alimentar a fé daquele homem e falei que procurava emprego havia vários meses, que realmente a situação estava difícil para mim. Que eu não tinha dinheiro nem para aquele cafezinho que ele me oferecia.

Foi a vez dele emocionar-se. Nos encaramos, sentindo o elo que só pelo Espírito de Deus pode existir entre dois desconhecidos. Enxugamos nossas lágrimas, e ele foi ver o dinheiro do caixa. Era cedo, não havia muito ainda. Mas Deus foi caprichoso em assinar o Seu nome naquela oferta: o valor era exato... *exatamente* o valor correspondente à parcela de meu seguro desemprego.

Nem mais, nem menos!

* * *

Corri para ver se conseguia chegar à entrevista, logo depois de aliviar-me com o vasocontritor. As lágrimas haviam dado um toque final ao entupimento, e foi um verdadeiro alívio jorrar ali aquele remédio!

Depois fui encontrar-me com Isabela na saída do serviço dela, no *Shopping*.

Dava para a gente dividir um prato no Viena, e eu queria fazer-lhe uma surpresa. Fazia tempo que não podíamos comer fora!

Eu a enganei de propósito, convidando-a só para um *cappuccino*.

Aí, na hora perguntei se ela não preferia dividir nosso prato preferido.

– Mas com que dinheiro, Nenê?

– Ah! Eu tenho! Eu tenho dinheiro!

O rosto dela iluminou-se pela expectativa da boa notícia que eu tinha para dar.

– Tem? Então deu certo o seguro desemprego? Fiz suspense, todo empolgado.

– Nãããão... foi outra coisa!

– Mas o quê? O que foi que aconteceu? – e dessa vez a pergunta tinha um tom de satisfação, de alegria. Normalmente, quando Isabela perguntava “o que foi que aconteceu?”, eu tinha algo desagradável para contar a respeito da Irmandade.

– Vamos pedir primeiro? Aí eu te conto com calma.

– Mas e aí? E a história que você iria contar do dinheiro?

Feito o pedido, segurei as mãos dela apertando a palma com as minhas.

A garçonete pôs diante de nós a cestinha de pão, cortesia do restaurante. Era um pãozinho tipo *ciabatta*, quentinho, com manteiga. A gente adorava. Aqueles eram momentos simples, mas muito especiais, momentos de apenas conversar, curtir a comida. Um ao outro. Não tinha preço, nem para mim nem para ela! Era muito bom!

Apesar de nosso contexto espiritual, nós continuávamos sendo duas pessoas comuns, um casal como outro qualquer, com as mesmas vontades, os mesmos desejos. Um casal que conversava de coisas comuns, que tinha um cotidiano normal, que queria levar uma vida normal.

A gente também ria, chorava, sentia, e pensava como pessoas comuns.

Ninguém falava o tempo todo de Satanismo, como tantos incautos viriam a pensar no futuro. Ninguém espiritualizava as coisas o tempo todo.

Excetuando o sobrenatural de Deus e do diabo que permeava nosso dia a dia... nós procurávamos viver normalmente. E vivíamos. Na medida do possível. Isabela foi escutando meu relato, deliciando-se com cada palavra, cada frase. A história lhe parecia bastante fantástica, e seus olhos tornavam-se ora grandes e expressivos, ora cheios de lágrimas, revelando como o relato lhe caía na alma e no espírito.

– Poxa... que coisa legal... né?

– Pois é. Legal mesmo.

Ela tomava seu suco de abacaxi com nortea, pensativa. Então falou:

– Esse jantar é especial! É um presente de Deus pra gente!

Foi o “Papai do Céu” que deu este jantar hoje...

– É mesmo, né?...

– Acho que Ele sabia que nós precisávamos de uma coisa boa assim, mesmo sendo simples. Temos muito que agradecer a Deus!

– Eu já agradeci!

– Eu sei, mas a gente deve agradecer em concordância. Deus trouxe a provisão que era necessária pra esses dias.

* * *

Na semana seguinte, havia outra Ministração marcada. Havia muito o que colocar naqueles dias. Era assim que Deus fazia comigo: trazia “blocos” de lembranças, de envolvimento. Naquele período, veio um bloco grande, cheio de detalhes.

Novamente, era Ricardo que vinha ser o intercessor.

Desde o início, o Senhor comprovou sua atuação através da vida dele.

Dons existem, os Dons verdadeiros existem, são muito diferentes dos falsos por um motivo principal: são *certeiros*!

Não se trata de uma direção acinzentada, meio fruto da mente, meio fruto do espírito... não! São contundentemente certíssimos, existe uma imediata testificação por parte de todos que estão ali presentes conosco.

Era algo impressionante... inquestionável!

Naquela tarde, iríamos ministrar questões relacionadas à Irmandade, mas, no final, Deus trouxe à baila o *Kung Fu*.

Ricardo me viu cheio de armas, pelo que espiritualmente retirei-as de mim, uma a uma; viu também as vestes de guerreiro *Kung Fu*... que eu despi. Às vezes, ele via ideogramas ou símbolos em minha testa, que eram ungidos.

Me desfiz espiritualmente dos troféus, medalhas, número de registro da federação etc. Também do que comi e bebi ritualmente, das oferendas nos altares a Bodhidharma, das reverências a espíritos ancestrais familiares, dos sentimentos da ira e violência, dos sentimentos de autossuficiência. Cancelei as palavras de juramento e as rezas da filosofia *Kung Fu*.

Apagamos do Reino do Espírito meu novo nome, com o qual tinha sido batizado ao atingir o grau de Professor. Naquela antiga cerimônia, meu nome foi mudado e eu fui inserido na árvore genealógica da família criadora daquele estilo. Embora eu já não tivesse mais o pingente comigo, retirei-o simbolicamente do pescoço.

Além disso, anulamos as semicanalizações esporádicas de Abraxas no contexto do *Kung Fu*, desde a quebra das vigas de madeira, até os campeonatos. Também pedi perdão pela consagração da faixa preta e do próprio *Kung Fu*, que fagocitava minha vida. Enfim... mais uma vez, aquelas horas ali com Grace foram palco de uma faxina espiritual em regra!

* * *

Na semana seguinte, a terceira Ministração seguida.

Quando terminamos foi a vez de Isabela receber um pouco de atenção. Algo como um “pronto-socorro espiritual”. Ela não vinha bem havia alguns dias, triste, deprimida, cheia de dúvidas com Deus.

Não era a Isabela de sempre, forte e determinada. Por vezes, chorava e questionava se Deus realmente estava no controle da situação e de nossas vidas. Era muita coisa ao mesmo tempo. Eram muitos acontecimentos para digerir ao mesmo tempo.

Mas ela nunca cogitou deixar-me. A culpa não era minha, no seu entender, era do diabo. Seu lugar era ao meu lado, Isabela sabia disso.

No entanto, é comum e perfeitamente compreensível que, às vezes... a gente se sinta abatido.

Uma qualidade de Isabela era que ela não “dourava a pílula”. Isto é; não escondia nada, não escondia seus sentimentos; por mais estranhos ou desprezíveis ou chocantes que pudessem ser.

Isabela encontrara em Grace alguém de confiança, alguém que ela julgava capaz de escutar qualquer coisa, sem julgamentos precipitados. Assim era Isabela com Grace e também com Dona Clara. Com mais ninguém.

Felizmente, as duas tinham sabedoria para ouvir e entender. E permanecer ao seu lado, mesmo que isso significasse apenas uma oração, uma palavra amiga, uma frase de incentivo.

Isabela realmente não escondeu seus sentimentos de insegurança, temor, tristeza naquela tarde diante de Grace.

– Não estou me sentindo bem nestes dias... não sei bem o que é. Motivos de certa forma não faltam. Eu sei que Deus tem permitido um monte de coisas, porque é necessário. Mas não entendo bem o propósito, e me sinto cansada, cansada... com o corpo cansado, com a mente cansada, o espírito cansado. Não estou conseguindo orar direito, nem dormir direito, e parece que Deus não está preocupado com isso. Poxa, de vez em quando, preciso de uma trégua. Às vezes, consigo ajudar na escrita do livro, às vezes, não.

Isabela continuou o seu desabafo, e Grace ouvia. Então, orou por ela, ungiu-a, pedindo a proteção das muralhas de fogo, a cobertura do sangue do Cordeiro e a guarda dos anjos do Senhor. Pediu o alívio para a alma, a paz que excede o entendimento.

Isabela chorava baixinho, as lágrimas pingando na sua roupa. Eu orei um pouco com Grace e depois abracei minha companheira:

– Você vai ficar bem, menina... isso vai passar, a tempestade vai passar!

Grace juntava suas coisas e falava, preocupada com o mesmo assunto. O mesmo que tantas vezes já abordara!

– Quem ora por vocês, além de Dona Clara? Vocês precisam de intercessores com urgência.

– Nós bem que tentamos, Grace... mas é muito difícil... – retruquei devagar.

– Você não falou com seus Pastores?

– Bom... de certa forma eu falei, sim. Eles têm uma ideia do que está acontecendo.

Isabela já foi mais específica:

– A Igreja é muito grande. Ela não pode dar atenção a todos – Grace suspirou e ficou quieta. E prometeu:

– Vou ver se falo com eles.

– O Marlon disse que ninguém iria ficar do nosso lado... – murmurou Isabela.

– Mas eu estou aqui, não estou? – interveio Grace. – E Dona Clara também tem estado firme.

Isabela não se deu por vencida no seu argumento.

– Eu sei. Mas acho que não era de vocês que eles estavam falando. Temos orado com Dona Clara nesse sentido, pra que as barreiras caiam por terra, mas... Deus tem que fazer algo novo. Vamos aguardar... nós também sentimos que precisamos de mais gente orando por nós. Orando de verdade!

– Tem gente que diz que ora, mas não há um compromisso real com a intercessão diária. E também não é pra todo mundo que a gente pode abrir essas coisas – expliquei.

– Ok! – fez Grace. – Mas vamos continuar confiando no Senhor.

* * *

O mês de abril trouxe um Congresso muito comentado no meio evangélico, de um preletor estrangeiro. Teria a duração de uma semana e terminaria no Domingo de Páscoa.

Foram Sarah e Jefferson que nos convidaram para estar presentes, pois eles próprios participariam com o seu grupo de intercessores. Fariam parte dos bastidores do Congresso, contribuindo com sua intercessão.

Então eu e Isabela nos programamos para ir na sexta-feira e no sábado, pois Isabela trabalhava durante a semana, e eu continuava compromissado com aqueles intermináveis processos de seleção que não davam em coisa alguma. As portas pareciam estar fechadas para mim.

Durante a semana, tudo correu normalmente, exceto por estarmos atravessando um período de depressão e abatimento. Apesar das Ministrações com Grace, eu não vinha muito bem, nem Isabela.

– O que você acha de escrevermos uma carta pra aqueles Pastores que estiveram presentes naquele encontro da Grace? Naquele dia em que ela me convidou pra falar algo? – perguntei para Isabela certa noite, sentado à mesa na cozinha da casa dela.

– Por quê?

– Não sei bem. Pedir oração. Pedir ajuda. Não consigo arrumar trabalho... tenho certeza de que a Irmandade tem fechado todas as portas de emprego, e isso é só o começo, como disse Marlon. Havia mais de cinquenta Pastores ali, quem sabe alguém assumisse compromisso de oração pela gente? Não vai dar pra gente se arrumar nesta miséria por muito tempo. Já recebi a última parcela do seguro desemprego.

– Eu talvez pudesse trabalhar em período integral... posso arrumar outro emprego.

– Não! Não quero te sobrecarregar. Não é justo. Vamos escrever uma carta padrão compartilhando nossas dificuldades, pedindo oração. Quem sabe alguém pode nos ajudar de alguma forma?

No meu coração, eu imaginava que aquelas pessoas, por terem conhecido uma pequena parte da minha história, e por serem meus irmãos, estariam do meu lado. E não nos negariam ajuda. Poderiam orar por nós. Encaminhar meu currículo, sei lá! Eu só queria poder dividir a insegurança daqueles dias. Receber uma palavra a mais... um incentivo qualquer!

E tinha que provar para mim mesmo que Marlon estava errado. Se ele dissesse que ninguém ficaria do meu lado, era hora de mostrar ao Reino Espiritual que ele estava errado.

– Tá bem... – assentiu Isabela, procurando sentir-se animada. – Talvez você tenha razão... não custa pedir oração, compartilhar. Eles agora têm uma ideia de sua história. Vamos falar um pouco do que temos vivido desde aquele dia.

Ela sentou-se ao meu lado, e escrevemos uma carta sincera, mas um pouco tensa. Parte de nosso temor ficou impregnado naquele desabafo. Talvez tenha sido por isso que não recebemos resposta de ninguém.

Isabela não falava nada, como que já adivinhando que seria assim mesmo. Mas eu estava decepcionado. Por que o diabo decretava sentenças e assim acontecia?!?

Mas, com ou sem resposta, nossa depressão passou, e novamente nos reerguemos, contando apenas com nossas próprias orações e o consolo invisível do Espírito Santo. Pelo menos, naqueles dias. O Culto da quarta-feira, antes do feriado de Páscoa, nos trouxe renovação. Naquele dia em especial, Isabela estava muito desanimada, nervosa, e só chorava. Não era medo, não era falta de amor a Deus. Difícil dizer o que era, difícil traduzir em palavras. Só alguém que do dia para a noite, passa a ter sua vida ameaçada pode sentir, pode entender.

A insegurança e a incerteza por vezes nos invadiam. Era só isso.

Como terminaria a nossa história? Para que se arriscar? Em nome de quê? Por causa de quem? Se nem sequer tinham se dado ao trabalho de responder nossa carta... ou ouvir nossa história... ou ter empatia conosco?!?

Excetuando poucos, quem mais estava ao nosso lado?

Quem realmente se importava com o que poderia nos acontecer? Se o pior acontecesse, a maioria se limitaria a dizer: “Que pena... Deus quis assim”. E continuariam a vida.

Por que deveríamos nos arriscar por causa da Igreja, se ela nem sequer sabia de nossa existência?

Eram tantas dúvidas, às vezes; amarguras reclusas da nossa alma, pensamentos insólitos, sentimentos pouco nobres... mas reais, verdadeiros!

E o Pai conhecia cada um deles. Talvez, justamente por conhecê-los, é que trazia sobre nós uma força desconhecida, uma coragem especial que nos fazia sacudir a poeira da mente e nos convencia de que valia a pena servir a Deus. A qualquer preço. Com Ele estaríamos salvos, mesmo que a morte nos rondasse, mesmo que falar nos custasse a vida. Vida humana, sim, mas não a Vida Eterna.

Talvez o Corpo de Cristo não soubesse de nossa existência, talvez aqueles ao nosso redor pouco se importassem com nossa sorte. Mas o Senhor dos Exércitos merecia ser atendido. E Ele havia dito: “Ide!”.

Era isso que faríamos. Isabela enxugou as lágrimas, e nossos corações subitamente se alegraram.

Mais uma crise tinha passado.

CAPÍTULO 28

Grace sabia das cartas, pois alguns haviam comentado com ela. Dissemos não ter recebido nenhuma resposta. Nossa amiga foi discreta em não tecer comentários, apenas explicou que minha história era “diferente”, e nem todos iriam colocar a mão no fogo por mim. Uma coisa é você sentar, ouvir e saber. Outra... é se *envolver*. Entendemos o que ela queria dizer e não perguntamos mais nada.

Apesar disso, Grace pediu meu currículo, pois conhecia alguém que talvez pudesse ajudar-me. Um empresário. Eu fiquei novamente na expectativa; e Isabela não ligou muito.

Naquela semana, como se já não bastasse o resto, chegou uma multa de trânsito de mais de R\$ 200,00. Isso porque Isabela já estava tão “domesticada” que não cometia mais infração no trânsito. Foi uma distração... e uma surpresa a mais para nós.

Porém, fomos animados para o Congresso na sexta-feira da Paixão. O evento estava acontecendo em um ginásio, e havia gente por todos os lados. A parte mais legal, pelo menos para mim, era o Louvor. Raramente, eu vi tantos Cristãos reunidos e louvando a Deus em um só lugar.

Coisas assim, grandes, de porte, eu estava acostumado a conhecer apenas dentro da Irmandade. Era bom ver que os Cristãos de vez em quando também se reuniam naquelas proporções.

Na hora do almoço, eu comi sanduíche com Isabela, e depois sentamo-nos perto de um gramado na parte externa do Estádio. Ficamos ali conversando até que começasse o período da tarde. Quando íamos entrando pelo portão de uma das alas, dei de cara com Jefferson. Ele veio todo sorrisos para nos abraçar:

- Oi, Daniel, Isabela! Que bom que vocês vieram. Onde vocês estavam?
- Aí dentro, na ala 09 – respondi.
- Durante a semana, não pudemos vir por causa do meu serviço – disse Isabela.
- Bom, mas agora vocês estão aqui! Já encontraram a Sarah?
- Não, ela está aí?

– Está lá dentro, na salinha de intercessão. Está havendo um revezamento por equipes.

– Ah!

Nós ficamos impressionados com tudo o que acontecia nos bastidores de um Congresso, conforme foi explicando Jefferson.

– E aí? – perguntou-me ele por fim. – Como está a procura por emprego? Recebemos sua carta, estamos orando por vocês.

– Pois é... – respondi. – Vamos aguardar em Deus, porque parece que tudo tem se fechado...

– Isso é verdade, sabe? – fez Isabela. – Não é querer falar demais não, mas Eduardo tem capacidade. Realmente, nós estamos precisando de intercessão, nisso tem o dedo do diabo.

– Ele está procurando secar nossa fonte financeira, arroxar de todos os lados.

Desabafamos um pouco, Jefferson ouviu e procurou nos tranquilizar dizendo que perseverariam em oração. Então foi chamar Sarah. Ela veio amorosa e cheio de incentivo para dar.

– Oi, queridos, recebemos a carta de vocês! – ela nos abraçava fortemente, um de cada vez. – Olha, não se preocupem, não. O Senhor está com vocês. Ele é o Deus Todo-Poderoso, simplesmente o Todo-Poderoso.

Sarah falava com firmeza e convicção, e nós passamos a ouvi-la, deixando suas palavras de fé entrarem em nosso coração. Ela nos transmitia força e coragem naqueles minutos. Parecia que perto dela nos sentíamos mais seguros, e tudo daria certo. Ela tinha razão no que dizia. Deus nos consolou através dela.

– E como é que vocês estão?

Falamos novamente do emprego, do dinheiro desaparecido, das nossas dúvidas.

Depois, Sarah mudou de assunto e comentou que Deus havia revelado a presença de Satanistas naquele lugar. Eu particularmente não liguei muito, Isabela tampouco. Se havia algo com o que nós não queríamos realmente nos preocupar naquele momento era com Satanistas. Já era necessário que perdêssemos muito tempo nos preocupando com eles, e naquele dia nós estávamos ali para receber a Palavra e a Ministração do Senhor. Pelo que não esticamos demais o assunto.

– Olha, eu já tenho que voltar! – exclamou Sarah mirando no relógio. – Mas não sumam, vocês dois, hein?! Nós vamos estar aqui, sempre atrás desta porta. Se vocês precisarem de qualquer coisa, é só vir aqui, tá bem?

Eu e Isabela sorrimos abertamente, agradecemos pela gentileza do seu oferecimento. Nós tínhamos aprendido a gostar muito de Sarah, a confiar nela.

Parecia ter um compromisso autêntico com o Senhor e não temia a luta que enfrentávamos. Era alguém que parecia não recear colocar-se ao nosso lado.

Ali mesmo, antes de entrar, orou conosco pedindo livramento, direção e proteção. Sua oração foi forte e convicta, nos ajudou muito.

– Ah, amados! – falou Sarah com carinho. – Mantenham contato com a gente. Estamos orando também pelo dinheiro que desapareceu. Deus vai restituir o que foi roubado.

– Não sei se vai ser da maneira como a gente gostaria... – murmurou Isabela, transparente.

E explicou sobre nosso erro com o dízimo.

– Ah! – Sarah balançou a cabeça. – Realmente foi um duro aprendizado esse. Mas Deus é grande, vai trazer resposta! Nada é por acaso.

– Obrigado por suas orações! – acrescentei, sinceramente comovido pela atitude amigável dela. – Você e o Jefferson têm sido pessoas preciosas pra nós. Muito obrigado mesmo.

– Deus é grande, e vamos caminhar juntos. Deus abençoe vocês! – ela outra vez nos estendeu seus braços.

– Tchau!

Dei a mão para Isabela e fomos nos encaminhando para a ala 09.

– Puxa... que simpatia dos dois! – fiz eu, ligeiramente atordoado pela atitude do casal.

– É verdade. Eles parecem ser diferentes dos demais. Quem sabe serão amigos de verdade? Pelo menos, já são referencial para nós.

Eu me sentia com a alma mais aquecida depois daqueles abraços, mais tranquilo, mais em paz. Às vezes, eu precisava de abraços assim...! Gestos como esses, de pessoas que se intitulam “irmãos de fé”, já tinham ficado perdidos no passado. Num negro passado.

A tarde passou sem nada de diferente. Não encontramos ninguém conhecido, embora soubéssemos que Dona Clara e algumas pessoas de nossa Igreja estavam ali, em algum lugar.

Caiu a noite. O local encheu-se mais ainda para o Culto noturno.

Lá pelas sete e meia da noite, os primeiros acordes de Louvor começavam a encher o ar. Agora o ginásio estava bem cheio, e em todas as arquibancadas nós podíamos ver a movimentação das pessoas que iam chegando atrasadas e procuravam lugar para sentar. Era muito difícil o povo se aquietar por inteiro, mas eu procurei não dar atenção para o trança-trança. Eu estava ali por outro motivo.

Olhei de soslaio para Isabela, que estava com os olhos totalmente fechados, com as mãos por vezes erguidas, o semblante denotava que estava concentrada somente na Pessoa do Senhor.

Ergui meu braço direito, alto, cantei aquela canção que começava agora, o som fez meu corpo estremecer. Eu gostava dos dizeres daquele cântico.

Concentrei meus pensamentos em Deus, na Sua Fidelidade, Seu amor... a voz de centenas e centenas de pessoas cantando juntas tinha um impacto diferente.

No entanto...

O Louvor não estava ainda na metade, e eu me recusava a prestar atenção naquela sensação incômoda...

Sim, uma sensação leve... completamente... desagradável... a presença de algo que não deveria estar ali.

“Lógico! É óbvio que *não deve* estar aqui, é só uma coisa da minha cabeça...”

E procurei continuar concentrado no Louvor. Mas meu esforço foi em vão. Dessa vez, abri os olhos e perscrutei ao meu redor. Não havia nenhuma congruência naqueles sentimentos, naqueles pensamentos da minha cabeça. Naturalmente, era só um alarme falso!

“Mas eu conheço esta sensação...”

Novamente, olhei ao redor. Dessa vez, por algum motivo, os olhos de Isabela se abriram e eles cruzaram com os meus. Talvez meu rosto demonstrasse parte do que eu estava sentindo, porque ela perguntou:

– Você não vai louvar? O que foi? – fiquei quieto.

– Nada.

Ela deu um leve sorriso e me cutucou com o cotovelo:

– Então louva e não pensa em mais nada.

“Sim, eu quero louvar... ela não precisa me dizer isso... eu sempre louvo... mas, poxa, isso está me incomodando!”

Realmente, não poderia continuar ignorando aquilo, mas era totalmente sem lógica.

“Estou sentindo opressão, sei disso. *Conheço* isso! Mas como é que pode, meu Deus? Estamos em um Congresso Internacional... grupos de intercessores se revezam durante o dia todo... estamos reunidos com o Corpo de Cristo, *bem no meio do Louvor*... então...? Como pode um demônio estar aqui??? Bem aqui... por perto... eu sei... aqui dentro! Se está aqui tem permissão para estar...”

Tornei a abrir discretamente os olhos. Diante de mim, eu via o púlpito montado no palco, lá embaixo, os instrumentistas e levitas... ao redor, arquibancadas cheias

de crentes.

Ao longo do tempo, parece que Deus vinha aprimorando o Dom, pois eu sabia que se tratava de um Principado. Dele desprendia aquela opressão forte, densa, pesada. E ele estava ali dentro. Tinha a ousadia de estar ali dentro!

“Mas se tem um Principado aqui, é porque certamente deve estar acompanhando alguém... e é claro que não está acompanhando um pai de santo. Somente alguém realmente compromissado... com Lucifer... tem esta guarda!”.

A opressão vinha de trás. Nós estávamos na primeira fila da arquibancada, então virei a cabeça devagar.

“Eles são muito cabalísticos. Se tem alguém aqui, talvez esteja justamente *aqui...* na plataforma 09!”.

Realmente, a sinalização de Deus foi perfeita, não precisei nem procurar.

À minha esquerda, na diagonal, duas fileiras acima, dei de cara com eles. Senti meu sangue gelar e o coração bater mais forte. Nossos olhares se cruzaram pelo que parecia uma eternidade. Eles também estavam fixados na nossa direção. Quando digo “nossa”, quero realmente dizer *nossa*. O ódio se desprendia deles por minha causa e também por causa de Isabela. O rosto era frio, o olhar cortante, frio, congelado de desprezo e ira.

Virei imediatamente para frente, sentindo as batidas descompassadas de meu coração. Novamente, Isabela olhava para mim. Parece que ela pressentia!

– O que foi? – perguntou, preocupada.

Não quis alarmá-la. Mas eu os conhecia muito bem, sabia que Zórdico e Taolez eram Sumo Sacerdotes, treinados para suportar o Louvor e Unção de lugares como aquele. Na verdade, os demônios de alta patente conseguem entrar em qualquer lugar, mesmo que seja uma Igreja, um congresso, ou uma reunião de oração. A questão é basicamente a legalidade que deveria haver em algum lugar. Eu não sei onde. Só sei que eles são legalistas, e aquele Principado estava bem ali!

Às vezes, quando há muita unção no lugar, os demônios se afastam, mas os seus colaboradores humanos ficam. Se saem, podem voltar por desdobramento. Para impedir a entrada deles, é preciso muito, muito preparo espiritual. Jejum, intercessão por muitos dias, unção com óleo. Além de santidade na vida de quem está imbuído de fazer tudo isso. Senão... não adianta! E o fato era um só: ali estavam eles. Procurei manter a calma. Eu só queria ter certeza. Talvez meus olhos tivessem me enganado, talvez fosse uma alucinação. Havia quantos anos eu não os via, e lá estavam eles... mortos de ódio!

– O que foi, Eduardo? – perguntou Isabela outra vez.

– Olha pra trás nessa direção... – apontei discretamente com a cabeça. – Dá uma olhadinha pra terceira fila do lado de lá, onde tem dois homens. Veja se eles estão olhando pra cá.

O olhar dela revelou uma ponta de susto diante do meu comentário, mas Isabela virou lentamente o pescoço para trás. Eu só esperei, virado para frente.

– Nossa, Eduardo... eles me fuzilaram com os olhos! Quem é essa gente, você... você conhece? São da Irmandade? – ela já havia compreendido tudo só de ver a atitude deles.

Isabela parecia mais aturdida do que assustada.

– Que ar de ódio. Se pudessem nos comiam vivos.

– Continua louvando. Eu conheço eles, sim.

Isabela olhava para frente e não disse mais nada. Fechou novamente os olhos, ergueu a mão, continuou louvando. Mas eu não consegui, porque a opressão continuava ali e estava me incomodando.

Eu não queria ficar na vista deles.

– Vamos lá pra trás? Lá no fundo? – perguntei.

– Tá bom! – fez Isabela.

Nos mudamos para o fundo do ginásio, lá no alto. Fomos bem longe, para o outro lado. E quando nos sentamos de novo e demos por nós, nada deles. Tinham saído de lá!

Eu e Isabela oramos um pouco pedindo proteção. Sabia que eles seriam capazes de fazer qualquer coisa ali... no meio da multidão... e o tumulto poderia escondê-los.

E lá pelas tantas, depois da Palavra (na qual não conseguimos prestar atenção), nós decidimos comunicar Sarah e Jefferson no dia seguinte para que o grupo intercedesse e orasse mais especificamente.

Sabendo ou não da presença de Satanistas – como ela mesma havia comentado, mais cedo –, fato é que eles continuavam ali. Não tinham se dado ao trabalho de ir embora. Nem parecia haver nenhuma dificuldade em estar ali. Não era a primeira vez que nós constataríamos a presença de Satanistas da Irmandade, nas horas e lugares mais inusitados e improváveis, furando o cerco, mesmo em vigência da oração dos servos de Deus. Tinha sido assim nas minhas Ministrações, tinha sido assim no evento da Grace... agora, ali, num Congresso daquele porte. Como parecia ser fácil para eles irem e virem, sem que nós, Cristãos, tivéssemos força para impedir!

Por que isso acontecia, por quê?

* * *

No dia seguinte, penúltimo dia do Congresso, chegamos no horário de almoço para poder participar da parte da tarde. Antes disso, fomos bater na porta atrás da qual Sarah nos disse que estaria.

A pessoa que abriu a porta não era conhecida.

– Por favor, a Sarah e o Jefferson estão aí?

– Só um minuto.

Sarah veio em seguida. Nós comunicamos o ocorrido, e ela não pareceu se espantar.

– Pessoas de nossa equipe já tinham tido discernimento.

– Bom... orem bastante nesse sentido, porque eles estavam aí.

– Talvez já não estejam mais. Qualquer coisa, é melhor vocês virem pra cá. Ficam mais protegidos. Mas acho que já não deve ter ninguém aí.

Contou algumas histórias do que vinha acontecendo durante a semana e como Deus havia mostrado as pessoas compromissadas com as Trevas. Como estava já na hora de começar, nos despedimos.

– Mas com ou sem oração, a verdade é que eles estavam aqui ontem – disse Isabela mais uma vez.

Fomos nos acomodar em outro lugar completamente diferente daquele da véspera. E *inacreditavelmente*, novamente no meio do Louvor lá veio de novo aquela opressão.

“Não é possível!”.

Virei o pescoço para trás. Lá estava Zórdico bem atrás de nós, duas fileiras mais acima.

Nem precisei falar para Isabela, ela já estava esperta ao ver Zórdico pelas costas. Ele se levantara e saía do seu lugar. Num impulso impensado, Isabela também se ergueu e subiu as escadas atrás dele.

– Quero ver melhor a cara desse homem.

Não tive tempo de impedi-la. Mas que atitude tola!?! Logo ela retornou. Sentou-se ao meu lado. O Louvor continuava, e todos à nossa volta estavam alheios ao que acontecia.

– Por que você fez isso? – perguntei.

– Ah, sei lá... só queria vê-lo melhor.

– E viu?

– De relance. Quando passei, ele estava de papo com um dos responsáveis pela segurança. Por que ele saiu depressa?

Dei de ombros.

– Talvez porque já tenha feito o que tinha que fazer – respondi enquanto Isabela ficou quieta, tinha o semblante indignado.

– Puxa! Que audácia dessa gente! Tiram barato da nossa cara dando uma de “espião”, e ninguém nem nota. Olha só!

Novamente, respondi sem emoção. Eu já conhecia essa história.

– Eles monitoram os eventos evangélicos.

– Mas tem gente orando. Será que isso não conta, não?

– Bom... há um preparo pra isso. Depois, como oram? “Abençoe esta reunião?”, isso não adianta... ninguém os proibiu de entrar, então entram. Ou talvez alguns até orem proibindo que eles venham, mas não têm autoridade pra isso. Consegue imaginar um padeiro te parando na rua e lhe pedindo seus documentos? Ele não pode fazer isso, pois não tem poder de polícia. Já um delegado ou um policial tem essa autoridade, tem preparo e treinamento pra isso! Aí você tem que obedecer, reconhecer a autoridade dele. No Mundo Espiritual, é a mesma coisa! Muitos usam de uma autoridade que não têm! São meras palavras... sem efeito no Reino Espiritual. Por isso, eles até manipulam situações pra colocar pessoas sem preparo no comando desses eventos... e aí ficam com toda a liberdade pra entrar e sair... entende? Assim me diziam que era, quando eu estava lá!

– Puxa... será que eles lançariam algum Encantamento na gente? Aproveitariam a oportunidade de ter dado de cara...?

– Certamente!

– Bom, vamos orar e nos cobrir, então. Puxa, é o fim da picada. A gente veio aqui pra participar de um Congresso e ter um pouco de sossego. Esquecer dessa coisa de Satanismo. Que perseguição! Oramos um pouco, cancelando toda palavra de maldição que tivesse sido enviada sobre nós durante aqueles momentos de contato visual. A melhor coisa a fazer era não subestimar o Poder do inimigo. Nem o Poder de Deus é forte o suficiente para destruir todo o Poder maligno.

Que outra arma tínhamos em mãos além da oração?

Daí Isabela continuou a questionar: “Será seguro continuar aqui?”; “Você acha que deveríamos ficar lá na intercessão com Sarah?”.

– Vamos? – fez Isabela, sorrindo.

– Vamos.

Saímos de onde estávamos e fomos para lá. Novamente, avisamos o que tínhamos visto. De lá, por incrível que pareça, foi possível localizar Zórdico com o binóculo, sentado exatamente no lugar de antes.

Justamente nesse momento havia um clima de adoração, e o levita que dirigia o Louvor pediu que todos dessem as mãos. Eu e Isabela observávamos do corredor separado aos intercessores com olhos compridos, e Sarah mantinha os olhos no binóculo, orando.

Vi Zórdico dar suas mãos para quem estava ao seu lado. Então todos os presentes ergueram suas mãos dadas, e o momento era muito bonito e especial, a não ser pelo fato de Zórdico também erguer suas mãos. Terminado aquele curto momento, não sei se pelo fato da oração de guerra ter saído dali como um raio, a verdade é que ele se levantou de lá e sumiu. Nós não o vimos mais.

– Sabe que ele nem costuma usar essas roupas? – comentei com Isabela. – Ele sempre usa roupas mais elegantes e caras.

– É, mas aqui esse tal precisava estar mais parecido com o povo evangélico.

Ficamos ali até o término da Pregação. Observávamos as pessoas intercedendo o tempo todo. Não eram muitas, quando comparado ao grande número lá fora, no ginásio.

Dona Clara também fazia parte do grupo voluntário de intercessão.

Em dado momento, alguém bateu no meu ombro: era uma pessoa do grupo de intercessão.

– Estão chamando você lá na sala.

– Ah... ok.

Isabela olhou para mim e cochichou no meu ouvido:

– Também vou.

Eu olhei para a pessoa que tinha vindo me chamar.

– Ela pode ir também?

– É melhor você vir sozinho.

Isabela fez um ar contrariado, e dessa vez eu via preocupação genuína em seus olhos. Sabia o que ela deveria estar pensando: “O que será tão grave que eu não posso ouvir?”

– Espera aqui, tá, “Mô”? Eu já volto.

Quando cheguei à pequena sala, Sarah me esperava com mais duas mulheres. Uma delas era irmã Esther, da equipe da Grace, a outra era cunhada de Dona Clara. Jefferson ficou num canto, quieto.

Sarah apontou o lugar para eu me acomodar, sorrindo:

– Oi, amado. Que bom que você já está aqui. Senta um pouco, nós queremos orar por você.

Estranhei um pouco.

– Mas e Isabela?

– Já estamos orando por ela. Deus trouxe nesta madrugada revelação sobre ela. Mas talvez ainda não esteja pronta pra ouvir, então queremos passar isso a você.

Elas oraram e então conversaram comigo. Eu escutei. A revelação testemunhava, não era novidade, apenas trazia confirmação de nossas próprias convicções. Realmente, Deus tinha falado claro com elas. E a orientação vinha do Alto.

– Mas, olha... não tem problema Isabela ficar sabendo disso. Na verdade, ela já sabe. Isabela tem estado ao meu lado nisso tudo desde o início.

– Você acha que não tem problema? – perguntou Sarah.

– Acho que não.

Todos então concordaram, menos a cunhada de Dona Clara. Retornei ao banco onde Isabela me esperava. Imediatamente, ela quis saber se estava tudo bem.

– Tá tudo bem, sim. Pode se tranquilizar.

– Então?

– Lembra que Sarah falou que estava orando pelo nosso dinheiro roubado?

– Hã-hã!

– Pois é... ele não vai mais voltar. A irmã Esther teve uma visão do dinheiro sendo retirado de nossa conta e sendo transferido para outras seis contas diferentes. E Deus disse que esse dinheiro não virá de novo a nossas mãos... pelo menos agora.

Isabela não sorriu, mas também não teve o que acrescentar.

– Bom... – fez ela tristonha. – De certa forma, a gente já sabia.

– Pois é...

– E foi só isso? O que mais? Você ficou lá tanto tempo.

Eu não mentiria para ela.

– Olha... procure entender... – fui falando em tom manso. – Talvez seja melhor você não saber o resto.

Imediatamente, a expressão dela mudou, assumindo um ar horrorizado:

– Como assim? O que é que vai acontecer?

– Elas queriam te poupar... é isso! Já oraram, está tudo bem!

– Mas eu não quero ser poupada. Não fui poupada até agora. Faço parte desta história com você.

Sarah estava passando por ali, e logo Isabela foi até ela para inquiri-la sobre o que estava acontecendo. Sarah sentou-se ao nosso lado e mandou chamar as outras intercessoras. Falou calmamente a Isabela:

– Realmente, não é bom você ficar na ignorância. Na verdade, era uma preocupação com a sua preservação, mas acho que não saber é pior mesmo. Ontem à noite, a irmã Esther e a cunhada da irmã Clara oravam por vocês dois e tiveram uma visão. Viram uma mulher loira fazendo Encantamentos, e o alvo não era ele, mas sim você!

Isabela só ouvia.

– O desaparecimento do dinheiro era somente, digamos assim, pra distrair a atenção de vocês, apenas pra desestabilizar o Daniel e enfraquecê-los. Pra um outro golpe mais forte.

– Bom... eu sei que tenho sido alvo – falou Isabela, subitamente demonstrando alívio. – Eu pensei que fosse alguma coisa com ele, eu não iria poder respirar sem saber de que se tratava. Isso não é nada de muito especial, saber que estão me atacando. Não precisava todo esse segredo!

Irmã Esther vinha ao nosso encontro.

– Você contou pra ela?

– Achamos melhor ela ficar sabendo – explicou Sarah. – Explica pra ela o que você viu.

– Eu vi uma reunião com algumas pessoas da Irmandade, e nessa reunião estavam acertando tudo em relação a ela, todos os ataques, metas, estratégias. Não é um ataque qualquer, mas uma sentença de morte. O tiro foi apontado pra você.

Isabela novamente assentiu. Aquilo não era novidade para ela. O discernimento daquelas servas de Deus apenas faria com que orássemos mais especificamente e em concordância. Marlon havia dito aquilo, que eles iriam matá-la.

A cunhada da Dona Clara também chegou e falou da visão da mulher loira fazendo Encantamentos contra Isabela.

A verdade é que ela estava bem mais tranquila depois da revelação. Nós nunca corremos atrás de Profecias, elas tão somente vinham até nós. E traziam confirmação daquilo que já sabíamos ou desconfiávamos. Nunca eram visões mirabolantes, trazendo direção totalmente nova.

Havia sempre um padrão nas revelações, uma marca de Deus, uma assinatura do Espírito Santo. Que testificava com nosso espírito. E não trazia dores; antes, alívio; mesmo diante da adversidade. O fato de Deus revelar o ataque mostrava

Sua Fidelidade, Sua Proteção; mostrava que Ele não se descuidava das nossas vidas.

Então todas elas oraram de novo por nós, agora especificamente por Isabela, com ela.

* * *

A semana passou sem qualquer intercorrência. O Congresso tinha passado. A injeção de ânimo maior veio através da oração daquelas mulheres. Mas o fato de saber com certeza que nosso dinheiro não mais voltaria era uma faca de dois gumes.

Por um lado, aliviava, pois a expectativa adiada traz males ao coração. Era bem melhor *saber* que nossas economias estavam perdidas do que continuar achando que um milagre poderia acontecer a qualquer momento. Deus deixava claro que *esse* milagre Ele não iria fazer. Pelo menos, não agora, não do jeito que imaginávamos.

Saber que havia um ataque de morte sobre Isabela também não era novidade, mas isso já estava coberto em oração. De forma que pusemos uma pedra em cima de tudo aquilo e continuamos tocando nossa vida.

Nós queríamos casar.

Já não era sem tempo. Eu só precisava arrumar um emprego, e nós tínhamos que conseguir juntar a maior quantia possível de dinheiro em pouco tempo.

Mas, naquele sábado de abril, nós estávamos em clima de romance, de pombinhos apaixonados, passeando no Shopping Morumbi, olhando as lojas, de mãos dadas, abraçados, sem nos preocuparmos com absolutamente nada que dissesse respeito à Batalha Espiritual, a demônios, a Satanistas, à Irmandade, a ataques de morte, perseguições, Ministrações etc., etc., etc., etc.

Éramos somente um casal de jovens comuns, totalmente comuns. Completamente esquecidos daquela eterna luta contra o Império das Trevas. Antes eles também se esquecessem de nós por um minuto que fosse. Mas... seria esperar demais!

A tarde tinha sido agradável. Isabela tinha algum dinheiro a mais de algumas horas extras que tinha feito, de forma que nos sobrava uns trocados para satisfazer o desejo de tomar um sorvete, um café. O restante seria para nossas despesas do mês, mas dava para algo simples naquele dia.

Olhando as lojas, acabamos por entrar na Little Darling. Naquela época, Isabela vivia entrando naquela loja, gostava dela. Das roupas que tinha lá!

– Só vou dar uma olhadinha...

– Sei... sei que é só uma olhadinha! – olhadinhas da Isabela levavam horas!

– É, sim. Só vou ver.

Eu andava atrás dela, olhando junto, rindo, fazendo brincadeiras. Isabela ria de volta, descontraída. Aí eu a vi olhando muito para certa blusinha. Aproximei-me mais, abraçando-a.

– A Gatinha gostou?

– Ah, gostei... mas não dá pra gastar dinheiro com isso.

– Poxa, mas se a Gatinha quer... ganha! Podemos fazer a “loucura” de gastar R\$ 15,00 nesta blusinha. Depois a gente vê...

Isabela procurou pôr o pé no chão.

– Não, não, não, Nenê! Não dá. Vamos, vamos indo!

Continuamos olhando as coisas, mas a minha cabeça dava voltas tentando achar uma solução. Me partia o coração ver Isabela querer algo tão simples e não poder lhe dar.

Então dei um estalo:

– Já sei! Podemos fazer um cartão de crédito da Little Darling! Fica pronto na hora, e você poderá parcelar no cartão, até em cinco vezes!

Isabela parou para pensar.

– Será...?

– É, sim, “Mô”! Vem! Vamos lá no atendimento ao cliente pra gente se informar.

Eu a peguei pela mão e fomos. Era só entrar com o pedido do cartão, eles consultavam o SPC na hora e já poderíamos usufruir do parcelamento. Então preenchemos a ficha cadastral, apresentamos os documentos. Isabela estava radiante.

– Oba! Oba! Nenê, vê se escolhe alguma coisa pra você também! Aqui também tem artigos masculinos.

– Não, Nenê não precisa de nada.

– Ah, mas eu quero dar alguma coisa pra você! O dinheiro é meu! Faz tanto tempo que a gente não se dá um presente... vai escolher algo pra você!

– Não, Gatinha... não preciso mesmo de nada agora!

– Precisa, sim! Nenê precisa tanto quanto a Gatinha. Vamos lá! Vamos ganhar presente. Todo mundo ganha presente!

Então escolhemos, experimentamos, demoramos um tempão. Isabela me fez experimentar um monte de coisas para no fim escolhermos uma camisa.

Munidos com minha camisa e a blusinha dela, sorridentes e animados, fomos tratar de ver a quantas andava a aprovação do cartão para poder passar no caixa.

Foi a surpresa das surpresas:

– Nós não vamos poder lhe conceder o cartão porque constam débitos em seu nome... – explicou gentilmente a moça do balcão.

Eu gelei, e Isabela também deixou morrer o sorriso:

– Débitos? Mas não é possível! Que débitos?!? – ela olhava para o computador.

– Tem um cheque devolvido aqui... de uma concessionária de automóveis, não de aluguel de automóveis...

– Ah! Eu sei o que é isso! Mas... não é possível... isso já foi resolvido há anos!

– Mas ainda consta em aberto?

– Olha, eu sei que você não tem nada com isso... – fui dizendo para a moça. – Mas tudo isso já foi resolvido. Isabela foi furtada anos atrás, e já foi tudo esclarecido. Isso remonta à época dos cruzados. Não pode ter essa pendência aí! Ela tem cheque especial, cartão de crédito, e tudo o mais... posteriores a esse problema. Ela não pode então parcelar no cartão de crédito dela?

– Não, nesta rede de lojas só parcelamos com o nosso próprio cartão.

Ela foi educada e nós agradecemos, não havia mais nada a ser feito. Deixamos as compras ali mesmo e saímos, calmamente, com a cara no chão, envergonhadíssimos pelo constrangimento.

Paramos na porta da loja, totalmente atordoados. Nós nos sentíamos como quem acaba de levar uma pancada na cabeça. Ficamos mudos e sem saber o que fazer por um momento. Estava estranho aquilo...

Decidimos voltar e perguntar melhor para a moça sobre aquilo. Precisávamos de mais dados. Voltamos.

– Nós gostaríamos de pegar todos os dados do cheque para podermos tomar as providências.

– Tudo bem. Qual é mesmo o CPF?

Isabela falou, e logo a moça abria a tela do computador mais uma vez.

– Não estou entendendo... cadê o cheque? – perguntou Isabela.

– É assim: a tela está dividida em duas partes. Na parte de cima, aparecem seus dados, está vendo? Nome completo, data de nascimento, etc. Se houver algum protesto, aparece no campo inferior da tela – ela apontava com o lápis. – Embaixo está o cheque de R\$ 13.000,00; e seus dados aparecem novamente.

Isabela notou algo que até então a moça não havia notado:

– Olha só! A minha data de nascimento está errada aí na parte de baixo da tela, olha só!

– É mesmo... deve ser um erro de digitação. – Isabela foi sincera até demais:

– *Erro de digitação?! Mas errar tudo desse jeito?*

Isabela olhou significativamente para mim e falou em tom sério:

– Vem só dar uma olhada.

Eu olhei e houve entendimento na hora. O significado era claro como água.

– Está escrito 31.12.1999...

– Pois é...

A moça não podia entender o porquê de nossa inquietação. Copiamos o número do cheque, agradecemos e saímos de novo. Eu estava indignado.

– Que audácia!!! Mexer comigo tudo bem, aí tem sentido. Eu traí a Irmandade. Mas o que você tem a ver com isso?

Isabela olhava para o papel com os dados.

– A soma dos dígitos do número do cheque resulta em 9. O número 13, valor do cheque, é número de morte, certo? E aquela data... na tela do computador... parecia... parecia ser...

– Uma lápide, não é isso? – Isabela me olhou estranhamente:

– Você também achou isso?

– Pra mim é muito claro.

– Foi o que pensei. Em cima, a data de meu nascimento e meu nome; embaixo, a data da minha morte... o cheque foi reinserido no computador, pra dar um aviso... falta mais de um ano pra essa data chegar...

Abracei Isabela, mas meu sangue fervia de raiva.

– Nada vai acontecer. Você sabe que Deus é por nós.

– Eu sei... só estou digerindo isso... aquele cheque foi escolhido a dedo, hein? Os seus números também nos trazem uma mensagem subliminar.

– Isso é verdade. Eles deixaram a assinatura, pra que nós pudéssemos saber.

– Quando a Esther falou sobre a revelação de ataque de morte, imaginei que eles tentariam algo mais imediato. Mas marcaram a data pra longe.

– Não seria agora. A morte, no entender deles é um prêmio. Uma libertação.

Tem que haver, antes, muito sofrimento! A ponto de desejarmos a morte e não a encontrarmos. Não seria agora. Aliás... não vai ser nem agora nem depois! Mas acabei deixando escapar:

– Um pouco antes da minha, pelo que parece.

Dessa vez, Isabela sobressaltou-se de verdade. O que se referia a ela parecia não pesar tanto, mas tudo que se referia a mim era angustiante:

– Como assim, a sua? Você acha que vai mesmo morrer?!? – me dei conta de ter dado com a língua nos dentes.

– Ah! É bobagem...

– Bobagem?! Sua morte?

– Não vai acontecer... Deus está guardando. Mas disseram que eu morreria com dor e sofrimento como Ele mesmo morreu.

– Deus não vai permitir isso... – ela procurava convencer tanto a si mesma quanto a mim. – Que sentido teria isso? Labutar, labutar, comer literalmente “o pão que o diabo amassou”... pra no fim... simplesmente se cumprir o decreto deles? “Você vai morrer”... e você *morre mesmo*! Que *sentido* tem isso? Ou eu...? Chega o dia 31.12.1999, e eu *morro* também? – Isabela procurava engolir o temor e ficar bem convencida do contrário.

– Então... por isso que estou dizendo: Deus está nos guardando.

– Claro, está guardando! – Isabela elevou um pouco o tom de voz, levemente irritada, fruto da tensão de sua alma. – Poxa, que gente que não *desiste*!!

Procurei brincar um pouco para descontrair o clima tenso.

– Eles estão loucos da vida com a gente, né? Agora até você entrou pro rol dos “procurados”: Procuram-se, vivos ou mortos, Kid Nenê e Gatinha Miau!

Isabela riu meio nervosa.

– Sabe de uma coisa? Nunca imaginei estar vivendo uma história dessa. Só acredito porque está acontecendo comigo. É duro crer que Deus vai dar um fim *feliz* nisso tudo, bem agora que nosso dinheiro sumiu, meu nome está protestado de novo e não encontramos apoio de quase ninguém. Exatamente como eles disseram que seria. Disseram que tudo pioraria depois de março, e assim está sendo. Às vezes, é difícil ter bom ânimo, não é mesmo?

Abraçamo-nos. Claro que o emocional se abala. Nós não somos de ferro! Mas lá no fundo, no íntimo, uma certeza reinava. Poderia até parecer que o diabo estava ganhando terreno, e os filhos do Fogo tinham aparentemente mais Poder que nós, Cristãos... mas não seria assim para sempre. Era como Isabela disse: “Que sentido teria tudo isso... se no final o diabo triunfasse?”

– Ok. Eu vou falar com Grace pra nós orarmos logo sobre isso. Agora temos que orar também por você. Estou lembrando, acho que realmente havia um decreto sobre isso também... se alguém “tomasse” o lugar de Thalya, a suposta “alma gêmea” morreria de forma violenta e inesperada, um pouco antes de mim. Bate

bem, né? Você em 31.12.1999... e eu, no mais tardar, no início de março de 2000. Antes de eu morrer, tudo à minha volta teria que ser destruído.

Isabela balançou várias vezes a cabeça, bufando.

– Bom... isso eles dizem. Nós temos que fazer nossa parte, que é compartilhar e orar.

– Faremos isso.

* * *

De fato, foi o que fizemos. De resto, passado o desconforto passado na Little Darling, eu fui atrás de saber o que tinha acontecido com aquele cheque de R\$ 13.000,00. O dono do estabelecimento sabia menos do que eu.

– Ah, é? – exclamou ele, estupefato. – Foi reinserido o cheque? Mas que coisa mais esquisita! Não fomos nós que fizemos isso.

– Pois eu é que não estou entendendo nada. O senhor poderia fazer o favor de ver o que aconteceu?

– Certamente.

Ele ficou com meu número de telefone para me dar um retorno. Em dois dias ligou novamente:

– Olha, como aconteceu eu não sei... mas de alguma forma o cheque foi novamente inserido, no mês de março deste ano, no SPC. Desculpe-me... já tomei as providências e está tudo em ordem. Perdoem-me pelo transtorno.

– Em março... tudo bem, obrigado!

Depois, contei a Isabela que tudo já estava resolvido.

– Eles só queriam dar o recado.

– Bem, conseguiram dar.

– O recado, sim. O resto... cabe a Deus.

– É isso!

Parecia que a Irmandade estava em todos os lugares e tinha Poder sobre tudo.

CAPÍTULO 29

Naquele mês de abril, apenas uma semana depois, fomos obrigados a vender o pouco que tínhamos. Precisávamos arcar com nossas despesas. A solução que encontramos foi vender nossa geladeira e nossa televisão, os únicos bens comprados para o casamento antes da nossa conta ser deletada do banco.

A geladeira estava fechada na caixa e guardada no quintal da casa de Isabela havia vários meses. A TV e o vídeo de última geração estavam sendo usados por ela, mas não tinha outro jeito. Isabela nunca teve TV e vídeo particular, no quarto, mas eu tinha achado ótimo que ela pudesse usufruir desse pequeno benefício. Às vezes, o tempo esquentava na sua casa, e era bom que tivesse um lugar de refrigério no seu quarto.

Realmente, era uma alegria para mim saber que podia proporcionar a ela o conforto de pegar um filme de vídeo e assisti-lo com pipoca e refrigerante, sozinha, em seu quarto.

Anunciamos primeiro a TV por um preço bem abaixo do mercado. Vendeu rápido como um raio. No final de semana, aquele homem foi até a casa de Isabela para pegar a TV. Estava felicíssimo!

Para mim, foi uma dor tão grande...

– Puxa... tanta privação nós tivemos pra comprar essas coisas, pra juntar nosso dinheiro. Não temos quase nada, e o pouco que temos está indo embora... – desabafei com Isabela.

– Ah, Nenê... – Isabela passou a mão de leve ajeitando meu cabelo. – Eu também estou triste, mas não vamos nos deixar abater, não. Olha só... com esse dinheiro, viveremos com mais tranquilidade até que você encontre um bom trabalho. Isso vai ser bom, não vai?

Senti um nó na garganta. Mas eu só conseguia pensar em nossa TV Philips de 25 polegadas, novinha, brilhando, indo para aquele carro. E o homem feliz da vida com nossa desgraça.

Pode parecer bobo, mas até chorei. Não tinha sido fácil conseguir essas coisas. Tudo era fruto de nosso trabalho, nosso esforço. Eu nunca tinha conseguido

acumular nada, e pelo visto iria continuar sem ter nada.

– Nenê, nós temos um ao outro e temos nossa saúde. A TV é de menos, depois compramos outra. Parece que o diabo está ganhando, mas isso é ilusão, as coisas vão mudar!

– Você está certa... uma hora isso termina. A tempestade não vai durar pra sempre. O sol há de brilhar em nossas vidas! É só uma TV.

– Pelo menos vendemos rápido. Agora temos pras despesas básicas.

– Assim que eu arrumar um emprego, compro outra! Uma TV melhor ainda!

– Tá bom. Mas agora procura não pensar mais nisso.

Isabela ficou quieta um pouco... e falou de uma vez, só relembrando.

– Olha... minha mãe vai mesmo ficar com a geladeira, viu?

– Eu sei. Vender para alguém da família é melhor. Não dá tanto peso... pelo menos estamos ajudando-a de alguma forma. A geladeira dela está ruim mesmo. E vamos vender a um bom preço.

Logo, fomos pegar a linda e enorme Brastemp no quintal e colocamos na cozinha. Ficou joia!

E nos desafogamos um pouco, financeiramente falando.

* * *

Eu levaria mais um mês para estar empregado. Arre!!! Não era o emprego dos meus sonhos, nem o salário dos sonhos. Mas estava bem empregado em uma Multinacional, como Analista Econômico Financeiro, pertinho do serviço da Isabela.

Aquela situação não estava fácil... muitas vezes tinha que dividir até mesmo um cafezinho com Isabela, bem como o frasco de xampu. Mas, no período de escassez, aprendemos muito sobre dígitos e ofertas. Mais tarde, compreenderíamos que tudo aquilo fora necessário, e muito importante. Não era o diabo que estava triunfando, mas Deus permitindo o ataque do inimigo para nos ensinar. Há princípios que só são aprendidos através da dor, no meio da tristeza. Foi importante ter passado por tudo aquilo.

* * *

Realmente, embora constatássemos o Poderoso ataque contra nós, me sentia amortecido, paralisado. Isabela insistia na oração em concordância e no jejum,

que tantas vezes fizemos. Ela cria não haver outro caminho. Mas... seria mesmo suficiente?

Não era medo, não era terror ou pânico! Só estava um pouco sem direção. Talvez na minha mente, bem lá no fundo, eu esperasse pelo Pastor Brintti.

Se eu pudesse encontrá-lo! Se alguém pudesse me dizer onde aquele homem se encontrava! Ele certamente poderia me dizer algo mais.

Claro, Grace era ótima, tinha grande autoridade. Disso, eu estava certo. Há mais de um ano ela me ministrava, e por incrível que pareça, continuava firme!

O nome dela não era mencionado entre aqueles que o diabo jurou que derrubaria, jurou que não ficariam ao nosso lado. Dona Clara era outra pessoa especial, e também continuava caminhando conosco.

Nós havíamos aprendido muito com ela.

Porém as bombas continuavam estourando e continuavam nos atingindo! Essa era a verdade! Será que estávamos mesmo tendo *vitória*? A vitória esmagadora e indiscutível prometida na Palavra de Deus?

Será mesmo que nossos pés pisavam serpentes e escorpiões, e tínhamos autoridade sobre todo o Poder do maligno??! Será que mil caíam de um lado, dez mil à direita e... nós não éramos atingidos?

Jesus era cabeça de todo Principado e Potestade, eu sabia disso, eu cria nisso porque estava escrito. No meu íntimo, e no de Isabela, havia uma latente convicção de que seríamos acudidos na hora “H”, e nossos olhos não contemplariam a escuridão da morte.

Não agora. Não na data marcada por eles...

Mas, até lá... até lá, o que estava destinado a nós? Que linhas Deus escrevera a nosso respeito?

Nesse exato momento, nessa semana... estaria realmente a Mão do Senhor dos Exércitos sobre nós???

* * *

É claro que estava... às vezes, a pressão emocional e espiritual era tão grande que nossos olhos, como os de Pedro, desviavam-se de Jesus. E contemplávamos a tempestade. Por alguns instantes, era possível afundar num mar de dúvidas e inquietações, o gosto e o pavor da morte quase penetravam em nossa boca.

Mas a mão de Jesus era estendida, nos livrava da força das águas e da tempestade. Nos punha novamente em terra firme.

– Ah! Filhos de pequena fé!

De fato. Por um dia, dois, três, a fé esmorecia, ficava pequena. A amargura e o desânimo cresciam.

Mas lá estava a mão de Jesus.

Sim. A mão de Jesus não nos abandonou.

* * *

Era quase o fim do mês de setembro.

Sarah tinha convidado Isabela para participar de um jejum de 21 dias. Ela e sua pequena equipe de discipulantes iriam jejuar pelo Ministério de Sarah e Jefferson, e também por suas vidas pessoais.

Como nós estávamos agora em contato mais frequente com eles, indo a uma reunião de oração que dirigiam em sua casa, Sarah comentou sobre o jejum, e Isabela aderiu. A primeira semana tirava do cardápio carnes vermelhas, doces, refrigerantes, feitura. Na segunda semana, somente se comia frutas, legumes e verduras. Na terceira semana, somente líquidos, embora Sarah tivesse dito que poderia ser igual à segunda semana.

Isabela fez o jejum direitinho, separou um período para oração e leitura da Palavra. E também procurou outro emprego, o qual veio rápido. Ela tinha muita facilidade para arrumar trabalho, e dos bons. Agora ela iria trabalhar no período da manhã, perto de sua casa, num Ambulatório sediado no Centro Administrativo um grande banco. Era um lugar muito amplo e bonito. O salário era cerca de 25% maior. Os colegas de trabalho eram acessíveis, tanto os Médicos como a equipe de enfermagem.

No entanto, Isabela agora não tinha tanto tempo livre no horário de trabalho para me ajudar na escrita do livro. Porque aumentou bastante o número de consultas. Então, para compensar, ela me ajudava em *Filho do Fogo* arduamente na parte da tarde. As partes um e dois do livro já estavam escritas, mas tudo a mão. Então Isabela resolveu começar a digitar e reler aquele material, uma vez que muitas coisas já estavam perdidas em sua memória ao longo daqueles três anos e meio desde que iniciamos a escrita.

O único detalhe é que Isabela não sabia digitar. Nunca tinha aprendido datilografia e não estava inteirada dos recursos do computador. Determinada, mesmo assim ela encarou a digitação do texto. Passava a tarde toda trabalhando,

até a hora de encontrar-se comigo na academia, que tínhamos retomado. Eu ia direto do serviço para lá, e ela vinha da casa dela.

Estava um pouco mais fácil agora, pois Dona Márcia tinha me emprestado o fusquinha amarelo, e eu podia me locomover mais rápido com carro. Isabela ficou com o Palio.

Nossa semana estava bem puxada, às segundas-feiras íamos para a casa de Sarah e Jefferson, para a reunião de oração.

Terça, academia. Quarta tínhamos aconselhamento com Dona Clara, e em seguida o Culto. Quinta, academia de novo. Sexta-feira, à noite, o curso de preparação de líderes da Comunidade.

Saíamos de lá em torno das dez e meia da noite e íamos direto para a casa de Isabela, brincando pela rua de ultrapassar um ao outro. Afinal, eu chegara no fusca e ela no Palio. Normalmente, sexta-feira era dia de fazer macarrão. A gente ia para a cozinha, Dona Márcia ia atrás, comia junto conosco. Era bastante agradável, a gente punha o papo em dia, conversava sobre a semana.

Eu gostava de Dona Márcia, me dava muito bem com ela. Quase sempre ela me tratava como mais um filho na casa.

Assim, íamos levando as semanas, o mês. Sábado era dia de passear, espairecer, ir ao *Shopping*, olhar vitrinas, tomar um café. Coisas assim. Ou então pegar um filme de vídeo e assistir com pipoca e refrigerante.

Domingo, dia de comida especial na casa de Dona Márcia. E à noite, Culto, onde renovávamos nossas forças espirituais com o Louvor e a Palavra.

Éramos praticamente os últimos a sair da Igreja, quase sempre tinham que nos “expulsar”, por causa das conversas intermináveis com Dona Clara. Lógico que a gente jogava uma conversa fora com outras pessoas. Mas com Dona Clara era diferente, aquela para quem a gente tinha prazer em contar tanto as bênçãos, quanto as lutas, aquela que estava sempre a par de tudo, aquela que tinha sempre a palavra certa para dar.

O marido dela, seu Benito, era paciente; deixava Dona Clara com a gente até as luzes da Igreja começarem a se apagar. Esse seria um tempo do qual sentiríamos falta no futuro...

Daí, vinha outra segunda-feira, outra semana... Outubro foi mês de eleições.

Naturalmente, era espantoso e estranho ao mesmo tempo dar de cara com alguns daqueles noventa, aqueles escolhidos pelo príncipe deste mundo para ocuparem posições estratégicas dentro do contexto político brasileiro.

Mais espantoso ainda era observar que o palco estava sendo armado, o cenário se completava, e nada parecia impedi-los. Grace e Dona Clara foram as únicas que acreditaram realmente em mim, naquela época. A oração dessas servas de Deus, com mais um pequeno grupo de guerreiros, impediu que um daqueles homens abraçasse o poder.

Foi algo que nos ensinou alguns princípios que valeriam muito, e sobre os quais nos pautaríamos em decisões futuras. Aprendemos que Deus não precisava de muita gente especulando e fuxicando, poucos guerreiros compromissados com a oração intercessória podem mudar a história!

Aquele homem caiu, e me enchi de espanto. E, muito no íntimo, enquanto todos se regozijavam, eu senti uma ponta de incômodo. Não por causa do Morrit, afinal eu o vira muito pouco, mas porque Marlon o havia apresentado a mim, confiando aquele segredo.

Outros entraram. Há certas coisas que são inevitáveis. Uma delas é o Apocalipse. O Apocalipse vai acontecer, e ninguém vai mudar nem impedir isso. O palco será montado. Vai acontecer.

Mas o fato de vê-los me trouxe certo pesar. Eu sabia que estavam cumprindo um cronograma. Tive pena, tão enganados... foi bom ver o rosto deles, mesmo que por poucos segundos. Tinham sido meus amigos enquanto eu também estava no engano. Não senti ira, nem aversão: apenas misericórdia.

Realmente, era uma sensação esquisita, ímpar, difícil de descrever. Eu deveria estar entre eles. Eu era um dos 90. Seria lançado naquele ano, subiria ao poder, parte do meu destino começaria naquele mês de outubro.

No entanto, o Senhor dos Exércitos havia mudado tudo aquilo. Era confortável lembrar que se não fosse a Misericórdia e o Amor de Deus eu ainda estaria entre eles. Ainda bem que escolhi permanecer do lado de Deus. Mas... quem teria tomado meu lugar?

Marlon tinha dito em algum momento que a estratégia tinha sido modificada, não havia tempo nem condições de me substituir. Isso me deixara um pouco confuso, afinal, eu tinha passado apenas seis anos na Irmandade! Outros seis anos não teriam preparado outro nas mesmas condições e com as mesmas características?! Porque seria tão insubstituível!?

Aquele mês trouxe-me um pouco de confusão. É um grande equívoco pensar que todos os traumas de um ser humano podem ser apagados como o vento que sopra, e passa, de um dia para o outro.

Aparentemente, o processo de libertação havia terminado, mas meu coração e alma tinham verdadeiros abismos a serem tratados, ainda havia chagas e feridas profundas para serem curadas.

Eu passei alguns dias pensando... pensando... orei... repensei. Quando estava convencido, Isabela já tinha até mesmo pedido oração e compartilhado o problema com Grace, Dona Clara e Sarah.

Um desses problemas veio logo depois das eleições. Tinha falado para Isabela:

– Tenho me sentindo mal, sabe?... Um verdadeiro traidor, um... um Judas!

– Ué? O que você quer dizer com isso?

Nem eu sabia explicar direito, mas aquela era uma sensação tênue que vinha me invadindo já havia algum tempo. Eu não sabia traduzi-la bem, mas o termo mais próximo era talvez aquele: traição.

– É difícil de explicar... – Isabela tentava entender.

– Mas espera um pouco! Você está se sentindo um Judas por ter saído da Irmandade e abandonado o barco, deixando esse pessoal para trás!?

– Não, não... – sacudi a cabeça. – Eu optei por abandonar

Lucipher! Mas as pessoas foram minhas amigas enquanto eu estava lá... eles me deram o que tinham de melhor. Entende? Por mais que estivessem enganados, mesmo seu engano não os isentou de me proporcionar o melhor. Aquilo que entendiam como sendo verdade. Eu recebi muito deles, não sei se você está entendendo...

Isabela tinha seu rosto compassivo, os olhos cheios de compreensão e uma certa ternura expressa neles. Suspirou.

– Eu entendo, Nenê!

– É isso... sabe... eu não tenho raiva deles, das pessoas. O culpado é o diabo. Eu recebi muito deles, muito mais do que tenho recebido dos crentes. Marlon me confiou segredos, planos, estratégias. E aqui estou eu, dedurando tudo.

Dessa vez Isabela se mexeu na cadeira.

– Mas, Eduardo, aí você se engana. Você não fez nada errado, fazia parte da sua Ministração, e...

– Eu sei!

– Mas você não deve fidelidade a eles, Nenê, mas a Cristo.

– Você não está entendendo, eu sei disso! Mas, no meu íntimo, fica essa sensação... uma sensação de ser um Judas! Claro que minha fidelidade é para com Deus, mas entenda isso. Se eventualmente, por algum motivo qualquer, de repente, eu começasse a achar que o Cristianismo não expressa a Verdade. E me

convertesse, por exemplo, ao Islamismo, ou virasse um Krishna... eu nunca iria falar mal da Grace, da Dona Clara... de você! Entende? Ainda que não mais compartilhasse da mesma visão, eu iria trazer na lembrança o bem que vocês me fizeram.

Isabela calou um pouco... e por fim disse:

– Eu entendo seu sentimento, Nenê. Ainda que o seu espírito tenha tomado a decisão certa... a alma se ressentia mesmo. Eu compreendo, no espírito, que você tomou a decisão certa. Porém, você não pode viver assim. Deus não quer isso pra sua vida. A confissão e o perdão de Deus tem que trazer paz em sua alma. Imagine o que Moisés não deve ter sentido quando saiu do Egito! Pra todos os efeitos, era sua terra natal. Tinha amigos lá! Depois teve que voltar e confrontar Faraó, que um dia foi seu amigo...

– É... não deve ter sido fácil...

– De qualquer forma vamos pedir oração, viu? Vamos conversar sobre isso com a Grace e buscar de Deus o livramento desse peso sobre sua alma.

Nos próximos dias, realmente, eu compartilhei aqueles sentimentos que me incomodavam, com toda a sinceridade, sem ocultar nada. Foi um alívio não me sentir julgado, nem crucificado, mas compreendido. Realmente, há aspectos da transformação que não acontecem do dia para a noite. Seria hipocrisia e uma grande mentira dizer o contrário.

* * *

Saí bem cansado do serviço naquela tarde. Não era por causa do excesso de trabalho, mas devido a eu não ter dormido bem na noite anterior.

Meu sono fora agitado, e pela manhã meus olhos pesavam. Levantei-me dando conta pela primeira vez que aquele sonho já se repetia por três vezes consecutivas.

Por algum motivo, eu me esquecia assim que me arrumava para o trabalho e não comentava com ninguém. Mas dessa vez... foi tão real, que pensei nele o dia inteiro. No meio da agitação do trabalho em um Departamento Financeiro, volta e meia eu me via lembrando daquele estranho sonho...

“Será um aviso de Deus?... Por que eu sonharia isso por três vezes???”

No fim do dia, fui me encontrar com Isabela na academia. Atravessei a catraca eletrônica como de costume.

A música tocava animada, mas não de forma ensurdecadora, gente bonita elegantemente uniformizada zanzava por todos os lados. Fui colocar a roupa de

ginástica e tentei me motivar a fazer um treino leve.

Mas não consegui... fiquei ali parado... Isabela chegou logo.

– Você já acabou?

– Não, nem fiz nada. É que eu dormi mal esta noite.

– Foi? Mas por quê?

– Sei lá. Tive um sonho esquisito, acho que foi isso.

– Que sonho?

– Já é a terceira vez. Mas acho que não deve ter nada a ver, não, sabe? Deve ser coisa de minha cabeça.

– Mas, o que foi?

– Bom... são sempre situações diferentes, mas acaba caindo na mesma coisa, e foi isso que me marcou.

– Hã-hã...!

– Lembro que estava em algum lugar, não me recordo qual, mas eu percebia alguém que não parava de me encarar. Um homem. Eu não gostei dele e logo pensei em me afastar. Peguei o carro e fui embora, em direção da minha casa. Ele veio atrás de mim, continuou me seguindo.

– Sei...

– Quando eu desci do carro, ele desceu também e veio na minha direção. Lembro-me bem dele: era bem alto, muito magro, bem magro mesmo, ossudo. Dava pra ver o contorno dos ossos faciais, sabe? Tinha uns cinquenta anos. O que me chamava a atenção nele era seu olhar. Era um olhar maldoso, cruel!

– Como assim? – fez Isabela, muito intrigada.

– Não sei como descrever... – pensei um pouco. – É uma coisa tão sem parâmetros!

Ainda pensei um pouco mais. Lembrei-me de um antigo exemplo que Marlon usou comigo para me explicar um ponto da doutrina Satânica.

– Uma vez Marlon me disse que não temos o rosto simétrico. Por isso, se pegássemos uma foto de alguém e no centro desta colocássemos um espelho, este iria refletir o mesmo lado da face, e aí teríamos um conjunto simétrico. Um nesses conjuntos vai resultar num semblante bondoso... representa o lado bom... o outro conjunto terá um semblante ruim, maligno, é o lado negro. Claro, isso era só pra ilustrar uma questão, não podemos nos pautar nesse exemplo como sendo realidade. Mas isso ilustra bem o que aquele rosto representava. Um rosto cem por cento mal.

– Hummm...

– Pois, é. O tal homem se aproximou de mim me tratando com muita educação e polidez. Apesar daquele olhar. Ele me estendeu a mão e perguntou por que eu estava fugindo dele.

– ...

– E aí me deu um aperto de mão. Com uma força descomunal, parecia que meus ossos iriam estourar. Tinha uma força desproporcional à sua estatura. Suas mãos mais se pareciam com morsas.

– Poxa, que coisa. E você sonhou isso três vezes?

– Foi, mas as outras situações eram diferentes. Mas sempre terminava com o mesmo homem magro, alto, cerca de cinquenta anos, olhar maligno, me perseguindo e depois apertando minha mão. Quase quebrando meus ossos.

– Bom... pelo sim, pelo não, vamos orar por isso. Talvez Deus nos fale algo!

Retruquei com um “é” meio da boca para fora. Eu não queria pensar muito a respeito daquilo. Nem me lembro se realmente oramos a respeito.

* * *

Eu e Isabela tínhamos decidido pôr um fim em nosso noivado e enfrentar o desafio do matrimônio. Escolhemos a data. Calhou de contarmos primeiro para Sarah e Jefferson, que aprovaram nossa decisão. Naquela noite, oramos os quatro, selando no Reino do Espírito aquela data. Final de fevereiro do próximo ano.

– Creio que Deus nos convenceu de que é o tempo... – dissera Isabela.

– É verdade – eu acrescentei. – Nunca tivemos coragem de dar esse passo de fé, mesmo quando tínhamos mais condições. Mas agora estamos convencidos de que o tempo chegou. Se ficarmos esperando juntar dinheiro, ter isso aqui, aquilo ali... não casaremos nunca! Não vai dar pra comprar apartamento, mas tudo bem.

Sarah acrescentou convicta:

– Vocês estão dando um importante passo de fé. Deus fará grandes coisas, vocês vão ver.

Naquela noite, saímos de lá felizes. Não havia outra palavra. Isabela comunicou Dona Márcia. Aquela notícia ela não esperava, assim tão de repente. Nem acreditou muito, imaginando que fosse apenas um alarme falso.

Mas não seria assim. Não voltaríamos atrás. Isso era certo tanto para Isabela como para mim. Aquela data não seria adiada!

Grace aprovou sem contestação. Dona Clara imediatamente. Havia completa unanimidade e testificação em todos!

Claro que não seria tão fácil...

A começar pela minha insatisfação com meu novo emprego. Meu chefe era um chato! O departamento uma bagunça. Estavam implantando ou melhor tentando implantar um novo sistema de trabalho. E nada funcionava como o previsto, era trabalho e retrabalho o tempo todo. Como eu entrei em uma posição acima dos mais antigos, também tinha que conviver com a inveja de meus colegas de serviço. Queria algo melhor!

– Nenê, você sempre me apoiou com os meus desvarios em relação ao meu trabalho. Desde a época em que larguei a residência, você me apoiou e me ajudou a encontrar a solução pra minha insatisfação. Eu não poderia agir diferente com você. Quero que esteja bem, satisfeito.

Fiquei sinceramente comovido. Ela continuou, com sinceridade:

– Uma coisa é certa... por enquanto... enquanto você está na casa de sua mãe e não estamos casados, é perfeitamente plausível procurar outro emprego. Ainda temos alguns meses até o casamento, pode ser que nesse tempo você ache algo melhor. Se já estivéssemos casados, não poderia ser assim. Mas agora, podemos arriscar!

Me animei com a postura otimista dela.

– Poxa, Gatinha... talvez você tenha razão! Será mesmo?

– Claro, Nenê! Não custa você tentar procurar algo melhor, né? Eu estou do seu lado pra isso!

– Mas como vou procurar emprego se trabalho o dia todo? Eu precisaria de uns dias livres pra poder ir atrás.

– É verdade – os olhos de Isabela brilharam. – E quem disse que a gente não pode dar um jeitinho nisso?

Olhei para ela, já com uma risada na garganta.

– Você acha... que talvez eu possa ficar “muito doente”? – Isabela começou a rir também.

– E por que não? Se você tivesse uns dez dias já era uma boa oportunidade, não é?

Geralmente Isabela dava conselhos bons e balizados, mas hoje reconheço que daquela vez nós dois chutamos o balde. Engraçado como é isso... nossa consciência para com Deus nem doeu. Na verdade, nem ligamos para o fato de estarmos armando uma mentira, nem pensamos em perguntar para Deus se aquela era a direção certa, a coisa certa a fazer: procurar outro emprego.

Querer melhorar não é errado, mas aquela tramoia toda...

– Mas o que a gente faz, então? – tornei a perguntar. – Como vou conseguir atestado Médico? Tem que ser um Médico do convênio que a Empresa tem, senão eles não vão aceitar. Tem que ser atestado do convênio Banco Classe A.

– Tolinho! Você se esqueceu que eu trabalho no Centro Administrativo do Banco Classe A? Todos os formulários de saúde estão ali, na minha mesa!

Nós ríamos com a corda toda, animados com aquela facilidade tão a mão. Deus ficou do lado de fora daquela trama toda.

– Bem, o que eu vou ter?

– Hummm... que tal um problema ortopédico? Além dos dias em que você estiver “engessado”, ainda virão depois as sessões de “fisioterapia”.

– Fechado!

– Mas vamos fazer direito, lentamente. Primeiro, você começa a se queixar de dor, manca uns dias, você se machucou na academia fazendo ginástica. Depois, diz que não está mais aguentando, que não passa com nada... então vai ao Médico.

– E o que eu terei?

– Bom... como todos sabem que você faz ginástica e corre... mas não sabem o quanto você corre. Vamos criar uma sintomatologia de tendinite de Aquiles. Do tendão de Aquiles, comum em corredores. Depois, eu faço o encaminhamento, pra você passar naquele Hospitalzinho perto de sua casa. Ele faz parte da rede de seu convênio.

– Ah, sim. O que tem má fama?

– Pois é, eu dou uma induzida no encaminhamento e acho que você sai de lá engessado. Eu, como Clínica Geral não posso pedir que te engessem. Mas o ortopedista pode. E o Hospital é conveniado, então...

– Ótimo, amanhã mesmo já estarei com dor na perna. Onde eu devo sentir dor?

Isabela me explicou tudo sobre a dor, principalmente porque eu deveria convencer o ortopedista.

Na manhã seguinte, comecei a falar para todo mundo do meu “problema”. No final do dia, várias pessoas já tinham me orientado.

– Vê se vai ao Médico, cara! E se piorar?

No dia seguinte, até o chato do meu chefe comentou que eu deveria me tratar.

– Tá bom, vou ver o que é isso amanhã pela manhã, mas sinto um “peso” em ficar faltando aqui no serviço, tem tanto o que fazer... chego antes do almoço, tá?

Passei um óleo de peroba facial, para hidratar a cara de pau.

Fui ao Médico no dia seguinte, pela manhã. Contei ao ortopedista tudo o que tinha sido orientado a falar. Fui engessado!

Aquele Hospital tinha fama de engessar todo mundo. Chegava lá com uma dorzinha na mão; gesso nela! Dor no pé; gesso nele! Se sentisse dores pelo corpo... saía de lá uma múmia!

Mas logo constatei que não tinha condições de voltar para casa sozinho... o gesso pesava e estava ainda meio mole, se andasse ele iria se destruir.

Meu irmão Roberto estava em casa, e liguei para ele me buscar. Imagine o testemunho que eu estava dando! Meu Deus...!!!

“Ficaria” com o gesso por dez dias!

Isabela me pegou em casa mais tarde e me levou para a Empresa, onde fiz questão de desfilar com o gesso e entregar pessoalmente o atestado nas mãos de meu chefe:

– Sinto muito... mas tiveram que engessar... vou ficar dez dias em casa. Se eu puder fazer algo em casa mesmo para ajudar... (torci para que a resposta fosse negativa).

– Não, não há o que você possa fazer, cuide-se! – “Yesssss.”

Cheguei ao carro que me aguardava no estacionamento, com Isabela no volante, animada!

– E aí? Tudo certo? – perguntou ela.

– Tudo em cima! Vamos comemorar! Estou de “férias”!

– Puxa, que loucura nós fizemos.

– É, mas foi por uma boa causa, amanhã mesmo passarei o dia todo procurando algo novo!

Foi exatamente o que fiz. Encontrei uma boa oportunidade. O processo seletivo estava iniciando. Foi supermoroso. Os dez dias não foram suficientes para as três entrevistas, uma dinâmica de grupo e duas provas escritas, fora os psicotécnicos. Isso foi gradativamente eliminando os concorrentes. Eu fui ficando, ficando, ficando e logo era um dos finalistas.

Nesse ínterim, eu já estava fazendo “fisioterapia”. Mas estávamos com a consciência pesando... queríamos que aquela mentira terminasse logo.

Fiquei na final com outro rapaz. Mas o Diretor Financeiro estava viajando, e a última palavra seria dele. Por isso, tive que esperar.

O peso de estar desagradando a Deus começou a incomodar. Pedimos perdão, e prometemos nunca mais nos comportar daquela maneira. Existe um preço a ser pago pela verdade. E como filhos de Deus, nosso compromisso deveria ser com a verdade a todo o custo.

Oh, que Deus tivesse misericórdia!

E não é que o emprego tão sonhado, gorou? O Diretor Financeiro trouxe uma pessoa do exterior para preencher a vaga em aberto. Fiquei na mesma. Aprendemos mais uma vez, pelo pior caminho, que é melhor sempre consultar a Deus para *TUDO*, *antes* de tomar qualquer decisão louca e impensada. De nada adiantou toda aquela nossa enrolação.

E por falar em Diretor Financeiro, também nosso departamento estava vivendo uma situação bem atípica.

Fazia já seis meses que nosso ex-diretor tinha sido sumariamente demitido, após vários anos de casa. Eu o vi pouco, porque ele saiu logo depois que eu entrei. Tinha sido com ele uma das entrevistas finais no processo de seleção.

Logo de cara, o homem comentou comigo algo sobre Jesus, naturalmente, ali, no meio da conversa.

“Será que esse homem é Cristão?”

Depois de admitido, tão logo surgiu oportunidade, dei um jeito de perguntar a ele. Apareceu a deixa e fui indagando:

– Você é evangélico?

– Sou. Há um mês. Me converti há um mês e logo serei batizado.

– Puxa! Que coisa boa!

Ele me contou seu testemunho de conversão em poucas palavras. E, do pouco que ouvi, pude notar a fé genuína daquele homem. Mas, tão logo assumi o cargo, em uma semana, ele convocou uma reunião com todo o departamento e avisou do seu desligamento.

– Estou indo pra um lugar melhor. Sei que Deus tem o melhor pra minha vida. Se esta porta está se fechando, Ele abrirá outra ainda maior – e fez um discurso de pregador, com entusiasmo e muita fé. – Que Deus abençoe a todos vocês.

Achei estranho. Parecia que sua conversão tinha lhe rendido o bilhete azul.

Lembrei-me do que Ricardo dissera, sobre haver pessoas da Irmandade naquele lugar. O que era bem provável, pois o ramo de atividade ali estava diretamente ligado à Mídia, um filão muito importante.

Tudo tinha um ar esotérico. A proteção de tela dos computadores, os quadros nas paredes, até o desenho dos carpetes no chão... tudo era permeado com uma mensagem subliminar.

Um dia, Márcio, meu chefe, chamou a todos nós para dar a notícia:

– Olha – disse ele – quanto ao nosso trabalho, temos que deixar tudo muito organizado, hein? O cara está vindo direto importado dos Estados Unidos e

dizem que é um verdadeiro “bambambã”! Ele tem que encontrar nosso departamento nos “trinqes”.

– Quem está vindo? – perguntei.

– Ah, vocês não estão sabendo ainda?! O novo Diretor Financeiro.

– Ah, é mesmo?

“Puxa, um gringo... não encontraram nenhum brasileiro à altura?”

– Quando ele chega?

Márcio tinha tudo bem informado:

– Na segunda quinzena de novembro ele está aí. Por isso, não quero nada fora do lugar. Vamos trabalhar dobrado para pôr a casa em ordem, está bem?

Fui encarregado de supervisionar o trabalho do grupo de perto, especialmente dos estagiários. Meu chefe não parava de me perguntar:

– Mastral! Está tudo em ordem?

– Sim, Márcio, tudo em ordem.

– Tudo tem que estar direitinho!

– Ok! Tudo vai sair direitinho!

* * *

Nove dias depois do Sabbath, eu tinha marcado um encontro com meu antigo amigo Wang. Não era sempre que ele estava no Brasil.

Infelizmente, no dia do encontro, eu e Isabela discutimos feio, pelo telefone. E eu acabei indo ver meu amigo tenso, atordoado, irado. E sem orar.

Isso era importante, pois eu já tinha evangelizado Wang algumas vezes e desejava muito sua conversão. Isabela, que conhecia Wang de vista, vinha orando por ele já havia algum tempo.

Fui ao encontro, no Shopping West Plaza, reclamando muito na mente.

“Como Isabela faz isso comigo? Parece que está contra mim!”

Ele ainda não estava lá. Logo apareceu acompanhado de um amigo chinês.

Tínhamos marcado o ponto de encontro em frente ao América, um restaurante.

– Vamos sentar? – convidou Wang.

Fomos entrando e ocupamos uma das mesas do canto. Não entendi por que Wang trouxe seu amigo Chen, mas me pareceu que eles tinham algo a fazer depois daquele encontro comigo.

Wang estava bem animado, de *blazer*, todo arrumadinho. E Chen estava à vontade, de calça *jeans* e camisa. Fui obrigado a reparar no enorme medalhão que

ele usava e que eu podia perceber, apesar de estar por baixo da camisa. Em um verdadeiro “escudo”!

A impressão que eu tinha era que ele estava enjoado com o jantar e não via a hora daquilo acabar para poder ir embora. Apesar de tudo, ele riu um pouco. Logo nos sentamos, e ele perguntou algo ao Wang em chinês.

– Ele quer saber se você fala algo de chinês! – disse Wang.

– Eu não falo. Você sabe disso. Mas, peraí! Ele não falava português? Pelo amor de Deus! Não é casado com uma brasileira?

– É, ele fala sim – tornou Wang.

Chen só me olhava com certo desprezo. Então eu retribuí o olhar e disse a ele:

– Então fala na minha língua comigo!

Ele respondeu em chinês, para Wang me traduzir.

– Ele fala português, sim. Mas não quer falar. Ele está meio de frescura hoje! – arrematou Wang.

– Pois é, estou percebendo!!! – me enfezei. Que chinês chato! – tá bom, já que ele não fala português, posso ficar mais à vontade. Por sinal, esse seu amigo tem uma cara de “Bambi”, você não notou? E esse “escudo” que ele pendura no pescoço, não dá problema de coluna?

Agora Chen já falava meu idioma:

– Não, não... este medalhão aqui é muito especial! – respondeu.

– Ah, você fala, hein?

– Sim, eu falo! – disse secamente.

– Prazer, sou Eduardo, terráqueo, natural do hemisfério sul do globo terrestre. Como vão as coisas em Saturno? Você deve ser saturnino... aliás, sabia que quando era criança eu assistia um filme que o herói era um pato? Com este nome, Saturnino! Você via esse filme? Lembra um pouco você, com as penas arrepiadas em cima da cabeça!

Todos nós demos boas risadas, incluindo ele mesmo.

– Nasci em Pequim.

Enquanto Wang olhava o cardápio, eu conversei um pouco com Chen, que passou a me explicar o significado do tal medalhão.

– Puxa, legal!

Depois disso puxei assunto para Pequim, senão a gente não sairia do tema: “medalhão”! Ele passou a discorrer com entusiasmo:

– Lá a densidade populacional é enorme. Mas os índices de violência, roubo e crimes como sequestro são praticamente inexistentes. Se fôssemos tão

desorganizados como vocês aqui do Brasil, estaríamos no meio do caos! Lá há um senso de valores nobres! Honra, dignidade, honestidade, fidelidade, respeito. Aqui é tudo descambiado! Ninguém respeita ninguém, é uma lata de lixo gigante, suja, que fede de longe... e muito bagunçada!

E continuou seu discurso metendo a boca nos brasileiros. Eu me irritei com tamanha grosseria. O que estava fazendo aqui, então? Detesto estrangeiro que vem aqui e mete o pau no Brasil. Por que não ficam lá na terra deles? Então retruquei:

– Ah, é? Então volta pra China! O que você está fazendo aqui?

– Aqui é um excelente lugar pra ganhar dinheiro – respondeu.

Chen, sem se intimidar:

– É muito fácil ganhar dinheiro aqui, onde as leis não funcionam, não há fiscalização, todo mundo aceita suborno e ainda por cima o povo é burro, ignorante, compram até cocô enlatado, se for importado!

Não acreditei no que eu estava ouvindo!

– Ah, é?! Você se acha mesmo, né? Acha a China muito melhor? Vocês comem qualquer coisa que ande ou rasteje, cobra, minhoca, tatu, besouros, até cachorro! Se cocô andasse vocês comeriam também! Depois, pelo que vejo na TV, lá é tudo muito sujo, vocês nem tomam banho, pensa que não sei?! – chutei o balde!

– Você esteve lá, por acaso? – rosnou ele.

– Não estive, não, mas eu sei!

Wang nem ligava para nossa discussão e já tinha feito o pedido por todos nós.

– O Mestre Zhy me contou que lá eles usam a manga da camisa, como guardanapo! Ela é branca para esse fim! Ali, sim, é um chiqueirão!

– Isso foi em outro tempo. Mas apesar de tudo é um chiqueiro com ordem!

– Pô! Calma, calma! Que conversa, hein? Vocês mal se conhecem! – disse Wang colocando paz.

Apaziguamos os ânimos, ficou provado que todo povo tem sua elite e sua escória. Suas qualidades e defeitos; deixamos de lado a polêmica.

– O Eduardo é gente boa, Chen – disse Wang.

– Eu percebi isso! Olha, não me entenda mal, você me parece mesmo excelente pessoa. Não estava falando de você, viu, Eduardo?

Apesar daquele pseudopedido de desculpas, Chen não tirava do rosto aquele arzinho de superioridade. Deixei aquilo de lado. Logo o garçom trouxe o refrigerante e uma porção de batatas fritas.

– Refrigerante? Não vamos tomar um drink? – indagou Chen.

– Não, depois temos que dirigir, não vamos beber – respondeu Wang. Chen foi logo acendendo um charuto.

– Chen, aqui não pode fumar, você não viu a placa? – repreendeu Wang de novo.

– Não leio em português. Quando pedirem pra eu parar, eu paro – não aguentei:

– Pô, Chen, se toca. Depois vem dizer que nós é que não temos educação! Aqui é o povo que não tem educação, né?

Chen ouviu e continuou fumando. Só fez cara de quem comeu e não gostou.

Como iria conseguir evangelizá-los com esse clima? Mas tinha que aproveitar a oportunidade. Toda hora, Chen mudava de assunto, passava a contar uma ou outra vantagem e mostrar o quanto ele era superior. Então resolvi fazer outro caminho.

– Chen, você é budista, né? Como o Wang, certo?

– Sim, somos budistas – fez uma leve pausa, sempre me olhando com aquele ar petulante. – Você é Cristão, né? Wang me contou.

– Sim, sou Cristão.

– Pois é... não é muito mais bonito ver a imagem de Buda feliz, sorrindo, alegre, saudável... do que a imagem de Cristo crucificado, pendurado, sangrando, sofrendo, agonizando? O que lhe traz mais paz?

Bem, consegui chegar no tema. Mas não exatamente como queria. Procurei com sabedoria as palavras.

– Não distorça as coisas. A imagem de Cristo crucificado é muito comum em Igrejas Católicas, para lembrar o sofrimento dEle por nós. Porém, entre os Protestantes, os Evangélicos, não é assim. Não colocamos mais Cristo na cruz, nem você verá numa Igreja evangélica uma cruz. Se tiver, ela estará vazia porque Jesus ressuscitou. A crucificação já foi, tudo foi consumado... e agora Jesus vive, ressurreto! Não está mais morto, está vivo e ativo!

Chen deu de ombros. Wang só escutava. Eu continuei.

– Não vou discutir com você os valores de sua crença. Mas a verdade é que Jesus ressuscitou dentre os mortos, curou enfermos, fez milagres e prodígios, e hoje a História da Humanidade foi dividida por Sua causa! Nosso calendário demonstra esse marco. *Antes e depois* de Cristo. Também quase em todo o mundo se comemora o Natal, lembrando o nascimento de Jesus, embora a data não seja essa. Buda não ressuscitou, não fez milagres, não mudou o calendário. Porque foi

homem. Sábio, bondoso, ajudou muita gente, mas era apenas homem. Limitado. Jesus é Deus em forma de homem! Jesus é o único Caminho, a Verdade e a Vida!

Virei-me para Wang:

– E você, Wang, leu o Evangelho de João como lhe orientei?

– Sim, li. Mas comparando com os outros evangelistas, vi que existem diferenças em suas narrações. O cego de Jericó, o endemoninhado Gadareno, por exemplo. Não entendi o porquê disso...

(Ele falava de Mateus 8.28 e Lucas 8.27. O mesmo acontece com Mateus 20.30 e Marcos 10.46).

– Cada Evangelho teve uma abordagem e destinava-se a pessoas diferentes. Mateus, por exemplo, escreveu pros judeus, por isso ele faz tantas citações do velho testamento. As pequenas diferenças acontecem porque às vezes um fato é narrado sob pontos de vista diferentes. Cada evangelista que viu aquele mesmo fato acabou contando a história de forma pessoal, ressaltando o que, a seu ver, era de maior importância. Havia dois homens possessos, mas um deles chamou mais a atenção. Dois cegos, mas um deles era mais popular ali. Isso não faz da Bíblia um livro mentiroso.

Wang ouvia com atenção. Chen olhava de canto de olho, mas prestava atenção. Mesmo assim, insistia em parecer desinteressado e comer suas batatas fritas.

– Olha só que legal! Jesus ressuscitou mesmo! Imagine só, lembram-se do exército romano? Era o exército mais bem preparado do mundo conhecido na época. A armadura deles não tinha proteção nas costas, pois um soldado romano *já* daria as costas a seu inimigo. Eram supertreinados! Um pelotão de elite foi destacado pra tomar conta do túmulo de Jesus, pra evitar que seus discípulos levassem o corpo e saíssem dizendo que Ele havia ressuscitado. Havia rumores disso. O que acontece? Aqueles homens supertreinados, talvez quinze ou vinte, tinham a missão de tomar conta de um... túmulo! Imagina só isso, aqueles soldados altamente qualificados vigiando um túmulo. De repente... *alguma coisa* aconteceu... e aqueles homens são lançados por terra! Ficaram assombrados! Pois Jesus ressuscitou de fato! Como será que ficou o capitão daquele pelotão diante de seus subordinados? E como esse pelotão ficou diante do exército? Claro que algo de sobrenatural aconteceu ali... algo que eles não conheciam... que os assustou... Jesus ressuscitou!

Wang prestava muita atenção. Via a questão da ressurreição de Cristo por um outro prisma.

– Sabe... nunca tinha pensado nisso...

Mas, naquele instante, não pude prestar muita atenção em Wang, pois o olhar de Chen na minha direção destilava ódio puro. Foi a primeira vez que olhei diretamente para ele. Seu rosto mudou completamente em segundos, de uma maneira estranha. A musculatura se retesou repuxando a pele do rosto, até os ossos da mandíbula e do maxilar pareciam assumir contornos diferentes. Os olhos dele – o branco dos olhos – começaram a avermelhar-se como se os microvasos estivessem estourando, como alguém com conjuntivite.

Realmente, ele foi literalmente transformando-se, transfigurando-se diante dos meus olhos. Eu nunca tinha visto algo assim... a canalização de demônios na Irmandade não deixava a pessoa com aquela aparência. Mas aquilo era um endemoninhamento real!

Wang continuava falando comigo e, a princípio, não percebeu aquela situação tenebrosa ao lado dele. Eu fiquei sem fala. Os olhos dele estavam cravados em mim, com ira. A respiração de Chen estava agora profunda, pesada, e suas mãos crispavam-se furiosas sobre a mesa.

Não consegui processar o que estava acontecendo até Chen abrir a boca e falar. Um som grave saiu de sua boca, um som gutural, poderoso. Mas em tom baixo, sem escândalo, sem alarido, calmo.

– Você está falando tanto da Bíblia, dos discípulos, mas está se esquecendo de um personagem.

Wang olhou, estranhando o tom. Do ângulo em que ele se encontrava, não podia vislumbrar perfeitamente a mudança ocorrida em Chen. O demônio literalmente o ignorava, sem voltar-se em sua direção. Estava mais preocupado em despejar seu ódio sobre mim.

– Você deve gostar muito de Judas, não? – tornou o demônio. Wang se rebelou:

– O que é isso, Chen? Por que você está falando assim? E por que seu rosto está esquisito? Você está bem?

A entidade de alta patente que tinha semicanalizado Chen não parecia importar-se com Wang. E continuou:

– Você está esquecendo de falar de Judas.

– Chen, você está bem? Sua voz está diferente! – retorquiu Wang.

Até então, o duelo de olhares se travava entre mim e aquele demônio, talvez um Principado, pois a opressão naquele lugar estava enorme!

– Você é o Judas. Você é o traidor! – o som daquela voz medonha me deixava paralisado.

– Não é nada disso, Chen... ele só está contando uma história, você não está entendendo – continuou Wang.

– Cala a boca, você! – rugiu o demônio.

À nossa volta, ninguém parecia tomar conhecimento de nada. O restaurante estava vazio, e nós, num canto.

– A destruição em sua vida está só começando. Você era especial pra mim, mas agora não tem mais família. Quem se levantar pra te ajudar, eu derrubarei! Você vai ficar sozinho. E aí você verá quem é mais forte!

Naquele instante, eu senti como se alguma coisa impedisse minha voz de sair. Não era um aperto externo na garganta, não era isso, mas algo semelhante a quando alguém põe a mão sobre as cordas de um violão e elas não podem mais vibrar. Era como se aquela Entidade parada ali na minha frente, semicanalizando Chen, tivesse suas mãos livres para literalmente paralisar minhas cordas vocais. Eu queria abrir a boca, orar, fazer alguma coisa, mas minha voz tinha desaparecido. Era uma incapacidade total de produzir som.

Seria possível que aquilo estava mesmo acontecendo de verdade???

Estava aturdido... a opressão entrou em cada poro do meu ser, densa, forte, sinistra... estranha... uma sensação difícil de descrever! Como estar em uma enorme montanha-russa, sentindo aquele frio na barriga e a certeza de que, no final daquela descida vertiginosa, há um abismo. Algo assim: alguma coisa ruim está prestes a acontecer, mas não há como evitar. A iminência de algo terrível!

Tentei, tentei por alguns segundos falar algo em som audível, aquele demônio não poderia continuar ali! Foi aí que lembrei que Deus poderia ouvir meus pensamentos, Deus é Onisciente! Deus poderia escutar meu pedido de ajuda, mesmo que a palavra não me chegasse à boca.

“Em nome de Jesus, Senhor Deus, me ajude! Cadê seus anjos?”.

Na hora em que orei assim, em pensamento, parece que minha garganta “soltou”. Como se uma rolha fosse retirada dali. As cordas vocais se moveram, num engasgo, e instintivamente falei algo, uma frase, em línguas. Apenas saiu.

No meu íntimo, eu temia que aquele demônio se debatesse e fizesse um escândalo ali. Mas não foi o que aconteceu. O braço de Chen recuou lentamente, seus dedos voltados para baixo como garras riscando a mesa.

O ódio expresso naqueles olhos não pode ser descrito em parâmetros humanos.

– Lembre-se bem do que te disse hoje!

Ele não parecia intimidado. O recado foi dado. E então o corpo de Chen desabou!

Ele se inclinou para frente como quem desmaia profundamente. O rosto foi direto para o prato de batatas fritas cheio de *ketchup* que ele tinha puxado para bem perto de si.

Wang tentou puxá-lo de volta, dessa vez, visivelmente assustado.

– Chen! Que foi? Que aconteceu?

Eu também tentei ajudar e, ao tocar suas mãos e braços na tentativa de erguê-lo, percebi que estava frio, gelado... como se não circulasse sangue em seu corpo.

Wang passava o guardanapo pelo seu rosto, e o garçom dessa vez notou o que se passava. Aproximou-se solícito e com um ar de interrogação:

– Ele desmaiou? Posso ajudá-los?

Eu olhava para Chen tentando ver como ele estava. O demônio havia sugado muito sua energia vital, poderia tê-lo matado. Chen inspirava com dificuldade. Enquanto Wang continuava falando, explicando ao garçom, eu o observava.

– Acho que ele desmaiou mesmo!

– Você está bem, Chen? – perguntei.

Ele estava atordado. Nem conseguia falar nada.

– Onde é o banheiro? – fez Wang.

– Por aqui, venham, vamos jogar uma água no rosto dele, me acompanhem – disse o garçom.

Fiquei ali na mesa em estado de choque, tanto pelo ocorrido como pelas palavras ameaçadoras. Fiquei orando baixinho, pedindo ao Senhor que trouxesse o livramento para Chen, que o livrasse de toda a contaminação espiritual que tinha ficado nele.

Quando eles voltaram, Chen já parecia melhor. Se bem que ainda frio.

– Como você está? – perguntei novamente.

– Estou com uma dor de cabeça muito forte... o que aconteceu comigo? – Wang pediu a conta e logo saímos. Ele estava bem preocupado com o amigo.

– Puxa Chen... mas o que será que aconteceu? – Chen tinha perdido seu ar arrogante:

– O que aconteceu comigo? Eu não lembro...

– Você não lembra, Chen? – perguntei. – Não se lembra de nada mesmo?

– Ah, lembro que você estava conversando, falando... de repente... eu só lembro que já estava com a cara no prato. E... puxa... minha cabeça tá explodindo!

Chegamos ao estacionamento e instintivamente entramos no carro.

– Olha, vou te dizer uma coisa Chen... e isso serve pra você também, Wang. Vocês podem não acreditar, mas... lembram-se de Shakespeare? Existem mais

coisas entre o céu e a terra do que sonha nossa vã filosofia. E, quer vocês acreditem ou não, demônios existem, assim como os anjos de Deus também existem – fui falando, meio sem pensar, os dois olhavam com atenção. – O diabo existe, assim como Deus existe. Você, Chen, canalizou um demônio, quer dizer, ficou *possesso*! Uma Entidade demoníaca usou seu corpo!

– Ele foi “possuído”? Isso que você quer dizer? – retorquiu Wang. – Nossaaa! Bem que eu achei que a sua cara estava estranha... e a sua voz mudou mesmo, Chen! Será possível uma coisa dessas em pleno século vinte? Meu Deus...!!!

– Mas como não me lembro de nada?

– *Isso* foi um demônio? – continuou Wang. – Isso foi um demônio.

Embora budistas, eles tinham bem ideia do que seria um demônio por causa dos filmes de terror.

– Não aguento mais de dor de cabeça... acho que vou ao banheiro de novo – e Chen foi saindo do carro.

Fiquei sozinho com Wang.

– Acredite no que te falo. Foi um demônio. Ele se incomodou com a nossa conversa.

Wang me olhava demoradamente:

– Mas se foi isso de fato... que negócio é esse de destruição que ele te disse? Ele te ameaçou. O que você fez?!

É óbvio que eu não poderia dizer.

– Isso é uma história antiga... o que aconteceu tem sua razão de ser. Mas eu não posso te falar agora.

Eu estava bastante desconfortável com as palavras do demônio e também pelo fato de ele não ter ido embora estrebuchando. Tinha ido tão calmo, tão na dele...

– O que foi aquilo que você falou, Eduardo? Algum Encantamento? Pois quando você falou, meu amigo caiu!

– Aquilo foi uma linguagem espiritual. Mas não fui eu que fiz ele cair, foi a Entidade que saiu do corpo dele.

Wang ficou pensativo. Logo chegou Chen de novo.

– Olha, o que aconteceu com você hoje tem um propósito, Chen. Deus se interessa pela sua vida. Vamos ver se tornamos a nos encontrar. Procure pensar um pouco no que te falei.

Chen apertou-me a mão, dessa vez, olhando-me com ternura:

– Realmente há algo diferente em você... – foi tudo o que disse. As palavras daquela noite ficaram em minha mente. Martelando.

CAPÍTULO 30

Nove dias se passaram depois desse episódio. Eu estava calmamente no serviço retornando do almoço. Naquela manhã, nós estivemos esperando pelo novo Diretor Financeiro, que assumiria então o seu posto. Mas, até aquele momento, nós não o tínhamos visto, uma vez que ele passara toda manhã em reuniões com a alta cúpula da Empresa.

Márcio estava alvoroçado. E os demais, esperançosos com a vinda do novo Diretor. Quem sabe ele mandava comprar mais mesas de trabalho? O “movimento dos sem-mesa” estava atento! Muitos estagiários tinham que dividir o mesmo espaço de trabalho.

No início da tarde, o homem finalmente chegou. Eu já estava em minha mesa trabalhando em alguns relatórios financeiros. Não percebi que se tratava do novo Diretor, apenas notei um burburinho por ali.

Até que vislumbrei, ali de onde eu estava, lá na porta do departamento, um homem de características tipicamente americanas: meia-idade, cabelos dourados bem penteados, pele clara. Vinha em companhia da secretária, mansinho, cumprimentando um a um, sendo apresentado, falando polidamente e com sotaque.

“Que cara magro, meu Deus! Parece até que vai quebrar!”, refleti alternando o olhar entre o computador e a figura bastante alta que caminhava ali do outro lado.

Mas não perdi muito tempo, uma vez que estava no meio de um cálculo complexo. Logo ele estaria ali, acabaria por chegar à minha mesa.

Dito e feito, a secretária aproximou-se de mim.

– Boa-tarde, Eduardo! Deixa eu te apresentar nosso novo Diretor Financeiro, Dr. Arnold.

Parada ali na minha frente, ela continuou:

– Esse é Eduardo, Analista Sênior e responsável pelos estagiários do departamento.

De perto, o homem parecia ainda mais alto. Os olhos claros, acinzentados, pousaram em mim. Ele me olhou profundamente e falou alguma coisa meio baixo, uma frase solta, que pensei ser em inglês. Eu me ergui educadamente.

– Muito prazer! – estendi a mão.

Ele também estendeu a sua. E me esmagou fortemente num aperto brutal. Parecia que meus ossos iriam trincar. O cumprimento durou alguns segundos, durante os quais eu tentei em vão me libertar!

– O prazer é todo meu – retrucou ele, com polidez.

Eu nada disse, pensando que realmente fosse o jeito dele. Cada um tem uma maneira de apertar a mão. Uns dão a mão mole, fraca; outros apertam com força; outros dão as pontas dos dedos... sei lá..!

Ele afastou-se com a secretária, e eu fiquei com uma vaga sensação de *déjà-vú*, de já ter visto ou vivido aquela cena. Aquilo me parecia levemente familiar, embora não conseguisse me recordar de imediato...

“De onde será que eu conheço esse homem?”.

Eu massageava a mão levemente enquanto observava a figura alta e magra se afastar.

“Engraçado...”.

Retornei aos meus afazeres.

Cerca de uns quinze minutos mais tarde, vi a sombra de alguém se aproximar novamente de minha mesa. Ergui a cabeça, e era ele. Bateu com os nós dos dedos no tampo da mesa e falou:

– Por favor, venha à minha sala. Quero conversar com você!

Fiquei animado. Eu era o único Analista Sênior daquele departamento. Certamente, ele iria elogiar meu trabalho, ou quem sabe? Me promover?

“Tenho já um monte de ideias para discutir com ele!”.

Todo sorridente, eu me levantei prontamente para acompanhá-lo. A sala dele, envidraçada, tinha aquelas persianas de fechar.

– Sente-se por favor! – convidou ele apontando a cadeira diante da mesa. Fechou a porta. – Fique à vontade!

Acomodei-me e o observei cerrar todas as persianas. Pelo visto, tínhamos muito trabalho a discutir!

Assim que ficamos realmente sozinhos, e ele se sentou diante de mim, sua atitude mudou. O semblante endureceu, e ele olhou-me nos olhos, silencioso, durante um pequeno tempo. Parecia analisar-me durante aqueles instantes, mas seu olhar era desagradável.

Por fim, lançou a sua primeira frase em tom frio e cortante, um tom de quem tem diante de si um espécime raro.

– Então é você o *traidor*?

Eu não entendi. Aquele não era bem o feliz início de uma reunião de trabalho.

– Traidor? Que traidor?! Como assim?

O Diretor ignorou minha pergunta. Meneou a cabeça devagar, sempre com os olhos fixos em mim.

– Você tinha tudo. Tudo! Tudo para crescer. Tinha tanto potencial. Sabe quanto foi investido em você? Não só em tempo e dedicação... mas em *dólares*! Você tem ideia do custo do investimento em sua pessoa?

Eu ainda não estava entendendo; ou talvez, não quisesse entender. Retruquei:

– Mas, peraí! Eu acho que você deve estar me confundindo com alguém!... Você sabe meu nome completo? Não confundiu com outro Eduardo?

– Não, não confundi. Você é Eduardo Daniel Mastral – a seguir, deu minha ficha completa: idade, data de nascimento, filiação, endereço, telefone, amigos mais próximos...

Eu estava atordoado! O Diretor continuou.

– Inclusive eu lhe trago lembranças da Tassa, ou melhor... da Thalya Edna Legrad. Ou você já se esqueceu dela? Também transmito os cumprimentos do Marlon. Mais conhecido como (...) – e falou o nome verdadeiro de meu antigo mentor e amigo.

Era verdadeiramente estarrecedor. Eu estava grudado no chão. Minha língua estava grudada, minhas mãos grudadas na mesa, não conseguia esboçar reação. Apenas meu coração parecia continuar funcionando, batendo surdamente no peito. Estava completamente chocado com aquela revelação nua e crua, sem rodeios.

Um sorriso irônico brotou-lhe nos lábios.

– Você acha que esse seu Deus pode te proteger?

A pergunta me fez despertar um pouco, mas a surpresa do momento ainda me dominava.

– Sim... – gaguejei. – Sim! Claro... a Bíblia diz que Deus cuida até dos pardais... dos pássaros do campo! Então, nós... nós que somos filhos de Deus... quer dizer, *eu*, né? *Eu* que sou filho de Deus, não você... – acho que estava me enrolando todo. – Ele cuida dos Seus filhos... e cuida de mim!

– Tá bom. Você acha que Deus está cuidando de você agora? Neste instante?

– Tá, sim.

– Pois você está demitido!! – afirmou ele rispidamente, fuzilando-me.

Eu fiquei mudo. Literalmente paralisado. Não sabia o que dizer ou o que fazer.

– Mas... mas por quê?

– Simples. Porque você agora se tornou nosso inimigo. E isso é só o começo. A destruição na sua vida está só *começando*. Hoje, no dia de hoje, é o início do fim – lançou-me um olhar ruim. – Você ainda vai ter inveja dos mortos. Vai arrepender-se amargamente do que fez!

Num momento inusitado de bravura, tentei esboçar uma reação.

– Você está enganado. *Deus* é mais forte! Você que está no engano.

– Ah, é? – ele era cínico. – Olhe à sua volta...

Eu já sabia o que vinha depois: aquela filosofia distorcida do diabo.

– Quem será que está ganhando, não? – continuou ele. – Aliás... olhe pra Igreja que você frequenta. Quem está do seu lado? Você tem amigos de verdade lá como os que tinha antes?

Calei-me.

– Fidelidade... onde está a fidelidade? Essa realidade que você contempla hoje na Igreja, nunca enfrentou dentro da Irmandade. Ali realmente somos um só! Caminhamos juntos, somos unidos. Você sabe disso. Agora... aqui fora, onde você acha que Deus é Soberano, Supremo... que engano o seu! A Igreja é fraca, é dividida, você está vendo isso com seus próprios olhos! Na Igreja, é cada um por si e *Deus contra todos*. Deus não faz nada pra melhorar a vida de ninguém. Não fez nada pra melhorar *sua* vida! Ou fez? E hoje, eu te digo, isso é só o começo. Você ainda vai sofrer muito por causa dessa sua decisão, vai colher as consequências!

Eu não sabia o que dizer. Estava estático! O eco das suas palavras me trazia à lembrança o confronto com aquele demônio, nove dias antes. Que, por sinal, também tinha sido nove dias depois do Sabbath.

Em tudo eles tinham que deixar sua assinatura!

Alguns instantes de incômodo silêncio, e a voz dele cortou o ar mais uma vez:

– Ninguém vai te ajudar! Os únicos amigos que você tinha estão do outro lado. Mas agora você já tomou a sua decisão – e grosseiramente continuou.

– Saia de minha sala!

Me levantei para sair, e ele ainda lembrou-se de dar mais um recado:

– Ah, a propósito! Esse “Filho” não vai nascer.

Fechei a porta atrás de mim, caminhei até minha mesa sem sentir o chão, sem enxergar nada. Ser sumariamente demitido assim, desse jeito, nessas circunstâncias... realmente eu estava sem chão!

Peguei minhas coisas calado, mas o Márcio viu e veio até mim.

– Vai embora? Você tem Médico hoje?

– Não... – desembuchei. – Fui despedido. Tô saindo. O Diretor me mandou embora.

– Mas como? Mandou embora?! Ele acaba de chegar, nem te conhece!!! Não sabe a qualidade do seu trabalho! Isso é um absurdo, não, não, não! Espere aqui um pouco, eu vou falar com ele.

Voou na sala do Diretor. Não iria adiantar nada. Ele retornou em cinco minutos, desenxabido.

– Puxa... por essa eu não esperava. Não entendi! Ele disse que você não se enquadra no perfil da Empresa, além do que, pretende cortar gastos. Infelizmente, não pude fazer nada.

– Eu sei. Eu entendo. Bom... vou indo! Tchau, Márcio, nem vou me despedir dos demais, diga que deixei um abraço a todos!

Fui ao departamento pessoal completamente arrasado e com aquelas palavras martelando em meus ouvidos.

“Ninguém vai te ajudar... você acha que Deus te guarda? Veja o que acontece com você agora... esse “Filho” não vai nascer... *Deus* te ajuda?... Quem são os teus amigos?... A destruição está só começando...”

Saí superchateado, perdido, sem rumo. Peguei até ônibus errado. Tinha que fazer exame Médico demissional em outro lugar, quando dei por mim, estava num caminho nada a ver.

“Tenho que ligar para Isabela. Certamente, ela vai me ligar mais tarde. É melhor eu ligar *antes*.”

Fui ao orelhão e liguei para o serviço dela.

– Alô?! Nenê? – sua voz veio em tom preocupado.

– O que aconteceu?

– Oi Gatinha! – dei um tom alegre à minha voz. – Tudo bem?

– Eduardo, eu liguei lá no seu trabalho. Onde você está? O que aconteceu?

– Ah... você já sabe, então?

– Faz uns 40 minutos e te liguei pra falar “oi”. Simplesmente, disseram que você não trabalhava mais lá!

– Estou indo fazer meu exame Médico demissional, depois conversamos pessoalmente. Você não vai nem acreditar!

– Não! Me adianta alguma coisa. Não vou conseguir fazer nada se você não me contar.

– Ele era um deles.

– *Ele quem?!*

- O Diretor.
- O Diretor Financeiro?!? Mas... você tem *certeza*, Eduardo?
- Absoluta.
- Ele... ele falou isso? Ele *afirmou* isso? Como você pode ter certeza?

Fui contando, e Isabela também ficava praticamente em estado de choque, como eu.

– Meu Deus... eu nem sei o que dizer... é duro lidar com isso. É muito duro dizer que isso não tem o poder de nos afetar! E agora, como é que vai ser? E nosso casamento? Faltam três meses. Não pretendo adiar a data.

– Nem eu! Seria o fim da picada! Acabamos de selar essa data no Reino do Espírito! Deus vai ter que dar um jeito. Preciso de outro emprego, e logo! Amanhã mesmo saio em campo, não se preocupe.

– Tá. Vamos ficar calmos. Vai dar tudo certo... não é, Nenê?

– Vai. Tudo dará certo! Vou indo fazer o exame Médico, depois nos encontramos no *Shopping* e te conto melhor!

– Até lá, fique com Deus.

– Amém.

* * *

Passei a procurar emprego como um desvairado. A única coisa boa naquilo é que eu tinha recebido uma boa verba rescisória. Meu chefe também foi muito legal e deu um jeito de eu receber um bônus por bom desempenho. Eu não contava com isso.

Lá veio a saga de compartilhar com Dona Clara, Grace e Sarah. Estavam indignadas com a ousadia dos Satanistas. E se mantinham na brecha por nossas vidas!

A decisão de não adiarmos nosso casamento foi tomada de forma homogênea por todos nós. Oramos então para que Deus nos desse as condições.

Eu e Isabela tínhamos conseguido juntar novamente um pequeno capital, ao qual se somava o dinheiro da rescisão. Mas não era muito. Cada passo agora teria que ser muito bem calculado. Mas... eu precisava de um trabalho fixo.

Mas, por desengano de consciência, resolvemos nos aconselhar com nossos Pastores e com o Pastor Jaime, vice-presidente da Comunidade. Tínhamos tido algumas matérias do seminário com ele. Já fazia quase três anos que frequentávamos aquela Igreja assiduamente. Embora a liderança soubesse um

pouco de nossa história, muitos ainda não acreditavam nela. Mas o vice-presidente, naquele momento, nos inspirou confiança, e fomos buscar conselho prudente com ele.

Ele nos recebeu, e expusemos nossa situação a ele, com todos os detalhes possíveis. O Pastor não falava muito, apenas ouvia, com os olhos fixos em nós.

– Bem... – disse por fim Isabela. – Nós não podemos nos dar ao luxo de errar agora. Já nos aconselhamos com Dona Clara, e com Grace. Gostaríamos de ouvir sua opinião como nosso Pastor.

– Com relação ao casamento, creio que vocês é que têm que atrapalhar os planos do diabo, não ele os de vocês. Casem-se!

Eu e Isabela nos entreolhamos. De fato, aquilo era mesmo o certo a fazer. Saímos de lá alegres. Fomos tomar uma água de coco e conversar melhor.

– Vamos esboçar aqui um pouco do que temos que preparar? – mesmo sem esperar resposta, Isabela já ia rabiscando ideias.

– Eu não sei quanto vamos gastar. Talvez seja melhor fazermos uns orçamentos. O que é necessário para casar? – falei entusiasmado.

Isabela vivia olhando revistas de noivas. Nem sempre comprava, as importadas eram caras. Mas a verdade é que realizar o casamento dos sonhos é uma tarefa bem detalhista e incrivelmente árdua.

Tivemos que pensar na recepção, na decoração da Igreja, em que Igreja casar, nas fotografias, no vestido de noiva, no meu traje, no traje dos padrinhos, e quem seriam eles, etc. etc. etc. ...

Fizemos primeiro uma planilha do nosso dinheiro. Tínhamos que usar com muito critério, não poderia haver desperdício. A questão financeira era um incômodo para mim... mas eu cria que Deus iria dar um jeito, e uma porta de emprego em breve seria aberta!

Isabela tratou de cuidar dos orçamentos dos bufês, e também fomos visitar várias Igrejas. As mais bonitas. Mas cobravam um absurdo de aluguel... ficamos um pouco desanimados...

– A solução vai ser a gente casar em nossa Igreja mesmo, pelo menos não vão nos cobrar aluguel! E, de certa forma, estamos em casa!

– Pois é... o templo não é muito bonito, mas acho que vai ser melhor. Conversei com o Pastor, e a data ficou marcada.

Agora era decidir onde fazer a festa! Durante o mês de dezembro, Isabela fazia vários orçamentos por telefone, dentro do que nosso orçamento permitia. Depois,

fomos a vários lugares para a prova de salgadinhos. Tinham alguns simplesmente horríveis! Já levava um sal de fruta comigo.

* * *

Estava em um processo de seleção muito competitivo. Era para uma Multinacional com sede na Avenida Paulista. Todos os concorrentes eram muito bem preparados, a maioria falava mais de uma língua. De início, fiquei um pouco receoso de concorrer com candidatos tão fortes. Mas, logo, as dinâmicas e as entrevistas afunilaram o processo, restando apenas cinco candidatos. Eu estava entre eles.

Minha entrevista durou mais de uma hora. O Diretor estava curiosíssimo comigo.

– Como é que alguém que não fez uma Faculdade consegue acumular tanto conhecimento e se virar tão bem? – perguntou ele com simpatia e sorrisos. – Depois de ver seus testes e seu currículo fiquei com vontade de conhecê-lo.

– Bem, a Faculdade é muito importante, mas há outros meios de se obter conhecimento. Sou um pouco autodidata, e isso facilita muito. Existem pessoas que precisam do ensino para aprender, outros não necessitam tanto. A história está cheia de exemplos assim, temos pintores, músicos, cientistas e até líderes políticos que nunca cursaram uma Faculdade. Mas isso não refletiu negativamente em seu desempenho como profissional.

– Você tem um excelente currículo. Impressionante! Bem, aguarde nossa avaliação, mas antecipo que gostei de você. Às vezes, temos candidatos muito bem preparados, PhD, etc. Mas não têm a mínima noção de relacionamento interpessoal, isso afeta a inteligência emocional da equipe, causando uma quebra na capacidade produtiva do departamento. Precisamos de pessoas jovens, dinâmicas, ativas, capazes de aceitar novos desafios e, principalmente, que aceitem serem moldadas dentro do perfil da Empresa. Você parece possuir alguns desses atributos. Vamos ver... ah! E ainda você pratica *Kung Fu* há mais de vinte anos!?

– Não, não pratico mais. Não sobra tempo.

– Bem, isso denota que você tem disciplina e perseverança. Vinte anos... é um bom tempo! Espero que você não se importe de resolver algumas questões pra mim agora. Aceita?

– Sim.

Não era praxe aquela situação, fazer um teste prático ali na frente do diretor. Mas aceitei. Estava acostumado com as rotinas do departamento financeiro, FASB, balanços, investimentos, relatórios, mapas financeiros, análise de custos e contratos, etc. ...

O teste foi específico, mas me saí bem! Deu-me a calculadora financeira HP12C, e fiz vários procedimentos de amortização de juros pela tabela Price e cálculos usando várias variantes de indexadores.

Tudo foi relativamente fácil, pois eram coisas que eu já estava acostumado no dia a dia. Não me fiz de rogado nem diante do único problema real.

– Você não fala francês... por ora não é fundamental. Mas se fizer carreira aqui, mais pra frente será necessário. O que você tem a dizer?

– Posso aprender. Vocês não vão se arrepender se investirem em mim. Não tenho medo de trabalho. Vou dar o retorno à altura!

Ele levantou-se e me estendeu a mão.

– Se você for selecionado, arcaremos com seu curso de francês.

Saí de lá certo de que o emprego seria meu! Todos estavam orando para que tudo desse certo.

“Quem sabe Deus não vai me dar algo bem melhor?”

* * *

Nesse ínterim, voltei a me encontrar com Wang e Chen.

Era quase boca do Natal, e eles iriam viajar na época de festas. Mas tanto eu quanto eles estávamos sentindo a necessidade de um novo encontro.

Wang conversava comigo pelo telefone para marcar o dia e comentou da estranheza que ambos ainda sentiam com relação ao desastroso episódio.

– Queremos conversar de novo – disse Wang. – Entender melhor o que aconteceu, sabe? Foi tudo muito estranho.

– Tudo bem, vamos marcar o dia. O Chen também vai?

– Vai, vai sim. Ele ficou confuso, acho que precisa ouvir um pouco mais do que você tem a dizer.

E marcamos a data. Eu e Isabela estávamos em oração. Ela se animava com o que estava acontecendo:

– Eles vão se converter! É só uma questão de tempo.

No dia do encontro, eles estavam com outra postura, particularmente Chen. Ele tinha o semblante mais sério, duro, como se estivesse sentindo muita dor.

Nem bem chegaram e já fui falando, falando... compartilhei meu testemunho, sem muitos detalhes, claro. Expliquei sobre o plano da Salvação, a Bíblia, falei de Jesus, fiz até apelo.

Eles não atenderam ao apelo, embora estivessem sérios e compenetrados.

Acabamos por mudar de assunto. E eles se comprometeram a “pensar a respeito” sobre o que eu tinha dito.

Chen por fim falou:

– Desde aquele último encontro que estou com uma dor de cabeça que não passa com nada, tomei tudo quanto foi remédio, consultei Médicos, fiz exames. Ninguém acha nenhuma causa pra isso! Até ressonância magnética eu fiz!

Ele não estava associando aquilo com o episódio do demônio. Mas naquele momento senti um desejo muito forte de orar por ele.

– Posso orar por você, Chen? – Chen aceitou, para minha surpresa!

– Ok, mas não aqui, no *Shopping* – eu tinha medo de que houvesse alguma manifestação estranha, ali em público. Tudo poderia acontecer depois do que eu tinha visto. – Será que a gente pode ir pro seu carro?

– Claro, vamos.

Os dois me acompanharam. Chegamos ao estacionamento e nos sentamos os três no banco de trás do carro espaçoso de Chen. Eu fiquei ao lado de uma das janelas, e Chen ficou no meio.

– Você pode fechar os olhos? – pedi. – Vamos falar com Deus, e, fechando os olhos, você não se distrai com nada ao seu redor. Mas se quiser falar com Deus de olhos abertos, também pode, viu?

Os dois concordaram.

– Deus vai te curar – afirmei.

Eles não responderam nada. Eu orei, pedi a visitação de anjos, da presença de Deus, do toque do Espírito Santo, e que eles percebessem o Amor do Pai!

– Pai, escuta meu pedido agora e cura essa dor do Chen, que seja um sinal pra ele de Seu Poder. Amém!

Erguemos nossas cabeças e eu olhei para ele:

– Então? Como você está? Melhorou? – ele foi categórico:

– Não melhorou nada!

Wang me encarava como se eu fosse louco.

– Vou orar de novo, tá?

Imediatamente eles curvaram suas cabeças e fecharam os olhos.

Reuni toda a fé que pude, toda a coragem, impus as mãos sobre a cabeça de Chen e tornei a orar. Dessa vez, eu não escolhi palavras, deixei-me levar pelo Espírito Santo. Orei em línguas, em português, fui orando sem pensar no que eles estariam pensando.

Comecei a sentir aquela opressão. Forte. Parecia que minhas mãos estavam geladas, a cabeça de Chen estava fria. Orei, orei, orei, clamei o Poder da Cruz! Comecei a sentir a opressão diminuir... então parei. Abri os olhos.

Chen estava com a cabeça bem baixa entre as pernas. Ergueu-se levemente e percebi que lágrimas escorriam pela sua face.

Ele não olhou para mim, olhou antes para Wang. E falou algo em chinês. Wang respondeu, e os dois trocaram algumas frases. Wang então se voltou para mim, com um semblante que deixava transparecer sua emoção.

– A dor passou... – murmurou ele.

E traduzia as frases do Chen, que continuava a falar seu idioma. Dessa vez, não porque estivesse querendo zombar de mim, mas porque, tomado pela intensidade do momento, talvez nem se recordasse que eu não entendia o que ele falava.

– Eu não conheço esse seu Deus... – repetia Wang, após Chen.

– Mas Ele deve te amar muito... pois atendeu seu pedido.

A alegria da presença de Deus foi invadindo nossos corações. Abracei os dois e choramos na presença do Criador! O Deus que tudo pode! Uma semente foi plantada naqueles corações naquele dia.

* * *

A decisão final de meu emprego sairia na antevéspera do Natal. A entrevista com o Diretor tinha sido boa, de verdade. Uma coisa era fato: eles gostaram de mim, do meu perfil como pessoa e como profissional.

“Que expectativa... ah! Tem que dar certo!”

Aparentemente, tudo estava se encaixando. Deus sabia que eu queria e precisava daquele emprego. Queria constituir família, me aquietar em um só emprego e fazer carreira! Aquela Empresa era excelente! Um lugar muito promissor; e teria um salário muito bom!

“Puxa! Como estou ansioso... não consigo pensar em mais nada, meu Deus...”

Isabela também estava na expectativa. Tanto que a gente até evitava falar do assunto, para não ter um treco.

“Talvez Deus tenha permitido que eu fosse despedido naquelas circunstâncias para transformar a maldição em bênção. Não é possível que esse decreto de destruição que vem do Inferno vá se cumprir. Tudo bem que de fato não tem muitas pessoas ao nosso lado, mas Grace e Dona Clara estão fazendo a parte delas. Temos também convivido com Sarah. Deus não precisa de quantidade, mas de poucos guerreiros fiéis.”

Enfim, o resultado saiu. Era dia 23 de dezembro. Isabela estava no Ambulatório esperando ansiosamente. E eu não conseguia criar coragem para ligar para ela.

Sentia um nó na garganta, uma sensação indescritível de impotência, uma revolta na alma. A tristeza tomou conta de mim.

Eu esperava que Deus nos desse um presente especial de Natal. Mas tinha acontecido assim. Infelizmente.

“Por que teve que ser desse jeito, Deus? Por acaso o Senhor acha que eu sou de ferro??”.

Havia pouco tinha desligado o telefone, emudecido, acabado, atordado.

“Do que nós vamos viver, meu Deus? É justo Isabela trabalhar por dois, e eu ficar aqui, vendo as nuvens, Senhor? Se ela quiser adiar o casamento vou entender muito bem!”

Custei a conter as lágrimas. Tomei o telefone nas mãos novamente. Era preciso dar-lhe a notícia.

– Oi Nenê! Tudo bem?

– Não,”MÔ”...

Isabela compreendeu logo.

– Ah, Nenê... te deram a resposta, é?

– Deram...

– Então eles não te escolheram?... Mas estavam tão interessados...

Suspirei fundo, lutando para conter a emoção.

– Eles me escolheram, sim, Gatinha. A recrutadora já tinha me dado os parabéns, já estava me passando a lista de documentos para levar e tudo o mais, eu iria acertar tudo antes de te ligar, mas ela ligou de volta dizendo que havia um problema...

– Mas que problema, Eduardo? Que foi dessa vez? Foi algo da Irmandade?

– Não. O meu nome está protestado! – exclamei, amargurado. Isabela sabia disso e não acreditava na argumentação.

Quando saí da Irmandade, perdi tudo o que tinha. E ainda não consegui pagar dívidas contraídas em viagens, roupas, etc. Tentei vários acordos, que consegui

pagar aos poucos, mas alguns desses acordos não deram certo... e tinham me protestado!

– Isso nunca foi problema antes, Eduardo! Por que agora?

– É um banco internacional, Isabela, uma Instituição Financeira de porte. Faz parte. É praxe. Quando consultaram minhas referências, viram o protesto. E o valor é muito elevado, não tenho como pagar.

– Poxa... a gente orou tanto... foi um ano tão difícil...

– Não entendo... é assim que Deus quer abençoar nosso casamento? Desabafei, entre irado e amargurado. – Não seria melhor que Deus não tivesse me deixado passar, que não chegasse ao fim... para que este sofrimento?

– Eu te entendo... não tenho a resposta. Procure se acalmar, deve ter um motivo, um propósito!

– Sim, um motivo que só Ele sabe!

– Não fale assim, vamos orar?

– Vamos...

– Senhor Deus... esse é um momento muito difícil, o Senhor sabe. Toda nossa expectativa, a angústia, o nosso desejo... agora estamos frustrados. Mas apesar de tudo, Deus... continuamos confiando em Ti.

Confiando na Tua Proteção, e que o Senhor vai prover o que precisamos... o Senhor sabe que vamos nos casar, que é chegado o tempo. Se preciso for, casaremos mesmo sem emprego!

Entregamos tudo o que temos diante de Teu Altar. Consola nossos corações de forma especial. Temos a certeza de que foi o Senhor, e não o diabo, que fechou essa porta, porque nós oramos... sentimo-nos como talvez Davi tenha se sentido no salmo 13. Ajuda-nos Pai! Protege-nos na sombra de Tua Mão, guia nossos passos, não permita que a chama da nossa fé se apague! Em nome de Jesus te pedimos, amém!

– Amém!

Isabela estava fungando do outro lado da linha.

– Foi bom termosorado, Gatinha.

– Você está se sentindo melhor?

– Sabe, Nenê?

– O quê?

– Gatinha tem orgulho do Nenê, viu?

– Mas não consegui o emprego.

– Por causa do protesto, não por causa da sua capacidade.

- Ok, tudo vai dar certo. Deus é por nós! Um beijo, bom serviço.
- Outro, fique com Deus.

* * *

Dia 30, antevéspera de Ano Novo, mais um estresse sobreveio sobre nós, particularmente sobre Isabela.

Quando cheguei em sua casa, no final da tarde, ela estava assustadíssima com o estado de saúde da Bitinha, sua cachorrinha preta.

– A Bitinha não está bem, Eduardo! – falou Isabela com ar preocupado. – Não sei o que está havendo. Ela vomitou um pouco, pensei que fosse apenas uma indisposição, comprei Plasil e apliquei nela... mas ainda não está melhor.

– Será possível, Isabela? – fui olhar a cachorra pela porta da cozinha. Isabela sofria visivelmente, angustiada em ver sua cachorrinha piorar a olhos vistos, do nada, de repente! Ela estava bem, era forte, sadia, com pelo brilhante, ativa, não tinha nenhum problema de saúde.

Talvez tenha sido nossa exaustão que nos impediu de tomar uma atitude mais drástica, mais ativa.

– A Vanessa acabou de viajar! Faz dois dias!

Vanessa era a veterinária que conhecíamos e confiávamos e que costumeiramente vinha consultar os animais em casa e estava também acompanhando o Wolfi. Que, por sinal, veio piorando muito do quadro convulsivo ao longo dos meses. Claro que nada iria acontecer enquanto fosse fácil localizá-la. Era sempre assim! Nos piores momentos. O Hospital Veterinário da USP já estava fechado.

– Ela piorou repentinamente, senão já teria levado no Hospital da USP. Bitinha estava deitada na porta da cozinha, com seus olhos plácidos olhando para nós, a respiração meio acelerada.

– O que a gente faz? – perguntou Isabela.

– Vamos esperar. Não pode ser nada grave. Vai ver comeu alguma coisa e está passando um pouco mal. Vamos orar por ela.

Oramos. No dia seguinte, Isabela me liga logo cedinho.

– Nenê, vem aqui! – ela chorava, quase desesperada. – Ela vai morrer, a Bitinha vai morrer!

– Fica calma! Eu já vou até aí. Vamos levá-la a outro veterinário.

– Acho que não vai dar tempo...

Saí a toda de casa. Isabela esperou que eu chegasse olhando para a cachorrinha de longe. Cheguei lá antes das sete da manhã. Isabela tinha um aspecto horrível por causa da angústia que passara.

– Como ela está? – perguntei rápido ao entrar.

– Não tenho mais coragem de olhar. Levantei-me cedo e fui direto ao quintal na esperança que ela estivesse bem. Mas...

Corri para fora sozinho, apenas para encontrá-la morta. Não retive as lágrimas de pura revolta.

– Até quando, Senhor? Até quando?...

Era 31 de dezembro. Isabela estava sem rumo. Mas a essa altura tínhamos aprendido a não mais mentir e ter sempre zelo com tudo o que fazíamos. Isabela não quis faltar ao emprego. Sei que aquilo foi duríssimo para ela. Tempos atrás, Isabela não hesitaria em inventar a morte de um parente para faltar no emprego, sem culpa alguma na consciência. Mas isso hoje não seria mais cogitável. Deus teve que trabalhar muito em sua vida para conseguir esse resultado. Acho que nem eu pude supor quanta força de vontade ela usou naquele dia.

Levei-a ao trabalho. Como ela estava tão triste...

Despedi-me com um beijo e um forte abraço, voltei à sua casa e passei toda a manhã cavando um túmulo para a Bitinha no jardim de Dona Márcia. Bitinha tinha dez anos. E era a mais meiga dos três.

Depois, no final da manhã, fui buscar Isabela no serviço.

Claro que a passagem de ano estava estragada. Comemorar o quê? Até Marco não pôde vir naquele ano.

Eu estava um pouco encafifado com aquela história, mas minhas suspeitas só ficariam mais claras depois.

Naquela noite, procuramos não pensar no assunto. Ainda durante a ceia, outro problema; o Wolfi que estava até compensado, agora piorava, piorava... toda hora Isabela ia até o quintal vê-lo. Depois que a “comemoração” acabou, fui embora, e Dona Márcia foi deitar também. Mas Isabela passou mais uma noite em vigília observando o Wolfi, acariciando-o, ouvindo seus últimos lamentos.

Pela manhã, vimos que ele não tinha mais recuperação. Liguei para uma Clínica veterinária que estava de plantão e pedimos que o sacrificassem. Era dia primeiro do ano.

A veterinária veio e o examinou. Só executam o sacrifício se realmente não há mais nada a fazer. Não tinha...

Isabela ficou no seu quarto, chorando, orando, suportando sua dor.

Eu acompanhei a veterinária, e a partida do Wolfi. Seu sofrimento estava acabado!

Isabela estava esgotada com olhos inchados e muita dor de cabeça por tantas horas de tensão.

O dia estava claro, ensolarado. Dona Márcia fez café, e eu fui cavar outro túmulo no jardim. Sentada nos degraus do jardim, pálida, Isabela ficou olhando.

Foi um duro fim de ano!...

* * *

Depois disso, Isabela ficou alguns dias colhendo a tristeza daqueles dias, tanta coisa acumulada. Dormia mal, mas não faltou um só dia no seu trabalho.

Volta e meia falava dos animais. Tinham sido tantos ataques sobre eles que já havíamos perdido a conta. Vários estranhos sumiços da Viola, a Harpa que foi mordida pelo Wolfi e teve que ser operada, quase morreu. Depois desapareceu e só surgiu depois de muita oração.

– Na primeira vez que ungi a casa e os animais, foi tão esquisito... quando ungi a Bitinha, ela foi logo pra casinha dela e vomitou – lembrou Isabela.

– É mesmo, é? Não sabia disso!

– Pois é... uma cachorra não é sugestionável como o ser humano... eu orei no mesmo tom de voz que falo com eles. Quando a ungi, ela vomitou, na hora. Exatamente como acontece com pessoas debaixo de forte opressão.

– Coitadinhos...

– Que fim de ano... você reparou o dia em que a Bitinha morreu? Parece que há algo a mais nisso, não acha? – Isabela estava séria.

– Dia 31.

– É, 31 de dezembro. Isso não te lembra nada?

– Acho que sim...

– Lembra-se de 31.12.1999? É como se a morte da Bitinha fosse um prenúncio... de minha morte... um sinal do inimigo, sabe? E o Wolfi morreu logo depois dela... de sofrer muito. Só não sofreu mais porque o sacrificamos. A Bitinha morreu de repente, de forma súbita, sem causa aparente. O Wolfi, lentamente.

A ficha caiu pesada. Era verdade!

– Uma fêmea e um macho. Um casal. Ela primeiro; ele depois, com dor. Numa data tão “sugestiva”. Um ano antes. Entende o recado? – continuou Isabela. – Por

que Deus permitiu isso, não sei... por que esse avanço do inimigo, por que meus animais inocentes têm que passar por isso? – e já chorava de novo. – Mas eu entendi bem o recado, muito bem.

Senti em mim a testificação imediata. Não poderia ter sido mera casualidade! No ano seguinte, na data marcada, nós saberíamos que não estávamos sonhando!



Continua em
O treinamento continua



www.agape.com.br



#Ágape nas redes sociais



DANIEL MASTRAL
ISABELA MASTRAL

SÉRIE
FILHO DE FOGO
VOLUME III

GUERREIROS
DA LUZ



